A Lenda dos Cinco Anéis

- Contos -

Edição original de Fred Wan
Tradução de Thiago Hayashi
Revisão e Edição de Luiz "KILLER" Humberto
Revisão final de

- Índice -

Batalha na Tumba, parte 1	3
Batalha na Tumba, parte 2	5
Batalha na Tumba, parte 3	7
Batalha da Tumba, Parte 4	9
Uma Caixa de Areia	12
Conhecimentos Negros	14
Presentes dos Ancestrais	16
Equilíbrio de Poder	18
Trovão Distante	21
Desequilíbrios	23
Desejos	26
Teste do Coração	29
Essência da Lealdade	31
A Busca	33
Homens de Poder	35
Virtude	37
O Teste Verdadeiro, parte 1	39
O Teste Verdadeiro, parte 2	41
O Teste Verdadeiro, Parte 3	44
O Campeonato de Topázio	49
O Teste Verdadeiro: Pós-Guerra	50
A Tribo Verde-Verde-Branca	52
Última Tarefa	53
Ocupação	54
Uma Reunião de Dragões	55
Um Ano	57
Rejeitado	58
Intenção e Ambição	60
A Força de um Escorpião	61
O Retorno Para Casa	62
Juramentos	64
Escondido	65
Paz na Ponta de uma Espada	67
Aço	69
Noite na Cidade Imperial	70
A Força do Imperador	72
Obsidiana	73
O Teste do Campeão de Esmeralda, Parte 1	76
O Teste do Campeão de Ametista	78
O Teste do Campeão de Esmeralda, Parte 2	80
O Dragão Louco	82
Problemas de Família	84
Ensaios do Império, Parte 1	85
Mais Forte Que o Aço	88
A Marcha Começa	89
Ramalhetes de Seda	91
Profecia	92
Ensaios do Império, Parte 2	94
Fogo e Aço	96
Defensores do Povo	98
Dever e Honra	99
Pertences	102
Ensaios do Império, Parte 3	103
Um Conto de Bushidô	105
Cenas ao Mar	107
Corte de Inverno: O Mês do Javali	108
Ensaios do Império, Parte 4	110
As Flores, a Neve	112
Sombras	114
No Coração do Império	116
Ensaios do Império, Parte 5	118
Véu de Honra, Parte 1	120
Revelações	121
Véu de Honra, Parte 2	123
Acesso	125
As Névoas do Tempo	127
Sombras e Mentiras	128
Conversas no Jardim	129
Sacrifícios	132

Batalha na Tumba, parte 1

Escrito por Shawn Carman

Toshi Ranbo, a Cidade Imperial, ano de 1160

As celebrações lá fora atingiam seu auge. Nunca houve um festival ou cerimônia que agitasse tanto o povo de Toshi Ranbo. De fato, os cidadãos dessa populosa cidade tiveram poucos motivos para festejarem ao longo do século, visto que seu lar era a guerra e os cercos. A cidade mudou de mãos entre Leão e Garça facilmente dez vezes apenas no século passado, e a quantidade de transições que ocorreram antes que ela entrasse num estado de contenção entre os dois é indeterminável.

Agora, a cidade estava num estado de reconstrução como nunca se viu, e isso foi um grande feito por si só. Num acordo nunca antes visto, os Campeões do Leão e da Garça ofereceram a cidade como a nova capital Imperial, e votaram defende-la juntos de qualquer possível ameaça. Foi assim que ela se tornou a nova Cidade Imperial, substituindo a grandiosa tragédia que uma vez foi Oto-san Uchi, e foi aqui que o mais novo Imperador de Rokugan, o homem outrora chamado de Hantei Naseru, foi coroado Imperador Toturi III. Mesmo agora, enquanto ele ficava de pé na sacada observando a celebração na rua abaixo, Naseru não podia deixar de sorrir. Muitos dos anos que se passaram não foram tempos difíceis para o povo de Rokugan. Ele estava feliz agora, mesmo que por um momento, eles podiam esquecer o sofrimento que dominava suas vidas.

"Há poucos homens que podem dizer ter um Imperador como seus alunos," uma voz familiar, gasta pela idade, disse, "Estou orgulhoso de ser um deles."

Naseru se virou e sorriu largamente, "Existem menos ainda que podem dizer que seu sensei estava vivo no tempo dos Kamis. Estou realmente honrado de fazer tal afirmação."

"Uma piada sobre minha idade," disse Ide Tadaji com enfado. "Posso ver que a dinastia de seu pai está prosperando." O semblante do homem se tornou um sorriso enquanto se ajoelhava. "Estou honrado em servi-lo, meu Imperador."

"Levante-se, por favor," disse Naseru. "Você nunca se curvou perante mim antes, Tadaji-sensei."

"Sim, de fato," disse Tadaji. "Estou honrado além do imaginável que você fale assim comigo, meu Imperador, mas não deve fazê-lo. Pelo seu próprio bem."

O sorriso de Naseru sumiu. "O que você quer dizer?"

"Quero dizer que você é o Imperador. Você deve ser tratado com reverência, em todas as coisas. Permitir o contrário, mesmo para o mais próximo de seus aliados, mesmo à sua própria família, diminuirá seu poder. Isso não pode acontecer por razão alguma."

Naseru titubeou sua cabeça, curioso. "Tal conselho parece atípico de você, Tadaji-san."

"É uma lição universal," disse Tadaji, assentindo, "Todos os Imperadores precisam aprende-la com o tempo. Só quero lhe poupar a dificuldade que tal lição traz."

"Eu sou o Imperador," disse Naseru. "Foi decidido entre os filhos de meu pai, e abençoado pelos Céus. Nosso inimigo nas Terras Sombrias foi derrotado, e os conflitos entre os clãs estão no fim. Não haverão descontentes em meu povo. É tempo de paz, pois foram os dias do reino de meu pai."

Tadaji sorriu com tristeza. "Você vê os passados com os olhos da juventude," ele riu. "Paz? Dificilmente houve paz nos dias de seu pai. Por um tempo houve, talvez, porque a Guerra dos Clãs, a Guerra contra a Escuridão e a Guerra dos Espíritos simplesmente não deixaram aos clãs recursos para fazerem mais guerras. Se o reino de seu pai continuasse, ele enfrentaria os mesmos conflitos que lhe aguardam."

"Haverá paz," insistiu Naseru.

"Quero mais que qualquer coisa que isso seja verdade," disse Tadaji astutamente. "Mas você acredita nisso honestamente?"

Naseru ficou em silêncio por algum tempo. "Quero acreditar," ele disse finalmente. "Quero crer que todos os sacrifícios que fiz, todos aqueles que morreram sob meu comando, o fizeram por paz ao povo de Rokugan."

"Espero que um dia tais coisas passem," disse Tadaji. "E com o tempo, talvez, elas passem. Mas a verdade simples, uma que nunca será dada a você é: a jornada até o seu trono talvez tenha sido a parte mais simples de sua jornada, meu senhor. Os tempos mais difíceis estão à frente. Você deve fazer grandes sacrifícios, e ao mesmo tempo não pode deixar que seu caráter ou honra sejam submetidos à mais simples questão. Ameaças abertas são facilmente lidadas, mas você raramente verá tais coisas. Sutileza será a arma de seus inimigos contra você, e diante de tais coisas, você deve se mover com cuidado por trás da cena e não permitir que os outros vejam nada."

O Imperador sorriu discretamente. "Dificilmente palavras confortantes de se ouvir de meu conselheiro."

"Elas não são menos verdadeiras por isso," continuou Tadaji. "Você fez cosias sinistras para alcançar este ponto, não é?"

"Muitas," admitiu Naseru calmamente.

"Não o bastante," corrigiu Tadaji. "O número de tais atos que você será forçado a cometer agora serão incontáveis. Antes, você tinha aliados e inimigos que podiam ser manipulados. Agora, você tem servos e inimigos. Seus inimigos serão muito mais perigosos, e seus servos serão gastos contra eles como pedras num jogo de go." O velho mexeu sua cabeça. "Vi seu pai ser forçado a fazer tais sacrifícios várias vezes. Eles pesavam sobre ele, mas você tem carregado esse peso sua vida inteira. Você deve ser mais forte."

"Meu pai," disse Naseru. "Não posso acreditar que ele fez as escolhas que fui forçado a fazer para chegar a esse ponto. Ele era um homem de honra irrepreensível."

"Todos os Imperadores fazem decisões difíceis," insistiu Tadaji. "Toturi as escondia dos outros. Ele compreendia que trono devia parecer intacto, não importando as ameaças que enfrentasse. Aqueles que colocavam um desafio a ele simplesmente... Iam embora. Ninguém nunca viu como." O velho homem ergueu suas palmas, como se pesasse alguma coisa. "Considere a diferença de seu primeiro sensei, Hantei XVI. Ele estava certo de que todos sabiam de sua mão de ferro, e preço pago foi de fato alto."

"Aparências," disse Naseru placidamente. "Pensei que o Imperador estava acima de tais coisas."

"Ninguém está, particularmente o Imperador." Tadaji pausou por um momento, batendo seus dedos contra o queixo. "Considere isso por um momento. Entre seus apoiadores, estavam aqueles que acreditavam que estava apto a governar por usar o nome Hantei. Agora você o descartou, e o fez bem, em minha opinião. E quanto a esses apoiadores? Eles o verão com o mesmo favor agora que você dissolveu o pacto que seu pai fez com o Crisântemo de Aço?"

"Minha primeira proclamação será lembrada como uma quebra de juramento." Naseru olhou em direção à sacada. "Esperei que coisas estivessem abaixo de mim. Tolas esperanças, suponho."

"Tolice?" Tadaji riu. "Talvez. Mas elas são meramente uma indicação de seu caráter. Você é mais apto para Imperador que qualquer homem vivo, Toturi-sama. Seu pai estará orgulhoso do legado que construirá para seus filhos."

Naseru continuou a olhar para a sacada. "Isso é o amigo falando, Tadaji? Ou o servo?"

Jardins Imperiais, ano de 1166

Era raro que o Imperador pudesse abrir mão de suas preocupações diárias para desfrutar de um breve momento de quieta privacidade nos Jardins Imperiais. Todo tipo de planta de todo o Império estava ali representada, assim como uma vasta quantidade das ilhas Mantis e várias espécies que o Unicórnio pode trazer de seus dias de viagens além das fronteiras de Rokugan. Shugenjas a serviço no palácio garantiam que o desenvolvimento dentro do jardim fosse como o da primavera e que se pudesse encontrar delicados e belos botões mesmo quando uma leve camada de neve estava caindo sobre eles, como agora. Se houvesse qualquer serenidade a ser encontrada no palácio, estava contida nos jardins.

Que trágico, então, pensou Naseru, que isso fosse uma mentira.

Houve um discreto farfalhar atrás dele. Naseru sorriu levemente mas não se virou. Ao invés disso, se sentou em um dos vários tabuleiros de go espalhados pelo jardim. "De todas as coisas que admiro em você, Sunetra, penso que talvez sua impecável pontualidade seja minha favorita."

A jovem Escorpião de pé atrás dele nada disse, esperando em silêncio. Seu espesso manto obscurecia praticamente todos os seus detalhes, apesar de seus brilhantes olhos azuis poderem ser vistos vagamente na fraca luz.

"Você pode falar," disse Naseru. "É seguro aqui." Ele apontou para o chão, onde círculos rituais para um duelo de taryu-jiai, o tradicional método de duelo de shugenjas, estavam inscritos no piso.

Sunetra olhou para o círculo. "Essas inscrições são diferentes das do resto do palácio."

"Parcialmente certo," disse o Imperador. "A sobre a qual você está, e essas atrás do banco sobre o qual estou são únicas. Meu irmão as projetou, e tenho um shugenja brilhante e inquestionavelmente leal para criar uma cifra única para garantir que ela nunca seja decifrada."

A Escorpião considerou por um momento. "A que limite você acredita que as pessoas do seu palácio podem estar comprometidas?"

"Não posso estar certo, mas qualquer comprometimento já é abusivo," respondeu Naseru.

"Esses círculos são confiáveis?" continuou Sunetra. "A cifra pode ser quebrada."

"Difícil."

"O shugenja que os criou podia ter deixado anotações, poderia ser coagido a revelar os códigos."

Naseru assentiu. "Considerei isso, e garanti que tal coisa não acontecesse."

"Posso ver," disse Sunetra, inclinando sua cabeça respeitosamente. "Como posso servi-lo, meu Imperador?"

"Tenho estado muito preocupado ultimamente, Sunetra," disse Naseru, sua expressão cada vez mais triste. "Conte-me sobre sua vitória sobre a Torre Sombria."

Sunetra assentiu. "Foi no vilarejo de Pokau. Atacamos todas os recursos identificados da Torre simultaneamente, incluindo as posses de seu mestre escondidas no vilarejo. Vi o próprio Atsuki morrer, dilacerado por meu agente Kamnan."

"E você tem certeza de que ele está morto?"

"Completamente," respondeu Sunetra imediatamente. "Eu o vi ser cortado em dois."

"Você confia em Kamnan?" Disse Naseru calmamente. "Você acredita que Atsuki era incapaz de preparar algum tipo de ilusão avançada para perpetuar o que você viu?"

Sunetra começou a dizer algo, então parou. Ela considerou por um momento. "Eu... Inspecionei seus restos. Não havia nenhum tipo de indício de que era uma duplicata ou impostor. Tenho o máximo de certeza possível de que era Atsuki."

"Confortante," disse Naseru, coçando seu queixo. "E ainda assim, tenho menos certeza. Conte-me o que sabe sobre os Gozoku."

"Uma conspiração política de vários séculos atrás," disse Sunetra rapidamente. "Eles conspiraram para reduzir o Imperador a uma marionete, mas foram desfeitos pela Imperatriz Yugozohime." Seu semblante se baixou. "Atsuki estava entre os líderes originais da conspiração," ela adicionou com uma noção de vergonha em sua voz.

"De fato, estava," confirmou Naseru. "Posteriormente, tenho visto vários indícios que me preocupam grandemente. Temo que outra conspiração cresça em nosso meio enquanto falamos. Você acha que é uma infeliz coincidência, Sunetra, que tais coisas ocorram tão pouco tempo depois do suposto desaparecimento de Atsuki?"

Seu semblante ficou como se fosse feito de pedra. "Parece extremamente incomum," ela disse com calma.

"Concordo," respondeu Naseru. "Creio que ele ainda pode estar vivo, e que é em parte responsável por esses incômodos." Ele se virou com olhar acusador à Campeã do Escorpião. "Você falhou para comigo, Sunetra."

Ela se ajoelhou imediatamente. "Minha falha é imperdoável," ela disse. "Permita-me limpar a honra de minha família, meu Imperador."

"Não seja ridícula," ele disse rispidamente. "Não descarto meus vassalos tão irresponsavelmente. Você tem perícias excepcionais, e a honra de sua família atende facilmente às minhas necessidades."

Ela pareceu confusa. "O que quer de mim, Toturi-sama?"

"Tenho necessidade de seus talentos únicos. Não há ninguém que possa igualar seus talentos."

"E o seu vassalo ronin?"

Naseru sorriu. "Yaminu é útil, não há dúvidas, mas ele não morreria por mim. Matar, sim, com grande entusiasmo e eficácia. Mas morrer por mim? Não é da natureza dele. Assim, há grandes coisas que não podem ser confiadas a ele. É aí que você entra."

"Certamente," ela disse imediatamente. "Sou sua para ser comandada, como sempre."

"Você é minha mão detrás," disse Naseru. "Você tem três meses para organizar seus afazeres. Depois disso, você renunciará à posição de Campeã do Clã Escorpião a um sucessor à sua escolha. Você simplesmente desaparecerá. Você será uma criatura das sombras, e fará as desagradáveis tarefas de que preciso."

Sunetra empalideceu levemente, mas curvou sua cabeça. "Se é o que deseja, certamente."

"Peço muito, eu sei," ele disse. "Estou resignando sua vida uma de vazio e solidão. Você não terá aliados, nem camaradas. Você morrerá sozinha, despreocupada e sem ser lembrada. Você trairá tudo que ama, sem reservas, ao meu comando. Você entende o que estou lhe comandando a fazer?"

"Sim," ela disse calmamente.

"Muito bem," ele respondeu. "Você pode oferecer seus serviços a seu novo Campeão, se quiser. Quando não estiver trabalhando para mim, então pode ajudar seu clã no que achar apropriado. Deixarei isso com você. Quando lhe chamar, porém, você responderá imediatamente, independente das conseqüências para o Escorpião. Fui compreendido?"

"Perfeitamente."

"Excelente. Então vá providenciar seus afazeres como instruído. Uma vez que a transição esteja completa, relate-me na mesma maneira que esta noite. Terei mais informações até lá, e sua caçada por Atsuki recomeça."

Sunetra se levantou e curvou-se levemente, então se virou para ir embora.

"Não é uma questão de punição," disse Naseru a ela. "É simplesmente o que é necessário."

"Claro, meu Imperador."

Palácio Imperial, ano de 1166

O Imperador atravessou os corredores do palácio, suas mãos em suas mangas. Sua face dura e introspectiva, e todos que o ouviam se aproximar se moviam para dar-lhe privacidade. Ele caminhava de propósito, evitando qualquer passagem que o fizesse passar por outra, até que chegasse às suas câmaras privadas. Não era surpresa que descobrisse alguém esperando por sua chegada, apesar dele estar levemente surpreso por sua identidade. "Não desejo ver ninguém no momento, Sezaru," ele disse.

"Como quiser, meu senhor," disse Isawa Sezaru se curvando. "Acabei de ouvir as notícias. Quis ver se você estava bem."

"A que notícias se refere?" Perguntou Naseru com uma expressão raivosa. "As notícias de que o amigo mais velho de nosso pai está morto? De que a Fênix estava ocultando uma cidade escondida repleta de artefatos perigosos? Ou talvez as notícias de que os Oradores de Sangue agora têm esses artefatos em posse deles? Realmente, não posso escolher uma. Acho todas elas igualmente interessantes."

Sezaru se curvou. "Compreendo sua ira, Toturi-sama. Não sabia da cidade escondida ou teria lhe informado também. Descobrirei que outros segredos a Fênix tem escondido, se desejar."

"Não," disse Naseru. "Se você se intrometer em seus afazeres, parecerá que o fez sob meu comando, e me fará parecer ainda mais ignorante por isso. Isso não é aceitável."

"Certamente. Não quis ofender."

Naseru abanou o comentário. "Não duvido de seus motivos, Sezaru. Nunca o fiz. Como está progredindo a luta contra os Oradores de Sangue?"

"Não tão bem quanto queria," admitiu Sezaru. "A cada vez que destruímos um, outro aparece nas sombras. Os destruirei, mas levará tempo."

"Faça o que deve, mas não hesite," ordenou Naseru. "A cada dia eles se fortalecem, e mais caem sobre suas facas."

"Homens como Toku-sama," disse Naseru calmamente. "Sal vida valia mais que cada Orador de Sangue que já viveu."

"Nunca conheci um homem tão verdadeiramente virtuoso," admitiu Naseru. "Tão sem malícia ou rancor. Ele era algo único, e agora se foi."

"Construa um santuário em sua memória, irmão," disse Sezaru, pondo de lado a formalidade pela primeira vez que Naseru podia se lembrar. "Lembre-se dele como o pai o faria." O shugenja pôs sua máscara e curvou-se. "Eu retorno à batalha, meu Imperador" Com isso, ele simplesmente se foi.

Naseru ficou no saguão por vários minutos, considerando as palavras de Sezaru. Toku seria lembrado, não havia dúvidas quanto a isso. O que não tinha lhe ocorrido era que o grande general havia feito um último serviço à dinastia Toturi, na morte como na vida. A única verdadeira questão era se o espírito do pai de Naseru conseguiria ou não descansar sabendo que seu filho usou a morte de seu melhor amigo como parte de seus planos.

Distrito de Seppun Toshiaki, ano de 1167

O velho Toshiaki fechou a tela atrás dele. Os servos saíram à noite, como instruiu. Depois de um dia como hoje, tão cheio de tensões e stress, ele precisava de solidão para superar sua inevitável frustração. O chá que pediu foi preparado como instruiu, ele bebeu do copo delicadamente. Parece que o chefe mais recente finalmente dominou suas específicas necessidades culinárias. Por agora, ao menos, ele estava grato. Ele se cansou muito procurando de um em um por algum chefe com algum grau de competência.

Não demorou mais do que o segundo copo de chá para que percebesse que algo estava errado. A sensação era sutil, como se mascarada. Toshiaki baixou seu copo, com uma expressão de irritação. Algum perturbou seus aposentos. Talvez um servo que não tivesse permissão, ou algum de seus vários inimigos. Independente disso, alguém violou a santidade do seu lar, e haveria repercussões. Toshiaki não subiu ao comando da Vigília Oculta pelo poder político, e se alguém achou que ele fosse um fácil para suas interferências, eles perceberiam logo que sua ira era algo terrível.

Houve o som de sopro e de repente Toshiaki ficou cego, seus olhos ardendo e derramando lágrimas incontrolavelmente. Ele berrou estranhamente e ergueu uma mão, soltando uma rápida prece aos kamis e liberando um trovão que rachou a madeira em algum lugar da sala. Algo atingiu o velho shugenja no lado de sua face, algo metálico e com força excepcional. Toshiaki ouviu sua mandíbula quebrar, e gemeu em dores.

Algo foi derramado sob a parte de baixo de sua face. Era líquido, mas grosso e quente ao toque. Isso selou seus lábios juntos como se fosse cera, mas mesmo enquanto se arrastava, não podia ser retirado. O cheiro era insuportável. Outro jorro líquido foi jogado, mas dessa vez era apenas água. Seus olhos clarearam, mas ainda não podia libertar sua boca pelo composto de secagem rápida que a obstruía.

Um homem estava diante dele, vestindo as vestes rudes de um ronin. Seu ferido e cinzento semblante não tinham expressão, e Toshiaki o viu amarrando uma pequena garrafa em seu obi. O velho pegou uma faca que sempre mantinha em sua cintura. Seu oponente o olhou com uma expressão de desdém e jogou a lâmina para longe antes mesmo que o shugenja pudesse busca-la. Com sua outra mão, o ronin agarrou o cabelo do homem e bateu sua cabeça contra a superfície da mesa. A dor em sua cabeça era incrível, e a renovada dor de sua mandíbula quebrada parecia massacra-lo completamente.

O ronin o jogou no chão e colocou um pé em seu pescoço. "Ouça bem," ele sibilou, sua voz quase um suspiro. "Tenho uma mensagem para você e demorou para que eu memorizasse tudo. Se você interromper, terei que recomeçar. Você sofrerá por isso." Ele limpou sua garganta, então começou. "'Olá, velho amigo. Peço perdões por não poder ter vindo pessoalmente, mas certamente você entenderá que não é possível. Você dificilmente é o adversário que imaginei que fosse. Acreditei que fosse um homem de poder, mas não é nada mais que um espião e um pulha. Seu embaraço no funeral do General o deixou inútil aos seus mestres, e como resultado, você não tem mais utilidade para mim. Você foi uma irritação para mim, Toshiaki, e agora eu decidi que é hora de encerrar essa irrita-

ção. Conforte-se que, em sua morte, você tem apenas um uso para mim.'"

Com isso, o ronin levantou seu pé da garganta de Toshiaki, permitindo que o velho enchesse seus pulmões com grandes inspirações pelas suas narinas. "Uma vez que a mensagem tenha sido entregue, meu trabalho é apenas um," continuou o ronin. "Devo garantir que seus co-conspiradores entendam o destino que os aguarda." O homem se ajoelhou ao lado de Toshiaki e desembainhou uma faca. A lâmina brilhava na baixa luz, ele fez um sorriso sinistro. "Meu dever," ele disse com sarcasmo. "É servir."

Batalha na Tumba, parte 2

Escrito por Shawn Carman

Toshi Ranbo, Mês da Lebre, ano de 1167

Sob circunstâncias normais, a Cidade Imperial estaria cercada por tendas improvisadas. Eram tipicamente erguidas por peregrinos visitando a cidade, ou ocasionalmente por mercadores esperando lucrar no intenso comércio durante certas estações do ano. Agora, porém, havia pouco incentivo para se viajar pelo Império. Uma grande tempestade de sangue veio e baniu a inocência. Muitos se encolhiam às suas casas à noite, mesmo depois de meses, recolhendo sua família e esperando que as Fortunas as protegessem. Pela primeira vez em anos, quase não haviam tendas fora da cidade.

O que facilitou para que as forças do Shogun montassem quartéis temporários próximos aos portões da cidade.

Kaneka estava na maior de várias dúzias de tendas, cuidadosamente examinando um mapa e comparando-o a vários manuscritos. Ele franziu-se e marcou um ponto no mapa com um pedaço de carvão, então virou-se para um dos manuscritos para continuar lendo. Ele ouviu a tenda se agitar, ouviu o momentâneo barulho de chuva do lado de fora, e antes que viesse de novo, ele sentiu o som abafado diminuir a um ritmo seco de um pano. "Não agora," ele disse refletindo.

"Interessante," disse uma voz familiar. "Não estou acostumado a ouvir tais respostas à minha presença. Pelo menos, não recentemente."

A cabeça de Kaneka se virou repentinamente. O homem diante da entrada de sua tenda estava vestindo um reles kimono preto, mas seu semblante era inconfundível. "Imperador," disse Kaneka pesadamente. "Você deveria estar aqui?"

"Não deveria?" Toturi Naseru respondeu casualmente.

"Você deveria ficar dentro do palácio, onde sua guarda pode protege-lo," disse Kaneka. "Você certamente não deveria ficar sem a proteção adequada."

"Aonde no Império eu iria e estaria mais seguro do que com meu Shogun?" Indagou o Imperador. "Seu dever é defender Rokugan, não é?"

"Claro," respondeu Kaneka de uma vez. "Esta é a tarefa que você impôs a mim."

"Se bem me lembro, creio que sua tarefa específica seja proteger contra a ameaça de Iuchiban." Naseru vislumbrou os manuscritos na mesa de Kaneka casualmente. "Diga-me, como está progredindo?"

Kaneka zangou-se. "Você sabe que ele está morto. Ele foi exorcizado para Otosan Uchi e seu... Nosso irmão o matou."

"E agora você está aqui," disse Naseru.

"E agora estou aqui," repetiu Kaneka. "Com Iuchiban morto, direcionei minha atenção ao seu culto. Presumi que concordaria que foi uma progressão lógica, mas quis ter certeza de que tive a oportunidade de receber um novo mandato se esse for o seu desejo." Ele apontou em direção a Toshi Ranbo e sorriu. "E então eu vim para cá."

"Como qualquer um pode ver," disse Naseru. "Minha pergunta é por quê?"

Kaneka apontou para o mapa e para os manuscritos. "Estive comparando vários relatórios de magistrados de todo o Império, particularmente aqueles imediatamente anteriores e posteriores à Chuva de Sangue. Estou tentando isolar as células maiores dos Oradores de Sangue para que possamos caçá-los até o fim. Será mais fácil agora que parecem terem enlouquecido e se tornado pouco mais que animais, mas ainda assim será difícil."

"Difícil, de fato," concordou Naseru. "Você usará as Legiões Imperiais, porém. Isso fará sua tarefa mais rápida e fácil."

Kaneka franziu-se. "As Legiões não treinaram com meus homens. Isso complicará a coordenação de nossos esforços."

"Besteira," admoestou o Imperador. "Envie-os independentemente. Eles podem operar por si próprios, e isso dramaticamente aumentará a área que cobrem simultaneamente."

O homem mais velho assentiu. "Isso é verdade o bastante. Como desejar, com certeza, Imperador."

"Obrigado. Ao completar sua tarefa, retorne à Cidade Imperial imediatamente. O povo desejará agradecer seu Shogun por seu valor."

Kaneka sorriu levemente. "Estaria honrado."

"E certamente eu desejaria oferecer-lhe meus agradecimentos por seguir minhas ordens tão precisamente também." Continuou o Imperador. "Todos devem saber de meu contentamento em seus atos."

O sorriso desapareceu. "Claro," ele disse. "Todos devem saber que estava meramente seguindo suas ordens, afinal. Este é o meu dever."

Naseru olhou para seu Shogun com uma expressão curiosa. "Você é o Shogun. Estou confiando apenas a você esta tarefa. Importa quem o povo vê como responsável por sua execução?"

Kaneka forçou um sorriso. "Não para mim."

"Excelente," disse Naseru. "Providencie-a, então."

Palácio Imperial, Mês do Touro, ano de 1167

As câmaras pessoais de Toturi III eram largas, mas não tão luxuosas quanto se esperaria, e certamente não tanto quanto as de muitos Imperadores anteriores. Era como Naseru as preferia, com as únicas decorações que eram não apenas belas como também tendo um incrível significado pessoal também. Um pedestal de pedra dado a ele por seu amigo Shinjo Shono que ostentava uma cópia de Liderança que o general Toku deu ao seu pai estava num canto. Uma excelente pintura de Otomo Hoketuhime feita sob encomenda para ele pendia na outra parede. Em outra, uma máscara dada como presente de casamento por Bayushi Paneki, o Campeão do Clã Escorpião e confiável vassalo. Tudo tinha significado. Tudo servia a um propósito.

"Meu senhor." A voz era inconfundivelmente suave. Naseru se virou à entrada e sorriu levemente enquanto a Imperatriz adentrava com uma leve reverência. "Seu comportamento me preocupa."

"Não deveria," disse Naseru calmamente. "Tudo está bem."

"Sua audiência com o Campeão de Jade parece não ter ido bem," insistiu Toturi Kurako. "Você se retirou desde então. Sua proclamação de isolamento preocupa a muitos, a mim mais do que todos. É... Atípico de você."

"Talvez," disse o Imperador. "De que importa? Eu sou o Imperador. Não é meu dever refletir meu Império?"

"Devo dizer que é o Império que deve refletir o seu governo," respondeu Kurako.

"Isso não seria ideal?" Disse Naseru, com um leve escárnio em sua voz. "Mas se o Império é um reflexo de mim, então de fato me provei um governante ruim."

"As falhas deles não são suas," insistiu Kurako.

"Claro que são," disse Naseru secamente. "Se um exército é derrotado no campo de batalha, é o comandante quem deve suportar a vergonha."

"É muito diferente," ela insistiu.

"Não, não é," disse Naseru. Seu tom não permitia resposta. "É exatamente o mesmo. Tudo que atribula o Império é culpa do Imperador. Aqueles poucos que crêem no contrário esqueceram o que aconteceu no último meio século."

Kurako desviou seu olhar. Ela ficou quieta por um longo tempo. "O que você vai fazer?" Ela finalmente perguntou.

Naseru ponderou por um momento. "Você ouviu o anúncio que fiz na corte. O assim chamado embaixador enviado de Daigotsu está seguro por hora. As preocupações do Campeão de Jade são válidas, mas depois de algumas deliberações, achei suas vontades. O Império se tornou obcecado pela iluminação, e parece que aqueles que dizem ter a alcançado são indivíduos próximos à histeria."

A Imperatriz assentiu com tristeza. "O povo está desesperado por algo no que acreditar. Os Oradores de Sangue os aterrorizaram."

"E os Gozoku usaram isso para enfraquecer meu governo," disse Naseru furioso. "Entre os dois, há muita discórdia. Esperei que isso se resolvesse sozinho. Lidarei com isso eu mesmo, se meus Campeões se provarem incapazes."

"Como?"

"Eu buscarei a iluminação," disse Naseru. "Enquanto estou em 'isolamento', vagarei pelo Império e verei o que levou meu povo a esse despertar espiritual."

Kurako balançou a cabeça e franziu-se. "Você acredita que pode alcança-la desta maneira?"

"Isso é completamente irrelevante," disse Naseru. "O que importa é que possuirei a informação de que preciso. Verei aqueles que supostamente alcançaram a iluminação, e aqueles que ainda a procuram. Se compreender o desejo deles, então o usarei," Ele olhou para Kurako e sorriu. "Não espero que me compreenda, querida, mas preciso de sua ajuda."

Ela curvou sua cabeça. "Se devo, meu senhor. Devo ser a única?"

"Não," ele disse depois de um momento de pensamento. "Não, acho que talvez um outro. Um homem bem versado em guardar segredos, afinal."

Cidade do Sapo Rico, Mês do Dragão, ano 1168

O homem que simplesmente se chamava de Andarilho se sentou pesadamente no canto vazio de uma escura casa de chá. Ele acenou educadamente à atendente, que colocou chá e sake diante dele, junto com uma pequena bandeja de arroz e peixe. O peixe era seco, visto o quanto a cidade estava longe de qualquer grande fonte de água, mas ele não se importava particularmente. Viajar, descobriu ele, era uma cura excelente para uma variedade monótona.

Enquanto mastigava calmamente a simples refeição, o Andarilho observou a sala casualmente, não perdendo nada. Os dois homens na parede oposta tinham a aparência simples de trabalhadores comuns, mas ao menos um deles

tinha um daisho. Eles eram vassalos dos Kaeru, sem dúvida. Vassalos de vassalos. Dificilmente uma posição agradável, e pela aparência deles os homens estavam trabalhando por longas horas numa tarefa desagradável. Ainda assim, eles eram pagos por seus trabalhos, e tinham uma fonte fiel de comida e abrigo. Do que viu durante o passar das semanas, eles eram melhores que muitos. Ele bebeu seu chá e viu um recém-chegado entrar no bar.

A visitante era uma jovem mulher com longo cabelo preto. Ela vestia os trapos de um ronin, mas se portava de uma maneira óbvia para o Andarilho de que não era uma simples "mulher onda". Ela falou com a atendente, e num momento o dono da casa de chá veio para falar com ela também. O Andarilho não pôde ouvir a conversa, mas por suas linguagens corporais era algo bem fácil de se decifrar. A mulher tinha pouco ou nenhum dinheiro, e estava perguntando se depois da refeição ela podia trabalhar de alguma maneira, talvez como yojimbo ou qualquer coisa do tipo. O dono claramente não estava interessado, mas a maneira em que a espada pendia na cintura da mulher o fez hesitar, e ele estava tentando lidar com a situação sem arriscar sua vida.

O Andarilho deu um novo olhar à recém-chegada. As manchas avermelhadas em seu hakama indicavam recentes viagens pelas províncias do Leão, onde era comum ter lama dessa cor. Ele pigarreou e sacudiu seu saco de moedas, assentindo imperceptivelmente ao dono da casa. O homem olhou de lado para ele, então curvou-se à mulher e desapareceu na cozinha. A mulher ronin olhou na direção do Andarilho, então se dirigiu e curvou-se a ele. "Obrigada," ela disse simplesmente.

"O prazer é meu," respondeu o Andarilho, impressionado que ela percebesse tão rapidamente o que aconteceu. "Sente-se e junte-se a mim."

A mulher não se moveu. "Não confunda gratidão com qualquer outra coisa," ela disse. "Minha companhia não está à venda."

"Meramente pretendia uma conversa," respondeu o Andarilho. "Você pode desfrutar sua refeição em qualquer outro lugar. Não há obrigações além de uma refeição compartilhada e um chá."

A mulher hesitou, então curvou-se novamente. "Obrigado," ela disse, sentando-se. "Faz tempo desde que pude desfrutar de uma refeição calma."

O Andarilho assentiu e bebeu um segundo copo de chá. "Você acha as terras do Leão desagradáveis, então?"

Os olhos da mulher se abriram. "Então você me conhece?" Ela perguntou calmamente.

O Andarilho riu. "Não," ele disse casualmente. "Você esteve nas terras do Leão, porém, não esteve?"

"Estive," ela confirmou. "E daí?"

O Andarilho empurrou o seu prato. "Enchi-me de sua hesitação. Se seu treinamento foi completamente desprovido de cortesia, então você pode aproveitar o resto de sua refeição em silêncio." Ele começou a se levantar.

"Me desculpe," a mulher disse com calma. "Não foi minha intenção ofender. Tenho... Tive uma jornada difícil."

O Andarilho se sentou lentamente. "Muito disso eu posso entender." Ele apontou para a espada dela. "Você usa sua espada no estilo Shiba. Meramente notei que as terras do Leão estão entre lá e cá, assim, você deve ter viajado por elas."

"Claro," ela disse. "Sou Nagisa. Estou numa peregrinação guerreira, e viajei pelas terras do Leão. Quis evita-las, mas a batalha em suas fronteiras ao norte fizeram que passasse por suas províncias para viajar."

O Andarilho concordou. "Tenho certeza que foram bastante hospitaleiros."

"Claro," disse Nagisa abruptamente. "Imagino que eu não possa voltar tão cedo."

"Passei algumas semanas no norte da Shinomen," disse o Andarilho. "Alguma notícia interessante das terras do Leão?"

"A guerra é sobre o que todos falam," disse Nagisa, comendo seu arroz com muito gosto. "Alguns dizem que o Unicórnio deve ir embora logo, e então a Guerra do Sapo Rico terminará de novo, exceto que a Garça também queira."

"Shinsei disse que a história era um ciclo", disse o Andarilho. "Ainda assim, essas notícias dificilmente parecem interessantes. Os clãs sempre estão uns nas gargantas dos outros, ao que parece."

"Verdade," concordou Nagisa. "Vieram rumores da Corte Imperial, porém."

"É?" O Andarilho mordeu um pedaço de peixe, parecendo desinteressado.

"Dizem que os Perdidos enviaram um embaixador à corte, e que o Imperador ordenou que o Escorpião o prendesse. Também dizem que o Imperador está tão enfurecido que se recolheu em isolamento sob conselho do Campeão de Jade, para que ele atire o Império inteiro contra as Terras Sombrias numa guerra que não pode ser vencida."

"Interessante," observou o Andarilho. "Isso é o que está sendo dito nas terras do Leão, certo?"

"É," confirmou Nagisa, começando um segundo bolo de arroz. "Existem rumores similares nas terras da Garça, apesar de eu ter ouvido dizerem que o Campeão de Jade impediu que o Imperador aceitasse qualquer proposta que os Perdidos oferecessem, e que se retirou em isolamento para contemplar seu erro de julgamento." Ela pensou por um momento. "Acho a idéia blasfema, para ser honesta."

"Típico," O Andarilho sentenciou sob sua respiração. "Você é uma apoiadora do Imperador, então?"

"Claro," respondeu Nagisa de uma vez. "O reinado de seu pai foi ordenado pelos céus. Ele é o Filho dos Céus."

"Imaginei que os céus pudessem ser mais infalíveis," ofereceu o Andarilho.

Nagisa pausou, seus palitos um pouco longe da boca. "As bênçãos dos céus não tornam um homem infalível," ela respondeu. "Nada mortal, ou que uma vez foi mortal dura para sempre."

"Interessante," disse o Andarilho, levantando uma sobrancelha. "O que a levou a essa conclusão?"

"Fortunas morreram lutando contra Fu Leng," ela disse. "Imperadores fizeram enganos, não se precisa olhar para além do Crisântemo de Aço para ver isso. Mesmo Lorde Lua foi enganado pela Escuridão Enganosa. Não há perfeição. Não há infalibilidade. Fazemos o que podemos. Por que com os deuses seriam diferentes?"

"Talvez," ele contemplou, coçando a tatuagem que cobria seu olho. Às vezes ela ardia mais que o normal. Ele não tinha idéia do porquê. "Certamente é uma filosofia interessante, senão nada mais. Você a compartilhou com outros?"

Nagisa sorriu levemente. "Não muitos. Muitos samurais são muito apegados às suas maneiras para ouvirem qualquer coisa que discorde com noções predeterminadas. Acho companheiros andarilhos mais... Flexíveis... Aparentemente."

"Certamente alguém achou agrado nela," pressionou o Andarilho.

"Houve um certo velho cortesão nas terras da Garça," Nagisa admitiu depois de um momento de pensamento. "Acho que ele pode ter concordado na esperança de me fazer mais sucinta a avanços, porém. Ele era meio safado."

"Ouvi isso sobre o velho Garça," disse o Andarilho com um sorriso. "Você lembra o nome dele?"

"Munemori, eu acho," disse Nagisa. "Dos Kakita. Por que pergunta?"

"Nenhuma razão," disse o Andarilho. "Apenas uma informação útil para depois, caso eu vá para províncias da Garça. Mentes abertas sempre são benéficas, não acha?"

"Suponho que sim," concordou Nagisa.

O Andarilho se levantou. "Por favor, aproveite sua refeição. Tenho uma mensagem para enviar para um velho amigo, então devo partir novamente. Foi um prazer conhece-la, Nagisa-san. Talvez nos falemos de novo."

Profundezas das Terras Sombrias

Naseru parou no topo de uma paisagem rompida por fontes vulcânicas, precariamente permeada por uma por uma floresta devastada de pedras afiadas que se aglomeravam em todos os ângulos possíveis. Ele limpou a poeira de sua sobrancelha com uma manga rasgada. Nas planícies abaixo dele, ele podia ver a forma fosca de uma grande tumba encravada no lado de uma rocha estranhamente comum. Esteve escondida lá por mais de mil anos, mas agora ele achou o caminho para cá.

Naseru apanhou o manuscrito gasto de seu obi e olhou para ele uma última vez. Ele o descobriu dentro da Shinomen. Mesmo agora, o pensamento o fazia hesitar. Um rumor o levou à floresta, um rumor a respeito de um antigo santuário e um sensei kenku que guardava os segredos da iluminação. Ele não acreditava neles, claro, mas a chance de que pudessem ser verdade eram realmente grandes para se deixar passar. Se tal coisa existisse, se os rumores fossem verdade, então evidências de sua visita a tal lugar seriam todas as provas que precisava para convencer os outros de que sua "peregrinação" tinha obtido sucesso. Ao invés disso, ele descobriu o manuscrito.

O selo tinha o seu nome. Foi deixado ali para ele.

O Imperador não pôde decidir se estava mais irritado caso alguém, quase certamente Rosoku, pudesse ter previsto tão precisamente suas ações, ou se estava meramente alarmado que tudo que Rosoku havia dito fosse verdade. Com toda a honestidade, Naseru nunca acreditou em iluminação. Não era nada mais que um punhado de auto-ilusão, ou possivelmente um motivo para manipular os inocentes. Ele havia olhado nos olhos de Rosoku e não viu nada mais que um homem mortal que desesperadamente acreditava que podia salvar o Império. Ele olhou nos olhos de Asahina Sekawa e sabia que seu discurso de iluminação era falso.

Agora, no fim de sua longa jornada, guiado por um misterioso manuscrito, ele ponderava. Podia tudo ter sido verdade? Os dons de Rosoku verdadeiramente tiveram impacto no que houve a Rokugan? Haveria algo dentro da Tumba que pudesse guiar-lhe ao caminho que levaria à salvação do Império?

Naseru não sabia as respostas. Ele só sabia que devia segui-las.

Sua busca começou como muitas outras durante sua vida: uma manipulação. Um ardil para restaurar sua confiança em si mesmo que se quebrou. Agora... Era algo mais. Ele não sabia o que havia dentro da Tumba, ele só sabia que agora, aos passos finais, que Rosoku queria que ele a encontrasse.

Naseru desceu a rocha e começou a cruzar os últimos poucos quilômetros à Tumba dos Sete Trovões. O destino o esperava lá dentro.

Batalha na Tumba, parte 3

Escrito por Shawn Carman

A Grande Muralha do Carpinteiro

Servir no alto da Muralha Kaiu era considerado um entre os mais sagrados deveres que um guerreiro do Caranguejo pode receber, e entre os mais cobiçados. A expectativa de sobrevivência daqueles lá servindo variam consideravelmente em relação ao local da Muralha em que se serve, mas não havia seção, nem sequer um simples quilômetro que poderia ser considerado seguro. Em qualquer ponto, um sentinela poderia ouvir o distante barulho das profundezas das Terras Sombrias, e o alarme seria soado. Por várias vezes ao longo dos séculos, as forças sinistras de Fu Leng investiram contra a Muralha, e em todas as vezes o Caranguejo as empurrou para trás. Baixas eram inevitáveis, certamente, mas os filhos de Hida nunca se intimidaram com o terrível som que emanava do sul.

Hoje, porém, o trovão veio do norte. Os sentinelas se prepararam ao seu som, e se aprontavam para sinalizar a seus irmãos ao longo da Muralha que outro ataque estava por vir. Quando ainda se preparavam para acender as fogueiras de sinalização e enviar corredores, porém, os guerreiros do Caranguejo observaram em confusão, procurando no horizonte ao sul qualquer sinal de um inimigo. Então, devagar, eles se viraram para o norte.

O trovão era cavalaria, cerca de duzentos ou trezentos. Os sentinelas se tensionaram, olhando um para o outro e preparando-se para um ataque. Não foi até que o exército se aproximasse e a bandeira do Imperador fosse vista que um alívio percorreu a Muralha. Os defensores do Imperador finalmente chegaram.

Um homem não se aliviou. Yasuki Jinn-Kuen observou a aproximação, então olhou pela Muralha até as Terras Sombrias. Sua expressão era a de um homem pesando custo e benefício, e depois de um momento ele meramente mexeu sua cabeça em resignação. Ele se virou de volta para o exército que avançava e levantou uma mão em saudação assim que se aproximaram. "Salve, Yasuki Hachi-sama. Campeão de Esmeralda."

Um aparentemente exausto Hachi saltou de sua montaria, limpando a poeira e transpiração de sua face. "Jinn-Kuen," ele assentiu. "Precisaremos de novos cavalos. Esses em que estivemos montando quase não pararam desde as terras do Escorpião. Eles precisam de descanso e água ou morrerão."

"Esperava por isso," disse Jinn-Kuen, olhando sobre seu ombro para outros Caranguejo enquanto Hachi mencionava o Escorpião. "Fiz os arranjos necessários." Ele apontou para um grupo de jovens, que avançavam e começavam a levar os obviamente exaustos cavalos embora. "A jade que prometi está pronta. Sairemos assim que estiverem prontos."

"Estamos prontos agora." Insistiu Hachi."

"Não." Um corpulento samurai do Unicórnio saltou e relutantemente entregou seu cavalo à criança do Caranguejo. "Os homens estão muito cansados, Hachi. Eles precisam descansar."

"Não há tempo," disse Hachi secamente. "O Imperador precisa de nós agora. Já pode ser muito tarde."

"Muito bem," disse Moto Chen. "E quando chegarmos ao Imperador, assumindo que aqueles ratos gigantes possam nos levar até onde eles dizem, estaremos todos muito fracos de fome e exaustão para erguer nossas armas em sua defesa."

Hachi suspirou. "Não há tempo, Chen," ele repetiu.

"Se sairmos agora, todo homem e mulher dessa força perecerá, possivelmente antes que cheguemos à Tumba e certamente pouco depois de nossa chegada." Chen olhou ao Campeão inabalado. "O que é mais importante para você, sucesso ou pontualidade?"

O semblante de Hachi pareceu irritado, então assumiu uma expressão de quase completo desespero. "Três horas," ele disse irritado. "Diga a eles."

Chen assentiu. "Você não se arrependerá dessa decisão," ele disse, e se virou para providencia-la.

"Hachi-sama," disse Jinn-Kuen calmamente enquanto o Campeão se virava. "Podemos ter um problema."

Hachi sorriu levemente. "E o que poderia ser?"

Jinn-Kuen apontou diretamente para as dúzias de guerreiros armadurados do Escorpião entre as forças de Hachi. "Esses homens ao tem permissão de acamparem em qualquer lugar das terras do Caranguejo. Sugiro que mantenha-os sob vigilância para evitar... Complicações."

"Lorde Kuon deu ordens," começou Hachi.

"Sim," interrompeu Jinn-Kuen, "Ele deu ordens para que suas forças fossem livres para viajar por nossas terras e que você deve receber qualquer suprimento que precise. Elas não mencionam qualquer coisa sobre hospitalidade, e garanto que não há nenhuma a ser dada para o Escorpião. Temos tido uma... Digamos, infestação de assassinos nos últimos meses.

"Esses homens são guerreiros," disse Hachi, apontando às suas pesadas armas e armaduras. "Eles são soldados, não assassinos. Dificilmente pulariam entre telhados com uma espada envenenada numa mão e má vontade na outra quando se está usando vinte quilos de armadura lacada."

"Aparências enganam," disse Jinn-Kuen.

"Garanta que sejam alimentados e hospedados," sentenciou Hachi. "Qualquer um que proteste será executado por traição."

Jinn-Kuen curvou-se grato. "Como desejar," ele disse.

De acordo com o plano, três horas depois as forças de Hachi, supridas por aqueles do Caranguejo e portando uma adequada quantidade de jade para proteger a força inteira, passou pelo raramente aberto portão na Grande Muralha e começaram a árdua jornada para o sul. E se os vigias do Caranguejo descobrissem que o Escorpião deixou sua armadura para trás, isso não seria problema das forças de Hachi.

Em pouco mais de um dia de cavalgada dentro das Terras Sombrias, o exército parou brevemente por um momento para deixar os cavalos recuperarem o fôlego. Apesar do intenso ritmo que o Caranguejo insistia, os animais estavam cobertos em transpiração e com respiração ofegante. Chen desmontou e caminhou em linha, procurando por qualquer um que estivesse em condições ruins o bastante para mudar para o número limitado de cavalos descansados tragos pelo grupo.

Hachi observou em silêncio, mexendo a cabeça. As intenções do homem eram nobres, mas inúteis afinal. O Campeão de Esmeralda sabia muito bem que os corcéis não sobreviveriam à viagem. De fato, ele pensava se os cavaleiros sobreviveriam também.

Sekawa se pôs ao lado de Hachi e olhou para o horizonte. "Este lugar é pior que minhas mais sombrias expectativas," ele disse em voz baixa. "Como pode algo sobreviver aqui? Como pode o Imperador estar vivo?"

"Ele precisa estar," disse Hachi. "Não posso crer no contrário." Ele se virou para o Nezumi próximo à dianteiro do exército, farejando o ar cuidadosamente. "Krn'n," ele chamou. "Onde estamos?"

Os bigodes do batedor tremeram. "Estamos aqui," ele disse redundantemente.

Hachi se enfureceu, apertando as rédeas tão forte que seus punhos ficaram brancos. "O que quero dizer," ele disse devagar, "é que gostaria de saber se estamos no caminho certo."

"Ah," disse o batedor da Pata Trêmula. Ele se virou e começou uma curta conversta com o batedor do Fêmur Quebrado, que apontou ao sul. Krn'n então retirou um gasto manuscrito e o olhou cuidadosamente. "Sim," ele disse finalmente. "Batedor diz que o Chefe-dos-Chefes humano veio por este caminho. Mapa diz que este caminho certo também."

Os olhos de Sekawa se arregalaram. "Posso ver o mapa, por favor?"

Os olhos do batedor de apertaram. Sekawa sorriu e puxou um broche decorativo da lapela de seu kimono. "Só quero vê-lo por um momento, então o devolverei. Como pagamento, você pode ficar com isso." Ele jogou o broche ao batedor, que o examinou atentamente, então ofereceu cuidadosamente o manuscrito ao Campeão de Jade.

Hachi olhou sob o ombro de Sekawa curiosamente. "Para o que ele estava olhando. O que é isso?"

Sekawa passou sua mão pelo antigo pergaminho delicadamente. "Isso é... Isso é antigo," ele disse, sem fôlego. "Muito antigo." Ele olhou para o batedor. "Onde você achou isso?"

"Tribo encontrar na grande-grande floresta, muitos ontens atrás," o batedor retraiu-se. Ele pôs o broche em sua boca cuidadosamente, como que se testando o metal. "Antiga toca humana."

"Hachi," disse Sekawa, virando-se para deixar que o Campeão de Esmeralda visse. "Veja isso." Ele apontou ao grande corvo carimbado numa perfeita, um pouco gasta, impressão na parte baixa. "Você reconhece isso?"

"Não seja ridículo," ignorou Hachi. "Isso não pode ser genuíno. É uma fraude."

"Esta é a marca que Shinsei usava em suas escrituras," insistiu Sekawa. "A vi nos antigos registros guardados pela Irmandade. Se for uma fraude, é perfeita. E a idade desse manuscrito... Não me lembro da última vez em que vi algo tão antigo."

"Está sugerindo que Shinsei criou um mapa para a tumba, e que os Nezumis vieram a acha-lo justo quando precisamos? Você não acha a idéia completamente absurda?"

"Acharia uma vez," concordou Sekawa. "Não mais. O destino é uma força poderosa. Nenhum de nós pode lutar contra ela."

"Não é o destino que eu temo," disse Hachi. Ele se virou e levantou sua mão, sinalizando ao grupo que estava se movendo. Ele se virou e esticou o pescoço, franzindo sua visão. "Estamos perto. Espero que cheguemos à tumba antes que a tempestade chegue. Não quero ser pego na chuva neste lugar."

"Tempestade?" Estranhou Sekawa.

"Ouço relâmpagos ao longe," disse Hachi, assentindo em direção ao sudeste.

"Isso não é tempestade," disse Chen obscuramente. "Quem dera fosse."

Hachi se encolheu e preparou-se para a morte. Ele sussurrou uma rápida prece aos seus ancestrais e a quaisquer Fortunas que estivessem nesse corrompido e maligno lugar. Muitas vezes nos últimos anos, ele esteve perto da morte. Nenhuma foi teve uma certeza tão absoluta e resoluta quanto este momento. Hachi morreria aqui. Não havia como escapar.

Um exército de onis corria pela planície em direção à tumba. Hachi podia vê-los, mesmo à essa distância, correndo para a enorme tumba que seu exército defenderia. Ele podia ver os tentáculos de debatendo e os braços deformados rasgando o chão. Ele podia ver as mandíbulas obscenas e os olhos mortos e

sem visão. Ele podia ver a morte se aproximando. Não importava. Tudo que importava era que morreria a serviço do Imperador. Isso era melhor do que o que ele merecia.

"Hachi-sama!"

O Campeão de Esmeralda se virou para o sul, foi difícil tirar seus olhos do horror que avançava sobre eles. Um de seus homens, um Fênix, estava apontando para o sul. Hachi se esforçou e franziu-se, tentando ver algo que pudesse ser de interesse. E então ele viu.

Cavalaria. Uma centena, talvez mais. Eram os Perdidos, correndo em direção a eles com velocidade maior ainda que os onis. Hachi respirou, mas sentiu um pequeno desespero com a visão. Ele já havia se resignado à morte. O que lhe importava era que seu quinhão de morte havia chegado. "Preparem-se para receber a investida," ele ordenou. Ele não especificou qual investida.

A cavalaria dos Perdidos se aproximava a cada segundo, e logo ficou evidente que chegariam à tumba consideravelmente mais rápido que os onis. Hachi e Chen ordenaram que seus homens se virassem, posicionando suas dianteiras para receberem os Perdidos ao invés dos onis. Hachi sabia que assim que suas forças fossem flanqueadas haveriam segundos, mas antes viver segundos livres que lutar para perecer sem chance. "Essa noite nos encontraremos com nossos ancestrais" ele gritou para sua formação. "Ficaremos orgulhosos, ou envergonhados?"

O rugido que se levantou de seus homens não demonstrava uma sombra sequer de medo. Eles ergueram suas espadas e gritaram aos céus que estavam chegando, e naquele momento Hachi sentiu ainda mais orgulho. Ele sabia que era uma mentira. Eles estavam com medo de morrerem naquele lugar, e que se levantariam novamente como abominações. Mas se deve ser aqui, em defesa do próprio Imperador, então que assim seja. Ele ergueu sua espada também, então correu para assumir a dianteira, sua postura preparada para enfrentar um duelo. Os Perdidos estavam quase sobre eles. Hachi podia distinguir a face de seus líderes.

Daigotsu Rekai, a traidora.

Moto Tsume, a abominação.

No último momento, os Perdidos se viraram repentinamente para o leste, deixando Hachi e suas forças tossindo a poeira que levantaram sobre eles como uma onda. Hachi caminhou para frente, enfurecido pelo desrespeito de seus inimigos, então observou atento enquanto a cavalaria dos Perdidos investia na horda de onis. Os gritos e rugidos do encontro das duas forças foi quase esmagador, mas Hachi sabia que agora havia uma chance para seus homens alcançarem a vitória hoje.

"Carga!" Ele gritou. "Carga! Morte aos demônios! Lancem-los de volta ao poço!"

Pela primeira vez desde que passou pela Grande Muralha, Hachi sentiu um despontar de esperança.

O oni era diferente de qualquer coisa que já havia visto. Era gigantesco, com quase seis metros de altura, mas retorcido por todo o corpo. Enquanto se movia pelo campo de batalha, matava tudo em que tocava. Mirumoto Hirohisa olhou enquanto a fera partiu um guerreiro do Caranguejo em dois, então observou atento enquanto o braço que a coisa usou para destruir seu oponente mudava, adotando as cores familiares da armadura do Caranguejo e os espessos espinhos que a adornavam. Com outro braço, dilacerou um Escorpião, e o braço ficou listrado de preto e vermelho, mais fino e mais rápido. Era uma perfeita máquina de matar, bebendo a essência de tudo em que tocava e usando-a para matar de novo. Hirohisa pensava em como a besta podia ser morta ou ao menos enfraquecida.

Uma sombra surgiu no campo de batalha, rasgando o braço da criatura e passando para o seu pescoço, quase não havia cabeça no topo dele no momento. Houve um flash de brilho de aço da sombra e ela se foi, saltando e desaparecendo na batalha caótica mais uma vez. Um grosso e preto muco jorrou da ferida que a sombra causou, e a carne da besta se rasgou na forma das dúzias que já havia matado. Ela procurava por seu inimigo, mas não achou nada.

A sombra apareceu de novo, o brilho de aço cortou fundo novamente, mas dessa vez a besta absorveu velocidade o bastante para cortar o atacante. O pequeno guerreiro Escorpião caiu rolando, finalmente lento o bastante para que Hirohisa distinguisse sua forma. Mesmo daqui ele podia ver o corte no lado dela. A coisa bestial rugia em cólera, apesar de como ela o fazia sem boca ser desconhecido para Hirohisa, e pendia para frente para esmagar o Escorpião com suas pernas de árvore.

Hirohisa se moveu imediatamente. Ele investiu entre os cadáveres e as rochas pontudas, tentando pensar em nada além de sua tarefa. A morte certa foi posta de lado. O único pensamento era a esperança de sobreviver a esta batalha, a guerra contra a Garça, e ver sua torre sentinela de novo. Hirohisa odiava seu posto lá por grande parte de seu tempo de serviço, mas ele ansiava sua quieta serenidade agora. A vida não perdeu sua ironia.

"Shun!" Ele gritou, saltando sobre um baixo e repugnante oni que tentava inutilmente agarra-lo com seus tentáculos. "Shun, agüente!" Ele se atirou no rapidamente decrescente espaço entre o Escorpião e a morte esmagadora acima dela, agarrando seu braço e girando para evitar a perna do oni. Ele sentiu a mão de Shun se fechar com a sua, e então rolou, imaginando se as pontas das pedras em suas costas e ombros o infectariam com a Mácula.

Ele estava de pé num instante, gritando triunfante enquanto olhava para o oni. Seu sorriso desapareceu quando viu o sangue escorrendo do pé da cosia. Ele olhou para Shun, para só então perceber que não foi rápido o bastante. Ele jogou o troféu amputado e sacou novamente suas espadas. "Você morre hoje, besta," ele disse sob sua respiração.

A uma curta distância dali, o xamã Nezumi Chitik observou com desgosto o guerreiro Dragão investir e se retirar, tentando matar a besta muito maior. Qualquer um com bom senso veria que a coisa era muito grande. Um guerreiro tenta matar um urso? Claro que não. Ridículo.

"Ajude-me, criatura!" Um humano sibilou. O homem não parecia familiar, e seus mantos estavam cheios de coisas que humanos tentam evitar. "Devemos derrubar o demônio!"

Os olhos de Chitik se desviaram, mas ele foi pago para ajudar os humanos. Muito bem pago, na verdade. "O que você quer que Chitik faça?" Ele perguntou cautelosamente.

"O nome do demônio é poderoso!" Disse o humano, apontando à criatura. "Mas é sua fraqueza também! Juntos podemos derruba-lo!"

Os bigodes do xamã se agitaram involuntariamente. Esse é o tipo de coisa que realmente pode fazer o nome de alguém ser de fato poderoso. "O que eu faço?"

"Seu nome!" Gritou o humano. "Seu nome é Yojireru no Oni! Tente toma-lo!"

Chitik franziu-se. Esse tipo de magia estava além de comparações, apesar de ter sido convencido pelos humanos do contrário. Mesmo sob tais circunstâncias, ele dificilmente podia revelar seu segredo; ele podia nunca ser pago! "Chitik irá!" Ele proclamou orgulhosamente, imaginando o que faria.

O xamã procurou pelo poder no Nome e acessou o de seu inimigo. Era tão poderoso! Chitik nunca sentiu nada assim antes. O demônio tinha um Nome incrivelmente forte, e muitos outros Nomes menores ao seu lado! Era como se os devorasse, roubando pedaços e fragmentos dos outros que derrotava. Chitik imaginou o sacrilégio disso. Haviam limites para o que um Nezumi pode suportar, mesmo um como ele!

"Você pode fazê-lo?" Exigiu o humano.

"Chitik irá!" O xamã rugiu. Ele prendeu o Nome da besta e começou a quebrá-lo pelos cantos, tentando desfazer o tecido que apenas ele e sua magia podia ver. Ele não podia mais ver o mundo normalmente, mas podia ouvir o monstro gritando em dores. Ele o atacou com a selvageria de um berserker do Osso Fendido, jogando seu Nome contra o de um inimigo muito mais poderoso que ele!

"O que está havendo?" Sibilou o humano. "Está funcionando?"

"Muito forte!" Gritou Chitik depois de vários momentos. "Chitik não pode agüentar!"

"Ainda está conectado?" Disse o humano, agarrando o pêlo do xamã em seu ombro. "Está conectado a ele?"

"Sim!" Disse Chitik entre dentes cerrados.

"Bom." Houve um repentino espeto e pressão nas costas de Chitik. Ele se sentiu zonzo, e houve a sensação de líquido escorrendo pelas suas costas. "Estão isso ferirá o demônio também."

De acordo com as palavras do humano, o demônio rugiu ainda mais alto, tremendo e caindo ao chão onde se agitava incontrolavelmente. Chitik sentiu a fraqueza o percorrer, passando dele para o oni, então escorrendo devagar pelo chão.

"Nossas ordens foram de ajudar os samurais," Chuda Isokuro disse com um sorriso maligno. "Você dificilmente conta, eu acho. Sacrifícios devem ser feitos, independente disso."

Enquanto ele se deitava ao chão, sua vida escorria, Chitik imaginava se talvez os humanos ao menos enviariam o pagamento à sua tribo.

Hiruma Sakimi bradava com satisfação enquanto arrancava seu tetsubo do crânio de um demônio. Ela ouviu o grito de alarme detrás dela, mesmo entre o caos que a cercava. A batedora se virou um pequeno grupo das forças de Hachi separado do grupo principal. Um deles, um Miya pelas suas insígnias, estava valentemente afastando um grupo de pequenas aberrações com uma mão enquanto segurava a bandeira no alto. Sakimi detestou a idéia, certa de que o Heraldo estava jogando sua vida fora por um estandarte, até que viu a insígnia: um brilhante sol de meio dia iluminando o crisântemo Imperial.

Era o estandarte pessoal do Imperador, portado por seus servos entre as famílias Imperiais.

Sakimi gritou, tentando distrair as criaturas assaltando o heráldico, mas sem sucesso. Enquanto ainda corria em direção a ele, ela viu as criaturas cortarem sua perna repetidas vezes, mas ele não desistia. Ele golpeava sua espada de novo e de novo, abrindo seu caminho por entre elas. Assim que pareceu emergir vitorioso, uma sombra saltou sobre ele, Sakimi gritou em aviso, mas era tarde. Um sanru no oni alado deu um rasante e arrancou sua cabeça com um simples golpe suas poderosas garras.

"Maldito!" Xingou Sakimi. Ela saltou sobre um apoio e se atirou no ar com toda força que restava em suas pernas. Ela cruzou a curta distância entre os dois, arrancando o braço e a perna esquerda do sanru no oni com sua katana no caminho. Ela aterrissou desastrosamente na poeira e lama avermelhada e soltou seu tetsubo, tentando deixar sua mão livre antes que caísse no chão. É um crime para alguém que não tenha sangue Imperial tocar tão sagrado artefato, mas Sakimi não se importava. Melhor ela ser punida pelo seu crime que o estandarte do Imperador cair na terra ensangüentada tão distante de seu palácio. Sakimi

berrou um grito de guerra e investiu ao corpo principal do exército, sua espada numa mão e o estandarte na outra.

"Hachi!" Rugiu Chen. "Não podemos detê-los par sempre!"

"Não precisamos!" Gritou Hachi. "Reúna os oficiais! Estamos indo atrás do Imperador!"

"O que?" Exigiu Chen. "De que adiantará?"

"Devemos saber o que está dentro da Tumba!" Respondeu Sekawa. "Se ele ficar lá dentro muito tempo, podemos nos retirar mais para dentro e desmoronar a entrada! Se não, devemos estar prontos para irmos embora o mais rápido possível! Independente disso, ele pode estar ferido ou precisando de ajuda!"

"Pois bem!" Berrou Chen. "Oficiais, comigo! Matsu Takuya, segure a linha!"

O jovem oficial do Leão saudou brevemente, então se virou para rasgar outro oni. Ele olhou para Benika. "Vá!" Ele gritou. "Cuidarei de seu orgulho!"

"Eles não lhe obedecerão!" Respondeu a mestra de feras.

"Não precisam!" Respondeu Takuya. "Eles só precisam seguir!" Com isso, o jovem Leão saltou sobre um demônio com quase três vezes o seu tamanho golpeando com sua espada repetidamente, enquanto bradava um antigo grito de guerra Matsu. Os leões, já embriagados pelo gosto do sangue, seguiram o comportamento e saltaram na besta, rasgando-a com suas garras e dentes. Benika gritou em gosto, então virou-se e seguiu Chen, Hachi e Sekawa para a tumba.

Vagarosamente, os defensores do Imperador diminuíam, entrando na tumba em duplas ou trios, até que se perdiam em suas profundezas, procurando o Imperador em meio às sombras que não foram perturbadas em mil anos.

A batalha continuava.

Eles encontraram o Imperador dentro da tumba, numa câmara sombria cheia de estranhos e antigos artefatos cobertos com espessas camadas de poeira. "Meu Imperador," disse Hachi, sem fôlego, caindo sobre um joelho. "Você está bem?"

O Imperador não deu sinal de ter ouvido o Campeão de Esmeralda. "Esses são sinais deixados para nós," ele sussurrou. Sob seu braço ele tinha um grosso manuscrito, descolorido e gasto pelas eras. "Esses são os caminhos que devemos escolher."

"Imperador-chefe!" Um chefe de guerra do Fêmur Quebrado gritou em alta voz. Ele apontou ao campo de batalha acima deles enquanto um ruído de trovão derramou poeira do teto acima deles. "Ouça!"

Naseru baixou sua cabeça e ouviu. Mesmo dessas profundezas, ele podia ouvir o rugido de onis, e os gritos de samurais agonizantes. Homens e mulheres estavam dando suas vidas por ele nesse momento, apenas a uma curta distância dali. "Os demônios viram por mim," ele disse. Não era uma pergunta.

"Sim," confirmou Chen, sua expressão era triste.

"Não há tempo para fuga?" Perguntou Naseru.

"Não," disse Chen, obscuramente. "São muitos, e muito próximos. Eles nos perseguirão e matarão a todos. Ainda assim, devemos tentar."

"Não," disse o Imperador, convicto. Ele apontou aos artefatos espalhados pela câmara. "Leve-os. Devolva-os ao Império. Examine-os, e os mantenham seguros. Eles são nossa salvação. Eles são a chave para manter a própria sobrevivência de Rokugan."

"Perdoe-me, meu Imperador, mas talvez você não tenha entendido," disse Chen cautelosamente. "Há uma legião de demônios sobre nós. Seu número é incontável. Não podemos escapar."

"Há um meio," disse Naseru. "Um meio e o único restante." Ele passou o manuscrito que estava sob seu braço para Sekawa e sussurrou algo ao Campeão de Jade. Sekawa olhou para ele, confuso. "Ganharemos o tempo que precisam para levar esses itens de volta ao Império dando aos demônios o que mais desejam."

Hachi franziu-se. "O que é, Toturi-sama?"

Toturi Naseru sacou sua espada. "Minha morte."

No campo de batalha acima, o céu escurecia enquanto uma sombra escura tampava o sol.

Batalha da Tumba, Parte 4

Escrito por Shawn Carman

Dentro da Tumba dos Sete Trovões, profundezas das Terras Sombrias

A câmara estava tão silenciosa como um túmulo. Ninguém falava. Ninguém ousava se mexer, exceto pelo guerreiro Nezumi que farejava os antigos artefatos espalhados na sala. O Imperador estava no centro da tumba, sua espada em mãos. Ele olhou para cada um dos outros samurais reunidos estaticamente.

"Não," disse Yasuki Hachi fortemente.

"Você recebeu uma ordem de seu Imperador," disse Toturi Naseru. "Você deve levar esses objetos e sair imediatamente. Eu lhes darei o tempo de que precisam para retornar ao Império, mas devem sair agora."

"Não," repetiu Hachi. "Não te deixarei."

"Não temos tempo para isso!" Disse o Imperador vigorosamente. "Você é meu Campeão de Esmeralda! Seu único dever é obedecer meu comando sem questionar!"

Hachi imediatamente arrancou o mon do crisântemo de seu kimono e o jogou no chão. "Não sou mais seu Campeão, então. Não te deixarei."

Por um momento, uma fúria ardeu no olho do Imperador. Sua mão se fechou como se fosse bater em Hachi, mas o guerreiro da Garça não se abalou. Então, assim como apareceu imediatamente, a fúria do Imperador se foi. "Muito bem," ele disse calmamente. "Estarei honrado em tê-lo do meu lado, Hachi. Mas os outros devem ir agora."

Hachi se virou. "Chen, leve-os para fora daqui. Pegue os objetos e vá."

Moto Chen concordou e se moveu para frente, pegando uma estatueta de jade que brilhava intensamente apesar dos anos de poeira a cobrindo. "Façam como mandou o Imperador," ele gritou. "Sairemos agora."

Asahina Sekawa deu um passo à frente e moveu sua cabeça. "Ficarei com você, meu Imperador, e com Hachi-sama."

"Não," disseram Hachi e o Imperador ao mesmo tempo. Hachi andou para frente e olhou firmemente para seu amigo. "Qualquer um que fique aqui, morrerá," ele disse com calma. "Se seu ficar, morrerei. Se eu for com vocês, serei apenas mais uma espada e provavelmente morrerei também. Se você ficar, você morrerá. Mas se for com eles, eles têm uma chance. O poder que você tem pode fazer a diferença entre a morte e sobrevivência deles. Salve-os, Sekawa."

O Campeão de Jade curvou-se e moveu a cabeça.

Naseru pegou Sekawa pelo ombro, seu olho queimando ardentemente enquanto olhava nas profundezas da alma de Sekawa. "Os manuscritos," sibilou ele, apontando para o espesso volume que deu ao shugenja momentos antes. "Leve-os. Leia-os." Ele se aproximou, sua mão apertando o ombro do Garça. "Compreenda," ele sussurrou. "É nossa única chance."

Sekawa olhou de volta para o Imperador, olhou na absoluta certeza e inquestionável resolução do olho de seu mestre. Não havia nada a fazer diante de tamanha convicção senão concordar em silêncio.

"O que você pensa que está fazendo?" Alguém rosnou. O Imperador se virou para ver um lívido Daidoji Kikaze, espada quase sacada, de frente a uma mulher obscuramente bela que estava na entrada da Tumba. "Como ousa entrar nesse lugar?"

"Olá, meu filho," a mulher disse com um sorriso tímido. Sua mão próxima à espada também, mas ela não a sacou. "Dificilmente acho que essa seja a hora."

"Rekai," disse Sekawa, o manuscrito sob seu braço esquecido.

Ódio incontido queimou no rosto de Rekai ao ver o Campeão de Jade. "Sekawa," ela cuspiu.

"Silêncio," disse o Imperador. "Rekai, por que veio até aqui?"

"A batalha vai mal," ela disse fortemente. "Talvez só tenhamos momentos."

Naseru concordou com tristeza. "Pode guiar esses homens de volta à Muralha? Pode leva-los em segurança?"

Rekai desdenhou. "Se eu quiser."

"Então o faça," comandou Naseru. "Eles não irão feri-la." Ele apontou para as estantes baixas cheias de estranhos objetos. "Leve o que quiser daqui. É seu, como pagamento."

"Meu senhor!" Disse Sekawa. "Com certeza você não pode..."

"Não há mais nada que possa ser facilmente carregado!" Disse Naseru. "Esta tumba em breve será pouco mais que destroços, e tudo que não for salvo será perdido! O que é melhor, Sekawa, que tudo seja destruído para sempre, ou que esteja perdido nas Terras Sombrias, de onde poderá um dia ser recuperado?"

"Certamente," disse Sekawa, se curvando. "Minhas desculpas, meu senhor."

"Suas desculpas são desnecessárias, contanto que saia imediatamente." Ele se virou para os outros. "Contanto que Rekai mantenha sua promessa, ela não deve ser ferida."

"Cavalgaremos, meu senhor," disse Chen, curvando-se profundamente. "Que as Fortunas olhem por vocês."

Fora da tumba, Moshi Sayoko levantou sua mão e invocou pelos kamis. Eles responderam, e um surto de luz saltou de sua mão para incinerar um oni. O trovão não era tão poderoso quanto esperava, e não se prolongou aos outros correndo para ela. Os kamis ali eram escassos e fracos, e Sayoko podia ouvir o ruído dos espíritos em seus ouvidos, prometendo-a todo poder de que precisava, tentando-a para invoca-los. Ela não o faria. Ela era uma Amazona da Tempestade, e os Cavaleiros da Tempestade nunca sucumbem à fraqueza.

O oni se debruçou sobre ela. Sayoko invocou pelos kamis, mas não havia nenhum que a respondesse. Com um grito de desafio, ela sacou sua faca e se preparou para os demônios que viriam. Eles não a desapontaram. Uma onda de criaturas investiu sobre ela, rasgando e despedaçando-a. Ela pôde senti-los quebrando-a, pesando sobre ela, esmagando-a sob seu peso. A dor era muito forte, e ela começou a escorrer na escuridão.

Algo estava havendo. Havia ruídos de ira e dor, e o peso diminuíra. Uma das

criaturas diretamente sobre ela foi rachada ao meio, gritando como se fosse primeiro levantada ao ar, então rasgada por uma brilhante espada de aço. Ela se esforçou para erguer a cabeça, limpando o sangue de seu olho esquerdo vazado com o que restou de sua manga.

"Levante!" Gritou um guerreiro do Unicórnio. "Levante-se, Mantis, e lute por sua vida!" Ele estava usando o mon dos Shinjo, e Sayoko pensou e se lembrou que seu nome era Turong. Ela se pôs de pé, tudo doía além de sua habilidade para agüentar.

"Tudo está escuro," ela coaxou, muito mal atacando um dos onis em fuga.

"O sol se tornou negro!" Respondeu Turong. "O fim está sobre nós!"

Pareceu que por um momento a própria terra estava mexendo e rolando, e Sayoko se esforçou para manter seu equilíbrio. Ela olhou para Turong, e sua mente se limpou por um momento enquanto ela percebia que ele estava tremendo também. Ele olhou para seus inimigos para ver as coisas horrendas tremendo enquanto literalmente caíam pelo tremor tempestuoso da terra. "O que..." ela sussurrou. "O que está havendo?"

"Oh, não," disse Turong, sua voz quase que a um suspiro. "Oh, Fortunas."

Confusa, Sayoko seguiu seu olhar ao horizonte. Primeiramente confusa, pois parecia que havia uma montanha ruindo à distância, mudando e movendo-se enquanto as pedras que a construíam caíam uma sobre a outra. Sua mente clareou por um instante e ela percebeu que o que ela via não era uma montanha, e que não estava tão longe assim.

Um oni maior que qualquer samurai que tenha visto estava se arrastando inexoravelmente para a batalha. Suas pegadas faziam a terra tremer, e sua imensa, gigantesca mandíbula era vasta o bastante para engolir talvez um exército inteiro, ou mesmo a própria tumba. Ainda pior, com o desaparecimento do Lorde Sol, o brilho nos olhos da criatura era evidente mesmo à distância. Ele demonstrava uma inteligência maligna. Esta não era uma fera dementada. "Eu vi essa coisa antes," disse Turong, "quando fui um visitante no Kyuden Hida. Este é Maw, a razão pela qual a Grande Muralha foi crida." Ele se virou para Sayoko com uma expressão desesperada. "Estamos perdidos."

Sayoko se ajoelhou e recuperou sua faca caída, quase desmaiando pois a ação fizera sua cabeça rodar. Turong a agarrou e a pôs de pé, então quase perdeu o equilíbrio também quando o tremor de terra redobrou. Ambos se agarraram um ao outro enquanto procuravam a fonte de suas dificuldades.

Um segundo oni, igualmente grande ao primeiro, veio se arrastando do sul, a mesma direção da qual os Perdidos chegaram. Este tinha chifres gigantescos saídos de seu crânio, e uma pequena quantidade de cabelo que poderia ter sido uma floresta. Três línguas de chamas tremulavam de sua boca enquanto agitava suas garras em fúria. Uma cauda massiva se debatia por trás, chicoteando entre os onis enquanto investia sob sua presa. Sayoko viu uma dúzia de onis, cada um maior que dois homens, arremessados no ar pelo ataque desavisado da cauda. As duas criaturas massivas rugiram uma para a outra. O som queimou os ouvidos de Sayoko, e ela sabia instintivamente que essa era a língua primata do Jigoku, a língua dos demônios.

Os dois demônios titânicos colidiram com tamanha força que uma onda, como um tsunami que Sayoko viu quando criança, explodiu entre as legiões de onis entre as duas monstruosidades e o exército de samurais. A última coisa que Sayoko viu foi a onda explodindo por sobre eles, e Turong mergulhando na sua frente, e então tudo escureceu.

Kikaze falara pouco aos outros samurais no grupo, e à mulher de vestido preto que os conduzia. Pacientemente ele manobrou seu cavalo até que estivesse atrás do dela, e então ele procurou em sua manga por um pequeno par de finas adagas afiadas com jade. Um olhar furtivo lhe disse que a jade começava a apodrecer, mas ainda estava pura. O bastante, talvez. Seria o bastante. Agarrando fortemente a adaga, ele começou a acelerar seu cavalo.

O galope selvagem do cavalo fazia uma mira acurada impossível. Kikaze esperou, esperou pelo momento perfeito, mas ele não chegava, e ele não poderia esperar para sempre. Cada momento que se passava era mais uma chance dada a Rekai para que os traísse, para leva-los a uma emboscada. Os outros poderiam ser tolos de acreditar nela, mas certamente ele não. Finalmente ergueu a primeira faca e a deixou voar.

Sua mira não foi tão boa. Errou por meros centímetros, talvez arranhando-a ao longo do blindado ombro dela enquanto passava. A cabeça dela se virou, um olhar de interesse em seu rosto. Kikaze não titubeou e preparou a segunda faca.

"Kikaze-san, o que em nome de Lady Doji você está fazendo?"

A voz de Sekawa foi clara e alta o bastante para ser ouvida além do som rítmico dos cavalos galopantes. Em questão de momentos, o grupo havia parado, e Kikaze se achou no centro de suas atenções. Seu primeiro instinto foi esconder a adaga, mas ao invés disso, ele a ergueu para que todos vissem. "Em nome de Lady Doji," ele grifou as palavras, "Estou terminando com as vergonhas de nosso clã."

"Incompetente como sempre, pelo que posso ver," comentou Rekai. "Kosaten Shiro agüentou os exércitos do Leão por séculos, e você o perdeu para uma força expedicionária do Dragão."

O rosto de Kikaze ficou vermelho, então pálido como ossos. Um músculo pareceu saltar de seu queixo. "E agora, incapaz de terminar um simples assassinato." A voz de Rekai se afiou. "Típico de um de seus assoladores. Incapaz até mesmo de manter sua palavra de honra."

"Minha palavra para alguém como você não quer dizer nada," disse Kikaze.

"Sua palavra não significa nada para ninguém," disse Rekai friamente. "Você não é digno do sacrifício que fiz."

"Estou aliviado em saber que pensa assim, Lady Rekai," disse Sekawa, recebendo olhares dos dois lados. Ele ignorou Kikaze e deu a Rekai o brilho de um olhar de cortesão. "Como Campeão de Jade eu conheci várias pessoas que acreditaram que aceitar a Mácula traria para elas o desejo de seus corações; tendo testemunho de uma fonte informada que isto não é tão voluntário é um pouco prestativo. Não acha, Lady Rekai?"

"Tolo!" gritou Rekai. "Dei mais do que meu coração poderia sonhar. Abracei uma glória que você não pode imaginar."

Sekawa marcou um ponto de foco na paisagem ao redor deles. "Se você diz," ele disse educadamente. "Mas o tempo se encurta, e devemos realmente continuar nossa jornada."

Rekai sorriu. "De fato, você deve. Mas desde que meu filho idiota desfez nosso acordo, viajarão sem minha ajuda." Houve uma nervosa mudança de palavras e Rosanjin deu a Kikaze um olhar pálido. Jinn-Kuen nervosamente lambeu seus lábios e pareceu estar prestes a falar.

Sekawa falou primeiro. "O que é infeliz," ele disse. "Provavelmente sobreviveremos sem você, ou pelo menos alguns de nós irão. Qualquer esperança de que seu senhor tinha de que sua petição seja considerada, mesmo por um punhado de simpatizantes, morrerá com sua partida."

Rekai o encarou. "Não fui enviada por Lorde Daigotsu para ajudar vocês," ela disse depois de um momento. "Esta é a única razão pela qual eu permaneço." Ela olhou para Kikaze com nojo. "Uma adaga arremessada nas minhas costas? O que a honra da Garça quer dizer agora? Abenção Fu Leng pelo dia em que me tirou de tais mentiras delicadas."

"Peço perdão por perceber que você desejou resignar-se de sua promessa apesar do desgosto, apesar de não poder dizer que estou surpreso," disse Sekawa. "Entendo que seu filho tem um hábito familiar."

Rekai olhou para Sekawa, sua face perfeitamente plácida. Chen, Rosanjin, e Aikune seguiram suas palavras. Kikaze mudou seu pulso sobre a adaga. Jinn-Kuen começou a afastar seu cavalo. Sekawa se sentou calmamente, olhando de volta deu à mulher Perdida um olhar sereno. "Os guiarei de volta à Muralha," ela disse finalmente. "E então, quando nosso acordo estiver concluído, matarei você." Os olhos dela fixos sob Kikaze. "Vocês dois. São uma desgraça para suas famílias, seu clã e o Imperador que deixaram para morrer."

Kikaze olhou para ela com ódio nu, mas Sekawa apenas recolheu-se. "Veremos, minha dama." Rekai virou seu cavalo e o pôs a trotar. Sekawa esperou até que todos exceto os dois Garças que seguiam e então ele suspirou e afrouxou os ombros. "Nunca mais terei medo de Bayushi Kaukatsu de novo," ele disse ao ar. Ele se virou para o homem ao seu lado. "Kikaze-san," ele começou. O outro homem resmungou alguma coisa ininteligível e chutou seu cavalo para mover-se. O daimyo dos Asahina observou-o ir e tentou aquietar a premonição que estava em seu coração.

Hachi agachou sob uma garra, a decepou e se virou para achar a mais nova ameaça a sua vida. Ele não sabia quantos ele já matou, mas podia sentir seus números no calor ardente em seus braços. A filosofia de um ataque funcionava mesmo contra a Horda, ele disse certa vez para Yasuki Namika. Mas isso foi quando esteve em Última Esperança de Shinsei, contra um líder inimigo com uma mente e um propósito complexo. Não parecia haver líder entre os onis ali; havia apenas uma massa de indivíduos, todos tendo o mesmo plano simples: matar o Imperador.

Devagar, Hachi recuava. Ele ia morrer ali, ele pensou, assim como ia seu Imperador. Ele foi uma falha como Campeão de Esmeralda, totalmente incapaz de proteger seu senhor. Ele esquivou-se para longe do alcance do oni, sentiu o dano de suas garras em sua armadura. Logo sua força acabaria. A memória da face de Rekai aparecia em sua mente, e ele se viu invejando a mulher Perdida. Ela retirava sua força da mesma fonte profana que os onis, e não enfraqueceria da maneira que ele estava a fraquejar agora. Com a força dela, ele poderia sobreviver a essa luta, salvar o Imperador, poderia...

"Não!" Hachi gritou aos céus. O oni com quem estava lutando era inteligente o bastante para parecer confuso, e ficou olhando para ele até que Hachi o cortasse com um ataque. Ele limpou o sangue de seus olhos, trêmulo. "Honra é minha guia," ele sussurrou, retirando força de suas palavras calmas. Ele morreria ali, e Jigoku provavelmente reclamaria sua carcaça como fez com a de seu ancestral Tsukuro. Ele não poderia evitar isso. Mas ele não abraçaria a escuridão enquanto ainda vivesse.

Olhando pelo campo de batalha, Hachi viu um grande, grotesco oni que foi posto pelos próprios mortos de joelhos e rugia em desprazer. Ele abriu um longo e fino braço, agarrou um bushi Caranguejo e começou a espreme-lo até a morte. "Hida!" Hachi gritou e investiu ao longo da distância entre eles. O braço do oni estava se moldando em azuladas e encouraçadas placas e assim o senhor Yasuki ignorou o antebraço e saltou para cortar o cotovelo da coisa. O Caranguejo caiu do agora imóvel braço, e Hachi golpeou novamente. Enquanto o fazia, seus pés se tornavam uma rocha espessa e ele caiu seco sob seus joelhos enquanto a dor assaltava-lhe do tornozelo. Hachi a ignorou e se concentrou na mão que se fechava diante dele. Ele rolou para trás num ataque sobre a cabeça e golpeou para baixo, arrancando os dedos e uma parte de uma mão. O oni urrou, sacudindo seus agora inúteis braços no ar, então ele ameaçou usar seus pés. Hachi também já estava de pé próximo a ele, incapaz de andar com seu tornozelo danificado mas sem intenção de morrer de joelhos. Quando viu o oni se aproximando, ele instantaneamente compreendeu o que a criatura estava prestes a

fazer, gritou abertamente. “Hida! Doji!” ele berrou, e investiu com uma espada em ponta enquanto o oni se atirou para massacrá-lo.

Naseru ouviu o grito de batalha e o impacto que o encerrou, e olhando por cima, ele viu o oni prostrado no chão, uma katana fincada em suas costas. “O Campeão de Esmeralda está morto,” ele disse silenciosamente a seu yojimbo.” Yotsu Irie lutou ao seu lado depois que ele emergira da Tumba, dando-o um profundo olhar, e pondo-se ao seu flanco esquerdo. “Ele foi um bom homem.”

“Lhe darei suas recomendações na próxima vez que vê-lo,” ela disse, observando a área em busca de alguma ameaça. A morte levaria a ela e a seu protegido hoje, mas não sem luta. Naseru queria ter a concentração dela. A tatuagem que Togashi Satsu lhe deu começou a pulsar devagar, como o tilintar de um sino de um templo baixo, e aumentava de poder como que se alimentasse de seus pensamentos. Naseru não sabia o que fazer com isso. Satsu pintou um crisântemo em sua pele, de aço e jade, dizendo que o ajudaria a lidar com a Máscara de Porcelana, mas não explicou como. Sabedoria Dragão, pensou o Imperador, deixando algo a desejar.

“Atrás!” gritou Irie, e empurrou Naseru para um lado enquanto cortou uma monstruosidade esverdeada e multi braçal. Ela morreu um momento depois, o oni rasgando-lhe a garganta enquanto seus outros braços prendiam-lhe a espada. Ele deu mais um passo em direção ao Imperador antes que uma flecha de jade voasse pelo ar e se encravasse em sua face. Tsuruchi Etsui deixou mais três flechas voarem antes do oni finalmente cair. O arqueiro esperou pelo momento certo para ter certeza de que ele caiu e correr para onde o Imperador estava ajoelhado.

“Naseru-sama! Levante-se!” disse Etsui.

Naseru olhou para ele devagar. Assim que sua mão caída esbarrou na bolsa que carregava a Máscara, percebeu que ela também estava pulsando. Era uma batida rápida, que compassava contra o ritmo estático da tatuagem, e Naseru percebeu que Satsu estava certo em se preocupar. A Máscara estava livre da Mácula do Jigoku mas não de sua maldade, e abalou seus esforços para restabelecer-se com o poder que a fez.

“Samurai, qual é o seu nome?” perguntou Naseru.

“Tsuruchi Etsui, Imperador-sama.”

“Etsui-san,” disse Naseru, “aproxime-se.” O guerreiro Mantis se aproximou, ,e Naseru gastou preciosos segundos sussurrando fervorosamente a ele, respondendo apenas uma simples pergunta. Quando acabou, ele perguntou, “Compreende?”

“Sim, Imperador-sama,” disse Etsui, “mas...”

“Bom,” disse Naseru. “Odeio me repetir. Agora reúna o que resta de seu exército e vá.”

“Mas os onis...” Começou Etsui.

Naseru mexeu a cabeça. “Um ferreiro precisa de vários martelos mas apenas uma bigorna,” ele disse e pôs a Máscara. Quando o fez, todo oni no campo de batalha parou o que estava fazendo e começou a urrar em dores. Etsui olhou em volta em confusão e então de volta ao Imperador. O olho calmo e cheio de dor de Naseru apareceu por trás da Máscara, e Etsui observou a Máscara começar a erodir em pequenos cacos de porcelana. “Vá,” disse Naseru entre os dentes, sua carne começando a derreter ao redor dos cantos da máscara. A roupa que cobria a tatuagem queimava também. “Não vai demorar agora.”

Tsuruchi Etsui girou em seu calcanhar e correu.

Chen cavalgava mais rápido do que em qualquer outra vez em sua vida. Ele sabia que os cavalos não sobreviveriam ao passo que estavam mantendo, e por isso ele sentia um genuíno remorso. Nesse caso, ele não tinha escolha senão pesar a vida dos cavalos contra as suas vidas, e em tal situação não havia outra escolha. O retorno à Grande Muralha seria mais rápido do que a saída, principalmente pelo fato de que agora eles sabem exatamente para onde estão indo. Ele estava particularmente enojado em admitir, mesmo que apenas privadamente, que ele e os outros deveriam suas vidas a uma traidora como Rekai, mas ele não se permitiria ficar tão bravo. As faces de Akasha e sua filha pequena vinham freqüentemente à sua mente.

“Chen!”

O general Unicórnio virou-se em sua sela. “O que é, Jinn-Kuen?” ele rugiu sem frear. O Caranguejo estava apontando fervorosamente para trás deles, e Chen se virou para vê-los. Contra o horizonte ele podia ver apenas um número de cavaleiros os seguindo. Eles estavam carregando algo, e Chen diminuiu sua velocidade para tentar ver o que era. Ele forçou a vista, então sinalizou para que o grupo parasse.

“O que é isso?” perguntou Kikaze. Ele olhou para os cavaleiros. “Não podemos espera-los.”

“Eles carregam o estandarte do Imperador,” disse calmamente Shosuro Aroru.

“O Imperador?” Matsu Benika disse sem fôlego. “Ele vive?”

“Só podemos esperar,” disse Rosanjin. “Devemos esperar.”

Os cavaleiros moviam-se a incrível velocidade, seus corcéis esforçados ainda mais pelo medo e também pelo desespero. Numa questão de momentos, eles estavam ali. O fato é que eram menos de uma dúzia, e que o Imperador não estava entre eles, enchendo o coração de Chen de gelo. “Quais as notícias?” ele exigiu. Mesmo enquanto perguntava, um jovem Mantis desmontou e correu para Katoa, sussurrando algo em seu ouvido. Os olhos do velho se arregalaram enquanto o Tsuruchi falava, mas Chen não podia ser tranqüilizado.

Era uma jovem garota Caranguejo que carregava o estandarte. Ela baixou sua cabeça tristemente, e Chen curvou-se em resposta. “Há algum outro sobrevivente?”

“Não,” um oficial Dragão disse. “O campo de batalha está virtualmente vazio. Nada resta, exceto pelos onis que nos seguem.”

“Quantos, Hirohisa?” exigiu Rosanjin.

“Muitos para matar,” disse Hida Benjiro, seu semblante atordoado. “Eles nos alcançarão antes que alcancemos a Muralha. Será perto, mas não perto o bastante. Morreremos dentro da visão da salvação.”

“Não necessariamente,” disse Shiba Aikune. O guerreiro Fênix desmontou e passou as rédeas de seu cavalo a Shinjo Turong, um dos sobreviventes. Turong as pegou e deitou a inconsciente forma de uma Mantis ferida sob a cela. “Não se eles se atrasarem.”

“Não seja tolo!” gritou Benjiro. “Um homem não pode esperar atrasar aqueles monstros!”

“Talvez não,” concordou Aikune. “Mas acho que chegarei a essa conclusão.”

Chen concordou e pulou de seu cavalo. “Leve-os à Muralha, Benjiro. Aikune e eu seguraremos eles aqui o quanto pudermos. Reze às Fortunas, os Lordes da Morte... Qualquer um que esteja ouvindo, para que seja o bastante.”

Houve expressões adversas em muitos, mas apenas um se manifestou. Rosanjin considerou por um momento, então se virou ao general. “Que idade tem sua filha, Chen?”

Chen olhou para ele incredulamente. “Ela tem menos que um ano, mas o que...”

Rosanjin inclinou-se para frente de repente e chutou Chen no queixo. O corpulento Unicórnio caiu ao chão, sem se mover. “Leve-o,” ordenou Rosanjin a Hirohisa. “Ponha-o em seu cavalo. O resto de vocês, movam-se, agora.”

“Não há necessidade para ficar, meu amigo,” Aikune disse com um triste sorriso. “Esta é minha tarefa. Minha redenção, se desejar.”

“Nenhum Fênix encarará a morte sozinho neste lugar enquanto eu ainda respiro,” Rosanjin disse.

O sorriso de Aikune se tornou mais genuíno. “Posso lhe pedir um favor, então?”

“Não precisa pedir.” Rosanjin chamou outro dos Dragões entre os sobreviventes. “Maya, garanta que o artefato de Aikune-san chegue ao seu povo. E garanta que ouçam de seu valor.”

“Farei,” a ise zumi disse com uma curvatura reverente.

“Aroru,” disse Rosanjin. “Estou confiando Hirohisa a manter Chen vivo até que chegue à Muralha. Posso colocar isso sob seus cuidados?” Ele deu a cabeça de dragão de jade com o espelho.

Aroru curvou-se profundamente. “O Dragão sempre foi nosso mais próximo aliado. Será uma grande honra.”

“Agora vão!” ordenou Rosanjin.

Relutantemente, os outros concordaram. Eles montaram seus cavalos e trovejaram para o norte, apressando-se para a distante Muralha que sabiam ser sua única salvação. Assim que a poeira baixou, Rosanjin viu um terceiro homem entre eles. Ele estranhou. “Por que está aqui, Katoa?”

O velho pirata sorriu enquanto girava suas kamas. “Há pouco para mim no Império. Prefiro morrer como herói a voltar às cortes.”

Aikune sorriu largamente. “Bem-vindo, então. Estou feliz de ter um homem como você ao meu lado.”

Rosanjin concordou. “Me arrependo profundamente que nossos clãs não tenham estado próximos em nossas gerações como no passado. Teria apreciado sua amizade, creio eu.”

“Igualmente,” respondeu Aikune.

“Prefiro encarar a guerra, na minha opinião,” observou Katoa casualmente. “Ao menos não foi chato.”

Demorou menos que vinte minutos para que os onis estivessem sobre eles novamente. Aikune fechou seu semblante ao ver que se aproximavam. Havia muito mais do que imaginavam, e os pensamentos fugazes de sobrevivência com os quais se divertiam foram banidos nesse instante. A massa rolante de dentes, garras e tentáculos investindo sobre eles lavou tal esperança tal qual uma chuva de primavera. Neste lugar, ele concluiu, havia uma estranha calma. Ele viu que Rosanjin compartilhava dela também, apesar de Katoa tê-la perdido de qualquer maneira.

“Venham!” gritou o Mantis, uma expressão feroz em sua face. “Venham para mim!”

Quando os onis chegaram, todos os três homens saltaram agilmente no ar. Eles não discutiram isso, era meramente uma manobra instintiva que todos os três guerreiros experientes fizeram sem pensar. Garras e outros apêndices racharam e partiram o chão onde os homens estavam um momento antes. Por um brilhante segundo, os três pairaram no ar, suas espadas prontas, e então caíram sobre

seus inimigos, ceifando seus músculos, matando tudo dentro de seu alcance.

O combate quase certamente durou apenas poucos momentos, mas para Aikune foi como uma eternidade. Ele observou como Katoa golpeava de novo e de novo, esquivando-se de ataques mortais, um após o outro. Ele golpeava suas kamas em seus inimigos repetidas vezes, gargalhando como um louco o tempo todo. Pareceu para Aikune que ele nunca havia visto o Mantis verdadeiramente vivo até este momento. Foi como um tragicamente curto momento. Enquanto olhava, um Nairu no Oni rasgou o ombro do homem com uma de suas várias garras, caindo fora de seu alcance e mesmo quando urrava em dor, tentava destruir o demônio inimigo que o matava. Outro demônio veio para frente, um que se parecia com um ogro, só que maior. Ele segurou Katoa pela cintura e apertou. O Mantis ria, espirrando sangue de sua boca e encravando suas kamas no peito da criatura. Com a última dose de energia que possuía, Katoa trouxe a cabeça da criatura a baixo com um golpe contra a face da criatura. O sangue dos dois se tornou uma fonte de suas faces arruinadas, e ambos caíram no chão sem se mover.

Rosanjin durou um pouco mais. Aikune olhava atentamente enquanto o daimyo Dragão se movia com incrível velocidade de um alvo para outro. Como um homem de seu porte poderia se mover com tamanha graça e velocidade impressionava Aikune. A armadura do Dragão foi quebrada em segundos, deixando seu peito tatuado aberto ao ar frio enquanto matava demônio após demônio, nunca diminuindo sua velocidade apesar das dúzias de feridas que cobriam seu corpo. Talvez percebendo a ameaça que Rosanjin representava, os demônios investiam, anulando sua capacidade de se mover. Suas espadas gêmeas nunca paravam de se mover, mesmo quando seus inimigos empilhavam-se ao redor dele e começavam a massacra-lo. Sangue fluía como um rio de suas espadas, e quando Aikune finalmente o perdia de vista, era apenas por causa dos onis mortos e para morrer que se acumulavam sobre ele. Enterrando-o como uma pilha de adversários mortos.

Finalmente, apenas Aikune restava. Ele tinha sua katana flamejante em mãos, o fedor de carne de oni queimada já ardente em suas narinas. Ele sorria agora, sabendo que sua hora chegara.

É a minha hora, meu amigo, ele pensou.

Não! Não quero deixa-lo, Aikune.

Você deve. Você não pode ficar aqui. Você deve fugir. Não é seguro.

Eu os deterei! Não vou deixar que machuquem você!

Se liberar seu poder, este lugar pode ganhar um pouco de sua essência. Seu pai morreu aqui. Você é seu último desejo. Você deve agüentar.

Por favor não! O Desejo estava gritando agora. Por favor não me deixe!

"Obrigado, irmão," disse Aikune. "Obrigado por tudo." Ele saltou sobre seus inimigos, sua katana soltava faíscas quando desapareceu atrás de suas massas, cortando e matando com cada movimento. Meus ancestrais... Posso ouvi-los agora. Eles estão me chamando. Adeus, meu amigo.

Aikune! AIKUNE!

Não houve resposta.

EU VOU MATAR TODOS VOCÊS!

Houve um brilhante flash de luz, e o fogo consumiu tudo.

Ao norte, os sobreviventes fugiam olhando para trás quando houve uma luz brilhante de algum lugar atrás deles. Mesmo ali eles sentiram o calor passar por eles. "Pelas Fortunas," sussurrou Tsuruchi Etsui. "O que foi aquilo?"

"Aikune," disse Hirohisa, curvando sua cabeça.

"Nada pode ter sobrevivido àquilo," insistiu Etsui. "Nada."

Benjiro se virou a eles. "Você tem certeza o bastante para arriscar sua vida? Cavalguem!"

Eles fizeram como o Caranguejo veterano mandou. A multidão cavalgou como o vento, a respiração de seus cavalos ofegava, seus flancos úmidos de transpiração. A Muralha finalmente apareceu, primeiro como uma fina linha no horizonte, então maior e maior até que se mostrasse diante de eles, uma barreira massiva prevenindo suas entradas no Império mais uma vez. "Abram os portões!" berrou Benjiro. "Abram os portões pelo amor dos Céus!"

Uma grande figura apareceu no limiar da Muralha, olhando para baixo aos abatidos sobreviventes com óbvia minúcia. "Como saberemos que vocês são quem parecem ser?" ele perguntou, sua profunda voz facilmente cruzando a distância entre eles.

"Kuon! Deixe-nos entrar ou minha irmã nunca o perdoará!"

"Este é Benjiro. Tudo bem," sinalizou o homem gigantesco. "Abram os portões!"

Devagar, os portões se abriram e os sobreviventes se apressaram. Nenhum deles ouviu o tão suave som dos portões se fechando atrás deles, e no mínimo desmontavam e desmaiavam. Alguns entre eles choraram abertamente a perda do Imperador, enquanto outros corriam para o topo da muralha e observavam seus perseguidores distantes com ódio explícito. "Quantos seguem vocês?" perguntou Hida Kuon.

"Não sabemos," disse Benjiro, limpando a sujeira de sua face. "Houve... Uma explosão. Não sabemos quantos sobreviveram."

"Muitos, porém, e não será o bastante," disse Kuon tristemente. Ele se virou para o homem atrás dele. "Você requisitou o direito de desempenhar esta tarefa, Tonoji. Seus homens estão prontos?"

O guerreiro Caranguejo vestiu o mon Imperial, também como sinal de sua posição como comandante da Legião Imperial. "Sim, Kuon-sama," ele rugiu. "Estamos profundamente honrados."

"Certamente," disse Kuon. "Uma observação, você deve leva-los com você." O Campeão do Caranguejo esticou seu polegar sobre seu ombro indicando um grande número de guerreiros do Leão pronto, espadas sacadas. "Eles chegaram a poucas horas atrás. Aparentemente Otemi os enviou para se juntarem ao seu vassalo Takuya." Ele olhou para os sobreviventes. "Ele não parece ter sobrevivido. Estou certo de que o Leão aproveitará a chance de vingar sua morte."

"Vingança é meu objetivo hoje," disse Tonoji gravemente. "Se este é o objetivo deles, então que sejam bem-vindos para ficaram lado a lado à Quarta Legião."

Kuon concordou, e o comandante se retirou para dar o sinal aos seus homens. O olhar de Kuon retornou ao horizonte sul, aonde o primeiro oni chegava ao campo de visão. "Foi um erro," ele disse calmamente. "Como pôde a tumba valer toda essa morte, Benjiro?"

Benjiro entregou um cuidadosamente enrolado pacote para Kuon, tudo enquanto olhava Asahina Sekawa, que já estava a vislumbrar os manuscritos que o Imperador deu a ele na tumba. "Não sei," ele admitiu. "Pode não ter valido."

Kuon olhou para os sobreviventes também. "Quantos, você acha?" ele perguntou. "Quantos descobrirão que este ato de heroísmo desesperado, essa batalha fútil, terá custado a pureza de suas almas? Quantos acordarão em uma manhã com os primeiros sinais da Mácula corroendo seus corpos?"

Benjiro nada disse. Abaixo deles, os portões se abriam e milhares de guerreiros do Caranguejo e do Leão correram para fora, sedentos pelo sangue dos demônios.

Uma Caixa de Areia

Escrito por Fred Wan

Fora da Tumba dos Sete Trovões

Akuma arremessou Maw, derrubando as costas da criatura com a fúria de seus golpes, o chão tremia enquanto Maw recolhia-se e então investia, mordendo com suas mandíbulas massivas, seus dentes pingando com sangue e restos dos homens que já devorara. Isso quase derrubou Akuma, mas enquanto o Lorde Oni mantinha sua posição, Maw mordia a carne corrompida. Akuma golpeou as costas da criatura, tentando força-lo a soltá-lo, mas não adiantou. As mandíbulas de Maw apertavam-se e mordia ainda mais fundo, enquanto Akuma urrava de dor. O barulho era tão terrível, tão estarrecedor, que aqueles que lutavam perto das grandes bestas caíam ao chão gemendo em agonia com o som.

O poderoso Akuma tinha que terminar isso apesar da dor ao seu lado, e agarrou Maw pelo pescoço. E quanto mais Maw apertava suas mandíbulas, Akuma apertava ainda mais seus braços. Os dois Golias permaneceram travados em sua dança mortal por segundos que se tornaram minutos e minutos que pareciam dias.

Aqueles samurais que estiveram alertas o bastante para ouvir o som comparam-no ao som que uma montanha fazia quando era rachada o meio por um terremoto, ou talvez o som de uma árvore secular sendo rachada pelo relâmpago trovão de Osano-Wo, Fortuna do Fogo e Trovão. Talvez, o ruidoso som foi audível em torno do campo de batalha enquanto a força de Akuma tirou Maw de seu entrave mortal na carne de Akuma. Os dentes de Maw, todos maiores que um homem, se soltaram pela magnífica força que Akuma exercia sobre seu inimigo, e Maw gritou numa agonia primata enquanto seu sangue negro jorrava, misturando-se ao visco fétido que saia das feridas de Akuma. Num esforço final, Akuma arrancou Maw e o arremessou, fazendo um estrondo trovejante.

Maw se levantou, segurando suas mandíbulas arruinadas. Akuma estava apenas a uma curta distância, seu abdômen rasgado e ferido da batalha. Os dois se olhavam com ódio explícito apenas por um momento, e então ambos rugiram um último e desafiante grito de fúria e investiram um contra o outro.

Quando os dois colossos se colidiram, as presas de Maw fincaram-se nos ombros de Akuma, separando grandes porções de carne dos ossos. Akuma ignorou a dor, pressionando ambas as mãos no fino pescoço de Maw e espremendo-o com toda a sua força. O rasgo em seus ombros se intensificou, e então entrou numa energia caótica quando Maw se esforçou para respirar. Sentindo a vitória, Akuma moveu suas mãos e prendeu o inimigo pelas mandíbulas, então as separou com toda sua sinistra e sobrenatural força.

O som de rasgo da morte de Maw foi além de terrível. Dos poucos humanos ainda vivos, cada vez menos a cada segundo, muitos gritavam também, suas mentes cedendo ao horror ímpar do que estavam testemunhando. Akuma jogou as mandíbulas que tinha em cada mão, deixando-as sobre o massivo, rapidamente moribundo corpo de seu inimigo. A sede de sangue ainda estava sobre ele, e ele ergueu sua cabeça aos céus e berrou sua raiva, ódio e sede de morte numa tal cacofonia de dor que as finas e baixas nuvens se espalharam. A fera se virou, sedenta para continuar sua matança.

E então ela parou, sua raiva de batalha dissipada num instante.

Pelo campo de batalha, havia um simples humano no qual os olhos atentos de Akuma se fixaram instantaneamente. O humano estava coberto num fogo branco, e tudo dentro da proximidade imediata do humano era queimado em chamas de incomparável calor. O fogo começou a se espalhar, pulando de um

demônio para outro, não poupando nada em seu caminho enquanto aumentava. Akuma não sabia o que era, nem conhecia a fonte desse fogo, mas conhecia o sentimento que brotava em seu peito quando olhou para o humano ardente. Ele sentiu essa sensação talvez duas vezes em toda sua existência, e não gostou da experiência. Era medo.

Oni no Akuma, maior dos lordes demoníacos, saltava para longe de sua matança sem se alimentar. Tampando as terríveis feridas em seu abdômen, o lorde demônio correu do fogo branco, de alguma maneira certo de que se o fogo tocasse sua carne, também conheceria o doloroso esquecimento da morte.

O lorde demônio não parou. Quando ouviu os distantes gritos de agonia, e quando sentiu a onda de calor que varria rapidamente o campo de batalha atrás dele, e ele só correu mais rápido ainda.

Daigotsu Rekai observava a área ao redor da Tumba. Ela esperava ver a carnificina — a batalha entre os onis e os samurais que a exigiram — mas não esperava por isso.

Tudo estava preto e queimado. Onde estavam onis, havia apenas seus restos. Algo caiu sobre onde eles estava, com tamanha força que foram parcialmente liquefeitos. Ela diria que em um dia ou dois, não sobraria nada para marcar suas mortes.

Os corpos dos samurais estavam caídos como se algo os tivesse afetado, mas não da mesma maneira. Os corpos estavam todos queimados, mesmo que não houvesse evidência de fogo sobre eles, exceto a negra descoloração. Faces se foram e membros foram arrancados — apesar das roupas e armaduras permanecerem intactas.

Quando se aproximava da tumba, levando seu cavalo atrás dela, ela achou a armadura que uma vez marcou o Campeão de Esmeralda. Estava enegrecida e contorcida como todo o resto, mas havia ainda alguma cor restante nela. Talvez a qualidade da armadura era tanta que tenha durado, ou talvez o pequeno lago sobre o qual estava tivesse sido algo maior, algo que a tenha abrigado da explosão. Pouco importava. O corpo de Hachi estava desfigurado como o resto, mas não havia como errar. Ela tinha o visto várias vezes para se enganar agora. Enquanto os olhos de Rekai olhavam em volta, procurando pela espada de Hachi, houve um som de movimento. Ela saltou em prontidão, sacando sua katana no tempo de uma batida do coração, pronta para enfrentar o que quer que tenha sobrevivido à carnificina.

“Um gasto sem sentido,” disse uma voz por trás dela. A profunda voz ressoou com poder, e as palavras carregavam um sotaque que Rekai não conhecia. A criatura era humanóide, mas não diria ser um homem. A coisa era mais alta que um homem, e não tinha nenhum tipo de cabelo. Sua carne amarelada repleta de músculos e cicatrizes, e seu escuro, salpicado marrom parecia artificial de alguma maneira.

“Quem é você e quais são seus negócios?”

“Não tem necessidade dessa espada, Rekai. Não hoje. Como você, sirvo àquele que governa esta terra. Sirvo Daigotsu, apesar de não ter adotado seu nome como você. Sou chamado de Lorde Ghul.”

Rekai moveu-se. Ela nunca tinha visto essa criatura além do deserto, mas ela ouviu falar dele. Os contos eram grotescos. Ela pensou se no passado eles podiam ser verdade. E decidiu que não seriam. Agora, ela não estava certa. “Por que você está aqui?”

O Lorde Ghul moveu sua cabeça, triste. “Vim dar a esses samurais o privilégio de servirem a Daigotsu, mas parece que não será possível. As circunstâncias de suas mortes os deixaram inúteis mesmo para servos dementados.”

Rekai olhou com desgosto ao imenso desperdício. Ela retornou para procurar o horizonte. “Qual a extensão disso?”

“Quase um quilômetro e meio, centrado na tumba. Nada sobreviveu.”

“Que força teria causado isso?” ela exigiu. “demônios de Kyoso?”

O Lorde Ghul riu. “Ridículo. Os humanos não teriam chance de sobrevivência. Kyoso nunca sacrificaria seu exército inteiro apenas para mata-los alguns minutos antes. Nem mesmo ela é tão furiosa e petulante. Não, foi isso aqui.” Ele apontou a uma pilha torta de cinzas a uma curta distância. “Posso sentir o poder dentro dele. Havia duas coisas que posso sentir em toda essa destruição, e este foi o responsável pela devastação que vê à sua volta. Fede a isso.”

Rekai seguiu a direção apontada até que achou o que foi outrora Toturi Naseru, o Imperador Virtuoso de Rokugan. Seu corpo estava em piores condições que os outros, pouco mais que uma pilha de cinzas agrupadas nos restos de kimono e armadura, mas foi essa armadura que ela reconheceu. Um brilho de porcelana emanava de sua face, estranhamente com os restos. Rekai o examinou por um momento então pegou uma pequena farpa, não maior que um koku, no que se derreteu a pele do Imperador.

“Sim.” O Lorde Ghul concordou. “Este humano usou isso para destruir tudo que esteve aqui. Seu poder ecoa mesmo agora.”

Rekai guardou a farpa de porcelana em seu obi e devolveu sua atenção àquele que a tirou. “Você disse que haviam duas coisas que você ainda podia sentir no campo de batalha. Se essa é uma, qual é a outra?”

O Lorde Ghul inclinou sua cabeça e se virou para olhar o corcel de Rekai, que relinchou nervosamente e mostrou suas presas à criatura massiva. “Esperava que você pudesse me dizer, já que reside na bolsa de sua montaria. Me chama como uma sirene que nunca ouvi... Por muito tempo. O que quer que você carregue, não é desta terra. Mostre para mim.” Quando Rekai hesitou, fúria apareceu nos olhos o Lorde Ghul. Ele cuspiu enquanto repetiu raivosamente. “Mostre-me!”

Rekai hesitou por um momento, instantaneamente defensiva à insistência da criatura e ameaça de violência. Um simples dedo correu pela bainha de sua espada. Ela podia matar a criatura, disso ela tinha certeza. Ainda assim... Ela estava curiosa. Ela não sabia o que tinha na caixa, e desesperadamente desejava saber. Talvez o Lorde Ghul pudesse ser de algum uso para ela. Ela olhou-o atentamente enquanto desamarrou o pacote do cavalo e expôs o item que acreditava ser uma caixa de netsuke que pegara da Tumba. Ela parecia mais leve do que estava na primeira vez que a levantou. Ela a deixou onde pudesse ver a caixa, mas não toca-la.

A caixa estava coberta de jóias, muito maiores que qualquer outra que Rekai já tenha visto, e era encravada com a imagem de alguma espécie de besouro por toda ela. Era diferente de qualquer coisa no Império, salvo talvez de alguns objetos vagamente similares que ela tenha visto nas terras do Unicórnio em sua juventude. Havia poucas coisas que tivessem adornos similares, mas havia tantos anos que ela não conseguia lembrar-se com certeza daqueles objetos ou para que propósitos serviam além da decoração. Diante dessa visão, os olhos de Lorde Ghul se avivaram com uma luz que nunca tinha visto numa criatura de morte como esta. As jóias pareciam não ser de interesse para ele, porém, pois ele olhava as estranhas fendas ao longo das laterais da caixa. “O que é isso?” ela perguntou.

O Lorde Ghul respondeu Rekai sem remover os olhos da caixa. “Essas inscrições são pictográficos. Nunca vi como esses antes. Posso traduzi-los, se tiver tempo. Dê para mim, se você deseja saber o significado, e descobrirei o segredo por trás deles.”

“Acho que não.” Rekai recuperou a caixa. “A levarei para Daigotsu.”

Os dedos do Ghul Lorde se fecharam quando ela removia a caixa de sua vista. “Sim. Certamente. Lhe acompanharei. Eu posso achar o significado para ele. Estou certo que desejará que o faça. Sim, vamos ver Daigotsu.”

Rekai amarrou o pacote de volta ao cavalo, nunca virando as costas para seu novo companheiro de viagem. “Se acredita que pode manter o passo comigo, pode vir.” Ela fixou sobre ele um olhar perfurante. “Se você me der qualquer razão para acreditar que tentará toma-la de mim, porém, descobrirei se criaturas como você podem continuar a existir com seus corações fora de seus corpos. Compreende?”

A criatura sorriu abertamente e curvou-se de maneira sátira. “Certamente, minha dama,” disse, sua voz ainda mais intensa. “Você não tem nada a temer. Um vassalo de lorde Daigotsu nunca será ferido por mim, exceto sob seu comando.”

“Veremos,” ela disse, e conduziu seu corcel para o sul.

Os Nezumis se espalham quando devem correr. Não são tão tolos quanto os humanos, que mantém suas posições quando não há maneira de vencer. Tik’tch engatinhava sobre o terreno quebradiço, ficando à maior distância das criaturas negras que podia. Os Nezumis concordaram em ajudar o grande chefe humano, mas o grande chefe se foi e eles precisavam retornar às suas tribos.

Ele parou por um momento e farejou o ar, procurando por sinais de perseguição. Não achou nenhum, mas ainda havia um aroma que reconhecia. Oh’krch saltou do arbusto atrás dele, quase jogando-o no chão em sua pressa. “Oh! Tik’tch” o batedor estalou euforicamente. “Apresse! Não podemos parar de mover!”

“Espere, Oh’krch. As bestas negras não perseguindo. Elas lutam contra outros homens. Elas não poupar sua ira para os Nezumis.”

Oh’krch mexeu sua cabeça dolorosamente. “Não podemos dar chance. Devemos levar novo tesouro de volta para chefe-de-guerra. Venha! Venha rápido!”

Oh’krch correu tão rapidamente quanto quando chegara. Tik’tch observava-o ir e pensava se o batedor tinha visto Tik’tch roubar do samurai. A idéia de roubar era algo que os humanos lhes ensinaram. Para Tik’tch, as coisas eram escondidas numa toca perdida, esquecida por incontáveis passados atrás. Como poderia os humanos dizer que aquilo era deles ao invés dos Nezumis? Era tolice, mas humanos eram criaturas tolas. O chefe-de-guerra ficaria bravo? Ele acreditaria que Tik’tch trouxe a ira dos humanos sobre a Fêmur Quebrado? Se fosse, o chefe-de-guerra tomaria o tesouro dele e o devolveria aos humanos.

No fim, suas preocupações eram menos importantes que o senso de dever à Única Tribo, e ele correu atrás do rapidamente desaparecido Oh’krch. Os dois correram por horas. Tic’tch não tinha idéia de onde estavam indo, mas Oh’krch parecia seguir um caminho exato. Não havia dúvida que ele tinha um destino em mente. Em breve eles se acharam nas sombras do grande muro humano. Oh’krch moveu Tik’tch para frente. “Aqui. O Terceiro Bigode nos mostrará o caminho. Venha!”

Tck’tch seguiu Oh’krch enquanto ele escorregou para trás de uma pedra e achou uma pequena abertura na base do muro. Não era grande o bastante para a maioria das criaturas deste lado, ou mesmo muitos humanos para esse assunto. Ele seguiu enquanto o buraco se tornou um túnel e o túnel se tornou um labirinto. Não era longo, porém, antes que Tik’tch pudesse farejar outros de sua raça. Finalmente eles se aproximaram da luz à frente e acharam uma pequena toca, escavada na rocha. Os sobreviventes da tribo Fêmur Quebrado que foram para as Terras Sombrias estavam lá.

“Chefe-de-guerra Set’tch, cria do grande chefe Set’tch’chet. Lhe trazemos algo de grande valor da tumba humana!”

Agora Tik’tch estava em pânico. “Não! É meu e não de sua tribo! Você não irá tomar da Pata Trêmula apenas porque servimos de batedores para os humanos!

É meu!"

Antes que Tik'tch pudesse registrar o confuso olhar na face Oh'krch, dois Nezumis apareceram de um túnel diferente. "Você não precisa render seu tesouro à Fêmur Quebrado, Tik'tch, mas nos deixará ver?"

Os olhos do jovem batedor ventaram em surpresa e seus bigodes tremiam nervosamente. "Me desculpe, Chefe-dos-chefes Kan'okt'icheck. Não percebi que estavam aí."

O grisalho nezumi, seu pêlo branco, falho e cortado de muitas batalhas, dispensava os medos de Tik'tch com um movimento de sua cauda e uma mexida de seus bigodes. "Não se preocupe. Eu apenas quero ver o que você achou."

Tik'tck concordou e entregou uma pequena bolsa, passando-a para o chefe da Única Tribo. "Peguei isso da enegrecida que cavalgava com os samurais. Parece areia, mas cheira estranho, e estava dentro de uma brilhosa caixa que ela pegou da tumba. Peguei por que eu vi um dos enegrecidos matar Chitik, e me deixou bravo. Quis tomar algo deles, mas tive medo de pegar a caixa. Tive medo que os enegrecidos me matassem."

Kan'ok'ticheck olhou para a caixa e disse, "Não se preocupe, Tik'tcch. Você fez bem." O chefe se virou para o chefe-de-guerra do Fêmur. "Isso lhe diz algo, Set'tch?"

O chefe-de-guerra se inclinou para frente e farejou as areias com cuidado, enquanto eles o olhavam. "Esta é similar à areia que está no norte das terras do Fêmur Quebrado," ele disse. "Uma grande quantidade está lá. Assim como água no grande mar, ou como as terras negras das quais retornamos."

"Sua tribo lembra das areias," disse Kan'ok'ticheck quietamente.

"Nossos Lembradores nos contam que havia espíritos malignos entre as areias," confirmou o chefe-de-guerra. "Coisas negras que nos caçaram muitos ontens atrás. Por isso a Fêmur não seguiu o Açougueiro-Gohei quando ele se foi, os Lembradores dizem. Por que os espíritos na areia nos matariam."

"Não vejo espíritos," disse o Chefe-dos-chefes.

"Não," Set'tch concordou calmamente. "Nenhum espírito."

"Areia estranha," Kan'ok'ticheck disse. Ele testou o peso do saco em sua pata por um momento, então se virou para Tik'tch e então para Oh'krch. "Interessante, mas não acho que seja isso que você queira nos mostrar."

Oh'krch mexeu a cabeça. "Não. Eu nem mesmo conheço isso." A cabeça de Tik'tch estava baixa.

"Então o que achou?"

"Eu peguei isso da tumba enquanto os humanos reuniam coisas." Oh'krch mostrou uma ampulheta. "Não sei o que é, mas também contém areia." Ele passou a ampulheta para Kan'ok'ticheck.

Ele se virou, observando o correr da areia, antes de virá-la de novo. "Isso formiga. Atch-zin, veja isso, por favor." O nezumi que entrou com Kan'ok'ticheck caminhou para frente. Ele era um velho roedor, coberto num fino e ruivo pêlo. Sua túnica e acessórios diziam que ele era um xamã.

Ele pegou a ampulheta e quase a deixou cair, tirando sua mão como que se queimasse. "É... É... Amanhã."

Todo nezumi na caverna, exceto por Kan'ok'ticheck, se afastou, para longe da ampulheta. O roedor branco se curvou e disse, "Pode me mostrar, Atch-zin? Mostrar-me o que é isso?"

O nariz do xamã se contorceu, mas ele não se retirou. Ele tocou tanto Kan'ok'ticheck e a ampulheta. Quando ele estava em contato, fechou os olhos e estremeceu. O chefe também fechou os olhos e estava visivelmente abalado pelo o quer que estivesse atrás de suas pálpebras. Atch-zin manteve a conexão até que Kan'ok'ticheck o empurrasse, apesar de ser claramente difícil para ambos.

Eles demoraram um momento, mas então Kan'ok'ticheck se levantou e se referiu aos outros nezumis, cobertos de medo. "Ele estava certo. É o Amanhã. Ele está vindo." Ele pausou e olhou de face em face. "Está vindo, mas não é mais o tempo de correr. Quando Amanhã vier, o enfrentaremos e o recusaremos. A Única Tribo se unirá e não seremos perdidos na memória."

"O Amanhã vem, mas nós o derrotaremos."

Conhecimentos Negros

Escrito por Rusty Priske

A Grande Muralha do Carpinteiro

A batalha terminou tão logo começara. Os reforços de Leão e Caranguejo atacaram o inimigo com incontestável despreocupação, empolgados pelas novas da queda do Imperador. Hida Tonoji levou seus homens à linha de frente, mergulhando no calor da batalha. Ele rugia em fúria, sua sede de sangue concentrada nos furiosos ataques que derrubava demônios a cada golpe. O exército das Terras Sombrias estava incapaz de conter o ataque da fanática Quarta Legião, e foi logo forçado a recuar para as Terras Sombrias numa completa derrota. A Legião Imperial e seus aliados do Leão retornaram a terras seguras, guardando os defensores do Império.

Os curandeiros do Caranguejo se apressaram para tratar os feridos. Hida Kuon olhou por sobre o restante da expedição que viajou para lá. Eles estavam exaustos, muitos feridos, e sofrendo dos horrores que enfrentaram. Eles tinham perdido amigos e aliados na marcha. Eles falharam em seus deveres. Os samurais não se abalaram diante do desespero que ameaça massacrar seus pensamentos. Kuon conhecia todos esses sentimentos. Ele os conquistou durante os dias depois da queda da Muralha Kaiu. O sentimento era deles para enfrentarem e conquistarem, mas talvez ele pudesse ajuda-los na tentativa.

"O Caranguejo agradece pelo que todos vocês tentaram fazer hoje," Gritou Kuon, sua voz trovejando pelo pátio. "Vocês serão recompensados por conquistar este feito. Ofereço a todos abrigo e comida por quanto tempo desejarem, e nós os ajudaremos a acharem o caminho de volta para suas casas assim que descansarem."

Ele se virou da beira da parede e foi embora. Hida Benjiro seguiu ao seu lado e o resto dos conselheiros de Kuon também. Eles podiam sentir a relutância de Kuon em se manter em silêncio, relutantes em serem os primeiros a conhecerem os pensamentos furiosos e tempestuosos de seu senhor. Eles continuaram por dúzias de Caranguejos de pé na muralha, todos concentrados no horizonte ao sul. Finalmente, eles chegaram às escadas que levavam ao resto do castelo. Kuon parou. Ele se virou para seus homens.

"Certifiquem-se de que todos estão sendo atendidos e tratados," ordenou Kuon. "Providenciem quartos para eles. Enviem os Caçadores de Bruxas para procurarem sinais da Mácula e para isolarem qualquer um que demonstre sintomas, ou que proteste ao tratamento." Ele olhou para Benjiro. "Certifique-se que os Escorpiões sejam revistados e desarmados. Não abrigarei meus inimigos em minha casa."

Benjiro concordou. "Será feito," ele disse.

"Quando acabar, venha à minha câmara de audiências. Descobriremos se este objeto valeu a morte de um Imperador." Kuon disse olhando intensamente para o pacote em suas mãos. Benjiro se virou e rapidamente desceu as escadas. O Campeão continuou desse jeito, refletindo sobre os eventos recentes que alcançavam seus destinos.

Com um gesto, ele dispensou suas companhias e entrou na sala. Ele olhou o cômodo vazio. Sem cerimônias ele se dirigiu a um grande papiro que estava num pedestal de pedra. Ele levantou a pena e escreveu o nome do Imperador, juntamente com incontáveis outros de diferentes clãs e famílias. Esse era o lugar onde o Caranguejo gravava os nomes dos estrangeiros que pereciam nas Terras Sombrias ou nas províncias do Caranguejo.

"Três Imperadores pereceram em minha vida," disse Kuon às paredes. "todos lutando contra nosso eterno inimigo, as Terras Sombrias. Eu falhei em protegê-los." Ele golpeou seu punho contra o pedestal de pedra violentamente, então fechou seus olhos e moveu sua cabeça. Depois de um momento de introspecção, ele abriu o pacote em mãos.

Dentro do pacote estava um livro, um objeto gaijin que se tornou popular entre certos segmentos de estudiosos devido à sua maior capacidade de retenção de informação permanecendo pequeno o bastante para ser transportado. Este, porém, tinha um símbolo de uma aranha, com símbolos menores, criando um estranho, complicado padrão que parecia se estender à página. Se ele tirasse os olhos dele, parecia ter visto ele se mover levemente. Quando olhava de volta, eles obviamente estavam onde sempre estiveram.

O livro o enchia com uma sensação de desconforto, mas se achou estranhamente tentado a abri-lo e explorar seus conteúdos. Sua mão deslizou sobre a capa, mas seus instintos gritantes fizeram-no retroceder como que se queimasse. Kuon se virou e olhou na direção das Terras Sombrias. Aquela terra maldita nunca pararia de assombrá-lo com seus mil males. Ele olhou de volta para o pedestal e estava alarmado em ver que o livro colocou novamente sua mão para abri-lo. Ele se assustou e caminhou para trás, olhando para o livro como se imaginando que se queimaria de novo.

A porta abriu por trás dele. "Benjiro está cumprindo suas ordens, Kuon-sama, mas me pediu para enviar-lhe a notícia de que o destacamento Escorpião não está em lugar algum. Eles devem ter se esgueirado durante o caos," reportou Yasuki Jinn-Kuen.

"Típico," respondeu Kuon de maneira ausente, nunca tirando seus olhos do livro.

Jinn-Kuen concordou. "Eles sempre somem nas sombras. Ninguém dá falta deles até que já tenham sumido." Ele apontou para as mãos de Kuon. "Este é o item da Tumba? Você descobriu algo?"

"Tansho está aqui?" perguntou Kuon secamente.

"Kuni Tansho?" Jinn-Kuen parecia surpreso. "Meu senhor, estive fora por dias. Não tenho idéia."

"Claro," disse Kuon. "Ela partiu ontem, engano meu." Ele arrastou seu olhar do livro com esforço e fixou-o sobre Benjiro. "Ache Presságio."

Jinn-Kuen olhou para ele incredulamente. "Como eu posso achar um Oráculo?"

"Apenas se vire."

Ambos se viraram para ver a forma de Presságio na soleira da porta. Como sempre, o homem radiava uma anormal aura que normalmente incomodava os outros, indubitavelmente um resultado de sua ligação com o Dragão de Jade. Nesse caso, porém, Kuon estava aliviado, a presença de um Oráculo parecia afugentar a sombra de sua mente. "Como sabe?" ele perguntou.

"O senti no momento em que deixou a Tumba," disse Presságio, seu olhar fixo no livro.

Kuon olhou de volta para ele. "O que é, Presságio-sama?"

"Conhecimento," respondeu Presságio. "A arma mais perigosa de todas."

Kyuden Bayushi

No começo de seu mandato, cada Campeão do Clã Escorpião escolhia sua própria câmara para atender visitantes que queriam uma audiência privada. Antes de sua ascensão, Bayushi Paneki desenvolveu uma reputação em alguns lugares como assassino impiedoso e sua câmara de audiências era especialmente desenhada para mostrar sua infâmia. Paneki se sentou no meio da sala atrás de uma baixa mesa abarrotada de manuscritos e selos. A única fonte de luz era uma simples lanterna no canto da mesa. Os cantos da sala estavam cobertos de escuridão. Uma pessoa poderia muito bem ficar no canto e estar completamente escondida da visão. Paneki gostava de usar todo recurso disponível para ajudar em suas negociações.

A porta se abriu com um pequeno suspiro. "Hira, da família Iuchi," disse um servo oculto, e o visitante entrou. Ele era um homem jovem com longos cabelos negros que fluíam atrás dele. Todo movimento seu estava carregado com um vigor pouco contido. Ele pareceu não afetado pela decoração da sala e ao invés disso sorriu com alegria quando viu o Campeão. Paneki sorriu e empurrou o manuscrito diante dele para o lado. Ele se curvou polidamente ao embaixador do Unicórnio.

"Hira-san, é um prazer revê-lo. Faz muito tempo," disse Paneki.

"Uma vida inteira, Paneki-sama, ainda que tenha deixado uma impressão difícil de se lidar. Parece que foi ontem que você chegou em Shiro Iuchi à frente de um exército para nos libertar," Respondeu Hira. Ele se curvou profundamente numa demonstração genuína de respeito. "Meu pai manda seus melhores votos e suas mais profundas lamentações por não poder vir nesta jornada."

"Me arrependo de ter pouco tempo para visitar velhos amigos. Não tenho tido um jogo decente de shogi desde que seu pai me derrotou da última vez que estive em sua casa."

"Ele conta a história toda vez que o vejo," disse Hira sorrindo. Ele se curvou e permaneceu prostrado enquanto colocava um manuscrito selado diante do Campeão Escorpião. "Vim trazendo um presente, Paneki-sama."

Paneki mexeu sua cabeça e empurrou o manuscrito de volta a Hira. "Faz muito tempo, meu amigo, e sua presença já é presente o suficiente."

"Você me superestima, meu senhor, mas não seria apropriado para uma pessoa de minha estação chegar sem nada em mãos na presença de um Campeão."

"Besteira. Que uso tem o protocolo entre velhos amigos?"

"Tudo, Paneki-sama," respondeu Hira. "Se não seguíssemos as regras determinadas pela sociedade, somos pouco mais que rudes feras."

"Então, velho amigo, aceitarei seu presente no espírito pelo qual me ofereceu. Obrigado." Paneki curvou-se levemente ao seu visitante e tomou o manuscrito. Hira sorriu abertamente. Ele olhava intencionalmente à face de Paneki enquanto este abria o rolo. Todo rubor desapareceu da face de Paneki enquanto lia as palavras.

Finalmente, Paneki olhou para cima e Hira gelou. Seus olhos acharam os de Hira e o Unicórnio sentiu o medo percorrer-lhe. Os olhos de Paneki estavam completamente desprovidos de emoção. Hira de repente lembrou-se do tigre que certa vez encontrou enquanto viajou para a Floresta Shinomen. "Um presente de arroz," disse Paneki placidamente. "Que gentileza a do Khan."

Hira sorriu fracamente. "Mesmo em terras do Unicórnio, temos ouvido da pouca colheita do Escorpião. Apesar de estar certo de que seu clã não precisa, o Khan achou que o arroz pudesse ser uma demonstração de boa fé entre nossos dois clãs. Eu tive a honra de entregar esta mensagem."

"Você achou que eu recusaria?" perguntou Paneki calmamente. "É por isso que você o apresentou como se fosse um presente de um velho amigo? Porque o recusaria?"

"Fiz apenas o que me foi ordenado," disse Hira, seu tom era nervoso. "O Khan indubitavelmente sabe que o Escorpião não desejaria estar em dívida a outro, e apenas garantiu que aceitaria o presente no espírito em que ele foi oferecido."

"Sem dúvida," disse Paneki secamente. "Tenho certeza de que o Khan não enviou tamanha recompensa com você hoje."

"Não," respondeu Hira. "Ele deve ser entregue no meio da estação do inverno, provavelmente quando suas colheitas tiverem se esgotado. Não que o Escorpião precise de tanta ajuda, certamente," ele adicionou rapidamente.

"Ouvi dizer que o Khan planeja presente similar ao Dragão," disse Paneki.

"Não sei nada sobre tais planos," disse Hira. "Apenas desejei rever um velho amigo, e obedecer às ordens de meu Khan. Não tenho outro objetivo, Paneki-sama."

"Não insultaria um velho amigo questionando o motivo por trás do presente," disse Paneki, por fim. "O arroz será bem usado, obrigado."

Por acordo mútuo, os dois samurais mudaram o assunto e falaram de assuntos menos intensos. Hira logo pediu desculpas e deixou a presença do Campeão. Enquanto caminhava de volta à sala, Hira pensava se seguir as ordens do Khan tinha permanentemente destruído uma velha amizade.

Uma hora depois a porta se abriu novamente, e um servo anunciou a chegada da daimyo da família Soshi. Ela entrou pela abertura e se curvou polidamente, cada movimento seu uma enciclopédia de elegância. "Meu senhor," ela disse suavemente, e se apressou para junto de seu Campeão.

"Yukimi-chan," disse Paneki. Seu pincel corria o espaço enquanto continuava seu trabalho. "Que agradável surpresa. Yogo Koji não estará aqui por outro dia."

A shugenja pausou num contrapé. A verdadeira daimyo da família Soshi era uma mulher astuta chamada Soshi Uidori. Ela foi amaldiçoada em nascer uma de três irmãs idênticas, uma ocorrência que muitos no Império associariam com grande azar. Naturalmente, o Escorpião transformou-a numa vantagem. As irmãs poderiam uma ocupar um lugar da outra, e poucas pessoas notariam a diferença. "Como é que sempre vê através de nosso truque, Paneki-sama?"

Paneki colocou seu selo no documento e o pôs de lado. "É algo simples," ele disse. E olhou para cima e sorriu. "Você é a mais bela, querida."

Yukimi riu. Ela se curvou graciosamente. "Estou feliz em agradar-lhe, meu senhor," ela respondeu.

"Verdadeiramente, vocês três podem ser muito previsíveis. Você detém os interesses do Escorpião em todo movimento. Quando convoquei a daimyo da família Soshi a mim, sua irmã Uidori deve ter percebido que suas perícias seriam mais úteis para mim que as dela por hora. O sensei do Dojô do Olho Fechado teria alguns especialistas no assunto."

"Poucos homens podem dizer o que vêem no coração de uma mulher. Suponho que o Mestre dos Segredos possa fazer o que digo com facilidade."

"Este é o maior elogio que um homem pode receber," disse Paneki. Ele se levantou. "Venha comigo," ele disse, e se virou para a parede atrás dele. Com um toque em algum sensor escondido, uma porta se abriu e revelou uma passagem escurecida. A dupla silenciosa adentrou os corredores escondidos de Kyuden Bayushi, vagarosamente movendo-se pelos porões do castelo. Quando Paneki parou diante de uma porta oculta, Yukimi percebeu que não fazia idéia de onde estava.

Eles entraram numa saleta, apesar de ser melhor descrita como uma cela. Uma pequena mesa era a única coisa colocada ali dentro, e um homem vestido inteiramente de preto se sentava contra o muro. Quando os dois entraram na sala, ele rapidamente se pôs de pé e se ajoelhou diante do Campeão.

"Este é Shosuro Aroru, um dos meus mais leais servos," disse Paneki. "Você ouviu as notícias de nosso Imperador?"

"Sim," disse Yukimi, sua cabeça baixa. "Ouvi esta manhã. Este homem estava na expedição?"

"Ele agiu como líder do Escorpião. Ele direcionou nossos homens e estava lá na batalha decisiva. Quando o Imperador ordenou que seus oficiais do exército defensor o deixassem de lado, Aroru pegou um item da Tumba. O que você pode nos dizer sobre ele, Aroru?"

"Nada, Paneki-sama." respondeu Aroru. Quando o achei dentro da Tumba, sabia que devia ser protegido. O pus dentro de uma pele velha. Não abri o pacote desde então, mesmo depois que retornei para casa."

Paneki apontou para uma caixa de madeira colocada no meio da mesa. Sem mais delongas, Yukimi moveu-se adiante e começou a examinar a antiga caixa. Ela murmurou para si e cantou aos kamis. Paneki e Aroru simplesmente esperaram e observaram enquanto ela fazia seu trabalho. Finalmente, ela moveu sua mão sobre a tampa da caixa e ela se abriu.

Um brilho verde preencheu a sala. Os olhos de Yukimi se abriram e ela viu o conteúdo da caixa. Ela recolocou a tampa da caixa e se afastou.

Yukimi olhou para o seu Campeão. "Meu senhor," ela disse, sua voz falhava. "Isto é uma Escritura Negra. O poder do manuscrito e os fortes selos que bloqueiam a natureza maligna do espírito guardado dentro dela é gigantesca." Suas mãos tremiam, como que se tentassem prendê-lo.

A expressão de Paneki não se abalou. "Tinha a impressão de que estivéssemos certos da localização de muitas Escrituras Negras. De cada uma delas, qual está tão completamente fora de nossa visão? Adivinhação Negra? Toque de Fu Leng? Nossos agentes nunca acharam o paradeiro delas."

Ela moveu a cabeça. Paneki podia ver o terror nas profundezas de seus olhos arregalados. "Não, Paneki-sama. Este é um manuscrito antigo e posso sentir que nunca foi aberto. Esta Escritura Negra nunca foi aberta antes. Esse manuscrito é algum novo mal."

"Duvidoso," disse Paneki. "Todas as Escrituras foram abertas. Se não tivessem, Fu Leng não teria sido derrotado no Segundo Dia do Trovão."

"Não é uma das Escrituras Negras que conhecemos," insistiu Yukimi. "Posso identificá-las sem dúvidas. Esta escritura... Nunca vi algo parecido. Eu não sei o que ela contém, ou que outro poder poderia ser capturado de tal maneira para criar uma Escritura Negra, mas tem algo. Isso é algo completamente novo e sem precedentes."

Por trás de sua máscara, a cor abandonava o rosto de Paneki.

"O que é isso?" Insistiu Kuon. "Presságio, eu devo saber, o que você tem permissão para me dizer sobre esse item? Eu sei que você está limitado a não interferir em certos aspectos, mas..."

"Não se preocupe com minhas restrições," disse Presságio. "Não é esse o assunto em discussão. O item que você recuperou é o Tao de Fu Leng. É um antigo tratado que detalha as forças e fraquezas daqueles que possuem a marca do

Jigoku, o que vocês chamam de Mácula das Terras Sombrias."

"Ele contém feitiços, então," disse Jinn-Kuen.

"Quem dera," disse Presságio. "É um discurso de filosofia e argumentação. É uma realização dos mais terríveis atos e pensamentos que uma mente mortal pode conceber. Ele fala do cumprimento dos objetivos do Kami Negro. Mesmo ficar em sua presença por longos períodos de tempo pode ser perigoso. Acredito que essas palavras corrompidas são mais traiçoeiras que qualquer item imbuído com simples magia de sangue."

Jinn-Kuen empalideceu. "Ajudei a trazer tal monstruosidade para nossas terras?"

"Melhor conosco do que arriscando libertá-lo em algum lugar no Império," respondeu Kuon.

Presságio moveu sua cabeça solenemente. "Se caísse em mãos erradas, o conhecimento negro dentro dele corromperia os leitores e espalharia um grande mal no Império. Temos sorte que Jinn-Kuen foi sábio o bastante para pegá-lo. Devemos cuidar para que tal sorte maligna não seja liberada."

"Resolveria nossos problemas se simplesmente o destruíssemos," disse Jinn-Kuen. "Tenho aliados que seriam capazes de tal coisa, meu senhor."

Presságio moveu sua cabeça. "O Tao de Fu Leng é muito poderoso para ser destruído em segurança. A possibilidade que ele se restaure em algum outro lugar é forte, o que nos tiraria o conhecimento de sua localização, ou em posse de quem estaria. Contanto que Fu Leng lidere o Jigoku, o livro existe de alguma maneira. Ele deve ser guardado. Aqueles que seguem o Kami Negro irão querer esse livro a todo custo. Os Perdidos virão por ele, e nada os deterá. A fé deles é diferente de qualquer coisa que o Caranguejo já testemunhou."

Kuon concordou decisivamente. "Procurem por aqueles de nosso clã que viram a Tumba dos Sete Trovões, e que tenham visto este item. Precisamos ter certeza que não foram tocados pela influência de Fu Leng." Ele se virou para Jinn-Kuen. "Há alguém mais que poderia tê-lo visto?"

Jinn-Kuen mexeu a cabeça. "Eu fui o único Caranguejo dentro da Tumba. Fui o único a tocar o item. Espere... Não, Benjiro o carregou por algum tempo antes que alcançássemos a Muralha, mas nunca viu ou soube o que estava dentro. É possível que tenha sido afetado?"

"Não podemos correr o risco," disse Kuon. "Presságio-sama, leve esta abominação e ache um lugar seguro para ela. Devemos ter certeza de que ninguém seja capaz de acessar os poderes que este item representa. Nenhum recurso lhe será negado."

"Uma sábia decisão," disse Presságio. Ele amarrou o livro em peles nas quais ele chegou e o pendurou. "Partirei para as terras Kuni assim que Benjiro vier diante de nós."

Kuon foi até a entrada e abriu as portas, apontando para as sentinelas de pé do lado de fora. "Achem Benjiro e tragam-no a esta sala imediatamente," ordenou Kuon.

Os guardas curvaram-se e correram pelos saguões. Apenas alguns minutos depois Benjiro apareceu, sua expressão era curiosa. "Suas ordens foram cumpridas, Kuon-sama. O que mais você quer de mim?"

Jinn-Kuen deu um passo a frente. Ficando entre Kuon e Benjiro, ele parecia uma criança, mas seus olhos queimavam com intensidade. "O item da Tumba," ele exigiu. "você o abriu?"

Benjiro estranhou, parecendo intrigado pela resposta. "Você sabe que não."

"Pense!" insistiu Jinn-Kuen. "Ele se desamarrou em algum ponto? As peles caíram em algum momento durante a corrida para a Muralha?"

"Não," insistiu Benjiro. "Nunca vi o que estava dentro."

Kuon concordou, satisfeito. "Bom. Obrigado. Presságio?"

"Não detecto a marca do livro em nenhum desses homens," respondeu o Oráculo. "Isso satisfaz seu interrogatório?"

"Sim, obrigado," disse Kuon.

Presságio se virou para ir embora, o livro em posição segura, mas Kuon refletiu novamente enquanto o Oráculo caminhava para a porta. "Espere, Presságio," disse Kuon. "Como você pôde me contar sobre o livro? Você me disse que está atado às leis que mantém a neutralidade. Como você pôde driblar esta limitação?"

Presságio sorriu. Os outros pareciam surpresos em ver a tristeza implícita na face do Oráculo, mas ninguém foi descortês o bastante para falar a respeito. "Eu fui livre em responder, pois o equilíbrio já foi quebrado."

Enquanto o Oráculo partia, Kuon pensou se as palavras de despedida dele não foram igualmente perturbadoras quanto a presença do livro que carregava.

"Qual o significado deste novo item, então?" Exigiu Paneki. "Este item não pode existir. É impossível." Ele pausou por um momento, querendo diminuir o alarme interior dele. "Haveria mais?" ele exigiu.

Yukimi moveu a cabeça. "É impossível dizer a menos que ela seja examinada. Não podemos saber a verdade dessa coisa a menos que seja lida, e se o fizermos correremos o risco de liberar o que quer que seja a força maligna contida dentro dela."

Paneki olhou o objeto, ira e medo percorrendo o seu coração. "Varra a câmara de meditação sobre nós," ele disse calmamente. "Avise os Yogo." Ele se virou para encontrar os olhos dela. "Quero os Kuroiban aqui imediatamente."

"Certamente," ela disse. Yukimi se virou para o outro pacote. Ele repousava sobre a mesa, atado num velho kimono negro. Um brilho de ouro despontou do topo da estatueta de dragão. "Mas primeiro, sobre o outro item? Talvez devêssemos examiná-lo."

Aroru deu um passo à frente. "Dei minha palavra de que protegeria este item até que chegasse às terras do Dragão, minha dama."

Yukimi zombou com desgosto. "De que vale sua palavra a um estrangeiro se seu superior pede para que ela seja quebrada? O item do Dragão foi achado no mesmo lugar que o manuscrito. Se o item tiver metade do poder de uma Escritura Negra devemos conhecer seus segredos." Ela olhou para Paneki. "Talvez," ela ofereceu casualmente, "Aroru-san ache um acidente em seu caminho para as terras do Dragão e o item seja perdido. Um trágico fim para tal herói."

"Não," disse Paneki por fim, "o item do Dragão não será tocado. Requereria muito poder humano para resolver seus enigmas antes que o Dragão note seu desaparecimento. Não alienarei nossos mais convictos aliados. E Aroru é muito valioso para ser gasto com uma simples distração." Ele se virou para o silencioso assassino. "Não espire uma palavra do que foi transpirado essa noite, Aroru," ordenou Paneki. "Descanse, termine seus deveres com rapidez, e retorne a mim."

Aroru concordou. "Deseja que mate Daigotsu Soetsu?"

"Em breve," disse Paneki, "mas ainda não. Ele ainda tem um uso."

"Perdoe-me por dizer isso, meu senhor," começou Jinn-Kuen, "mas há um assunto extremamente importante em mãos que espero que o senhor tenha considerado."

Kuon se virou para o homem minúsculo, surpreso por suas palavras. "Mais importante que um artefato mortal e venenoso em nosso meio, um que trará Perdidos sobre nós como uma praga? Por favor, ilumine-me."

Jinn-Kuen estendeu as palmas abertas, como se para acalmar seu Campeão. "Perdoe-me se presumo demais, Kuon-sama, mas o Imperador Virtuoso está morto. O trono está vazio."

Kuon observou o astuto Yasuki. "Quer dizer?"

"O trono deve estar em mãos fortes, Kuon-sama, se o Império deve prosperar. O povo precisará de um Imperador que está pronto para fazer o que for preciso para protegê-lo dos perigos que cercam suas terras. As forças das Terras Sombrias têm nos atacado de novo e de novo recentemente. Quem melhor para guiar o Império do que alguém que compreenda nosso maior inimigo?"

A sala ficou em silêncio por um momento. Jinn-Kuen esperou com sua cabeça curvada. Benjiro procurou na face de seu Campeão por um sinal de seus pensamentos interiores, mas Kuon estava tão introspectivo como sempre. Finalmente, Kuon moveu a cabeça. "Não é tempo de tratar tais assuntos. As terras do Caranguejo devem estar a salvo antes que nos preocupemos com o resto do Império, e nós temos aturado os ataques de nosso inimigo por tempo demais. Continue com os preparativos, Benjiro."

Benjiro concordou. "Estamos quase prontos, Kuon-sama. E em breve estaremos prontos para marchar para as terras do Escorpião."

Presentes dos Ancestrais

Escrito por Nancy Sauer

O ritmo não era puxado, mas a cavalgada foi longa e os cavalos estavam respirando pesado quando alcançaram o topo. Seishiro olhou para Nagori e ambos pediram uma pausa para um rápido descanso. Seishiro gastou o tempo para estudar o vale abaixo dele. Jardins, campos, pequenas copas de árvores, o esplendor imposto de Kyuden Doji — nada parecia abalado ou fora de lugar.

"Não acho que os bordos ficarão muito vermelhos esse ano," disse Nagori. Ele apontava para um grupo na descida diante deles. "Vê? Alguns deles já começaram a perder suas folhas, antes mesmo que a cor tenha aparecido."

"Duvido que Lady Doji tenha nos convocado para conferir sobre as folhas das árvores," disse Seishiro.

"Embora um de nós pudesse esperar por isso," disse Nagori.

Seishiro não tinha resposta para isso. A mensagem de Domotai não veio por mensageiros humanos, mas pela boa vontade dos kamis do ar, enviados de uma das shugenjas de sua casa para Asahina Handen, e ela ordenava que Nagori em pessoa viesse para Kyuden Doji com a máxima rapidez possível. Era incomum para uma mensagem ser enviada por shugenjas dessa maneira, o que era tipicamente reservado para assuntos de importância considerável. Ela não mencionava o Imperador, ou aqueles que foram enviados atrás dele, e isso incomodava Seishiro mais do que gostaria de admitir. Nagori não tinha mencionado o assunto, mas o guerreiro pensou que também pudesse estar incomodando-o também. Em vários momentos durante a jornada, Seishiro esteve pronto para descer de sua cela com prazer e o poeta sugeriu prontamente que cavalgassem um pouco mais.

Eles esporaram seus cavalos e os enviavam pelas estradas até Kyuden Doji. Logo eles estavam adentrando um dos pátios internos do palácio. Servos chegavam para levar os cavalos, seguidos por uma jovem. Seishiro achou que ela lhe parecia familiar, mas ele não conseguia lembrar seu nome. "Saudações, Nagori-

sama, Seishiro-sama," ela disse, depois de curvar-se aos dois homens. "Lady Doji diz que irá encontrar-se com vocês imediatamente."

Nagori curvou-se em retorno. "Obrigado, Chieri-san," ele disse. "Por favor, diga a Lady Doji que iremos encontrá-la tão logo nos banhemos e nos troquemos."

"Minhas desculpas por não ter sido clara," Disse Chieri. "Lady Doji diz que ela irá encontrar-se com vocês agora." Ela pôs uma ênfase na última palavra.

Nagori e Seishiro trocaram estranheza, olhares preocupados. Aparecer na corte da Campeã da Garça sem banho e fedendo à estrada era impensável. Desobedecer uma ordem da Campeã da Garça mais ainda. "Nós é que devíamos estar nos desculpando," disse Nagori por fim. "Você foi bem clara — nós a veremos imediatamente."

Para alívio de Seishiro, Chieri não os havia levado para uma câmara de audiência pública mas para uma pequena sala de estudos. Domotai já estava ali, sentada a uma mesa de escrita. Os dois homens a ofereceram seus cumprimentos, cada um privadamente notando detalhes da sala e imaginando que pistas eles ofereciam sobre o encontro. Seishiro notou uma incomum katana repousando numa estante de daisho na alcova à direita. Nagori notou o pesado, pungente odor de incenso que Domotai estava queimando.

"Me dói muito ser tão rude, mas temos pouco tempo para planejar," disse Domotai depois que dispensou Chieri. "Asahina Sekawa retornou das Terras Sombrias. O Imperador está morto."

Seishiro curvou sua cabeça para esconder sua face. Depois de um momento, Nagori falou. "Como?"

"De acordo com Sekawa, pouco depois do Imperador encontrar a Tumba um exército de onis atacou, tentando matá-lo. Então a força do Campeão de Esmeralda chegou para defende-lo, juntamente com um regimento dos Perdidos de Daigotsu." Domotai sorriu levemente ao olhar das faces de Nagori e Seishiro. "Então temos a confirmação da notícia de que Daigotsu está em conflito com os Lordes Soberanos dos onis. Mas para continuar, o Imperador encontrou um volume de manuscritos e outros itens na tumba, coisas que pensou serem desesperadamente importantes que o Império tenha. Tão importantes que ordenou Sekawa e aos outros oficiais trazê-las de volta, enquanto ele ficou para trás, como isca."

"Manuscritos? Que manuscritos valem a vida de um Imperador?" disse Seishiro, sua voz era brava. "Como Sekawa pôde concordar com isso? Ele deveria ser iluminado, não insano!"

"Você não falará do Campeão de Jade dessa maneira," disse Domotai. "Embora pareça louco para nós, o Virtuoso Imperador deu um comando, e Sekawa seguiu os desejos de seu senhor. Ele estava exausto por sua jornada da Muralha para cá, mas não muito depois ele fez seu depoimento em seu caminho para Shinden Asahina para estudar os manuscritos e pôr o que puder aprender em ação."

"E o Campeão de Esmeralda?" perguntou Nagori.

"Yasuki Hachi também está morto," disse Domotai. "Ele se recusou em deixar o lado do Imperador." Ela hesitou um momento, e então sua voz se amaciou, se tornou como a de uma garota que foi certa vez. "Desculpe-me, Nagori."

"Ele fez a escolha com a qual poderia viver," disse Nagori. Sua voz era triste, sua face congelada numa máscara de compostura. "Eu suponho... Suponho que deva escrever um poema sobre isso."

"Sekawa retornou, Hachi pereceu, e quanto a Daidoji Kikaze?" disse Seishiro.

"Kikaze retornou," disse Domotai, numa voz que não foi convidativa a mais questões.

"Então os Asahina e os Daidoji ainda têm um senhor," disse Seishiro, "mas os Yasuki não. Acho que teremos dificuldades em achar um candidato aceitável para o Caranguejo."

"O Caranguejo, infelizmente, é a menor de nossas preocupações," disse Domotai. "Não sabemos quem é o herdeiro do Imperador."

"Por quê? Não seria," começou Seishiro, e então pausou. "um de seus irmãos?"

"Assim parece," disse Domotai. "mas qual? Sezaru está em condições de governar?"

"Difícil dizer, minha Lady," disse Seishiro "o casamento com Angai parece ter trazido alguma paz ao Lobo, mas não há como dizer como reagirá às notícias da morte de seu irmão."

"Se for nomeado como herdeiro certamente os apoiaremos," disse Domotai. "Mas não gosto da idéia de um Imperador insano."

"Melhor um lunático que um ladrão," contrapôs Seishiro.

"Ainda que possa ser Kaneka o herdeiro do Imperador, e que haja uma vantagem para nós," disse Nagori. Ele ignorou o olhar que Seishiro lhe deu. "Ele está casado com uma Doji, e o precedente de uma Imperatriz do Escorpião não é bom."

Domotai suspirou e enxugou sua testa levemente. A ação fazia o estômago de Seishiro doer levemente — ele viu Doji Akiko fazer o mesmo gesto várias vezes. "Manteremos nosso apoio à Imperatriz até que o herdeiro do Imperador seja conhecido e o poder transferido a ele. Enquanto isso, devemos trabalhar para aumentar nossas relações com os dois homens. Há uma última coisa." Domotai se levantou de seu lugar, foi à estante de daisho, e reverenciando-a, pegou a katana que estava nela. Ela caminhou pela sua mesa e se ajoelhou de fronte aos dois homens, pondo a espada a poucos centímetros para que pudessem examiná-la. A bainha estava ricamente laçada em azul celeste e ornada com prata. A lâmina estava livre de ferrugem e afiada, mas olhando ao miolo do aço, Seishiro achou que devesse ser velha, muito velha. "Esta espada foi achada na Tumba por Kikaze, e Sekawa se comunicou com os kamis dentro dela para descobrir sua identidade. Esta é a espada de Kakita."

"Como pode ser?" perguntou Nagori. "A espada de Kakita está disposta na Academia Kakita — eu mesmo a vi. E não se parece em nada com esta."

Domotai mexeu a cabeça. "Esta é a espada que Hantei deu a ele quando se casou com Doji, a espada que usou até sua morte. Esta é a espada que carregou para o norte, a espada que usou para vencer o primeiro Campeonato de Esmeralda."

"Mas como pôde chegar à Tumba?" disse Seishiro. "Por que não há registros de seu desaparecimento?"

"Não sabemos," disse Domotai. "Mas não parece, adequadamente falando, que desapareceu. Ordenei uma pesquisa pelos registros e há uma nota algum tempo depois do Primeiro Dia do Trovão que Kakita entregou a espada como um presente. Não é dito para quem."

"O que fará com ela?" perguntou Nagori.

"É por isso que convoquei vocês aqui," disse Domotai. "Sekawa está convencido de que todos os itens foram postos lá por uma razão, e que eles foram achados por uma nova razão. Ele quer que eu a dê de presente para uma pessoa de valor, para que seu propósito possa ser cumprido. Quero que me aconselhem a quem devo dá-la."

"Um estudante dos Kakita seria o mais apropriado," disse Nagori. "E não temos escassez de valiosos estudantes: Kakita Korihime, Kakita Matabei, Doji Seo, — "

"Não," disse Domotai. "Não devemos dá-la a um duelista treinado pelos Kakita."

Nagori e Seishiro olharam para ela. "Por quê?" perguntou Nagori.

"Esta é a espada que Kakita usou para derrotar Matsu no torneio que começou a longa dívida entre nossas casas, e se a der para um duelista então tudo que farei será lembrar ambos disso. Meu pai lutou para quebrar a maldição de Chukandomo e encerrar a dívida, e não destruirei o seu trabalho."

"Perdoe-me, Domotai-sama," disse Nagori. "Você está certa."

"Se este é o caso," disse Seishiro reflexivo, "deveria dá-la a Nagori."

"Eu?" disse Nagori.

"Por toda sua vida, Kakita estudou as artes, não apenas duelos — você é tão aluno de Kakita quanto Korihime. E ele trabalhou incansavelmente em benefício do Império, assim como você tem servido o Imperador na Corte, e antes disso, como um dos conselheiros do Campeão de Esmeralda."

"Ele tem razão," disse Domotai.

"Estou honrado pela comparação," disse Nagori, "Mas certamente a espada de Kakita deve ir para alguém que possa usá-la."

"Uma espada não precisa ser sacada para ser útil," disse Domotai. "Meramente tê-la adicionará peso às suas palavras na corte, pois todos saberão que você recebeu uma grande honra de sua campeã. Sua influência crescerá, e você será capaz de fazer muito mais coisas por seu clã e pelo Império."

"Vocês põem uma grande confiança em mim," disse Nagori. "Não sei se sou digno dela."

"Nunca duvide de mim, primo," disse Domotai. Ela deslizou a espada de volta à bainha e presenteou Nagori com a espada. "Nunca duvidei de você."

Nagori curvou-se profundamente e aceitou a espada.

Não se parecia diferente de qualquer outra urna funeral; Ikoma Yasuko tinha certeza de que poderia ir ao Saguão dos Ancestrais e achar uma dúzia iguais àquela. Ainda assim, ela não conseguia tirar os olhos dela. Estava numa pequena mesa de frente para o oratório, com nada que indicasse que continha as cinzas da Primeira Trovão do Leão.

Kitsu Katsuko estava de pé na frente da urna, oferecendo incenso e reverências. Yasuko aproveitou a oportunidade para olhar em volta. O templo estava cheio de samurais do Leão, todos pareciam ter a mesma fascinação pela urna que ela. A idéia de que as cinzas de Lady Matsu tinham sido preservadas incorruptíveis nas Terras Sombrias desde o Primeiro Dia do Trovão era muito fantástica para se acreditar, e ainda assim estavam lá. A própria Katsuko conduzia o ritual que se comunicou com os ancestrais do Leão para determinar o conteúdo da urna. Yasuko não achou que a daimyo Kitsu estivesse errada, mas ela ainda achava a idéia difícil de acreditar.

Katsuko terminou a oferenda, moveu-se para o lado e começou a recitar uma reza. Matsu Yoshino, o jovem Campeão do Leão se ergueu e ofereceu incenso. Depois dele, um por um, os senhores do Clã fizeram suas oferendas. Yasuko ergueu-se depois de seu marido e se dirigiu à urna. Enquanto deixava sua porção de incenso e curvava-se diante da urna, ela privadamente se maravilhava do quão sincero parecia o gesto. Seu sensei Escorpião a treinou para usar tais ações para manipular e enganar — mas esta era Matsu, a primeira Trovão do Leão, companheira de Shosuro, e apenas a verdadeira reverência serviria.

Ela retornou ao seu assento e esperou pacientemente pelo fim da cerimônia.

Nesse momento, ela estava certa, Kyuden Bayushi estaria fervilhando com as notícias da morte do Imperador. Relatórios recentes de espiões seriam estudados, ordens de novas informações seriam enviadas, planos e planos de contingência seriam feitos. Aqui em Kyuden Ikoma o Leão perdia toda atividade supérflua — e a definição do Leão para supérflua era estranhamente abrangente — para que cerimônias honrando Toturi III e celebrações do retorno de Matsu ao reino mortal pudessem ser feitas. Ela poderia considerar as ações do Leão tolas no passado, mas Yasuko agora os conhecia melhor. Os Leões estavam apenas interessados em quem seria o próximo Imperador, mas eles não esqueceram que eles eram. Eles eram o Clã Leão, a Mão Direita do Imperador, o clã que deposita sua devoção no bushido, na honra, e nos ancestrais acima de todas as outras coisas. Da perspectiva do Leão, ela achava, as atividades do Escorpião falavam de uma certa falta de auto-confiança.

O ritual chegou ao fim, com Katsuko oferecendo algumas palavras finais de como Lady Matsu certamente os guiaria em qualquer que fosse o futuro do clã. Uma última rodada de reverências dos samurais reunidos e estava acabado. Yasuko esperou pacientemente até que Otemi viesse buscá-la. "Yoshino-sama deseja que nos encontremos com ele em uma hora," ele a contou. Yasuko apenas concordou. Era a hora dela se tornar uma Escorpião de novo.

"Eu não entendo!" disse Yoshino. "Por que não sabemos quem é o herdeiro do Imperador?"

"O Imperador Virtuoso era um homem que entendia bem o valor da informação, meu Campeão," disse Otemi. "Sua escolha de qual irmão o sucederia, caso ele morresse sem saída, daria visões aos seus pensamentos, visões que ele não queria dar aos seus inimigos." Sem mencionar, pensou Yasuko, uma razão para que alguns quisessem sua cabeça. Mas esse era um pensamento que um Leão nunca pensaria, e que nem mesmo um Escorpião falaria.

"Inimigos," disse Yoshino com desdém. "Traidores! Somos a Mão Direita do Imperador. Seus inimigos tremem de medo de sermos derramados sobre eles."

"O Clã Leão jurou ao Imperador Esplêndido que agiríamos para proteger o Império, não o Imperador," disse Otemi. "Seu filho nunca nos pediria que transgredíssemos esse juramento."

"Talvez precisemos jurar um novo juramento," disse Yoshino. "O Imperador talvez não tivesse ninguém para confiar, então foi sozinho para as Terras Sombrias e foi morto. De que isso serve para o Império?"

Otemi pareceu querer falar, mas então pausou como se contido por um pensamento. "Há verdade em suas palavras, Yoshino-sama. Mas apenas o Imperador aprovaria tal mudança."

"Ou a Imperatriz," disse Yasuko. Os dois olharam para ela em surpresa. "Ela foi especificamente deixada em cargo da Corte Imperial enquanto o Imperador se retirava. Até que seu herdeiro esteja oficialmente coroado, ela fala com a voz do Imperador."

Yoshino sorriu triunfantemente. "Otemi-san, você preparará a petição necessária imediatamente."

"Como quiser, meu Campeão," disse Otemi. "Também posso preparar uma resposta para a oferta de Doji Domotai?"

"Casamento," disse Yoshino. "Por que me casaria com uma Garça?"

"Devemos fortalecer nossas alianças com eles, Yoshino-sama," disse Otemi com paciência.

"Ela já é forte," disse Yoshino. "Domotai foi treinada pelo Leão, e ela está casada com o filho de Korin. Por que devemos dar-lhes a chance de influenciar nossas ações?"

Os olhos de Otemi caíram sobre sua esposa por uma fração de momentos; Yasuko não teria visto se já não estivesse esperando por isso. "Yoshino-sama, não é questão deles nos influenciarem, mas de nós os influenciamos. A Liderança não diz 'pareça fraco quando você está forte?'" Ela esperou que concordassem para continuar. "Nossa influência sobre a Campeã deles é tão forte agora que fará os membros de mente fraca de sua corte terem medo. Casando-se com uma Garça você os acalmará e dificultará que argumentem contra nós."

Yoshino considerou isso. "Liderança se aplica à Corte?"

"Sem dúvidas," disse Yasuko. "Cortesãos são samurais, assim como a corte é um campo de batalha."

"Então, eu o farei," disse Yoshino.

"Terei a carta escrita," disse Otemi. "Apenas resta a questão de honrar Matsu Benika. Alguns propuseram que uma família de vassalos seja criada, mas acho que uma simples concessão de terras—"

"Escolhi o presente para ela," anunciou Yoshino. "Ela deve receber Chukandomo."

"Chukandomo?" disse Otemi.

"Chukandomo," disse Yoshino. "Ela foi forjada por um Trovão, qual seria um presente apropriado para aqueles que recuperaram um Trovão. E foi dada como presente ao meu pai pelo próprio Doji Kurohito, então isso acalmará os Garças nervosos com os quais você se preocupa." Ele sorriu triunfantemente.

"Sim," disse Otemi. "Sim, acalmará, Yoshino-sama. Precisaremos achá-la, e então prontificar a cerimônia."

"Sei onde está," disse Yoshino. "Está nos quartos de minha tia em Shiro Matsu. Meu pai deu a ela, e ela a usou em importantes cerimônias antes... Antes..." Ele esteve quieto por um momento. "Ela me disse que era uma espada que amava honra."

"Então deixe Benika usá-la com honra," disse Otemi.

Quando Yoshino se foi, Otemi se virou para sua esposa. "Você não recebeu as notícias?" Ela balançou a cabeça enquanto suspirava. "O Império não conhecerá a verdadeira paz até sabermos quem é o herdeiro."

"Benika se lembra que houve um grupo que deixou o campo de batalha depois que o de Sekawa o fez. Um deles, um Mantis, pareceu ter novas notícias."

"E ele não deixaria essa decisão até o último momento, deixaria?"

Yasuko deu de ombros. "Ele foi aluno de dois Imperadores. Quem pode prever sua mente? E não perdemos nada por investigar."

"Não temos influência com o Mantis."

"Se você tem kokus, você tem bastante influência com o Mantis."

"Confiarei isso a você, então. Korin está ocupado vigiando o Unicórnio. As recentes ações do Khan não fazem sentido, e isso é perturbador."

"Como quiser, meu marido. Mas... Você sabe que deveremos dividir o que aprendermos."

"Eu sei." Otemi deu à sua esposa um gélido sorriso. "Paneki diz ser o Defensor do Império; compartilharemos o que sabemos e julgaremos sua reclamação pelo que fizer com ela."

Yasuko curvou-se levemente e saiu. Enquanto caminhava pelas salas ela passou por um bordo que começava a ficar vermelho. Em anos anteriores, ela sempre aproveitava a explosão de cor que caía no severo castelo Leão. Agora ela pensava se possivelmente evitaria ver que suas folhas ficavam com a cor de sangue fresco.

Equilíbrio de Poder

Escrito por Shawn Carman

Templo dos Shi-Tien Yen-Wang, províncias Moto

Moto Tsusung correu sua mão delicadamente pela intacta superfície do rubi, procurando por qualquer sinal de mistérios que poderia residir em sua superfície. Uma fenda escondida, talvez, ou uma lasca que poderia não ter sido notada anteriormente. Era inútil, claro. Ele e outros já examinaram a jóia centenas de vezes, talvez milhares. Ainda assim, ele não podia evitar. Era como se o objeto se tornasse um conserto em seus pensamentos, uma constante presença da qual não podia escapar. Ele tinha uma noção do que estava escondido, mas ninguém podia dizer como libertá-lo.

A jovem mulher de pé ao seu lado moveu sua cabeça, nunca tirando os olhos do objeto. "Não entendo como tal magia é possível. Li referências de tais coisas em terras distantes, mas achar algo dessa natureza nas Terras Sombrias? E isso não demonstra nenhum traço de corrupção? Parece impossível."

"Existem mais coisas possíveis que podemos imaginar," disse Tsusung. "Nossa ignorância não força o mundo a se adequar à nossa vontade."

"Palavras problemáticas de um sacerdote chefe da morte," uma grave voz disse da entrada do templo. Moto Chagatai, Khan do Unicórnio, entrava sem preâmbulos, parando na frente do templo onde os dois shugenjas estiveram estudando a gema com extasiada atenção. "O mundo pode se adaptar ou não às vontades de alguém, mas só se ele for forte o bastante."

"Certamente, meu senhor," disse Tsusung com uma baixa reverência. "Somos todos abençoados em compartilhar da ilimitada força de nosso lorde Khan."

Chagatai sorriu levemente, mas foi uma breve expressão. Ele se virou para os dois outros shugenjas, e deu a eles um olhar avaliativo. "Esta é sua aluna, então?" ele perguntou.

"Sim, me senhor," respondeu o sacerdote. "Horiuchi Rikako, anteriormente uma conselheira do Shogun."

"Estou honrada," disse Rikako com uma profunda reverência.

Chagatai a olhou por um momento, então se voltou a Tsusung. "A lealdade dela é suficiente para ser confiada com um assunto dessa importância?" ele perguntou brutamente.

"Sim," disse Tsusung instantaneamente.

"Meu antigo senhor, Kaneka, me disse para servir-lhes como a ele," disse Rikako ao Khan. "Quero honrar o comando sem reservas."

"Vejo que o faz," ele disse. "Quais notícias temos do rubi?"

Tsusung fechou-se. "Temo que progredimos um pouco. Rikako é talentosa em artefatos, mas ainda não temos noção de como libertar o espírito preso dentro dele."

"Você tem certeza de que o espírito não é maligno?"

"Não podemos ter certeza, meu Khan," admitiu Tsusung. "Posso dizer que não está corrompido. O que quer que esteja dentro do rubi não é das Terras Sombrias, e posso sentir uma essência de magia Iuchi dentro dele também."

Chagatai concordou. “Então continue, mas lembre-se que minha paciência não é infinita. Há outros assuntos que se beneficiariam de sua atenção, e por agora não mais tolerarei o desperdício de recursos no que parece ser um quebra-cabeças sem resolução.”

“Certamente, Chagatai-sama,” curvou-se Tsusung. Ele hesitou por um momento, então continuou. “Houve notícias do emissário ao Escorpião?”

“Houve,” confirmou Chagatai. “Paneki aceitou nossa oferta, como sabia que iria. Nosso embaixador deve estar chegando da corte do Dragão pelo fim dessa semana também. Espero o mesmo de Satsu. Ele se importa muito com a vida daqueles que o servem para recusar.”

“Aliados ao norte e ao sul,” observou Rikako. “Isso deixaria apenas o Leão, e sem aliados para chamar ao evento que deve ser... Desagradável.”

Chagatai a favoreceu com um sorriso tolerante. “Não superestime nossos laços, garota. Mas sim, quando o Leão for punido por sua temeridade, não haverá aliados para complicar o assunto desnecessariamente.”

“Exceto pela Garça, obviamente,” ela adicionou. “Mas, quando as linhas de batalha são formadas, eles raramente são aliados de valor.”

Dessa vez o sorriso de Chagatai foi genuíno. “Aprovo sua estudante, Tsusung. Esperemos que ela possa ajudá-lo em seu enigma.”

Tsusung começou a responder, mas um clamor repentino fora do templo o interrompeu. Chagatai se virou e rumou para a porta, sua face uma máscara de irritação. Como no passado, a mera presença da raiva do Khan era o bastante para fazer o sangue de Tsusung gelar. Ele ofereceu uma breve prece para aqueles que o perturbavam, tão perto do palácio do Khan, tivessem uma boa razão para fazê-lo, a menos que os Lordes da Morte quisessem derramar suas bênçãos sobre ele.

Chagatai trovejou pela porta do templo, suas mãos fechadas em punhos enquanto observava a área à procura da perturbação. Um jovem batedor Shinjo ergueu-se e rapidamente curvou-se de sua sela. “Meu senhor Khan!” ele exclamou. “É Chen-sama! Ele voltou das Terras Sombrias!”

A expressão do Khan mudou-se da raiva instantaneamente. Tsusung podia vê-lo avaliando as notícias e contemplando possíveis resultados. “Quantos cavalgam com ele?” ele exigiu.

“Bem poucos,” disse o batedor abatido. “Eles estão no grande estábulo, cuidando de suas montarias.”

Chagatai não disse mais nada, mas caminhou diretamente para o vasto estábulo que foi construído em Shiro Moto. Era uma distância curta, mas quando chegaram, Tsusung estava respirando pesadamente do esforço de manter o passo com a marcha determinada do Khan. “Chen!” ele berrou. “Relatório!”

Um guerreiro solitário emergiu-se dos outros, sua armadura rachada e em pedaços em vários lugares. Ele carregava um estranho pacote. “Meu Khan,” ele disse, caindo sobre um joelho. “Trago más notícias. O Imperador caiu.”

O ar ao redor do Khan pareceu esfriar-se. “Naseru está morto?” ele perguntou calmamente.

Chen concordou. “Ele caiu em batalha, como um guerreiro deveria. Ele nos salvou da morte.”

“Por quê?” exigiu o Khan. “Por que ele faria tal coisa? Ele não é um guerreiro. Ele é um cortesão. Um político.” Ele parecia quase bravo.

“Ele escolheu morrer para que o resto de nós pudesse viver. Ele escolheu morrer para que pudéssemos trazer o legado dos Sete Trovões de volta ao Império.” Chen entregou o pacote a Chagatai. “Em seu nome, ofereço-lhe isso.”

Chagatai pegou o pacote e o entregou a Tsusung sem olhá-lo. “Você estava lá?” ele perguntou para Chen. “Estava lá quando ele morreu?”

Chen moveu a cabeça. “Não estava. Obedeci suas ordens e deixei a batalha antes que estivesse acabada. Acredito que Shinjo Turong testemunhou o fim, ou quase.”

“Houve alguém que falou com ele antes de morrer?” pressionou Chagatai. “Ele disse algo?”

Chen abaixou sua face. “Não sei, meu senhor. Pelo que sei, não.”

“Contate nossos representantes em Toshi Ranbo,” disse Chagatai de uma vez, virando-se para Tsusung. “Quero saber o que acontecerá quando essas palavras alcançarem a cidade, se já não chegaram lá. Quero saber o que é dito a respeito da linha de sucessão.”

Tsusung estranhou. “Será difícil enviar uma mensagem para tão longe,” admitiu ele. “O esforço de qualquer shugenja ao enviar tal mensagem irá...”

“Não perguntei se poderia ser feito,” disse Chagatai com calma. “Ordenei que fosse feito.”

Tsusung curvou-se de uma vez. “Certamente, meu Khan. Verei isso feito imediatamente.”

Chagatai concordou. Quase num pós-pensamento, ele olhou de volta ao pacote. “O que é isso?” ele perguntou.

“Mal o olhei,” admitiu Chen. “Peguei o que estivesse mais perto e rumei para o horizonte.”

Chagatai virou-se para o shugenja, e Tsusung cuidadosamente abriu o pacote. Ele estranhou seu conteúdo, um pequeno modelo de um kobune, não maior que um brinquedo de criança, aparentemente esculpido de jade e encravado com vários símbolos que não reconhecia. Ele o pegou melhor e tocou-o, e então retirou sua mão rapidamente. Sua visão titubeou por um momento. Atrás dele, ele ouviu Rikako gritar levemente enquanto ela quase caiu ao chão do estábulo.

“Tsusung,” disse Chagatai severamente. “O que é isso?”

“Esta coisa... Este kobune,” disse Tsusung, “tem a essência do Tengoku sobre ele.”

“O que?” disse Chen incredulamente. “Como você pode saber isso?”

“Os kamis,” disse Rikako. “Eles são filhos do Céu, num sentido. Falando com eles, interagindo com eles, dá a um shugenja a leve impressão de como é o toque dos céus. Isto... É como mil kamis convergindo de uma vez. É quase esmagador.”

“O que é isso?” insistiu Chagatai.

“Nunca vi ou senti algo como isso,” admitiu Tsusung. “Não sei, meu senhor.” Ele se virou para sua aluna. “Rikako?”

Ela mexeu a cabeça, então se aproximou. “Nunca ouvir de tal... Espere.” Ela tocou o kobune com um dedo, tremendo a fazê-lo, “Acredito que reconheço este símbolo. Sim. Sim! O vi quando era criança, quando estudei na livraria de Shinden Horiuchi!”

“E?” Sibilou Chagatai entre dentes cerrados.

“Este símbolo é usado para denotar a Fortuna Suitengu, Fortuna do Mar,” ela explicou empolgada. “Lendas dizem que ele viajava do Tengoku para o Ningendo num kobune celestial, e que suas vindas e idas causavam grandes tempestades pelas quais era temido.” Ela moveu a cabeça. “Nunca imaginei que tais coisas pudessem ser mais que simples mitos. Viajar aos reinos espirituais é supostamente impossível.”

Chen olhou para o Khan. “Talvez não,” ele mortificou.

“Isso?” Disse Chagatai, contendo-se. “Deseja que acredite que este brinquedo é o veículo de uma Fortuna?”

“Não,” respondeu ela, “mas acredito que possa ser um fragmento. Há um mito que Suitengu certa vez batalhou contra um grande demônio aquático, um oni do Mar das Sombras, e que o demônio era poderoso o bastante para rachar o casco antes de ter sido destruído. Eles dizem que Suitengu ficou muito furioso pela humanidade ter falhado em proteger seu domínio da corrupção das Terras Sombrias.”

“Isso é uma farsa,” estalou Chagatai. “Tsusung, você acredita nessas baboseiras?”

Tsusung mexeu a cabeça. “Não conheço essas lendas,” ele admitiu, “mas acredito no conhecimento de Rikako sobre tais assuntos e não posso negar o poder que esse objeto contém. Minimiza qualquer coisa que já pus em mãos.”

“Então pegue-o,” disse o Khan, abanando sua mão. “Ponha-o com seu rubi, se quiser. Se você puder determinar como isso pode ser útil para mim, então informe-me imediatamente. Enquanto isso, tenho assuntos mais urgentes. Quero ouvir mais da batalha e da morte do Imperador.”

Rikako olhou os dois guerreiros irem para o palácio. “Ele não compreende,” ela sussurrou. “O poder contido nesse objeto... É enorme!”

Tsusung mexeu a cabeça. “Você não entende. Se há algo que Chagatai-sama compreende perfeitamente, é poder. Ele achará um jeito de usar isso à sua vantagem e quando o fizer,” sua voz diminuiu enquanto olhava para o kobune. “Os Lordes da Morte aprovarão,” ele terminou.

Shiro Kitsuki, sopé das Montanhas do Dragão

Mirumoto Mareshi tirou seu capacete com um suspiro de alívio, correndo sua mão pelo seu cabelo suado. Houve pouco tempo para amenidades como banhos por algum tempo, e ele fez pouco mais do que simples pausa nas fontes montanhosas por semanas. Ele se sentia acabado, e imaginou que sua própria presença nos saguões do Shiro Kitsuki fosse uma ofensa a todos os que andaram pelos corredores ao longo dos anos. Ainda assim, não era como se ele tivesse escolha no momento.

“Mareshi-san.” A mulher que o aguardava às portas da câmara curvou-se respeitosamente. “É bom ver você também.”

“Obrigado, Iweko-sama,” ele respondeu, curvando-se mais baixo. “Embora não esteja completamente certo de que pareço bem.”

O sorriso de Iweko amaciou-se. “Você parece um homem que se sacrificou muito em nome de seu clã. Posso pensar que poucos fizeram tanto. Se existe alguém que não pode ver além de sua face, são tolos.”

Mareshi sorriu abertamente. “Você é muito gentil.” Ele olhou às portas gigantes. “Quando ele chegou?”

“Quem pode dizer?” ela respondeu. “Ele simplesmente estava aqui, então perguntou por você.”

“Então devo ir,” disse Mareshi. “Obrigado, Lady Iweko.”

Mareshi pensou em tentar melhorar sua aparência por um momento, mas descartou a idéia como inútil. Ele abriu a porta e adentrou à câmara de audiência primária do castelo.

Uma sensação familiar o invadiu. Era um leve grau de pânico, que o tomava toda vez que estava na presença de seu senhor, Togashi Satsu. As poucas vezes que ousou falar da sensação para outros, ele descobriu que ninguém mais a sentia. Ele não tinha escolha senão assumir que era uma resposta instintiva, provavelmente resultado do sangue Naga de sua mãe. Os Nagas, pareciam entender a uma entidade como Satsu como predador. Uma resposta lógica, mas era desnecessária. A vida de Mareshi pertencia a Satsu, e não questionaria isso. Assim como no passado, ele forçou a sensação para o canto de sua mente e caminhou.

A câmara estava estranhamente vazia, sem sinal de seu senhor. Havia apenas dois homens, um Dragão e outro de preto, esperando por ele. O Dragão andou para frente. "Mareshi-sama," ele disse com uma leve reverência.

Mareshi pensou por um momento, então lembrou-se do nome do homem. "Mirumoto Hirohisa," ele disse. "Comandante da torre de vigília do norte, se bem me lembro. Não sabia que foi convocado ao fronte."

"Hai," ele respondeu. "Estive entre os privilegiados de acompanhar Rosanjin-sama para as Terras Sombrias em defesa do Imperador."

Os olhos de Mareshi alargaram-se. "Você retornou!" ele disse. "Vim do fronte há uma hora, e não ouvi quaisquer notícias. Onde está Rosanjin-sama? O Imperador retornou em segurança para a capital?"

Hirohisa baixou sua cabeça. "Ele está perdido," ele sussurrou roucamente.

Mareshi olhou para ele com descrença. "O Imperador?"

O oficial confirmou. "Rosanjin também, como muitos outros."

Mareshi sentiu a força deixar suas pernas, e por um momento ele pensou em sentar-se no chão. Mirumoto Rosanjin foi seu senhor, comandante e seu amigo. Ele poderia ter ido, quanto mais o Imperador... Era demais. "O que houve?" ele disse numa rouca voz.

"O Imperador se sacrificou na Tumba dos Sete Trovões," disse Hirohisa. "Ele se sacrificou para que pudéssemos preservar as relíquias da tumba. Ele acreditou que fossem necessárias para sobrevivência do Império." Ele parou por um momento, como se esforçasse por algo. "Rosanjin-sama parou no caminho para... Atrasar os demônios, para que o resto de nós pudesse chegar à Muralha." O homem fechou seus punhos, sua face, uma máscara de angústia. "Deveria ter ficado com ele," ele disse. "Deveria ter morrido, para que ele retornasse."

"Não," a voz veio de todos os lugares. A fraca luz iluminou a metade sul da sala, e uma massiva forma emergiu das sombras. Mareshi tinha certeza que não estava ali a um instante atrás, mas à visão da gigantesca, ofídica forma, o pânico o tomara de novo. Ele o pôs de lado. "Rosanjin escolheu o seu destino. Ele morreu como viveu, e devemos honrar sua decisão."

"Lorde Satsu," disse Mareshi, ajoelhando-se. "Eu... Eu não sei o que dizer."

"Lidaremos com a perda de Rosanjin num momento," disse Satsu, seus olhos brilhando enquanto observava a sala. "Primeiro, devemos resolver o assunto em mãos. Este é Shosuro Aroru."

O homem de preto deu um passo à frente e curvou-se diante de Mareshi. "A honra é minha, Mareshi-sama."

"Igualmente," ele respondeu, retornando a reverência.

"Aroru esteve com Rosanjin e Hirohisa na batalha, e retornou com as notícias de sua morte."

Mareshi concordou. "É confortante, ao menos, saber que meu senhor pereceu lutando ao lado de tais homens."

"Deveria ter sido eu," repetiu Hirohisa com calma.

"Chega," disse Satsu firmemente. "Você foi poupado por razões que ainda não sabemos. Seu destino virá quando for a hora. Até lá, viva em sua memória, se isso lhe conforta." Hirohisa concordou em silêncio, o Campeão do Dragão então retornou sua atenção para o Escorpião. "Aroru trouxe algo mais também."

"Sim, Satsu-sama." O homem de preto retirou um pequeno pacote das mangas de seu manto e o entregou a Mareshi. "Foi pego da Tumba por Rosanjin, e quando escolheu ficar para trás, ele me pediu para que entregasse aos seus."

"O que é isso?" perguntou Mareshi.

"Não examinei seus conteúdos, nem permiti que examinassem. Foi meu desejo e desejo de Lorde Paneki que apenas o Dragão o olhasse."

"Obrigado por isso," disse Mareshi. "Em toda oportunidade, o Escorpião continua a provar seu valor como nossos aliados e nossos amigos." Ele hesitou por um momento. "Por que isso..." sua voz sumira.

"Não foi dado a mim porque Rosanjin me incumbiu de outro dever," respondeu Hirohisa. "E ordenou a Maya para transportar o item escolhido por Shiba Aikune para as terras da Fênix. Não havia outro Fênix para levá-lo, assim como não havia outro Dragão."

"Nenhum outro..." Mareshi se encheu com um repleto senso de honra. "Dois?" ele perguntou. "Dois de vocês retornaram?"

Hirohisa concordou.

"Pelas Fortunas," disse Mareshi com calma.

"É um dia para ser lembrado pelo Império pela perda do Imperador, e aqueles que serviram-no com honra," disse Satsu. "Por agora, porém, devemos nos concentrar no assunto em mãos. Mareshi, o pacote."

"Sim, meu senhor." Ele pegou a bolsa que o Escorpião lhe oferecera e começou a desamarrá-la, pausando momentaneamente com um olhar a Aroru.

"Não temos nada o que esconder de nossos irmãos," disse Satsu.

"Não, meu senhor," insistiu Aroru. "Estou grato por sua confiança, mas não é para meus olhos, e devo retornar para minha casa. Sou necessário lá."

"Certamente," disse Satsu. "Hirohisa, garanta que Aroru-san tenha uma completa guarda de honra em seu caminho para a fronteira. Me arrependo de não poder dar-lhe proteção além disso, Aroru."

A máscara do homem obscurecia sua face, mas por seu tom, Mareshi pensou que ele tivesse sorrido. "Estou certo que posso evitar o Leão e a Garça, meu senhor." Com outra reverência, ele seguiu o oficial Dragão da sala, fechando a porta placidamente atrás deles.

Mareshi desamarrou o pacote e olhou curiosamente aos seus conteúdos. Era um espelho, de algum tipo, mas feito de um minério esverdeado. Estava disposto entre dragões de jade entrelaçados. Apesar de sua aparência exótica, não havia nada em no próprio objeto que lhe chamasse atenção, mas o reflexo nele mostrava algo completamente diferente.

Dentro do espelho, Mareshi parecia diferente. Sua armadura, roupa e outros acessórios eram os mesmos, mas sua face parecia diferente de alguma maneira. Características ofídicas espalhavam-se por ela enquanto ele pendia de um lado para outro, nunca ficando mais que um instante. Ele estranhou, assim como o homem-serpente no espelho. Mareshi reconheceu as características impostas sobre as suas. Ele as viu com mais freqüência em sua juventude, quando passou certas gerações entre o povo de sua mãe, pouco antes que retornassem ao Grande Sono. "Este espelho," ele começou.

"Mostra a verdade," rugiu Satsu. "Ele mostra a forma mais pura daquelas coisas refletidas nele, quaisquer que sejam. Mesmo olhando-o em minha forma humana, eu apareço como agora. Um homem com um negro e atormentado coração apareceria como um demônio dentro dele. É uma poderosa ferramenta, e deve ser usado com honra."

"Você conhece esse espelho?" perguntou Mareshi.

Satsu sacudiu a cauda. "Tenho... Memórias dele," ele disse. Seu tom estranhamente evasivo. "Acredito que meu avô o conhecia."

"O que deve ser feito com ele?"

"Será levado à Alta Casa da Luz, e a ordem que meu pai fundou irá estudá-lo. Talvez não existam outros no Império que tenham uma chance de determinar como ele pode ser usado adequadamente. Arrumar um transporte seguro para ele será o primeiro de seus novos deveres."

Mareshi levantou suas sobrancelhas. "Meu senhor?"

"Com a perda de Rosanjin, o Dragão está consideravelmente enfraquecido," disse Satsu. "Isso não pode acontecer, particularmente agora. Fomos desafiados na corte e no campo de batalha, e devemos lidar com ambos. Houve um desonrado incidente com a Garça durante o retorno à Muralha, um que indica doença em seus corações. Isso dificultará a batalha na corte deles a longo prazo, mas não podemos assumir que será suficiente."

"Sou um soldado, meu senhor," respondeu Mareshi. "Farei o que mandares, mas temo que posso fazer pouco sobre o ataque da Garça sobre nós nas cortes."

"Não é verdade," disse Satsu. "Rosanjin não deixou um herdeiro escolhido como seu predecessor. Uso foi escolhido na hora devido à reconciliação de seu pai com o clã de seu nascimento. Com as linhagens de Uso e Rosanjin terminadas, sua linhagem é herdeira por direito da posição de daimyo."

Mareshi sacudiu a cabeça. "O que está dizendo, meu senhor?"

"Sua linhagem já governou os Mirumoto," disse Satsu. "É hora de governarem de novo. Sua descendência não pode ser disputada."

Mareshi andou para trás em surpresa. "Meu senhor, eu... Eu não sou um líder. Não sou um político."

"Nem Rosanjin."

"Você disse que a linhagem de Rosanjin terminou," protestou Mareshi. "Não é verdade. Sua irmã Masae é a Guardiã do Ar. A posição é por direito dela."

"Ela não a aceitará," disse Satsu. "Você sabe disso tão bem quanto eu. Não a forçarei numa posição de escolha entre o estado de Guardiã ou a posição de daimyo. Ela estaria muito desonrada de qualquer maneira."

"Devem haver outros capacitados para assumirem o cargo. Quando Uso morreu, Rosanjin foi escolhido apesar de sua falta de laços familiares. Certamente isso poderia ser feito de novo se beneficiasse o clã."

"Não há outro mais qualificado," disse Satsu.

"E Kei?" disse Mareshi. "Ela é capaz em todas as coisas. Eu testemunhei sua perícia com meus próprios olhos. Sei que ela estaria melhor capacitada para liderar."

"Escolhi você," disse Satsu.

Mareshi encolheu-se pensativo por um momento. "Se eu fosse casado, então poderia ter o direito de dividir meus deveres com minha esposa, se achasse adequado, não? Assim como outros Campeões já fizeram."

Satsu confirmou com a cabeça e se referiu ao jovem curiosamente. "Não é algo sem precedentes."

"Então peço o direito para me casar com Mirumoto Kei," disse Mareshi. "Uma vez que a guerra acabe, determinaremos como proceder. Imagino que um de nós administrará a família enquanto o outro supervisiona a milícia."

Satsu teria sorrido, mas era difícil dizer. "Você nunca falha em me surpreender, Mareshi-san. O que é uma raridade, da qual muito me arrependo." O grande dragão pausou por um momento. "Você tem minha permissão para se casar com Kei. Enviarei a notícia à família dela." Ele pausou de novo. "Seus pais se casaram por amor mútuo. Enquanto é raro no Império, não é algo inédito. Você não deseja isso para si?"

"Não posso por meu dever de lado," disse Mareshi prontamente. "Este é o melhor para o clã. Não amo Kei, mas a respeito. Isso é tudo que posso pedir."

Satsu comoveu-se incansavelmente. "Esperemos que os homens que comande possam possuir sua força e convicção, Mareshi-san," ele disse. "Além disso, o Clã Dragão sofrerá muito antes que essa era termine."

Mareshi baixou sua cabeça. Ele pensava se qualquer coisa pararia o sofrimento que já vira, e novamente punha de lado o pânico instintivo que ameaçava superá-lo e massacrá-lo ao pensar quais coisas seriam piores.

Trovão Distante

Escrito por Shawn Carman

Distrito Mantis, Toshi Ranbo

Tsuruchi Estui deslizou a porta de sua câmara e caminhou para dentro dela. A luz fraca era um alívio bem-vindo aos seus olhos vermelhos e irritados. Ele jogou seu capacete ao chão sem cerimônias. Havia uma garrafa de água, indubitavelmente velha e empoeirada agora, mas ele a pegou e bebeu assim mesmo. Não estava estagnada, ao menos, o que significava que os servos estiveram cuidando de seu quarto na sua ausência. Ele estranhou o pensamento. Ele valorizava sua privacidade, e preferiria que seus quartos ficassem livres de interferências desnecessárias.

Como se ensaiado, a tela através da qual entrou apenas momentos atrás abriu-se de repente, e Yoritomo Yoyonagi entrou, sua expressão era de intensa curiosidade e irritação. "Etsui! Por que não foi me ver assim que chegou?"

"Dificilmente estou apresentável, minha dama," ele disse com uma rápida reverência. "Não desejo ofender."

"Se deseja evitar me ofender, então não deveria ter me deixado esperando," ela disse indignada. "Você tem idéia de quanto tempo ficamos esperando por notícias das Terras Sombrias? Existem rumores pela cidade que os samurais que acompanharam Hachi retornaram, mas ninguém sabe o que aconteceu. Rumores abundam, como sempre."

"Rumores?"

Yoyonagi ergueu suas mãos, exasperada. "Com certeza! Esta é a Cidade Imperial! O que mais faz essa legião de tolos para ocupar seu tempo além de especularem e confundir suas fofocas com a realidade?"

"Muito pouco, eu suponho," ele admitiu.

Yoyonagi ficou em silêncio por um momento. "Os guardas dizem que você retornou sozinho," ela disse calmamente. "Katoa não retornou, então."

"Não, minha dama," disse Etsui. "Ele morreu como herói. Ele morreu contente."

Ela olhou para o lado. "Que apropriado. Ele não pôde ser contente em vida, mas de algum modo a morte lhe coube bem. Ele era mais como aqueles que odiava nesta cidade do que desejava admitir."

Etsui estranhou o tom dela. "Perdoe-me, minha lady. Não percebi que vocês eram... Íntimos."

"Não seja tolo," ela riu. O riso não foi convincente. "Ele era um bruto qualquer sem qualquer traço de graças sociais redentoras." Ela abriu um leque e se abanou rapidamente com ele, convenientemente cobrindo sua face. "Ainda assim, devo admitir que isso o fazia... Único."

"Sem dúvida ele era único," ele respondeu. "Fiquei honrado em lutar ao seu lado, mesmo que por pouco tempo."

Yoyonagi sorriu calidamente. "Ouvi dizer que ninguém mais retornou," ela disse com calma. "Sua entrada solitária é algo... Problemático. E os outros? Hachi? Sekawa? O Imperador?"

Etsui baixou sua cabeça. "Sekawa-san sobreviveu," ele disse. "Ele reuniu os Guardiões para algo que disse ser de grande importância. Os outros..." Sua voz diminuiu e ele mexeu a cabeça.

Yoyonagi, a voz do Mantis na corte, de quem Etsui nunca viu uma demonstração legítima de emoção antes desse exato momento, cobriu sua boca com sua mão para esconder um soluço. Uma única lágrima desceu sua face perfeita, e nesse momento Etsui quis ir até ela, pegá-la nos braços e confortá-la. Era exatamente o que a qualificava para fazê-la tão perigosa nas cortes, ele supôs. "Pelas Fortunas," ela sussurrou. "Que desastre."

Etsui concordou. Quase como um reflexo, ele retirou uma vela de sua bolsa e a passou para ela. "Katoa-sama enviou isso para ser retornado ao clã. Foi pego da Tumba dos Sete Trovões."

Yoyonagi abaixou-se enquanto examinava o objeto. "O que são essas inscrições?"

"Tive tempo de estudá-las com os shugenjas durante minha jornada para casa," disse Etsui. "Um lado diz 'uma vela apagada não oferece luz,' enquanto o outro diz 'uma vela acesa não traz a sombra.'" Ele deu de ombros. "Ninguém está certo sobre suas implicações."

Yoyonagi franziu a testa. "Dificilmente parece valer as vidas usadas para garantir seu retorno, não?" Ela pôs seu leque fechado dentro de seu obi. "Haverão divergências por tantas mortes," ela disse. "A cidade será deixada ao caos. Oportunistas estarão nos pescoços de todos os clãs." Ela mexeu sua cabeça. "Serão tempos difíceis."

"Oportunistas," disse Etsui. "Katoa-sama certa vez me disse que todos somos oportunistas, mesmo que a cidade não tenha oportunidades para nós."

O sorriso de Yoyonagi retornou. "Ele era gentil em dizer isso," ela concordou. "Muito bem, talvez possamos provar que ele estivesse errado. Por uma vez, terei a última palavra ao menos." Ela curvou-se em agradecimento e se virou para se retirar. Ela pausou na porta por um momento. "Há algo mais?" ela disse. "O Imperador enviou ordens para a Imperatriz, ou instruiu os sobreviventes sobre como proceder aos seus últimos desejos? Qualquer coisa? Parece que ele estava despreparado para tal contingência."

Etsui pensou por um momento. "Não," ele disse. "Nada como isso, minha lady."

Yoyonagi concordou. "Descanse, Etsui," ela disse. "Você já trabalhou demais."

Menos de uma hora depois, Etsui entrou numa paupérrima casa de sake em um dos piores distritos da vizinhança. A região nunca se recuperou completamente do último incêndio que a empobreceu anos atrás, e aqueles com recursos suficientes e afoitos para vê-la rejuvenescida há muito pararam de se importar. De qualquer maneira, Etsui se envolveu numa roupa neutra e, ainda marcado pela estrada, ele adentrou a casa de sake e saiu dos olhos públicos.

Dentro, ele rapidamente se sentou numa das mesas próximas do canto, fora do brilhante olhar da lanterna que se esforçava para iluminar o interior. Havia poucos lá dentro, mas ninguém olhava para cima. Este era um lugar aonde homens iam para ficarem sozinhos com seus demônios internos. Aqueles que não estavam bêbados demais para notar sua entrada ignoravam-no esperando que fizesse o mesmo. Ele se sentou e esperou. A atendente se aproximou e sem falar deixou uma garrafa de péssimo sake que poderia ser descrita com brilhante orgulho como medíocre. Não havia mais nada para beber ou comer ali, então nenhum diálogo era preciso.

Quase uma hora depois, Etsui tinha bebido muito pouco do sake. Ele ouviu a porta se abrir e viu uma figura parar por um momento, observando a sala. O estranho veio em direção a ele, coberto num manto obscuro de modo que ninguém mais o viu na sala. Etsui agarrou sua arma dentro do manto, um hábito que não tinha intenção de quebrar. A figura se sentou com ele sem cerimônias, e os dois se encararam sem falar por um momento. "Não tinha certeza se sua mensagem estava correta," o recém-chegado disse.

"Obviamente estava," disse Etsui secamente.

"Aparentemente," disse o recém-chegado. "Que notícias?"

"O Imperador está morto. O Campeão de Esmeralda também. As famílias Yasuki e Mirumoto estão sem daimyo e o Último Desejo de Isawa parece ter sido destruído."

O estranho debruçou-se na mesa fortemente, seus olhos brilhavam com interesse. "Você tem certeza? Sobre tudo isso?"

"Tudo menos o Desejo", disse Etsui. "Quem pode ter certeza sobre a capacidade daquela coisa?"

"Ninguém exceto Aikune," disse o estranho. "Presumo que esteja morto, se você acredita que o Desejo foi destruído."

"Sim."

O estranho concordou. "Isso foi azar. Ele era um bom homem." Ele parou por um momento. "Existem relatórios de sobreviventes que retornaram com estranhos artefatos. Você sabe algo sobre isso?"

"Poucas coisas," admitiu Etsui. "Há uma vela que me foi dada para levar de volta ao Mantis. Há testemunhas, então não tive escolha senão prosseguir. Porém, isso não é tudo." Ele retirou um pequeno bastão de prata de seus mantos e o pôs sobre a mesa. "Confira isso, por favor?"

"Para que?" exigiu o estranho.

"Por favor," disse Etsui. "Ajude-me."

O estranho pegou a barra e a pesou cuidadosamente, virando sobre suas mãos repetidamente. Ele inspecionou as pontas, então tentou separá-las repetidamente. Finalmente, ele a jogou de volta na mesa. "É apenas uma simples clava, e não uma particularmente eficaz. Não é pesada o bastante."

"Assim parece," respondeu Etsui. Ele pegou a barra e com um casual giro de pulso, ele separou as duas metades, cada uma ocultando uma lâmina de sete centímetros. Tão rapidamente, ele posicionou as metades juntas novamente e o bastão era um de novo.

"Um truque barato," disse o estranho. "Nada mais."

"Talvez," admitiu Etsui. "Ainda assim ninguém foi capaz de separar as lâminas. Nem mesmo quando as disse que se separavam. Não entendo porque, mas parece único."

O estranho se interessou. "É uma nemuranai?"

Estui mexeu a cabeça. "Completamente desprovida de propriedades místicas, tão próximo como os shugenjas que a examinaram para determinar. Parece ser um quebra-cabeças que posso resolver, apesar de não saber o porquê."

O estranho ignorou. "Útil, mas não tão impressionante assim. Existe algo mais que você aprendeu que poderia ser de interesse?"

"Sim," disse Etsui com um sorriso aberto. "Falei com o Imperador momentos antes de sua morte."

Shiba Yoma se aproximou, o interesse por trás de seus olhos. "O que descobriu?"

"Sei onde está a informação referente à sucessão do trono," disse Etsui. "Sei como descobrir quem ele declarou como seu herdeiro."

Cidade de Nikesake, províncias da Fênix

Shiba Naoya abriu suas mãos sobre a alta mesa e baixou seu olhar, contando que conseguisse afastar a frustração de sua voz. "O que estou dizendo, meus senhores," ele disse com calma, "é que há uma ligação direta, imediata entre as mudanças de preços em nossos comércios com outros clãs, e com o início das operações de navegação Mantis na ilha de Kaigen."

"Isso está muito claro, sim." Sorriu Isawa Ochiai. Apesar da natureza da conversa, Naoya achava impossível resistir ao seu quieto charme. A visão de até mesmo seu simples sorriso parecia dissipar sua irritação, que o perturbava por dentro e por si só. "Nós simplesmente discordamos de sua avaliação do fato."

Naoya forçou um sorriso. "O Mantis está manipulando negociações de troca contra nós em larga escala. Essa é a única interpretação possível."

"Acredito que não." Shiba Ningen não tirou os olhos do papiro em que estava desenhando uma elaborada caligrafia. "O Mantis ainda sofre da guerra, assim como nós. Eles não têm recursos para começar tal manipulação em larga escala, ao menos não por alguns meses ainda."

Naoya irritou-se ao casual descaso do Mestre do Vácuo sobre seu argumento. "Isso é parte de um longo plano para nos enfraquecer," insistiu ele. "O Mantis espera frustrar nossa recuperação para que possam iniciar hostilidades novamente uma vez que achem que estão em posição de explorá-la."

"Entendemos sua preocupação," começou Ochiai.

"É dever dos Shiba protegerem a Fênix," interrompeu Naoya. "Devemos nos erguer ante essa ameaça antes que nos destrua."

Ningen olhou para cima de seu trabalho finalmente, observando Naoya curiosamente. "Você está embaraçado," ele disse. "Embaraçado porque a Fênix se rendeu ao Mantis."

"Não é meu dever julgar," disse Naoya. "Sou um soldado. Eu sirvo."

"Isso não muda a verdade," disse Ningen. "Você também envergonhou-se pela recente exposição de corrupção interna do clã. Você está envergonhado porque custou Mestre Bairei para expô-la, e acredito que os Shiba nunca permitiriam que criassem raízes em primeiro lugar."

"Por favor, pare," disse Naoya calmamente.

"Ningen-san, chega," disse Ochiai. "Já falamos sobre isso. É inapropriado."

Ningen a olhou curiosamente, então voltou-se. "Como desejar. Se Naoya-san deseja esconder seus sentimentos para permanecerem ocultos, então ele deveria fazer um melhor trabalho ao escondê-los. Honestamente, é como se eu estivesse numa sala com um gato miando e me pedisse para ignorá-lo."

Naoya ia soltar um olhar zangando ao Mestre, mas se repreendeu por isso. Seu irmão Mirabu sempre o acusou de sentir as coisas muito intensamente. Talvez ele estivesse correto.

"Você exige demais de você mesmo, e dos Shiba," disse Ochiai suavemente. "Sua família serviu honradamente e bem por séculos, mas dificilmente é infalível. E os Isawa dificilmente estão numa posição de esperar infalibilidade dos outros. Você não falhou ao seu clã, não em qualquer dessas coisas que aparentemente pesam sobre você."

O guerreiro lançou um último olhar a Ningen, então curvou sua cabeça à jovem mulher diante dele. "Não foi minha intenção desrespeitar Mestre Nakamuro-sama," ele disse suavemente. "respeito sua devoção ideal à Fênix, assim fazem todos os Shiba."

"Dificilmente todos," disse Ochiai com tristeza. "Existem vários que discordam de nossa escolha de rendição. Esta é a única razão que ele abdicou da liderança do Conselho, como você sabe."

Naoya concordou. "Apenas me preocupo se a decisão causará dificuldades com o Mantis a longo prazo," ele explicou. "Eles não são um clã de respeitar qualquer coisa onde percebam fraqueza, nem são capazes de compreender o caminho que a Fênix trilha."

"Nisso, ao menos, podemos concordar," disse Ochiai. "O problema em mãos, porém, é como lidaremos com..." a voz da Mestra do Fogo cessou quando um alto estapear soou pela câmara. Tanto Ochiai e Naoya olharam para Ningen, que quebrou a pena com a qual estava escrevendo. A escrita arruinada foi agarrada fortemente em seu punho, aparentemente esquecida, e a tinta vagarosamente se espalhou pelo belo manuscrito no qual esteve trabalhando. O Mestre do Vácuo olhou pelas portas da câmara com uma selvagem intensidade que nunca foi vista nele. "Ningen-san?" perguntou Ochiai. "Você está..."

"Aproximam-se," ele sussurrou reverentemente.

Naoya olhou para Ochiai com uma expressão confusa. "Ele está doente?" ele quase sussurrou, não querendo atrair sua atenção.

A Mestra do Fogo mexeu sua cabeça, franzindo seu semblante todo o tempo. Ela começou a falar, mas um barulho repentino do corredor além das portas a parou. Houve sons de um estrangulamento, então gritos. A espada de Naoya estava em sua mão num instante, e ele se moveu imediatamente para se colocar entre a porta e os Mestres. "Eles devem ter passado pelas sentinelas," ele disse rapidamente. "Fiquem longe da saída. Eu os atrasarei o quanto puder."

"Corajoso, mas desnecessário," disse Ochiai. "Não temo o bando de Kinuye."

"Mas Mestre Bairei!" Naoya insistiu.

"Sobreviveu," disse Ochiai, "e está se recuperando. Vamos ver que risco pífio eles põem sobre nossas vidas agora."

Naoya rangeu os dentes em frustração, certo de que a Mestra do Fogo não estava levando a situação a sério o bastante. Antes que pudesse protestar, porém, a porta se abriu bruscamente.

Masakazu, o gigante yojimbo de Ochiai e ex-vassalo do Shogun, adentrou a sala, uma forma muito menor travada em seu abraço de pedra. O que quer que ele segurasse, era pouco mais que uma mancha de verde e dourado, mal mantida no seu lugar pela sua implacável força. Sua face estava vermelha da força de múltiplos golpes, mas seu olhar de raiva era o bastante para gelar mesmo o sangue de Naoya. "Atirem nela!" o yojimbo insistiu. "Ela é a uma coisa pequenina!"

"Pare!" a voz de Ningen ressoou com uma tal intensidade pela câmara que várias velas foram subitamente apagadas, e Naoya pôde sentir a força em seu peito. "Solte-a agora!" ele ordenou.

Masakazu olhou impassivelmente ao Mestre do Vácuo, e não fez nada até que Ochiai ordenasse a ele. Então ele abriu seus braços e sem cerimônias soltou a mulher que estava estrangulando no chão.

A mulher era de porte leve, e usava vestes que deixavam seus braços e muitos de seus ombros expostos, no tradicional estilo Tamori. Ainda assim, as tatuagens que cobriam sua carne exposta diziam a Naoya que não era uma shugenja. A mulher se zangou por um momento. "Isso foi animador," ela admitiu, então ergueu-se e curvou-se profundamente diante dos Fênix reunidos. "Me desculpo pelo mal entendido, samas. Temo que a urgência de minha jornada me empolgou a passar desavisada pela sua casa, e seu yojimbo concluiu que minhas intenções eram maliciosas. Temo que o cansaço me propiciou a isso também." Ela pausou, e sua expressão se tornou mais séria. "Sou Hitomi Maya, representante de Mirumoto Rosanjin, enviada para entregar um importante pacote de Shiba Aikune."

"Aikune?" perguntou Naoya. "Aonde ele foi?"

A expressão de Maya se agravou. "Me arrependo de informar que Aikune-sama se juntou aos seus ancestrais no Yomi."

Naoya curvou sua cabeça. "Como ele morreu?"

"Ele morreu protegendo a muitos, incluindo eu mesma, do último ataque dos onis. Ele morreu ao lado de outros, incluindo meu senhor Rosanjin." Sua voz diminuiu. "O Imperador morreu também."

Ochiai engasgou, e Naoya sentiu a força sair de suas pernas. "O que houve?"

"É uma longa e difícil história," disse Maya, "mas a essência dela é isso: à procura de iluminação, o Imperador achou a perdida Tumba dos Sete Trovões. Lá dentro, ele descobriu muitos itens de grade importância, itens que achou que devessem ser devolvidos ao Império a todo custo. Ele ordenou que os oficiais de Hachi-sama, Rosanjin e Aikune entre eles, retornassem os itens enquanto ficou para trás. Ele achou que os onis não os perseguiriam se tivessem a chance de matar o Imperador. No fim, ele baniu os outros sobreviventes do campo de batalha e ficou para trás. Não sei o que fez, mas o exército de demônios foi virtualmente destruído. Os poucos que sobreviveram nos seguiram, e Aikune, Rosanjin e Yoritomo Katoa os deteram."

Houve um longo momento de silêncio na câmara. Masakazu cruzou a sala e começou a vasculhar em um dos gabinetes. Ochiai, mais pálida do que Naoya já viu, finalmente pareceu recuperar o fôlego. "Por favor... Por favor estenda nossos maiores agradecimentos e simpatias ao seu senhor," ela disse a Maya. "O Império deve a Rosanjin uma dívida de graças. A Katoa também, eu suponho."

Maya concordou. "Obrigado, minha lady."

"Posso ver isso?" A voz de Ningen pouco além de um suspiro. "Você está com ele, não? Preciso vê-lo. Por favor."

Maya concordou e retirou um pequeno saco de sua bolsa de viagens. Ela o ofereceu em silêncio a Ningen, que aceitou com mãos trêmulas. O Mestre do Vácuo o desamarrou delicadamente, revelando um pequeno ovo marcado com um símbolo que Naoya não reconheceu.

Olhar para o ovo encheu Naoya com uma sensação que não podia descrever claramente. Sua visão se encheu com uma estranha consciência de tudo ao

redor dele: o calor das lanternas, o ar correndo à sua volta, e a pressão do chão sob seus pés. Ainda ao mesmo tempo, ele se sentiu estranhamente distante, flutuando, como se estivesse sonhando. "O que é isso, Ningen?" ele ouviu Ochiai perguntar.

"Este é o Ovo do Vácuo," respondeu Ningen. Sua voz era distante, e Naoya não estava inteiramente certo se o homem conhecia o que falava, ou mesmo onde ele estava. "É um filho dos dragões, um veículo de seu poder, uma demonstração de seu favor." Ele correu o dedo sobre sua delicada superfície. "É o meio pelo qual nos tornamos um com eles."

Naoya olhou para Ochiai sem compreender, mas ela não tirou os olhos do ovo. Ele pensou por um momento se deveria destruí-lo e libertá-los, mas mesmo o pensamento já lhe pareceu obsceno. Ele teria ficado ali indefinidamente, se alguém não esfregasse uma massiva mão em sua face. Era Masakazu, que segurava uma garrafa de sake e dois copos. "Beba," ele comandou.

"O que?" perguntou Naoya exasperado. "É nisso que você pensa numa hora como essa?"

"Você não esteve nas províncias Yasuki antes do Imperador tomar o trono," disse o yojimbo. "Você não viu como ele transformou minha casa. Beba comigo. Celebre em sua memória."

Naoya olhou para ele por um momento, então aceitou o copo e beberam. O massivo guerreiro olhou para ele por um momento, dificilmente introspectivo. "Virão tempos difíceis à frente," ele disse tristemente.

Naoya não podia discordar.

Estrada entre Nikesake e Shiro Shiba

Shiba Mirabu não estava particularmente apressado. Haviam muitas coisas esperando por sua atenção assim que chegasse a Nikesake, certamente, mas nada de tamanha importância que uma hora adicional não causasse dificuldade. O tempo sozinho na natureza, porém, sempre melhorou sua paciência e fazia as coisas fluírem mais facilmente. Era um pequeno sacrifício, uma indulgência menor que ele se permitia de tempos em tempos. Ajudava-o a manter sua compostura durante tempos mais estressantes.

E parecia que ele estava prestes a tempos estressantes agora. Ele não teve notícias dos samurais que acompanharam o Campeão de Esmeralda para as Terras Sombrias à procura do Imperador, e isso foi há muito tempo. Ele se arrependeu de enviar Aikune sozinho, mas na hora foi a única escolha lógica. Há apenas dois dias atrás, ele ponderou sobre enviar forças adicionais na esperança de encontrarem outros, mas Isawa Sezaru recomendou contra isso.

Sezaru. Mesmo o nome fazia Mirabu incomodar-se. O homem estava ficando incrivelmente instável, e parecia que ninguém mais podia ver isso, ou ao menos não podia tomar consciência disso. Para Mirabu era claro que o clã tinha uma perigosa serpente em seu peito, e ele temia que mordesse quando menos esperasse.

Aikune!

A dor o atingiu em sua cabeça com tamanha intensidade que primeiro Mirabu achou que tivesse sido atingido por uma flecha. Ele desceu da sela, uma mão agarrando-se às rédeas e outra pressionada contra sua face. Seus dentes rangiam fortemente.

Aikune, é você?

Mirabu gritou em agonia e perdeu seu equilíbrio. Ele colidiu ao chão com um estremecer de ossos que quase não notou. Ele tirou seu elmo e cobriu sua face com as duas mãos, apertando-as contra a dor que se lançava como um trovão.

Aikune!

"Não sou Aikune!" gritou Mirabu furioso. "Pare!"

Não é você. A voz estava mais calma agora, e a dor começou a diminuir. Pensei que fosse você. Dói muito, e estou confuso!

"Quem fala?" Rangeu Mirabu, forçando-se aos pés. Ele olhou em volta, procurando por alguém. "O que você sabe de Aikune?"

Ele se foi! A voz chorou. Ele se perdeu! Não posso achá-lo em lugar algum. Por que ele me deixou como Papai fez?

Mirabu esforçou-se e tentou ignorar a dor. A voz não estava vindo de lugar algum que pudesse identificar, mas estava ressoando em sua mente. Era como pequenas adagas em sua cabeça. A voz era maníaca, quase em pânico. Ele ouviu o mesmo tom no campo de batalha, dos soldados no limiar da loucura. "Desejo?" ele perguntou. "É você?"

A voz aumentou instantaneamente. Eu conheço você! Ela disse. Eu já o vi antes. Você é aquele a quem Aikune chamava de irmão. Ele me chamava disso também. Ela pausou por um momento. Somos irmãos então?

"Onde está Aikune?" pressionou Mirabu.

Se foi. O desespero da voz era quase insondável. Está perdido para mim.

Apesar da dor, Mirabu baixou sua cabeça e lutou contra o pesar que ameaçava massacrá-lo. "Se foi," ele rangeu. "Me desculpe. Eu sei como... O quanto vocês dois eram próximos."

Sim. A voz parecia onírica, quase distraída. Você é Mirabu. Posso chamá-lo de irmão, então?

"Se você desejar," disse Mirabu sem atenção. Ele não estava certo de como proceder. O Desejo era um artefato de poder quase ilimitado, e invariavelmente necessitado de uma ligação a um humano, ele estava incerto de como reagiria mesmo a uma conversa casual. "Se você quiser, sim."

Obrigado!

Uma sensação ardente invadiu Mirabu subitamente, como se tivesse sido consumido pela raiva de um shugenja enlouquecido. Ela brotou em seu peito e invadiu seus membros num flash, queimando do centro de seu ser à ponta dos dedos. Ele abriu a boca para gritar uma profana agonia, mas tão rapidamente como a sensação começou, ela terminou. O Campeão da Fênix caiu no chão de joelho, tossindo pela intensidade da sensação. "Desejo?" ele engasgou.

Estou aqui, disse a voz. Estava mais próxima, muito mais do que ele poderia distinguir a voz de seus próprios pensamentos. Obrigado por me ajudar. Não sei se poderia me recuperar da batalha sozinho. Preciso de tempo para descansar, e preciso de alguém para me proteger enquanto estou enfraquecido.

"O que você fez?" exigiu Mirabu, olhando para seus braços e peito com horror. Eles eram os mesmos de um momento atrás, e ainda assim, ele sentiu que estavam fundamentalmente diferentes num nível que podia apenas entender um pouco.

Seus pensamentos estão atribulados, disse Desejo. Diga-me, Mirabu... Quem é Sezaru?

Desequilíbrios

Escrito por Nancy Sauer

O vento soprava forte pelas colinas ao redor de Shiro Kitsuki; Daidoji Yaichiro o sentiu e apertou seu manto e abrigou os dedos dentro das mangas de seu kimono forrado. Ele resistia ao impulso de apertar seu manto ao redor dele e ao invés disso, concentrou-se na esperança de que em alguns minutos ele terminaria sua ronda noturna ao redor do campo e estaria descansando confortavelmente em sua tenda com uma xícara de chá e uma pilha de relatórios.

"Anseio pelo dia em que serei um chui," disse Gempachi. "Então mandarei meu gunso fazer a ronda noturna enquanto me aqueço dentro de minha tenda."

"Quando você for o chui," disse Yaichiro, "você estará fazendo a ronda noturna e fazendo seu gunso cuidar da papelada."

Gempachi riu e estava prestes a responder quando um corredor os alcançou. O corredor só foi visto um momento depois, um homem vestindo uma armadura leve e um manto espesso de sentinela. Ele avistou seus oficiais e então partiu num surto de velocidade, indo em direção a eles.

"Chui-sama!" disse o homem, se ajoelhando. "Trago notícias do posto sentinela no Ponto da Seda — achamos que temos um invasor chegando." O soldado olhou para longe de seu comandante e curvou-se levemente, como que se em apologia, para a lua cheia.

"Alerte o comandante dos patrulheiros," disse Yaichiro asperamente. "Diga a ele que o gunso e eu já estamos nos movendo para Seda."

"Hai, Chui-sama!" disse o homem. O homem mal terminou sua saudação a seus oficiais antes que estivesse correndo novamente. Yaichiro não notou; ele e Gempachi já estavam correndo. Quando alcançaram o posto de sentinelas que chamavam de Ponto da Seda o soldado lá os saudou com alívio. "Perdi a vista dele há um momento, Chui-sama, Gunso-sama, quando o caminho levou a um ponto baixo. Ele deve estar vindo em breve."

"Ilumine-me," disse Yaichiro, "Gempachi, você lidera."

"Hai," disse Gempachi. O gunso retirou uma lança do suporte, caminhou poucos passos à frente e se ajoelhou. A sentinela acendeu uma grande lâmpada, disposta para que sua luz caísse sobre Yaichiro e então se misturasse à escuridão. Yaichiro esperou, concentrando seus sentidos na noite ao redor dele e tentando ignorar o vento. Muito antes ele ouviu um longo ruído e um movimento rápido vindo dos arbustos à frente.

"Dragão!" ele gritou, caindo numa postura iai. "Sou Daidoji Yaichiro! Pare e anuncie seus afazeres!"

Não houve resposta, salvo por um claro e baixo rugido. Um homem tatuado correu para a penumbra das sombras e saltou em direção a Yaichiro. O chui permaneceu em sua postura, imóvel, enquanto o outro homem se aproximava. O tatuado estava perto o bastante de Yaichiro para que ele visse a fúria frenética que ardia nos olhos do homem quando Gempachi subitamente afundou o cabo de sua lança e ergueu o ponto diretamente em direção ao peito do corredor. O tatuado se manteve correndo até que alcançasse a barra em cruz da lança, e então, incrivelmente, grunhiu em frustração enquanto tentava passar através dela. Gempachi se forçou a manter o controle da arma e então o guarda arremessou a lança para a escuridão, o homem junto, preso em sua lâmina. O homem se revirou e gemeu por alguns momentos e então parou.

"Sempre funciona," disse Gempachi, movendo sua cabeça, pensativo. Ele liberou sua lança e a ergueu. "Sempre funciona."

"Tem funcionado demais," corrigiu Yaichiro. Ele se levantou olhando para a escuridão na direção do acampamento Dragão, ouvindo. Nunca aconteceu um caso de um batedor ser acompanhado por uma força maior, mas sempre há a primeira vez. O que ouviu, porém, foi o som de homens se aproximando atrás dele. Se virando, ele viu meia dúzia de vultos de batedores, acompanhados pelos sentinelas que originalmente o alertaram. Os batedores se curvaram e murmura-

ram gentis desculpas a ele antes de sumirem na escuridão, o guarda se ajoelhou e deu seu relatório. "Chui-sama, o comandante dos batedores foi informado e aumentou o tamanho de nosso perímetro. Ele também diz que mandaremos mensagens aos acampamentos vizinhos."

"Muito bem," disse Yaichiro. "Você pode voltar à sua vigília." Ele olhou de volta para a escuridão e franziu-se.

"Por que está infeliz agora?" disse Gempachi. "Acabamos com o invasor," ele assentiu levemente à lua, "e os outros acampamentos foram alertados."

"Estaria mais feliz," disse Yaichiro. "se entendesse o que está havendo."

"Mirumoto-san," disse Hitomi Kagetora, "poderia me explicar o que está acontecendo?" ele podia sentir a ira crescendo, e a escondeu com uma vida de disciplina. Ele queria a informação, e dilacerar um Mirumoto qualquer não o ajudaria a obtê-la.

Mirumoto Etsuya fez o seu melhor ao trazer uma leve e despreocupada face. Mesmo sob a melhor das circunstâncias sempre havia algo vagamente ameaçador a respeito do líder dos kikage zumi, e no momento, Kagetora estava mais que vagamente ameaçador. "Claro, Kagetora-san," ele disse. "Como posso ajudá-lo?"

"Esses homens," Kagetora apontou ao trio de bushis Mirumoto, "estavam falando de como os monges Hitomi foram enviados ao vale, sozinhos, para atacar o acampamento Garça. Gostaria de saber o porquê," sua raiva transbordava para sua voz, aos poucos. "um membro de minha ordem não receberia tais ordens."

"Uma pergunta justificável," disse Etsuya, "e uma da qual o cabeça da ordem de Lady Lua está perfeitamente inteirado. Se puder me acompanhar à tenda de comando, ficarei feliz em discuti-la com você."

Kagetora considerou por um momento. Houve algo que ele não gostou sobre o comportamento de Etsuya, algo escorregadio, mas o homem não parecia estar mentindo. "Muito bem," ele disse. Ele sempre poderia matá-lo mais tarde.

"Por aqui então, Kagetora-san," disse Etsuya. Enquanto o oficial se virou para liderar o caminho à tenda, ele deu uma última olhada nos três samurais que causaram isso e garantiu que saberia seus nomes. Ele lidaria com eles com o tempo.

Kagetora esperou até que se sentassem na tenda e o chá fosse servido antes de falar. "Você vai explicar essas ordens."

"Certamente, Kagetora-san," disse Etsuya, pegando sua xícara. "Um grande homem de sua ordem foi às linhas de frente de nosso conflito com a Garça, pela grande honra e glória do-"

"Direto ao ponto," rugiu Kagetora.

Etsuya se esforçou para não derramar sua xícara. "Kagetora-sama, nós não ordenamos que descessem ao acampamento Garça. A verdade é que, fomos incapazes de detê-los."

"Não foi isso que ouvi," disse Kagetora, "e aqueles homens não estavam mentindo."

"Eles estavam repetindo o que ouviram, Kagetora-sama. Quando aconteceu primeiro, foi decidido que parecesse intencional. Há muitos no Império que dizem que os Hitomi são loucos, e não desejamos lhes darem razão."

"Então os oficiais dos Mirumoto encobriram o assunto e não fizeram nada?"

"Não," disse Etsuya. "Bem, não exatamente. Primeiramente foram apenas monges jovens que foram afetados, o que não nos preocupou muito. A energia da juventude, o poder da Lady, um inimigo em visão clara — quem não estaria tentado em correr e derramar sangue Garça? Mas com o tempo, monges mais velhos começaram a fazê-lo, e então começamos a nos preocupar. Vários comandantes de unidades enviaram relatórios a Mareshi-sama, que respondeu dizendo que ele não o notificaria. Por isso, quando chegou ao nosso acampamento, não o convidei até aqui para lhe explicar. Pensei que já soubesse."

Kagetora lutou para se concentrar. O nome de Mareshi causou um pico em sua raiva, mesmo que ele não lembrasse o porquê. Quando ela baixou, ele não se lembrava porque estava ali também. Ele se esforçou para achar a memória, vagando através de uma crescente maré de fúria rubra. Respirando fundo, o velho monge fechou seus olhos e imaginou um claro e profundo açude, a face da Lady refletindo serenamente em sua superfície. Ele manteve a imagem em sua mente até que a paz se apropriasse da paz.

Kagetora abriu os olhos e finalmente viu Etsuya olhando para ele com olhos estatelados de um homem que vê a morte certa se aproximar. "Agradeço-lhe pelas notícias," ele disse gentilmente. "Sairei agora, e investigarei o assunto mais a fundo."

Ao longo dos anos, Mirumoto Mareshi passou muito tempo em Shiro Mirumoto, mas agora que caminhava pelos corredores da câmara principal algo parecia diferente. Seu olhar divagava enquanto tentava perceber onde o problema estava.

"Você parece distraído, Mareshi-san," Kistuki Iweko comentou.

Mareshi olhou de volta para ela, sentindo-se um tanto quanto embaraçado. "Minhas desculpas por negligenciá-la, Iweko-san. É só... Que há algo que mudou neste corredor, só não posso dizer o que é."

Iweko assentiu. "Não foi o corredor quem mudou, Mareshi-san, foi você. Se tornar um daimyo muda as perspectivas, e você não passou tempo o suficiente neste castelo para se tornar acostumado a ele."

Mareshi sorriu. "Kei-san estará assumindo as responsabilidades de daimyo assim que a guerra estiver concluída," ele disse. "Ela é mais acostumada a liderar que eu."

"A princípio, suas perspectivas também mudam," contrapôs Iweko. "É atípico que você veja as coisas da mesma maneira ainda."

"Você fala como se já tivesse experimentado isso."

"Cresci em Shiro Kitsuki, e fui doutrinada no Método Kitsuki desde que aprendi a falar — mas quando me tornei a cabeça de minha família, tudo sobre ela parecia novo para mim. Era uma lembrança soberba de como nossas perspectivas influenciam em como interpretamos o mundo à nossa volta."

Mareshi concordou, se sentindo pouco confortado. Seu legado Naga o fazia único em vários sentidos; achar algo em que fosse como todo o mundo era uma agradável novidade. Antes que pudesse oferecer qualquer comentário de resposta os dois daimyos chegaram ao fim do corredor.

A porta da câmara de audiência se deslizou para revelar Tamori Shaitung estudando um mapa aberto numa baixa mesa. Ao som, ela se levantou, se virou para os dois à porta e curvou-se. "Por favor, perdoem minha precipitação em vir tão diretamente aqui ao invés de formalmente me anunciar a você, Mareshi-san," ela disse. "Mas as notícias eram por demais urgentes. Considerei rapidez mais importante que cerimônia."

Mareshi deu a ela um olhar enigmático. Ele podia ver os kamis da terra vibrarem ao redor dela e hoje eles se erigiam sobre ela, formando estranhos padrões que se quebravam e se recompunham com uma velocidade incomum para espíritos da terra. A daimyo dos Tamori estava verdadeiramente agitada. "Agradeço por sua preocupação, Shaitung-san, mas temo que talvez você dê ao assunto mais urgência que ele merece."

Shaitung o retribuiu com um olhar de aberta incredulidade. "Não sei como alguém pode dar as notícias de que Kyuden Ikoma foi devastado pelo Unicórnio com mais urgência do que merece."

Demorou um momento antes que Mareshi pudesse falar. "Kyuden Ikoma foi devastado?" ele disse, tentando imaginar como alguém poderia ter tido sucesso atacando um castelo cheio de samurais do Leão no meio do inverno.

"Sim," disse Shaitung. "Você não sabia? Então quais são suas notícias?"

"Temos que nos reunir com Lorde Satsu sobre os Hitomi," respondeu Iweko. "Eles estão agindo de maneira atípica."

"Pode me dizer como?" perguntou Shaitung.

"Eles estão se comportando de maneira violenta e irracional," disse Iweko. Shaitung deu a ela um olhar labiríntico. "De acordo com seu comportamento padrão," esclareceu Iweko, "Mas Kyuden Ikoma — Quando? Como você sabe? Quão confiável é a informação?"

"Duas semanas atrás," disse Shaitung. "Nakamuro recebeu a notícia e a passou para mim. As forças do Khan atacaram Shiranai Toshi, então se moveram para dentro do território do Leão."

"Qolsa e Zamalash disseram que o Khan estava tirando homens da Guarda Shinomen," disse Mareshi, pensativo. "Não creio que esta seja uma simples jornada."

Iweko se moveu para a mesa e olhou para o mapa. "Recebemos nosso último carregamento de arroz do Unicórnio há duas semanas," ela murmurou. "O próximo carregamento chegará só daqui a duas semanas..." sua voz cessou.

"Você acha que interromperão o envio do carregamento de arroz?" perguntou Shaitung.

"Não," disse Iweko suavemente. "Não, acho que não."

"Não viemos até aqui para discutirmos sobre o Unicórnio." A voz não veio de nenhum lugar em particular da sala, e ao mesmo tempo, os três daimyos perceberam que Togashi Satsu estava na porta. Ele parecia com um homem comum hoje, mas os três daimyos podiam sentir como o espírito dele preenchia a sala com a sua presença, já que os três sabiam que há dias ele não era capaz de assumir a forma de um homem. Ele assentiu às suas reverência e olhou para Mareshi. "Você desejava falar comigo sobre os Hitomi," ele disse.

"Sim, Lorde Satsu," disse Mareshi. "Meus comandantes estão tendo dificuldades em lidar com eles investindo para lutarem com unidades da Garça acampadas na área ao redor de Shiro Kitsuki."

"Eles estão atacando nossos inimigos?" disse Satsu. "Isso não é estranho considerando o problema."

"É quando o fazem sozinhos, sem coordenação com as minhas tropas. Eles correm sem avisar, sem apoio, apenas para serem mortos pelos Daidoji. Eles não fazem mais nada além de deixarem os comandantes da Garça mais alertas aos seus deveres."

"Ainda assim," disse Satsu, "este é um assunto a ser lidado mais adequadamente falando com Hitomi Kagetora." Não havia emoção em sua face, mas a voz tinha uma noção de reprovação.

"Lorde Satsu, eu concordo. Enviei a ele um relatório completo sobre o assunto, e perguntei se ele podia me explicar o que está acontecendo." Mareshi pausou. "Recebi uma resposta dizendo que se continuasse a interferir com o prosseguimento de suas ordens, que ele, Kagetora, arrancaria meus braços e me bateria

com eles até a minha morte."

"Foi como eu soube do assunto," disse Iweko. "Mareshi trouxe a carta até mim, temendo que tivesse sido forjada."

"E era?" perguntou Shaitung.

Iweko hesitou. "O papel, tinta e caligrafia concordam que Hitomi Kagetora foi o autor."

"Então está dizendo que não é uma falsificação," disse Shaitung.

"Não, estou dizendo que não posso provar que é uma fraude."

"Acha que é uma fraude, então?"

"Tudo indica que Kagetora foi o autor — exceto pelo conteúdo."

"É incomum para uma fraude," disse Satsu. "É parte de um mistério maior que tem afetado as Três Ordens."

"Um mistério?" disse Iweko. "O que é, Lorde Satsu? Como minha família pode lhe servir?"

"A... Irritabilidade dos Hitomi também foi notada na Alta Casa da Luz," disse Satsu. "Ao mesmo tempo, os Hoshi estão ficando mais... Distantes. Wayan raramente fala, e quando o faz é como se sua mente estivesse em outro lugar. Alguns dos Hoshi simplesmente não falam, e não mostram sinais de ouvir o que é falado a eles."

Shaitung franziu-se. "Hoshi Oki está na Corte de Inverno, e não parece estar tendo dificuldades. Assim como Hitomi Vedau."

"E nem todos os Hitomi nas terras do Dragão estão afoitos a atacarem a Garça," disse Iweko. "Mas os números crescem com o tempo. É isso que o preocupa, não é, Lorde Satsu? Não os números, mas o padrão."

Satsu concordou. "Não sei o que está havendo às outras duas ordens, e o porquê dos Togashi não estarem sendo afetados. Ou se estão sendo, quais poderiam ser os sintomas."

A nuca de Mareshi arrepiou ao pensamento de uma força desconhecida ameaçando a vida de seu senhor, e podia ver reações similares em seus amigos daimyos. Ainda mais temível era que algo podia afetar o Dragão e o vasto conhecimento de Satsu não poder determinar o que era.

"Reunirei um time de meus melhores investigadores e estudantes e os levarei à Alta Casa," disse Iweko.

"Trarei meus mais talentosos shugenjas," disse Shaitung. "se pudermos fortalecer a terra dos afetados, eles estarão mais capazes de responderem às perguntas de seus investigadores."

"Não há nada que eu possa fazer para ajudar na procura," disse Mareshi. "Mas se for algum plano inimigo para enfraquecer o Clã Dragão, responderão ao aço Mirumoto."

"Imagino que seja um inimigo de fora, ou alguma fraqueza de dentro," disse Satsu. "O primeiro é fácil de se lidar — de que aço nos ajudaria contra o segundo?"

Doji Domotai debruçou-se sobre os papéis em sua mesa. Kyuden Ikoma havia caído, a Corte Imperial estava em polvorosa, e ela estava sentada ali para lidar com um vassalo ou muito incompetente, ou muito preguiçoso para notar um olhar descontente quanto direcionado a ele. Nenhum de seus senseis a havia preparado para um dia como esse.

Houve uma batida à porta. "Entre," ela disse, e a porta se deslizou para o lado para revelar um Daidoji Kikaze ajoelhado. Ele curvou-se a ela, moveu-se para dentro da casa, e se ajoelhou perante sua escrivaninha a uma distância polida.

"Kikaze-san, você ouviu as notícias do Leão," disse Domotai.

"Sim, Lady Domotai," disse Kikaze.

"Eles acham que isso anuncia o começo de uma tentativa para tomar o Trono à força."

Kikaze tensionou-se. "Esta é uma incrível investida, minha Lady. Mas se o Leão entende de uma coisa, é a guerra — não devemos ignorar suas palavras sobre esse incômodo."

"Qualquer que seja o objetivo do Khan, tomar o Trono ou simplesmente anexar terras do Leão, estaremos lá para nos opormos a ele." A voz de Domotai era firme. "O Leão nos ajudou em nossa guerra com o Dragão, e estaremos com eles contra o Unicórnio."

"Como disser, Lady Domotai." Não importa o quanto tentasse, Kikaze nunca demonstrou sua opinião de que era não era fundamentalmente lutar com um exército Leão, e sim contra um — mas ele não podia negar que os Akodo têm sido mais do que úteis. "Mas será difícil. O grosso de nossas forças está ocupado com a guerra contra o Dragão; muitas das unidades restantes que normalmente seriam estacionadas a oeste foram re-alojadas ao sul, próximas às fronteiras com o Caranguejo. Por precaução."

"Será difícil, e nos requererá usar nossos recursos com grande cautela." Ela pausou e fitou o manuscrito em sua mesa por um momento. "Shiro Giji," disse Domotai. "O que sabemos sobre ele?"

Kikaze piscou em confusão. Ele nunca soube se já houvessem contado a Domotai sobre seus irmãos, mas não sabia exatamente o que ela queria dizer pela pergunta. "É um templo, minha Lady," ele disse finalmente, "dedicado a Doji-kami e outros notáveis ancestrais."

"Um nome incomum para um templo," disse Domotai.

"Foi construído sob as ruínas de um castelo destruído por atentados," disse Kikaze. Ela sabia ou não?

"Uma interessante coincidência," disse Domotai convictamente, apontando para o manuscrito. "Porque a cada ano ele aparentemente consome a mesma quantidade de suprimentos que um pequeno castelo vigilante." Ela pensava em como ele não notou isso?

Houve um momento de silêncio enquanto Kikaze digeria as palavras e tom de ira dela. Ela não sabia. "O templo ocupa o andar superior de um complexo de treinamento," ele disse.

Agora foi Domotai quem piscou em confusão. "Complexo... De treinamento? Para quem?"

"Os Assoladores, minha Lady."

"O que é um Assolador?" disse Domotai.

"Somos um tipo especial de escaramuçadores. É nossa tarefa causar a máxima descontinuidade entre exércitos invasores, por quaisquer meios à mão."

"'Nós'. Você é um Assolador?"

"Sim, minha Lady," Kikaze hesitou, mas só um pouco, "Meu sensei me escolheu para treinar com eles pouco depois da morte de meu pai. Perdão por isso lhe parecer novo," ele adicionou, "achei que seu pai lhe contaria a respeito depois de seu gempukku."

"Os Assoladores," Domotai repetiu, intrigada. Crescendo em Shiro Matsu, ela ouviu samurais Matsu acusarem os Daidoji de usarem técnicas desonradas para obterem sucesso. Domotai sempre presumiu que eram apenas contos e exageros, feitos para pouparem a face do Leão, mas ela sempre imaginou algo mais. Seriam os Assoladores a resposta? "Como vocês fazem isso?"

"De várias maneiras, minha Lady." Franziu-se Kikaze. "Emboscar oficiais ou mensageiros, falsas mensagens, envenenar poços, assustar suas montarias, destruir seus postos de suprimentos—"

"Destruir seus depósitos de suprimentos?" Domotai se levantou, alarmada. "Com o que?"

"Com pimenta gaijin, minha Lady. É compacta para carregar e muito eficaz."

"É contra a Lei Imperial!"

Kikaze assentiu. "Não precisa se preocupar, minha Lady. Somos cautelosos em sempre usar o mínimo necessário, e temos cortesãos a postos para enterrar rumores infelizes."

"Isso não a torna legal!" disse Domotai. "Nem salva a honra da Garça!"

"Não há desonra para a Garça," disse Kikaze. "Sacrificamos nossa própria honra para o bem do clã."

"Como pode dizer isso?" disse Domotai. "Sua base, seus suprimentos, seus 'cortesãos a postos' — tudo vem do clã. Como podemos não estar envolvidos em sua desonra?"

"Minha lady, por séculos Campeões da Garça nos têm usado. Você questiona a honra deles? O que diria a eles?"

"Diria a eles com gozo," contra-atacou Domotai, "que a filha deles está prestes a consertar seu erro ancestral."

"Lady Domotai, você deve aceitar isso," disse Kikaze. "Nossa guerra com o Dragão, o eminente conflito com o Unicórnio, o possível conflito com o Caranguejo — precisaremos de toda nossa força para que nosso clã sobreviva."

"Não há força na desonra!" gritou Domotai. Ela se reteve e se apoiou na mesa. "Não permitirei que prossiga. Somos os filhos de Doji-kami, a Filha do Sol que trouxe cultura e governo a Rokugan. Desdenhamos dessas coisas! O uso de pimenta gaijin é um crime capital na Lei Imperial — mas você me diz que o Clã Garça a esteve usando por anos. Não somos melhores que os maho-tsukai! Você dispensará os Assoladores e destruirá todos os depósitos de pólvora gaijin que possuem."

"Não pode pedir isso," disse Kikaze, quase eufórico. "Precisamos da pólvora, e deles! Não temos nada para substituir suas perdas!"

"A substituiremos pela força da honra." Disse Domotai.

"A força da honra?" Kikaze deu uma curta e cortante risada. "Pergunte ao Leão o quanto sua honra os salvou de nós. Ou ao Khan."

Houve um alto impacto enquanto Domotai atingia a parede ao lado de sua escrivaninha. "Pergunte a Iuchiban quantos Garças pereceram à escuridão em sua Chuva de Sangue," ela disse tristemente. "Quanto podiam ter sido salvos, se a desonra não estivesse roendo seus corações?" Ela se levantou e caminhou à alcova onde o daisho de seu pai estava numa prateleira. "Eu sou a Campeã da Garça," ela disse, "e cabe a mim guiar e proteger o clã." Ela retirou a katana reverentemente. "o protegerei de inimigos de fora — e de dentro." Domotai se virou e olhou para Kikaze com olhos duros e frios, e por um momento ele ficou estupefato pelo quanto ela se parecia com seu pai. Vagarosamente ela começou a caminhar em volta dele. Um ataque era tudo que custaria, ela pensou. Os tapetes de tatami seriam arruinados e a sala toda deveria ser limpa e purificada,

mas esses seriam os problemas pequenos. "Você é uma criatura sem honra," ela disse. "tão baixo que infringe as leis do Imperador, você publicamente mente à sua palavra de honra!"

Kikaze olhou sua aproximação. Suas mãos estavam fechadas e seus lábios estavam retraídos, mas não havia medo em seus olhos. "Assim como minha mãe me fez," ele sussurrou.

Domotai parou. Akiko, sua mãe, morreu com uma traição nos lábios. Foi seu primo Nagori quem sugeriu que fosse estudar com o Leão. Se sua mãe a tivesse acostumado às suas maneiras, que tipo de pessoa Domotai seria agora?

"Daidoji Kikaze," ela disse finalmente, "você é um lorde da Garça e deste dia em diante agirá como tal. Você dispensará os Assoladores, e os transformará em samurais dignos de serem chamados de Protetores dos Doji. Você entendeu?"

Um momento de silêncio e então, "Como quiser, minha Lady," disse Kikaze.

"Dispensado," disse Domotai.

As adagas voaram pelo dojô e se encravavam na madeira do boneco de treinos, seus impactos simultâneos com o som. Kikaze olhou para elas, levemente trêmulo. Ele quase matou sua daimyo. Ele caminhou devagar para o boneco, a memória dela tomando sua mente. Ela caminhou em direção a ele com espada em mãos, e tudo no que ele podia pensar era por quais meios matá-la. Ela estava muito concentrada em sua própria raiva para revidar. O pensamento o fez enjoar. 'você é uma criatura sem honra', ela disse. Ele puxou as adagas do boneco e as pôs de volta às suas bainhas. "Não," ele disse.

Você é uma desgraça para sua família, seu clã e o Imperador que deixou para morrer. "Cale-se, Mãe," ele sussurrou.

Passos soaram no corredor externo e a porta se abriu. Kikaze olhou para ver Kakita Matabei adentrando o dojô. "Kikaze-sama! Não esperava vê-lo em Kyuden Doji." Ele curvou-se para o oratório do dojô e então para Kikaze.

Kikaze retribuiu a reverência. "Fui chamado aqui para ver Lady Domotai. E você? O que traz o comandante da Guarda da Imperatriz aqui?"

"Fui enviado numa missão para a Imperatriz. De algum modo, protejo-a melhor representando seus interesses onde quer que eu vá." Ele se mostrou cansado. "Algum dia, talvez, eu possa usar minha espada a serviço dela, mas por agora ela precisa mais dos serviços de um homem de honra."

Kikaze se achou olhando o chão. "Ela tem sorte em ter você," ele disse.

Matabei curvou-se levemente, aceitando o elogio. "Mas não quero interromper seu kata. Por favor, continue seu treinamento, e não serei mais incômodo."

"Não me interrompe," disse Kikaze. "Na verdade, não comecei."

"Talvez podemos treinar juntos?" Matabei brilhou ao pensamento. "Raramente tenho o privilégio de treinar com um Daidoji. Kenjutsu? Ou melhor ainda, iai?"

Kikaze hesitou, tentado pela idéia de uma distração. Mas kenjutsu com Matabei seria uma má idéia; o kenshinzen facilmente notaria as características de seu estilo. "Passei a maior parte de meu treinamento treinando com a yari," ele disse, apelando para a velha desculpa. "Sei pouco de iaijutsu além dos katas básicos."

"Na Academia temos histórias de lendários senseis cujas primeiras e últimas lições foram as mesmas." Respondeu Matabei. "Então, como vê, você não tão longe assim de mim em conhecimento."

Você é um lorde da Garça e deste dia em diante, você agirá como tal. "Talvez," disse Kikaze. Ele caminhou para a prateleira de armas de treino. "Mas até eu tentar, quem pode dizer com certeza?"

Desejos

Escrito por Shawn Carman

Se houvesse uma maneira pela qual as terras da Fênix eram completamente superiores às províncias do Escorpião, pensava Isawa Angai, seria que, pela afeição óbvia que os kamis tinham pela Fênix isso resultasse em invernos moderados em suas casas durante os meses frios. As regiões selvagens viam excepcionais nevascas e freqüentes ventanias, mas as áreas populosas, mesmo aquelas a uma curta distância da vasta Isawa Mori, pareciam encarar o inverno com relativa tranqüilidade. Viajar ainda era difícil, mas não tanto quanto em outras porções do Império, e ao menos isso parecia poder ser feito com relativo conforto.

Angai andou para dentro da soleira da casa em que morava com seu marido, inconscientemente tirando seu espesso manto de viagens e passando-o ao servo sem notar. A viagem de volta de Kyuden Otomo durou menos tempo que ela imaginou, mas ela ainda tinha um pouco de tempo para poupar; talvez dois dias antes do previsto do retorno da Corte de Inverno. Seria tolo retornar afinal, mas ela sentiu uma impressionante necessidade de saber da saúde de seu marido. Ele andava estranho recentemente, e ela queria garantir que estivesse bem. Ela não tinha que perguntar aos servos onde encontrá-lo; ela conhecia tudo aquilo muito bem.

Isawa Sezaru se sentava em seu escritório privado, em profunda meditação. Ele se sentou na posição de lótus encarando a parede ocidental, onde uma série de intrincados símbolos de caligrafia dos quais Angai não se lembrava antes haviam sido pintados. A face de Sezaru estava num profundo rancor, mesmo enquanto meditava. "Sezaru-kun," ela disse suavemente.

Sezaru zangou-se enquanto se virava. "Eu disse que não deveria ser int... Angai-chan?"

Ela sorriu e curvou-se levemente. "Desculpe por perturbar-lhe."

"Não, de maneira alguma," ele disse. Ele se levantou com dificuldades, suas pernas estalando audivelmente.

Angai estranhou. "Há quanto tempo está aí?"

Ele correu uma mão pelo queixo, que mostravam sinais de vários dias de esforço. "Não tenho certeza," ele admitiu. "Ao menos um dia, possivelmente mais."

"Venha comigo," ela insistiu. "Mandarei os servos prepararem algo para que coma."

"Não tenho tempo para frivolidades," disse Sezaru com um traço de indignação.

"Frivolidades?" disse Angai com força. "Sua magia é tão poderosa que pode subsistir indefinidamente sem comida, água ou sono? Não sabia que havia casado com uma entidade divina. Se Hida Kisada estivesse para se casar, sua esposa e eu teríamos muito que conversar."

Sezaru afrouxou os ombros. "Não há motivo para tal agressão."

O semblante de Angai se amaciou. "Perdoe-me, meu senhor," ela disse em silêncio. "Não intento desrespeito, verdadeiramente não. Mas às vezes, você parece tão difícil de se alcançar, que despertar sua ira é o único meio de trazer sua completa atenção."

Sezaru concordou. "Perdoe-me," ele disse. "Tenho estado... Distraído recentemente." Ele levantou uma sobrancelha. "É um assunto de cunho familiar, afinal."

Angai sorriu. Era o mais próximo que Sezaru havia chegado do humor. "Venha," ela disse. "Acharemos algo para comer e então você me contará sobre suas descobertas desde que deixei a Corte de Inverno."

Angai duvidava seriamente de que seu marido andasse ocupado com seu trabalho por apenas um dia, considerando o quanto havia comido. Ela suspeitou que precisava dormir também, mas ele estava determinado em mostrá-la quantas descobertas havia feito em sua ausência, então ela concordou e retornou ao escritório com ele depois que terminou de comer. "Não reconheço esses símbolos," ela disse, seus olhos direcionados novamente às estranhas escritas na parede oeste.

"Não acredito que seja uma forma de escrita," ele admitiu. "A caçada por Oradores de Sangue continuou intocada em sua ausência, apesar de encontrar aqueles culpados de se associarem com os blasfemos ter se tornado indefinidamente mais difícil com o passar do tempo."

Angai sentiu um calafrio. "Você não pintou símbolos de Oradores do Sangue na parede de nossa casa, pintou?" ela perguntou calmamente.

"Não são encantamentos," ele disse firmemente. "Não são um código, ou estão afiliados a maho de maneira alguma. É um sistema de algum tipo, um que acredito que nos dará sua localização física."

Ela olhou curiosamente para os símbolos. "Como você pode pensar isso?"

Sezaru caminhou à parede e apontou a uma área dos símbolos. "Esses foram achados num manuscrito nas províncias Asako. Depois de alguma deliberação, descobri que as pinceladas nesses três símbolos vagamente correspondem à disposição física de três vilarejos localizados a um dia de viagem ao sul do Castelo da Glória da Manhã."

A descoberta despertou em Angai. "Haviam Oradores de Sangue nesses vilarejos alguns meses atrás," ela disse.

"Sim," concordou Sezaru. "Acredito que este sistema permite um vago mapeamento que é vagamente tido por um código."

"Como ninguém mais descobriu isso?" perguntou Angai.

"Os Isawa estão supervisionando a maioria da investigação," respondeu Sezaru. "Eles consideram isso uma questão de honra depois de Bairei ter sido ferido."

"E quantos Isawa estão familiarizados com a topografia de pequenos vilarejos nas províncias Asako," ela respondeu. "Só por curiosidade, quantos você conhece?"

Sezaru suspirou. "Isso... Veio a mim. Num momento de inspiração, eu suponho. Talvez numa visão."

"Certamente," disse Angai. "Felizmente você foi capaz de reconhecer tal padrão." Na verdade, ela não estava tão certa se isso era algo bom. Ela estava ciente, e esteve por muitos anos, de que seu marido tem ouvido vozes por grande parte de sua vida. Por anos ele as superou, mas desde que começou sua guerra com os Oradores de Sangue a anos atrás, durante a Caçada de Sangue, elas o infectavam mais e mais. Essa era uma das várias coisas que tentava monitorar a respeito de sua saúde. Era melhor não deixá-lo se preocupar com tais coisas, porém. "Basta disso. Meu tempo em casa é limitado, e não desejo me ater a tais assuntos sombrios."

O franzir de Sezaru retornou. "Estou relutante em abandonar meu trabalho," ele disse. "Acredito que estou perto de localizar outra célula de Oradores de Sangue, se eu puder discernir a que localizações correspondem este grupo de símbolos."

"Você pode passar algumas horas fora," ela pressionou. "Refrescará sua mente. E durante minhas viagens, pensei numa nova possibilidade de abrir seu amado quebra-cabeças."

Sezaru sorriu levemente. Ele pegou a pequena caixa de seu lugar no topo da prateleira e se virou com ela em mãos. "Você sabe que ela nunca foi aberta desde que Kaiu Ryojiro descobriu seu segredo anos atrás. Ele não me disse como abri-la. Ele insistiu que devo achar um meio sozinho."

"Uma linha de raciocínio incomum para um engenheiro" ela disse com um sorriso. "Venha para a sala de visitas. Lhe contarei minha idéia."

Sezaru concordou e saiu do escritório. Angai tomou seu braço enquanto caminhavam pela casa, olhando pelo seu ombro ao escritório nervosamente mais uma vez antes de conter sua expressão.

Nikesake, as províncias Shiba

Os estudantes saíram do dojô pela tarde, todos exaustos, mas aparentemente satisfeitos com os resultados dessa seção. Eles eram homens jovens, apenas poucos anos se passaram desde suas cerimônias de gempukku, e estavam ansiosos por posteriores treinamentos com seus oficiais de comando. Alguns estavam ali porque possuíam um talento genuíno para a espada. Outros, porém, foram obviamente enviados como uma desculpa para tirá-los dos postos de comando pelo inverno. Era uma tática embaraçosa, mas uma que não estava ausente nem mesmo na mais sóbria escola de bushis. Ainda assim, eles não desanimavam. Não havia estudante que não pudesse aprender algo, e Isawa Sawao se esforçava muito para encontrar um meio de alcançar todos os seus estudantes, não importando seus níveis de habilidade.

O velho sensei colocou sua espada na estante ao lado do oratório do dojô, então curvou-se profundamente antes de se ajoelhar. Ele sempre terminava suas aulas com uma oração às Fortunas por orientação. Se tivesse sorte, elas continuariam a abençoar seus esforços e deixá-lo trazer sabedoria às jovens gerações nos anos seguintes. Um ruído na porta interrompeu suas preces, e ele olhou pelo seu ombro. "As aulas estão concluídas por hoje," ele disse. "Se deseja falar comigo em particular, venha a mim antes das aulas da manhã começarem."

"Desculpe-me, sensei," uma voz estranhamente familiar disse. "Não quis interromper."

Sawao se levantou e virou, então sorriu. "Sou eu quem devo me desculpar," ele disse. "Não percebi que meu dojô estava tão honrado em receber tão prestigioso visitante." Ele se apressou e curvou-se profundamente. "Bem-vindo, Mirabu-sama. É um prazer vê-lo de novo."

Shiba Mirabu sorriu, mas Sawao viu o cansaço ao redor de seus olhos. Não parecia que o homem dormia há algum tempo. "Obrigado, Sawao-sensei. É um prazer retornar. Este lugar guarda tantas lembranças de um tempo mais simples."

"Muitas memórias?" disse Sawao com uma gargalhada. "Você treinou aqui talvez três estações. Lecionei neste dojô por quase dez anos. Muito é um termo relativo. Me acompanharia num chá?"

Mirabu concordou e assentiu. Ele virou sua cabeça levemente à esquerda como se ouvisse algo, então voltou. "Estaria honrado, obrigado. Você está entre os maiores senseis do clã, e os Shiba o agradecem pelos seus anos de serviço e dedicação."

Sawao sorriu. "Ensinar sempre foi minha vocação. Eu era muito bravio e tolo para perceber isso em minha juventude. Tais coisas são infelizmente comuns com shugenjas que têm uma afinidade por fogo, temo eu."

"Este não é um caso universal," disse Mirabu, afastando um inseto de seu ouvido. "Você está entre os mais serenos homens que já encontrei, e Ochiai-sama está longe do estereótipo bélico que alguns acreditariam ser tão comum."

"Estereótipos têm uma base na verdade, mesmo que não sejam universais," disse Sawao, servindo a xícara de chá para seu visitante. "Mas acho que não veio até aqui para me perguntar sobre estereótipos ou as tipicidades de shugenjas do fogo."

"Talvez queira a perspectiva do único shugenja a supervisionar um dojô dos Shiba."

Sawao dobrou sua língua e mexeu a cabeça. "Besteira. Simplesmente entendo que para ser um bom duelista, deve-se não apenas entender seus instintos, mas render-se a eles. E além disso, quem recusaria Shiba Tsukune? Ela era uma mulher incrível."

Mirabu sorriu. "Você é sempre direto," ele lembrou.

"E você nunca foi particularmente sentimental," disse Sawao com um sorriso. "Como posso ajudar o Campeão da Fênix? Estaria honrado em fazer qualquer coisa que puder."

Mirabu sorveu o chá. "Existem alguns que lhe consideram iluminado," ele disse finalmente. "Eles dizem que o Andarilho veio até você, que o Imperador em disfarce desejou aprender os segredos da iluminação de você."

"Iluminação é um termo que se tornou popular nos anos recentes," disse Sawao. "Não creio que haja uma transformação mística que divide os assim chamados iluminados daqueles que não os são. O universo não é tão simples para que um homem possa repentinamente compreender isso."

"Não crê que seja iluminado, então?" perguntou Mirabu.

"Creio apenas que cheguei a um ponto na minha vida que compreendo mais do que quando era mais jovem. Talvez isso seja algo que os outros considerem iluminação. Ou talvez seja simplesmente um velho ficando mais sábio ou talvez senil o bastante para crer nisso. Por fim, que diferença faz?"

"O que o Andarilho quis aprender com você?" perguntou Mirabu. "Posso saber?"

"Certamente," disse Sawao com um gole de chá. "Discutimos o equilíbrio dos elementos e como um homem existe dentro desse equilíbrio. Concentrar-se em um é reduzir o outro, e vice-e-versa." Ele estranhou. "Não foram lições diferentes das lições que lhe ensinei anos atrás."

Mirabu franziu-se. "Se as entendesse há algum tempo talvez isso traria mais conforto para mim."

Sawao gargalhou, mas de modo curto e vívido. A expressão de Mirabu se tornou obviamente mais sombria, e enquanto o velho sensei estava acostumado a ver seu antigo estudante sendo do tipo preocupado, isso era algo completamente diferente. "Meu senhor, algo está errado?"

Mirabu mexeu a cabeça, olhando pelo seu ombro de novo, e então abanou como se um inseto zumbisse em sua orelha. "Esperei obter alguma compreensão," ele admitiu. "Não quis perturbá-lo."

"Não há nada que possa me dizer que ficará entre nós," disse Sawao. "Descarregue-se. É a única maneira pela qual você pode ser verdadeiramente livre."

Mirabu ficou em silêncio por vários minutos. "Você já viu um vidente?"

Sawao franziu-se. "Me encontrei com Agasha Hamanari em várias ocasiões, mas não éramos amigos," ele disse. "Por que pergunta?"

"Videntes têm visões," disse Mirabu. "Elas vêm até eles num estado de transe, ou assim os registros dizem. Então o que dizer a respeito das visões que vêm em sonhos?"

Sawao examinou cuidadosamente o homem mais jovem. "Você está tendo sonhos incomuns? De que tipo?"

"Coisas terríveis," disse Mirabu calmamente. "Coisas terríveis que não aconteceram, mas que podem acontecer. Coisas que temo que aconteçam."

"Medos às vezes se manifestam como sonhos," contrapôs Sawao. "Isso não é incomum."

"Sempre sonhei," disse Mirabu. "Isso é algo... Diferente. Algo muito, muito diferente."

"O que aconteceu a você para que pudesse explicar isso?" perguntou Sawao. "O que mudou?"

Mirabu ficou quieto novamente. "Nada," ele respondeu finalmente. "Nada mudou."

Sawao mexeu sua cabeça. "Seria desonrado para mim sugerir que meu senhor está mentido," ele disse. "O que certamente eu nunca faria."

"Com certeza," perguntou Mirabu. Ele terminou seu chá e se levantou. "Obrigado pelo seu tempo, sensei. Adoraria ficar mais, mas tenho negócios na Cidade do Tratado Honrado."

"Negócios?" perguntou Sawao.

Mirabu assentiu. "Tenho que ver se há alguma verdade nos meus sonhos."

Cidade do Tratado Honrado, províncias Agasha

O corredor para o templo se abriu com a força de um furacão. Um deles atingiu os pilares de pedra do lado de fora tão forte que este se rachou no centro. Uma shugenja veio correndo para fora do templo, saltando entre seus passos com suaves movimentos. Uma rajada de vento a pegou enquanto ainda estava no chão, porém, erguendo-a no ar mais uma vez e a jogando bruscamente de costas na fria e gélida rua. Ela se arrastou até ficar de pé, sua respiração ofegante saindo em grandes nuvens de vapor no frígido ar.

Sezaru emergiu do templo, sua máscara branca obscurecendo seu semblante. "Nossa conversa não terminou ainda, Isawa Nomi," ele disse num tom sombrio. "Você não confessou seus pecados para mim."

"Você está louco!" gritou Nomi, olhando em volta por ajuda. "Louco!"

"Você não é a primeira a dizer tal coisa," disse Sezaru desprovido de compaixão. "Porém, não acho que seja mais ofensivo vindo de uma blasfema como você."

"Não sou blasfema!" gritou Nomi. "Sou uma sacerdotisa!"

"Deve lhe confortar pensar assim," disse Sezaru. "Ou você na verdade contou essa mentira tantas vezes e tão convincentemente que agora acredita nela também?"

"Você está louco," repetiu Nomi, seus olhos arregalados de medo.

"E você é culpada," disse Sezaru, erguendo uma mão coberta de fogo. "Confesse e nomeie seus conspiradores, ou sofrerá muito mais por isso."

"Basta," irrompeu uma voz ao redor do pátio. "Não mais."

Ambos os shugenjas olharam para ver um samurai armadurado a uma curta distância dali. "Você tem testemunhos incriminando esta mulher, Sezaru? Ou mesmo a prova do Dragão que valoriza tanto? Você tem qualquer coisa para sustentar esses argumentos?"

"Não preciso disso," disse Sezaru. "Fui encarregado pelo Imperador de caçar este culto até sua extinção, e o farei."

"O Imperador está morto, como bem sabe," disse Shiba Mirabu. "Você não terá permissão para executar os outros sem qualquer indicação de suas culpas, independente das condições de seu nascimento."

"Eu sou a Voz do Imperador," disse Sezaru. "Este assunto não envolve você, e não reconheço sua autoridade em intervir em minha execução de um dever dado a mim pelo meu irmão."

Mirabu sacou sua katana devagar e a colocou ao seu lado. No instante em que estava livre de sua saya, ela se envolveu em chamas. "Afaste-se, Sezaru," ordenou Mirabu. "Você será mantido sob custódia dos Shiba até que os Mestres avaliem o que aconteceu aqui."

Os olhos de Sezaru se fixaram na lâmina. "Um interessante desenvolvimento," ele observou. "Não me submeterei."

"Você não tem escolha."

"Dificilmente." Sezaru se virou para Nomi e sussurrou uma rápida prece. A terra ao redor da mulher se ergueu e se fechou ao redor dela, prendendo-a até ombros.

"Ordenei para que se afastasse!" gritou Mirabu. Ele apontou sua espada para Sezaru e uma rajada de chamas saiu de sua ponta, rasgando o pátio em direção ao shugenja. Sezaru ergueu uma mão e interrompeu a rajada, esforçando-se em fazê-lo. De algum modo, ela foi redirecionada, indo para o templo de onde os dois sacerdotes saíram momentos atrás.

"O que é isso?" exigiu Sezaru. "Que pode é este que você manipula?"

"Não lhe pedirei de novo," disse Mirabu. "Afaste-se."

Os olhos de Sezaru acenderam por trás da máscara. "Minha causa é justa. Não o farei."

"Você jurou!" gritou Mirabu. "Você jurou lealdade à Fênix, e ainda assim anda por nossas cidades julgando quem você escolhe, por algum critério que se incomodou em explicar? Qualquer outro que cometesse tais atos seria executado por traição, e ainda assim devo permitir isso indolentemente? Não irei! Renda-se, Sezaru."

O shugenja não respondeu. Chamas envolveram suas mãos e começaram a brilhar mais forte a cada momento, crescendo em intensidade até que o ar ao redor dele tremulasse com o calor.

"Você não me deixa escolha," disse Mirabu. Ele gritou um forte kiai, e agitou sua espada num tradicional kata da Fênix. Uma onda de chamas rompeu o ar diante dele, indo em direção ao Lobo.

Isawa Angai olhava com crescente horror enquanto a batalha entre os dois homens aumentava em poder. Eles só se enfrentavam há poucos momentos, e várias construções já estavam em chamas, e o templo onde isso começou já era pouco mais do que uma ruína decadente. Ela nunca testemunhou qualquer coisa como o poder que Mirabu estava liberando, e era óbvio que Sezaru estava perdendo terreno. Angai nunca havia visto tanto poder em primeira mão, mas ela havia lido o bastante par saber que estava havendo: de algum modo, Mirabu veio a controlar o poder do Último Desejo. Pela maneira que estava se comportando, o Desejo afetava seu pensamento, e não de uma maneira positiva.

Os relatos de Shiba Aikune depois que veio a controlar o Desejo pela primeira vez eram vagos, mas geralmente concordavam que ele agia furiosamente e com pouco autocontrole. Muitos acreditavam que era resultado da própria personalidade de Aikune, mas ao ver Mirabu, Angai pensou que isso não era resultado do enlace. O Desejo não podia estar controlando Mirabu por mais que um mês ou dois no máximo, e ele já estava se comportando da mesma maneira. O Desejo era a fonte do problema, e se fosse o caso, então Angai pensou que sabia como lidar com ele.

Angai hesitou. Se não fizesse nada, poderia significar a morte de seu marido, a Voz do Imperador. Em seu coração, ela sentiu a certeza de que ele estava no caminho certo para descobrir e eliminar os últimos remanescentes dos Oradores de Sangue em seu clã adotivo. Por que ele simplesmente não se rendia? Certamente ele poderia provar que suas acusações estavam corretas! Não havia necessidade para esta insanidade, e ainda assim ela não podia ficar nula e deixar que Mirabu, enlouquecido pelo Desejo, o destruísse.

Mas ela tinha o direito de fazer uma ação que pudesse provavelmente destruir o Último Desejo de Isawa? Ele era uma criação única com poder quase ilimitado, uma que muitos concordavam que não havia sido completamente desenvolvido à sua forma final. Ele podia ser destruído? O que aconteceria se fosse? O que a Fênix perderia se ele fosse tirado deles? Parte dela acreditava que a Fênix estaria melhor se o Desejo sobrevivesse e seu marido se contentasse com um destino destruidor, mas seus outros instintos a massacravam em quietas, calmas vozes dos mais longínquos limiares de sua mente.

Ela sussurrou uma prece aos kamis e ansiou além da esperança para que ela estivesse certa.

Mirabu trouxe sua espada num rápido movimento defensivo. No campo de batalha, ele o faria para proteger-se de uma flecha ou de algum projétil. Agora, ele a usava para evitar uma torrente de água que Sezaru invocou contra ele. Ele ouviu o chiado do calor do Desejo enquanto ela passava por perto, e ouviu o impacto atrás dele quando ela atingiu uma casa com a força de um maremoto. Ele tirou o elmo de sua cabeça, limpando seus olhos com sua manga esquerda. O calor do conflito nublou o ar pelo pátio, e era difícil enxergar.

Era estranho. Mesmo no caos da batalha, com tudo que estava acontecendo ao seu redor, agora que o poder do Desejo foi concentrado, ele sentia como se sua mente estivesse livre pela primeira vez em meses. Mesmo enquanto ele mantinha esperanças de render Sezaru, ele viu que a devastação da batalha deles estava destruindo a cidade, e isso o assombrava. Seu dever como Campeão era proteger seu povo, e o que ganhava com isso? Mais destruição.

"Sezaru!" gritou Mirabu. "Sezaru!" o shugenja não podia ouvi-lo, ou se podia, escolheu não respondê-lo. Talvez ele estivesse zangado, e com razão, visto o modo como Mirabu agia, ou talvez fosse o mesmo imenso defeito que o fazia temer o que o Lobo significaria à Fênix em primeiro lugar. A mesma espécie de defeito que aparentemente o afetava agora também.

Não fale com ele! O Desejo era insistente. Não dê chance a ele para usar magia em você! Não o deixarei!

"Desejo, não!" gritou Mirabu. "Não é o que eu queria! Olhe o que fizemos!"

Estamos salvando a Fênix! Assim como Aikune!

Sua infantil devoção ao falecido amigo de infância de Mirabu era tocante, mas agora Mirabu pensava se o Desejo haveria sido mais danificado pela estadia nas Terras Sombrias do que ela percebera. Ele o disse coisas que não podia entender, algo entre ter que destruir porções de si mesmo que foram corrompidas nas Terras Sombrias e que ele não era mais completo. Ele procurou por um pedaço perdido de si mesmo, uma adaga que Aikune criou para a Imperatriz Toturi II anos antes, mas ela foi perdida há anos, e mesmo o poder do Desejo não pôde encontrá-la.

Não preciso mais disso! O Desejo gritou em sua mente. Juntos seremos inteiros! Você e eu, juntos, Mirabu! Destruiremos o Lobo e salvaremos a Fênix, como Aikune teria feito se estivesse aqui! Lhe mostrei o que posso fazer! Eu vi seus sonhos!

Mirabu sentiu algo gelar seu coração. "Você viu os sonhos?"

Você estava certo sobre Sezaru! Ele é muito perigoso!

"Forçamos este confronto!" gritou Mirabu. "Isso nunca teria acontecido se não tivéssemos intervindo! O que fizemos?"

Destruiremos o Lobo! repetiu. Salvaremos a Fênix!

Mirabu tentou trazer a espada voltar, para embainhá-la, mas não conseguiu. Ela se movia como se tivesse vida própria e suas mãos estavam atadas por um laço que não podia controlar. Não importava mais se Sezaru era tão perigoso quanto temia. O Desejo parecia mais. Ele olhou para Sezaru com horror, vendo as múltiplas queimaduras em seus mantos e a respiração que rompia de sua face agora que sua máscara fora posta de lado. Mesmo enquanto olhava, porém, o semblante de Sezaru começou a mudar. Seus mantos mudavam e tremiam, mudando de cor e tamanho. Tudo sobre o Lobo brilhava e nadava, como se alguém mais estivesse tomando seu lugar.

Aikune! Gritou o Desejo. Aikune, você está vivo!

Onde Sezaru estava um momento atrás, Shiba Aikune agora estava. Mirabu sabia que não era real. Pelo seu ver, Sezaru não era um homem enganador, então alguém mais devia ser responsável. Não importava. Tudo que importava era que o Desejo fosse poupado deste massacre, e Mirabu o sentiu ir embora.

Devo ir para ele! Mirabu, tenho que ir para Aikune!

Mirabu lutou contra o Desejo. Ele se esforçou para manter o laço entre eles, mesmo enquanto começava a falhar. O Desejo gritou para ele e exigiu saber o porquê, mas ele não respondeu. O Desejo era realmente um milagre, uma maravilha que poderia nunca ser recriada em milhares de séculos, mas estava danificado agora, ferido por sua viagem ao reino negro, e podia nunca ser curado. Enquanto existisse, a Fênix estava em perigo. O Império todo estava em perigo. A maravilha que estava expressa quando Aikune o descobriu, a inocência e o amor da criação que Aikune falava de quando interagia com ele... Se fora. O Desejo não existia mais. E tinha que terminar, não importando o custo.

O que está fazendo?!

Mirabu se ajoelhou e colocou a espada aos seus pés, apesar de suas mãos nunca deixarem o frio aço. Ele falhou em toda maneira imaginável, mas talvez se conseguisse fazer este último ato, se não seu espírito não acharia a paz no próximo mundo. "Me desculpe, Desejo," ele sussurrou. "Você não deve ficar neste mundo."

Aikune ergueu suas mãos. Uma estava coberta em fogo, e a outra cercada com alguma outra energia que Mirabu não podia descrever. Seu falecido amigo levou as mãos para frente numa repentina demonstração de espetacular magia.

Shiba Mirabu rezou para seus ancestrais por perdão.

Kyuden Otomo, províncias Doji

Isawa Angai vagarosamente deslizou a porta para seus aposentos à sua frente. Os corredores da pequena construção que tinham sido temporariamente designados à Embaixada Fênix, ao menos durante os meses da Corte de Inverno, estavam em silêncio. O choque das notícias que trouxe consigo das terras da Fênix caíram sobre a delegação inteira como um pesado fardo. Ochiai declarou que todos os representantes do clã ficassem de luto, e os outros representantes na corte, se já houvessem recebido as notícias, respeitassem isso. Ninguém os perturbaria até que estivessem prontos.

Angai deixou um suspiro rouco e sentou-se sem cerimônias nas almofadas de sua mesa de escrita. Ela esteve fora da corte por menos que duas semanas em

sua viagem para casa, e ainda assim parecia que havia ficado fora por meses. Como poderia tanta coisa ter mudado em tão curto tempo? Nada parecia real.

Ela contou a Shiba Naoya em pessoa. Pareceu adequado. Ao seu ver, o homem não mostrou emoção às notícias da morte de seu irmão. Ele calmamente a agradeceu e se retirou aos seus aposentos, mas Angai pôde sentir a agonia que o perfurava como a lâmina de uma espada. Ele e Mirabu eram gêmeos, e a perda deve ter sido gigantesca. Sua face estóica não escondia nada de Angai, e sua opinião sobre ele melhorava ao saber que estava preocupado com o bem estar de seu clã; houveram várias ofertas de casamento de outros clãs, e com os laços de Naoya ao Campeão do Clã abruptamente extintos, a Fênix não os receberia com tanto gozo.

"As Fortunas me dêem forças," sussurrou Angai em sua respiração. Sua visita à sua casa exacerbou a situação com Sezaru? Ela não havia visto ou falado com Mirabu, então certamente ela não teria culpa. Ainda assim, o incômodo de seu retorno coincidindo com algo tão traumático a deixou perturbada.

Angai realmente se preocupava com seu marido. Ela não o amava, e talvez nunca o amaria, mas ela estava preocupada com o seu bem estar, e sabia que carregava um pesado fardo. Ele detinha um poder que era quase incomparável ao de qualquer mortal, e se esforçava para controlá-lo diariamente. Ele passou por vários surtos de loucura desde a primeira vez que o viu, mas desde a batalha com Mirabu ele tem estado mais instável do que já esteve. Secretamente, ela temia que um dia, sua incrível vontade o falhará, e ele será incapaz de se controlar. Ela rezou para que esse dia nunca chegasse, pois sabia o que outros na Fênix e no Escorpião fariam, mas como ex kuroiban ela sabia que ninguém esperaria que boas intenções fossem o suficiente para afastar tempos sombrios. Ela tomou providências meses atrás para garantir que houvesse uma chance para ela, e para seu clã adotivo, não importando como a situação continuasse para seu marido.

Angai abriu sua mesa e retirou uma pequena caixa. Ela a deixou ali por suas suspeitas sobre Mirabu, e ela temia que o que pudesse acontecer se ele estivesse perto o bastante dela. Se ela o tivesse detido, as coisas teriam acontecido de maneira diferente? O futuro seria mais brilhante, mais sombrio, ou igualmente incerto para a Fênix?

Não havia como ela saber.

Isawa Angai abriu a caixa e pôs de lado o macio pano que a envolvia. Dentro dela, estava uma adaga, belamente construída e constantemente tomada por um brilhante fogo frio. A luz trêmula era cativante, mas Angai apenas a olhou por um momento. Ela rapidamente a envolveu de volta ao pano, fechou a caixa, e a colocou na mesa.

Haveria um dia quando ela não teria escolha senão usar tudo que restava do uma vez infinito poder do Último Desejo. Ela só esperava que, se este dia chegasse, que ela estivesse forte o bastante para fazer o que deveria ser feito.

Teste do Coração

Escrito por Nancy Sauer

Ryoko Owari, mês da Cabra, ano 1168

O distrito do templo de Ryoko Owari era geralmente um lugar quieto; a Cidade dos Muros Verdes não era conhecida por ser um centro de piedade. À noite era mais desolada ainda. Bayushi Shinzo gostava dela desse jeito. O tempo que passou dentro do templo de seus ancestrais, orando por força e controle era sua única preocupação.

Enquanto caminhava ao redor da praça aberta de fronte ao Templo da Virtude, Shinzo percebeu uma esguia figura de pé, próxima aos primeiros degraus do templo, diretamente em seu caminho. Ele se retraiu levemente, discretamente checando suas armas, e então relaxou quando reconheceu quem era. Quaisquer que fossem seus negócios no distrito do templo, Shosuro Maru provavelmente não estaria esperando para emboscá-lo. Shinzo alternou seu caminho para evitá-la, mas ela virou sua cabeça e olhou para ele diretamente. Ele parou a uma distância educada e curvou-se profundamente. "Boa noite, Shosuro-sama," ele disse. Ele conhecia pouco da mulher, mas não tinha intenção de ofender alguém consagrada pelo Império como Campeã do Bushido.

A cortesã retribuiu a curvatura mais superficialmente e então sorriu. "Boa noite, Bayushi-san. É um templo adorável, não?"

"Sim, é," concordou Shinzo. "Um monumento adequado para um homem tão grande."

"Toku, Fortuna da Virtude," disse Maru pensativamente. "O Imperador Virtuoso mostrou grande sabedoria em colocar o primeiro templo da Fortuna da Virtude aqui."

Shinzo ficou um pouco alheio à idéia. Quando pensou que tudo a respeito da localização do templo fosse parte de alguma troca de favores políticos. "De que maneira, Shosuro-sama?" ele perguntou.

A mulher abriu seus braços para indicar toda a cidade ao seu redor. "Quem pode apreciar mais as conquistas do General do que os que compartilham suas origens humildes? Quem pode entender a força de sua alma melhor que aquelas almas testadas diariamente? Esta cidade é habitada por homens e mulheres que constantemente superam seus vícios."

Shinzo retraiu-se imperceptivelmente. Em algum ponto de sua mais recente missão ele desceu dos telhados sobre um guarda surpreendido poucos minutos antes do homem se mover para completar sua patrulha. Shinzo temeu que suas mãos pudessem escorregar, temeu que o guarda ouvisse o bater de seu coração, ou sentir o cheio que emanava dele. O medo freqüentemente o assolava recentemente. Ele nunca permitiu que ele afetasse seu trabalho, e se tornou talentoso em pô-lo de lado, forçando-o para dentro para que não interferisse nas tarefas que desempenhava para o Escorpião. Entre esses trabalhos, porém, a ansiedade sobre o seu medo veio a assombrá-lo a todo momento. Era por essa razão que passou tantas horas em oração, procurando superar suas fraquezas. A própria idéia de procurar força de tal experiência seria loucura.

"Agradeço por sua perspicácia, Shosuro-sama," ele disse, curvando-se. "Estarei certo de que meditarei sob suas palavras. Por agora, temo, devo liberar-me de meus deveres."

"Certamente," disse Maru, polidamente. "Carregue as Fortunas, Bayushi-san." Ela o olhou sumir nas sombras da noite, e por um momento seus olhos brilharam. "Você é um homem de grande potencial, Shinzo," ela disse com calma. "Não escolha desperdiçá-lo." Então ela também sumiu na escuridão.

Mês do Galo, 1168

A voz era macia e rica, e fluía em ritmos suaves de um narrador mestre ou um talentoso professor. Ela falava de vida. Falava de morte. Falava de blasfêmias e revolução.

"Os samurais se prestam a privilégios e se intitulam filhos dos deuses porque seus ancestrais foram formados do sangue de Lorde Lua e das lágrimas de Lady Sol. Mas, e vocês? Seus ancestrais não foram formandos dos mesmos sangue e lágrimas?" o orador inclinou-se para frente e baixou a voz um pouco, fazendo com que seu público viesse ouvi-lo. "E não estão Lorde Lua e Lady Sol agora mortos, ambos assassinados por mortais? E acaso seus assassinos não estão agora nos céus como deuses?" O orador pausou e olhou à volta da sala, vendo os olhos de todos os camponeses que lotavam a sala. "E se Hitomi e Yakamo podem levantar-se além de suas estações por meios de sanguinolência, por que vocês não podem?"

Shinzo se ajoelhou nos fundos da sala, seu coração repleto de medo, exultação e alguma outra emoção que não podia identificar. De todos os agentes que Yudoka enviou para achar a fonte das rebeliões camponesas ele teve sucesso primeiro, e grande glória o esperaria quando retornasse ao seu senhor com as notícias. Retornar, por outro lado, seria difícil. O negro e musculoso homem com olhos dourados e tatuagens de ébano só podia ser Kokujin, o Dragão Louco, e Shinzo ouviu muito sobre ele para subestimá-lo. E os camponeses à sua volta... Havia algo neles que o incomodava também.

"É esta noite, meus filhos," disse Kokujin. "Vão e pensem no que ensinei a vocês, todos vocês... Exceto ele." Ele apontou para Shinzo. O Bayushi gelou por um momento, registrando os olhares suspeitos dos camponeses ao seu redor, e então se prostrou no chão. "Obrigado, grande profeta!" ele disse humildemente. "Tenho várias perguntas para fazer-lhe."

"Tenho certeza que sim," disse Kokujin com um sorriso indulgente. Ele esperou até que a sala estivesse vazia antes que falasse novamente. "Então, pequeno Escorpião, quais são suas perguntas?"

O coração de Shinzo soluçou. "Você me honra demais, grande profeta," ele disse. "Sou um fazendeiro."

Kokujin sorriu. "Seu disfarce é muito bom, Escorpião. Suas roupas, seu andar, tudo sobre você indica que é um fazendeiro. Exceto seu coração, que é leal a algo mais do que os seus campos, e deve fidelidade a mais do que suas colheitas. Você não é um mero camponês."

Shinzo considerou isso por um momento e então olhou para cima para encontrar os olhos do homem. "E se eu for?"

O homem tatuado riu. "Terei que lhe matar, eu suponho. Caso contrário você irá ao seu senhor e dirá que estou aqui, e não acabei por aqui."

"E o que você está fazendo aqui?" perguntou Shinzo. "Por que você..." Ele parou no meio da próxima palavra, sacando uma longa faca escondida e arremessando-a contra o alvo. Houve um borrão de movimento, uma confusa sensação de fortes mãos o agarrando, e então Shinzo se achou pendendo no chão, sua faca balançando ao seu lado.

Kokujin se sentou agora. "Estou moldando os camponeses em instrumentos para minha vingança divina," ele disse.

Shinzo rolou e se pôs de pé, a faca em sua mão. "Vingança divina?" ele disse. Ele precisava de tempo, pensou; tempo para achar uma fraqueza, tempo para planejar, tempo para dominar o medo que corria despercebido como ácido por suas veias.

"Não me admiro pela sua confusão," disse Kokujin. "O Clã Dragão fez tudo dentro de seu poder para me negar a glória que mereço dentro do Império — e pagarão por isso." Sua voz gravemente reflexiva. "Quando todos os campos de arroz forem ruínas de cinzas e os exércitos de meus fiéis choverem sobre seus castelos, eles ainda me negarão minha divindade?"

Com um rápido, suave movimento, Shinzo pegou uma segunda faca e a atirou. Ele a seguiu, pronto para tirar vantagem do momento de distração que causara. Kokujin abateu a faca atirada, e a deixou cair aos seus pés. Ele prendeu seu atacante pelo braço direito e o atirou sobre sua cabeça, torcendo o braço enquanto o fazia. Shinzo fez um curto, involuntário grito quando atingiu o chão, sentindo a dor de um músculo rompido. Kokujin então o puxou pelo mesmo braço e o arrastou pela sala. Shinzo titubeou até um pilar e caiu, sua mente perplexa pela velocidade e poder dos ataques do monge. Seria Kokujin realmente um deus? Ele não pensou nisso, mas se o Dragão se opõe a Kokujin, quem espalhou a história primeiro, mesmo que fosse verdadeira? Sua faca arruinada no chão ao seu lado, enquanto olhou para cima par ver Kokujin olhando para ele impassi-

velmente do canto da sala. Shinzo sentiu o medo revirar sua barriga, então se mexeu, agarrou a faca com sua mão esquerda e se esforçou para se pôr de pé.

"E ainda tenta me atacar?" o homem tatuado começou a andar para frente. "Ainda nega minha divindade?"

Shinzo travou seus dentes. "Mande lembranças minhas a Lorde Lua," ele gritou.

Kokujin parou, levou sua cabeça para trás, e então gargalhou. "Você vê que sou um deus!" ele disse. "Você é sábio. Não esperava que fosse tão sábio. Talvez tenha subestimado você?" ele veio para frente, desarmando o Bayushi com casual facilidade e empurrando-o contra a parede. "O que você esconde em seu coração, Escorpião?"

Shinzo se afastava o quanto a parede permitia. Os olhos dourados do tatuado pareciam escavá-lo, pinçando-o muito mais forte do que as mãos que agarravam seu pulso e ombro. Esse pensamento se seguiu a outro; seu ombro fora torcido, mas seu braço direito estava livre para se mover. Gentilmente, ele tentou mexer seus dedos, e então devagar começou a puxar a última arma que tinha. Era uma lâmina pequena, não maior do que um batom de mulher, mas o fio era fino e encharcado do mais fino veneno.

"Você é um homem de grande potencial," disse Kokujin. Sua voz num tom baixo e grave, a voz de uma montanha a usaria se quisesse falar com mortais. "Grande potencial, mas com uma fraqueza. Você está cheio de medo." Ele se aproximou e Shinzo parou seus dedos ao tocar no cabo da lâmina. "Posso tirá-lo de você."

"Não temo você." Shinzo esqueceu a lâmina, seu mundo inteiro foi tomado pelos brilhantes olhos dourados e a dor em seu coração.

"Certamente," disse o monge sorrindo. "Você fede a medo. Deixe-me tirá-lo."

Shinzo rangeu seus dentes. "Você não passa de um louco."

"Sou um deus," disse Kokujin pacientemente. "Você não viu a coragem de meus fiéis? Por que duvida de mim? Tudo que precisa fazer é concordar, e farei isso a você."

Shinzo olhou para ele por um longo tempo, dificilmente ousando respirar. Ele pensou nos destemidos camponeses envolvidos nas revoltas, e imaginou o que poderia fazer com esse tipo de ausência de medo. Ele suportaria a loucura de Kokujin o bastante para aprender isso, e ainda sobreviveria para completar seu dever?

"Sim," ele disse finalmente. "Eu aceito."

Mês do Javali, 1168

Shosuro Yudoka deslizou a porta da tenda para o lado e olhou. Era um dia claro, com o suave nascer do sol pendendo nos campos. Só havia os restos da colheita e poucos pardais. Ele contemplava a falsa passividade da vista. Era a poeira no vento, mas ele achou que pudesse detectar o cheiro de grãos queimados. Dois vilarejos ao norte se rebelaram na semana anterior, e na batalha para restaurar a ordem ambos foram incendiados. "Você está certo que é o 'grande profeta' deles" ele disse.

"Sim, Shosuro-sama," disse Shinzo.

"Um estudante de Kokujin," disse Yudoka. Ele se virou de volta à sala e caminhou para onde sua arma longa pendia contra a parede. "E você sabe onde ele está agora?"

"Sim, Shosuro-sama," disse Shinzo.

Yudoka pegou a arma, pensativamente checando a condição das lâminas. "Vamos, então. Precisamos terminar essa insanidade agora."

"Shosuro-sama, apenas nós dois? Este homem pode ser muito perigoso."

Yudoka olhou para o jovem e ficou feliz em notar que não demonstrava sequer uma essência de medo, apenas preocupação com o sucesso da missão. "Se esperarmos por reforços ele pode se mover, e então seremos forçados a recomeçar a busca." Ele ergueu sua arma levemente. "Usaremos uma estratégia que tem servido bem ao nosso clã — um homem para lutar à frente, e outro para atacar por trás."

Shinzo inclinou sua cabeça. "Como disser." Ele se ergueu e saiu pela porta.

Os dois homens correram rapidamente, Shinzo à frente. A terra ao redor deles mudou dos campos para esparsos bosques, e estavam se aproximando do centro quando os dois homens ouviram sons de combate. Shinzo parou e olhou para Yudoda, real preocupação em seus olhos. "O lugar é logo em frente — mas não sei o que está havendo lá."

Yudoka tensionou-se levemente. "Muitas patrulhas sumiram depois das revoltas, talvez uma delas tenha achado este lugar. Quem quer que seja, este conflito nos favorece; a confusão que está criando providenciará cobertura. Atacamos agora." Eles começaram a correr de novo, Yudoka continuando reto e Shinzo pelos arbustos.

Depois de um minuto Yudoka chegou a uma larga clareira. Pequenos grupos de homens lutavam, camponeses e bushis do Escorpião estavam espalhados por lá. Num canto estava uma pequena plataforma onde se sentava um negro e tatuado homem de cabeça raspada e olhos dourados, que observava o combate com o ar de um sensei avaliando alguns alunos promissores. Yudoka alterou seu caminho para ir diretamente à plataforma e continuou o arco de seu impulso para sacar a outra lâmina da arma que usava, cortando todo o abdome de um homem e deixando-o cair no chão. Ignorando os gritos de morte, Yudoka olhou para a agora vazia plataforma e imediatamente golpeou com sua arma. O tatuado pulou de trás do trajeto da lâmina ensangüentada e sorriu.

"Veio buscar iluminação?" ele perguntou.

"De certo modo," respondeu Yudoka. Ele investiu. Seu oponente esquivou, pegou uma lança do chão e fez um movimento de contra-ataque. Os dois homens se circulavam, provando e testando, mas nenhum queria atacar ainda. Finalmente, do canto de seu olho, Yudoka viu a sombra de movimento que lhe disse que Shinzo estava posicionado. Ele lentamente mudou para uma postura de ataque, deu dois passos e então rolou de um golpe para trás. Ele tentou se recompor e falhou, sua mente repentinamente tomada por uma incapacidade de respirar. Ele olhou para baixo enquanto dobrava seus joelhos e viu dez centímetros de uma ninja-to encravados em seu peito.

"Você fez bem," o homem tatuado disse.

"Obrigado, Kokujin-sensei," disse Shinzo.

O sangue escorria da boca de Yudoka e com isso veio a dor. "Kokujin," ele tentou dizer, mas não podia achar forças.

O Dragão Louco mexeu a cabeça. "Você, todos como vocês, são fracos. Vocês não querem fazer o que precisam para exercitarem suas fraquezas. Seu estudante foi forte o bastante para buscar o verdadeiro caminho, apesar de secretamente esperar que retornasse para ele. Ele claramente não deseja mais fazê-lo." Kokujin passou a lança para Sinzo. "Mate-o," ele disse. Shinzo chutou Yudoka e sem delongas encravou a lança no estômago do outro homem. Yudoka morreu rezando aos seus ancestrais, orando para que Shinzo tivesse uma morte longa quando finalmente o levassem para a Tumba.

Kyuden Otomo, Mês do Rato

Bayushi Paneki removeu seu manto e o deixou na parede inconscientemente. Ele podia poupar uma hora, não mais, e então a jornada para as terras do Escorpião recomeçaria se as piores tempestades do inverno fossem evitadas. Ele veio em segredo, e ninguém exceto Kaukatsu sabia a identidade do mensageiro Escorpião que chegou com uma guarda pessoal. Os rumores de sua identidade e da mensagem que carregava manteriam a corte zumbindo por dias.

A tela se deslizou e uma velha vestida em tons de terra entrou. Ela olhou para Paneki com uma expressão curiosa, talvez com um toque de incômodo. Ela não era do tipo que estava acostumada a ser imediatamente convocada, afinal. Então uma faísca de reconhecimento fluiu nos olhos brilhantes dela. "Paneki-sama," ela disse numa voz silenciosa. "O que está fazendo aqui?"

"Inao-sama," ele disse, curvando-se respeitosamente. "Por favor, levante-se."

"Meu senhor, perdoe-me minha presunção, mas é incomum achar você aqui a essa hora. Ouvi que você estava supervisionando a resposta do Escorpião à agressão do Caranguejo."

"Estou," respondeu Paneki. "Precisava ver você, só por um momento."

"Mas o tempo," ela começou.

"Nos atrasará pelo tempo que preciso," ele respondeu rapidamente. "Precisava ver você. Trago notícias infelizes."

Os olhos da Campeã do Macaco fugiram. "Minha filha está à salvo em seus cuidados, ao que eu saiba," ela disse. Seus olhos repentinamente se abriram e ela levou uma mão à face. "Yudoka?"

Paneki curvou sua cabeça. "Seu irmão foi perdido," ele disse calmamente.

Inao rapidamente abriu um leque, mas não antes que o Campeão do Escorpião visse sua expressão angustiada. "Posso saber como?" ela perguntou.

"Ele foi traído," respondeu Paneki, seu tom grave. "Ele foi traído por um de seus alunos, e assassinado pelo louco Kokujin. Não achamos seus restos, mas sua arma..."

Inao mexeu a cabeça. "Meu irmão não deixaria Pinças e Cauda enquanto vivesse."

Paneki consentiu. "Ele foi meu servo mais leal," ele disse calmamente. "Ele era meu mais fiel conselheiro, e... Meu amigo. Me desculpe, Inao-sama."

Ela não disse nada por vários minutos. "Meu marido foi perdido," ela sussurrou. "Minha filha se casará com a casa Bayushi, e devo vê-la raramente agora. E agora meu irmão. Pouco resta para mim."

"Seus filhos," Paneki a lembrou. "Eles são homens nobres. Tire sua força deles."

"Talvez... Talvez seja a hora de me retirar dos afazeres do Império," ela disse. "Meus filhos são fortes, como disse. Talvez seja hora para que eles governem o Clã Macaco em meu lugar." Ela olhou para o senhor dos Escorpiões. "Eu o faria, se soubesse de uma coisa. Se me jurasse uma coisa, algo do Mestre dos Segredos, o homem que já se encarregou de proteger minha amada filha."

"Peça-me, e será feito," disse Paneki.

Inao fechou seu leque, e a tristeza e lamento que havia visto a um momento atrás sumiu. "Prometa-me," ela sussurrou, "que o homem que traiu meu irmão sofrerá."

Os olhos de Paneki brilharam. "Ah, isso eu lhe prometo, Inao-san."

Essência da Lealdade

Escrito por Shawn Carman e Nancy Sauer

Algum lugar nas províncias Yogo, oito anos atrás

A sala era escura. Não havia janelas, nem mesmo a única porta, ou ao menos a única porta que o prisioneiro conhecia, estava selada tão fortemente que nem mesmo a luz entrava quando estava fechada. Ele esteve na escuridão completa por dias. Apenas quando seus raptores chegavam, ele via alguma coisa, e mesmo a solitária vela parecia impossivelmente brilhante comparada ao breu que veio a conhecer ao longo dos... Há quanto tempo ele esteve aqui? Ele não tinha certeza. Parecia uma eternidade, mas na realidade não seriam provavelmente mais que três dias.

A porta abriu repentinamente, e a luz de fora era cegante. Ele se afastou dela, mesmo apesar de tentar caminhar em direção à porta. Uma silhueta familiar apareceu, e a porta se fechou de novo. Não havia passos, um breve barulho e, e então a vela se acendeu de novo. Do outro lado da pequena mesa estava uma pequena mulher com uma pequena máscara. Ela sorriu levemente, mas era apenas um reflexo polido. "Bom dia, Natsuo."

Os olhos de Soshi Natsuo ardiam mesmo à vela. "É de manhã?"

"É."

Ele limpou sua garganta e imaginou se ela havia trazido água. "É difícil dizer," ele disse. "As acomodações são um pouco relapsas, Rieko-san."

O sorriso de Yogo Rieko não mudou. "Apenas pensei que podíamos continuar nossa conversa anterior."

O coração de Natsuo tremeu. Ele sabia por experiência que ela provavelmente o ofereceria nada a menos que cooperasse, e por mais que fizesse, ela não estava inclina a acreditar nele. Ainda assim, neste ponto ele absolutamente não tinha escolha sobre a questão, a não ser se permitir definhar e morrer ao invés de falar à mulher. Naturalmente, ele achou essa idéia detestável. "Claro," ele coaxou. "O que quiser."

"Que gracioso de sua parte," disse Rieko, sua voz traindo-a apenas por uma noção de sarcasmo. "Conte-me sobre Yogo Hiroji."

Natsuo reprimiu o impulso de enterrar sua cabeça em suas mãos à menção do nome do homem. "Lhe contei antes, certamente," ele começou, "mas ficaria feliz em repetir. Yogo Hiroji veio à minha casa na calada da noite. Ele entrou em minhas câmaras pessoais e tentou me assassinar com o que parecia ser um dai tsuchi feito de pedra."

"Ele disse algo?"

"Sim," disse Natsuo. "Ele estava gritando sobre me arrepender de meus pecados. Gritando mesmo. Ele pareceu estar completamente maluco. Tentei correr, mas ele me derrubou com uma tempestade de ar. Parecia que queria me matar com as próprias mãos. Ele continuou me chamando de traidor. Eu... Me defendi. Não tinha escolha."

O sorriso de Rieko sumiu. "Você matou um membro dos Kuroiban, você quer dizer."

"Não fazia idéia de quem era no momento, nem conhecia sua organização," disse Natsuo. "Como disse, achei que estava vindo me matar a mando de meus superiores da Torre Sombria. Acreditei que de algum modo descobriram minha... Trepidação."

"Ah, sim," disse Rieko. "Estava esperando que pudéssemos discutir isso também. Você diz ser ignorante às dimensões dos crimes da Torre Sombria?'

Natsuo respirou fundo. "Disse que não estava ciente de que estávamos trabalhando contra o governo de lorde Yojiro-sama," ele disse cuidadosamente. "Tinha a impressão que estávamos trabalhando para Shosuro Furuyari, que não espero ter que lembrá-la que era um dos conselheiros de lorde Yojiro. Cri que o que estávamos fazendo era sancionado pelo Campeão, e assim como pus de lado todas as reservas a respeito disso, sempre fiz o que me mandavam fazer algo de uma moralidade ambígua. Eu sou leal."

"Claro que é," disse Rieko. Ela estava olhando sobre uma escrita prévia do testemunho de Natsuo, e parecia prestar pouca atenção. "Você diz ter descoberto a verdade pouco antes de Hiroji ter chegado à sua casa."

"Nove dias antes," ele esclareceu. "Quando descobri que estávamos trabalhando não apenas sem o conhecimento do Campeão, mas que de fato meus superiores aspiravam subverter sua autoridade... Eu traí o clã. Esperava morrer."

"Infelizmente você não morreu," observou Rieko casualmente. "Conte-me sobre o manuscrito."

"Lhe contei várias vezes," insistiu Natsuo. "Enviei notícias a um velho amigo de meu pai, pedindo permissão para ficar com ele por algum tempo. Pedi para que não contasse a ninguém. Ele era um homem velho que vivia perto das montanhas, longe de qualquer vilarejo ou povoado. Sabia por experiência que ele ficaria meses ou mesmo anos sem contato com o mundo externo a menos que recebesse ou enviasse uma mensagem. Pensei que a Torre fosse incapaz de me encontrar ali, e que podia determinar o que fazer em seguida."

"Você podia ter se rendido," disse Rieko.

Natsuo riu. Era um som rouco. "Nunca viveria para contar minha história, e você a conhece. A Torre tinha informantes em todos os lugares." Ele abanou o ar com as costas de sua mão. "Você achou o manuscrito?"

"O samurai ao qual se refere foi achado morto," disse Rieko secamente. "Não havia indícios de que sua morte viesse de causas não-naturais, e nenhum traço do manuscrito do qual fala."

Natsuo começou a dizer algo, então parou de repente. Por que ela estaria perguntando sobre o manuscrito se não o tivessem achado? A menos que... "Você acredita em mim," ele disse repentinamente. "Você sabe que estou dizendo a verdade."

Ela levantou uma sobrancelha. "Você presume demais."

"Se não acreditasse que sou leal, estaria no Bosque agora," disse Natsuo. "Você não achou o manuscrito, mas acredita que ele exista."

Rieko colocou o papel que estava lendo na mesa e olhou para Natsuo com descaso. "Acredito que você pode ter sido enganado," ela admitiu. "Também acredito que você pode estar dizendo a verdade, mas mesmo se for assim, isso só significa que você é um tolo com uma perigosa quantidade de experiência com maho e outras artes da Torre. Isso dificilmente melhora sua posição."

"Eu sou leal!" insistiu Natsuo. "Servirei de qualquer maneira a você, aos Kuroiban, ou ao que meu Campeão achar adequado! Mereço a chance de me arrepender por minhas falhas, ou ao menos ceifar minha própria vida. Não mereço a Tumba!"

"Veremos," disse Rieko.

Numa casa particular próxima a Shiro Soshi, atualmente

Soshi Korenaga acordou com um súbito, estrangulado grito rastejando pela sua garganta numa tentativa de se libertar. O suor molhava seu corpo, mas ele sentia um inescapável calafrio, e apertou seu kimono ensopado pela transpiração.

Foram pesadelos de novo. Eles vinham a quase toda noite agora, apesar de muitas das vezes serem facilmente controláveis. Essa noite, porém... Foi difícil. Uma escuridão líquida caia sobre ele das sombras, estendendo seus tentáculos peludos e rasgando sua carne enquanto tentava escapar. Ele caia cada vez mais fundo na escuridão, fluindo sobre ele e afogando-o enquanto ele sentia sua vida o deixar.

Korenaga se levantou subitamente e foi à mesa onde tomava o chá antes de dormir. Ele checou o pote com uma mão trêmula, mas claro que não havia nada dentro. Ele sabia que não deveria ter. Ainda assim, ele checou o pequeno bolso onde as pétalas de jade ficavam antes de serem misturadas ao chá. Nada. Havia apenas algumas gotas que restava no copo em que tomava o chá há longas horas atrás. Ele olhou para elas por um longo tempo, então finalmente correu seu dedo pelo interior do copo e o pôs na boca. Houve apenas a falsa impressão do normalmente amargo sabor, mas ele se aliviou do mesmo jeito.

Soshi Korenaga se sentou na escuridão, seus joelhos apertados ao seu peito, e esperou até que o sol se levantasse para espantar seus demônios.

Soshi Natsuo esfregou seus pulsos inconscientemente e olhou aos seus arredores. Ele não ficava dentro das posses ancestrais de sua família por quase uma década, e ainda assim parecia que pouco mudou. O castelo era geralmente comum, em parte para que um visitante comum fosse incapaz de se lembrar de qualquer coisa significativa sobre ele. Era, claramente, um fenômeno cuidadosamente mantido a fim de perpetuar a reputação dos Soshi sobre os estrangeiros.

"Obrigado por vir tão rapidamente," uma voz sedosa ofereceu dos dais ao centro da sala. "Mas você teve pouca escolha, eu suponho."

Natsuo olhou para o centro da sala. Uma mulher vestida em escarlate brilhante e preto estava nos dais, suas mãos dentro de suas mangas. Ela não estava ali um momento antes, e ele não viu por qual caminho ela entrara na sala sem que notasse. Novamente, típico dos Soshi. "Não, minha dama Uidori-sama," ele disse com uma profunda reverência. "Por minha presença ser involuntária não significa que não seja grato por estar aqui."

"Minha irmã não está casa no momento," a mulher respondeu. "Sou Yukimi."

"Claro," disse Natsuo com uma segunda reverência. A daimyo de sua família era uma de um par de gêmeas, e as duas eram virtualmente idênticas. "Perdoe minha ignorância."

"Você sabe por que está aqui?" perguntou Yukimi.

"Não," admitiu Natsuo. Ele hesitou, então adicionou. "Não tenho estado fora das terras Yogo sem escolta por anos. Presumo então, que sua irmã decidiu um destino diferente para mim do que o cativeiro."

"E como se sente a respeito disso?" perguntou Yukimi.

Natsuo considerou por um momento. "Vivo apenas para servir ao Escorpião," ele respondeu. "Se meu serviço está terminado, então fico feliz em voltar à minha casa uma última vez."

Yukimi sorriu discretamente. "Você está correto que seu destino foi decidido, mas não da maneira que imagina. Diga-me, meu traiçoeiro, que serviços você oferece aos Kuroiban?"

A expressão de Natsuo não mudou nem de leve. "Os Kuroiban, minha dama?"

"Não banque o tolo," avisou Yukimi, sua expressão repentinamente feroz. "Sei exatamente quem são. Todos os senhores do Escorpião sabem, e conheço os deveres de minha irmã o bastante para que saiba também. Agora, o que faz para eles?"

"Que notável mal-guardado segredo," disse Natsuo com um sorriso. "Eles usaram minha... Familiaridade com vários rituais maho para ajudá-los a examinar

materiais capturados, os ajudei a determinar o que são, e como melhor destruí-los de maneira segura."

"E presumo que ao longo de seu serviço pelo qual você se mostrou útil de fato, imagino que você também tenha desaparecido há algum tempo atrás."

"Não presumia aumentar meu valor aos Kuroiban," disse Natsuo.

O sorriso de Yukimi retornou. "Uma sábia decisão. Enquanto posso facilmente determinar pelo seu tom que você cumpriu seus deveres, temo que eles estão no fim. Seus serviços são requisitados em outro lugar."

Natsuo ousou esperar. "Claro, minha dama. Como posso servir?"

Yukimi se sentou nos dais e bateu num pequeno sino. A nota soou esplendidamente pela sala, e a porta na parede ocidental se abriu. Apenas um homem entrou, miserável na aparência apesar das finas roupas. Ele estava pálido, com longos e escassos cabelos, e uma expressão assombrosa. "Este é Soshi Korenaga, um valioso servo meu. Ele esteve trabalhando para solucionar um mistério que é de grande importância para mim, pessoalmente, e para o Escorpião como um todo. E é, devo adicionar, de particular interesse do próprio lorde Paneki."

"O Campeão?" disse Natsuo, seu tom era de surpresa.

"De fato. Obtenha sucesso, e talvez seu passado seja finalmente esquecido."

Natsuo duvidou disso, mas ele se agarraria a qualquer oportunidade. "Apenas determine o que deve ser feito, e o farei sem hesitação."

"Claro que irá," disse Yukimi. Ela pegou uma caixa lacada que estava próxima a ela e pôs diante dela. "Caminhe, por favor."

Natsuo o fez, sua curiosidade despertou. Ele notou que Korenaga se retraía de leve, mas não prestou atenção no pequeno homem. Ele se aproximou dos dais e olhou para dentro da caixa. Toda cor prontamente abandonou sua face, e ele deu vários passos para trás.

"É... Isso é uma Escritura Negra?" ele sussurrou.

"Em parte, sim," disse Yukimi. "É uma nova Escritura Negra, não uma das escrituras originais dadas ao Escorpião por segurança há mil anos atrás, porém."

"O que?" exigiu Natsuo. "Isso não é... Como isso é possível?"

"E isso, meu amigo, é uma das várias perguntas que será respondida pelo Escorpião."

"O que?" repetiu Natsuo. "Minha dama, não! Passei quase uma década sendo punido por participação em maho que acreditei estar sendo feita pelo benefício do clã. Não pode me pedir para fazer isso de novo!"

"Posso," disse Yukimi insistentemente, seu tom era firme. "Porém, não o estou fazendo neste caso."

Natsuo franziu-se. "Não compreendo."

"Nenhum de nós compreende," admitiu Yukimi. "O manuscrito foi recuperado das Terras Sombrias, da Tumba dos Sete Trovões. Não sabemos quase nada sobre ele, salvo que é de fato uma Escritura Negra, e que não é uma da série que estamos familiarizados. Não foi criada por feitiçaria de sangue, e ainda assim porta a marca do Jigoku, como o leal Korenaga descobriu."

Natsuo se afastou de Korenaga. "A Mácula?"

"Hai," disse Korenaga fracamente. "Está sob controle," ele adicionou com pressa. "Meditação e chá de pétalas de jade ajudam, e tenho apontamentos mensais com um dos caçadores de bruxas Kuni. Ele crê que fui Maculado por uma velha do pântano que foi descoberta em nossas terras e prontamente destruída."

"Um ardil difícil," adicionou Yukimi. "carcaças de velhas do pântano são difíceis de se conseguir."

"A questão é que, diferente de você, minha corrupção deriva de uma genuína tentativa de ajudar o Escorpião, ao invés de uma subvertida tentativa de destruir a autoridade do clã," ordenou Korenaga. "Não serei julgado por alguém como você."

"Basta," disse Yukimi, erguendo sua mão. "A lealdade de Korenaga não está em debate, Natsuo. E nem a de Natsuo, Korenaga. Ele provou sua determinação ao longo dos anos, e deve receber confiança. Ele sabe mais que talvez todos nós sobre assuntos desse tipo."

"Não tenho idéia de como uma Escritura Negra possa ser criada sem o uso de feitiçaria de sangue, exceto talvez pelo próprio Isawa," disse Natsuo. "Porém, se os meios podem ser descobertos, os encontrarei."

"Excelente," disse Yukimi. "Cada um de vocês garantirá que o outro não tente nada inapropriado. Vocês garantirão que o outro não lide com nada que cause infelicidades."

"Hai, minha dama," ambos responderam.

Natsuo imaginava se podia estar mais seguro com os Kuroiban.

"Isso é um erro."

Natsuo olhou para Korenaga pacientemente. "Já discutimos isso no caminho. Há pouco que podemos fazer. Yukimi-sama deixou explicitamente claro que devemos descobrir o que pudermos sobre o manuscrito a qualquer custo, contanto que o Escorpião não sofra com isso."

"Como saberemos o que acontecerá?" perguntou Korenaga.

"Não podemos ter certeza," disse Natsuo, "mas existem coisas que podemos presumir baseados nos registros das Escrituras Negras anteriores. Elas são usadas para selar poder retirado de fontes externas. O processo de selá-lo de tal maneira corrompe a magia usada para selar em primeiro lugar. Isawa usou pura magia de sangue para roubar o poder de Fu Leng nas Escrituras Negras originais, assim, transformando-as em magia corrupta de sangue. Este feitiço não é maho, apesar de ser corrompido. Assim, tecnicamente, nossa investigação não viola a lei Imperial, ou ao menos não o faz até que descubramos que a magia usada é de fato uma prescrita pelos editos Imperiais."

Korenaga mexeu sua cabeça. "Mas, abrir uma escritura... usá-la... Liberará o poder contido dentro dela. O que quer que tenha sido preso estará fortificado, e saberá a localização do manuscrito."

"Muito disso não está certo," avisou Natsuo. "Porém, só por precaução, viemos aqui." Ele apontou ao sul. "A fronteira está a menos de uma milha. Se alguém ou algo vier a saber do manuscrito, considerarão o Caranguejo como alvos primários." Ele sorriu ligeiramente. "Propício, não acha?"

"O que libertaremos?" perguntou Korenaga de novo. "O que será liberto?"

"Não sei," admitiu Natsuo. "Poderia muito bem ser a magia usada para roubar o poder que corrompe os elementos nesse caso. Por tudo que sabemos, liberar essa energia será algo benéfico. E mesmo que não seja esse o caso, liberá-la nos capacitará de quantificá-la. Ao libertá-la, podemos identificá-la."

"Você acha," insistiu Korenaga. "Não sabemos com certeza."

"É uma suposição racional baseada em conhecimento anterior," disse Natsuo. "Ao fazê-lo, temos relativamente pouco a perder, e muito a ganhar." Ele pausou por um momento, então assentiu. "E o que o Escorpião perderia? Dois indivíduos que podem ser facilmente descartados como traidores ou loucos."

Korenaga mexeu sua cabeça e cobriu os olhos com sua mão por um momento. Finalmente, ele baixou sua mão e assentiu. "Muito bem," ele disse tristemente. "Eu o farei."

"O que?" disse Natsuo. "Não. Eu o farei."

"Já estou Maculado," disse Korenaga. "É racional que eu o faça. Sou uma perda menor ao clã que você."

Natsuo mexeu sua cabeça. "Participei da maldição de muitos bons homens para permitir que isso aconteça de novo. Não. Mesmo que não seja minha hora de aceitar o fardo de minhas transgressões passadas, não arriscaria a Mácula que indubitavelmente virá para infectar você. Poderia facilmente ser mais que o que você pode tolerar, e se você vier a perder o controle sobre você mesmo, então terei falhado ao Escorpião novamente. Não permitirei que isso aconteça."

Korenaga ficou quieto por um momento. "Você não é um traidor," ele disse finalmente.

"Obrigado," disse Natsuo, sua cabeça curvada. "Talvez um dia merecerei tal elogio. Vamos nos preparar."

Uma hora depois, Natsuo estava sozinho num rochoso e vazio campo. Apesar de toda a bravata e argumentos que usou para convencer Korenaga, ele ainda estava cheio de dúvidas. O que estava prestes a fazer, nenhuma alma vivente tentou antes. Todos os que tentaram anteriormente nas gerações anteriores tiveram fins desastrosos. Era puramente arrogância que o fazia acreditar que poderia fazê-lo? Ou sua esperança de que o manuscrito era algo completamente novo e diferente superando seus medos? Ele não podia dizer ao certo. Tudo que sabia era que ele verdadeiramente acreditava que este era o melhor jeito de servir ao Escorpião. Se falhasse novamente, então ele mereceria o que quer o destino reservava a ele.

Natsuo silenciou seu espírito o máximo que pôde, e rompeu o selo da escritura.

Sensações que nunca imaginou o percorreram. Ele sentiu como se repentinamente fosse jogado no oceano e poderosas correntes se batiam à superfície de seu corpo. Ele ouviu um ruído distante e imaginou vagamente se poderia ser um grito. Ele firmou os dentes contra a sensação e leu o manuscrito diante dele. Ele podia sentir o poder o percorrer, e tentava redirecioná-lo para o feitiço. Talvez ele pudesse impedir o que quer que estava retirando o poder, algo incrivelmente distante, de recebê-lo.

Houve uma massiva explosão de dor e luz.

Tudo ficou preto.

Bayushi Paneki trovejava pela câmara, sua face uma máscara de raiva pouco contida. Ele esperou para que as portas se fechassem atrás dele, e elevou seu olhar temperado aos dois samurais que estavam dentro da sala. Quando a porta se fechou, ele falou. "Expliquem," ele disse calmamente.

Yukimi inclinou sua cabeça respeitosamente. "A investigação do manuscrito da tumba está completa, meu senhor. Preparei as descobertas para o senhor."

"Não presuma que se comportar gentilmente aplacará minha ira," avisou Paneki. "Quero saber exatamente que atividades você sancionou, e o que foi feito sem meu consentimento."

"Yukimi-sama não nos instruiu a abrir o manuscrito," ofereceu Korenaga calmamente. "O fizemos sem conhecimento dela, porque acreditamos que ao fazê-lo poderíamos obter a informação que ela desejava."

"E ainda assim não os culpo por terem o feito," insistiu Yukimi. "Korenaga me explicou o raciocínio que Natsuo seguiu, e creio que teria chegado a uma conclusão similar."

"Palavras fortes," disse Paneki. "Digam-me o que aprenderam, e determinarei se o risco foi válido."

Korenaga respirou tremulamente. "O manuscrito foi criado via magia elemental, e contém, ou continha, a essência de algo... Alguma porção vital do poder de uma entidade, roubado dela por mágica que não compreendemos, mas não através de maho."

"Existem outras?" exigiu o Campeão.

"Não," disse Yukimi. "É a única de sua espécie."

"E ao abri-la vocês libertaram o poder contido nela, que agora pode ser usado contra nós."

"Isso é possível," admitiu Korenaga. "As... Anotações de Natsuo parecem indicar que o que quer que tenha sido afetado pelo poder está em algum canto remoto do mundo, distante de Rokugan."

"É possível que o manuscrito tenha sido criado pelo Unicórnio durante suas viagens," sugeriu Yukimi. "Eles vieram pelas Terras Sombrias em sua jornada para casa. O manuscrito poderia ter se perdido e colocado na tumba posteriormente."

"Qual é o efeito do manuscrito?"

Os dois shugenjas lançaram olhares incômodos um para o outro. "Parece infectar o alvo com a essência do Jigoku," disse Yukimi cautelosamente. "Os efeitos dilaceram o alvo, mas parece que apenas o invocador do feitiço sofre da própria Mácula. O efeito é difícil de se descrever. É similar a passar um período de tempo nas Terras Sombrias sem se tornar Maculado, mas seu corpo é arruinado pelo desenvolvimento da mesma."

Paneki mexeu a cabeça. "Loucura."

"O feitiço não deixa traços de si quando a invocação é completada," disse Korenaga calmamente. "Apesar da aparência do que resta ser maligna, ele não corrompe o alvo, e feitiço não é maho."

"O que está sugerindo?" exigiu Paneki.

"Que nosso dever ao Império permanece de pé," disse Yukimi, curvando-se. "Este manuscrito pode nos ajudar a liberar uma afronta a esses deveres. As Escrituras Negras de Isawa prendiam um deus. Talvez essa Escritura Negra possa nos libertar um deus cujo o tempo no Império se acabou?"

Paneki a interrompeu com um gesto rápido. "Não pronuncie essas palavras de novo," ele avisou. "O que está sugerindo beira os limiares da traição apenas por um fio. Não aceitarei tal idéia."

Yukimi assentiu. "Certamente, meu senhor. Estamos em posição vantajosa, e não precisaremos recorrer a tais táticas."

O silêncio de Paneki foi a única resposta.

A Busca

Escrito por Rusty Priske

Doji Jun'ai apertou mais seu manto para espantar a fria noite de inverno. Ela não oferecia palavras de conforto, mas Kakita Tsuken viu seu desconforto e colocou mais lenha na pequena fogueira. As chamas pulavam e dançavam enquanto ele tirava mais calor das cinzas.

Jun'ai moveu sua cabeça. "Você acha isso sábio? Frio é apenas frio, mas estamos muito próximos das estradas dos exércitos do Unicórnio. Temo que eles vejam nossa fogueira."

Tsuken sorriu, despreocupado. "Nem mesmo Chagatai feriria dois dos Guardiões. Temos alguma notoriedade, você sabe."

"Pode ser verdade, mas guerra leva à morte, e morte é raramente restrita apenas àqueles alvejados pela guerra."

Tsuken assentiu. Muito aconteceu desde que se tornou o Guardião do Fogo, mas ele nunca esqueceria seu mestre, Doji Jurian, e de como ele pereceu vítima de uma guerra entre dois clãs que não eram o dele. "Sua razão foi concedida, Jun'ai-chan, mas se não nos aquecermos, Chagatai não terá que se preocupar com nossas mortes. Os cruéis dentes do inverno deixarão Rokugan com menos dois Guardiões."

A sobrancelha de Jun'ai ergueu-se à familiaridade de Tsuken. "Você presume muito, Kakita-san." Ela pôs uma intensa ênfase na última sílaba.

Tsuken deu de ombros. "Não presumo nada. Meramente expresso como me sinto. Se um mero mortal não pode perecer aos encantos da mais encantadora samurai-ko de Rokugan, temo por todos nós."

Jun'ai revirou seus olhos. "Quantos pereceram por essa premissa, Tsuken? Seus encantos são a inveja de cortesãos e poetas ao alcance de minha mão, certamente."

Tsuken gargalhou. "Se assim é como se sente, então não posso fazer mais nada senão respeitar isso, mas não é verdade. Não sou algum tipo de poeta de talentoso, alinhavando palavras para ganhar troféus. Meus sentimentos são verdadeiros, Jun'ai-chan, e preferiria que acreditassem neles e em mim."

Tsuken curvou-se profundamente à sua companheira. Ela observava-o com uma expressão pensativa. Parecia tão longínqua a primeira vez que vira a natureza romântica de Tsuken e ela o dispensou como luxurioso por isso. E ainda assim, com o passar dos anos, ela raramente o viu agir assim com outras mulheres. Seus encantos, ao que pareciam, estavam reservados exclusivamente a ela, o que era meramente uma das razões pela qual ela o achava extremamente difícil de resistir. Sob tais condições, mesmo uma vela parecia um inferno. Esta noite, sob essas condições, não havia tempo para se aquecer. O frio não era o único perigo com o qual Jun'ai teria que lidar.

"Agradeço por suas gentis palavras, Tsuken-san, mas temos uma tarefa diante de nós e não seremos distraídos de nosso objetivo."

O sorriso de Tsuken mascarou uma tristeza em seus olhos. "Como disser, Jun'ai-san. Rokugan é grande e procuramos algo muito pequeno."

"Qualquer coisa que foi perdida pode ser encontrada. Veja os itens da Tumba dos Sete Trovões. Alguns deles foram tidos como perdidos, e ainda assim retornaram para nós. Procuramos algo que foi tirado do Império. Os manuscritos que o Imperador deu a Asahina Sekawa-sama nos mostraram que perdido não significa destruído. O passado nem sempre dita o futuro."

Tsuken concordou. "E quando não dita o futuro, nem sempre somos capazes de compreender o que ele está nos dizendo. Ainda assim, dois de nós devem encontrar o que estamos procurando..."

Jun'ai interrompeu. "Está certo. Se não nós, então Masae e Sugimoto, ou Sekawa-sama e Hira. O universo é um lugar estranho, Tsuken-san, mas é lugar muito ordenado. A mensagem de Shinsei ao Imperador se revelaria se não quiséssemos segui-la? Os segredos da tumba seriam revelados se não houvesse um profundo significado pela sua criação? A carta de Shinsei levava à Tumba, que levava aos manuscritos que o Imperador confiou a Sekawa. Esses manuscritos nos enviaram nesta busca. Esses manuscritos seriam revelados se não fôssemos encontrar o que estamos procurando?"

Tsuken sorriu. "Você tem uma grande fé, Jun'ai-san."

"Como você, Tsuken-san. Mas você também tem uma grande dúvida."

Ele moveu a cabeça. "Não duvido, questiono. Shinsei não nos disse para fazer tudo como nos é apresentado. Questiono, mas deixo que essas questões me afastem dos meus deveres. Se o tesouro que procuramos existe como fomos levados a acreditar, então nós o encontraremos."

Kaiu Sugimoto e Mirumoto Masae olharam para o vilarejo abaixo. A cena era idílica, com a nevada região aninhada aos sopés das montanhas do Dragão. Lentas plumas de fumaça se levantavam das cozinhas e lareiras do vilarejo. Pessoas ocasionais se moviam de uma construção a outra, mas, em grande parte, era uma típica noite de inverno.

Sugimoto ergueu pesadamente seu cajado. "Bem, mesmo se os rumores não forem verdadeiros, ao menos poderemos dormir abrigados esta noite. Já é algo, de qualquer maneira. Esses velhos ossos gostariam de um pouco menos de frio, eu acho."

Masae franziu-se. "Achar o que procuramos tão perto de minha casa seria bom, mas os rumores estão se decidindo igualmente. Não estou certa se quero que sejam verdadeiros, mesmo que isso faça nossa busca mais simples."

Sugimoto concordou sem palavras, e os dois começaram a descer a colina.

A casa de sake não era substancialmente diferente de qualquer outra em Rokugan. A vila estava nominalmente nas terras do Dragão, mas nos sopés as pessoas não viviam sob o mesmo nível de confiança que aquelas no alto das montanhas. Dois estranhos entrando na vila era algo muito incomum, considerando a época do ano e as condições externas, mas ainda assim foram bem-vindos e servidos.

Masae esperou até que seus copos fossem trazidos antes de explicar a razão de sua visita. "Houveram histórias sobre um garoto neste vilarejo. Você sabe de quem estou falando?"

O proprietário da casa de sake tremeu de leve. "Um menino, Mirumoto-sama? Existem crianças nesta vila, mas não sei de nenhum que se diferencie."

"Este garoto foi tirado de seus pais, de acordo com a história, e está sendo mantido cativo. A história lhe diz algo?"

Ele mexeu a cabeça. "Não, Mirumoto-sama. Nenhuma criança que eu conheça foi tirada de seus pais nesta vila. As coisas por aqui são simples e coisas como essa não são comuns."

Masae pareceu pronta para falar, mas Sugimoto interviu. "Obrigado pelo seu tempo." Masae olhou para seu colega Guardião enquanto o homem rapidamente se afastava.

"Por que fez isso? Ele estava mentindo claramente."

"Claro que estava, mas não havia nada mais que pudesse tirar dele, sem uso da coerção. Ele está com medo, mas não acho que seja de nós."

Masae olhou para a porta onde o homem desapareceu. "Você acha que ele notificará a outros sobre nossas perguntas?"

"Se o fizer, tenho certeza que podemos cuidar disso. Não creio nisso, porém. Não tive a sensação de cumplicidade sobre ele. Apenas medo. De quem quer que ele tenha medo é alguém que não inspira lealdade."

Masae observou enquanto Sugimoto terminou seu sake. "Creio que devemos

falar com o magistrado do vilarejo."

O magistrado era um samurai, obviamente, mas parecia mais um burocrata do que um guerreiro. Seus dedos estavam manchados de tinta e um grande risco adornava sua testa. Ele era magro e seu kimono não estava particularmente limpo, apesar de dar a impressão de que alguém o esquecera de limpa-lo do que a de que era realmente relapso.

Ele olhou de uma ilha de papéis para ver os dois Guardiões. "Ah! Visitantes! Nessa época do ano, devo dizer que isso é incomum." Ele se levantou e curvou-se. "Estou sempre feliz em estar de serviço. Sou Mirumoto Naoki, e sou o magistrado aqui."

"Sou Mirumoto Masae e este é Kaiu Sugimoto."

A face de Naoki clareou por um momento antes que sua expressão fosse substituída por uma de felicidade. "Dois dos Guardiões, aqui? É uma grande honra que venham a este pequeno vilarejo, Guardiões-samas. Devemos providenciar uma celebração em vossas honras. A comida é pouca para este ano, mas ainda podemos ter uma modesta reunião."

Masae mexeu sua cabeça. "Não há necessidade. Estamos aqui por um propósito singular e não há tempo para frivolidades."

O tom de Naoki se tornou sério e hesitante. "Oh, no que puder lhes ajudar, ajudarei."

"Sim, ajudará."

Sugimoto deu um passo à frente. "Existem histórias de um garoto deste vilarejo, que os nativos acreditam ter algum tipo de poder especial. As histórias também dizem que ele foi tirado de seus pais. O que pode dizer sobre isso?"

Naoki fungou. "Besteira supersticiosa. Ouvi essas histórias, mas não aconteceu neste vilarejo, vocês podem ter certeza disso."

Masae olhou para Sugimoto. O Guardião da Terra respondeu Naoki com um longo olhar. Então, "Você dispensa qualquer possibilidade de algo que não pode entender, magistrado-san? Não tem havido um número de exemplos registrados dos elementos falarem àqueles sem treino? Isso não estaria de acordo com as histórias?"

Naoki mexeu sua cabeça. "Apenas se estivermos falando de histórias diferentes. As que ouvi dizem que a criança era um profeta. Camponeses não são profetas. As histórias são apenas as queixas de alguém que deseja ascender além de sua posição. Não é nada com o que os Guardiões devam se preocupar."

A face de Masae estava dura e sua voz severa. "Nós decidimos com o que nos preocupamos. Você soa como se soubesse a fonte dessas histórias."

Naoki pareceu perplexo. "O que? Não. São apenas baboseiras camponesas. Nada digno de nota."

Sugimoto caminhou em direção a Naoki. "Onde está o garoto, magistrado?"

"O que? Não, eu disse..."

O Caranguejo se aproximou mais, seus olhos, sombrios. Olhar dentro deles era como olhar para o coração de uma montanha. Poucos homens podiam suportar a presença de tamanha eternidade, tamanha inevitabilidade, e não se desviarem. "Onde está o garoto?"

Naoki se esticou desesperadamente em direção ao suporte da espada contra a parede, mas sua velocidade e reflexos não eram páreo para as de Masae. Ele se viu com a ponta da katana da Guardiã do Ar sob sua bochecha. Ele começou a tremer incontrolavelmente. "Por favor, não me mate," ele sussurrou.

"Eu desistiria disso se fosse você," disse Sugimoto. "Não queremos quaisquer acidentes. Agora, onde está o garoto?"

Naoki os levou a uma pequena construção, não mais que uma tenda. Enquanto se aproximavam, o magistrado tentou expor justificativas para suas ações. Suas palavras se sobrepunham numa torrente, enquanto tentava achar alguma maneira de se esquivar. "Eles disseram que podia predizer o futuro. Que ele podia ver o caminho adiante, e pensei que poderia usá-lo. Não para mim, mas para o Dragão e o Império! Nunca usaria tal coisa egoisticamente. Não! Ele é apenas um camponês! Deve ser usado adequadamente!"

Naoki desvelou a porta, na direção dos Guardiões. Ele estava quase soluçando a este ponto. Dentro havia um menino, quase à idade em que um samurai alcançaria seu gempukku. Como camponês ele seria considerado um homem a daqui a um ano, receberia os deveres como os outros. Ele estava preso a uma viga por uma pesada corrente, com míseros farrapos de roupas para mate-lo aquecido.

"Dizer o futuro? Nunca. As histórias eram mentiras, como eu disse. Ele não pode dizer mais do futuro que eu ou você."

Masae olhou do prisioneiro para Naoki. "Posso lhe dizer o futuro, Naoki. Posso ver algumas coisas muito claramente." O magistrado olhou para Masae, seu medo escrito em cada centímetro de sua face. "Quando olho para alguém que ameaça um inocente desta maneira, vejo um covarde. Quando vejo alguém que mente para nós e fica no nosso caminho para salvar o Império, vejo um traidor. Ah, sim, eu posso ver o futuro, e você não tem nenhum."

Masae sacou suas espadas, mas Sugimoto ergueu uma mão. "Espere."

"Ele é um traidor, e uma desgraça," disse Masae. "Ele envergonhou minha família inteira. Sou uma Guardiã, mas ainda sou uma samurai do Dragão."

"Assim como todos nós," disse Sugimoto. "Se fizer isso, e se eu deixar, você se arrependerá profundamente. Não posso deixar que sacrifique o que ganhou num momento de emoção. Este não é o nosso caminho, não mais. Ache uma nova trilha, Masae."

A Guardiã do Ar franziu-se, mas suas espadas lentamente se baixaram. "Saia," ela disse finalmente. "Enviarei notícias de seus crimes a Shiro Kitsuki. Eles saberão o que fez, e sentirão o mesmo ultraje que senti. Instruirei as pessoas deste vilarejo a matá-lo se retornar. Agora vá."

"É inverno!" Exclamou Naoki. "Eu vou morrer!"

"Você vai morrer se você ficar," disse Sugimoto secamente. "Aceite a misericórdia dela. Você pode viver. Mesmo se você morrer, terá uma chance de refletir suas falhas primeiro. Poucos homens têm essa chance. Seja grato."

O magistrado olhou de um para o outro, e depois para a espada de Masae, então se virou e correu do vilarejo para as montanhas cobertas em neve. Ele não olhou para trás.

Masae devolveu sua katana à sua saya. "É um erro."

Sugimoto virou sua cabeça. "Discordo."

Masae se virou a ele. "O que quer dizer? As histórias não eram verdade. Este camponês obviamente não tem nada a ver com nossa busca. Como isso pode ser qualquer coisa senão uma falha?"

Sugimoto assentiu ao homem, que se prostrava depois que o Guardião o libertara de suas amarras. "Pergunte a ele."

Asahina Hira estava de pé numa doca, olhando o grande mar. Sua cabeça inclinada para trás, enquanto ele tinha um princípio de sorriso. Asahina Sekawa caminhava pelas longas tábuas em direção a ele. "Olá, Hira-san. Não esperava encontrá-lo aqui fora."

Hira não se virara. "Não poderia visitar as Ilhas Mantis sem vir para cá. Apesar de não ser a minha casa, está em meu lugar predileto em toda Rokugan."

Sekawa se pôs próximo ao Guardião do Vácuo e olhou para as ondas. "Mesmo. O que há aqui que você tanto preza? Uma doca parece muito com qualquer outra para mim."

Hira mexeu sua cabeça. "Não tanto. Muitas das docas nas ilhas se põe em outra direção. Se você fosse capaz de andar sob a água, e caminhasse, você eventualmente alcançaria o continente rokugani. Aqui é diferente. Esta doca aponta para longe. Tudo que está lá fora é o oceano. Se pudéssemos andar na água daqui, não se saberia onde você pararia."

Sekawa sorriu. "Nunca o vi como um grande explorador, Hira-san. Deseja caminhar em solo gaijin?"

"Não muito. Este lugar me lembra que não importa o quanto se saiba, há mais que não sabemos. Devemos nunca confundir conhecimento extenso com conhecimento definitivo, não importa o quão tentador isso pareça."

Sekawa riu. "Agora este é o Asahina Hira que conheço. Obrigado por isso, Hira-san. Viver é sempre uma lição."

"Quando paramos de aprender, paramos de crescer. Quando paramos de crescer, estamos mortos."

O sorriso de Sekawa se tornou triste. "Só posso concordar. Aceitamos o que acreditamos como verdade, apenas para descobrir que aceitamos uma mentira, e devemos começar de novo. A única certeza neste mundo é que não há certezas."

Hira virou sua cabeça ao seu senhor. "Você fala dos manuscritos? Pensei que tivessem lhe oferecido esperança."

"Eles deram. Eles dão. Mas minha primeira reação foi achar que não era possível, e que certamente eram falsos." O jovem mexeu sua cabeça. "Acreditei que conhecesse Rosoku, mas agora sei que não o conhecia. É... Difícil. O que primeiro parecia impossível, agora é certamente óbvio. Eu deveria saber."

"Você não podia."

"Sou o Guardião dos Cinco Elementos. Campeão de Jade do Império e daimyo da família Asahina." Disse Sekawa. "Ainda assim me sinto incapaz de evitar enganos."

"Você é apenas um homem, meu senhor," disse Hira. "Se aprendemos algo, é que existem apenas homens e o que eles podem entender."

Sekawa concordou. "Os manuscritos devem ter sido colocados na Tumba após o retorno de Rosoku ao Império. Você acha que ele sabia que iria morrer? Ele previu isso, e ainda assim escolheu retornar?"

"Ele sabia que corria um grande risco," disse Hira. "Ele deixou os manuscritos para trás por uma boa razão, e teria tomado um grande cuidado para que sua morte não arruinasse o Império. O que ele teria feito caso contrário? Salvar o Império de uma ameaça apenas para garantir sua posterior destruição? Não, acho que Rosoku não era tão tolo a esse ponto."

"O principal dever de cada geração é garantir que a geração futura exista, para que nossa tarefa sagrada seja desempenhada," citou Sekawa. "Parece tão incomum das outras escrituras de Shinsei. Tão franca."

Hira deu de ombros. "Este não é o tipo de coisa que pode ser obscurecida com enigmas. E não podemos dizer com certeza que foi Shinsei quem escreveu. Talvez seu filho ou neto ou qualquer um dos seus descendentes antes de Rosoku.

Tudo que sabemos é que o profeta entendeu a importância de sua linhagem continuar, tudo mais estaria perdido quando o Dia do Trovão viesse novamente, a séculos daqui."

"Precisamos achar o herdeiro de Rosoku," disse Sekawa. "Cabe a nós fazer com que a linhagem de Shinsei continue."

"Mas como podemos ensiná-los o que precisam saber?" Hira pensou alto. "Como podemos estar certos, quando nossos próprios caminhos ainda não foram forjados?"

"Os manuscritos," disse Sekawa. "Eles têm as respostas. Com eles, podemos fazer o que parece impossível. O Imperador sabia disso. Ele morreu para que a linhagem de Shinsei pudesse viver de novo. Devemos garantir que sua morte não foi em vão."

"Não será," concordou Hira. "contanto que os manuscritos sejam verdadeiros."

"Quero acreditar que os manuscritos estejam certos. Sem isso, deixei meu Imperador morrer quando pude ter estado ao seu lado. Além disso, devo lê-los — eu os senti — sei que são reais. O herdeiro de Rosoku, e de Shinsei, está lá fora. Devemos achá-lo ou achá-la, ou o Império pode não sobreviver."

Homens de Poder

Escrito por Shawn Carman

Kyuden Otomo, três meses atrás

Shiba Danjuro franziu-se e se aproximou, estudando o tabuleiro diante dele com a precisão de um artesão trabalhando. Ele examinou cada ângulo possível, estudando cada possibilidade. Depois de vários minutos, sorriu e se sentou, coçando seu queixo. "Acho que fiz um erro há algum tempo," ele disse finalmente.

Do outro lado do tabuleiro de go, Shiba Naoya riu. "Isso é o que mais adoro ao jogar com você, Danjuro-san," ele disse. "Você é tão afoito em se criticar. Isso elimina a minha necessidade de tentar confundir sua mente com jogos de palavras enquanto jogamos. Muito mais relaxante para mim, na verdade."

Danjuro retraiu-se, então sorriu. "Bem, me dá algo para fazer. E além do mais, meus erros são a única coisa que permitem que você vença um jogo agora e de novo."

"Ah não!" gargalhou Naoya. "Palavras fortes de um homem que perde para a estratégia do 'Truque do Pardal' toda hora!"

Danjuro ergueu uma sobrancelha. "Ah, é isso que você estava usando? Muito obrigado pelo nome."

Naoya riu-se de novo, então se mudou para uma posição mais confortável na baixa mesa. "Você notou o Dragão que olha para Ochiai-sama durante as seções da corte?"

Danjuro olhou para Naoya cautelosamente, não certo de que era outra isca ou algum tipo de piada. Quando decidiu que não era, ele retraiu-se. "Não. Quem é?"

"Não sei o seu nome," disse Naoya. "Um homem grande, apesar de não tão ridículo como o monge tatuado com sua delegação. Ele usa um cabelo cumprido, sua wakizashi é usada à maneira duelista."

"Ah," disse Danjuro. "Mirumoto Tsuge é o seu nome. Ele representa a dama dos Tamori." Ele pausou por um momento. "Dizem que ele tem um grande ódio pela Fênix. Algo sobre a morte de sua família. Nunca compreendi a história de como morreram." Se aproximando, ele adicionou. "Acha que Lady Ochiai está em perigo?"

"Não particularmente," disse Naoya. "Apenas o mencionei porque notei que olhava para ela, particularmente durante o primeiro tumultuoso mês. Ela deixou seu yojimbo nas províncias Isawa, felizmente. Ele é um pouco... Inconveniente."

"Conheço Masakazu bem," disse Danjuro. "Ochiai é obviamente sábia. Porém, se você acha que ela pode estar em perigo de um fanático de algum tipo, caberá a nós protegê-la."

"Não diria que ela está em perigo," disse Naoya com um sorriso. "Não é violência que vejo nos olhos de Tsuge."

"E?" disse Danjuro. "Ah." Ele retornou em surpresa. "Bem, suponho que coisas estranhas aconteceram."

Naoya pareceu pensando em alguma resposta a esse efeito, mas se silenciou e outra pessoa se aproximou da mesa. Um homem vestido em escarlate e preto, trajando um novo mon de crisântemo em seu ombro, parou à mesa e curvou-se intensamente. "Bom dia a vocês, honoráveis Fênix."

"Bom dia, Norachai-sama," disse Naoya, curvando-se sem se levantar. "Como está o Protetor da Cidade Imperial hoje?"

"Estou bem, obrigado," disse Norachai. "Esperei que pudéssemos continuar nossas discussões anteriores, se a hora não é inadequada."

"Não muito," disse Naoya com um sorriso leve. "Arrependo-me de que não posso lhe dar mais informações do que as que lhe dei, porém. A menos que ouça de Mirabu-sama, não posso sancionar a perda de dois mil homens mesmo para o nobre propósito de defender a Cidade Imperial. Estamos simplesmente enfraquecidos pela guerra e por nossos... Problemas internos."

Danjuro estudou Naoya cautelosamente. Não era a primeira vez em que via seu amigo mergulhado em algum tipo de dificuldade dentro das províncias da Fênix, mas ele não discutiria o assunto não importa o quando Danjuro o pressionasse. Fazia quase um ano desde que Danjuro retornou à sua terra natal, e ele pensava no que havia acontecido aqui. "Não posso lhe oferecer nada mais satisfatório, temo," ele adicionou à conversa. "Ao seu pedido, informei Kaneka-sama, mas não posso imaginar o Shogun cedendo controle das defesas da cidade a você em tão curto período de tempo."

"Respeito a defesa do Shogun à cidade," disse Norachai. "Não teria perguntado, mas é a vontade da Imperatriz, e não tenho escolha senão pedi-la. Por favor informe seu senhor que devo insistir."

"Insista se quiser," disse Danjuro. "Você sabe tão bem quanto eu que isso mudará muito pouco."

Norachai teria se franzido, mas era difícil dizer por trás da máscara. Ele teria indubitavelmente continuado a discussão se não fosse a repentina comoção na entrada no maravilhoso jardim interno. Havia alguém falando alto perto da entrada, e soava como soluços dali. Danjuro roubou um olhar a Naoya, que assentiu e se ergueu. Os dois homens se moveram para a entrada, e Danjuro estava prontamente ciente que suas katanas não estavam com eles.

Um homem grande parou perto do canto do corredor enquanto se aproximavam. Seu cabelo era um preto suave, cinzento e branco, e pareceu estar vindo diretamente do dojo. O inchaço e a leve contusão em seu olho diziam o mesmo. "Ouvimos notícias da capital," rugiu Toritaka Tatsune. "O Khan invadiu as terras do Leão."

Danjuro perdeu o equilíbrio. "O que?" algo devia estar errado. "No meio do inverno? Suas piadas são de mau gosto, sensei."

"Um Caranguejo nunca brinca com a guerra," desdenhou Tatsune. "O Khan levou uma massiva ofensiva às terras do Leão. Eles dizem que ele quer chegar à capital."

Norachai se virou e saiu imediatamente. Danjuro ficou por mais um momento, sentindo a súbita sensação fria em seu estômago. "Devo ir," ele disse calmamente a Naoya.

Naoya concordou. "Vá. Providenciarei as coisas aqui."

Províncias do Leão, atualmente

O Vilarejo do Pio Monge era quieto e relativamente remoto, removido de todas as grandes estradas ao menos por um dia de cavalgada. Tinha pouco valor militar, mas era um vilarejo agricultor e foi abençoado pela Irmandade de Shinsei com um grande templo que abrigava generosos e esforçados monges. Era um local sereno ao que era possível nas províncias do Leão.

Nunca teve chance.

A primeira indicação da chegada do Khan foi uma agravação do clima de inverno, que começou a ficar ainda pior com a estação chegando ao fim. Os súbitos ventos congelantes e a neve empurravam todos para dentro de suas casas, fazendo que não houvesse ninguém nas ruas quando os ventos repentinamente paravam, e as foras do Khan chegaram.

Moto Chagatai saltou de seu cavalo facilmente, seus olhos varrendo o horizonte incansavelmente. Depois de quase dez minutos, ele ao menos se satisfez com o fato de que nenhum exército do Leão se materializou das matas e atacasse. "Relatório." Ele comandou.

Um jovem batedor Shinjo curvou-se vigorosamente até a cintura. "Hai, meu Khan," ele respondeu. "O vilarejo é chamado..."

"Não me interessa como ele é chamado," disse o Khan bravamente.

"Claro," o batedor continuou. "A população é de quase mil. As reservas que acumularam para o restante do inverno devem servir ao exército por alguns dias, uma semana no máximo, se formos econômicos."

"Onde está o Leão?"

"Relatórios de batedores indicam que estão convergindo em nossa localização anterior, um dia e meio ao sul," respondeu Saihan. "Uma vez que a alcancem, demorará vários dias para determinarem nossa atual localização, já que o clima obscurece nossos rastros."

O Khan assentiu. "Com nossos atuais suprimentos e antecipando as manobras do Leão, quantos alvos a mais devemos atacar antes que a fase final da campanha comece?"

Saihan consultou um manuscrito brevemente. "Mais sete alvos deve ser adequado, meu Khan. Isso proverá suprimentos suficientes para a Khol..."

"Pare," sibilou Chagatai. "Não fale disso. Não será desfeito pelos lábios de um batedor e as orelhas atentas de um fazendeiro leal."

"Sim," disse Saihan, curvando-se baixo. "Perdoe-me, meu Khan."

"Quantos foram mortos tomando o vilarejo?"

"Não perdemos ninguém." O batedor respondeu de uma vez. "Só havia um magistrado no vilarejo. Ele não se renderia, obviamente, e logo foi morto. Ele feriu um da Guarda Branca, mas a Baraunghar está cuidando dele. Ele continua apto ao dever."

"Lá," apontou Chagatai. "Aquela casa. Limpem tudo e arranjem uma mesa. Façam o batedor chefe trazer meus mapas. Ficaremos aqui até a manhã. Quero

tudo de valor levado então."

"Os aldeões?" perguntou Saihan.

Chagatai pensou por um momento. "Deixem-los com um dia de rações. O bastante para que alcancem o acampamento do Leão, se forem econômicos. E a pé."

"Como comandar, Chagatai-sama."

A Cidade Imperial de Toshi Ranbo, dois meses atrás

Danjuro saltou de seu cavalo antes do animal parar de se mover. Sua respiração soluçava, e o ar quente vindo de seus flancos suados era visível no frígido clima do inverno. Danjuro esperou que não tivesse ferido o animal em sua cavalgada desesperada de Kyuden Otomo, mas tinha pouco tempo para se preocupar com tais coisas. Ele entregou as rédeas a um dos atendentes do estábulo e se dirigiu ao palácio, andando tão rapidamente que quase corria.

O comandante da Fênix trovejou pelos corredores com claro propósito, assentindo àqueles que curvavam-se ante ele sem realmente pensar sobre isso. Em questão de momentos, ele chegou ao cômodo das câmaras que o Shogun reclamou para si. Eram um pouco modestas, considerando tudo, pouco mais que um quarto de servo, para ser honesto, mas o Shogun insistiu para que fossem mais adequadas às suas necessidades. Danjuro deslizou rapidamente a tela de madeira. Houve uma breve pausa, e então alguém lá dentro disse simplesmente "Entre."

Danjuro deslizou a tela de volta e entrou. "Perdoe minha invasão, lorde Kaneka, mas notícias acabaram de chegar à Corte de Imperial de que..." sua voz parou ao olhar as câmaras e perceber o que estava testemunhando.

Kaneka, Shogun de Rokugan estava no processo de colocar vários itens de roupagem pesada num grande saco sobre sua escrivaninha. Enquanto Danjuro olhava, o grande guerreiro pegava uma adaga e a enrolava cuidadosamente, então pôs o chapéu de lado e pôs a adaga dentro do saco. "Danjuro," ele disse sem cerimônias. "Esperei que ficasse na corte por toda a semana."

"Estive," respondeu o Fênix. "Estive." Ele franziu-se, tentando determinar o que estava vendo. "Só cavalguei para cá porque notícias nos alcançaram de que..."

"Do ataque de Moto Chagatai às terras do Leão, sim," disse Kaneka. "Ouvi os mesmos relatórios, e mais que isso também." Ele olhou Danjuro com curiosidade por um momento. "Estou de certo modo surpreso de que chegaram a Kyuden Otomo tão rapidamente, porém."

"Existem pessoas importantes a serviço, pessoas que sabem o que está acontecendo no Império," respondeu Danjuro. "Meu senhor, o que está fazendo?"

"Arrumando meu saco de viagens," ele respondeu tranqüilamente. "Por que pergunta?"

Veio realização a Danjuro. Seu semblante se empalideceu enquanto se levantava, imóvel. Ele não disse nada por um tempo, apenas observando. Finalmente, como se não agüentasse mais, ele fez uma simples pergunta. "Lhe pedi alguma coisa, em todos esses anos em que lhe servi?"

Kaneka olhou de onde estava inspecionando um espesso manto de viagens. Ele atentou ao seu rikugunshokan brevemente, então voltou à sua inspeção. "Creio que não," ele disse finalmente. "Você é um vassalo muito leal, um homem muito honrado, e um muito bom amigo para pedir qualquer coisa para si."

"Então compreenda a importância do que lhe peço agora," disse Danjuro. "Não faça isso. Não me enviará em seu lugar?"

"Não," disse Kaneka de uma vez. "Isso nunca funcionaria. Você sabe disso. Ele o mataria."

"Ele o matará." Disse Danjuro.

"Indubitavelmente ele tentará," disse Kaneka. "Ao fazê-lo, ele me dará tudo o que preciso para terminar essa campanha terrível de uma vez por todas."

Danjuro ficou quieto por outro breve momento. "Por quê?" ele finalmente perguntou.

Kaneka se referiu ao homem mais jovem com curiosidade de novo. "Está pedindo ao seu senhor a justificar suas ações?" ele perguntou calmamente.

"Estou lhe perguntando por que está arriscando tudo que construiu," disse Danjuro. "Todo bem que conseguiu, tudo que conseguiu construir... Isso destruiria tudo. Por que propósito? Por que deve fazer isso?"

"Eu devo," Kaneka respondeu. "Anos atrás, antes de meu irmão tomar o trono, tive meu primeiro Shogunato. Era uma época diferente, e eu era um homem diferente. Mais fraco, em várias maneiras, mais forte em algumas." Ele olhou para Danjuro com cuidado. "Naqueles dias, Moto Chagatai estava onde você está agora. Ele era meu general, o homem a quem confiava minhas tropas em campo de batalha quando não podia fazê-lo. Aquele a quem escolhi quando agora escolhi você a ficar no meu lugar de meu estado de caráter na época."

"Você não podia saber a profundidade de sua ambição." Protestou Danjuro.

Kaneka moveu a cabeça. "Ele era ambicioso, não fazia enganos, mas era o tipo de homem que se lançavam dessa maneira numa busca insana por poder. Mesmo naquela época eu não teria prontamente me aliado com tal homem."

Danjuro franziu-se. "O que mudou nele, então?"

"Eu," respondeu Kaneka. "Minha ambição era sem limites naqueles dias. Eu era um tolo, impetuoso conquistador, pouco mais que o bárbaro que acusam Chagatai de ser agora." Ele respirou pesadamente. "Agora devo imaginar, se é minha influência que transformou o homem que uma vez chamei de amigo em tal perigoso louco?"

"Você aceita carregar um pesado fardo." Insistiu Danjuro.

"Talvez," admitiu Kaneka. "Mas como posso saber ao certo? Não posso, e assim devo confrontá-lo. Devo aceitar lidar com essa insanidade, tanto como meu dever como Shogun, ou como o homem definitivamente responsável por isso."

O oficial da Fênix mexeu sua cabeça lentamente. "Você é um tolo egoísta."

Kaneka parou instantaneamente, congelado em seus gestos. Ele virou sua cabeça devagar até que estava olhando diretamente para Danjuro. "O que você disse?" ele perguntou numa quieta e baixa voz.

"Você ouviu o que eu disse," respondeu Danjuro. "Me dói grandemente dizer isso. Em mostrar tal desrespeito a você... Lamento muito que minhas palavras encerrarão minha vida. Mas isso não as faz menos verdadeiras, e não posso depender de ninguém exceto eu mesmo para falá-las a você."

"Como ousa?" exigiu Kaneka. "Como ousa falar comigo assim?"

"Você é o maior homem que já conheci," disse Danjuro. "Eu o seguiria ao próximo mundo, se necessário. Eu sei a verdade, a verdade que muitos não podem aceitar: você é a força do Império, mais que qualquer alma vivente. E ainda assim está prestes a jogar isso fora. Por nada."

"Nada?" gritou Kaneka. "Se puder parar Chagatai, se puder convencê-lo a parar essa tolice ou se necessário, matá-lo, quantas vidas terei salvo? Quantos bens podem ser obtidos?"

"Você morrerá se você for àquele acampamento," disse Danjuro. "Se o Khan não lhe matar, seus súditos furiosos o farão. Não há saída que não termine com sua morte, e então tudo que construiu será destruído. Todo o bem que conseguiu será desfeito. E por quê? Por sua culpa. Por seu arrependimento."

"Arrependimento," disse Kaneka com uma risada contida. "Um dos três grandes pecados! Está me dizendo que não tem arrependimentos, Danjuro?"

"Me arrependo muito," disse Danjuro. "Me arrependo de não poder salvar Katsuhiro. Me arrependo de nunca ter tido a chance de sentir a maciez sedosa do cabelo de Maru. Mas nunca me permiti que esses arrependimentos afetassem meu dever. Se o tivesse feito, os teria tornado indignos da confiança que você me mostra. E se você o fizer, você provará que eu e todos aqueles como eu se enganaram em depositar fé em você."

Kaneka não disse nada por um momento. "Isso é atípico de você, Danjuro. Nunca o ouvi falar assim."

"Nunca tive razão para tal," disse Danjuro. "Se deseja, não protestarei mais. Com felicidade farei os três cortes para compensar meu comportamento desonrado, mas não podia encarar meus ancestrais sem falar essas palavras."

O Shogun parou por um momento. "Isso..." ele limpou a garganta. "Isso não será necessário. Quando você retorna à corte?"

"Assim que possível. Dentro de duas horas para aproveitar a luz do sol."

Kaneka assentiu. "Prepare a lista completa de todas as unidades e de seus treinamentos nos pontos de defesa da cidade," ele comandou. "Precisarei revisá-los."

Danjuro assentiu. "Providenciarei que os documentos sejam escritos imediatamente, mas levará algum tempo para que sejam completados em detalhes. Dois dias, talvez."

"Muito bem," disse Kaneka, pondo seu saco de lado. "Estarei aqui quando estiverem prontos."

Acampamento do Shogun, próximo às Províncias Yasuki, 11 anos atrás.

O sol poente prometia algum alívio ao úmido e empoeirado ar. Kaneka abanou sua mão inconscientemente para limpar alguma poeira e insetos de sua visão. As academias de treino para cavalaria, por sua natureza, tendiam a atrair uma grande quantidade de insetos, e o constante movimento de cavalos há muito extinguiu qualquer vegetação a pó, e remexia toda poeira e sujeira no local no ar de verão. Ele olhou para a direita, ao homem que estava em seu cavalo olhando o terreno com ele. "Seus homens estão prontos?" ele perguntou.

"Estão," respondeu Chagatai. "Sairemos ao primeiro raio de luz para Ryoko Owari."

"Meu irmão pensou erroneamente quando escolheu aquela fossa para ser sua fortaleza," disse Kaneka com um sorriso. "Tem um histórico de ser invadida. Nunca durou muito, logo não precisamos tomá-la."

"Não," respondeu Chagatai com escárnio. "Não, não precisamos."

"Esta será uma batalha para muitos," disse Kaneka depois de um momento de consideração. "A primeira em nossa grande campanha."

"Começa hoje, mas terminará com você no trono," disse Chagatai. "Minhas forças são suas até esse dia. Cavalgarei como sua mão direita até que seja Imperador."

"O destino me deu dois irmãos que nunca conheci," disse Kaneka. "Um é um tolo, e o outro é um louco. Sempre forjei meu próprio destino, e deve continuar a ser assim." Ele olhou cuidadosamente para Chagatai. "Fomos irmãos em outra

vida. Devemos ser irmãos nessa."

"Irmãos até a morte," disse Chagatai estendendo sua mão na tradicional maneira Moto.

"Sim," concordou Kaneka, agarrando o antebraço do outro guerreiro.

"Irmãos," disse Kaneka, sozinho na sacada que via toda a cidade.

Chagatai encravou a adaga na marca no mapa que indicava Toshi Ranbo. "Até a morte."

Virtude

Escrito por Bryan Yoon

Ryoko Owari, a Cidade das Histórias

Ryoko Owari era uma das maiores cidades das terras do Escorpião. Servia como um centro para muito do comércio ocorrido no território. Mercadores das terras do Caranguejo moviam seus bens pela cidade para levarem seus bens para a terra do Escorpião e mais ao norte. Mercadores constantemente se moviam dentro e fora da cidade, à vista de compradores e vendedores. Para Tsuruchi Etsui, parecia que todo mercador decidiu entrar na cidade ao mesmo tempo. Ele esperava que a estrada ao Quarteirão dos Templos pudesse estar quieta e vazia, e ainda assim mal podia se mexer pelos camponeses e mercadores usando a rota. O sol o castigava sem misericórdia, e o ácido cheiro da cidade e os refugos dos cavalos ameaçavam massacrá-lo.

Parecia que uma vida inteira se passou até que Etsui finalmente passou dos muros à cidade. Vários samurais do Escorpião fiscalizavam os portões, checando os documentos dos passantes. Um deles se aproximou do jovem Mantis. Diferente de seus companheiros, sua face estava bem descoberta exceto por uma pequena bandana cobrindo seu nariz e boca. Ele era jovem para sua posição, e Etsui brevemente pensou em como o garoto conseguiu obtê-la. O guarda curvou-se levemente e Etsui retornou o gesto.

"Documentos, por favor," disse o guarda polidamente.

Etsui passou seus documentos de viagem sem preocupação. O Escorpião abriu o manuscrito e começou a examiná-lo com um olho cuidadoso. Etsui sabia exatamente o que o guarda queria ver; os documentos foram endossados pelo próprio daimyo dos Tsuruchi e aprovado pelo governador da cidade. A autoridade dos documentos de viagem estavam além da reprovação.

O guarda olhou para Etsui. "Você vem com excelentes conexões," ele disse com um tom desinteressado, mas seus olhos traíam sua surpresa. "Qual o seu propósito na cidade?"

"Descanso, nada mais," respondeu Etsui.

"Descansar, aqui? Você teria mais sucesso em qualquer outro lugar, acho. Ryoko Owari não é conhecida por sua tranqüilidade."

Etsui simplesmente esperou e olhou para o guarda. O Escorpião olhou para os documentos e olhou de novo para o Mantis. Frustrado, ele fechou o manuscrito e o devolveu a Etsui. "Você tem permissão de viajar em qualquer distrito da cidade. Respeite os guardas e os bombeiros que garantem a paz, e você não terá problemas dentro desses muros."

"Veremos," respondeu Etsui. Ele assentiu solenemente ao homem e caminhou pelo portão.

O Distrito dos Templos era uma visão curiosa. A única outra vez em que Etsui pôs seus pés na Cidade das Mentiras foi a negócios no Distrito Mercante. Ele ficou por poucos dias numa desbotada pousada no meio do distrito, ouvindo a cidade que parecia nunca dormir. O Distrito dos Templos estava a poucos minutos de caminhada dessa construção, ainda assim era como caminhar em outra cidade. O barulho e bagunça que caracterizavam o Distrito Mercante se fora, substituído pelo som de pássaros e o farfalhar das árvores no vento. Os mercadores que enchiam as ruas eram mais calmos aqui, contentes em esperar seus clientes ao invés de berrarem suas mercadorias no máximo de seus pulmões. Monges e visitantes na área estavam quietos, como se soubessem da santidade da área.

A principal estrada pelo Distrito dos Templos era larga o bastante para várias carruagens lado-a-lado de uma vez. Ao longo da estrada, mercadores tinham suas mercadorias às costas, incontáveis templos preenchiam o setor da cidade. Algumas das construções dedicadas às mais importantes Fortunas eram imensas. O Templo de Daikoku mais que o resto das construções na cidade, e os templos ao resto das Sete Fortunas pareciam tão grandes quanto distritos luxuriosos. O recém construído Templo do General estava em frente aos templos das Sete Fortunas. Era vagamente maior que os templos às Sete Fortunas, mas tão elaborado quanto.

Etsui olhou em volta com uma preocupação na visão. O guarda do lado de fora estava errado. Podia-se achar facilmente serenidade aqui.

Suas revelias foram interrompidas com uma alta risada, dissonante com o ambiente e seu modo. Etsui se virou para trás e ver a perturbação com um leve franzido em sua face. Um grupo de homens caminhava pelo meio da estrada, sem cuidado por qualquer um em seu caminho. Monges e mercadores rapidamente se moviam para fora de seu caminho, e seus adornos confiantes falavam muito de sobre suas confianças. Etsui notou que seus uniformes nem armas passavam de rudimentares. Poucos deles tinham sinos amarrados aos kimonos.

Logo, eles acharam Etsui, rindo e zombando uns dos outros. Etsui os olhou, sem se mover. A gangue parou, intrigada, e lentamente começaram a perceber que o jovem Mantis não tinha intenção de sair de seu caminho. O maior deles, um gordo e feio homem com o sino na cintura de seu kimono, parou diretamente à frente dele.

"Você aí!" ele berrou. "Saia do caminho!"

Etsui olhou de volta ao homem silenciosamente. Sorrisos começaram a despontar nas faces da gangue. Eles lentamente se espalharam, fazendo um semicírculo na frente dele, e começaram a dedilhar suas armas. Eram pouco mais que bastões, mas nos números contra Etsui isso era mais que o bastante.

O líder cuspiu na estrada próxima a Etsui e desdenhou. "Jovem Mantis-san, talvez sua navegação tenha derretido seu senso. Somos os Bombeiros do Templo da Estrada, vê? Estamos encarregados de proteger esse distrito de qualquer um que possa ameaçar esses templos. Você deveria mostrar algum respeito, Mantis-san."

Etsui falou suavemente, e os bombeiros se aquietaram ao ouvirem suas palavras. "Dou respeito a quem merece."

A face do líder ficou vermelha. "Está me menosprezando porque você é samurai? Meu dever é prestigioso! Erga sua espada contra mim e lhe mostrarei que seu orgulho é indevido!"

Etsui olhou para trás da gangue e lentamente percebeu as pessoas atrás dele. O resto de sua gangue também perdera seus sorrisos. Incomodados com a calma e confiança de Etsui, os bombeiros começaram a ficar bravos e nervosos. Atrás deles, os mercadores assistiam com fascínio o crescente conflito, e os outros na estrada desviavam seus olhos. Uma bela Garça parou próxima a uma venda, seus olhos fixos em Etsui. Etsui se virou ao líder e sorriu para ele. O rosto do bombeiro ficou ainda mais vermelho.

"Zombando de mim?! Você causa problemas, Mantis, e eu os terminarei," o líder gritou. Ele tirou sua tonfa e a segurou fortemente em sua mão direita. Etsui podia ver os outros fazer o mesmo no canto de sua visão.

"Deixem-me explicar a situação, bombeiro," disse Etsui. Ele ergueu sua voz para alcançar todos em volta "Você é escandaloso. Você é desrespeitoso à estrada. Você perturba a paz deste lugar. Não quero lhe ferir, mas não serei conduzido por uma provocação de vizinhança. Não derramarei sangue neste lugar sagrado. Minhas espadas estão atadas por nós pacíficos e não tenho intenção de sacá-la contra alguém como você."

Etsui não se moveu e começou a irradiar uma sensação de puro perigo. Para aqueles à sua volta, Etsui parecia com um tigre, pronto para atacar. Era completamente irracional, mas os bombeiros se sentiram como se eles é que estivessem cercados e em menor número.

"Mas é claro," disse Etsui calmamente. "Eu não preciso delas."

A face do líder empalideceu, e ele olhou ao redor dos homens atrás dele. Ele rapidamente guardou a arma. "Talvez eu tenha sido um pouco precipitado," ele disse. "Siga seu caminho, Mantis-sama." O bombeiro rapidamente se foi, abalado pelo seu encontro com Etsui.

Etsui olhou de volta à venda, mas a Garça desaparecera.

Etsui adentrou o altar de Daikoku e olhou em volta. Apesar do templo ser o maior na área, ninguém estava dentro da luxuosa sala. Uma estátua de Daikoku, elaborada e sem dúvida muito cara, estava diante dos dais no meio da sala. A estátua gigante foi esculpida numa pedra rosada perfeita, e Etsui achou nunca ter visto nada igual antes. Ele se ajoelhou diante da estátua, colocando sua espada de lado, e fechou seus olhos. Antes que pudesse limpar sua mente das distrações, o som de pegadas veio aos seus ouvidos. Ele continuou parado, forçando-se a não se tensionar. Ele abriu os olhos e sua cabeça se virou à entrada.

Uma mulher num kimono salpicado de azul claro estava lá, emoldurada pela luz da entrada. Etsui olhou mais perto, era como a Garça que havia visto na rua. Ela adentrou a sala, ainda usando o mesmo sorriso enigmático. Ele se curvou educadamente, um gesto que ela retornou perfeitamente. Ela parou próxima a Etsui e o examinou. Agora que ela estava perto, ele teve a chance de examiná-la melhor. A essa distância, Etsui podia dizer que era uma mulher mais velha. Ela tinha grandes dores para esconder o fato com muita maquiagem, e ainda assim era uma das mulheres mais bonitas que Etsui já vira. Seu cabelo era um jato negro, escorrendo à maneira escolhida por muitos da Garça.

"Saudações," ele disse.

"Saudações, Etsui-san," ela respondeu.

Os olhos de Etsui se arregalaram. "Como sabe quem eu sou?"

Seus olhos piscaram em fascinação. "São meus negócios saber tais coisas, Etsui-san."

Etsui assentiu ao reconhecimento que lhe abateu. "Entendo. Feliz em vê-la, Garça-san."

Ela se abaixou, e seu cabelo uma cascata sobre seu ombro. "Fui enviada por Mestre Seda."

"Acho que lembro de você de minhas viagens," disse Etsui lentamente. "Você visitou o Palácio Imperial durante uma festa organizada por Yoritomo Yashinko. Você é Kakita Kyruko."

Seus lábios se estreitaram. "Sim, eu sou," ela disse rapidamente. "E estou aqui para verificar seu progresso, Tsuruchi Etsui. Você está numa importante tarefa. E não para fazer arruaças."

"Conheço meu dever," respondeu Etsui.

"Mesmo?" ela perguntou, levantando uma sobrancelha perfeita. "Imagino por que chama tanta atenção para si lutando com os bombeiros em plena luz do dia."

"Eles foram desrespeitosos, e precisavam que lhes ensinassem uma lição."

"Você causou uma cena, e agora as pessoas se lembrarão de você como o homem que resistiu às provocações dos bombeiros." Disse Kyruko. "Esse não é o nosso modo. É melhor não chamar atenção à sua chegada aqui afinal."

"Talvez você esteja certa, Kyruko-san," concedeu Etsui.

Kyruko deu uma rápida olhada em suas cercanias. "E o que é isso? Suponho que seja adequado, já que você é uma Moeda."

"O que quer dizer?"

"Por que você se demora aqui em reverência à Fortuna? Que pensamentos infectam sua mente?"

"Não sou um homem pio," disse Etsui defensivamente. "Não acredito que as Fortunas ditem nosso destino."

"Apesar de lhe ver ajoelhado ante essa estátua como se esperasse que uma mão celestial viesse guiar você à resposta certa," contrapôs Kyruko.

"É um simples ritual de paz, nada mais," respondeu Etsui. "Acho a meditação um calmante, e este lugar é certamente adequado à tarefa." Ele se levantou.

"Não o culpo, Etsui-san. Afinal, você é um homem jovem, e existem poucas coisas que sempre distraem os homens. Uma possível afronta ao orgulho é uma. E várias outras coisas..." Kyruko amarrou se cabelo para o lado e sorriu sarcasticamente.

"Mas como estava dizendo, Kyruko-san," disse Etsui. "Aprecio sua ajuda, mas ela não é necessária aqui. Farei meu dever e relatarei o que achar aos meus superiores."

Os olhos de Kyruko se escureceram de raiva. "Não foi um pedido, Etsui, e não é negociável. O que você procura irá para as mãos da Seda. Afinal, essa é a nossa tarefa. Reunimos informações pertinentes ao Kolat. Se você não está apto ao desafio, posso terminar a operação sozinha."

Kyruko baixou suas mãos ao seu lado. Um silencioso alarme soou na mente de Etsui. Ela estava pronta para matá-lo, e ela o mataria aqui e agora, sem se preocupar com o local. Só havia uma resposta que ela poderia dar.

Eles adentraram o templo juntos, Etsui a poucos passos a frente de Kyruko. O Templo do General foi recentemente criado, e tudo ainda parecia como se nunca houvesse sido afetado pelo toque humano. Árvores alinhavam as paredes do templo, e bonitos degraus de pura pedra branca levavam ao próprio oratório.

"Parece um lugar incomum para se esconder as últimas palavras de alguém," disse Kyruko levianamente.

"Quem somos nós para questionar os pensamentos do Imperador?" disse Etsui. "Ouvi, porém, que o General Toku sempre teve um lugar especial no coração do Imperador. Talvez ele planejasse isso desde o começo, quando ordenou que o templo fosse criado."

"Talvez," respondeu Kyruko.

As portas do santuário se abriram, e um monge da ordem saiu. Ele era um homem velho que devia ter sido um bushi em sua juventude. Pelo seu tamanho, Etsui achava que o homem pudesse ser um Caranguejo. O monge olhou Etsui e caminhou diretamente ao Mantis. Quando se aproximou ele se virou a Kyruko.

"Suas ordens foram executadas literalmente, minha dama," disse o monge. Ele se ajoelhou aos pés de Kyruko. "Sua privacidade hoje é garantida."

"Bom. Proteja o portão."

O monge assentiu então passou por Etsui. Kyruko abanou sua mão imperiosamente para Etsui. "Venha. Leve-me e esses manuscritos."

Etsui assentiu. Ela certamente era mais do que dizia ser, mas o que quer que ela fosse, estava fora de sua alçada. Ele podia simplesmente fazer o que tinha que fazer, e deixar a situação. Eles caminharam os degraus e entraram no prédio. O monge tinha feito seu trabalho bem, Etsui não podia ver qualquer evidência de outras pessoas nas premissas.

Etsui nunca esteve dentro do santuário antes, mas sabia que sua vida dependia de conseguir achar ou não os manuscritos. Ele rapidamente procurou a sala. Poucos manuscritos alinhavam as paredes, detalhando os feitos do general no Exército de Toturi e nos anos seguintes ao Segundo Dia do Trovão. Uma grande estátua do general como um jovem dominava o meio da sala. Não havia nada que parecia preparado para esconder as últimas palavras do Imperador.

"Então, onde está?" disse Kyruko.

"Não tenho certeza," respondeu Etsui. "Apenas sei que está nessa sala, em algum lugar. O Imperador estava morrendo. Não tínhamos muito tempo."

"Sim, sim. Existem poucos lugares para se esconder nessa sala, então não pode demorar muito." Disse Kyruko. Ela ficou no meio da sala e observava Etsui procurar de parede em parede. Etsui se moveu para trás dos manuscritos, tateou o chão e as paredes por sinais de pontos ocos sem sucesso. A estátua era muito grande para ser movida facilmente, e Etsui a dispensou como um local óbvio de esconderijo.

Finalmente, Etsui fixou os olhos numa pequena tábua de pedra em frente à própria estátua. Incenso e outras oferendas cobriam o topo do bloco. Etsui caminhou e pôs o bolo de incenso para o lado. O ideograma da virtude estava gravado em sua superfície.

"Aqui," disse Etsui. "Deve estar debaixo disso."

"Tem certeza?" Kyruko perguntou dubiamente.

"Sim. Suas últimas palavras me apontaram para 'virtude'. Deve ser isso." Etsui deslocou os objetos postos no topo da tábua e colocou ao lado.

"Entre," chamou Kyruko em alta voz. "Precisamos de sua força."

O monge atendeu imediatamente ao seu chamado. Quando viu o que Etsui estava tentando fazer, ele imediatamente veio para ajudar a mover o bloco de pedra. Juntos, eles empurraram a tampa da estátua. Quando terminaram, Etsui se virou para ver o que achava ser correto. Kyruko já estava lá, suas mãos procurando no pequeno buraco chão. Ela tirou uma caixa de manuscritos, com um brasão de ouro e marcada com um crisântemo imperial. Da caixa, Kyruko tirou um papiro. Ela o abriu, Etsui estava surpreso ao vê-lo, era quase reverente.

O manuscrito em si era magnífico. Estava escrito sobre papel preto, um raro e caro material usado quase exclusivamente para proclamações Imperiais. O selo estava intacto e perfeito, se fosse uma falsificação, então era a melhor que Etsui já viu, e ele não era inexperiente nas artes da falsificação. Junto ao selo Imperial, o manuscrito também tinha um símbolo bem menor, o carimbo pessoal do Imperador Toturi III. O selo era intrincado, e difícil de se reproduzir. Apenas uma mão talentosa duplicaria tal selo, e apenas alguém que pudesse tê-lo para estudá-lo. Talvez poucos homens no Império pudessem fazer tal coisa, e mesmo então haveriam menos ainda que o tentariam; fazê-lo seria traição e a penalidade seria execução imediata.

De uma vez, notou Etsui, Kyruko parecia não ter palavras de felicidade ou arrogância, e seus olhos brilhavam com genuíno prazer. Ela desenrolou o manuscrito e começou a vasculhar seus conteúdos. Etsui se moveu atrás dela e começou a ler sobre seu ombro. A caligrafia era bonita e pragmática, como que se seu escritor preferisse legibilidade e funcionalidade ao invés de estilo. Ele começou a ler e percebeu que foi escrito pelo próprio Imperador.

Em caso de minha morte prematura sem herdeiro natural, o manuscrito dizia em determinada parte, é minha vontade que o Shogun Kaneka assuma o trono como Toturi Quarto.

"Não entendo," disse Etsui algum tempo depois. "Quando estive na Cidade Imperial, a rivalidade entre o Imperador e seu irmão era de conhecimento comum. Não entendo porque o Imperador escolheu um homem que sempre foi seu inimigo como seu sucessor."

"Apesar de todo seu pragmatismo, Naseru não podia escapar da inconveniente tendência de sua família ao sentimentalismo," disse Kyruko com um sorriso. "Ele escolheria certamente um sucessor de sua própria família, e quem melhor que Kaneka? Sezaru? Acho que não."

Etsui franziu-se aos comentários dela, mas não se incomodou com o seu tom. "Ainda assim," ele ofereceu, "por que não escolher a Imperatriz?"

"Por ela recentemente era do Leão," respondeu Kyruko. "e os Leões têm uma história de fazerem inimigos ao invés de aliados. Se tivesse mais cinco anos para romper alianças com seu antigo clã, talvez. Como é, apenas Kaneka comanda o respeito necessário para assumir o trono, e mesmo isso é suspeito." Ela retraiu-se. "Ele é o melhor por muito."

"Ele recusou o trono desde a morte de seu irmão," observou Etsui.

"Eles dizem que jurou nunca tomá-lo," observou Kyruko. "Talvez ele considere esse juramento mesmo depois da morte. E se isso é verdade, então talvez ele tenha uma profundidade de caráter que muitos de nós não vimos. Talvez seja por isso que Naseru o escolheu." Ela retraiu-se de novo. "Tudo que sei é que a fraca vontade de ambição Kaneka o torna fraco, mesmo que seu confuso irmão pense o contrário."

"O que faremos agora?" perguntou Etsui.

"As últimas palavras do Imperador devem ser usadas para o melhor do Império," disse Kyruko com o mesmo sorriso arrogante. "Tenho meus agentes trabalhando para preparar uma falsificação para substituir esta. Não haverão alterações, certamente, para prevenir que hajam perguntas a respeito de sua autenticidade. Isso pode ser feito dentro da cidade, porém. Dois dias, talvez, certamente não mais que três, e podemos substituir tudo e aguardar por sua 'descoberta' em poucas semanas."

Etsui moveu sua cabeça. "Mas essas são as palavras do próprio Imperador. Ousamos..."

Kyruko o cortou com uma calma, desdenhadora risada. "Temos uma oportunidade aqui de moldar o futuro do Império. Você viu o manuscrito. O Imperador deixou informações específicas para serem cumpridas após sua morte. Essa informação deve ser controlada e utilizada para reforçar nossa vontade sobre o Império. Acordos de comércio. Mudanças nas taxas de arroz para territórios diferentes. Tudo será de acordo com o plano."

"A vontade o Imperador—"

"O Imperador está morto," interrompeu Kyruko fortemente. "e o Kolat deve continuar. Sabemos o que é melhor para o Império, Etsui-san. Temos fé que iremos apenas alterar o que for melhor para o mundo."

"E seu herdeiro escolhido?" perguntou Etsui.

"Não gosto de Kaneka," disse Kyruko. "Ele matou meu tio favorito, afinal, mas meus sentimentos são irrelevantes nesse aspecto. Naseru o escolheu como seu herdeiro." Kyruko apontou ao manuscrito feito pelo Kolat. "Felizmente, ainda estaremos seguindo seus desejos. Queremos Kaneka no poder, e logo ele estará. Nossa versão nomeia o Shogun como herdeiro também. Agora, bani todas as suas preocupações?"

Etsui finalmente assentiu e caminhou para trás. Kyruko assentiu ao monge. O silencioso monge depositou a falsificação no esconderijo, e junto com Etsui recolocou a tábua onde estava originalmente. O monge desapareceu e deixou os samurais sozinhos na sala. Etsui e Kyruko olhavam-se um para o outro.

"Você conseguiu me impressionar, Etsui-san," disse Kyruko lentamente. "Talvez tenha sido severa demais quando nos vimos pela primeira vez. Poderia usar um homem como você para espalhar informações sobre a Seita Moeda. Juntos podemos formar uma aliança que trará nova força ao Kolat. Poderia protegê-lo, e lhe oferecer riquezas também. Você se beneficiará certamente como eu também." Seu sorriso tomou uma delicadamente predatória natureza. "O que você diz, Etsui? Se juntará a mim?"

Etsui sorriu fracamente. Havia pouco a fazer senão concordar. Se não o fizesse, afinal, ele estava certo de que ela o mataria. "Claro, lady Kyuruko," ele disse. Ele divagava se poderia traí-la antes que ela o traísse.

O Teste Verdadeiro, parte 1

Escrito por Shawn Carman

Toshi Ranbo, a Cidade Imperial

Doji Ichita olhou para o norte, seu semblante desprovido de expressão. Por todo o passar da meia hora, uma nuvem de poeira parecia estar visível ao norte apesar do clima frio. A neve começou a se derreter dias atrás, e os poucos flocos que persistiam se derretiam assim que tocavam o chão. Parecia que o inverno finalmente tinha terminado. A menos de uma semana, pensou Ichita ousadamente, e um exército já se movia para a cidade.

O barulho de passos fez com que Ichita olhasse por sobre seu ombro. O mensageiro Miya que despachou ao ver a nuvem retornara, a face do jovem Imperial ainda pálida por toda excitação de tudo isso. "Você o encontrou?" exigiu Ichita vigorosamente.

"Hai," disse o mensageiro, curvando-se rapidamente em deferência ao selo de jade no kimono de Ichita. "Ele vem."

Ichita assentiu. Ele esperou por alguns momentos, então o som de mais cavalos se aproximaram com um volume ensurdecedor. Ele se virou para cumprimentar os homens chegando, curvando-se quando eles o fizeram. "Saudações, Norachai-sama."

Bayushi Norachai assentiu em retorno, seus olhos nunca deixando o horizonte. Seu kimono tinha um símbolo incomum para muitos, mas Ichita já o vira nos recentes meses: era o símbolo que marcava o Protetor da Cidade Imperial, uma posição que esteve enterrada por séculos até a última Corte de Inverno, quando a Imperatriz concedeu o título a Norachai. "O que você viu?" exigiu o samurai do Escorpião.

"Apenas a nuvem de poeira," respondeu Ichita. "Apareceu há pouco tempo. Despachei uma sentinela para investigar. Ele não retornou."

Norachai franziu-se. Ele olhou ao Garça como se o visse pela primeira vez. "Quem é você?"

Ichita se curvou novamente, mais baixo dessa vez. "Sou Doji Ichita, gunso da Legião de Jade," ele disse. "Não foi minha intenção usurpar autoridade nesse assunto, Norachai-sama. Me desculpo se ofereci insulto."

"Nenhum insulto foi oferecido," respondeu Norachai. "Não estou ciente que haviam Legionários de Jade na cidade. Quando conduzi um exame de forças disponíveis quando cheguei, você e seus homens não estavam listados."

"Não haviam mais que doze de nós, meu senhor,"disse Ichita. "Fomos encarregados com a proteção do distrito de Sekawa-sama e dos templos da Irmandade dentro da cidade, até que sejamos redirecionados pelo Campeão de Jade ou um dos seus Guardiões."

Norachai assentiu. "Nossos propósitos são muito semelhantes, então."

"Concordo," adicionou Ichita. "Meus homens são seus para comandá-los." Ele franziu-se e olhou de volta ao norte. "Não entendo como o Khan chegou ao norte da cidade. Parece quase mais difícil que simplesmente atacar do oeste."

O Protetor mexeu a cabeça. "Não, eles se movem muito lentamente. Se fosse o Khan, já estariam sobre nós."

Ichita coçou sua sobrancelha e olhou intensamente ao norte. "O Dragão?"

"Difícil," respondeu Norachai. "Independente disso, logo saberemos." Ele se virou aos seus subordinados. "Três divisões de arqueiros nos limiares da cidade. Sete infantarias prontas para engajarem a linha de frente. Agora." Os homens se espalharam como o vento, apressando-se para arranjarem as tropas que Norachai comandou antes que o exército atacante alcançasse a cidade. "Muitas das defesas da cidade estão centradas na fronteira ocidental."

"Conseguirão se posicionarem a tempo?" perguntou Ichita.

"Não," respondeu Norachai secamente. "Eles entrarão na cidade, mas não a conseguirão. Isso eu juro."

Ichita não podia pensar em nada para dizer, então ele simplesmente olhou para o horizonte. Depois de um momento, ele se projetou e gritou. "Um cavaleiro se aproxima!" ele disse. "Não, espere... Mais de um!"

"Shiotome," amaldiçoou Norachai. "As damas de guerra."

"Não," corrigiu Ichita. "As formações estão erradas." O legionário saiu do perímetro protetor da cidade e caminhou para frente alguns passos, erguendo sua mão para proteger-se do sol. Ele caminhou um pouco mais, e então finalmente começou a correr para aqueles que cavalgavam para a cidade. Ele ouviu Norachai segui-lo.

"Ichita!" o cavaleiro da frente gritou. "Ichita! Tudo está bem!"

"Moromao?" disse Ichita. Ele se virou a Norachai. "A sentinela que enviei. Um Akodo."

O Leão saltou de seu cavalo antes mesmo que viesse a parar, deslizando seus joelhos a uma profunda reverência aos dois homens. "Norachai-sama, Ichita-san, é minha grande honra anunciar a chegada de meu senhor."

"O que?" disse Norachai fortemente.

Os outros cavaleiros vieram a Moromao, e o que liderava desmontou. "Quem está em comando aqui?"

Norachai caminhou para frente imediatamente, sua mão em sua espada. "Sou Bayushi Norachai, Protetor da Cidade Imperial."

"Um Protetor com poucas tropas preciosas, pelo que compreendo," o cavaleiro disse. "Felizmente, trouxe minhas forças para garantir que a cidade estará bem protegida."

Norachai o ofereceu um sorriso. Esse era o tipo de expressão que Ichita aprendeu ser perigosa vinda de um Escorpião. "E você seria, meu presunçoso amigo?"

"Sou Akodo Shigetoshi, senhor da família Akodo," o homem respondeu. "anteriormente encarregado em manter o fronte do Leão contra o Dragão. E agora, garantindo que o Khan não alcance a Cidade Imperial."

Ichita olhou de volta ao horizonte. Ele não podia distinguir as formas distantes dos homens marchando em formação, bandeiras tremulantes ao vento. "Então esses homens são..."

"Akodo," disse Shigetoshi, um impiedoso olhar de vitória em seus olhos. "Milhares deles."

Províncias do Leão, próximo a Tonfajutsen

Um chifre de batalha soou em algum lugar ao longe. Para samurais desavisados, pareceria pouco mais que algum som estranho de um campo de batalha, talvez o berro de uma fera ou gado. Para os ouvidos treinados de um guerreiro Unicórnio, porém, o símbolo gaijin abrangia uma tremenda informação dependendo de seu comprimento, timbre e intensidade. Outros condenavam o Unicórnio pela incorporação de tais impuros elementos à "pura" arte da guerra, mas isso simplesmente era mais um meio que os seguidores de Lady Shinjo convertiam desvantagem em força.

Utaku Tama sorriu quando ouviu o som diminuir. Ela ergueu o seu tessen no ar e o abanou duas vezes num círculo rápido. Como um, as tropas de seu comando pessoal se dispersaram para sinalizar as tropas assinadas a eles, e o grande campo de guerreiros do Unicórnio começaram a se virar lentamente para o leste. O Leão ainda não tinha sido visto, mas Tama sabia que estavam lá. Assim que se aproximavam pelo norte e sul, movendo-se para conter as forças do Khan. Seu sorriso aumentou ao pensamento.

Confirmando que os oficiais sob seu comando estavam espalhando as ordens satisfatoriamente, Tama correu pelo campo até se juntar ao grupo de comando do Khan. Outros guerreiros partiram antes dela, permitindo fácil acesso ao largo grupo de samurais entre a bandeira de guerra do Unicórnio que denotava seu líder. "Meu lorde Khan!" ela gritou enquanto cavalgava no nevoeiro. "A ordem foi dada!"

Moto Chagatai assentiu e se virou ao jovem que se tornou seu batedor pessoal. "Onde está o Leão?"

"Uma hora de cavalgada a leste, meu Khan," Shinjo Saihan reportou.

"Estamos próximos à Cidade Imperial?" ele exigiu.

Uma mulher trajando o selo de uma general e as vestes de uma shugenja assentiu. Tama podia ver que ela estava exausta, mas não hesitava em sua responsabilidade. "Sim, meu lorde," ela disse. "Temos alguma duração, mas muito pouca."

"Uma hora a mais?" perguntou Chagatai.

"Hai," Iuchi Lixue assentiu.

"Sinalize às tropas," Chagatai comandou a Tama. "Cavalgaremos uma hora a oeste, então assumiremos formações e esperaremos o Leão. A Baraunghar congregará no centro, com a Guarda Branca e meu comando pessoal. Lixue, comece o ritual assim que chegarmos."

"Como ordenar," a sacerdotisa respondeu. Ela hesitou por um momento, claramente fazendo alguns cálculos. "Não completaremos o ritual antes que o Leão chegue, mas não podemos nos mover mais e ainda garantir sucesso."

"Não importa," disse o Khan. "A Khol ajudará até ser completado. Tama, pro-

videncie isso."

"Hai, meu Khan," ela disse com um sorriso selvagem. "Será minha grande honra!"

"O estágio final começa!" o Khan berrou pelas planícies. "À guerra!"

O rugido das tropas do Unicórnio foi ensurdecedor.

Palácio Imperial, Toshi Ranbo

A Imperatriz Toturi Kurako passou pelo Palácio Imperial com uma expressão abalada. Ela não estava realmente ouvindo enquanto seu conselheiro detalhava os assuntos a respeito do que ela enfrentaria hoje, mas Tanitsu era um homem sábio, e sabia disso. Ele estava meramente abordando pontos menores por agora, coisas que realmente não chamariam sua atenção total, e certamente pressionaria assuntos maiores quando estivesse completamente alerta. Era a pequena rotina que os dois facilmente se adaptaram, uma das várias que agora dominavam a vida de Kurako. Em nenhum dia ela se preocupou em retornar com vida do campo de batalha, mas essa era de sua vida infelizmente acabou. Seus pensamentos estavam em qualquer outro lugar quando ela atravessou um vasto, arqueado corredor a uma de várias câmaras de audiência, então repentinamente percebeu que Tanitsu parou de falar.

Kurako olhou pelo ombro ao seu conselheiro, então seguiu seu olhar ao homem solitário que estava de pé próximo à frente da câmara, próximo ao sobressalto. A sala parecia vasta quando estava vazia, e de algum modo pareceu menor, por ele ter um tamanho considerável e vestido em uma armadura pesada. Vendo que ela o notara, ele se curvou profundamente até a cintura. "Saudações, Imperatriz. Saudações, Tanitsu-san."

Ela não disse nada por um momento, enquanto ouvia o kimono de Tanitsu farfalhar enquanto o ouvia retornar a reverência por trás dela. "Saudações, Kaneka-sama."

O Shogun esperou, mas então a Imperatriz não disse nada, ele sorriu levemente. "Não desejo ser presunçoso," ele disse cuidadosamente, "mas gostaria de ter um momento de lhe falar em particular, Imperatriz, creio que isso seja de seu interesse."

Kurako assentiu lentamente, então olhou para seu conselheiro. "Preciso de alguns momentos a sós para conferir com o Shogun, Tanitsu. Por favor faça os arranjos necessários para meu encontro com Norachai depois dessa manhã."

"Certamente, Kurako-sama," disse Tanitsu com uma rápida reverência. Ele se retirou da câmara e fechou as portas, furtando um último olhar a Kaneka antes que desaparecesse.

Kurako se virou ao Shogun com uma expressão neutra. "Sobre o que deseja falar?" ela perguntou.

"Se irá se encontrar com seu Protetor depois, então ouvirá isso novamente em breve," disse Kaneka, "mas há poucos minutos, um exército de Akodo chegou do fronte norte para ajudar a defender a cidade contra um ataque potencial do Khan."

"Os Akodo?" Kurako não podia evitar o sorriso à menção de seus antigos irmãos de armas "Como eles vieram até aqui?"

"Shigetoshi," disse Kaneka, como se o nome explicasse tudo. "Ele providenciou para que a Garça se desengajasse do conflito com o Dragão para ajudar a proteger a cidade caso qualquer força do Khan passe pelo cerco Matsu."

"Isso parece atípico," observou a Imperatriz, "mas eles são bem-vindos mesmo assim. Qual é a situação atual de suas forças?"

Kaneka franziu-se como se tivesse provado algo amargo. "Tenho menos que quinhentos homens dentro da cidade. Suas ordens para reduzir minhas forças foram seguidas em fases até que poucos restaram."

"Muito bem," ela disse. "Com a chegada dos Akodo, seus homens parecem redundantes." Kurako se abanou com preguiça. "Os Seppun, as forças do Protetor, e agora os Akodo. Acho certo que a força do Shogun possa ser usada em outro lugar."

Kaneka se franziu ainda mais severamente. "Preferiria permanecer para caso o Khan chegue."

"O Leão deterá a marcha do Khan," insistiu Kurako. "Isso é certo. E tenho dúvidas a respeito do relacionamento que compartilha com o Khan. Se você não remover suas forças da cidade, eu as removerei. Não arriscarei ter co-conspiradores dentro da cidade."

"A perda de quinhentos de meus homens, quinhentos soldados treinados, dramaticamente reduzirá as defesas desta cidade," insistiu Kaneka. "Poderia fazer a diferença com a chegada do Khan."

"Como eu disse," ela desferiu, "o Khan nunca alcançará a cidade."

Kaneka hesitou. "Você não conhece Chagatai," ele disse. "Ele é um brilhante estrategista, e muito visceral. Ele pode conceber estratégias que ninguém no Império já viu, e acredita que o destino está ao seu lado." Ele moveu a cabeça. "Quem dentre nós pode dizer que está errado? Não estou certo que possa ser parado, mas se alguém é capaz de tal coisa, então é o Leão."

O olhar de Kurako foi imperdoável. "Acho sua falta de confiança alarmante para um homem de sua posição," ela admoestou. "Você é o Shogun de Rokugan, e fala de tal maneira? Como pode esperar inspirar suas tropas?"

"Felizmente, isso é uma questão que não lhe concerne mais," respondeu Kaneka. "Lhe desejo boas Fortunas, Imperatriz. Que nunca ponha seus olhos nas forças do Khan." Ele se curvou vigorosamente e se virou para ir, pondo seu elmo sob seu braço ao fazê-lo. Ele parou por um momento à porta, olhando sobre seu ombro. "Nunca tentaria tomar o trono de você," ele disse calmamente. "Certamente você sabe disso."

A Imperatriz não disse nada por um compasso do coração, então olhou para longe. "Não posso arriscar o legado de meu marido quando tenho ao menos uma leve incerteza. Certamente você sabe disso."

Kaneka se virou de volta ao corredor e colocou seu elmo em sua cabeça. "Hai," ele respondeu, e então se virou.

Tenda de Comando do Campeão do Leão, leste de Tonfajutsen

Matsu Yoshino, Campeão do Clã Leão, olhou seus mapas novamente, ponderando sobre eles por algum detalhe perdido ou manobra potencial que não havia calculado. Ele mexeu a cabeça e bateu na mesa levemente com um punho fortemente fechado, fazendo várias unidades de marcadores de pedra saltarem levemente.

"Meu senhor?" perguntou um de seus oficiais.

"Nada, Yokuya," disse Yoshino. "Estou meramente... Frustrado."

"O Khan está se retirando," desse Matsu Yokuya. "ele sabe que não pode superar as forças que estão sendo reunidas contra ele. Ele falhou em alcançar a cidade, e agora que a neve diminuiu, a fúria do Leão está sobre ele."

"O Khan não é um tolo," disse Yoshino, sua mandíbula firme. "Isso faz pouco sentido. Se era a cidade o que ele queria, ele poderia tê-la alcançado semanas atrás. Ao invés disso, ele moveu de alvo para alvo, aparentemente a esmo, e agora faz como se estivesse em retirada. Suspeito traição."

"Traição não o dará nada," insistiu Yokuya. "As forças de Korin-sama o cercam por norte, as forças de Takenao se erguem pelo sul, e o pressionamos por leste. Ele não pode escapar do cerco. Ele não pode fazer nada senão se retirar."

Yoshino considerou as palavras do oficial por vários momentos, desejando imensamente que Otemi pudesse estar ali. Mas seu conselheiro chefe ainda estava se recuperando das sérias feridas de Shiro Matsu, e permanecia lá apenas porque Yoshino o ordenou a isso. "Não," ele finalmente repetiu. "Não, algo está errado. Os planos do Khan não são completamente conhecidos por nós." Ele olhou novamente aos mapas por mais um minuto, então pegou sua espada e a pôs em seu obi. "Onde está Kitsu Katsuko?" ele exigiu.

"Rengai Mura," respondeu o oficial imediatamente. "Ela está coordenando o reabastecimento de nossas forças a partir das províncias Akodo."

"Preparem meu cavalo," ordenou Yoshino. "Devo falar com ela."

Por um breve momento, o choque na face de Yokuya era óbvio. "Você... Você não enfrentará o Khan?"

Yoshino estapeou o ombro do homem mais alto. "Se acreditasse que o homem que matou meu pai estaria no campo de batalha quando chegasse," ele disse calmamente. "nada me impediria disso. Mas, como disse, ele é traiçoeiro por natureza, e meus instintos exigem que vá para outro lugar. Você tem o comando, Yokuya. Não me desaponte."

"Nunca!" jurou Yokuya com uma profunda reverência. "Derramarei o sangue de cem Unicórnios em seu nome, meu senhor!"

"Que os ancestrais lhe dêem forças," disse Yoshino ao sair da tenda. Silenciosamente, ele rezava para que lhes garantissem sabedoria também, mas as dúvidas distantes que o infestavam não se silenciariam.

Distrito Mantis em Toshi Ranbo

Yoritomo Yoyonagi suspirou em monotonia e abanou ao servo para retornar ao seu posto. O pequenino homem apenas a informara de que um problemático visitante estava esperando sua disponibilidade. Ela gostaria de deixá-lo esperando indefinidamente, claro, mas fazê-lo danificaria sua reputação, devido à recente importância do homem na cidade. Assim que o visitante entrou, ela forçou um dos brilhantes sorrisos pelos quais ela se tornou conhecida na Corte Imperial. "Norachai-sama," ela disse feliz. "Que prazer ter você em nosso humilde distrito."

"Um prazer para mim também," disse o Protetor prazer aparente, porém. "Preciso falar com seus oficiais militares o mais cedo possível."

Yoyonagi abriu seu leque para esconder uma expressão ofendida. "Achei que simplesmente havia vindo para desfrutar de minha companhia."

"Talvez na próxima vez," disse o Escorpião. "Seus oficiais, por favor."

"Como quiser," respondeu Yoyonagi, abanando negligentemente à câmara adjunta. "Eles estão tendo um discurso de estratégia e táticas, ou algo igualmente esquecível. De toda maneira, sinta-se à vontade para juntar-se a eles. O Protetor da Cidade Imperial é sempre bem-vindo."

"Obrigado," Norachai se virou e se dirigiu à câmara adjunta sem preâmbulos.

A conversa na sala parou assim que os Mantis reunidos olharam ao Escorpião silenciosamente por um tempo. "Norachai-sama," finalmente alguém falou, enrolando um papiro que parecia ser um mapa da cidade. "A que devemos essa honra?"

"Perdoe minha intromissão, Utemaro-san," disse Norachai com uma rápida e respeitosa reverência. "Precisava falar com você a respeito do acordo de seus

homens defendendo a cidade."

"Certamente," disse o Yoritomo. "Posso apresentar meus oficiais?" ele se virou a dois dos homens de pé ao redor da mesa com ele. "Creio que conheça meu chui, Yoritomo Isoshi. E este é Yoritomo Bakishi, recém chegado das ilhas."

Norachai assentiu aos dois homens. Isoshi curvou-se de uma rígida maneira, mas Bakishi apenas assentiu. A metade inferior da face do homem estava coberta por uma máscara de pano, e um elaborado elmo estava na mesa diante dele. Sob circunstâncias diferentes, tal comportamento desrespeitoso serviria de exemplo, mas Norachai precisava de todos os soldados capazes que pudesse encontrar, então ele simplesmente se moveu. "Utemaro-san, quando conversamos anteriormente, discutimos o uso de seus homens para defender o limiar ocidental da cidade."

"Hai," respondeu Utemaro, "Terminei uma listagem de serviço. Preparei uma para você também, se desejar."

Norachai ergueu uma mão. "Obrigado, mas infelizmente a situação mudou."

"O Leão," rangeu Utemaro. "Ouvimos que uma grande força chegou à cidade pelo norte. Presumo que estarão se juntando a nós."

"De certa maneira," disse Norachai. "O Leão tem maiores números e mais experiência em lidar com esse tipo de conflito. Estou os dispersando para defenderem as fronteiras norte, oeste e sul. Preciso do Mantis para defender a fronteira leste."

"A fronteira leste?" exigiu Utemaro em voz alta. "Virtualmente não há chance de um ataque por este lado!"

"O que seria em consenso geral, sim," concordou Norachai. "Porém, isso não significa que..."

"O Mantis foi o primeiro a atender seu chamado às armas!" disse Utemaro, batendo na mesa com a mão aberta. "Somos o único clã que lhe forneceu as tropas que pediu! E somos retribuídos sendo dispensados tão casualmente por causa do Leão, quando finalmente se prontificam a lhe responder? Isso é um ultrage!"

"Basta," disse Norachai próximo ao exaspero. "Você acha que sou um tolo. Não tenho desilusões quanto às suas sensibilidades ofendidas. Você sabe tão bem quanto eu o que os espera na região oriental."

A ira de Utemaro pareceu se dissipar de uma vez, e uma expressão curiosa o tomou. "O que quer dizer?"

"Se o Khan passar pelo Leão, então haverão lutas nas ruas," disse Norachai em baixa voz. "Experientes como são em guerras de cerco, o Leão não tem a filosofia adequada para obterem sucesso em combates dessa maneira. Este será o seu dever."

O oficial do Mantis coçou seu queixo. "Você está sugerindo, então, que se o Leão falhar na contenção, será o Mantis que deverá agir e fazer o insalubre dever de despachar o Unicórnio pelos meios possíveis?"

"É exatamente o que estou dizendo," disse Norachai.

Utemaro rangeu. "Talvez você seja mais adequado à posição que imaginei," ele admitiu.

"Obrigado," disse Norachai com um sorriso. "Por favor, verifique se seus homens têm o equipamento adequado para a tarefa antes que lhes sejam dadas ordens. Creio que não terá dificuldades nessa tarefa."

Os oficiais do Mantis não falaram nada por vários momentos depois que o Protetor saiu, esperando até que um servo os desse um discreto aceno à porta, garantindo que o samurai Escorpião havia saído. "Interessante," disse Utemaro, estapeando o mapa enrolado sobre mesa. "Um inesperado desenvolvimento."

"Não completamente esperado," disse Bakishi, removendo a máscara de pano de sua face e a pondo de lado. "Norachai tem alguma reputação por pensamento não convencional."

"Por que você disfarça sua identidade dele, Naizen-sama?" perguntou Utemaro. "O Protetor não desejaria lhe ter para aconselhá-lo?"

O Campeão do Clã Mantis mexeu sua cabeça. "Já existem muitos homens e mulheres de nível nessa cidade," ele observou. "Adicionar outro só complica mais o assunto. Ficarei discreto até que minha aparição beneficie o clã. E então, será tarde para que os outros clãs manipulem minha presença para a vantagem deles."

Lado de fora de Toshi Ranbo

Akodo Shinichi resistiu o impulso de subir ao topo da torre onde esteve pelas últimas quatro horas. Apesar da estação estar rapidamente esquentando, os ventos ainda eram um pouco frios, e o samurai já parou de sentir sua face há uma hora. Qualquer movimento seria uma mudança bem-vinda, e aquecer suas mãos e colocá-las na face era um alívio como o qual nunca conhecera. Ainda assim, o shugenja Seppun no topo da torre com ele não se movia ou falava, e ele não o fazia há horas. Shinichi não seria o primeiro a admitir fraqueza.

Quando o shugenja finalmente fez algum som, Shinichi quase suspirou de alívio. Ele olhou para os lados por um momento, para ver o que o shugenja estava fazendo, já trazendo suas mãos ao peito e as esfregando vigorosamente, mas então parou quase imediatamente ao ver o Seppun.

O sacerdote colocava uma mão em sua cabeça e tinha os dentes fortemente travados. Ele gemeu de novo, dessa vez com óbvia dor. "O que é isso?" exigiu Shinichi. "O que está havendo?"

"Muitos," se esforçou o shugenja. "Muitos kamis do ar, todos correndo de uma vez... Muito alto!"

Shinichi olhou em horror mudo ao homem, imaginando o que poderia fazer, quando percebeu que o vento repentinamente e dramaticamente mudou de direção. Ele olhou para as planícies antes da cidade, procurando por qualquer coisa que pudesse causar um movimento tão incomum. Primeiramente não havia nada. Então, de repente, havia um simples cavaleiro no campo onde nada estava a um momento antes. Shinichi se esforçou par tentar ver o cavaleiro melhor, e então voltou quando mais dez apareceram ao lado dele. Haviam uma dúzia, então duas dúzias, então uma centena, e numa questão de momentos, haviam milhares deles. Shinichi podia ver alguns deles ao redor do perímetro saltarem de suas selas e descerem ao chão com uma força de rachar os ossos. Confuso, o Leão procurou no horizonte por qualquer sinal de normalidade.

Então ele viu.

O estandarte de guerra do Khan, e do exército Baraunghar.

O Unicórnio chegou.

O Teste Verdadeiro, parte 2

Escrito por Equipe de História de "Legend of the Five Rings"

Akodo Shinichi observou a bandeira do Khan tremular na planície de fronte a Toshi Ranbo. Sua boca pendeu pelo único momento antes de disparar em ação. "Soem o alarme! Soem o alarme! O Unicórnio está aqui!"

Shinichi correu para o canto da torre de vigília, gritando todo o caminho, até que alcançasse o gongo instalado ali. Ele o bateu com um grande martelo, três vezes. Então esperou por não mais que dez segundos antes de bater mais duas vezes. Ele parou e ouviu. Um por um ele ouviu os gongos das outras torres responderem com seus próprios alarmes. A cidade estava avisada, mas ninguém esperava o Unicórnio tão cedo.

O guerreiro do Leão correu pelas escadas da curta torre onde estava posicionado, sacando sua espada enquanto bufava do corredor para a rua no limiar da cidade. Ele se posicionou com sua espada, e viu os outros sentinelas se reunindo no perímetro também. Ele ouviu os Akodo gritando nas ruas atrás dele, e sabia que estariam ali num instante. Enquanto olhava o Unicórnio se aproximar como uma onda, ele sabia que iria morrer. Ele não se importava, porque sabia que seus irmãos o vingariam, e ele sabia que não morreria sozinho.

Bayushi Norachai se pôs do lado de fora da câmara de audiências da Imperatriz e ouviu os gongos cessarem. Ele sabia que a luta já havia começado. A Imperatriz não disse nada, encarando o clamor de seus oficiais sem óbvia reação. "Se me perdoar, minha lady," disse Norachai ao se esgueirar da sala. Em momentos, ele alcançou a pequena estação de guarda nos portões do Palácio, a localização que escolhera para coordenar a defesa da cidade. Ele despachou os corredores assim que o gongo soou e agora esperava o retorno deles.

O primeiro, Seppun Saburu, chegou rapidamente. Ele se curvou e disse. "A guarnição oeste está posicionada, Bayushi-sama. Akodo Shigetoshi-san a comanda pessoalmente."

"Obrigado, Saburu-san. Quero constantes atualizações do muro oeste. Preciso saber o momento em que combaterão."

"Hai, Bayushi-sama."

Enquanto o Seppun corria para longe, Norachai resistia ao impulso de paz. Ele subestimou a magia do Unicórnio e as preparações para sua defesa estavam prejudicadas por isso. A chegada dos Akodo foi uma bênção, mas muitos dos clãs não levaram os avisos de Norachai a sério quando tentava fortificar as tropas da cidade. "Tolos," ele coaxou. Estavam tão preocupados caso ele estivesse prestes a algum truque que não viram o perigo diante deles. Agora Toshi Ranbo poderia muito bem pagar o preço.

Toturi Kurako ajeitou seu daisho com uma economia de movimentos apropriados para uma guerreira treinada. Ela olhou para Fuzuke Haruka, a atual atendente da Imperatriz. "Não, Haruka, não estou indo me juntar à batalha."

Haruka não disse nada mas curvou sua cabeça, ciente que seus pensamentos estavam escritos em sua face.

"O Khan tem dois objetivos se deseja tomar o trono. Um é segurar a cidade e o outro é remover os detentores por direito do trono. Se chegar a esta sela, estarei pronta. Mas por hora, Haruka, chamem meus conselheiros e minha guarda pessoal. Imagino que estão a caminho em todo caso. Tenho palavras para eles."

Haruka curvou-se. "A caminho, sua majestade."

No limiar oeste da cidade, Akodo Shigetoshi reunia sua guarda pessoal. "Nossos irmãos firmam a linha!" ele gritou. "Eles se encontraram com a carga do Khan e o impediram! Sua traição não tocou esta cidade porque sangue Akodo está em seu caminho!" ele pausou por um momento, olhando pontualmente e ergueu sua espada sobre sua cabeça. "Nossos irmãos estão sozinhos?"

"NUNCA!" O grito foi tão alto que eclipsou mesmo os gritos e clamores da batalha a uma curta distância dali. "Akodo!"

"Akodo!" respondeu Shigetoshi. "À batalha! Morte ao traidor Chagatai!"

O Leão se moveu para frente como um corpo, sua formação precisamente se dividindo para interceptar cada avanço das forças do Khan, cada rua e abertura, estava repleta de níveis e níveis de guerreiros Akodo. Arqueiros disparavam dos topos das construções na porção oeste da cidade, chovendo sobre as forças do

Unicórnio com impecável precisão.

Ao comando de seu senhor, os Akodo pressionavam. Lentamente, o progresso do Khan hesitou e parou. Então, centímetro a centímetro, o Leão começou a forçar o Unicórnio de volta ao limiar da cidade.

A Imperatriz Toturi Kurako parou sobre os mezaninos e se virou para encarar aqueles que apressadamente se reuniam em sua sala do trono. Ela os observou impassivelmente, e então colocou sua mão no cabo de sua espada. "Vocês ouviram os gongos. Os sons de batalha podem ser ouvidos daqui. O Khan chegou." Ela pausou por um momento para permitir que a realidade da situação os afogassem. "Ouvimos de sua marcha por meses. Muitos de nós, talvez, não imaginávamos que ele alcançaria a cidade, e certamente não tão rápido. Mas o destino se desenrolará como deve, e nosso destino é enfrentar esta batalha. Alguns temem que isso signifique o fim de tudo que construímos aqui, mas eu penso diferente."

Houveram algumas confirmações entre a sala. Alguns, como Seppun Kiharu e Bayushi Kaukatsu, não traíam sequer a noção de preocupação sobre a situação. Outros, como a jovem assistente de Kurako, Haruka, pareciam estarem se esforçando para manterem o controle de si mesmos. Ainda assim, outros, como Bayushi Kwanchai e Doji Tanitsu, pareciam quase distraídos, como esperando para uma provocação."

"Este é um solo sagrado," disse Kurako, sua voz erguendo-se para preencher a sala. "Não será usurpado por alguém como Chagatai e sua horda bárbara. Nos ergueremos contra eles, não importa o custo. A corte de meu marido não será possuída por um traidor gaijin, e seu trono não será tido por aqueles que não são dignos nem ao menos de dizerem o seu nome! Kakita Matabei!"

Um guerreiro da Garça em armadura brilhante deu um passo a frente e se ajoelhou. "Minha Imperatriz?"

"Você é o comandante da Guarda da Imperatriz," ela disse. "Esta sala deve ser selada. Nenhum Unicórnio deve pôr os pés aqui a qualquer custo. Você entende seu dever, Matabei?"

O guerreiro da Garça sacou sua espada, a lâmina sagrada Tomodachi, forjada pela própria Fortuna do Aço, e a ergueu em saudação à Imperatriz. "Nenhum Unicórnio tocará esta sala, minha lady Kurako," ele disse. "Não enquanto eu viver. Não enquanto um de nós ainda respirar."

Kurako assentiu. "Kiharu-san, envie notícias aos nossos irmãos monges. Eles não devem arriscar suas vidas. Nossos templos podem ser reconstruídos, mas precisaremos de suas sabedorias nos dias que se seguirão ao ataque."

"Como comandar, Imperatriz," o velho Seppun disse com uma reverência.

"Kaukatsu-san, Tanitsu-san," ela continuou. "Façam com que aqueles entre a Corte Imperial sejam acomodados em proteção e abrigo, se desejarem."

"Como desejar," disse Kaukatsu. "Por mim, estarei na câmara de audiência sudoeste. Desejo desfrutar o espetáculo da sacada. Aqueles que quiserem se juntar a mim são certamente bem-vindos."

"Imperatriz," Doji Tanitsu disse calmamente. "Devo ficar com Matabei."

Kurako olhou ao seu Conselheiro Imperial curiosa. "Tem certeza?"

"Esta sala do trono é em várias maneiras a única casa que conheci," adicionou Tanitsu. "Não a verei ser atacada enquanto me ponho de lado."

"Que assim seja," disse Kurako. Ela ajeitou sua espada para que pudesse tomar seu assento no trono. "Matabei-san, sele esta sala."

"Imediatamente, Imperatriz."

"Quinta companhia ao flanco direito," ordenou Shigetoshi enquanto cortava um guerreiro Unicórnio de seu cavalo. O sinalizador atrás dele assentiu e correu para transmitir as ordens. Ele rugiu levemente quando uma flecha o perfurou o ombro, mas a arrancou e continuou a batalha sem qualquer preocupação. Ele limpou o sangue de sua espada e tomou um momento para avaliar a situação.

Os Unicórnios não eram o que esperava. Shigetoshi enfrentou muitos inimigos em sua vida, mas nunca enfrentou o Unicórnio. baseado nos contos da Guerra do Sapo Rico, e do que ouviu da marcha do Khan até agora, ele esperava bárbaros brutais e sanguinolentos, assim como os contos sempre pintavam Chagatai. Esses homens e mulheres não se pareciam em nada com isso. Eles eram guerreiros disciplinados, cada um preenchendo seu papel no exército com clara perícia e propósito. Eles usavam mons de todas as famílias, incluindo muitos Shinjo e Utaku, ao invés de apenas Moto. Eles eram verdadeiros soldados. Eram oponentes dignos.

Shigetoshi celebraria suas memórias uma vez que suas mortes fossem garantidas.

O lorde Akodo fixou seu olhar numa unidade da Guarda Branca avançando pelos seus regimentos e investiu, preparando para dilacerar seu líder e tomar a unidade de seu comandante. Ele ergueu a espada sobre sua cabeça e bradou um grito de guerra Akodo.

O céu se abriu e choveram trovões na cidade, enviando Shigetoshi e muitos de seus homens voando pelo ar para colidir dolorosamente um com o outro e com as construções e destroços que enchiam as ruas. O daimyo do Leão saltou aos seus pés imediatamente, ignorando a dor que varria seu corpo, e procurou a fonte do transtorno. Enquanto olhava, um segundo voleio de relâmpagos saltou dos céus e rachou vários prédios que separavam as principais ruas da cidade. A onda de impacto quase o derrubou novamente, e viu um grupo de Unicórnios lutarem para se manterem sobre seus cavalos. Grandes pedaços de pedra e madeira choveram sobre a rua, trazendo gritos de dor quando caíram. Quando a poeira finalmente se foi, Shigetoshi notou com uma sensação incômoda que os trovões abriram um grande caminho pelo perímetro da cidade, dando ao Unicórnio uma abertura entre as duas maiores concentrações das forças do Leão. De mais, o Leão foi pego de surpresa pelo ataque, e muitas unidades foram devastadas pelos trovões ou pelas explosões que se seguiram.

"Apoiem a linha!" rugiu Shigetoshi. "Não os deixem entrar!" mesmo enquanto gritava, ele sabia que seus comandos eram em vão. Qualquer traição que foi lançada sobre seus homens, não foi alvejada pelo Unicórnio, e eles se apressavam para preencherem os espaços enquanto forças Akodo os assaltavam pelos dois lados.

Shigetoshi sentiu a fúria aumentar dentro dele. Esse não era um ataque Unicórnio, ou já o teriam usado antes. O Leão matou muitos da linha de frente do Khan para que tivessem esperado. Não, esse era um ataque de um grupo externo, um que estava atrás e traiu o Leão. O Khan ganhou a entrada à cidade, e por isso, alguém morreria.

O lorde Leão olhou para cima, procurando qualquer indicação do que poderia ter causado repentina mudança na maré da batalha. Sobre uma grande torre, não muito longe da batalha, ele viu um homem de pé, observando a batalha. Como se por divina providência, um jato de trovões dançavam no céu atrás dele, iluminando sua armadura e kimono verdes.

"Mantis," sibilou Shigetoshi.

O repentino soar do trovão e o explosivo relatório de relâmpagos chegou a todo distrito da cidade, incluindo o distante distrito Garça. Doji Domotai, Campeã da Garça, titubeou ao som, sabendo muito bem que não havia motivo para isso num dia claro. Algo novo aconteceu, e na situação atual, isso era incrivelmente perigoso.

"Quantas forças temos dentro da cidade?" ela exigiu.

"Muito poucas," reportou Doji Nagori, seu semblante triste. "Muitas foram empregadas na linha de frete. A luta se aproximou da cidade, mas estão a ainda uma hora de distância." Ele mexeu sua cabeça. "Pela hora em que os enviamos e retornem, temo que a batalha deva estar terminada, ou quase."

"Faça isso," ordenou Domotai. "Se tivermos sorte, então eles chegarão e o Khan já estará derrotado. Se o pior acontecer, então será a Garça quem garantirá quem expulsará o Khan da cidade."

Nagori assentiu e gesticulou a um mensageiro, que deixou a sala imediatamente. O magistrado pausou por um momento, se referindo a Domotai com cuidado. "Devo apontar, Domotai-sama, que ao retirar nossas tropas do fronte, nos deixamos abertos a uma derrota para o Dragão. O Leão não está mais lá para conter suas linhas de frente."

Domotai assentiu lentamente. "Então que assim seja," ela disse. "Não ficarei alheia e observar esta cidade morrer porque temo uma derrota pelo Dragão. E talvez... Talvez o Dragão descubra que eles também têm uma culpa nisso."

Os olhos de Nagori se arregalaram. "Você não pode honestamente imaginar que um conflito dessa natureza nos dará algo em comum? Uma guerra não pode ser encerrada por outra guerra, minha dama."

"Veremos," foi a única resposta dela.

"Domotai-sama!"

Os dois samurais se viraram para ver o mensageiro que saiu há momentos antes de pé na porta. Antes que pudesse falar, um guerreiro armadurado da Garça passou para a câmara. "Perdoe minha impertinência, lady Domotai," ele disse, curvando-se, "mas pensei que seria melhor reportar diretamente a você."

"Quem é você?" exigiu Nagori.

"Sou Daidoji Gempachi, gunso de Daidoji Yaichiro. Meus homens estão a seu serviço."

"Vocês foram enviados essa manhã." Disse Nagori.

"Hai," respondeu Gempachi. "Fomos inevitavelmente atrasados por um problema de suprimentos. Foi quando percebi quão oportuno era que estivesse resolvendo negócios numa casa de geishas local, mas agora vejo que as Fortunas sorriram para nós. Não estávamos longe da cidade quando caíram os trovões, e retornamos imediatamente. Perdoe minha falha em seguir suas ordens."

"Está perdoado," disse Domotai imediatamente. "Quantos estão com você?"

"Cinqüenta homens fortes," disse Gempachi.

"Cinqüenta homens," disse Nagori, movendo sua cabeça. "Sob tais circunstâncias, há pouca coisa que tal força possa fazer."

"Cinqüenta homens é uma miséria," admitiu Gempachi. "Cinqüenta Garças, porém, são um exército. Qual é sua vontade, minha lady?"

Domotai sorriu levemente, mas ele se foi num instante. "Leve seus homens ao palácio," ela ordenou de uma vez. "Montaremos nossas forças lá."

"Hai, Domotai-sama." Tão rapidamente como chegou, Gempachi e seus homens se foram.

O Shinjo era um guerreiro talentoso, mas seu ataque foi um centímetro alto demais e essa era toda a vantagem que Akodo Setai precisava. Sua própria espada cortou o samurai do Unicórnio em seu abdome, destruindo armadura e abrindo o estômago do Shinjo. A katana do homem caiu de suas mãos enquanto ele

despencou aos seus joelhos segurando suas entranhas, a face contorcida num desesperado esforço para não gritar. Setai rapidamente virou sua katana e a trouxe de volta, decepando a cabeça do Shinjo e preservando sua dignidade.

Houve um silêncio depois disso, e Setai olhou em volta para descobrir que ele e Doji Seishiro estavam sozinhos na rua. Seishiro estava olhando os corpos espalhados ante ele e sentindo o peso nos olhos do Akodo enquanto olhava para seu amigo. "Unicórnios, aqui," ele disse, ira em sua voz. "Como isso pôde acontecer, com os Leões cuidando dos muros?"

Setai mexeu sua cabeça, perturbado com o tom de voz de seu amigo. "Saberemos quando chegarmos ao perímetro," ele disse. "Mas essa não seria a primeira vez que a Cidade Imperial foi tomada por traição."

Dor correu a face de Seishiro. "Kurohi quis que essa cidade fosse um lugar de paz, a capital de um novo e glorioso Império. Estou feliz que tenha morrido antes de ver este dia."

Antes que o Akodo pudesse responder, houve uma perturbação no fim da rua e um grupo de Moto investia pelo canto. Eles pararam por um momento, parecendo estudar a cena de um Leão e um Garça cercado por cadáveres Unicórnio. Setai estava prestes a sugerir que se retirassem para fazerem os recém-chegados lutarem sobre os corpos de seus irmãos de clã quando Seishiro assumiu uma postura com a lâmina de sua katana erguida e a bainha em seu ombro. "Pela Imperatriz!" ele gritou, e investiu sobre os Moto. Setai olhou por um momento, então se juntou ao seu amigo.

Seishiro caiu sobre o Moto como um falcão dividindo um coelho, seu primeiro oponente morreu com um simples ataque. Quando o Garça engajou-se a outro oponente, um terceiro homem o flanqueou, apenas para cair à espada de Setai. A luta se dissolveu numa massa confusa de movimentos ensangüentados, consumindo o pensamento consciente e deixando apenas treinamento e instinto reagirem. Quando a mente de Seishiro clareou novamente, haviam mais dois corpos deitados na rua, e haviam três Unicórnios ensangüentados ao redor dele em semi-círculo. Um deles tinha a insígnia de um gunso em sua armadura, e depois de olhar por sobre Seishiro, ele falou. "Doji-san, você trouxe muita honra para sua casa hoje, os Lordes da Morte certamente o recompensarão. Qual é o seu nome, pra que possa rezar por você quando disser ao meu senhor dessa luta?"

"Sou Doji Seishiro," ele respondeu. "E a menos que seu senhor esteja inclinado a consultar um sodan-senzo, você será incapaz de falar com ele."

O Moto não respondeu mas seus olhos se firmaram sobre o centro de Seishiro. O soldado deu um alto grito e se atirou a Seishiro, sua pesada espada ao estilo gaijin erguida. Seishiro moveu sua katana para o alto, tentando forçar a espada do Moto para o lado, e ao invés disso, a conectou com o homem enquanto ele atirava a katana de Seishiro para longe. O Garça olhou para trás, tentando desesperadamente tirar sua espada do cadáver que agora a embainhava. Os dois Moto flanqueantes se moveram para atacar.

Do canto de seu olho, Setai viu Seishiro soltar sua katana e dar um corte desajeitado em um de seus adversários, que o feriu, mas não o parou. Anos atrás, Setai havia se tornado um Seguidor da Morte, um guerreiro alucinado vivendo apenas para se destruir e destruir os inimigos de seu clã em batalha, até o dia em que seu Campeão o absolveu da culpa de sua vergonha e o apontou à Corte Imperial. Enquanto via seu amigo perecer diante do ataque Moto, a frieza familiar preencheu sua mente e Setai percebeu que nunca havia deixado de ser um Seguidor da Morte.

O soldado com quem estava lutando se congelou em espanto ao rugido de fúria e o Leão cortou sua cabeça sem mais pensar. Ele ignorou o resto de seus oponentes — eles estavam todos se movendo lentamente, e muito lentos para ameaçá-lo — e atacou o que estava sobre o corpo de Seishiro, a espada pesada erguida para o corte da morte. Setai o dividiu de ombro a cintura, então metodicamente matou o resto deles. Quando terminou, ele se apressou para onde Seishiro estava deitado.

O Garça estava sangrando de uma ferida na perna e várias outras em seu peito, mas ainda respirava. Setai se ajoelhou ao lado dele e Seishiro abriu seus olhos. "Não tente falar," disse Setai. "Guarde suas forças e trarei um shugenja para tratar de você."

"Não se incomode," suspirou Seishiro. "Já estou frio, e está ficando difícil respirar." Ele parou por um momento e Setai podia ouvir barulhos de bolhas enquanto o outro homem lutava por ar. "Seguirei meu senhor em breve."

"Adeus" disse Setai," ele podia sentir a frieza retornando e quis repeli-la.

Seishiro sorriu. "As cerejas estarão brotando em breve em Kyuden Doji. Você devia ir vê-las." Ele parou por um momento para respirar e o sorriso diminuiu. "Meu amigo-a dor-"

Setai saltou aos seus pés e enfiou sua katana no coração de Seishiro. "Adeus, meu amigo," ele disse. Ele limpou o sangue de sua lâmina e então se foi, a frieza o cobrindo como uma armadura.

Akodo Shigetoshi explodiu numa fúria de movimentos enquanto assaltava o Mantis sobre a torre. "Traidores" ele gritou. "Praga traiçoeira!" os primeiros dois foram mortos antes que percebessem que o inimigo estava sobre eles. A ira de Shigetoshi era tanta que o primeiro ataque cortou um Yoritomo no peio e se enterrou no segundo, matando ambos antes que o Leão pudesse liberar sua espada. Um shugenja ergueu sua mão e começou a gritar uma prece, relâmpagos começando a correr pelos seus dedos, mas a adaga de Shigetoshi pôs um fim a ele quando a arremessou e a encravou em sua garganta. Só por garantia que não o contribuiria depois, o guerreiro Leão exterminou o shugenja com um ataque rápido. Ele se virou para enfrentar mais alguém, mas recolhia-se em dor como se algo o ferisse fundo na carne de sua face.

Shigetoshi tirou seu elmo e pôs a mão no rosto, e viu que sangue corria dela. Ele olhou para sua fonte, e viu um simples guerreiro do Mantis. O guerreiro sacou duas kamas, ambas forjadas em aço sem hastes de madeira visíveis, e as posicionou em seus lados. Seu cinto tinha um igual número de estranhas lâminas curvas que Shigetoshi nunca havia visto antes. Elas pareciam de origem gaijin. Um temível elmo topeava a armadura do guerreiro, estranhamente nas cores de seu clã. "Venha, então," foi tudo o que ele disse.

"Como desejar," sibilou Shigetoshi. Ele investiu, ignorando o sangue que jorrava de sua face e respingava em sua armadura. Ele atacou uma, duas e uma terceira vez, cada um mais rápida que a outra, uma rajada de golpes tão veloz que seu olho não podia segui-los. A kama de aço do Mantis interceptava cada um, porém, repelindo-os facilmente e então investindo num rápido contra-ataque. Shigetoshi se lançou para trás pra evitar ser cortado em dois, mas as lâminas racharam sua armadura que lhe cobria o estômago, deixando um das placas laçadas pendendo num estranho ângulo. "Quem é você?" o Leão exigiu de seu adversário. "Qual é o nome que devo dar quando me perguntarem quem matei hoje?"

"Sou Yoritomo Naizen," respondeu o Mantis. "e você não terá nada a dizer sobre nossa batalha, exceto a seus ancestrais que foi morto por um guerreiro muito melhor."

A face do Leão se revirou em ira. "Você é um traidor," ele sibilou. "O assim chamado Filho das Tempestades!"

"Não me chame disso!" gritou Naizen. "Não consegui esse nome! Não ainda!"

"E nunca irá," disse Shigetoshi. Ele atacou novamente, dessa vez com uma fúria que envergonharia seus primos Matsu. Por este ataque, ele não se preocupou, cada um de seus ataques tinha a mesma perfeita precisão pela qual sua família era conhecida. E ainda assim, o Campeão do Mantis repelia cada um deles, então repentinamente golpeou seu joelho na abertura da armadura de Shigetoshi.

O daimyo Akodo procurou fôlego como se este saísse de seus pulmões. Ele enganchou seu pé atrás de Naizen e jogou seu ombro no peito do homem, deixando-o prostrado no chão. Os dois se separaram, cada um segurando suas armas e olhando um para o outro. "Por que fez isso?" exigiu Shigetoshi.

"Não respondo a homem algum," respondeu Naizen friamente. "Especialmente a um clã treinado de uma criança brincando de Campeão de Clã."

"Cuspirei essas palavras em sua tumba, pirata!"

"Assim você diz," disse Naizen, sorrindo por trás de seu elmo. "É assim que o Leão conseguiu tal reputação? Cansando seus oponentes com provocações e falsas promessas?"

Shigetoshi não respondeu, mas investiu de novo, fintando baixo e golpeando alto esperando cortar o sorriso da face do Mantis. Ele teria sucesso, não fosse a repentina onda de calor que abateu os dois homens, e uma explosão que minimizou os trovões de agora há pouco. O Leão olhou ao seu oponente com olhos de ódio, mas viu surpresa na face de Naizen. Os olhos do Campeão do Mantis se arregalavam enquanto olhava para o alto, e Shigetoshi o ouviu jurar "Ira de Suitengu," baixo sob sua respiração.

Quase contra sua vontade, Shigetoshi seguiu o olhar o Mantis e olhou para o céu. O que viu gelou seu sangue.

"Fortunas tenham misericórdia," ele murmurou.

O ataque das forças do Khan na cidade criou um inconfundível estrondo que ecoou pela cidade. Dentro de seu distrito, Kaneka se ajoelhava no meio da sala, cabeça curva em preces. Não havia escolha para ele agora. Seus olhos flamejavam com resolução quando se levantou. Ele pegou suas espadas da estante diante dele e saiu da sala.

Imediatamente, o samurai flanqueando sua porta se endureceu à sua aproximação. Ele saudou brevemente e olhou o Shogun. Apesar de não se mover de sua posição, ele foi afetado pela aparência de seu senhor; Kaneka estava armadurado para a guerra.

"Quando homens estão na cidade?" exigiu Kaneka.

"Pela ordem da Imperatriz," respondeu o guarda, "muitos deixaram a cidade sob comando de Danjuro-sama. Cerca de vinte permanecem como sua guarda de honra, Kaneka-sama."

"Vinte servirão," disse Kaneka. "Os sons da batalha se aproximam."

O guarda concordou. "Parece que o Unicórnio quebrou as defesas da cidade, meu senhor."

Kaneka assentiu. "Reúna meus homens," ele disse.

O guarda sorriu largamente e deu um passo para o lado. Atrás dele, Kaneka podia ver seus homens de pé em formação no pátio. "Estamos prontos, meu senhor," o guarda respondeu.

A batalha não havia alcançado as profundezas da cidade, mas todos estavam se preparando para o pior. Camponeses saíam das ruas e se escondiam do caos que certamente se seguiria. Kaneka e seus homens marchavam rapidamente pelas ruas da Cidade Imperial. Eles rumavam para o som de batalha e suas mortes certas. Seus homens eram verdadeiros samurais, pensava Kaneka. Apesar de enfrentarem uma tarefa impossível, nenhum deles se intimidou de seus deveres. Trovões corriam pelo ar, ameaçando ruína e destruição para os intrépidos samurais, e ainda assim, marchavam.

Kaneka e seus homens moviam-se rapidamente pela cidade, ajudados pelo seu tempo estacionados na Cidade Imperial para se acostumarem com as ruas. Logo eles se aproximavam dos campos de batalha. Kaneka avaliou a situação com um olhar objetivo e se virou. As defesas estavam abaladas, de algum modo, e o Unicórnio avançava suas posições. O grosso do exército estava se movendo pelas defesas intactas enquanto poucos se engajavam em combate contra o Leão. Kaneka parou assim que achou seu alvo.

"Sigam-me!" gritou Kaneka. Seus olhos, brilhantes e furiosos, pareciam impulsionar as almas de seus seguidores com força. Ele apontou à bandeira pessoal do Khan tremulante no vento. O líder inimigo parecia estar a apenas poucos metros de sua posição. "Os acharemos e terminaremos isso!"

A formação atrás dele visivelmente parecia absorver a confiança do Shogun. Eles ergueram as cabeças, seguraram suas armas firmemente e se prepararam para os obstáculos impossíveis diante deles. Quando Kaneka disparou, eles o seguiram. Eles investiram por uma rua, evitando o grosso da batalha. A bandeira do Khan desapareceu atrás de um prédio e eles a seguiram, tentando persegui-la. Quando passaram pelo prédio, Kaneka podia ver seu alvo.

"Chagatai!" gritou Kaneka. O Khan virou sua cabeça e olhou de volta para o Shogun. Ele tocou seu corcel no pescoço. O corcel se virou, e lentamente caminhou para enfrentar Kaneka. Uma dúzia dos melhores guerreiros da Khol pararam com seu senhor e se formaram em leque para protegê-lo. Eles pararam em semi-círculo diante de Kaneka e seus homens, suas armas erguidas prontas para o comando do Khan. Kaneka podia sentir seus homens ao seu redor se tencionarem. Eles estavam em menor número e quase cercados, e os Unicórnios estavam montados. Eles se recusavam a se abalar, e apontaram suas armas aos seus oponentes.

Kaneka ignorou tudo ao redor dele e olhou ao homem que uma vez chamou de irmão.

"Você veio me achar," respondeu Chagatai calmamente.

"Você sabia que viria ou não teria gritado sua presença. Lhe peço agora, Chagatai, encerre esta loucura."

Chagatai olhou em volta dele e ao caos da batalha. Os homens ao redor dele se aproximaram de seu senhor, e os samurais de Kaneka apertavam mais firmemente suas armas. "É muito tarde para voltar, e não aceitarei nada exceto pelo meu objetivo."

Kaneka se enfureceu. "Você acha que este plano funcionaria? Todo o mundo se oporá a você. Sua ambição o levará à sua ruína."

Chagatai arregalou seus olhos. "Você saltou ao coração da batalha para me lecionar, Kaneka? Você passou tempo demais com os cortesãos. Você não é o guerreiro que conheci, mas um bebê chorão, mamando o seio de um legado morto. Você odiava seu irmão, ainda assim galga sua memória como se isso fosse fazer de você o homem que foi outrora."

"Eu sirvo ao Império!" gritou Kaneka. "Sirvo à paz! Sirvo à ordem!"

"Então salve o Império com o poder que tem em mãos!" rugiu Chagatai em resposta. "Você é o Shogun! Você tem a força para governar! Ninguém ficará em seu caminho, não comigo ao seu lado! Junte-se à minha cruzada, e juntos traremos ao Império uma força como nunca conheceu."

Kaneka mexeu a cabeça. "Não sou mais esse homem. Não posso deixar você engolir essa terra em guerra, quando isso quer dizer que milhares morrerão."

"Samurais nascem para morrer!" gritou Chagatai. "Esse é o seu propósito em vida! Este Império se enfraqueceu e graças ao tolo que se sentava no trono. Forjarei uma nova terra, e se isso significa mais mortes, então que assim seja."

"Você está louco," disse Kaneka suavemente. "Você mergulhará o Império com suas desilusões tolas."

Chagatai saltou ao chão. "Então não há mais nada a dizer."

"Não, não há," concordou Kaneka.

Kaneka e Chagatai olharam um para o outro sem se mover, e seus homens esperavam por qualquer sinal de movimento. O tempo passava, ambos os lados congelados. O mundo explodiu quando um relâmpago cruzou o ar. Uma flecha voou e atingiu a garganta de um Unicórnio atrás do Khan. O mundo explodia em combate.

Flechas voavam pelo ar quando os dois lados se atiraram à luta. Kaneka sabia que se o Unicórnio tivesse espaço o bastante para uma investida, poderiam atropelá-los sem pensarem. Ele sacou sua katana e correu diretamente para Chagatai, e uma dúzia de homens atrás dele. O Unicórnio investiu de volta, e as duas forças se encontraram com fúria irrestrita. No meio da confusão, Kaneka e Chagatai cruzaram espadas.

Kaneka atacou primeiro, perfurando rapidamente a face de Chagatai. O Khan rapidamente evitou os ataques e golpeou à cabeça do Shogun. Ele se agachou sob uma grande cimitarra e cortou por cima de seu cavalo. A katana cortou a armadura do cavalo e se encravou na perna do cavalo. Ele gritou alto e começou a se agitar, sua perna aleijada caindo sob seu peso. Chagatai libertou seu pé das esporas e saltou do cavalo com impressionante velocidade. Ele rolou no chão e ficou de pé.

Antes que pudesse reagir, Kaneka já estava sobre ele. Kaneka pressionou sua vantagem, esmagando seu inimigo com uma rajada de golpes que atingiam o peito, braços e pernas do Khan. O guerreiro Unicórnio retribuía cada ataque com outro, afastando a espada de Kaneka o bastante para que passasse por seu corpo sem risco algum. Com cada ataque, porém, Kaneka podia sentir que estava chegando perto.

A luta terminou tão rapidamente quanto começou. Quando o próximo golpe de Kaneka veio sobre Chagatai, o Khan defendeu o golpe com o seu. Ele investiu sua espada ainda travada com a de Kaneka até que as guardas das espadas se encontrassem. Chagatai girou e a espada de Kaneka saiu de suas mãos e caiu no chão. Chagatai ergueu um bracelete armadurado e socou o Khan no rosto. Kaneka podia sentir o soco e o impacto com um barulho alto.

Kaneka rolou rapidamente e pegou sua katana. Ele se ergueu uma posição ajoelhada e com a velocidade e força de um ataque de iaijutsu, ele cortou a perna do Khan. Ele não teve que olhar para saber o resultado do ataque. Sangue jorrou no ar e o Khan caiu ao chão. Ele se pôs de pé e se virou para o oponente. Ele limpou o sangue de sua espada e olhou ao Khan caído. Ele sorriu, mas não havia sarcasmo na expressão.

"Você foi um irmão para mim, mas esse homem se foi," disse Kaneka. "Adeus, Chagatai."

Ele preparou sua espada para finalizar o inimigo caído e a ergueu sob sua cabeça. Chagatai esperou, seus olhos sobre os de Kaneka. Antes que pudesse atacar, um repentino sibilo preencheu o ar. Soou como se o próprio céu gritasse de dor. Uma onda de calor percorreu os dois homens, e Kaneka olhou para o céu. A luta ao redor dos dois parou enquanto todos olhavam em comoção.

Um buraco se abriu no meio dos céus e desapareceu. Um homem sozinho pendia onde o buraco estava. Seu kimono laranja dançava no ar e suas mãos erguidas brilhavam com o fogo. O céu se rasgava em chamas de vermelho sangue pelo puro poder elemental ao redor do shugenja voador. Apesar dele estar mascarado, Kaneka podia ouvir os gritos do shugenja enlouquecido.

"Sezaru," sussurrou Kaneka.

O Teste Verdadeiro, Parte 3

Escrito por Equipe de História de "Legend of the Five Rings"

O vento soprava furiosamente, roubando todo som da batalha de seus ouvidos. Os céus explodiam em fogo vermelho sangue, enrolando-se em nuvens do epicentro. Sezaru pairava no meio do caos, sua voz ecoando pelos céus. Parecia que o céu estava sangrando pela entrada do shugenja enlouquecido. Ele ergueu suas mãos e puro poder elemental se reunia em suas palmas. Chamas emanavam de seus dedos e caíam sobre a cidade desprotegida. A chama engoliu um bloco de construções como uma fera faminta, incinerando camponeses e samurais com poder incontestável. Homens gritavam, chamas rugiam. Para os cidadãos da Cidade Imperial, o mundo estava acabando.

Nada disso importava ao Khan, Moto Chagatai, prostrado de costas no chão. Sua respiração ficou rápida e soltava soluços, ecoando em seus ouvidos mais que o barulho do vento. Sua espada Enginoshi pendia no chão, tremendo por causa das várias explosões na cidade. Ele olhou para sua perna fendida, cortada pelo ataque de Kaneka. O sangue se acumulava ao redor da ferida, e ele não podia ver o quão sério era o ferimento. Havia apenas dor. Ele girou a perna de um lado para outro e se esforçou para se recolocar de pé. Todos os seus cuidadosamente traçados planos vieram a um fim lastimável.

O Shogun estava diante dele, seus olhos fixos no céu onde seu irmão enlouquecido voava. Sua espada, outrora erguida para um ataque final, estava baixada ao chão enquanto Kaneka se esforçava para sair de sua descrença. Os olhos de Chagatai se concentravam em seu oponente. Sua postura momentaneamente relaxada enquanto vislumbrava a devastação se espalhando pela cidade.

Quatro passos. Chagatai sorriu. Quatro passos e seu inimigo estaria morto sob sua lâmina. Ele sabia que assim que alcançasse sua espada, Kaneka retornaria sal consciência e o mataria. Ele só tinha uma chance.

"O que pode pará-lo?" divagou Kaneka.

Chagatai estendeu seu braço e alcançou o cabo de sua espada. Com um rápido movimento, ele se pôs sob um joelho. A dor cegou sua mente, mas ele se esforçou e a pôs de lado. Kaneka reagiu como previsto, erguendo sua katana em defesa e caminhando para trás. Ele rugiu em fúria e atacou, sua espada cortando um arco horizontal em direção ao estômago de Kaneka. O fio curvo de Enginoshi superou a postura defensiva de Kaneka e fendeu sua placa abdominal.

O rugido de Chagatai se tornou um grito de dor enquanto sua perna parava de incomodá-lo. Ele caiu aos pés de Kaneka. Sal espada solta ao chão novamente, e uma seção da armadura de Kaneka repousou próxima a ele. Kaneka caminhou em direção em ele, e Chagatai esperava pelo ataque com olhos repletos de dor.

Um par de flechas voaram por Chagatai e se alojaram no sode de Kaneka, as placas armaduradas que cobriam seus ombros, uma trilha de sangue jorrou dos pontos de impacto. O Shogun caminhou para trás pela força do ataque. Chagatai podai sentir mãos o agarrando por trás de seus braços e o pondo de pé. Eram dois de seus Guardas Brancos, a mais prestigiada de suas unidades militares. Eles assentiram a ele rapidamente e prepararam espadas com as outras mãos. Os olhos dos guardas, fixos em Kaneka, mostravam conformação com suas mortes. Kaneka era um dos mais temidos espadachins do Império, e mesmo que estivesse ferido, eles não tinham chance contra ele. Ainda assim, permaneciam lá para salvarem seu senhor. Chagatai ouviu seus arqueiros morrerem atrás dele, suas gargantas sufocadas pelo próprio sangue.

O chão tremeu e outro prédio próximo se tornou chamas. Os guardas de Chagatai titubearam, mas não soltaram seu Campeão. Kaneka assumiu uma postura novamente. Seus olhos pulavam de um guarda para outro. Ele se aproximou lentamente, e os dois Guardas Brancos ergueram ainda mais suas espadas.

Kaneka se moveu para frente, e os Guardas de Chagatai reagiram rapidamente. Um dos guardas se soltou de Chagatai e se moveu para bloquear a aproximação do Shogun. O outro se posicionou entre Chagatai e Kaneka, segurando o Khan ferido com toda a sua força.

O Guarda Branco Moto atacou primeiro, sua cimitarra ameaçadoramente diante dele. Sem deter seu passo, Kaneka atacou duas vezes em rápida sucessão. O Moto caiu com um pulso decepado e um corte na garganta. Ele passou pelo cadáver e continuou perseguindo o Khan ferido.

O guarda restante ao lado de Chagatai soltou seu pulso e sacou uma segunda cimitarra de suas costas. Kaneka investiu e atacou no alto, passando pela guarda do Moto. Kaneka cortou pela garganta do guarda e pôs a lâmina diante dele mais uma vez em postura preparada. Seus olhos se viraram para Chagatai. O Guarda Branco engasgou e soltou suas lâminas. Com olhos frenéticos, ela saltou e se empalou na espada de Kaneka. Ela agarrou-se à guarda da katana do Shogun com as duas mãos e a levou diretamente ao seu estômago.

Chagatai agarrou a guarda da cimitarra enquanto caía de suas mãos. Ignorando a dor, ele se moveu para frente mais uma vez. Kaneka deixou sua katana cair e buscou sua wakizashi.

O chão tremeu novamente e uma coluna de chamas caiu sobre um edifício próximo. Chagatai e Kaneka caíram, e Kaneka perdeu sua wakizashi. Pressionando sua perna boa, Chagatai saltou e caiu sobre o Shogun. A força do ataque atirou o par ao chão.

Chagatai olhou nos olhos do homem que já chamou de irmão. Kaneka olhou de volta ao Khan, tossindo. Ele olhou para a cimitarra alojada em seu peito e então se levantou. O sangue borbulhava de sua boca.

"Kaneka," disse Chagatai.

Os olhos de Kaneka passaram pelo Khan e pararam no céu. "Irmão..." ele disse.

Chagatai olhou ao Shogun morto e, se apenas por um momento, lamentava como o futuro teria sido.

Isawa Sezaru voava sobre a Cidade Imperial, suspenso no ar como um galho pego no furacão. Pilares de chamas o cercavam, se debatendo como serpentes que atacavam a cidade abaixo de novo e de novo, matando e destruindo tudo em que tocavam. Os gritos e risos pararam, e agora havia apenas fria e descontrolada barbárie. Seus olhos brilhavam por trás da máscara que cobria seu semblante.

Ele sentiu um leve abalo de algo pelo Vácuo. Ele estendeu sua consciência, e ficou vagamente surpreso em ver que alguém na cidade abaixo estava querendo falar com ele. Ele recorreu ao Fogo para destruí-lo, mas então uma familiaridade sucinta o ocorreu. Ele conhecia essa pessoa? Ele hesitou, uma faísca de curiosidade queimando levemente em meio à sua ira.

"Sezaru!" uma voz gritou enquanto a figura continuava a erguer-se por cinzas e fumaça, impulsionada por poderosas correntes de ar. Brasas abriam buracos pelos mantos da pessoa enquanto ela se erguia. "Sezaru, por favor... Pare isso"

O Lobo olhou secamente à mulher voando diante dele, inflada como se estivesse acumulando correntes térmicas que ameaçavam romper o simples feitiço que usara para se erguer a ele. "Eu lhe conheço, mulher?"

"Sou eu, Sezaru," ela implorou. "Angai. Por favor, tente se lembrar."

"Angai," ele respondeu com enfado. Ele considerou por um momento. "A esposa," ele finalmente adicionou.

"Sim, sua esposa," ela insistiu. "Pode se lembrar, Sezaru?"

"Isso não importa," ele disse, sua voz seca. "O homem com quem se casou não existe mais. Ele era muito fraco, muito vazio. Por tudo que conseguiu, o mundo o rejeitou, e então recorreu a mim por força."

Angai mexeu a cabeça. "Quem é você?"

"Sou o Lobo," ele respondeu. "Sempre estive com ele. Sou seu poder, sua força, sua convicção. Ele me afastou, mas retornei a pedido de seu irmão, para punir seus inimigos. Sou ascendente. Sou a fúria vingativa dos céus, vim punir esses tolos por usurparem a cidade do Imperador. A transformarei numa tumba digna da posição de Naseru, e então continuarei e espalharei punição a todos que falharam para com ele."

A sacerdotisa cobriu sua boca com sua mão. "Você está louco."

"Se você que isso a conforta," disse Sezaru com um gesto de desdém. "Não me importo."

Angai se aproximou. "Deixe-me falar com ele," ela disse suavemente, sua voz pouco audível além dos ventos uivantes e as chamas explosivas. "Deixe-me falar com meu marido."

Sezaru se afastou levemente. "Não me toque, mulher!" ele avisou.

Angai não prestou atenção, e ergueu uma mão à máscara que cobria sua face. Ela a ergueu. Por um momento, ela se assustou com a ira e poder evidentes no semblante do homem que amava, mas então seus olhos suavizaram, e aquela face se foi. "Angai?" ele perguntou, claramente confuso. "Angai o que..."

"Shh," ela disse, lágrimas caindo sobre sua face. "Tudo acabará bem, meu amor."

"Não posso detê-lo," disse Sezaru, sua voz trêmula. "Ele se tornou muito poderoso."

"Deixe-me ajudá-lo," ela disse. "Posso detê-lo. Um último beijo..."

Os dois amantes se aproximaram, e seus lábios levemente tocaram um ao outro. Os olhos de Sezaru se abriram em surpresa, e ele olhou para baixo. Angai segurava uma brilhante e flamejante adaga, que encravou em seu abdômen. Ele olhou para ela sem queixas. "Perdoe-me," ela soluçou.

"Não há o que perdoar," ele disse, e então seu semblante mudou de novo. O Lobo retornara. "Vadia!" ele gritou, uma faixa de sangue correndo de seus lábios. "O que você fez?"

"Adeus," ela sussurrou.

A Adaga do Último Desejo explodiu, e o céu sobre a Cidade Imperial queimou tão brilhantemente quanto o sol de meio-dia.

A onda de impacto do último remanescente do Desejo de Isawa explodiu em chamas sobre tudo aquilo diretamente abaixo do espaço onde Isawa Sezaru e Isawa Angai flutuavam há segundos antes, deixando uma massiva cratera que dominava o distrito nordeste da cidade. Outras construções tremeram e foram abaladas pela força descomunal, mas permaneceram intactas. Samurais fugiam do desastre, alguns encontrando abrigo antes que fossem incinerados, outros falhando nisso. Por vários minutos após a explosão, a calma veio sobre a cidade como uma mortalha. Então, os guerreiros emergiram. Com a ameaça imediata passada, eles tinham um objetivo claro diante deles: cumprirem as ordens de seus senhores.

Em segundos, o rangido de aço contra aço começou a ser carregado na brisa, e a batalha retornou, com apenas a espessa quantidade de fumaça sobre a cidade e o gigantesco buraco no distrito mercante para indicar que Sezaru interrompeu o conflito em primeiro lugar.

"Inacreditável." Bayushi Kaukatsu bebia seu chá calmamente, pouco impressionado pelos semblantes aterrorizados dos muitos cortesãos ao redor dele. "Não imaginei que pudesse ver tamanha demonstração de poder de novo, embora, quem possa me garantir?"

"Chanceler," Bayushi Kwanchai disse calmamente ao seu ombro. "Por favor, deixe-me acompanhá-lo a um lugar mais seguro. Esta sacada não é segura."

"Basta." Kaukatsu ergueu uma mão. "Sou o Chanceler Imperial. Não me acovardarei como um filhote de gato com medo da tempestade. O Khan é meu aliado. Seus homens não me ferirão, nem àqueles comigo." Ele apontou para os embaixadores reunidos com um sorriso. "Lhe garanto, meu simplório yojimbo, estamos seguros aqui."

Kwanchai forçou seus dentes e pareceu considerar uma resposta, mas no final, ele apenas curvou sua cabeça respeitosamente e se retirou do canto da sacada.

"Isso é tudo muito infeliz," disse Kaukatsu, num tom de zombaria. "Tenho pouca escolha senão crer quer, se o Shogun não tivesse sido jogado aos ventos, talvez pudéssemos ajudar na situação. Uma pena que a Imperatriz os dispensou tão prontamente." Ele mexeu a cabeça. "Talvez ela tenha ficado fora do campo de batalha por tempo demais para realmente se considerar uma estudante de táticas. Como eu disse, infeliz."

Houve engasgos atrás dele, e Kaukatsu só se virou por sobre um ombro. "Não se preocupem, meus amigos. Estamos seguros. Não há nada para se preocuparem. O perigo de cima foi lidado, e quanto aos abaixo de nós, dificilmente acredito que possam escalar tão alto assim."

"Chanceler!"

Kaukatsu se virou rapidamente, sua irritação se dissipando. Ele estava cheio do pânico insensato que alguns jovens assistentes demonstravam, mas o grito por sua atenção não tinha um tom aflito, algo que sugeria um perigo imediato.

Próximo à porta do palácio, o ar brilhava e parecia estremecer e diminuir. Indistintas formas pendiam, e então se aproximavam. Seus pés se desfaziam em vapores, e suas bocas abertas com fome mortalmente insetívora.

Kaukatsu não se moveu. "O palácio é protegido contra espíritos malignos," ele os avisou, sua voz nivelada e calma. "Deixem este lugar imediatamente."

Os espíritos não pareciam responder por um momento. O palácio está bem protegido, sim. A sacada, um deles sussurrou, está bem menos segura, velho.

A sacada. A ironia não desistiu de Kaukatsu. Esses eram gakis, espíritos dos mortos famintos que ansiavam por sangue e carne para alimentar sua carência sem fim. "Deixem este lugar, espíritos malignos," ele repetiu. "Não avisarei de novo."

Você nos distrai, um deles sussurrou.

Houve um grito de um dos outros, e um embaixador do Caranguejo liberou uma corrente de energia verde de suas mãos. A energia de jade atingiu um dos gakis no meio, e ele gritou ao ser dividido em dois. O shugenja Kuni ergueu sua outra mão, e algo verde crepitava nela, mas um trio de espíritos caiu sobre ele antes que pudesse completar a reza aos kamis. Seu peito e face foram desfeitos em segundos, e num ato de morte, o Caranguejo pegou uma fita de seu obi e a jogou no ar.

Bayushi Kwanchai saltou no ar e agarrou a fita, fixando-a em sua katana antes que caísse. Ele atacou a maior aglomeração de espíritos de uma vez, cortando um deles ao meio com a bênção da faixa ainda fluindo nela. "Corram!" ele gritou ao máximo de seus pulmões. Outro gaki o atacou por trás, arrancando uma listra de sangue de suas costas. Kwanchai se virou para enfrentá-lo, mesmo enquanto

os outros se ajuntavam ao redor dele. “Chanceler, corra!”

Kaukatsu olhou para a porta que levava ao palácio, um corredor impedido para ela pela presença dos outros espíritos, espíritos que agora no processo de dividir seu leal yojimbo em pedaços mesmo enquanto outros avançavam sobre os cortesãos reunidos. Seus gritos começavam a se tornarem preocupantes e se moviam em direção a eles, suas mandíbulas monstruosas se abrindo e fechando diante da refeição.

“Que... Inesperado,” era tudo o que Kaukatsu podia pensar em dizer.

Doji Domotai se inclinou a uma lanterna de pedra e limpou o suor de sua testa com uma manga encardida. Os ventos criados pela espetacular chegada e morte de Sezaru duraram uma vida para ela, levada pelos incêndios que consumiam a cidade. No jardim de seu distrito aqueles ventos traziam a ela o cheiro de sangue e o gosto de cinzas. Em algum lugar distante ela ouviu um grande barulho, e fechou seus olhos pensando em quem poderia ter morrido dessa vez. Ao som de passos no caminho, ela abriu seus olhos de novo e viu Daidoji Kimpira, o comandante de sua guarda pessoal, aproximando-se com um frasco de água em mãos. “Relatório,” ela disse.

Kimpira curvou-se e passou a água para ela. “Domotai-sama, nossos batedores relatam outro grupo de cinqüenta samurais do Unicórnio se aproximando, destacados de uma força muito maior rumando em direção ao palácio.”

Domotai olhou para o frasco por um momento antes de destampá-lo e beber. “Bom,” ela disse finalmente. Ela não tinha bushis o suficiente na cidade par oferecer um desafio direto às forças de Chagatai, então ao invés disso, ela concentrou seus esforços em defender seu distrito. Contanto que resistissem, as forças do Leão tinham um flanco seguro de onde operarem e o Unicórnio tinha um inimigo que tinham que combater, ou arriscariam ser atacados pela retaguarda. Frustrava-a não estar nas linhas de frente da batalha, mas a necessidade tática tomou precedência sobre seu desejo pessoal. “Alguma notícia dos outros distritos?” Quando o Unicórnio começou a invadir a cidade, ela avisou a outros grandes distritos da Garça, ordenando-os a adotarem estratégia similar.

“Não,” disse Kimpira, “apesar disso significar pouco. Eles podem estar tão bem quanto nós, mas não vemos necessidade de perdermos um defensor para enviar uma mensagem.”

Domotai terminou de beber sua água e fechou a garrafa. “Vamos lá,” ela disse.

Os muros do distrito eram altos e largos, um legado de anos de Toshi Ranbo sendo trocada entre Leão e Garça. Nunca custou pouco tempo para que os guardas do distrito retirassem e reunissem as plataformas de madeira que permitiam que os defensores ficassem seguros olhando por elas. Domotai e Kimpira escalaram para uma delas e avistaram o portal frontal assim que o Unicórnio chegou à praça diante dele.

Uma samurai do Unicórnio usando o mon dos Utaku caminhou poucos passos para frente. “Sou Utaku Yanmei, oficial da Khol! Nobres samurais da Garça, saibam que o Khan não lhes vê como inimigos, e ficaria feliz em receber seus serviços ao Império sob seu governo. Nos dêem sua palavra que não erguerão armas contra nós e não os feriremos.”

Domotai sentiu seus lábios se curvarem num sorriso. “Sou Doji Domotai, Campeã da Garça!” ela gritou de volta. “Retirem suas forças dessa cidade ou morram sob aço da Garça!” Uma onda de reação percorreu a força Unicórnio ao som de seu nome, e ela viu a cabeça de Yanmei balançar suavemente enquanto considerava o muro e o número de samurais os defendendo. Domotai sabia exatamente o que a outra mulher viu: três samurais na plataforma central, três samurais em cada plataforma flanqueando-a a alguma distância. A Utaku gesticulou, e a força atrás dela se dividiu em sete pares de homens de frente para ela, cada par com uma escada. Yanmei deu um grande grito e toda a massa começou a se mover pelo muro.

Flechas voavam pelo ar enquanto os arqueiros se escondiam nas construções que ladeavam a praça e começavam a disparar. Os samurais no muro do distrito pegaram seus arcos e começaram a atirar nos Unicórnios atacantes. Muitos caíram, mas a investida não hesitou. As escadas foram postas contra o muro nos espaços entre os grupos dos defensores da Garça e os soldados da Junghar começaram a escalá-las. Então os samurais Daidoji que estavam ajoelhados em plataformas nas aparentes aberturas, ocultos da vista, se ergueram com yaris em mãos e metodicamente começaram a limpar as escadas dos oponentes. Os arqueiros continuavam a disparar, e em poucos minutos os atacantes foram eliminados.

“Foi fácil demais,” disse Domotai ao abaixar seu arco. Isso a deixou desconfiada.

Kimpira assentiu. “As forças de Chagatai estiveram se movendo, lutando, e movendo-se de novo por horas agora,” ele disse. “enquanto fomos capazes de descansar entre as batalhas. Exaustão é uma poderosa aliada.” Ele deu um sinal, os portões se abriram, e os servos do distrito se moveram à praça. Eles rapidamente pegaram os corpos dos Unicórnios e os levaram a construções próximas, fora da visão. Um shugenja Asahina ficava fora do portão, esperando para purificá-los por tocarem em carne morta antes de reentrarem no distrito.

Um grito veio de um dos vigias no muro quando um samurai nas cores da Garça adentrou a praça. Ele rumava para o portão, gritando, “Doji! Tenho uma mensagem para Lady Doji!” Kimpira apontou para dois de seus homens e eles foram a corredor para garantir que isso não era nenhum truque. Depois de um minuto, eles o levaram a Domotai.

O samurai era um jovem bushi Daidoji. Sua roupa estava queimada em vários lugares e um acre e forte cheiro saia dele. Ele não tinha marcas de feridas nele, mas obviamente favorecia seu lado esquerdo ao se ajoelhar. “Lady Doji,” ele tossiu. “Estava posicionado no distrito mantido para uso da família Daidoji. Ele se foi.”

“Se foi,” disse Domotai. “Você quer dizer, tomado?”

“Não, Lady,” respondeu o homem. “Destruído. Totalmente. Um dos distritos próximos a nós foi destruído por Sezaru, e as chamas que caíram atingiram a mansão principal. Não tínhamos ninguém para apagá-las, pois avisávamos da aproximação da força Unicórnio. A casa queimou silenciosamente, e repentinamente explodiu como grandes fogos de artifício.”

Domotai fechou seus olhos. Kikaze, ela pensou desesperada, Você já falhou para comigo?

“Quantos sobreviveram?” perguntou Kimpira.

“Haviam doze de nós ainda capazes de se moverem e lutarem,” disse o homem. “Carregamos os feridos às casas próximas para que pudessem ser colocados fora do sol. Então fui enviado para cá e os outros foram reforçar o distrito do Campeão de Jade.”

“Isso foi bem feito,” disse Domotai calmamente. “Beba água e descanse para a próxima batalha. Eu-” Ela foi interrompida pelo grito de alarme e o som dos homens ao redor dela buscando suas armas. Domotai se virou para ver o que estava acontecendo. Abaixo dela, no centro da praça, estava um alto, vigoroso homem nas cores do Dragão. Ele não usava armadura, mas um daisho estava pronto em seu obi. Domotai olhou, sentindo a raiva começar a tomar sua mente. “Abram os portões, ela disse. Começando a descer a plataforma.

“O que?” disse Kimpira. “Minha lady, você não pode-”

“Abram os portões!” insistiu Domotai. Eles abriram diante dela e ela se apressou para encontrar o Dragão. Ela não sabia como ele havia chegado ali, ou o que disso era parte dos cálculos do Khan, mas havia uma coisa que ela sabia — ela teria muito mais homens defendendo Toshi Ranbo se não enviasse para lutar com o Dragão. Se ela não tivesse declarado guerra ao Dragão. Se o Dragão não tivesse atacado Kosaten Shiro. “Togashi Satsu,” ela disse em alta voz. “Há guerra entre nossas casas, e hoje você a verá chegar ao fim.”

Satsu assentiu gravemente. “É por isso que vim aqui, Doji-san.”

“Excelente,” disse Domotai. Ela adotou uma postura, mão sobre o cabo de sua katana como se pronta para entregar um presente.

“Lady da Garça,” disse Satsu, “Hoje vim falar de paz com você. Você falará comigo?”

Domotai começou a falar e então se conteve. Durante sua vida seu pai fez paz com o Leão, se recusar ao menos ao ouvir o Dragão desonraria sua memória. “Muito bem,” ela disse finalmente, e gesticulou ao portão. “Togashi-san, gostaria de me visitar?”

“Estaria honrado,” disse Satsu, e caminhou com ela para dentro do distrito.

Kimpira olhou para ela do portão, parecendo desesperadamente infeliz. “Kimpira-san,” disse Domotai. “Estarei conversando com o Campeão do Dragão e não desejo ser perturbada. Você comandará a defesa. Também, arranje algum chá e o envie para o jardim branco.” Ela passou por ele antes que pudesse se desonrar discutindo com ela. Ele estava certo em se preocupar com um visitante que os rumores diziam ser capaz de se transformar num dragão, mas a perspectiva de paz valeria o risco.

Eles se sentaram em silêncio até que o chá foi entregue. Satsu passou o tempo examinando o jardim, enquanto Domotai se abstinha em seus próprios pensamentos. Enquanto ela servia e lhe passava um copo de chá, Satsu falou. “Você tem um amável jardim, Doji-san,” ele disse com simples honestidade.

“Obrigada,” disse Domotai, grata por si mesma. Tão poucas pessoas viam o jardim: elas olhavam, faziam comentários polidos e iam embora. Ela sorveu o seu chá. “Não desejo ser rude, Togashi-san, mas nosso tempo aqui é limitado.”

Satsu concordou. “Doji-san, meu clã é culpado pela destruição de Kosaten Shiro, mas você sabe que é mais complicado que isso.”

“A pimenta gaijin guardada lá,” disse Domotai afiadamente. “Sacrifiquei minha honra ao esconder um crime Imperial para proteger meu clã da corrupção interna. Lutarei para limpar a Garça dessa vergonha, mas temo que aqueles que a abraçaram resistirão. Dei ordens claras para que todos os nossos depósitos de pimenta gaijin sejam destruídos, mas perdi uma mansão para ela hoje.”

“Não seria tão apressado em julgar Daidoji Kikaze,” disse Satsu. “Se poucas pessoas sabem disso, então são poucas as que realmente capazes de coletá-la e destruí-la.”

Domotai piscou. “O que você sabe do envolvimento de Kikaze nisso?”

O Campeão do Dragão deu a ela um sorriso sereno. “O bastante para alarmá-la, e me certificar. Você diz que sacrificou sua honra, mas vejo que seu zelo por ela ainda arde. Não acho que falhará para com seu clã.”

Zelo não é um substituto para a honra, pensou Domotai. Mas se um Seguidor da Morte podia recuperar sua honra, talvez ainda houvesse esperança para ela. “Obrigado, Togashi-san,” ela disse calmamente. “E... Me desculpe pelos problemas que lhe causei. O dia de hoje poderia nunca ter ocorrido, se a vergonha de meu clã não tivesse interferido.”

“Arrependimento é um pecado,” disse Satsu. Ele terminou o seu chá. “Seus comandantes já começaram a se retirar, enviando suas unidades mais rápidas para reforçarem Toshi Ranbo. Conclamarei todas as forças do Dragão nas áreas

em conflito com a Garça. Nossa guerra está terminada."

"Guerras não acabam simples assim," disse Domotai, pensando nas palavras anteriores de Nagori.

"Por que não?" disse Satsu, sorrindo radiantemente. "Se eu digo isso e você também, quem pode discordar?"

A Imperatriz, quase disse Domotai, mas ela não achou que seria difícil que Kurako concordasse. "Então está acabado," ela disse, abaixando seu copo com um toque decisivo. Ela se curvou para Satsu e se pôs de pé. "Me desculpo por ter que sair com tanta pressa, mas ainda tenho Unicórnios para matar."

"Menos, eu imagino, do que você supõe," disse Satsu. "Mas uma palavra a mais de aviso, Doji-san. Acho que há outro mal trabalhando em seu clã, um mais sutil que o que discutimos."

Domotai firmemente suprimiu sua irritação. Satsu era um Dragão, era irracional que se esperasse dele uma conversa inteira sem que seja enigmático. "Togashi-san, a última vez em que o Dragão conteve uma informação da Garça, isso começou uma guerra. Talvez você deseje ser mais direto da próxima vez?"

"Lhe disse tudo que sei," disse Satsu. "Esta ameaça foi o que me foi apresentado por magistrados que enviei para investigarem, mas sua natureza ainda não é clara para mim. Sua persistência e mistério são perturbadores."

Domotai pensou no assunto e curvou-se de novo. "Obrigado pelo aviso, Togashi-san. Serei cautelosa. Você é bem-vindo para desfrutar dos jardins o quanto quiser."

Por toda a cidade, o caos reinava. Leão matava Unicórnio, Unicórnio matava Leão. O Mantis fazia um papel de uma carta coringa, e dificultava as tentativas do Leão de deter o progresso Unicórnio em cada momento em que ficava diretamente envolvido. A morte espreitava em todo canto. Samurais morriam com nobreza e honra, e alguns com covardia e raiva. Sangue corria nas ruas. Para aqueles presos nos prédios, ouvindo o desenrolar nas ruas, parecia que o mundo chegou ao fim.

O Seguidor da Morte Akodo Osamu investiu contra as forças do Unicórnio e seus homens morreram com ele. Ele sofria ferida após ferida, mas se recusava a desistir. Ele matou de novo e de novo, quase nunca se cansando. Não foi até que uma espada do Unicórnio quase separasse sua cabeça dos ombros que ele finalmente caiu às ruas, cercado pelos corpos de seus inimigos. Aquilo pelo que ansiava era seu finalmente, e por isso ele morreu grato.

Shinjo Saihan, o batedor predileto de Moto Chagatai, levou seus homens pelas ruas à procura de suas presas. Ele estava enjoado pelas perdas de vidas, mas aceitou que eram um aspecto necessário para o plano de seu senhor. Ele pausou apenas para gritar aos camponeses para acharem abrigo, evitando as randômicas patrulhas Akodo ao invés de enfrentá-las. Sua tarefa era alcançar o palácio e ganhar sua entrada. Se a Imperatriz pudesse ser capturada, o Leão não teria escolha senão deter seus ataques. Sua presença na cidade era esperada, e ameaçava tudo que Chagatai trabalhou para conseguir. Quando os Akodo choviam no caminho de Saihan, ele os matava o mais rapidamente possível e se movia, não tendo prazer na morte de seus inimigos.

Yoritomo Naizen gastou preciosos segundos olhando à forma inconsciente de seu oponente derrotado, o daimyo dos Akodo, Shigetoshi. Ele sabia que era prático matar o homem; mas fazer o contrário apenas lhe renderia uma dívida de sangue que o Leão carregaria contra ele para sempre. E ainda assim, fazê-lo direcionaria a fúria de toda linhagem Akodo contra ele pela eternidade, e tudo seria problemático que suspeitasse que não teria tempo para isso. Finalmente, Naizen queixou-se e chutou a espada de Shigetoshi para longe. Suas feridas não eram sérias para que não pudesse se recuperar, e sua humilhação ao acordar seria de fato magnífica.

Naizen quase desejou que pudesse estar presente para testemunhá-la, mas tinha assuntos muito mais urgentes que requeriam sua atenção.

Bayushi Norachai e seus homens chegaram ao lado de fora do Palácio Imperial depois de lutar pelas ruas por quase uma hora. Eles estavam exaustos, mas ninguém oferecia descanso. A firme determinação e ira nos olhos de seu líder os impulsionavam ao fazê-lo mesmo que não tivessem inclinados.

Corpos lotavam a entrada ao palácio. Norachai se ajoelhou e os examinou. Muitos eram Seppun, mas haviam vários Unicórnios também. Todos os Unicórnios tinham um mon distinto, descrevendo uma máscara kabuki. Era o velho mon usado pelos dias nos quais a família assumia o controle do clã. "Guarda Branca," disse Norachai. "Preparem-se, homens."

O som de um grupo de homens correndo ergueu-se sobre o distante clamor da batalha, e Norachai se virou com sua espada na mão. Um grande grupo de guerreiros da Garça, todos usando o mon Daidoji, chegava ao pátio. Um caminhou para frente. "Identifiquem-se," ele exigiu.

"Sou Bayushi Norachai, Protetor da Cidade Imperial." O título teve gosto de cinzas enquanto falava as palavras. Sua falha foi desastrosa. "Quem são vocês?"

O oficial da Garça curvou-se rapidamente. "Sou Daidoji Gempachi, encarregado por Lady Domotai a assegurar a entrada ao Palácio Imperial. Meus homens e eu claramente estamos à sua disposição, lorde Protetor."

Norachai assentiu. "A Guarda Branca esteve aqui. Vejo quatro mortos. Isso significa que ao menos vinte já estão dentro do palácio, talvez mais dependendo do tamanho da unidade. Quantos vocês são?"

"Trinta e sente," relatou Gempachi tristemente.

"Você e seus cinco melhores homens me acompanham," comandou Norachai. "Há uma divisão dos Akodo a caminho para assegurar essa entrada. Eles chegarão em dez minutos. Seus homens podem segurar a linha, Gempachi?"

"Eles podem e irão," ele disse sem hesitação.

"Então venha," ordenou Norachai. "A Imperatriz pode estar em perigo."

Gempachi rapidamente chamou cinco nomes e falou brevemente a um de seus subordinados. Os seis Garças seguiram Norachai e seus homens pelas escadas, e os Daidoji assumiram uma posição defensiva atrás deles. Assim que entraram, Gempachi impediu a porta. "Quais são suas ordens, Protetor?"

"A sala do trono," ele respondeu. "Achamos a Imperatriz, então a corte dela."

Os corredores pareciam se estender para sempre. Alguns claramente mostravam sinais de batalha, e haviam outros corpos lotando a câmara ocasional. Norachai levava seus homens num caminho impecável pelo palácio à sala do trono, mas pararam no corredor à ante-câmara que a precedia. Por um longo momento, ninguém disse nada. "Quando era um garoto," disse Gempachi suavemente. "Fugi dos meus pais e erroneamente entrei numa casa de matanças no distrito eta. Esqueci-me disso até este momento."

Sangue cobria quase tudo na ante-câmara. Corpos e partes de corpos estavam em todo lugar da sala. Um simples samurai estava de pé antes de se mover ao corredor à sala do trono, sua espada erguida numa posição defensiva. Ele estava tão coberto de sujeira que ao primeiro olhar a cor de sua armadura não podia ser determinada, mas depois de um momento de inspeção estava claro que era um Garça, como muitos dos corpos ao redor dele. Ainda mais numerosos, porém, eram os Unicórnios.

Gempachi caminhou para frente. "Você precisa de ajuda?" ele disse em voz alta.

As palavras pareceram tirar o guerreiro de sua postura. Ele ergueu sua espada e gritou um forte kiai, então investiu pela sala. "Kakita Matabei!" o grito de Norachai levou o Garça a uma parada repentina.

"Hai, Protetor?" perguntou o Garça, sua voz fria e distante. Seus olhos não davam indicação de que sabia onde estava.

"A Imperatriz está lá dentro?" exigiu Norachai.

Matabei assentiu. "Ela ordenou que nenhum Unicórnio entrasse, e não deixei nenhum."

"Muito bem, Matabei-san. Descanse."

Ao comando, Matabei olhou ao redor da sala e parecia finalmente perceber a extensão da carnificina ao redor dele. "Meus homens," ele disse suavemente. Ele cruzou a sala, olhando de um para outro, mas não achando ninguém vivo. Ele se ajoelhou por um momento sobre um corpo, que parecia estar descansando contra uma parede como se tivesse perecido durante uma pausa na batalha. Matabei olhou ao pedaço de papel na mão do homem, o leu, e cobriu sua face com sua mão. Ele o deu silenciosamente a Gempachi.

O gunso leu o papel. "Vou para ela agora / Botão perfeito, espada brilhante / À única verdadeira Imperatriz." Ele olhou para cima. "Quem é ele?"

"Doji Tanitsu," disse Matabei. "O Conselheiro Imperial."

Norachai abriu as portas à sala do torno e desapareceu lá dentro. Nenhum de seus homens o seguiu, e Gempachi olhou para eles por um momento antes de finalmente se mover para entrar. Assim que chegou à porta, Norachai reapareceu e bloqueou seu caminho. "Não há nada para nós lá dentro," ele disse calmamente.

Gempachi empalideceu às palavras. "A Imperatriz?"

"A Imperatriz não queria arriscar ser levada como prisioneira política, parece," disse Norachai. "Ela garantiu que o Khan não a seqüestrasse."

Gempachi mexeu a cabeça e começou a dizer algo, então parou repentinamente e ergueu sua cabeça novamente. "Você ouve isso?" ele sussurrou.

Norachai franziu-se. "Não ouço nada."

Gempachi gesticulou para que fizessem silêncio, e então lentamente começaram a andar pelos cantos da sala, ouvindo atentamente. Finalmente, ele assentiu e foi a um corredor rapidamente. Os outros o seguiam, e como o fez, começaram a ouvir o barulho também. Era um alto e ruidoso som que se repetia várias vezes. Gempachi o seguiu como um caçador, girando e virando-se até que finalmente chegasse a um grande par de portas. "O que há nas câmaras além?"

"Uma sacada, creio eu," disse Norachai. Ele se virou aos seus homens. "Abram essa porta!"

Os samurai reunidos reuniram suas forças contra as portas, que lentamente começaram a se abrir. Finalmente, parecia que haviam ultrapassado qualquer obstrução que as fechasse, e fluíram repentinamente. Gempachi se virou violentamente e sacou sua espada, erguendo-a ante ele defensivamente.

Um guerreiro solitário estava do outro lado das portas. Sua armadura estava feita em frangalhos, e ele parecia sangrar de uma dúzia de feridas. Ele arrastava uma forma em seus braços, e lágrimas corriam de sua face abaixo de sua máscara, limpando um caminho em sua face ensangüentada.

"Kwanchai?" disse Norachai incredulamente. "É você?" O guerreiro entrou, sem dizer nada. Norachai se aproximou para olhar a figura ensangüentada que Kwanchai carregava. "É... Esse é Kaukatsu?"

"Não o toque!" rugiu Kwanchai. "Deixem-no!" Ele se acalmou, reunindo sua compostura ao seu limite. "Ele merecia algo melhor que isso."

"Ouço luta nos portões," disse Gempachi. Ele caminhou da sacada e correu para o limiar. Ele podia ver os Unicórnios que vastamente em menor número que seus homens colidiam repetidas vezes contra a formação Daidoji. Foi-se quase o tempo todo que foram ordenados a conterem a linha, e havia poucos deles restando. Eles permaneciam, porém, mesmo enquanto cada Unicórnio investia diminuindo seus números. Eles eram Garças de Ferro, e não desanimavam. Gempachi gritou para eles, mas ele sabia que não podiam ouvir. Ele viu três homens restantes assumirem uma formação de costas para o outro, lutando contra todas as adversidades enquanto os Unicórnios os esmagavam.

E ele viu as legiões de Akodo marchando pelo pátio para atacarem o flanco traseiro do Unicórnio. Gempachi bradou o grito de guerra dos Daidoji repetidas vezes, mas seus homens desapareceram sob o ataque Unicórnio. Eles se foram.

O gunso pôs sua mão contra a testa em frustração. "Devia ter ficado com eles!" ele xingou. Seus olhos se desviaram do espetáculo de morte abaixo deles.

Não havia mais nada que ele podia fazer.

Akodo Natsu observou e executou outra seqüência de golpes, sem proveito. Seus homens haviam lidado com outros avanços do Unicórnio antes, mas eles hesitaram quando tentaram cuidar da gunso deles. Ele ouviu chamarem-na de Fujiko, e apesar do nome dela não ser de importância particular, ele tinha pouca escolha senão apreciar seu prodigioso talento com a espada.

Fujiko gritou um kiai e atacou novamente, e novamente Natsu repeliu seus ataques por pouco. Ele contra-atacou, mas ela o evitou tão facilmente que sentiu a ancestralidade Matsu de sua mãe se enfurecer dentro dele. Natsu não podia permitir que a raiva o tomasse, porém, ou seria morto instantaneamente. "Renda-se," ele ordenou. "Seus homens estão mortos."

"Haverão mais em apenas um instante," ela respondeu. "Renda-se você e cuidarei para que seus homens não sejam feridos."

"Você ousa?" gritou Natsu, mas não pôde completar sua resposta indignada. Um repentino vendaval soprou, tão forte que tanto ele quanto Fujiko foram literalmente erguidos do chão e jogados na rua a vários metros. Era tudo o que Natsu podia fazer para segurar sua espada. Mesmo enquanto sibilava em dor à feroz colisão com a rua, ele podia ouvir seus homens gritando em alarme. Ele se ergueu e olhou para os reforços do Unicórnio. Ele estava certo de que lançaram o ataque, mas ele não estava preparado para o espetáculo que testemunharia.

Ao nordeste, correndo pela cidade com tamanha velocidade que não podia crer enquanto olhava, havia um vasto exército da Fênix. O exército estava cercado pelo vento, muito semelhante ao furacão que Natsu testemunhou quando era criança. Grandes plumas de terra se erguiam e desciam, acelerando o exército enquanto caminhavam sobre as sandálias de uma Fortuna. Ele podia ver as ondas se movendo como um tsunami, carregando os Fênix rapidamente entre elas e não deixando sinal da passagem. Natsu havia visto uma batalha contra o Dragão, e anos antes nos limitados conflitos com a Fênix, mas nunca havia testemunhado qualquer demonstração de fúria elemental no campo de batalha que podia rivalizar a isso.

Dois Fênix se ergueram no limiar da cidade, aparentemente movendo-se bem no avanço do exército de seu clã. Um vestia uma estranha mistura de símbolos do Dragão e da Fênix, e o outro tinha um longo e fluído cabelo preto que tremulava na repentina brisa forte. "Desista," o mais velho dos dois comandou. "Abaixem suas armas. Este conflito acabou."

"Você não tem autoridade sobre as legiões Akodo!" gritou Natsu. "Por que direito nos comanda?"

"Os comando em nome de todos os homens e mulheres que se dizem servir o Imperador com honra," continuou o mais velho. "Você presume derramar sangue nas ruas do Imperador com tamanho desdém, e ainda nos pede para nos justificarmos?"

"Defendemos a cidade dos homens do Khan!" Gritou Natsu.

"Você guerreia pelo bem da guerra," retornou o Fênix. "Não mais."

"Peguem-no!"

O Fênix ergueu uma mão, e pequenos arcos de relâmpagos dançavam entre os Akodo, atacando suas espadas. Contra a vontade deles, os homens gritavam em dores e as soltavam. "Não me force a destruir suas armas," disse o Fênix. "Não tenho desejo de desonrar suas famílias de tal maneira, mas o farei se insistirem em continuar essa vergonhosa e infrutífera batalha."

"Você se põe no mesmo patamar que o Khan!" Xingou Natsu. "Vocês chegaram para permitir que ele tome a cidade!"

"Não," respondeu o jovem. "Viemos para garantir que a cidade permaneça intacta, e que povo que a habite esteja livre de perigo constante da violência. Não devemos aliança ao Khan, e nem permitiremos que este infeliz derramamento de sangue suje a memória de Toturi III."

Natsu moveu a cabeça. "Vocês não têm chance de ficarem entre o Leão quando estamos determinados a cumprir nosso dever."

"Olhe para o palácio," respondeu o mais velho. "Acho que pode reconsiderar."

Sobre o Palácio Imperial, outra figura apareceu, assim como Sezaru apareceu há algumas horas. Enquanto a aparição de Sezaru trouxe caos e morte, esta nova chegada radiava uma cálida e pacífica luz que baniu a fumaça e o calor da guerra. Ela pendia imóvel sobre o palácio, mãos enfiadas dentro das mangas, os olhos dela fechados. "Samurais de Rokugan," ela disse, sua voz ribombando como um trovão. "O Clã Fênix não permitirá que a Cidade Imperial seja profanada dessa maneira. Otosan Uchi se perdeu para nós porque os corações dos homens não podiam conter sua violência e vingança, mas isso não acontecerá de novo. Toshi Ranbo sobreviverá a este dia, não importa o custo. Guardem suas armas. Esta batalha não tem propósito exceto nos envergonhar, e mais perdas de vidas não serão toleradas." Ela pausou por um momento e descobriu suas mãos, liberando um pequeno e escuro orbe que flutuava em sua frente. "A Fênix se desviou do seu caminho no passado, mas achamos nosso caminho, e não nos colocaremos de lado e permitiremos que esta profanação ocorra. Pela vontade dos Paraísos Celestiais, e o favor concedido à Fênix pelo Tengoku pelo poder do Ovo do Vácuo, esta cidade está agora sob proteção do Clã Fênix e o Conselho dos Mestres Elementais." Ela ergueu sua mão sobre sua cabeça. "Todos os que não puderem aceitar isso, se arriscam à própria ira dos Céus, e que as Fortunas lhes perdoem por esta tolice."

Assim que Isawa Ochiai ergueu suas mãos, as nuvens sobre elas se partiram e o brilho dos Céus resplandeceu sobre o reino mortal por breves momentos. Quando a luz diminuiu, e os olhos mortais podiam olhar de novo para Ochiai, a onda de choque era quase audível pela cidade.

O grande Dragão do Fogo nadava pelos céus sobre o Palácio Imperial, parecendo rodar protetoramente ao redor de Ochiai.

Depois de sua repentina chegada pela região nordeste da cidade, a Fênix varreu Toshi Ranbo como uma onda. Seus maiores shugenjas, a Guarda Elemental, se movendo pelas ruas como uma força da natureza. Junto deles estavam as Legiões Elementais, Shiba treinados para acompanhar, assistir e lutar lado a lado com a Guarda. Em toda batalha que encontravam, a poderosa magia Isawa mantinham os combatentes à distância até que as legiões pudessem isolar cada facção e preveni-las de lutar. Uma tensa paz se seguiu. Era óbvio que os samurais que se matavam nas ruas tinham pouco desejo de obedecerem o mandato da Fênix por paz, mas a sombra do Dragão do Fogo parecia abranger toda seção da cidade, e por sua mera presença, forçava o cessar da batalha. Ninguém ousava erguer uma mão contra o Dragão do Fogo pois fazê-lo era abandonar toda a crença na Ordem Celestial e no Mandato dos Céus.

Água e vento, fogo e terra foram moldados pelos Isawa sob o comando de Ochiai, e lentamente, a cidade se aquietou. A batalha terminou, apesar de ninguém poder dizer quanto mais ela duraria.

Apesar do Palácio Imperial não ter sofrido nenhum dano aparente, as ruínas de várias construções ao redor dele enchiam o ar de fumaça, e o pátio parecia ser o centro de alguma grande calamidade como um terremoto ou furacão. Os Mestres Elementais emergiram do Palácio, suas faces contidas e pálidas. Alguns oficiais da Fênix aguardavam, olhando para os Mestres com expectativas. Um deles, Shiba Naoya, deu um passo à frente. Ele olhou aos poucos que acompanhavam os Mestres, então voltou às portas do palácio. "Existem outros, meus senhores?" ele perguntou calmamente.

Isawa Emori mexeu sua cabeça. "Não," ele disse secamente. "Os mortos famintos foram expulsos do palácio. Eles deixaram pouco para o Unicórnio."

Naoya retirou seus olhos do palácio, sua expressão horrorizada. Uma dentre os seus companheiros oficiais, Shiba Tsukimi, caminhou para frente em seu lugar. "Os contingentes Mantis e Unicórnio fora isolados e detidos, como comandou." Sua face completamente desprovida de emoção. "O daimyo do Leão está exigindo acesso ao Khan e seus associados. Ele também diz que Yoritomo Naizen está presente na cidade."

"Não surpreende," disse Tamori Nakamuro. "O Campeão do Mantis é um homem com talento para achar problema aonde quer que vá."

"Traga-os perante nós," ordenou Ochiai.

"Já ordenei que os procurassem," respondeu Tsukimi. Ela apontou para trás da formação da Fênix, onde um grande círculo de samurais Shiba marchavam com dois homens em pontas de lanças. Um deles estava trajado nas cores do Unicórnio, um elmo precariamente pendurado em sua cabeça. Ele andava mal, favorecendo uma perna. O outro era um homem de ombros largos que caminhava alto, de cabeça erguida. Uma grande faixa de pano verde amarrava seu bagunçado cabelo, e sua armadura mostrava sinais de intensa luta. "Meus senhores, lhes apresento Moto Chagatai e, supostamente, Yoritomo Naizen."

Ochiai caminhou para frente e olhou para os homens tristemente. "Vocês dois, Campeões de Clãs Maiores, são muito culpados pela infeliz perda de vidas hoje," ela disse suavemente. "Que tipo de loucura os levou a este ponto?"

"Sou um guerreiro," disse o Khan desafiadoramente. "Não respondo para alguém como você."

"Não a mim, talvez," disse Ochiai. "Mas tenha certeza de que responderá pelo que você e os seus fizeram hoje." A pequenina sacerdotisa se virou para o Campeão do Mantis. "E você, Naizen? Por que propósito se une ao Khan?"

Naizen olhou aos Mestres Elementais por vários momentos, como se considerando se respondia ou não a pergunta. Finalmente, ele assentiu muito devagar, quase imperceptivelmente. "Por duas razões," ele disse. "Primeiro, o Mantis devia ao Unicórnio uma dívida que achei que nunca podia ser paga. Eles nos ajudaram. Eles permitiram fazer algo que garantiu que o Mantis vivesse para sempre. Não permitiria que esta dívida não fosse paga."

"Ao custo de sua honra?" disse Ochiai.

"A qualquer custo," afirmou Naizen. "Em segundo lugar, você dificilmente está em posição de criticar os meus motivos."

"De que maneira?" ela exigiu.

"Porque você fez exatamente a mesma coisa."

Um murmúrio se espalhou entre a Fênix até que Ochiai erguesse uma mão. "Por favor, explique," ela disse.

"O trono está vazio," insistiu Naizen. "Você sabe tão bem quanto eu que há muitos que não apóiam a Imperatriz. Sem clara indicação de um herdeiro do Imperador, quanto tempo demorará para que os clãs marchem em guerra pelo controle do Império? Quanto tempo haverá até que a guerra corra por todo o mundo? Quantos morrerão?"

Ochai mexeu sua cabeça. "E pensou em prevenir isso?"

"O Khan é forte. Ele teria unificado o Império, seja sobre sua bandeira ou contra ela. Seu governo, de uma maneira ou de outra, teria prevenido a loucura e guerra que se anunciam a cada vez que o trono é deixado vazio." Ele pausou e olhou para os Fênix reunidos. "Sacrificaria poucos para salvar muitos. O que vocês sacrificaram? Quanto morrerão pela sua tomada da capital?"

"Não nos colocaríamos de lado e assistiríamos outra Cidade Imperial ser posta ao chão pela ambição humana," insistiu Ochiai. "Se os clãs não podem cooperar pacificamente, então garantiremos que não tenham opção para a violência."

"Graças às Fortunas que temos sua sabedoria para nos guiar," desdenhou Naizen. "Como poderíamos nós, meros mortais continuar sem sua orientação?"

"Mestra Ochiai!" uma voz berrou dos observadores. Um homem em precária armadura Leão fez seu caminho pelas massas, sua face era uma máscara de ira. "Pelo bem do Clã Leão, exijo que esses criminosos sejam destinados A mim para execução sumária! Eles são culpados por traição, sedição e assassinato!"

Ochiai olhou para Tsukimi, que deu um passo à frente. "Lady Ochiai, este é Akodo Shigetoshi, daimyo da família Akodo."

"Esses homens não são melhores que gaijins!" Xingou Shigetoshi. "Mais uma vez, exijo que caiba a mim a execução deles. Seus crimes contra o Leão não podem ser permitidos de existirem!"

A pequena Mestra do Fogo ergueu sua mão. "Concordo que os crimes do Khan contra o Leão são realmente hediondos, mas vidas já foram perdidas o bastante por hoje." Ela olhou por um longo momento a Naizen. "E não posso dizer que creio que o Campeão do Mantis tenha razão, desorientado como é."

"O que?" exigiu Shigetoshi explosivamente. "Você deixará que esses criminosos fujam com suas vidas? Depois de tantas vidas serem perdidas por suas assassinas ambições? Um argumento que você mesma fez um momento atrás!"

"Vidas o bastante já foram perdidas," repetiu Ochiai. "Ninguém mais morrerá hoje."

"Está enganada," disse Shigetoshi. Quase mais rápido que o olho podia seguir, o guerreiro do Leão sacou sua espada e a ergueu. Como um, se seguiram os sons de dúzias, talvez dezenas de espadas sendo sacadas. Os soldados da Fênix responderam, e estavam prontos para receberem a investida das legiões do Leão reunidas em volta deles. "Mande-os para mim, ou compartilhe do destino deles."

"Conheço o fogo da vingança que arde ferozmente em seu coração," disse Ochiai calmamente. "mas você não pode esperar racionalmente que esta trapaça funcione. O que acontecerá se você atacar? Seus homens perecerão, ao homem. Não desejo isso, e não creio que deseje também."

"Meus homens preferem morrer ao ver uma injustiça dessa magnitude." Respondeu Shigetoshi. "e você subestima a força do Leão. Não seremos vencidos, mesmo em menor número."

"Números não estão em questão," disse Ochiai. Uma sombra caiu sobre o pátio e uma onda de opressivo calor acometeu os presentes enquanto o Dragão do Fogo lançava um culposo olhar ao Leão. "Vocês jogam suas vidas por nada se fizerem isso."

"Temo a morte menos que temo falhar em seguir o bushido," disse Shigetoshi.

Um momento de silêncio caiu sobre todos os reunidos enquanto o Leão e a Fênix olhavam um ao outro. A momentânea tensão foi interrompida pelo som de um cavalo galopante que adentrava entre os vários Leões e ia ao meio do confronto. Os flancos do cavalo estavam cobertos de suor pela longa jornada, e o animal caiu exausto mas claramente aterrorizado ao ver a presença da fera diante dele. Um jovem homem trajado numa armadura brilhante dourada e marrom saltou do corcel e rapidamente limpou a transpiração de sua face. "Pare com isso, Shigetoshi."

O daimyo dos Akodo olhou em muda descrença enquanto sua espada lentamente se baixava ao seu lado. "Yoshino-sama?" ele perguntou, claramente incrédulo. "O que... Como chegou até aqui?"

"Katsuko," disse o jovem Campeão do Leão. "Nunca foi dito que o Leão não pode aprender de seus inimigos, apesar de nesse caso, temo que a lição tenha nos custado muito. O esforço de Katsuko para apressar minha chegada foi de fato terrível."

"É minha honra conhecer você, Matsu Yoshino-sama," disse Isawa Ochiai com uma curvatura. "Temo, porém, que se você veio reiterar o comando de seu vassalo, a Fênix será igualmente incapaz de fazê-lo. Como disse, já se perderam vidas o bastante por hoje."

"Eles não renderão os traidores para nós, Yoshino-sana," explicou Shigetoshi.

Yoshino assentiu e olhou para o Khan. O homem muito mais velho olhou de volta com ódio. "Não vejo razão para exigir a execução do Khan."

A cor deixou o rosto de Shigetoshi de uma vez. "Meu senhor?" ele perguntou trêmulo. "Meu senhor, tem certeza? Este é o homem que assassinou seu pai."

"Meu pai morreu no campo de batalha," corrigiu Yoshino. "O Khan está derrotado. Ele vai para casa de seu povo com vergonha, seu nome amaldiçoado por todo um Império que lembrará sua linhagem como uma de trapaceiros desonrados e tolos. Diga-me Shigetoshi... Se você fosse acometido por uma desgraça insuportável, escolheria vida ou morte?"

"Morte," respondeu Shigetoshi de uma vez.

"Então vida para o Khan," disse Yoshino. Ele caminhou para frente e encarou o olhar do Khan, menos de uma palma entre os dois. "Você está quebrado, velho. Vá para seus filhos com vergonha, mas lembre-se disso: não estamos acabados. Você feriu o Leão, mas não estamos derrotados. Virei por você, e em breve." Ele se levantou, e olhou para todos os reunidos. "Vocês todos são testemunhas. Em honra do nome de meu pai," ele disse em alta voz. "Prometo que dentro de um ano a partir deste dia, me colocarei no pátio de Shiro Moto, e o tomarei em nome do Clã Leão. Neste dia, Moto Chagatai morrerá pelas minhas mãos em combate honrado, e a honra de meu pai será vingada." Ele se virou para o Khan. "Vá para casa, velho. Nenhum Leão deterá seu caminho. Vá para casa e se prepare para minha chegada."

O rugido de vitória do Leão podia ser ouvido a milhas.

O Campeonato de Topázio

Escrito por Nancy Sauer

Enquanto crescia, Hida Fumetsu ouvia histórias sobre o Campeonato de Topázio e as gloriosas carreiras que os vencedores do Campeonato quase invariavelmente trilhavam. Magistrado Imperial, Guarda Imperial, Cavaleiro das Tempestades - nada parecia se comparar a alguém que vestia a Armadura de Topázio. Fumetsu nunca sonhou que um dia estaria em Tsuma para competir no Campeonato de Topázio. E nunca sonhou que estaria tão vazia também.

'Vazia' não era a palavra exata, ele admitiiu - haviam várias pessoas nas ruas, comprando nas lojas que se alinhavam na estrada principal ou passando em seus próprios afazeres, mas a multidão que normalmente lotava essas ruas nessa época do ano estavam ausentes. Claro, isso porque muitos deles foram mortos nas áreas arruinadas de Toshi Ranbo. Fumetsu considerou dividir seus pensamentos com seu companheiro de viagem, mas decidiu-se contra isso. Hida Kashin não era exatamente um berserker, mas tinha uma intensidade que fazia Fumetsu ficar nervoso, e ainda não tinha percebido como ter uma conversa casual com ele.

"Você! Caranguejo! Alto!"

Fumetsu parou e olhou para a fonte do grito e viu uma soldado Daidoji vindo do beco à direita de Kashin. Ela olhou para os dois Caranguejos e falhou a Kashin. "Você porta o mon dos Malditos," ela disse. "Você tem permissão para estar aqui? Onde estão seus documentos?"

"E quem é você para perguntar?" disse Fumetsu, ofendido pelo seu tom.

A mulher olhou par ele, olhos arregalados. "Eu," ela disse calmamente, "sou uma dos vários, vários soldados que a Garça designou para esta cidade para garantir que nada de ruim aconteça durante o Campeonato. E se isso não é bom o bastante, posso chamar uma dúzia de mais soldados muito rapidamente."

"Daidoji-sama," disse Kashin rapidamente, "Uso este mon para honrar minha família. Meu pai luta com os Malditos agora, e meu avô o fez antes dele." Ele pegou dois papiros. "Meus documentos de viagem, e meu convite ao Campeonato de Topázio."

A soldado aceitou os manuscritos e olhou para eles, seus modos se amaciavam ao fazê-lo. Ela os devolveu a Kashin e pegou os papiros que Fumetsu ofereceu a ela em silêncio. Ela os leu e os devolveu. "Bem-vindos a Tsuma; que vocês dois tragam honra para suas famílias aqui. Vocês ficarão no distrito Caranguejo? Sabem como achá-lo?"

"Nos disseram que um quarto foi reservado na pousada próxima ao distrito, e que o distrito está na parte norte da cidade," disse Fumetsu.

A mulher assentiu. "Siga esta estrada até chegar à Rua Oito, então vire à esquerda e siga. O distrito Caranguejo está no lado norte, não há como se perder." Ela pensou por um momento. "Vocês precisarão de um lugar para comer. Do distrito, volte por esta estrada, então vá para o sul um quarteirão e vire à esquerda. Na metade do quarteirão fica uma loja de comida de Washi - o melhor tempura da cidade. Diga a eles que Daidoji Murasaki os enviou."

"Obrigado, Daidoji-sama," disse Kashin. Eles se moveram, e quando estavam fora do alcance dos ouvidos, ele se virou e deu a Fumetsu um olhar incrédulo. "O que estava pensando? desafiá-la daquele jeito?"

"Não gostei da atitude dela," disse Fumetsu.

O olhar de Kashin se tornou ofensivo. "E por isso seria expulso de Tsuma antes mesmo do Campeonato começar?"

Fumetsu franziu-se. "Não estava fazendo nada para ser expulso," Ele estava começando a suspeitar que Kashin estava levando isso muito mais a sério que ele. O convite de Fumetsu veio como um favor à sua família, de um lorde do Leão que se impressionou com as perícias de seu tio como armadureiro. Fumetsu foi eleito pela idéia de fazer seu gempukku no Campeonato de Topázio, e foi convidado também, mas no fim nada do que houve importava. Seu destino era

servir o clã na Muralha, e isso estava certo.

Eles viajaram em silêncio por vários quarteirões antes que Fumetsu falasse de novo. "Kashin-san? Você disse que seu pai serve com os Malditos - você já... O visitou?"

Kashin o olhou com olhos guardados. "Não. Mas o envio cartas, e ele escreve de volta às vezes."

"Então," disse Fumetsu, "o que você sabe sobre Hida Nichie?"

"Ela venceu o Kumitae," disse Kashin prontamente. "e recebeu o direito de aprender as técnicas de jiujitsu de Shinsei. Ela está as ensinando para os Malditos."

"Sei disso," disse Fumento. "Todos sabem disso. Mas ela está," sua voz diminuiu de volume, "está Maculada?"

Kashin não respondeu imediatamente. "Ela vive em sua própria casa no complexo de treino, não nos Quartéis. Ela tem encontros regulares com os Caçadores de Bruxas Kuni, mas todos os instrutores, Maculados ou não, têm consultas regulares com eles. Então, provavelmente não. A menos que esteja."

"Se ela estiver," disse Fumetsu, "A Horda pagará."

"Sim," disse Kashin.

Fumetsu se ajoelhou perante os juízes, suando levemente e tentando não demonstrar seu nervosismo. Ele foi muito bem hoje, pontuando perfeitamente nas competições de sumai e atletismo, e se saindo respeitosamente em cavalaria e heráldica. Mas este era o exame de lei, etiqueta e bushido, e ele não sabia o que esperar. Seus juízes - uma incrivelmente bela mulher Escorpião e um velho cortesão da Garça cujos brancos Fumetsu suspeitava serem naturais - se apresentaram no começo, e ele prontamente esqueceu os seus nomes. Ele esperava que esta não fosse uma das questões.

"Fumetsu-san," disse o Garça, "O que é mais importante de se servir, o Imperador ou o Império?"

"O Imperador," ele disse sem hesitar.

"Você parece muito certo disso," disse a Escorpião. "Por quê?"

Fumetsu apontou vagamente em direção a Toshi Ranbo. "Veja o que acontece quando não temos um," ele disse.

Os dois juízes se olharam. "Aprovado," disse a Escorpião. "Aprovado," concordou o Garça, fazendo rápidas marcas de pincel no papel diante dele.

Quando Fumetsu retornou ao quarto Kashin já estava lá, agachado sobre um manuscrito. Fumetsu fechou a porta, abriu a garrafa de sake que trouxe e começou a beber direto da garrafa. "Por que o Campeonato de Topázio não tem uma disputa de bebida como parte dele?" Ele pensou alto.

"Porque o Caranguejo sempre venceria," disse Kashin.

Fumetsu gargalhou e lhe passou a garrafa. "Parabéns," ele disse.

"Pra você também," disse Kashin. Ele bebeu. "Se formos tão bem amanhã como formos hoje, vamos direto ao Campeonato."

"Isso faria nossas famílias orgulhosas," disse Fumetsu. Ele aceitou a garrafa e tomou outro gole. "O que está lendo?"

"É uma coleção de poesia clássica," disse Kashin. "Estou memorizando o máximo delas que posso."

Fumetsu estranhou. "Por quê?"

"A competição de poesia é amanhã," disse Kashin. "Quando nos derem um tema, pegarei partes de velhos poemas que sejam apropriados e os misturarei para fazer um novo poema."

"Vai ser um poema horrível," disse Fumetsu.

"Melhor que poema nenhum."

"Verdade." Fumetsu coçou sua cabeça por um momento, pensando.

"A fumaça se levanta

Sangue corre como tempestade em gotas

Lamento da cidade sem senhor"

Kashin olhou para ele. "Você escreve poesia?"

"Oh, nunca as escrevo," disse Fumetsu. "Mas meu sensei me disse que chatice era o pior inimigo de uma sentinela, e um dos monges em Koten me disse que poesia faz você ver as coisas. Então eu tento de vez em quando." Ele terminou a garrafa e a pôs no canto da sala. "Vamos comer. Quero voltar à loja que a Daidoji nos contou."

"Está cheio de soldados usando o mesmo símbolo que ela," disse Kashin.

"E daí? Eles precisam comer."

"Daí que ao nos enviar para lá ela facilitou para que a Garça nos vigie."

"Eles podem me vigiar o quanto quiserem enquanto continuarem mandando tempura," disse Fumetsu. "É o melhor que já comi desde que saí de Kyuden Hida."

Fumetsu pôs sua mão na bainha de sua katana e olhou para a arena de duelos de Kashin. Ontem eles haviam se saído igualmente bem nas competições de armas, arquearia e caça, e igualmente mal no exame de corte. Fumetsu conseguiu a mais alta pontuação em poesia, enquanto Kashin foi superior em go.

"Hida Fumetsu. Hida Kashin," entoou Kakita Hanae. A lívida jovem mulher parecia mais uma estudante ao invés de uma Kenshinzen que as pessoas diziam que ela era, mas Fumetsu não questionou a seleção dos juízes da Academia Kakita. Ele caminhou ao centro da arena, curvou-se ao juiz e ao seu oponente, e assumiu sua posição.

O público se silenciou enquanto os dois Caranguejos se olhavam. Fumetsu podia ver a intensidade nos olhos de Kashin e sabia que seu oponente deveria estar pensando em seu pai e avô, e na honra que traria se tornando o Campeão de Topázio. Ele esvaziou sua mente desse pensamento, então tentou esvaziar sua mente de todos os pensamentos. Em iaijutsu havia apenas o saque, e saque perfeito ocorria sem pensamento.

Houve uma respiração, um borrão de movimento, e Fumetsu se viu de pé dois passos além de seu oponente. O público começou a aplaudir, mas ele não sabia para quem. Depois de um momento ele encontrou a coragem para checar os alvos de papel pendentes em suas mangas. Um parecia rasgado, mas ambos ainda estavam presos. Ele olhou para trás e viu Kashin, o alvo em sua direita arrancado de sua manga. O outro Caranguejo curvou-se profundamente, e então se virou e caminhou para fora.

"Hida Fumetsu, o vencedor," anunciou Hanae.

Fumetsu caminhava por Tsuma com o kabuto da Armadura de Topázio agarrado sob um braço. Ele o fazia se sentir ridículo, mas era a única parte da armadura que lhe cabia no momento, e até que o resto fosse reajustado, o kabuto era tudo que tinha para demonstrar sua vitória. Bem, quase tudo. Ele sorriu para si mesmo.

Ele chegou ao seu quarto e entrou para achar Kashin terminando sua bagagem. "Você deveria ficar para a festa," disse Fumetsu. "Uma coisa pode ser dita sobre a Garça, é que eles sabem o valor de uma boa refeição."

"Não seria uma boa idéia," disse Kashin. "Estou feliz que um Caranguejo tenha vencido, mas," ele enfiou um kimono enrolado em sua bolsa de viagens, "Eu falhei. Tive a chance, e não fui forte o bastante."

"Você trouxe honra para sua família apenas por competir," disse Fumetsu. "Todos sabem disso. Além disso, você é bem melhor nisso. O Campeão de Topázio só dura um ano, mas um apontamento para servir como Magistrado de Esmeralda dura uma vida. Ou até que você consiga um jeito de ser um magistrado por si mesmo, o que não espero que demore."

Kashin levantou sua bolsa e virou-se para olhar a Fumetsu. "Sobre o que está falando?"

"Campeões de Topázio quase sempre encontram-se com Pessoas Importantes, certo? Outras Pessoas Importantes sabem disso, então querem fazer favores ao Campeão de Topázio para que depois, os favores retornem para eles." Fumetsu começou a sorrir, incapaz de segurar por mais tempo. "Então durante a festa estive conversando que a Garça que foi juiz na competição de bushido," Fumetsu ainda não podia lembrar o nome dele, "e disse a ele o quão bom você é em notar as coisas e perceber o que elas significam. Ele conhece alguém que conhece alguém e está lhe indicando como um doshin a um Magistrado de Esmeralda."

Kashin se sentou com um tombo. "Você fez isso? Por mim?"

"Não," disse Fumestu, ficando sério. "Fiz pelo Caranguejo. Qualquer um de nós que sirva na Muralha, ou em qualquer outro lugar, poderia ficar Maculado algum dia. Qualquer um de nós podia terminar servindo com os Malditos. Estou honrando sua família, você honra a todos nós. Nos faça orgulhosos, Kashin."

Kashin se sentou por um minuto, olhos arregalados enquanto tentava conceber todas as implicações. Então sua face se abriu num largo sorriso. "Eu irei," ele disse. "Você sabe que irei." Ele se pôs de pé. "Isso pede uma festa! O hospedeiro deve saber para qual casa de sake os Caranguejos daqui vão - a encontrarei." Ele pausou na soleira da porta por um momento, seu sorriso quase sarcástico. "Talvez um dia meus feitos superarão até mesmo o que conseguiu aqui, né?"

"Tenho um koku que diz o contrário!" ele gargalhou ao seu amigo que desapareceu no corredor. Deixado só por um momento, Fumetsu pegou se kabuto e olhou para ele. Ele estar ali era tudo que importava, ele pensou. Ele tinha um ano para fazer que importasse. Ele sorriu ao pensamento.

O Teste Verdadeiro: Pós-Guerra

Escrito por Shawn Carman

Toshi Ranbo, Ano de 1169, mês do Dragão

Asahina Sekawa sofria muito em não olhar em volta mais que o necessário. Na verdade, ele não precisava; ele conhecia a Cidade Imperial muito bem, e sob circunstâncias normais talvez pudesse navegar as ruas com uma venda como a que Hira usava. Infelizmente, isso não podia ser feito agora, pois destroços povoavam as ruas, mesmo as maiores avenidas, e tornavam necessários pequenos desvios.

Dez dias antes, a cidade havia sofrido várias horas de luta. O dano causado à cidade com o tempo excedia em muito o dano que sofreu durante os séculos ao longo de seu apontamento como nova Cidade Imperial, mesmo apesar de Leão e Garça lutarem dentro dela constantemente. Os mortos numeravam milhares, talvez dezenas de milhares e os danos à cidade eram quase incalculáveis. Se os

Guardiões não chegassem depois que a Fênix iniciasse seus esforços de reconstrução, Sekawa pensava se podiam suportar a visão do panorama.

Os Guardiões rodeavam Seakawa, cada um intensamente pesado pelos incômodos de suas longas viagens. Eles não falavam. Kaiu Sugimoto estava quieto e aparentemente imóvel como de costume, sempre a rocha sólida. Mirumoto Masae olhava em volta com horror, assim como Doji Jun'ai, que desceu de sua sela com o peso de sua carga. Asahina Hira montava, cabisbaixo, lágrimas escorriam de sua face apesar de ser cego e não poder ver o que estava em volta dele. Sozinho entre eles, Kakita Tsuken olhava maravilhado em direção ao centro da cidade, para o Palácio Imperial. Lá, um grande Dragão de Fogo o cercava, observando a cidade com um olhar imponente. "Magnífico," suspirou Tsuken.

"Guardiões," disse Sekawa repentinamente. "reportem aos seus senhores." Ele se virou para Hira. "Por favor diga a Lady Domotai que chegarei em breve. Tenho algo que devo fazer no Palácio Imperial primeiro."

Hira concordou. "Precisa de nossa assistência, Campeão?"

"Não. Para isso, não," disse Sekawa. Ele sorriu tristemente. "Mas lhe agradeço, meu amigo. Precisarei de você, de todos vocês, muito em breve. Uma vez que seus afazeres nos distritos de seus clãs estejam concluídos, por favor unam-se a mim o mais breve possível."

Os outros murmuravam e se separaram pela cidade, talvez imaginando se ainda havia distritos restantes nos quais entregassem seus relatórios. Hira hesitou apenas por um momento. "Isso será difícil," ele avisou Sekawa. "Eles não entenderão."

"Temo que não terão escolha," respondeu Sekawa.

Bayushi Norachai sorriu ao ouvir os relatórios de seus subordinados. "Não há chance, então?" ele perguntou, sem sombra do desespero que sentia em sua voz. "Nenhum mesmo?"

Um dos homens dobrou-se. "Eles não foram particularmente específicos, meu senhor."

O outro assentiu. "Os acólitos de Mestre Ningen disseram apenas que não havia como estarem certos, mas eles não podiam sentir qualquer outra vida pulsando nos entulhos."

Norachai assentiu. "Temo sorte que encontramos o máximo que pudemos," ele disse calmamente. "Depois de mais de uma semana... É de ser esperado. Mandem meus agradecimentos aos acólitos, e ao mestre deles."

"Hai," o homem respondeu. "Qual deve ser nossa próxima prioridade?" um deles perguntou.

"Petições aos distritos dos Clãs Maiores por forças de trabalho adicionais. Digam a eles que fui insistente. Então continuem com os abrigos residenciais até que estejam habitáveis. Uma vez que estejam completados, teremos que começar os reparos no distrito mercante."

"O que houve no distrito mercante?" Os dois homens se viraram para olhar ao que falou, então olharam de volta para Norachai. Como um, ambos se curvaram rapidamente e saíram, deixando os dois homens para olharem à incerteza um do outro.

"Asahina Sekawa," disse Norachai, curvando-se levemente. "Que magnânima sua aparição agora, muito depois que sua presença pudesse ser de algum uso à cidade."

"Há assuntos que requerem minha atenção," disse Sekawa simplesmente. "O que houve ao distrito mercante? Vi a devastação quando entrei na cidade."

"Assuntos que requerem sua atenção?" Norachai estava incrédulo. "Onde esteve ao longo dos últimos seis meses? O que podia ser tão importante para que ignorasse sua responsabilidade como Campeão de Jade?"

"Você não compreende," começou Sekawa.

"Onde você estava?" gritou Norachai. "Por que não estava aqui?"

Sekawa ficou quieto por um momento. "Você se esquece, Norachai. Protetor da Cidade Imperial ou não, não está dentro de sua autoridade falar ao Campeão de Jade assim."

"Não há Campeão de Jade aqui," sentenciou Norachai.

"Talvez não haja Protetor, também," retornou Sekawa. "Meus deveres não incluem defesa militar. Ainda que questione o cumprimento de meu dever facilmente, está claro quem falhou para com o seu."

A cor saiu da face de Norachai. Sua mão pendia sobre o cabo de sua espada, e estava claro que o assassinato estava em seus olhos. "Como ousa?" ele sussurrou.

Sekawa olhou ao palácio de repente e ergueu sua mão como se gesticulando por silêncio. "Junte-se a nós se desejar, Mestre Ningen," ele disse, "mas ouvir atrás da porta não cabe bem a um homem como você."

Apenas um momento depois, as portas se abriram e um velho homem em mantos da Fênix desceu as escadas para onde os dois homens estavam de pé. Seu cabelo era listrado de cinza ao redor de sua têmpora esquerda, mas seus olhos eram brilhantes e vibrantes. "Ouvir atrás da porta é uma acusação injusta, Sekawa-sama," disse o Mestre do Vácuo polidamente. "Sua presença, e a de seu amigo Norachai-san, ao menos quando ele está agitado, são difíceis de se ignorar."

Sekawa respirou fundo. "Perdoe-me," ele disse. "Não era minha intenção ofender. Mas minhas intenções de há pouco dificilmente parecem lembrar as ações que derivaram delas."

"Eu deveria matá-lo," disse Norachai secaramente, como se Ningen não estivesse presente.

O Fênix olhou para Norachai com tristeza. "Ponha seu ódio de lado, Norachai-san. Você conhece Asahina Sekawa. Não crê que se ele tivesse que estar aqui, não estaria?"

Norachai olhou para o Campeão de Jade por algum tempo. "Não sei," ele finalmente respondeu. "Sei apenas que Rokugan está ferida, e que infelizmente precisa de homens e mulheres que possam usar de autoridade genuína. Também sei que Sekawa-sama esteve ausente da capital desde a morte do Imperador, e que suspeito tem algo haver com a maldita fascinação que atribula o Império pela assim chamada iluminação."

Sekawa franziu-se e começou a responder, mas Ningen ergueu uma mão de aviso. "Você não acredita em iluminação, Norachai,san?"

"Sei que a Irmandade a buscou por quase mil anos, e o número de monges que diz tê-la alcançado cabe numa mão." Norachai mexeu sua cabeça e desdenhou. "Não creio que dúzias de homens e mulheres possam repentinamente ter uma epifania e compreender o universo quando milhares de homens santos devotaram suas vidas inteiras de meditação numa tentativa de encontrarem a mesma coisa sem sucesso."

Ningen coçou seu queixo pensativamente. "Talvez estivessem procurando no lugar errado?"

Norachai franziu-se. "O que tem a dizer a respeito, Guardião? Você não é um daqueles que alcançou a iluminação? Por favor, por qualquer meio, ilumine a todos nós."

Sekawa mexeu sua cabeça. "Não posso dizer que eu compreendo o que significa ser iluminado," ele disse depois de um momento de consideração. "Posso apenas dizer que depois de uma década de confusão e dúvida de mim mesmo, sei meu papel no universo. Não o compreendo, ou por que o escolhi, mas sei que devo cumpri-lo, mesmo que eu não o tenha o escolhido."

"Todos os caminhos são um," disse Ningen enigmaticamente. "Pergunte a Hira. Ele compreende."

Norachai ignorou toda a conversa. "Insanidade."

"Você gostará de me ver embarcar em meu caminho, creio eu," disse Sekawa, se referindo ao Escorpião friamente. "Imagino que o achará muito satisfatório."

"Não posso imaginar como," respondeu Norachai.

Sekawa retirou o manto verde de seu kimono e o entregou a Norachai. "Pois neste momento, estou abdicando minha posição de Campeão de Jade."

"Desejo deixar absolutamente claro que compreendo você corretamente." O tom de Doji Domotai, Campeã da Garça, era frio e calmo, mas os seus olhos sugeriam que não estava feliz com o anúncio de Sekawa. Muito pelo contrário, aparentava. "A Garça acabou de sair de uma longa e excepcionalmente custosa guerra com o Dragão. Nossas posses na Cidade Imperial estão em ruínas. O trono está vazio e motins políticos são o mínimo que podemos esperar. Fui avisada por um homem-dragão meio-divino que há um mal crescente dentro de nosso clã que devo expurgar." Ela se inclinou para encarar Sekawa francamente. "E ainda assim apesar de tudo isso, meu confiável vassalo, que pode de fato ser o samurai de mais alta estirpe no Império inteiro no atual momento, está não apenas abdicando sua posição como Campeão de Jade, mas também como daimyo da família Asahina e seus próprios juramentos de fidelidade também? Esqueci de algo?"

A expressão de Sekawa não mudou. "Também estarei renunciando de minha posição como líder dos Guardiões dos Elementos, minha dama."

"Você acha que considero qualquer porção disso tudo interessante?" quase gritou Domotai. "Recomendaria veementemente qualquer tentativa de dispensa, Sekawa!"

"Não estou tentando ser bem humorado, minha dama," ele respondeu. "Apenas desejo estar entre os que indicarão os deveres que deverão ser cumpridos em minha ausência."

"Ausência?" exigiu Domotai.

"Minha ausência," esclareceu Sekawa. "do Império de Rokugan."

Domotai nada disse por um momento, então olhou para o fundo da câmara e acenou. Tsuken e Hira caminharam para frente, curvando-se levemente. "Seu mestre perdeu o juízo," ela disse. "Pode ser necessário que vocês o escoltem às suas câmaras e o mantenham lá até que lhes diga o contrário."

"Não estou louco," disse Sekawa calmamente. "Seria mais fácil se eu fosse."

"Sem mais enigmas!" sibilou Domotai. "Passei mais de uma semana tentando recuperar os corpos de nossos irmãos e irmãs dos destroços das posses da Garça por toda esta cidade, e não tolerarei mais essa loucura!"

"Quem era Shinsei, minha lady?" perguntou Hira repentinamente.

Domotai olhou para o homem velho. "A loucura está se espalhando pelo que vejo."

Hira ergueu suas mãos em súplica. "Não lhe ofereceria desrespeito, Lady Domotai. Seu pai foi um grande homem, e foi minha honra servi-lo. Pereceria antes

que levantasse uma palavra de ofensa contra sua filha, a quem sou igualmente honrado em servir. Desejo apenas oferecer uma explicação, se me der o prazer."

A menção de seu pai pareceu esfriar o temperamento rapidamente crescente de Domotai. "Muito bem. Shinsei foi um professor e um profeta que liderou os Trovões contra Fu Leng e estabeleceu uma ordem monástica em seu nome."

"Essencialmente correto," observou Hira. "E no segundo Dia do Trovão?"

Domotai franziu-se. "O descendente de Shinsei liderou os Trovões reencarnados contra Fu Leng de novo."

Hira assentiu. "Quase certo. O que você acha que ocorrerá em mil anos, minha lady? Quando o terceiro Dia do Trovão vier sobre o Império de novo?"

Domotai se franziu ainda mais. "Terceiro Dia do Trovão?"

"Há um ciclo em todas as coisas," explicou Hira. "Um ir e vir do universo que permeia tudo que somos, vemos e tudo que somos."

Domotai ajeitou uma errante mecha de cabelo para trás de sua orelha. "Está sugerindo que não haverá Shinsei em mil anos?"

"Estamos," respondeu Sekawa. "Rosoku retornou ao Império muito cedo. Ele era um homem de compaixão, e pode ter nos arruinado. Mas há esperança." Ele retirou vários manuscritos velhos de uma bola em sua cintura. "Esses foram pegos da Tumba onde o Imperador morreu," ele explicou. "São anotações de mil anos de senseis, todos descendentes de Shinsei, todos ensinando sua sabedoria aos seus filhos. Acredito que Rosoku, ou talvez seu pai, os colocou na Tumba."

"Deseja tomar o lugar de Shinsei?" perguntou Domotai incredulamente. "Não pode estar falando sério."

"Não posso substituir Shinsei," disse Sekawa firmemente. "Esse não é meu lugar neste mundo. Porém, o filho de Rosoku pode ter os dons necessários para obter sucesso onde ninguém mais pode."

"Filho de Rosoku?" disse Domotai. "Ele teve um filho?"

"Com uma mulher camponesa," Tsuken assentiu. "O encontramos muito longe de qualquer lugar significante, num distante vilarejo há vários dias a oeste de Shinomem Mori."

"Por que o garoto?" perguntou Domotai. "Que diferença faz ser filho de Rosoku ou não? Iluminação não é cor do cabelo ou a altura de um homem. Por que outro não poderia aprender em seu lugar?"

Sekawa sorriu fracamente. Havia uma terrível tristeza em sua expressão. "Todos nós merecemos a chance de receber os legados de nossos pais, não, minha lady?"

"Isso sim," concordou Domotai. "Mas não compreendo porque você deve fazê-lo, Sekawa. Há muito mais a ser feito aqui."

"Até este ponto, segui meu próprio caminho. Não sei se o caminho era de verdade, ou se era o caminho designado para mim desde o início, mas sei que me trouxe aqui, ao lugar certo." Ele olhou à sua Campeã com seriedade. "Este é meu destino, lady Domotai. Sei com certeza que a Garça agüentará enquanto estiver fora. Eles têm sua força para guiá-los. Minha força, ou o que resta dela, é necessária em outro lugar."

"Não precisa ir," ela disse. "Você e o garoto podem ficar aqui. A Garça protegerá vocês dois."

"Não pode," disse Sekawa. "Há um meio para todas as coisas. Eu devo ir."

Domotai não disse nada por um longo tempo. Os quatro samurais ficaram em silêncio, como se esperando por um grande sinal para voltarem à conversa. "Vá," disse Domotai finalmente. "Siga seu destino."

"Obrigado, minha lady."

As vestes azuis e brancas brilhantes se foram. Em seu lugar havia simples mantos marrons, muito parecidos com os que qualquer viajante usaria. Também se foi seu longo cabelo branco, substituído por uma brilhante careca de monge. Se os Guardiões não soubessem com quem estavam falando, eles podiam nem tê-lo reconhecido. O antigo Campeão de Jade pôs os sacos sobre seu cavalo, então se virou para aqueles que o chamavam de mestre. Ele caminhou para frente e bateu no ombro bom de Sugimoto. "Você foi o primeiro entre nós, velho Caranguejo," ele disse. "Eles precisarão de sua força agora. Todos de Rokugan precisarão de sua força."

"Eles a terão," disse o guerreiro Caranguejo.

"Masae," disse Sekawa. "Apesar de não saber o porquê ou como seus jovens anos podem conseguir, você talvez seja a mais sábia de todos nós. Ache o caminho, Masae."

"Hai, sensei," ela disse calmamente.

"Masae é sábia, mas ela também é prática também." Continuou Sekawa enquanto se movia para Hira. "Sua visão deve lembrá-la do que é possível, não apenas do que é prático. Posso contar com você, velho amigo?"

"Você sabe que pode."

Sekawa sorriu, e por fim se virou a Tsuken e Jun'ai. Os braços de Jun'ai estavam cheios de um ímpeto que os faziam mover-se a um padrão próprio. "Lembre-os o que significa sentirem paixão e amor, pequeninos," ele disse aos jovens amantes. "Se isso for esquecido, então tudo que podem conseguir será perdido para sempre."

"Deixe-nos ir com você," disse Tsuken. "Minha espada é sua para comandá-la. É sua por direito."

Sekawa mexeu a cabeça. "Não posso. O equilíbrio deve ser perfeito se os ensinamentos devem ter sucesso. O garoto pode ouvir apenas uma voz, ao menos até que esteja velho o bastante para seguir a dele. Até lá, devo ensiná-lo sozinho." Ele sorriu ao bravo e jovem Guardião. "Você terá muitos ensinamentos para aprender, Tsuken."

Ainda mais gentilmente, Sekawa pegou o fardo de Jun'ai. "Foi minha grande honra," ele disse calmamente. "ter conhecido todos vocês. Foi apenas abraçando a morte da vida que uma vez conheci, que compreendo o propósito para o qual nasci. Achem seus próprios propósitos, Guardiões. O Império precisará de vocês, mas vocês devem se conhecer antes que possam ser úteis aos outros." Ele pausou por um momento. "Faço isso para salvar o futuro do Império, mas seu presente está em suas mãos."

Enquanto os Guardiões dos Elementos olhavam, o homem outrora conhecido como Guardião dos Cinco Elementos foi para o norte de Toshi Ranbo, documentos de viagem asseguravam sua passagem por todo o caminho à fronteira norte de Rokugan em suas mãos. Apesar de sua pressa, com ele estava a confiança deles, suas certezas e propósitos.

Mas não suas esperanças.

A Tribo Verde-Verde-Branca

Escrito por Rusty Priske

Um jovem garoto, com não mais que quatro anos, pegou uma pequena flor vermelha no canto da trilha. "Como ela se chama?"

Morito Tomomi pensou por um momento e disse, "Ouvi dizer que se chama flor Lamento e flor Vitória, ambos pela mesma razão."

O garoto coçou o seu nariz. "Como ela pode ter dois nomes?"

Tomomi abriu os braços e sorriu. "Algumas coisas têm muitos nomes. Mesmo as pessoas têm mais de um nome em suas vidas. Por exemplo você... Agora você é Kiyoemon, mas um dia terá seu gempukku e assumirá um nome diferente. Mais à frente, você pode se aposentar e assumir um terceiro nome."

Kiyoemon descartou a flor e olhou para sua velha acompanhante. "O que é aposentar?"

"Bem, quando um samurai vê muitos verões e acha que é a hora, ele pode deixar a vida que conheceu e se tornar um monge. Ao se mover para esta nova vida, ele assumirá um novo nome para marcar a passagem de uma vida para a próxima."

Kiyoemon olhou para Tomomi, intrigado. "Por que alguém iria querer parar de ser samurai?"

Tomomi pensou e então disse, "Não sei, realmente. Aposentar-se não é para mim. Talvez você devesse perguntar a um monge."

"Não sei. Aposentadoria pareceria uma boa opção por agora."

Tomomi olhou em volta, com sua mão pronta para sacar sua katana ao som do que chegara. A voz pertencia a um homem em rudes e sujas vestes. Ele ergueu suas mãos, tentando acalmar a velha samurai-ko. "Não precisa sacar, velha mãe. Não precisamos terminar isso com violência. Isso terminaria mal para você e não precisamos disso."

Tomomi usou sua outra mão para colocar Kiyoemon atrás dela. "O que você quer?"

"Nós," ele moveu sua mão para mais quatro rufiões que emergiam das árvores ao redor da mulher Touro e seu protegido. Ele continuou, "Estamos aqui pelo garoto. Apenas caminhe para o lado e deixe-nos tê-lo e não lhe mataremos. De fato, você pode exigir o resgate de seu pai e ser de algum uso real."

"Eu morreria antes de dá-lo a um grupo de bandidos." Ela enfatizou a última palavra enquanto sacava sua katana.

O homem franziu-se. "Podemos cuidar disso também." Todos os bandidos tiraram armas de si e moveram-se em direção a ela, atenciosamente. Enquanto o líder sentia o ruído de sua própria espada e se preparava para atacar, ele foi atingido no lado da cabeça por uma pedra. Ele olhou para a direita enquanto o sangue escorria de sua têmpora. "O que no Jigoku!"

Um de seus companheiros apontou para as árvores. "Veio de lá!"

O homem ferido apontou para dois de seus homens e disse, "Você vem comigo. Os outros... Cuidem da mulher!" Ele correu para as árvores, com outros dois próximos a ele.

Tomomi se virou aos outros dois rufiões. Um usava uma katana, marcada de gastos e usos. O outro usava uma naginata e foi o primeiro a avançar. Tomomi preparou sua katana e recebeu o ataque. Ela conseguiu esquivar a perfuração mortífera do primeiro ataque, mas a naginata conseguiu atingir seu ombro, abrindo-o e fazendo-a soltar sua arma.

O bandido com a naginata caiu repentinamente, atingido por uma rajada de pedras e pêlos. Ele não se levantou. O segundo vagabundo se virou para encarar esta nova ameaça, apenas para ver um musculoso Nezumi, envolto numa túnica rasgada e segurando um machado de pedra em cada mão. Sem falar uma

palavra, a criatura se moveu, lançando a espada do bandido para longe com um machado e esmagando seu crânio com o outro.

O Nezumi então estalou em sua própria língua, chamando da floresta. Tomomi tentou recuperar sua katana, mas ao invés disso, sentindo a perda de sangue, caiu de joelhos enquanto cinco outros Nezumis emergiam das árvores. Eles falavam entre eles, mas Tomomi não podia entender nada daquilo. Finalmente, o primeiro, aparentemente o líder, disse a ela "Você está ferida. Devemos-devemos parar o sangramento."

As criaturas se ergueram em prontidão segundos antes que Tomomi ouvisse cavalos se aproximando. Eles formaram um semi-círculo ao redor de Tomomi e Kiyoemon enquanto os cavaleiros galopavam à vista.

"Rendam-se, criaturas! Em nome de Morito Kitaji, vocês se renderão!"

"Eles têm o seu filho, Kitaji-san!"

"Matem todos!"

Os oito cavaleiros, todos vestindo o mon do Touro, moveram-se para atacar os Nezumis. Seus cavalos pareciam assustados e não queriam se aproximar, mas os cavaleiros insistiam. Os Nezumis não recuavam, com armas, garras e dentes à vista.

"Não! Parem!" Tomomi se pôs de pé e passou pelas criaturas que a salvaram.

"Tomomi-san? O que é isso? Fique de fora!"

"Não, Kitaji-sama! Não posso!"

O líder dos cavaleiros parou seu cavalo e desmontou. "O que é isso? Temos notícias dessas criaturas na floresta e agora achamos meu filho sob ataque e dois homens mortos e você ferida, e ainda assim nos diz para não atacar? Pergunto novamente, o que é isso?"

"Foram esses homens que nos atacaram, não as criaturas. Haviam cinco bandidos que queriam tomar seu filho em seqüestro! Essas criaturas nos salvaram."

Kitaji olhou para Tomomi com uma expressão atribulada. Então se virou aos Nezumis. "Isso é verdade?"

"Homens ameaçaram matrona e sua cria. Matamos-matamos todos os homens maus."

Os olhos de Kitaji trespassaram os Nezumis, Tomomi e Kiyoemon. Ele se moveu em direção ao seu filho, que saiu de onde estava para se pôr atrás de seu pai. "Nesse caso," ele se curvou profundamente à criatura, "estou em dívida para com vocês. Vocês salvaram Morito Kiyoemon... Meu filho. Sou Morito Kitaji do Clã Touro. São as terras do Touro pelas quais vocês viajam."

Os Nezumis se curvaram desajeitadamente à imitação de Kitaji. "Sou Ep'kee da tribo Verde-Verde-Branca. Não desejamos invadir. Fomos chamados e iremos."

"Depois do que fizeram por nós aqui, vocês são mais que bem-vindos a passar em segurança por essas terras. Para onde estão indo?"

"A floresta que vocês chamam-chamam Shinomen."

"Vocês têm uma considerável jornada à frente. Por favor, juntem-se a nós numa refeição antes que continuem seus caminhos."

Um dos homens de Kitaji foi despachado para pegar Tomomi e cuidar dela, mas o resto, incluindo Kiyoemon, ficou para ter uma refeição com os Nezumis.

A zanga de Kitaji se foi. "Então, todos vocês, Nezumis, estão indo enfrentar... O que chamam de Amanhã."

Ep'kee assentiu.

"Isso causará a morte de todos vocês."

"É o nosso fim."

"Então nos uniremos a vocês. Vocês arriscaram suas próprias vidas para salvar minha família. Não poderia fazer menos." Houve uma impressão geral de concordância dos homens da unidade de Kitaji.

Ep'kee curvou sua cabeça. "Agradeço-agradeço, Ki-taji. Mas não é possível. Apenas Nezumis podem enfrentar o Amanhã. É o destino Nezumi, não Ki-taji. É bom ter amigos humanos. Não como outros cavaleiros."

Kitaji coçou a cabeça. "O que quer dizer? Que outros cavaleiros?"

"Os homens-cavalo. Os roxos. Eles mataram muitos Nezumis. Nezumis lutaram de volta e mataram muitos cavaleiros roxos, mas agora devemos enfrentar Amanhã e vingança deve-deve parar."

"É o Unicórnio. Vocês não são os únicos contra os quais eles se põem contra ultimamente. Ainda assim, vocês são nossos amigos e suas batalhas são nossas batalhas. Se não pudermos evitar que enfrentem o Amanhã, podemos ao menos defendê-los enquanto vão. Lhes dou minha palavra como samurai, que meu esquadrão lutará com o Unicórnio onde quer que os encontremos, em nome do Império e da tribo Verde-Verde-Branca."

Ep'kee curvou-se. "Você nos faz grande-grande serviço, Ki-taji. Você é amigo."

Última Tarefa

Escrito por Rusty Priske

Kr'chan cheirou o ar enquanto seus olhos iam e voltavam. Ele cuidadosamente tocou a árvore, arranhou e revirou, e então examinou os pútridos fungos que saíram. Ele assentiu em satisfação e então correu de volta sobre o cume e então chamou, em tons discretos, os outros Nezmis que estavam seguindo. "Estamos perto. Por aqui."

Achirin assentiu e se moveu para os outros Nezumis continuarem. Havia seis outros com ele, todos carregavam grandes sacos. Eles estavam os carregando com certa dificuldade. Eles chegaram à colina, ficando alertas e observando por qualquer outro movimento ao redor deles.

Assim que alcançaram o topo da escarpa, outro batedor, Nem'teck se aproximou pelo flanco. "Achirin, há um grupo de goblins se aproximando. Não acho que nos viram, mas estão vindo para cá."

Achirin sorriu largamente. "Bom. Uma vez que estejamos dentro, espere por vinte respirações antes de deixá-los ver você."

Nem'tek assentiu e correu.

Kr'chan moveu-se em direção a Achirin e disse, "Bem aqui."

O grupo o seguiu para uma copa de árvores secas até que vissem seu destino. A pedra caiu sobre a entrada em algum ponto, mas havia espaço o suficiente para um homem passar. Havia espaço mais que suficiente para os Nezumis. Kr'chan apontou. "Está vazio. Uma vez foi uma tumba para um homem mau mas ele se foi. É um lugar perfeito para nós."

Um por um, com Kr'chan liderando, os Nezumis passaram pela abertura para dentro da tumba. Uma vez lá dentro, Achirin começou a rosnar ordens. "Deixem os sacos ali! Precisamos das redes ates que Nem'teck chegue aqui! Movam-se!"

Todos os Nezumis correram para suas posições.

Nem'tek olhou para o céu, tentando ver onde o sol estava para ver se era hora de agir. O nevoeiro que estava sobre a área fazia impossível ter uma boa noção mas ele decidiu que havia esperado o bastante, e então...

Ele foi interrompido por um goblin vindo de um arbusto, a menos que três metros dele. A criatura soltou um grito agudo para alertar os outros em seu bando. Nem'tek saiu como um tiro. Ele queria chamar a atenção dos goblins, mas não quando estavam tão perto! Ele saltou sobre um tronco caído com o grupo de goblins — uma dúzia deles baseado em seus rastros anteriores — sob seus calcanhares. Ele conseguiu ficar à frente deles, mas estava correndo sobre um terreno estranho. Qualquer erro deixaria os goblins o pegarem e então teriam que lutar. Mesmo se pudesse derrotar todo o grupo, isso estragaria os planos de Achirin. Isso não seria feito porque os planos de Achirin eram essenciais aos Nezumis.

Nem'tek era mais rápidos que os goblins, mas essa vantagem era negada pois ele evitava árvores e obstáculos. Finalmente, ele chegou à tumba e entrou; garantindo que os goblins veriam para onde ele foi. Ele correu à passagem e se atirou rolando assim que a passagem se abriu na tumba principal. Isso permitiu que escapasse da rede e dos Nezumis cadentes. Uma dupla de goblins não foram exatamente capturados, mas os Nezumis rapidamente os mataram antes que superassem a surpresa.

Skirk liderou o grupo de goblins por um longo tempo, quase três semanas. Seus deveres não eram complicados, o que era bom, pois Skirk não era exatamente brilhante, mesmo para padrões goblins. Eles tinham que rondar a área ao redor da antiga Tumba de Iuchiban e relatar de volta caso alguém a perturbasse. Fácil demais.

Então este maldito rato apareceu. Só havia um, e Skirk tropeçou nele quando estava seguindo uma aparentemente deliciosa barata. Skirk não era o goblins mais inteligente, mas ele também não era o mais burro e chamou o resto de seu grupo. Um grupo de goblins facilmente abateria um rato. Então eles teriam algo bem melhor que baratas para o jantar.

Então o rato correu direto para tumba! A próxima coisa que Skirk sabia, era que estava debaixo de uma rede sendo golpeado na cabeça com uma clava pesada.

Quando acordou, estava amarrado a uma estaca e cercado por mais ratos. Por que não o mataram confundia Skirk. Então um dos ratos começou a falar com ele em língua humana.

"Não ferimos-ferimos você. Isso faz você melhor. Você vê."

Se Skirk estava confuso antes, ele estava mais agora. O rato estava fazendo barulhos com seus dentes e mexendo um bastão e parecia doente. Isso durou algum tempo. Skirk não tinha certeza de quanto tempo, mas era o bastante para que começasse a se sentir entediado e parasse de notar.

Então Skirk começou a achar engraçado. Ele sentia como se algo estivesse o entretendo, apesar de não poder ver nada. Ele se sentia quase como se tivesse tido uma grande refeição. Como se tivesse matado um animal e comido seu interior, mas por todo seu corpo e não apenas sua garganta.

Ele se sentia... Completo.

Enquanto tentava tirar as teias de aranha de sua cabeça, o rato perguntou a ele. "Como você se sente?"

"Ruim." Só quando respondeu ele percebeu que o rato falara em sua língua esquisita, e ainda assim ele entendeu.

"Qual é o seu nome?"

"Sk'rk." Ele era Skirk, mas agora... Ele era Sk'rk. Isso não era um pensamento

em sua cabeça. Era a verdade e preenchia sua existência. Mais que isso, ele sempre tinha sido Sk'rk, mesmo apesar de ser apenas Skirk.

Doía o cérebro de Sk'rk tentar e entender. Ele só sabia que o rato, Achirin era o seu nome, havia lhe dado um dom maior que podia imaginar. Antes ele tinha apenas um nome. Agora... Ele tinha um Nome.

Tch'wik desembalou um dos sacos, e pegou os pacotes de bastões de dentro. Achirin olhou para as pilhas que estavam sendo criadas e sorriu. "Agora os Nezumis se vão para sempre. Eles bastões gravam toda nossa história — o quanto sabemos. Se passarmos deste mundo, haverão algumas marcas para mostrar que estivemos aqui. Este é nosso legado."

Logo os bastões foram desempacotados, e as amarras cortadas. Os Nezumis arrumaram os bastões, um por um, até que todo o solo estava coberto. Então, sem uma palavra, eles se viraram e deixaram a história de sua raça para trás.

Assim que os Nezumis deixaram a tumba, eles foram recebidos por um grupo de goblins esperando por eles do lado de fora. Sk'rk curvou-se a Achirin, semelhantemente aos humanos. Achirin apertou a pata do goblin com amizade disse, "Você compreende?"

Sk'rk assentiu. "Protegeremos a tumba. Ninguém chegará aos bastões da memória exceto que sejam Nezumis. Sua história ficará segura."

Achirin assentiu cuidadosamente. Então os Nezumis se voltaram à sua jornada de volta à Floresta Shinomen para juntarem-se ao resto de sua raça para enfrentarem o Amanhã.

Ocupação

Escrito por Shawn Carman

Toshi Ranbo, ano de 1169, Mês da Serpente

O Vácuo era como um oceano interminável, uma vasta imensidão que podia nunca ser descrita em palavras que realmente expressariam sua majestade para aqueles que não podiam experimentá-la. Ele era o fogo e a água, a terra e o ar, e ainda assim nenhuma dessas coisas. Ele era o tudo e o nada. Era único, e ainda assim tão comum quanto o vento, as pedras, a chuva e a luz do sol. O Vácuo era glorioso. Quando nadando dentro dele, o mundo era claro, e percebia-se coisas que escapavam assim que o mundo real retornava. Era frustrante, mas essa era a natureza do Vácuo.

Outra forma nadou diante do Vácuo diante dele. Ela queimava brilhantemente, mas não era a luz que estava procurando. Esse alguém o iludia até agora. A dificuldade o confundia. Ele nunca teve tanta dificuldade buscando algo que deveria estar tão óbvio. A compreensão o intrigava, mas isso viria com o tempo. A outra forma parou próxima, separada por alguma barreira no mundo físico.

"Pode entrar, Shiba Naoya."

A tela se abriu e Shiba Ningen abriu seus olhos. Quando ele era mais jovem, ele fazia muito mais esforço para invocar seu espírito no Vácuo. Agora, era tão simples quanto respirar. "Perdoe minha intromissão, Ningen-sama," disse o samurai suavemente. "Perdões se interrompi suas meditações."

"Você é gentil, mas não se preocupe com essas coisas," disse Ningen com um sorriso. "Minhas responsabilidades devem ser cumpridas, afinal. Como posso ajudá-lo?"

Naoya sorriu e curvou-se novamente. "Recebemos uma petição de Seppun Kiharu para falar com Lady Ochiai. Infelizmente ela está compromissada numa série de encontros com os representantes de vários Clãs Maiores pelos próximos três dias. Ela não deseja ofender Kiharu-sama, e me instruiu para pedi-lo se poderia encontrar-se com ele no lugar dela."

"Certamente," disse Ningen, se levantando de uma vez. "Oferecerei minhas congratulações ao seu apontamento como capitão da vigília. Um dever muito prestigioso para alguém encarregado de proteger o Palácio Imperial."

O sorriso de Naoya era quase uma careta. "Existem muitos na cidade que discordam, Ningen-sama, mas lhe agradeço do mesmo jeito."

"Discordam?" franziu-se Ningen. "Certamente não entre a Fênix?"

"Não, não que eu saiba, meu senhor," adicionou Naoya rapidamente. "Existem muitos que protestam a nossa presença na cidade, porém. E outros que acham que nossa presença no Palácio Imperial é... Incomum."

"Os defensores do palácio foram quase todos mortos," disse Ningen. "Os Seppun graciosamente aceitaram nossa oferta de ajuda à sua defesa. Acharia que isso fosse suficiente a essa altura."

"Aparentemente não," disse Naoya, apontando ao corredor. "Devemos, Mestre?"

Isawa Ochiai sorriu polidamente e ofereceu agradecimentos quietos aos servos que trouxeram o chá. "Gostaria de uma taça?" ela perguntou à sua visitante.

"Não, obrigado," respondeu Yasuki Miliko, inclinando sua cabeça respeitosamente. "Temo nunca ter desenvolvido um gosto para o chá que servem na capital."

Ochiai riu. "Me lembro de Tatsune-sama neste inverno. Em algum ponto ele disse que o chá era o que dão às crianças até que estejam velhas o bastante para sake."

"Não tenho gostos particulares para sake," disse a guerreira do Caranguejo. "O chá é simplesmente muito amargo. Só o bebi no passado por questão de polidez."

O sorriso de Ochiai se amaciou. "Espero que isso signifique que não tenha intenção de continuar cortês," ela disse. "Esperei que o Caranguejo, de todos os clãs, entenderia o que estamos tentando conseguir aqui."

"Isso ainda será visto," disse Miliko, seu tom completamente educado. "Não lhe enganarei. Existem muitos que vêem os erros de nosso passado em suas ações. Eles não responderam favoravelmente à idéia de outro clã marchando o caminho que já caminhamos."

"A Fênix não tem nada além de respeito pelo Caranguejo, e pelo dever impossível que cumprem todo dia por mil anos," disse Ochiai, sorvendo levemente seu chá. "Lhe dou minha palavra que não existem motivos ambiciosos para nossa ocupação da Cidade Imperial. Nossa presença aqui visa conseguir exatamente o que conseguimos: a constante proteção da cidade. Nada mais."

"Você pode entender que isso parece questionável," disse Miliko. "Vocês chegaram com um exército, um com mais shugenjas que muitos clãs têm à sua disposição mesmo sob ideais circunstâncias, e você rapidamente deteve dois outros exércitos com aparentemente pouco esforço."

"Não desejo oferecer-lhe insulto, Miliko-san, mas você está simplificando dramaticamente." A pequenina Mestra do Fogo abaixou delicadamente sua taça e colocou suas mãos nas mangas. "Quando chegamos, a luta havia se prolongado por horas. O Leão e o Unicórnio estavam exaustos, e vários feridos. Não tentamos enfrentá-los diretamente, apenas os separá-los. Se fosse nossa intenção derrotá-los, isso seria bem mais difícil. Tivemos sorte da paz ter sido mais simples naquele dia. Normalmente não é."

"Vocês não desejam ferir os outros, ou deixar que se firam? Esse é o seu argumento?"

"É," assentiu Ochiai. "Vidas seriam perdidas não importando o curso da ação que tomássemos, mas seriam perdidas por nada. Sem mencionar os insubstituíveis legados que teriam sido perdidos caso a cidade tivesse sido destruída."

"Então me explique o destino de Isawa Sezaru," disse Miliko secamente.

Ochiai curvou sua cabeça e ficou em silêncio por um momento. "Se eu tenho um arrependimento maior que o que se acometeu daquela alma atormentada," ela disse suavemente, "é que sua loucura custou tantas vidas, e fomos incapazes de detê-lo."

"Como?" exigiu Miliko. "Como puderam não ver o que estava acontecendo com ele?"

"Sezaru tinha uma história de... Instabilidade, que se estabeleceu muito antes de seu juramento à Fênix," disse Ochiai. "Simplesmente não foi discutida, tanto por deferência à sua posição, e porque após a morte de sua irmã ele parecia se recuperar dela. Ele também, era de grande valia ao clã, até a época da Caçada de Sangue."

"A Caçada de Sangue," repetiu Miliko. "Eu me lembro. Ele varreu o Império à procura de Oradores do Sangue, e não deixou nada além de terra ária em seu caminho."

"Ele era temível," concordou Ochiai. "Houve um encontro privado com o Imperador, e depois dele, ele estava... Mudado. Ele se tornou o homem que havia sido após a morte de seu pai. Vingativo. Furioso. O Conselho Elemental se preocupou, e começou a vigiá-lo, chegando a ponto de solicitar a ajuda de sua conselheira, Soshi Angai."

"Sua esposa? A esposa dele o espionou, para vocês?"

"Eles não eram casados na época," disse Ochiai, de modo defensivo. "Ainda assim, Angai cooperou, ainda mais após seu casamento. Alguns suspeitavam que ela estava detendo informações, mas não havia como ter certeza. Ela era imprevisível, mesmo para Ningen."

"Uma Escorpião nas cores da Fênix," desviou Miliko. "Nunca se deve confiar neles."

"Seja como for, nossas preocupações foram relativamente menores até a morte de Shiba Mirabu. Depois disso, começamos a monitorar Sezaru realmente de perto. Era evidente que ele estava ficando mais e mais instável. Mesmo Angai podia ver isso, apesar dela ser claramente relutante de admitir isso para nós."

"Por que não fizeram nada?"

Ochiai franziu-se. "Nós agimos. Ningen-sama estava confrontando-o. esperávamos que suas mútuas conexões ao Vácuo permitisse que Ningen o alcançasse quando ninguém mais era capaz de fazê-lo. Infelizmente, foi durante suas conversas que as proteções que Sezaru colocou ao redor do Palácio Imperial foram quebradas pela primeira vez. Ele se tornou ciente do que estava acontecendo aqui instantaneamente, e o horror disso destruiu o pouco que restava de sua mente. Ningen foi gravemente ferido no confronto entre os dois, mas infelizmente ele já estava recuperado quase completamente."

"Então tentaram deter Sezaru," admitiu Miliko. "E quanto ao seu exército, então? Ele cruzou a distância de suas terras à capital em menos de um dia. Pode-se suspeitar que ele estava pronto para fazer tal coisa."

"Os Shiba fortificaram intensamente a fronteira sul uma vez que as notícias da marcha do Khan alcançaram nossas terras," admitiu Ochiai. "Isso fez a organização muito mais rápida, mas foram os kamis que nos permitiram viajar a distância tão rapidamente, esteja certa. Simplesmente por que as forças do Khan foram as primeiras a abusar dos kamis dessa maneira, não cometa o en-

gano de acreditar que apenas eles eram capazes de tais feitos quando urge a necessidade."

Miliko colocou suas mãos na cintura e franziu-se em pensamento. "Muito bem então," ela disse finalmente. "Você respondeu minhas perguntas, e acredito em você. Tenho uma última pergunta, porém." Ela se aproximou, olhos abertos. "Como podemos nos certificar de que não estão simplesmente ganhando tempo antes que marchem contra o próximo alvo que precisa de sua 'proteção'?"

Ochiai levantou uma sobrancelha. "Se conquista fosse nosso objetivo, por que esperaríamos? Você viu o Dragão do Fogo, que repousa no topo do palácio. Se houvessem alvos que desejássemos neste Império, o tomaríamos sem dificuldade. Este não é nosso objetivo."

Miliko assentiu devagar. "Acredito em você," ela repetiu. "Estranho, porém, é que este fato não me conforta."

Naoya franziu-se enquanto ele e o Mestre do Vácuo se aproximavam da câmara onde o venerável Seppun Kiharu esperava uma audiência. Haviam vozes da câmara, e Naoya podia apenas rezar para as Fortunas para que Masakazu não tivesse tropeçado no velho homem e decidiu mantê-lo em companhia. Kiharu era o mestre da Ordem dos Dez Mil Templos, uma das mais antigas e mais influentes seitas da Irmandade de Shinsei. A idéia do bruto e incalto yojimbo Masakazu passando qualquer quantidade de tempo sem a supervisão com o sacerdote fez Naoya esperar que ele ao menos recebesse o direito de seppuku ao invés de ser executado imediatamente por deixar algo tão horrendo aparecer. Assim que o capitão da vigília abriu a tela e curvou-se perante Ningen enquanto entrava, ele viu que de fato havia um homem muito menor sentado com Kiharu. Ele começou a relaxar, então percebeu quem era, e imaginou se era melhor quando acreditava que era Masakazu.

"Kiharu-sama," disse Ningen com uma reverência suave. "Me desculpe pelo atraso, mas Lady Ochiai estava inacessível esta tarde. É desejo dela que não ficasse esperando. Espero poder ser de alguma assistência." Ele olhou ao jovem sentado próximo. "Vejo que Mestre Emori o manteve em companhia."

O pequeno sacerdote sorriu ao jovem Mestre da Terra, então virou-se de volta a Ningen e retornou sua reverência. "Emori-sama foi gentil o bastante para esperar comigo, sim," ele disse. "Nenhuma apologia é necessária, certamente. Compreendo a imensidão do que estão tentando fazer aqui também. Minha família protegeu a Cidade Imperial por mil anos, afinal."

"Não podemos fazer nada senão esperar que nossa residência aqui, mesmo breve, desfrutará uma fração do sucesso que os Seppun desfrutaram," disse Ningen diplomaticamente. Ele se sentou oposto ao sacerdote, gemendo levemente ao fazê-lo.

"Está bem, Ningen-sama?"

"Estou, obrigado," disse Ningen ao homem mais velho. "Uma memória recente de um conflito, temo. Passará com o tempo, como todas as coisas."

"Verdade," concordou Kiharu.

"Devo me desculpar," disse Isawa Emori com um sorriso. "Não desejo me invadir nos negócios que lhe trazem, Kiharu-sama. Foi um prazer."

"Não, não," disse o velho. "De qualquer modo, fique. Talvez você possa ser de ajuda."

Emori olhou rapidamente a Ningen, então sentou-se com uma graciosa aceitação. O Mestre do Vácuo sorriu. "No que podemos lhe ajudar hoje, Kiharu-sama? O que quer que seja, se está dentro de nosso poder o faremos com certeza qualquer coisa que pudermos."

"Obrigado," disse Kiharu. "Nas semanas após a batalha, estive tentando contabilizar os danos causados aos templos dentro da cidade. Muitos foram perdidos, infelizmente, e muitos que trabalhavam com eles."

"Isso é infeliz," disse Emori, surpreendendo Naoya com sua sinceridade. "Os homens e mulheres que serviam os templos desta cidade sempre me pareceram indivíduos nobres e altruístas. Sinto pela perda de seus irmãos, Kiharu-sama."

"Todos nós estamos," concordou Ningen. "A Fênix ainda sente pela perda dos templos e santuários de Otosan Uchi. Foi em parte de nosso desejo de proteger tais tesouros aqui que nos colocamos a interceder no conflito. Me arrependo de não termos sido capazes de chegar antes e prevenir tais perdas trágicas. A perda de vidas, enquanto repreensível ao menos oferece a chance de outro ciclo pela Ordem Celestial. A perda de conhecimento quando a batalha devasta a cidade é eterna."

"Obrigado," disse o sacerdote, sua voz levemente mais grossa. "Estamos reconstruindo, é claro, e muitos de nossos companheiros da Irmandade chegaram para nos ajudar, mas existem perdas que não podem ser facilmente repostas. Esperava talvez que vocês pudessem ser de ajuda nessa questão."

"Certamente. O que têm em mente?"

"O alto templo," disse Kiharu. "É o centro da atividade da Irmandade dentro da cidade, e um dos mais intensamente viajados pelo Império. Milhares fazem peregrinações ao templo a cada ano. Temos sorte de que ele sofreu poucos danos, mas um das perdas foi o alto sacerdote, e estamos em falta de candidatos para substituí-lo."

"Não está dentro dos seus direitos assumir essas responsabilidades, Kiharu-sama?" perguntou Emori.

O velho concordou levemente. "Talvez se eu fosse um pouco mais jovem," ele disse. "Como estamos, não acredito ser capaz de adotar essa responsabilidade juntamente com aquelas que já possuo. Creio, porém, que um Fênix servirá bem no papel, e posso melhorar a percepção de seu clã em relação aos outros."

Ningen sorriu largamente. "Estaríamos muito honrados."

"Talvez o jovem Emori aqui?" ofereceu Kiharu.

Emori gargalhou. "Ah não, Kiharu-sama. Não creio que seria uma boa escolha afinal. Não quero desrespeitá-lo, mas lhe ofereço minhas absolutas e inquestionáveis garantias que de que sou mal adequado a tal responsabilidade monástica."

"Seria difícil para qualquer um dos Mestres cumprir o dever, pelas mesmas razões que você é incapaz de aceita-lo." Disse Ningen.

"Ah," disse o sacerdote, sua face caindo. "Talvez, Ningen-sama, você conheceria um candidato adequado?"

O Mestre do Vácuo coçou seu queixo por um momento. "Tenho um pensamento. Há uma aluna que vejo muito no templo, uma incrivelmente talentosa e perspicaz jovem mulher. Ela está dentro da cidade, e tal responsabilidade deve caber a ela. Houve uma... Acusação infundada levantada contra ela num passado não tão distante, e ela teve dificuldades em superar todo o desconforto."

"Excelente," disse Kiharu. "Posso perguntar o nome dela?"

"Isawa Nomi."

"Nomi?" disse Emori.

Ningen franziu-se. "Sim. Sua estudante, se bem me lembro?"

"A ofereci uma posição como aluna," disse Emori. "Como Ningen-sama diz, ela é uma talentosa adepta da terra. Ela também tem uma magnífica... Atenção para detalhes." Ele sorriu, mas Naoya tinha poucas dúvidas de que as razões de Emori oferecer à jovem mulher a chance de estudar com um Mestre Elemental tinham pouco haver com seus talentos como sacerdotisa.

"Isso parece muito agradável," disse Kiharu. "Se puderem agendar um encontro com a jovem mulher, estou certo que ela preencherá ou excederá qualquer expectativa que eu tenha."

"Obrigado por esta honra, Kiharu-sama," disse Ningen.

"Certamente." O velho hesitou por um momento. "Posso lhe fazer uma pergunta, antes que eu vá?"

"Certamente."

"Respeito o trabalho que os Mestres estão tentando conseguir aqui," disse Kiharu cuidadosamente. "Porém, é costumeiro para um Campeão de um clã tomar a liderança em tal maior tomada. Por que o seu não se adiantou?"

Naoya baixou sua cabeça, e Ningen limpou sua garganta suavemente. "É uma questão de considerável fragilidade, eu temo, Kiharu-sama. Temos um... Incomum costume para a escolha de nosso Campeão do Clã. Pode-se dizer que depende dos espíritos de nossos ancestrais. Após a morte de nosso último Campeão, eles estiveram um pouco quietos sobre o assunto."

"Sempre achei que os meios da Fênix par sucessão fossem inquestionáveis, se posso ser honesto," disse Kiharu. "Mirabu-sama não tem família?"

"Ele tinha," disse Ningen, sem olhar em direção da Naoya. "Seu irmão renunciou a oportunidade de assumir o Campeonato até que a hora que pudermos ter certeza de que os ancestrais não irão escolher um novo candidato."

"Não é tradicional, mas suponho que deva-se agir como lhe cabe," disse Kiharu. "Parece se passou tempo o bastante, porém. O quanto esperarão?"

"Até sabermos com certeza," disse Ningen. "Alguns acreditam que os espíritos já falaram a um novo Campeão, mas que ele está esperando par se revelar por alguma razão."

"Que razão haveria para tal coisa?" perguntou Kiharu.

"Essa," respondeu Ningen, "é uma pergunta muito boa."

Uma Reunião de Dragões

Escrito por Rusty Priske

Togashi Satsu se sentou em sua austera câmara, meditando. Para um observador externo, haveriam dúvidas se ele estaria vivo, pois sua respiração diminuiu à imperceptibilidade. Nenhum músculo se movia e nenhuma idéia de som saia de seus lábios. Ele era a montanha abaixo de tudo: imóvel, impenetrável, eterna.

Um monge tatuado entrou na câmara de Satsu sem dar notícia. Ele se pôs diante do campeão do Dragão e esperou, cabeça curva.

"Sim?" os olhos de Satsu se abriram depois dele falar.

"Lorde Satsu-sama, as famílias e ordens estão representadas, como você pediu. Mirumoto Mareshi trouxe outra pessoa com ele, porém. E Hoshi Wayan não chegou como instruído."

"Sim." Se Satsu estava surpreso que suas instruções não foram seguidas literalmente, ele não aparentou. "Por favor, informe-os que estarei lá em breve."

"Hai, Lorde Satsu-sama."

O monge deixou a sala para seguir as instruções de seu mestre.

Satsu se levantou, seus movimentos fluídos e graciosos. Ele caminhou a uma tela que ele mesmo deslizou, e entrou numa área coberta. Ele estava numa grande câmara, mas escondida da visão dos outros ocupantes da sala, devido à pesada cortina. Ele podia ouvi-los falar, porém.

Eles estavam imaginando entre si porque eles haviam sido convocados e porque não havia um Hoshi entre eles. Um deles soava furioso por Wayan não ter chegado. Outro parecia intrigado.

Satsu se concentrou. Sua carne tremeu. Ele franziu-se. A transformação estava se tornando mais difícil. Cada transformação era um desafio maior que o último. Ele se concentrou de novo e seu corpo se tornou maleável. Ele começou a mudar.

Hitomi Kagetora caminhou. "Wayan não responder às convocações é um insulto a Lorde Satsu e ao Clã Dragão inteiro! Tal insulto não passará em vão!"

"Por favor, Kagetora-san," Tamori Shaitung tentou acalmar o bravo monge. "Não é nosso lugar agora. Deixe Lorde Satsu questionar as ações de Wayan. Não nós."

Kitsuki Iweko olhou, tramando algo em sua cabeça. "As ações de Hoshi Wayan são curiosas, apesar disso. São atípicas dele. Não devemos concluir tudo pelo que parece."

"E não é." A profunda voz de Satsu ressoou pela sala quando as grandes cortinas foram puxadas. Atrás delas estava revelado Satsu na forma de um grande dragão. Suas escamas refletiam as luzes das velas e seus olhos formavam poças de um preto profundo.

Os outros seis na câmara desceram ao chão em súplicas ao seu grande líder.

"Por favor, levantem-se. Temos importantes assuntos para discutir. Primeiro, Mirumoto Mareshi."

O daimyo dos Mirumoto caminhou para frente e curvou-se profundamente ao seu campeão. "Sim, Lorde Satsu."

A grande cabeça do Dragão baixou-se para olhar o samurai. "O chamei perante mim. Ainda assim trouxe Mirumoto Kei também."

"Hai, Lorde Satsu. Com desculpas, não intentei desrespeito. Meus deveres como daimyo dos Mirumoto são freqüentemente cumpridos por Kei, como já discutimos anteriormente, e achei que ela deveria estar a par de qualquer coisa oriunda de uma reunião como essa."

Mirumoto Kei caminhou para frente e curvou-se ainda mais a fundo que Mareshi. "Sairei, Lorde Satsu, se este for o seu desejo."

Satsu direcionou seu olhar para Kei. "Não. Desejei que viesse. Convidei todos os daimyos de todas as famílias. De fato, tenho algo para você. Dê um passo à frente."

Kei se levantou e se moveu em direção ao grande Dragão. Enquanto o fazia, um monge apareceu atrás de Satsu, carregando uma caixa de espada. Ele a pôs no chão sumiu por onde veio.

"Abra."

Kei fez como instruída e descobriu uma katana excelentemente construída. Ela olhou para Satsu antes de tremulamente pegar a espada da caixa. "Reconheço esta espada."

Satsu assentiu. "Esta é Yogen. É o último presente de Tsi Xing Guo, a Fortuna do Aço, para nosso clã. Mirumoto Ryosaki foi a primeira a usá-la. Você será a segunda."

Os olhos de Kei passaram por entre a espada e seu campeão. "Este é um presente grande demais, Lorde Satsu. Sou simplesmente..."

Satsu a interrompeu. "Você é simplesmente a mais talentosa General do Dragão de sua geração. Você usará a espada com dignidade e perícia. Isso não é um presente. É seu dever."

Kei curvou-se profundamente. "É um dever que estou orgulhosa de aceitar, Lorde Satsu."

Enquanto Kei e Mareshi se afastavam, Satsu disse. "Gostaria de parabenizar a todos em seus sucessos na guerra contra a Garça, agora que a guerra está terminada."

Mareshi curvou-se e disse. "Suas ordens foram executadas, Lorde Satsu, apesar nem sempre compreendidas."

A cabeça de Satsu pendeu sobre Mareshi. "Compreensão é sua própria recompensa."

"Apenas isso, Lorde Satsu."

"Então deixe-me recompensá-lo, Mareshi. Elementos dentro da Garça foram pegos em traição, e lutamos para expô-los. Doji Domotai está tomando providências para encerrar os crimes, pois nossa intervenção não é mais necessária. Além disso, nossa escolha em terminar a luta contra a Garça permitiu que começassem sua redenção, ao dispensá-los de seus deveres em Toshi Ranbo."

"O trono continua vazio, Lorde Satsu. Haverá mais sanguinolência."

Os olhos de Satsu se entristeceram. "Isso é certo. Não há nada a ser feito."

A voz de Mareshi se ergueu levemente. "Você poderia—"

Um flash dos olhos do Dragão parou a sentença de Mareshi no meio. "Rokugan resistirá, com quem quer que seja que os deuses decidam colocar no trono. Agora, vejo que Hoshi Wayan não responde às minhas convocações. Ele não estará mais as respondendo."

A companhia reunida reagiu de diferentes modos. Kagetora pareceu furioso, enquanto Iweko perguntou. "Algo aconteceu a ele, Lorde Satsu-sama?"

"Sim, mas não do jeito que você acredita. Wayan foi tirado de nós, e de toda humanidade. Ele não responde às convocações porque ele não vê mais relevância em fazê-lo."

"Então eu mostrarei relevância a ele!" gritou Kagetora, para surpresa dos outros na sala.

"Kagetora-san!" interpôs-se Shaitung. "Não levante sua voz dessa maneira na presença de Lorde Satsu!"

Satsu moveu sua cabeça. "Está bem, Shaitung. Ele não sabe o que faz."

Kagetora prostrou-se perante o grande Dragão. "Minhas humildes desculpas, Lorde Satsu-sama."

"Sim. Levante-se." Pausou Satsu antes de continuar. "A mudança no comportamento entre os Hoshi e Hitomi já foi notado por todos, eu creio. Os Hoshi se tornaram mais distantes com o passar dos dias, enquanto os Hitomi se tornaram mais agressivos e violentos."

Os olhos de Kei penetraram Kagetora antes de dizer, "É verdade, Lorde Satsu. Os Hitomi que lutaram ao nosso lado contra a Garça pareciam... Estranhos."

Kagetora olhou para Kei. "Os Hitomi sabem quando vêem inimigos do Dragão e sabemos o que deve ser feito."

"Com todo respeito, Kagetora-sama, os Hitomi que vi não ajudaram nossa causa afinal. Eles jogaram suas vidas fora sem necessidade. Mesmo que tenham causado baixas para a Garça."

"Então eles tiveram sucesso."

"Não se nossas perdas forem maiores. Há poucos membros restantes das Ordens durante tempos de paz. A perda de tantos para tão poucos soldados da Garça é inaceitável. Creio que se a guerra não tivesse terminado, os Hitomi lutariam até sua extinção."

Satsu falou calmamente, apesar de sua voz preencher toda a câmara. "Teriam, e a culpa é minha." Toda a sala parou e olhou para seu líder. "Senti um leve desequilíbrio dentro das ordens tatuadas. Foi algo que não previ, que mesmo meu avô nunca previu. Escolhi observar e deixar o problema se desenrolar para que o compreendesse, mas agora temo que o que aconteceu pode ser irreversível."

Iweko coçou seu queixo. "Mas o que houve? Por que os Hitomi e os Hoshi se comportam assim?"

"Vocês conhecem Kokujin, e os contos de outros como ele. Nenhum homem ou mulher mortal pode comportar o sangue de deuses e continuar o mesmo. Esta é a base de nossas ordens. Ainda assim alguns já foram massacrados por este dom. tradicionalmente, essas pessoas enlouquecem e devemos cuidar delas, antes que sua loucura se torne destrutiva. O que está acontecendo aos Hitomi e Hoshi é similar a isso. O efeito nos Hoshi é que estão se tornando cada vez mais distantes, removendo-os a si mesmos como meu pai fez. Eles são uma ameaça a ninguém mais que eles mesmos. Hoshi Wayan pouco reconhece do mundo real agora. Ele está se tornando mais introspectivo a tal nível que se tornará um eremita, para viver seus dias ponderando o mundo interior, completamente excluindo o exterior. Se isolados, creio que todos os Hoshi seguirão o mesmo caminho."

Satsu pausou. "Os Hitomi estão agindo de maneira diferente. O dom de Lady Lua está criando uma raiva dentro deles que os leva a um comportamento feroz. Seus caminhos são os que mais me preocupam, por muitas das razões que Kei notou. Se algo não for feito, temo que muitos serão mortos, e não serão poucos os que forem pelos próprios Hitomi."

Shaitung falou suavemente. "O que podemos fazer? Como podemos ajudar seus tormentos?"

Satsu enrolou e desenrolou seu corpo de serpente enquanto ponderava o assunto. "Creio que a conexão das ordens aos seus fundadores, tanto Lady Lua e o Andarilho Celestial, é a fonte de seus tormentos. Uma conexão direta aos Céus como a criada pelo sangue divino puro é simplesmente demais para a alma mortal agüentar sem ser afetada adversamente. Levou vários anos, mas o peso está começando a massacrar nossos irmãos. Os Togashi não sucumbiram porque, diferentemente de meu pai e Lady Lua, meu sangue não é inteiramente divino." Ele pausou por um momento. "As ordens Hoshi e Hitomi serão absorvidas pela Togashi. Todos que portavam esses nomes receberão uma nova tatuagem, usando o meu sangue. É minha esperança que isso contra-atacará a loucura que os infesta."

Kagetora não pôde mais se segurar. "O que? Dissolver a ordem Hitomi? Por que direito? Nos dedicamos à Lady Lua! Segui Lady Hitomi mesmo antes de você nascer!"

O silêncio chocado preencheu a câmara. "Kagetora-san!" exclamou Shaitung, a cor subindo à sua face. "Você está falando com Lorde Satsu! Como ousa?"

Satsu lentamente mexeu sua cabeça. "Kagetora-san, olhe para dentro de si. Ouça sua voz. Você realmente acredita que falaria assim comigo se estivesse em total controle de suas faculdades? Você acredita que ao menos consideraria falar de tal maneira?"

Kagetora pausou e repentinamente a raiva sumiu de sua face, substituída por lamento e horror. Ele caiu de joelhos. "Lorde Satsu. Minhas desculpas. Não quis..." Ele levantou seu tronco. "Sempre tentei viver para servir minha Lady e o clã. Falar assim com você... Minha transgressão é imperdoável."

"Eu decidirei isso." A voz de Satsu se amaciou. "Kagetora-san, suas palavras meramente provam o perigo que seus irmãos e os Togashi enfrentam. As três ordens novamente se tornarão uma, e nossos irmãos e irmãs que precisam de nossa ajuda a receberão."

Kagetora moveu sua cabeça. "Me desculpe, Lorde Satsu. Não posso abandonar Lady Lua. Eu não posso. Por favor, me dê permissão para juntar-me a ela."

"Não abandonaremos Hitomi, Kagetora-san. Você não terá que se juntar aos Togashi. Acho que seria o maior castigo que poderia ser aplicado a alguém. Você pode ir ao templo dela e servir pelos seus dias lá. Cuidarei e garantirei que cuidem de você. Seus anos de serviço a Hitomi e ao clã Dragão são bem lembrados, Kagetora-san. Você foi bravo, nobre e leal. Vá e sirva a Lady Lua com minha bênção. Você será bem lembrado."

Kagetora se levantou. Ele se curvou vigorosamente ao poderoso dragão diante dele, então se virou para sair. Ele hesitou por um momento, então curvou-se uma segunda vez, dessa vez para Shaitung. "Você tem fogo, minha jovem. Não deixe que seja domado, nem seja usado por ninguém mais que você mesma. Isso pode lhe fazer uma pulha se você deixar, mas lhe fará mais forte se o dominar."

"Obrigado, Kagetora-sama," disse Shaitung, retornando a reverência.

"Obrigado. Por tudo." Curvou-se Mareshi, e os outros o seguiram, demonstrando suas deferências e respeito pelo velho monge e seus anos de serviço.

Por um breve momento, parecia que Kagetora foi acometido pela emoção. Mas no final, o antigo senhor dos Hitomi deixou o castelo com sua cabeça erguida, não lamentando o que perdeu, mas grato por ter ganho uma nova vida de servidão à sua Lady.

Um Ano

Escrito por Rusty Priske

Ikoma Hanshiro coçou seu queixo, pensativo, enquanto contemplava os papiros abertos na mesa diante dele. A sala na qual passou muito de seu tempo estava repleta de papiros, mas esses eram diferentes. Apesar de um pouco envelhecidos na maioria, os manuscritos nas estantes estavam livres de poeira. Em alguns lugares o papel se desfazia em descoloração. Em outros lugares, o papel mostrava rachaduras, apesar dos cuidados meticulosos daqueles permitidos a entrarem nesta sala. Os papiros na mesa não tinham nenhum desses sinais de velhice. A tinta estava seca, mas há muito tempo ela não estava.

Hanshiro assentiu enquanto seguia a narrativa — seus escribas tinham capturado suas palavras precisamente. Esses papiros documentavam os eventos à cerca do ataque Unicórnio a Toshi Ranbo em ricos detalhes. Eles também contavam da grande defesa do Leão à grande cidade até a interferência pela Fênix.

Para Hanshiro, até que algo fosse escrito, ele não acontecia. Meras memórias podiam ser confundidas, mas uma vez documentadas, ela se tornavam História e isso era inviolável.

A tela de shoji se deslizou e Hanshiro se virou, bravo à interrupção. Sua expressão cessou rapidamente e ele se curvou profundamente. "Lorde Yoshino-sama."

"Hanshiro-san, vim ver um de seus manuscritos."

Hanshiro assentiu para seu jovial campeão. "Sim, Yoshino-sama. O que gostaria de saber?"

A boca de Yoshino subiu por um lado num sorriso despretensioso. "Não é o que quero saber, já que estive lá. Quero saber como foi gravado."

O historiador franziu-se, mas apagou a expressão rapidamente. Sua voz pareceu estática quando respondeu. "Claro, Lorde Yoshino-sama. O que gostaria de ver?"

"Em Toshi Ranbo fiz uma declaração sobre minha intenção para o ano que vem. Você sabe do que estou falando?"

"Certamente. Na verdade está bem aqui e estava checando-o por precaução. Creio que achará tudo em ordem." Hanshiro apontou a um dos papiros na mesa e estremeceu quando Yoshino o pegou, um pouco mais forte do que Hanshiro preferiria.

Yoshino leu o manuscrito lentamente, examinando cada palavra. Ele não sorriu. "Isso não servirá."

A face de Hanshiro traiu sua surpresa. "Não servirá, Yoshino-sama? Gravei o momento como aconteceu."

"Esteve lá, Hanshiro-san?"

"Não, mas garanto que..."

"Você garante erroneamente. É muito importante que isso seja gravado precisamente como eu preciso. Você compreende?"

"Não mudo esses manuscritos levianamente, mas obter um testemunho em primeira mão do incidente é certamente algo digno do esforço. E com certeza, suas palavras são verdadeiras. Se posso perguntar, Yoshino-sama, o que está incorreto nos registros do incidente que recebi?"

Yoshino olhou para o manuscrito e leu em voz alta, "E então, com o covarde Moto Chagatai minimizado diante dele, Matsu Yoshino não o matou, apesar de poder tê-lo feito facilmente. Ao invés disso, ele disse ao traidor que sua vida estava perdida, mas que teria a oportunidade de recuperar sua força total para que quando Matsu Yoshino o fizesse pagar pelos crimes cometidos contra Rokugan e o Leão, ele propôs um desafio. Matsu Yoshino, em sua magnificência, ofereceu a Moto Chagatai a chance de morrer com honra, ao invés de como o falho e decaído samurai que agora se recolhida das ruas de Toshi Ranbo." Yoshino pôs o papiro de volta à mesa.

"Assim me foi reportado, Lorde Yoshino-sama."

"Não duvido disso, Hanshiro-san, mas preferia um testemunho menos confrontativo. Tenho um uso para o documento e preciso que os registros testemunhem mesmo a alegação que impõem aos fatos. Você compreende?"

"Vivo para servir, Yoshi-sama. Se deseja me dizer exatamente o que aconteceu, escreverei eu mesmo, para evitar qualquer incompreensão posterior."

"Então prepare sua pena e lhe contarei o que realmente aconteceu em Toshi Ranbo assim que o Khan foi derrotado."

Matsuo Yoshino correu pelo corredor se aproximando ao pátio interno. Ele podia ouvir os sons de esforços físicos na forma de grunhidos e os impactos de dois bokens de madeira se batendo. Ele emergiu na luz do dia para ver dois homens absortos no treinamento, observados por um terceiro. Os dois se aproximaram; fizeram alguns ataques e contra-ataques e então se separaram, antes de repetirem o processo. Yoshino observou essa repetição algumas vezes antes de limpar sua garganta.

Os dois imediatamente pararam e curvaram-se profundamente ao seu daimyo. O terceiro se pôs de pé, sua mão esquerda se levantando rapidamente ao seu lado em virtude de suas feridas. Ikoma Otemi disse, "Lorde Yoshino-sama. A que devemos este prazer?"

"Um Leão nunca pode resistir aos sons de combate, Otemi-san. Apenas estava feliz em descobrir que tive a oportunidade de testemunhar um dos maiores heróis do Clã Leão, ajudando numa sessão de treino." Otemi estranhou a formalidade de Yoshino. "Agora, se seus estudantes puderem ser gentis de nos darem alguns momentos."

Os dois parceiros de treino se curvaram profundamente. "Hai, Yoshino-sama." Eles viram as últimas palavras de Yoshino a eles, porém. Elas foram faladas com os olhos ao invés da boca, mas eram inconfundíveis. Os dois guerreiros sumiram do cômodo por onde Yoshino se originou.

"Como posso servi-lo, Yoshino-sama?"

"Para começar, como se sente, Otemi-san?"

"Minha força está retornando. Parece que tenho uma seqüela que sou incapaz de superar, mas estou aprendendo a usá-la."

Yoshino pareceu intrigado. "usá-la? Como?"

"Para fazer ataques de um lugar de fraqueza. Lembre-se de seus ensinamentos. 'desordem simulada postura perfeita disciplina, medo simulado postula coragem, fraqueza simulada postula força.'"

"Então sua fraqueza é simulada?"

"Vê? Já está funcionando. Deixe que seu inimigo o subestime e a vitória certamente está ao alcance."

"Entendo a teoria — você me ensinou bem o bastante. O que preciso saber, porém, é se você está realmente apto ao combate." Yoshino podia ver a face de Otemi se endurecer. "Não estou diminuindo sua utilidade ao clã ou a mim, Otemi-san. De fato, essa é minha preocupação. Você tem tamanha importância como um conselheiro para mim que não quero arriscar sua vida em batalha lhe enviando no que poderia ser uma sentença de morte."

"Morte é um risco que todos nós enfrentamos. Se alguém entra em batalha preocupado com sua própria mortalidade, esse alguém já perdeu. Se eu cair, não será até que muitos Unicórnios tenham caído perante mim."

"Sim, mas quantos? Você acha que considero sua vida tão valiosa quanto a de cinco deles? Dez?"

"Se minha vida for o que permitir que você olhe Moto Chagatai nos olhos novamente para que vingue seu pai e Rokugan, então considero o preço bem pago. Me juntarei aos meus ancestrais e me virarei para assistir você matar o traidor e saberei que minha vida foi bem gasta."

Yoshino olhou para Otemi e ponderou suas palavras. Finalmente, ele assentiu. "Temos um ano. O tempo pode apagar muita coisa. Terminaremos isso juntos."

Otemi sorriu e os dois samurais trocaram reverências.

Quando Yoshino readentrou a construção, Matsu Bunka, um dos dois homens que estavam treinando sobre a orientação de Otemi, estava esperando por ele lá dentro. Ele curvou-se profundamente. "Creio que queria falar comigo, Lorde Yoshino-sama."

"Sim, e imagino que você saiba o que quero. Relate."

"Estive trabalhando com Otemi-sama, como pediu. Sua recuperação foi impressionante. Os Ikoma não são os Matsu ou Akodo, mas ainda são Leões. O fogo ainda está lá."

"Você não precisa me dizer o que já sei, Bunka-san. O que quero saber é se ele está apto para batalha."

"Não, Yoshino-sama. Ele não está."

"Posso ver."

"Você não entende, ele não está apto para o combate, agora. Mas não é isso o que ele está treinando agora."

"Explique."

Bunka assentiu. "Vi muitos homens tentarem se recuperar de ferimentos graves, tanto mais ou menos sérias que as sofridas por Otemi-samam. Normalmente eles tentam se recuperarem tão rapidamente quanto possível, para que possam retornar ao pleno dever."

"Compreensível. Servir é uma necessidade do samurai."

"Exatamente, Lorde Yoshino-sama. Essa necessidade pela recuperação rápida pode ser um problema ao invés de solução, contudo. Eles vão se sobrecarregarem e se ferirem ao invés de curarem."

"E Otemi?"

"Otemi-sama não está se comportando dessa maneira. Ele permite que seu corpo se conserte e tenta se colocar de volta à eficácia total. Seu objetivo não é retornar aos deveres o mais rapidamente possível. Seu objetivo é estar pronto para marchar ao Unicórnio em um ano. Ele espera isso como qualquer outra coisa, como se estivesse planejando como adaptar seu estilo de luta a essas novas limitações."

"E você crê que isso seja possível? Que Otemi lutará contra o Unicórnio de novo?"

"Creio que seja, Yoshino-sama. Nunca vi um samurai trabalhar com tanta determinação e foco."

Matsu Ouka e Matsu Fumiyo caminhavam pelo grande salão dos ancestrais para esperar a presença de seu Campeão. O salão estava um pouco cheio, com Leões de todas as famílias bem representadas. Ouka disse, "O que você acha que os anúncios dirão?"

Fumiyo retraiu-se. "Só posso concluir que são sobre o Unicórnio. A Fênix os poupou do destino correto de todos os traidores. Não posso acreditar que deixaremos essa mentira."

Ouka assentiu. "Sim, mas e sobre Toshi Ranbo? Deixaremos a Fênix tomá-la? Deixar o Unicórnio escapar de volta para suas planícies não parece sábio. Isso dificilmente é o comportamento de quem quer proteger a cidade Imperial."

"A resposta para isso é um Imperador. O último com motivo legítimo para aquele trono era um Leão. Faz sentido que um Leão se sente nele agora."

Ouka suspirou. "Bem, com certeza. Isso parece bastante claro. Se apenas os outros clãs não fossem tão cegos."

Enquanto Fumiyo estava assentindo e preparando-se para se adicionar à conversa, eles foram interrompidos por sons próximos à frente do salão. Eles se juntaram aos outros em profundas reverências enquanto se tornava claro qual era a interrupção.

Matsu Yoshino adentrou o salão com a confiança nascida de um líder. Ikoma Hanshiro o seguia por trás, e estava seguido por três escribas, cada um carregando vários manuscritos. O Campeão do Leão tomou seu lugar num platô elevado e se virou à multidão reunida.

"Samurais do Leão! Temos muito do que nos orgulhar. O fato de Moto Chagatai não se sentar no Trono de Aço, pretendendo ter autoridade sobre Rokugan, é um testemunho da força de nossos braços e do fio de nossas espadas! O Leão defendeu Toshi Ranbo e o Leão.... NÃO... SE... RENDERÁ!"

Yoshino foi respondido com um grito pela sala.

"Porém, enquanto a cidade está segura, alguém não pagou por suas ações. Moto Chagati retorna às suas terras e planeja. Ele procura a próxima oportunidade de se apropriar do que não é dele e infesta o Império com suas maneiras bárbaras. Este é o mesmo homem que matou nosso Campeão, meu pai, Matsu Nimuro. Deve o Leão deixar isso passar?"

Os gritos de "NÃO!" tremeram o prédio.

"Alguns de vocês talvez tenham ouvido o voto que fiz quando a luta parou. Para aqueles que não ouviram, o ouçam agora."

Yoshino acenou a Hanshiro, que pegou um manuscrito de um de seus escribas. Ele o abriu e leu. "Em favor de Matsu Yoshino, daimyo e campeão do Clã Leão. Quando Moto Chagatai marchou a Toshi Ranbo, ele engajou um ato de guerra contra o Império. Este ato levou à morte da Imperatriz por direito. Assim, Moto Chagatai deve ser marcado como um traidor. Quando a Fênix pediu ao Leão que terminasse a luta na capital, de modo a poupar o centro do Império da destruição, nós consentimos. Essa ação não absolve Moto Chagatai, ou os Unicórnios ao seu comando, dos crimes que cometeram contra o Império, o trono ou à própria Imperatriz. Assim, faço esse juramento perante toda Rokugan..."

"Eu, Matsu Yoshino, em defesa do Clã Leão inteiro, juro que dentro de um ano a partir do dia que Moto Chagatai abandonou Toshi Ranbo, eu o enfrentarei, em suas próprias terras, e ele pagará por seus crimes com sua vida. Seus crimes não passarão impunes."

Os gritos da sala forçaram Hanshiro a parar. A voz de Yoshino ecoou por sobre elas, e as outras vozes se aquietaram. "Cópias desse manuscrito estarão sendo enviadas para cada daimyo de clã, cada família imperial, e cada clã menor. Elas serão enviadas a cada posição oficial ainda conservada no Império. O Império notará que a vida de Moto Chagatai está no fim." Ele caminhou aos escribas e pegou outro dos manuscritos. "Esta cópia está endereçada ao próprio Moto Chagatai. Quem se candidata a entregá-la diretamente em mãos, sabendo que sua reação não será agradável?"

Todas as mãos da sala se ergueram, mas uma voz também se destacou. "Por favor, Lorde Yoshino-sama!"

Os olhos de Yoshino se atiraram ao samurai que teve a temeridade se chamá-lo pelo nome. "Você? Qual é o seu nome?"

"Matsu Yoshike, Yoshino-sama."

"Por que desejaria este dever?"

"Este é o dever para o qual nasci, meu Lorde. Fui treinado como mensageiro e creio que, dentre qualquer um aqui, tenho a possibilidade de sobreviver a este dever."

Yoshino olhou para ele tristemente. "Está com medo de sua morte, Yoshike-san?"

"Apenas porque minha morte parará meu serviço ao Leão, Yoshino-sama. Mesmo a menor chance de sobrevivência deve ser dada a alguém que continue a seu serviço. Qualquer outro samurai enviado seria um samurai a menos lutando ao seu lado daqui a um ano."

"Você conseguiu, Yoshike-san. Vá com Ikoma Hanshiro e ele fará as preparações." Ele retornou sua concentração à sala. "Tenho mais uma necessidade. Akodo Shigetoshi?"

O daimyo dos Akodo deu um passo à frente. "Sim, Yoshino-sama."

"Para enfrentar Chagatai, preciso fazer meu caminho pelas forças do Unicórnio. Apesar dos Akodo irem defender nossas terras enquanto os exércitos Matsu e Ikoma marcham para a casa do Khan, precisarei de um talentoso combatente para garantir que alcançarei Shiro Moto. Você é igual à tarefa, Shigetoshi?"

Shigetoshi curvou-se profundamente. "Com todo respeito, Yoshino-sama, desejo perguntar as perguntas de outros." Shigetoshi se virou para encarar a sala. "Lorde Yoshino jurou enfrentar Moto Chagatai em um ano. Me seguirão em batalha, para limpar o caminho de nosso Campeão para vingar a morte de seu pai?"

Não houve dúvida para a resposta.

Rejeitado

Escrito por Nancy Sauer

Após o Primeiro Dia do Trovão, o filho mais novo de Lady Doji foi às Terras Sombrias, procurando por sua irmã perdida. Quando Doji Hayaku retornou, de cabelos brancos e machucado, ele carregava consigo a espada que ela havia usado na batalha com o Kami Decaído. Em reconhecimento à sua coragem, sua mãe lhe deu seu próprio nome e família — os Daidoji — e a responsabilidade de defender o clã contra seus inimigos. A mais alta e gloriosa parte dessa responsabilidade era servir como guarda pessoal do Campeão da Garça.

Doji Domotai caminhava pelos jardins de Kyuden Doji, seguida discretamente por um par de samurais Daidoji. Ela não podia se lembrar de um tempo no qual ela não conhecesse a história de Hayaku. Exceto por quando estava nas terras do Leão, treinando com os Matsu, nunca houve um momento em que não houvesse um Daidoji de pé atrás dela. Apenas recentemente ela percebeu que ser protegida pelos Daidoji significa estar em suas misericórdias.

A área que Domotai escolheu para o encontro era repleta por bambus, pinheiros e ameixeiras. No canto da clareira estava uma pequena lagoa com folhas de lótus, com um jovem botão começando a brotar da água negra. Uji parou um momento para observar a cena, ele queria, e então virou sua atenção à mulher que o convocou. Doji Domotai se ajoelhou próxima à lagoa, esperando. Ela era uma mulher amável, vestida nas melhores sedas que a casa Doji podia obter, mas sua wakizashi estava posta em seu elaboradamente tecido obi e sua katana repousava ao chão ao lado dela. Uji assentiu par si em aprovação — ela não confiava nele, e ela era sábia por isso.

Ele se ajoelhou e curvou-se para ela, face ao chão, então se levantou, caminhou à distância apropriada a ela e se ajoelhou novamente para se curvar. "Você me convocou, Lady Doji," ele disse. "Como posso servi-la?"

"Uji-san, por favor sente-se e fique confortável," disse Domotai. "Desejo falar com você."

Uji se levantou e olhou para ela. "Minha lady, geralmente sou conhecido como Fumisato. Neste mundo, Uji é o nome de outro homem."

"Também uso o nome de outra pessoa," disse Domotai. Ela sorriu para ele. "Então temos algo em comum."

Uji sorriu levemente em resposta. "Assim ouvi, minha lady."

Domotai olhou em volta, um mero vibrar de olhos, então direcionou sua atenção para ele. "Asahina Sekawa me disse que você veio de outro mundo além do Reino dos Sonhos, e que até o Dia do Trovão, a história do seu mundo e a do meu eram a mesma."

"Sim," disse Uji. A declaração parecia lúdica para ele agora, sentado nos jardins

de Kyuden Doji e falando com a neta de Kuwannan. Mas Domotai simplesmente continuou.

"E então você era o daimyo dos Daidoji, sabendo de todas as coisas que o Uji desse mundo sabia."

Uji assentiu. "Até este dia, sim."

"Então você também deve saber sobre os Assoladores."

"Sim, minha lady." Ele esteve em Shiro Giji uma vez neste mundo, a convite de uma mulher chamada Daidoji Hakumei. Não sua Hakumei, na verdade, mas ela tinha sido a filha de um ronin expulso da Garça por Daidoji Uji durante a Guerra dos Clãs. Hakumei tinha ficado curiosa o bastante para conhecê-lo, e ele estava curioso o bastante para concordar.

"E suas transgressões contra a Lei Imperial não lhe incomodam?" A voz de Domotai tinha uma noção de desafio.

"Me incomodam muito pouco," disse Uji.

"Claramente," respondeu Domotai. Seus olhos tremeram de novo. "Isso me incomoda. Não posso por um momento imaginar no que meu pai estava pensando quando tolerou esta mancha na honra da Garça. Ordenei Kikaze para dispensá-los." O desafio em sua voz estava mais exaltado agora, e ela olhava Uji atentamente em sua reação.

A expressão no rosto de Uji não mudou. "Você não precisa de minha aprovação nisso, minha lady."

"Não," disse Domotai enfaticamente, então ela continuou num tom mais suave. "Não, mas o que preciso é... Conselho. Dei essas ordens antes do ataque do Khan a Toshi Ranbo. Não voltarei em minha ordem, mas devo saber o quanto enfraqueci meu clã."

"Isso é difícil de se julgar," disse Uji depois de um momento de pensamento. "A necessidade de preservar seus segredos se limita a quando e onde eles podem ser usados, mas dentro desses limites eles são extremamente eficazes."

"Preservar suas discrições é uma causa perdida," disse Domotai. "Togashi Satsu já sabe deles."

Os olhos de Uji se dilataram levemente. "Você está certa?"

Domotai assentiu. "Ele mesmo me disse, quando viemos a negociar. Quando lhe disse que tomei providências contra os Assoladores ele concordou em terminar a guerra entre nossos clãs."

"Ele deixou que seu clã fosse sitiado e passasse fome pela Garça, enquanto tinha a chave para nossa destruição o tempo todo? Tolo," disse Uji. "O Clã Dragão é liderado por um tolo."

"Talvez ele não desejasse destruir a Garça," disse Domotai.

"Como eu disse, um tolo. Nossos campos de arroz ficariam para que ele os tomasse, e ele teria instalado seus aliados do Escorpião como o poder dominante na Corte Imperial pelas próximas décadas. Mas sua tolice é sua oportunidade — você deve se mover rapidamente. Você deve se mover contra os Assoladores publicamente, e cessar a eficácia de qualquer acusação que ele deseje fazer no futuro."

"Um momento atrás você chamou os Assoladores de extremamente eficazes, e agora me diz para me apressar em destruí-los?"

"Minha lady, vi o que acontece quando a Garça perde seu poder político. Os Assoladores lutaram com todos os seus recursos contra os exércitos do Kami Decaído e no fim não fizeram diferença — no fim a verdadeira força da Garça está no próprio Império. Você não deve nos permitir que nos separemos dessa força."

"Isso pode ser difícil," murmurou Domotai, olhos novamente varrendo a área. "Kikaze concordou comigo quando dei minha ordem."

Uji a ouviu, mas sua atenção estava fixa aos olhos dela. O padrão de sua procura finalmente fez sentido para ele, e ele perceber com uma noção de horror que não era nele em que ela não confiava. "Domotai-sama," ele disse suavemente, "por que teme seus guardas?"

"Não os temo," ela disse num tom de voz igualmente baixo. "Não temo homem algum. Mas... Todos eles foram apontados à minha guarda por Daidoji Kikaze. A quem quase matei quando ele protestou à minha ordem — tinha minha espada em minha mão e morte em meu coração quando lhe disse que tinha uma última chance."

"Então outro clã tem um tolo como campeão," disse Uji sem emoção. "Você não saca aço sobre um homem sem terminar o assunto — seu sensei Matsu nem mesmo lhe ensinou isso?"

Domotai olhou para ele. "Você não criticará meu sensei," ela disse friamente. "A falha, se é que houve, foi minha."

Uji ficou quieto enquanto media a força daquele olhar. A juventude e inexperiência de Domotai cometiam erros inevitáveis, mas sua vontade a aceitar responsabilidades falavam bem dela. E, ele admitiu, matar o daimyo dos Daidoji enquanto a Garça estava em guerra teria trago mais problemas. "Minhas desculpas a você e seu sensei," ele disse. "Falei sem me preocupar com você." Domotai gesticulou com uma mão, ignorando o assunto, e ele continuou. "Mas se você não confia neles, por que não age?"

Domotai olhou para longe dele, fitando a lótus no lago por um longo tempo. "Não sei o que fazer," ela finalmente disse em baixa voz. "Não sei. Se Kikaze é falso, então e minha casa estamos em grande perigo — ele deve se mover contra mim, para me prevenir de me mover contra ele. Mas se ele for verdadeiro, então agir contra ele envergonhará a família Daidoji injustamente. Mesmo quando meu avô estava em guerra com Daidoji Uji ele manteve guarda-costas Daidoji com ele — que motivo eu tenho para afastá-los de mim?"

O silêncio caiu por sobre o jardim enquanto Uji pensava. Em seu mundo ele havia visto o último lorde dos Doji ser morto em batalha pelo cadáver do penúltimo; a idéia de ser assassinado pelos Daidoji era ainda pior. "Domotai-sama, tenho uma solução para o problema."

"Para qual: os Assoladores, ou os meus guarda-costas?"

"Ambos," disse Uji. "Você tem um assunto de grandíssima importância para o clã que deve ser lidado com suavidade e discrição, então você está direcionando sua própria guarda para mim. Não há vergonha nisso. Os farei lidarem com a fonte das atividades ilegais. Se eles obedecerem sem questionar você saberá que eles, e Kikaze, são leais a você."

"E se eles hesitarem?" perguntou Domotai.

"Eu os matarei," disse Uji.

Houve outro momento de silêncio enquanto Domotai considerava o velho grisalho homem diante dela. "Escreverei os documentos necessários essa tarde," ela disse.

Daidoji Hakumei caminhou ao pavilhão de pesca, bufando um pouco ao exercício. Ela estava envelhecendo, ela pensou, e as horas gastas nos níveis inferiores não ajudavam. Enquanto ela se aproximava do pavilhão, ela parou para recuperar o fôlego e checar se seu cabelo estava em ordem. Fumisato não era seu velho professor apesar dele parecer e falar como ele, mas ela ainda sentia a necessidade de mostrá-lo a mínima cortesia. Seus dedos descobriram um objeto de metal preso ao seu cabelo e o pegou para descobrir que era uma colher de medidas. Hakumei suspirou, enfiou a colher em seu obi, e continuou.

Uji estava de pé no fim do pavilhão, observando as pipas koi quase não vistas nas profundezas do lago. Hakumei avançou à uma distância polida e curvou-se profundamente a ele. "As bênçãos do Lorde Sol para você, Fumisato-sama," ela disse.

"E para você, Hakumei-san," ele disse, curvando-se levemente em resposta. "Meu tempo para conversar é curto, lhe aviso; estou numa missão para a Campeã da Garça."

Hakumei assentiu em simpatia. "Estou certa de que ela tem muitas coisas importantes para ver, com os negócios em Toshi Ranbo. Você pode estar certo de que estamos prontos para qualquer necessidade que ela tenha."

"Seus depósitos estão cheios? Você está bem suprida de assessores?"

"Bem, não," admitiu Hakumei. "No último outono recebemos notícias de Kikaze-sama para paramos nossa produção e destruirmos nossas reservas. Não sei porque, realmente. Não havíamos acabado quando notícias vieram de que Shiro Ikoma havia perecido e que o Khan estava movendo-se para leste, então paramos com isso e recomeçamos o estoque."

"Kikaze tinha reservas próprias?"

Hakumei franziu-se. "Quem pode conhecer a mente de um lorde? Shihei enviou a mensagem, e ele não disse porque Kikaze mudou de idéia."

Uji assentiu brevemente, então olhou para o templo em construção. "Me desculpe," ele disse suavemente. "Nosso tempo terminou." Ele retirou uma caixa de papiros de seu obi e a passou para ela. "Isso é para você."

Hakumei a aceitou reverentemente: o selo da Campeã da Garça estava lá para ser visto. Ela rapidamente o abriu, desenrolou o papiro e começou a ler. As primeiras linhas a fazia franzir-se, e ela rapidamente pulou para ler o fim. Ela olhou para ele, pálida e levemente trêmula. "O que... O que significa isso?"

"Lady Doji decidiu que o Clã Garça não necessita mais deste lugar, e me enviou para supervisionar seu fim," ele disse.

"Mas—Mas—Eu sou leal à Garça! A servi fielmente desde meu gempukku!"

"E este será seu último dever para com ela." Uji assentiu aos dois Daidoji que vieram ao pavilhão. "Levem-na dos pisos do templo primeiro; não aumentaremos a poluição deste templo." Sem mais palavras ou olhares a Hakumei, ele caminhou para fora do pavilhão e olhou aos soldados reunidos diante da construção do templo.

Domotai estava sentada em sua mesa, escrevendo uma carta para seu sogro quando houve um ruído suave na porta de seu escritório. "Sim?" ela disse.

"Minha lady," disse Daidoji Kimpira. "Estou aqui para relatar."

"Entre," disse Domotai. A porta se abriu ao comandante de sua guarda pessoal entrar, carregando uma grande cesta coberta. Ele se aproximou de sua mesa e se ajoelhou perante ela, depois de cuidadosamente colocar a cesta para o lado. O nariz de Domotai se torceu ao cheiro dela, mas a expressão de sua face estava completamente neutra. "Por favor, relate, Kimpira-san."

"Minha lady, acompanhamos seu magistrado a Giji Seido como ordenado. Lá, encontramos essa pessoa," ele removeu a cobertura da cesta, "engajada na manufatura e distribuição de pimenta gaijin, clara violação da Lei Imperial."

Domotai olhou aos conteúdos da cesta, então olhou de volta a Kimpira. "Esta pessoa estava agindo sozinha?"

"Não, minha lady. Executamos vários outros que pareciam ser seus assistentes na fabricação da pimenta. Também, alguns outros bushis que estavam presentes pareciam estar agindo em conluio com ela: eles resistiram a nossas ordens de rendição e foram mortos. Os bushis restantes se renderam ao perceberem que nossas ordens vieram de você."

"E quem eram esses samurais? De que família eles eram?"

A face do comandante se escureceu levemente em vergonha e ele olhou para baixo. "Eles eram Daidoji, minha lady. Todos eles."

"Isso é realmente, infeliz," disse Domotai. "Estou feliz que pudemos exterminar esses bandidos antes que pudessem envergonhar mais sua família." Kimpira assentiu em concordância. "O que faremos com os que se renderam?"

"Fumisato-san os prendeu e os enviou a Shiro Daidoji. Ele disse que estava claro que eles estavam todos participando de atividades criminosas, ou alguns foram enganados ao se associarem com os criminosos. Ele espera ordens sobre o assunto."

"Não desejo dar a aparência de desconsiderar a autoridade do daimyo dos Daidoji," disse Domotai pensativa. "Direcionarei o assunto para Kikaze, e deixarei que ele determine quem é culpado e quem é inocente."

Kimpira curvou-se. "À sua vontade, minha lady. Você tem alguma ordem para mim?"

"Jogue essa cesta fora," ela disse, "e então retorne seus homens às suas atividades normais."

"Imediatamente, Domotai-sama." Kimpira não sorriu realmente, mas houve uma certa vivacidade na maneira em que ele cobriu a cesta e a pegou. Domotai o olhou ir embora. Quando a porta se fechou atrás dele, ela pegou a carta que estava escrevendo, a amassou e a jogou na lareira da sala. Então pegou uma folha de papel e começou a escrever uma nova carta.

Intenção e Ambição

Escrito por Shawn Carman

Toshi Ranbo, a Cidade Imperial

Por grande parte da cidade, era difícil dizer que algo incomum havia acontecido. Muitos certamente nunca suspeitariam que uma batalha gigantesca entre as duas maiores forças militares do Império devastaram suas ruas um mês atrás. Muitas ruas tinham apenas uma construção ou duas que tivessem qualquer dano significante, e mesmo assim não mais que um talvez causado por um terremoto médio, o que era bastante comum na antiga capital, ou uma tempestade particularmente severa, o que não era tão incomum nas planícies. Ainda assim, haviam partes da cidade que nunca se recuperariam. O distrito mercante, por exemplo, permanecia pouco mais que uma cratera queimada, e era óbvio aos olhos das pessoas que habitavam na cidade que haviam danos que não seriam sanados tão rapidamente.

Yoritomo Naizen achava chato caminhar nas ruas da cidade às vezes, e insuportável nas outras. Os olhares de particularmente convictos e desafiadores camponeses eram suportáveis, apesar de irritantes. O olhar de ódio de outros samurais nada diziam ao Campeão do Clã Mantis, pois eram tolos tímidos e fracos de vontade que nunca entenderiam a enormidade da decisão que fizera. Não, era os modestos olhares da Fênix que ele não podia suportar. Eles tomaram a cidade em custódia, sobre as objeções de alguns, mas as bênçãos de muitos, e agora trabalhavam para restaurá-la o mais rapidamente possível. Naizen não podia negar que eles eram os responsáveis pelos rápidos reparos submetidos à cidade. E ainda assim, a Fênix olhava par ele sem condenação, sem julgamento... Com compaixão e talvez mesmo pena... Isso ele não suportaria. Ele não agüentaria isso.

O distrito Mantis sofreu poucos danos. Eram quase imperceptíveis, na verdade. Ao comando de Naizen, os Mantis na cidade ajudaram o exército Unicórnio que cercava a cidade há um mês atrás. Os defensores Leões da cidade foram consumidos pela fúria, e ainda assim nunca ocorreu para eles incendiarem o distrito Mantis. Não, ao invés disso, os tolos Akodo varreram a cidade, procurando por Mantis para matarem. Apenas uns poucos foram tão tolos para deixar que o Leão os pegasse, e na opinião de Naizen, o clã estava mais forte por perder aqueles burros o bastante para tal tolice. Se a situação fosse contornada, Naizen teria destruído tudo que o Leão tivesse na cidade, e os forçaria a virem até ele. Ele ouviu que o Leão jurou não ferir a Cidade Imperial, talvez em restituição ao papel deles na destruição de Otosan Uchi. Essa era a diferença entre os dois clãs, ele supôs: os Leões eram tolos idealistas, e os Mantis eram realistas.

Naizen assentiu em resposta às leves reverências dos guardas alojados fora do distrito. Ele os escolheu a dedo para garantir que o Mantis não seria ameaçado por qualquer portador de rancor pelo papel deles na batalha. O Campeão sentiu uma involuntária onda de alívio enquanto caminhava no distrito. Ele não admitiria isso a ninguém, mesmo em dores de morte, mas enquanto caminhava as ruas da cidade, ele estava certo que podia sentir olhos sobre ele. Ele evitou olhar para o Palácio Imperial, onde o grande Dragão do Fogo se enrolava. Ele evitou fazê-lo porque sabia, sem saber como, que era o Dragão que o olhava. Era o elmo que carregava que chamava a atenção da besta celestial? Ou era algo mais intrínseco? Ele não sabia. Ele não podia saber. E então ele evitou pensar nisso o máximo possível.

Sua chegada ao distrito era, aparentemente, não esperada.

"Naizen-sama," uma voz sedosa disse apenas segundos depois que entrou à câmara do distrito. Uma bela mulher curvou-se profundamente, seguida por outro, então outro e mais outro. "Que bom que chegou. Estávamos discutindo um assunto que requer sua autoridade."

"Claro," disse Naizen secamente. "O que é, Yoyonagi?"

Yoritomo Yoyonagi sorriu e se virou à sua companhia. "Alguns membros de sua delegação à corte discordam veementemente de minha sugestão de revelar esforços de tomarem territórios ao sul da antiga capital o mais breve possível."

Naizen ergueu uma mão. "Por que escolheria revelar tal informação tão rápido?"

"Para juntar apoios, certamente," Yoyonagi respondeu simplesmente. "Há muitos que... Não compreendem nossas ações anteriores. Esta é uma oportunidade de mostrar a eles que suas intenções foram como você disse. Eles podem ficar mais inclinados a nos ajudarem na construção do vilarejo, e isso será um bem-vindo excedente de fundos avaliáveis para começar o trabalho planejado para aquela região."

Naizen assentiu e olhou para as outras autoridades. "Sachina, suponho que discorde?"

"Sim, meu senhor," respondeu a mulher.

"Que chocante," disse Naizen secamente. Sachina era uma ex-geisha, elevada à casta samurai via casamento. Tal coisa era algo virtualmente inédito, e Naizen sempre foi curioso sobre as circunstâncias por trás da decisão de seu ex-marido. Ainda assim, ela nunca revelou nada de seu passado, e ele estava inclinado a cavar mais fundo, ao menos para descobrir algo que pudesse corresponder o valor dela a ele. Ela havia sido conselheira do Shogun antes de sua morte em batalha, e até mesmo seu exterior endurecido foi amaciado pela morte de Kaneka. Ela se retirou aos seus aposentos em luto por um período de três dias, e então emergiu como se nada tivesse acontecido. Se nada mais, Naizen admirava seu incrível auto-controle. "Explique."

"O Mantis está sob escrutínio agora como nunca antes." Explicou Sachina. "Chamar atenção para qualquer um de nossos planos antes de seus cumprimentos apenas convida mais interferência daqueles que servem como cães de vigia à nossas atividades." Ela apontou para a cidade além dos muros. "Quem pode dizer que reação a Fênix terá? E se quiserem nos ajudar, como Yoyonagi diz? A ajuda deles essencialmente os levariam a controlar o vilarejo? Não podemos aceitar tal 'ajuda', da Fênix ou de qualquer outro."

O Campeão franziu-se. Ele ponderou o assunto por um momento e então rosnou. "Não revelaremos nosso trabalho a menos que sejamos pressionados a fazê-lo por outros. Dada a situação, parece que ninguém na capital ouvirá disso, mas nunca se sabe."

A expressão de Yoyonagi não mudou, mas Naizen podia ver a tensão vindo dela como ondas. O equilíbrio de poder entre seus representantes na corte era delicado, e Yoyonagi conservava sua liderança por experiência e incansável implementação de cada desejo seu. "Ao seu comando, Naizen-sama."

"Não podem haver falhas nisso," avisou Naizen. "Qualquer assunto a respeito dos recursos que estamos acumulando, qualquer sugestão de que qualquer um esteja ciente de nosso trabalho, será lidada com você pessoalmente, Yoyonagi. Não posso arriscar falhas."

Um leve sorriso riscou o semblante da cortesã, e um olhar correspondente de desgosto apareceu em Sachina atrás dela. Ainda assim, as duas mulheres e suas assistentes, um par de mulheres chamadas Yashinko e Minami, curvaram-se profundamente. Naizen sabia que não haveriam desvios de suas ordens. "A menos que tenham algo mais urgente, me dêem licença. Tenho assuntos de natureza mais delicada para cuidar."

As cortesãs reunidas não protestaram, mas curvaram-se e rapidamente saíram da câmara. Naizen aproveitou a pausa momentânea para beber da água fresca na garrafa de barro na mesa. Ele ouviu a tela de shoji atrás dele enquanto devolvia a garrafa à mesa. "Bem-vindos a Toshi Ranob," ele disse curtamente.

"Obrigado, Naizen-sama," um par de vozes disse por trás dele. Uma era dona de um forte sotaque, e a outra era pouco mais que um feminino miado.

Naizen virou sua face para os dois. Eles curvaram-se profundamente. "Naizen-sama," a mulher disse suavemente. "Campeão," disse o homem. Sua reverência era rude, e obviamente praticada. Essas eram suas maneiras, emular os costumes rokuganis o mais perfeitamente possível. Essa era a única maneira em que poderia sobreviver neste Império estrangeiro.

"Singh," disse Naizen, caminhando para frente e apertando o pulso do gaijin no estilo dos Reinos de Marfim. "O que acha da capital?"

"É bem maior que as cidades em suas ilhas, Naizen-sama," respondeu Yoritomo Singh diplomaticamente. "É um grande feito julgá-la de uma vez."

"Você terá muito tempo para isso," respondeu Naizen. Ele se virou para a esguia mulher ao lado de Singh. "Eihime, que notícias vêm do Centro Oriental?"

"Tudo está bem, meu senhor," respondeu a Moshi. "Seus barcos estão abastecidos e esperam sua conveniência. Os suprimentos pedidos foram entregues e estão a caminho do futuro lugar do vilarejo. Tudo está em ordem, como comandou."

"Muito bem," disse Naizen. "Houve alguma dificuldade com os amigos ronins de Shinjo?"

"Nenhuma," respondeu Eihime. "Foram muito práticos. Eles se mantêm e não nos incomodam, e deixamos que continuassem seus trabalhos enquanto quiserem. Houve um ronin que causou dificuldades próximas aos barcos. Terminou num duelo. Creio que ele não estava com o Vento Leste, porém. Creio que foi

uma tímida tentativa de nos manipular num conflito com eles." Ela franziu-se levemente. "Pouco importa agora."

"O que veio disso?"

"Kalani-san lidou com o assunto," respondeu Singh.

"Permanentemente," esclareceu Eihime.

"Acho difícil acreditar que não houve complicações posteriores," disse Naizen. "Espero que o desenrolar de nosso papel na batalha sejam mais... Significativo."

Eihime hesitou por um momento. Era algo menor, mas atípico para a shugenja, que normalmente tinha uma abundância de confiança. "Houveram visões do Perpétuo na costa, meu lorde."

"O Perpétuo," rosnou Naizen, fechando seu punho contra a mesa. "O que eu não daria para possuí-lo."

"Isso poderia ser possível," disse Eihime. "O custo seria considerável, porém."

"O Leão preferiria afundá-lo do que nos deixar tomá-lo," disse Naizen, afastando a idéia. "Perderíamos pelo menos uma dúzia de barcos e não ganharíamos nada."

"Independente disso, parece óbvio que o Leão espera incitar um confronto em mar aberto," continuou Eihime. "fazê-lo seria um ataque direto a nós no que é essencialmente nosso domínio."

"Temos uma palavra para tais indivíduos em minha língua nativa," observou Singh. "Aqueles que provocam conflitos para sanar suas hostilidades, mas também culpam conflitos novos em contra-partida." Ele franziu-se. "Não creio que possa ser traduzido."

"Se traduz," Naizen garantiu a ele. "A palavra é 'idiotas'."

"Se o Leão descobrir a construção do local, complicaria a situação consideravelmente," avisou Eihime.

"Perdoe-me, Naizen-sama," disse Singh. "Não compreendo o propósito de seu novo vilarejo. Parece algo... Supérfluo."

Naizen estranhou. "Você não está familiarizado com a história de nosso clã, ou ao menos não raciocinar por trás dela. Você se lembra por que Yoritomo primeiramente criou sua aliança?"

"Para provar sua força," Singh respondeu imediatamente. "Para provar o valor de seu povo aos arrogantes Clãs Maiores."

"Isso é parcialmente verdade, sim," respondeu Naizen. "Também é verdade que ele estava descontente com seus abandonos do dever postos diante deles. Os Clãs Maiores sempre foram as crianças favorecidas do trono, e em conseqüência dos Céus. Durante a Guerra dos Clãs, eles abandonaram suas fidelidades ao Império. O povo de Rokugan, o povo que fez possível a continuidade do Império, morria aos montes de guerras, fome e pragas, e os Clãs Maiores, exceto o Unicórnio, não faziam nada. Yoritomo considerou isso inaceitável, e tomou providências para garantir que as Terras Sombrias não garantissem uma vitória ao longo prazo mesmo que fossem esmagadas no Dia do Trovão."

Singh franziu-se. "Então isso tem haver com suas ações?"

"O trono está vazio, assim como ficou," disse Naizen. "E diferentemente do panorama da morte de Toturi I, não existem herdeiros claros para assumi-lo. O que houve durante a Guerra dos Clãs acontecerá de novo, isso é muito certo. Talvez dessa vez, possamos prevenir o caos que aconteceu."

"E nossa altruísta aderência ao dever deverá resultar num Mantis sobre o trono," adicionou Eihime friamente, "o melhor possível."

Naizen olhou friamente ao gaijin que jurou fidelidade ao seu clã. "Algo ainda o perturba, Singh. Não se preocupe. Fale o que pensa."

"Isso parece... Atípico," disse Singh depois de um momento de reflexão. "Em meu tempo em Rokugan, não achei que o Mantis fosse tão caridoso quanto este comportamento aparenta."

O Campeão do Mantis riu novamente. "Serve a nosso propósito em várias maneiras. Como Eihime disse, certamente nos põe numa posição privilegiada a respeito e impedir estratagemas políticos. Também nos permite estender nossa rede de mercadores, contatos e consumidores por todas as terras não faccionais com grande velocidade."

"Por que não usar as terras Tsuruchi ou Moshi?" perguntou novamente Singh. "Por que construir um novo vilarejo?"

"As terras Tsuruchi e Moshi são remotas de mais. Viajar para e delas seria difícil. Precisamos de um vilarejo onde nossos magistrados e tropas possam marchar e chegar rapidamente, assim que notícias cheguem de que elas são necessárias. Horitsu Mura, o Vilarejo da Lei, será esse quartel no Império setentrional."

Singh assentiu lentamente. "E quanto ao Império meridional? As Montanhas da Espinha do Mundo desacelerarão viagens de seu novo vilarejo."

Eihime sorriu. "Lorde Naizen tem planos para o Império meridional, não se preocupe."

"Singh," disse Naizen, "preciso que fique na capital e assuma seu lugar com os representantes da corte."

"Na corte?" disse Singh. "Aqui, na capital? Meu senhor, tem certeza?"

"Tenho." O tom de Naizen não permitia discordância. "Sua presença distrairá nossos oponentes de suas linhas normais de raciocínio. Suas principais objeções à nossa presença mudarão, e se tornarão seu status como gaijin. A Fênix não tolerará tais coisas, pois têm uma história de envolvimento com certas tribos Yobanjin."

"Eles têm?" Eihime estava incrédula. "Nunca ouvi de tais rumores, meu senhor."

"Fato, não rumor," insistiu Naizen. "Felizmente sua presença irá prevenir que nossos amados representantes fiquem muito comprometidos em suas discussões infantis. Eles são os mais talentosos que já tive na corte, mas me cansei de suas lutas internas constantes. A primeira vez que isso arrisca nossos planos na corte, desejo saber disso, Singh. Haverão repercussões."

Singh curvou-se. "Ao seu comando, meu Campeão. Se me permitir, me apresentarei a eles agora."

Naizen assentiu e esperou até o gaijin sair. Uma vez que a tela se fechou, ele tomou outro gole da água, e então olhou para Eihime. "Relatório," ele ordenou.

"Compramos mais três quartos de todas as posses mercantes das duas localizações que especificou, meu senhor," ela disse calmamente. "Agora controlamos um vasto número de negócios também, e uma vasta maioria da riqueza econômica dos dois lugares é nossa, apesar de Garça e Escorpião ainda não terem percebido isso."

"Excelente," disse Naizen. "A justiça é cara, afinal."

Eihime sorriu. "Dentro de um mês, a Ilha Lágrima em Ryoko Owari, e Mura Sabishii Toshi pertencerão ao Mantis. Você será capaz de levar a justiça a quem você quiser, Naizen-sama."

A Força de um Escorpião

Escrito por Bryan Yoon

Uma chuva leve começou a cair sobre o Vilarejo do Viajante Amigável nas primeiras horas da noite. Densas nuvens corriam o céu, anunciando uma tempestade maior por vir. Pessoas esvaziavam as ruas, rumando para suas casas para escapar do furor da natureza em trabalho. No coração do vilarejo mercante, a porta da maior casa de sake da cidade se abriu. Hida Atsumori caminhou para fora da construção sozinho. Ele era grande e bem musculoso, como a maioria da classe guerreira do Caranguejo, e sua face severa parecia desacostumada a riso ou zanga. Ele olhou para o céu nublado, zangou-se e então mexeu sua cabeça. Depois de um momento de deliberação, o Caranguejo caminhou na chuva descoberto e rumou para a rua principal. Apesar de ter passado horas dentro da casa de sake, ele movia-se sem a menor impressão de inebriação em seu andar.

Ele continuou pela rua vazia, fazendo seu caminho em direção à sua casa. Cada centímetro dele estava encharcado pela chuva torrente que ele ainda parecia não notar. Quando os efeitos da bebida o atingiram, ele se apoiou ao lado de uma construção e esperou até recuperar seu equilíbrio. O som ensurdecedor da chuva ecoava em seus ouvidos, e ele fechou seus olhos. Ele não podia superar os gritos dos camponeses queimando que ainda dominavam suas mentes.

Durante o passar de dois meses, Atsumori conduziu vários ataques às terras meridionais do Escorpião como retaliação aos seus ataques ao seu senhor. Era uma causa justa e ele havia executado suas ordens com usual eficiência. Sim, foi o movimento correto; o Escorpião aprendeu uma lição. Atsumori mexeu sua cabeça para limpar sua cabeça dos pensamentos desagradáveis que o infestavam.

De repente, uma voz cortou suas revelias. "Saudações, Hida-san. Uma amável noite para um passeio," veio uma voz por trás. Atsumori abriu seus olhos e se virou, suas mãos instintivamente indo para sua katana. Atsumori não esperava violência no meio da cidade, mas viver na fronteira com as Terras Sombrias lhe ensinou a esperar perigo mesmo nos mais incomuns lugares. O estranho era um ronin magro e mal vestido. Apenas seu enigmático sorriso era visível sob a aba de um grande jingasa. A katana ao seu lado estava atada por um laço de paz, e suas mãos estavam vazias.

Talvez a bebida tivesse alterado suas percepções, mas Atsumori não podia negar a sensação de que o ronin era perigoso.

"Está bêbado, garoto?" cuspiu Atsumori. "Deixe-me antes que sua loucura infecte meu espírito."

O estranho se aproximou, seu sorriso nunca cessando. "Temo que isso não seja possível, Hida-san. Na noite anterior, você nos presenteou com histórias de seu valor heróico. Devo confessar que vim para entretê-lo para mais histórias."

Atsumori pausou. Suas lembranças da noite pareciam mais como o passado distante do que uma memória recente. Mesmo através de seus turvos pensamentos, ele não podia se lembrar de tais contos. Teria ele falado erroneamente? "O que quer dizer?" ele rugiu suspeitamente.

"Porque," continuou o ronin, "você é Hida Atsumori, gunso sob o comando de Hida Kisada. Você derrota vilões e destrói escórias em seu benefício. Mata camponeses e queima vilarejos desprotegidos. Tal heroísmo valioso não deve passar sem ser recompensado."

A face de Atsumori se avermelhou. "Como ousa zombar de mim? Não me testes mais ou lhe ensinarei uma lição que nunca esquecerá!" nas profundezas de sua ira, Atsumori esqueceu de pensar sobre como o ronin descobriu seus deveres.

"Permita-me lhe conceder este favor primeiro, Atsumori-san," continuou o es-

tranho. "Nunca subestime o alcance da vingança do Escorpião. Sou Yumita, o Escorpião Negro, e vim testemunhar sua morte."

Antes que Yumita pudesse terminar sua frase, Atsumori saltou para a ação. Ele agarrou o cabo de sua katana e sacou sua espada com a velocidade de um relâmpago. Yumita simplesmente ficou parado e olhando o Caranguejo que se aproximava. Atsumori puxou seus braços para perfurar sua espada em seu inimigo.

Do canto de seu olho, Atsumori viu um vulto cair do telhado de uma casa próxima. Tudo parou numa dor ofuscante em suas costas, e ele caiu ao chão. Ele sentiu uma leve mão em seu ombro, e com força enganadora o segundo atacante saltou de suas costas.

O fôlego de Atsumori engasgou-se em sua garganta enquanto se esforçava para respirar, para agarrar-se aos seus últimos momentos de vida. Uma pequena e magra garota com um pequeno pano cobrindo sua boca se soltou dele. Ela olhou em seus olhos com satisfação. Atsumori tentou manter seu olhar fixo em seus assassinos, mas estava ficando cada vez mais difícil se mover.

"Devemos mover o corpo?" ela perguntou, olhando de volta para Yumita. Ela tirou o sangue de sua espada com um movimento casual.

Yumita mexeu sua cabeça. "Servirá de aviso. Seu ataque foi desastrado, mas você aprenderá com experiência. Venha, nosso trabalho aqui ainda não terminou."

Atsumori se esforçou para ouvir as vozes que sumiam de seus ouvidos. O som das gotas de chuva que caíam em volta dele era a única coisa que conseguia ouvir. Logo, ele não podia ouvir nada.

Bayushi Paneki sentou-se imóvel sob o telhado de um gazebo no meio de seu jardim de areia, seu olhar fixo na calma que o cercava. A chuva caia formando uma cortina sobre o resto do mundo. Seus guardas esperavam imóveis no canto do jardim. A chuva lentamente alterava a construção de areia. Paneki não era um homem de filosofia, mas ele contemplou silenciosamente a maneira em que o fluxo da água desfez o cuidadoso trabalho que seus jardineiros levaram horas para completar.

Um passo suave atrás dele denunciou a presença de outro. "Conte-me de seus esforços no sul, Tsimaru," disse Paneki sem preâmbulos.

Bayushi Tsimaru veio ao seu lado e curvou-se profundamente. Tsimaru era um homem com recursos que servia com inquestionável lealdade e astúcia. Ele sabia dos recursos ocultos do Escorpião e como lidar com eles. Com a morte de Yudoka, Paneki dava ao astuto Escorpião mais e mais responsabilidades. Para o agrado de Paneki, Tsimaru nunca falhou para com ele.

"Nossos agentes começaram a retaliar os ataques do Caranguejo na fronteira sul," disse Tsimaru. "Muitos gunsos do Caranguejo agora estão mortos. Kisada continua a repelir nossos esforços; assim, ordenei que parassem se insistir no Grande Urso. Nossos homens se concentrarão naqueles que o seguem, se isso não lhe desagradar."

"Lhe dei liberdade total sobre esta situação, Tsimaru. Você tem meu total apoio."

Tsimaru hesitou por um momento. "Paneki-sama, se o Caranguejo nos atacar com força total, eles acharão nossas defesas fracas. A escassez nos deixou arruinados e desnutridos, e quando o Caranguejo queimou vários de nossos vilarejos apenas exacerbou a situação. Não seremos capazes de impedir seus exércitos."

Paneki assentiu. "Eu sei. Ainda assim o Caranguejo espera que reajamos de alguma maneira às suas transgressões, ou saberão de nossa posição enfraquecida. Devemos manter uma impressão de força, ou não hesitarão em nos atacar."

"Sim, meu senhor," respondeu Tsimaru. "Nossos ataques em suas terras devem provocar um ataque independentemente disso."

"Este será seu dever," disse Paneki. "Você deve garantir que o Caranguejo tema nossa força, mas sem nos colocar numa posição irremediável."

"Como ordenar, Paneki-sama," disse Tsimaru. Ele curvou-se mais uma vez e então deixou o Campeão às suas reflexões.

Paneki se levantou e se virou para o portão do jardim. Os guardas deixaram mais de seus compromissos no jardim. Dois homens imaculadamente vestidos caminharam pelo gazebo, protegidos da chuva por pequenos guarda-chuvas. Ambos eram homens jovens; um movia-se com leves mancadas e se arrastava atrás do outro. O homem da frente era Bayushi Hisoka, um cortesão que ganhou muita influência nas terras da Garça. Shosuro Jimen vinha atrás. Eles baixaram seus guarda-chuvas quando chegaram à cobertura do gazebo e curvaram-se profundamente. Paneki os cumprimentou com um rápido aceno.

"Boa noite, Paneki-sama," disse Hisoka suavemente. "Preparei a informação que pediu à cerca de nossos suprimentos."

"Quais são as notícias da capital?" perguntou Paneki.

Jimen falou com sua cabeça curvada. "Meu senhor, o Khan falhou em seu ataque. Ele conseguiu quebrar os muros do palácio. Kaneka em pessoa moveu-se para interceptá-lo no campo de batalha, e a Fênix chegou e parou a luta com a força de sua magia."

Hisoka assentiu. "O golpe do Khan falhou, então. Quem reclamou a sua vida?"

"Ele vive," disse Jimen. "Kaneka está morto, e Chagatai recebeu seguro retorno gratuito às suas terras."

Paneki olhou para Jimen. "Diga-me como isso aconteceu."

"A Fênix preveniu mais derramamento de sangue dentro da cidade, e seus decretos foram cumpridos por providência do Dragão do Fogo que acompanhava suas forças. O Campeão do Leão garantiu ao Khan passagem de volta, e anunciou que ele o mataria dentro de um ano."

Paneki assentiu. "Tal pai, tal filho, então."

"Assim parece." Jimen hesitou por um momento. "Meu senhor, devo reportar que Bayushi Kaukatsu pereceu na batalha. Os relatos de sua morte são meio... Incomuns."

Apesar de servir ao Mestre dos Segredos por anos, Jimen nunca viu Bayushi Paneki sem palavras, mesmo que por um momento. Paneki se recompôs rapidamente, franzindo-se profundamente. "Kaukatsu foi um bom homem. Demorará muito tempo para recuperar sua influência e conexões."

"De fato, meu senhor." Respondeu Jimen. "A Garça verá a morte de Kaukatsu-sama como uma ferida fatal em nosso lado. Eles rapidamente se adiantarão na tentativa de ganharem poder, e talvez até mesmo superar nosso domínio na corte."

"Eles nos vêem como fracos, diante da morte dele," adicionou Hisoka. "Devemos reunir as forças que temos e imediatamente apresentar uma demonstração de força a nossos inimigos. Eu ajudaria a mostrar a eles de bom grado."

"E quanto a nossos suprimentos?" perguntou Paneki.

Hisoka baixou seus olhos. "Ainda temos que nos recuperar de nossa escassez, meu senhor. Mesmo com tudo que podemos tirar de todas as nossas fontes, ainda estamos seriamente prejudicados. Não temos recursos para manter uma guerra."

Antes que Paneki pudesse responder, os sons de luta alcançaram os três. Bayushi Kwanchai estava no portão diante do jardim, seu caminho bloqueado pelos guardas do campeão. Kwanchai estava repleto de bandagens e visivelmente fraco, mas nada o impediria de seu objetivo. Ele ignorou os esforços dos guardas em pará-lo e passou por eles. Ele foi para Paneki e rapidamente cruzou o jardim, alheio ao temporal. Seus olhos avermelhados eram selvagens com uma paixão que fizeram Jimen e Hisoka recuarem do homem. Quando ele os alcançou, ele caiu prostrado aos pés de Paneki.

"Me desculpo por me apresentar perante você assim, Paneki-sama," disse Kwanchai. "Mas não podia esperar mais."

Paneki afastou os guardas com um rápido gesto. "O que lhe atribula, Kwanchai?"

Kwanchai pegou as espadas ao seu lado, e os guardas se tencionaram. Ele colocou as espadas diante dele e curvou sua cabeça. "Jurei proteger Kaukatsu-sama quando ele me escolheu para yojimbo na Corte Imperial. Não pude fazer nada para prevenir sua morte. Minha vida está acabada. Por favor, meu senhor... Puna-me por minha falha."

Paneki caminhou em direção a Kwanchai. "Você diz que sua vida está acabada agora que falhou, Kwanchai?"

Ele não respondeu, mas esperou, seu olhar fixo ao chão.

"Já que você fica em silêncio, então responderei em seu lugar," continuou Paneki. Jimen nunca ouviu tanto perigo na voz de Paneki antes, e se lembrou da reputação de Paneki como assassino brutal antes dele receber o Campeonato. "Sua vida foi perdida no momento em que se tornou um Escorpião."

"Falhei em meu dever de proteger Kaukatsu-sama," repetiu Kwanchai.

Paneki mexeu sua cabeça. "Sua vergonha é irrelevante. Você é uma arma valiosa e seus seguidores confiam em você com fanático fervor. Quando deixar de ser útil a mim e ao clã, deixarei que faça o que deseja. Até lá, você servirá."

Kwanchai hesitou por um longo momento. Ele finalmente assentiu e levantou sua cabeça. "Sim, meu senhor."

Paneki se virou para Jimen. "Jimen, você retornará para Toshi Ranbo e representará nossos esforços na Corte Imperial. Seja vigilante. Não podemos permitir a nossos inimigos qualquer chance de abalarem nossa posição social."

Os olhos de Jimen brilharam com interesse. "Sim, Paneki-sama."

Os olhos de Paneki se concentraram em Hisoka. "O trono está vazio de novo. O Campeão de Esmeralda está morto. Não podemos deixar que qualquer outro clã acumule poder deixado na ausência."

Hisoka assentiu. "Ajudarei Jimen em seus deveres de apresentar a nossos inimigos com todo nosso poder político e semear discórdia entre os outros clãs. Ninguém ousará subestimar o Escorpião diante de nosso poder."

Paneki olhou para os três em resposta. Arrepios correram as costas de Jimen enquanto via o inconfundível olhar predatório nos olhos de seu Campeão. "Somos o Clã dos Segredos," disse Paneki. "Nos recuperaremos, e o Império sentirá a força do Escorpião novamente."

O Retorno Para Casa

Escrito por Brian Yoon

Nuvens de poeira espiralavam-se no ar anunciando o retorno do exército Unicórnio muito antes que alcançassem a fronteira. Shono ordenou um estado de

vigilância intensa para o exército Junghar e seus homens patrulhavam toda a fronteira do Leão com o Unicórnio. Na ausência tanto da Khol quanto da Baraunghar nas terras do Unicórnio, ele não se sentia seguro. Quando os batedores viram os sinais de centenas de pessoas se movendo pelas terras do Leão, eles imediatamente enviaram notícias ao general responsável. Ele ordenou a maioria de suas forças para onde previu que o exército invasor se aproximaria da fronteira Unicórnio. Depois disso, tudo que podiam fazer era esperar.

Shono caminhou para fora de sua tenda na segunda manhã e olhou para o leste. A nuvem de poeira da estrada se aproximava, e ainda assim nenhum sinal dos próprios homens se apresentava.

"Você parece preocupado," veio uma voz por trás de Shono.

Ele não se virou ao interlocutor. "Com boa razão," respondeu Shono. "Não tivemos notícias da marcha do Khan por muito tempo. E como um dos Três Generais, deveria receber constantes avisos das outras cabeças de nossos militares." Ele pausou, então virou-se para seu amigo, e ofereceu uma mão a ele em saudação. "Claro, não preciso lhe lembrar disso, Chen-san."

Moto chen sorriu largamente. Ele se dirigiu à frente e apertou a mão de seu amigo pelo pulso, como era de costume deles. "Não se preocupe comigo. Já me satisfiz dos meus desejos no passado. Não tenho arrependimentos pelo que houve; afinal, isso pôs minha vida num novo caminho e me abençoou com uma família amável."

Shono levantou uma sobrancelha. "Me desculpo se causei a impressão errada. Estava falando sobre sua promoção. Você a confunde por pena?"

Os dois homens concordaram. Eles certamente tinham uma amizade incomum, pensou Shono. Ele substituiu Chen como general do Exército da Esquerda quando Chen renunciou à posição. Chen nunca se mostrou empolgado pela sua promoção. Eles tinham discordâncias antes da queda de Chen, e se encontravam em reuniões importantes, mas nunca se falavam. Depois de sua desgraça, isso rapidamente mudou. Eles enfrentaram várias dificuldades ao longo dos anos, eles riam juntos, lutavam juntos e defendiam suas famílias juntos. Agora havia um forte laço entre os dois que era baseado em amizade e respeito. Agora eles eram quase irmãos. Talvez ambos tenham sido afetados, mas não por suas ações, isso os permitia tal fácil amizade.

O riso sumiu, e olhos de Chen se encontraram com os de Shono. "Minha confiança não parece lhe alcançar."

"A Baraunghar luta com a Khol. Nossos mais brilhantes e mais fortes shugenjas viajam com nosso senhor. Se ele assim desejasse, ele poderia ter sinalizado uma dúzia de vezes até agora. O fato é que ele não o fez..." Shono mexeu sua cabeça. "O plano do Khan era muito ambicioso. Esse longo silêncio me preocupa."

"O que você acha que aconteceu, então?" Chen perguntou com uma carranca em sua face.

"Eu não sei," respondeu Shono. Os dois ficaram em silêncio e olharam juntos para longe. "Não sei se isso é um exército Unicórnio vitorioso vindo em nossa direção ou um do Leão conduzido pela vingança."

"Uma coisa é certa, meu amigo," disse Chen. "De um jeito ou de outro, o horizonte lhe trará as notícias dos feitos de nosso Campeão. Só espero que as notícias não causem nossa destruição." Chen olhou para Shono. "Se o Khan pereceu, poucas pessoas têm a autoridade para nos liderar como você."

Shono mexeu a cabeça. "Sou muito velho para liderar e muito áspero. Você o faria melhor, eu creio."

"Um homem desgraçado como eu?" estranhou Chen.

A esse momento, Shono não estava mais escutando. Sua atenção dirigida à figura galopante em frente dele. A mulher montava seu cavalo pelo campo com pouca preocupação com as pessoas ao seu redor. Apesar de incontáveis samurais pedirem informações da batedora, ela fez seu caminho ao general sem parar. Shono olhou firmemente à batedora enquanto se aproximava. Era Shinjo Loruko, uma batedora que confiava em cumprir seu dever. Ela foi enviada para o fundo das terras do Leão mais que qualquer outro. Ela não desmontou, mas parou seu cavalo próximo aos dois homens. Ela curvou-se o mais baixo que sua posição permitia.

"Shono-sama!" ela gritou. "Nossos exércitos retornam!"

"O Khan está a caminho?" respondeu Shono fortemente.

Loruko hesitou. "Sim, mas... Venha, Shono-sama, você deve ver com seus próprios olhos."

Shono e Chen rapidamente montaram e seguiram Loruko enquanto ela corria novamente pelo campo para o leste. Eles subiram à grande colina próxima o campo. A batedora passou uma luneta a Shono, e o general rapidamente desenrolou o artefato e olhou para a massa que se aproximava.

A bandeira do Khan tremulava da estrada enquanto o exército Unicórnio fazia seu caminho por suas terras. Milhares de soldados do Leão marchavam em ambos os lados do exército Unicórnio, escoltando e ameaçando o comboio. Shono não podia ver fim na massa de inimigos no horizonte.

"Oh, misericordiosa Lady Shinjo..." respirou Chen.

Shono virou-se para os outros batedores a postos. "Cavalguem para o norte o mais rápido que puderem e enviem notícias de que nossas forças guardam as fronteiras. Eles devem se juntar a mim aqui para encontrar esta força. Eles não ousarão nos atacar quando nossas forças estão aqui, mas devemos estar preparados. Vão! Agora!"

Os jovens homens e mulheres rapidamente subiram em seus cavalos, se espalhando em diferentes direções para tomarem três caminhos diferentes ao norte. Shono e Chen compartilhavam de um olhar de preocupação sem palavras.

Por favor, pensou Shono, Que ele esteja vivo.

Demorou outra hora para que os exércitos mudassem de distantes pontos no horizonte para milhares e milhares de soldados. Até então, Shono reuiniu um quase mensurável contingente da Junghar no ponto de encontro. Unidades de soldados prontos para a batalha esperavam sem se mover junto à fronteira enquanto as forças do Khan e suas escoltas do Leão se aproximavam. Eles permaneciam como uma resposta à visível ameaça Leão. Shono apenas rezava para que fosse o bastante para desencorajar o ataque do Leão por agora. Os Leões eram bem menos numerosos, e qualquer ataque seria quase certamente resultaria na completa destruição do acampamento Junghar.

Quando Shono não podia esperar mais, ele ordenou sua guarda para ficarem com o resto do exército. Sozinho, ele foi em direção à bandeira do Khan. Milhares de forças armadas esperavam em ambos os lados enquanto ele cavalgava as longas planícies entre os dois. O Leão o olhava enquanto ele se aproximava mas sem tentativas de interferirem em seu plano.

Shono sentiu uma leve onda de alívio quando viu o cavaleiro liderando a procissão Unicórnio. Moto Chagatai, o Khan, praguejava e esperava para que ele se aproximasse. Shono o examinou rapidamente, seu olho de jade brilhava com magia ao ver seu senhor. Ele parecia não ter maiores ferimentos exceto por uma de suas pernas, que estava intensamente estancada de joelho a virilha. Parecia uma simples ferida primeiramente, mas o olho de jade de Shono contou uma história diferente. O olho de jade via traços do toque dos kamis recentemente. O fato que podia ver traços de seus esforços, sabia Shono, dizia que a perna esteve sujeita a poderosos feitiços mágicos.

Shono parou seu cavalo próximo ao seu Campeão e curvou-se profundamente. Chagatai apenas assentiu em resposta. "Chagatai-sama," disse Shono, "Guardei as terras do Unicórnio em sua ausência como comandou." Ele começou a continuar, mas parou quando notou uma samurai-ko do Leão e os guardas dela aproximarem-se em par. Shono a reconheceu como a daimyo da família Matsu, Matsu Kenji, uma intensa jovem mulher e talentosa guerreira.

"Escoltamos pacificamente você e seus homens por nossas terras, como juramos fazer," disse Kenji. "Nossa obrigação agora terminou. Sugiro que se apresse e se arraste por suas terras."

A expressão de Chagatai se enegreceu. "Não pense nem por um momento que você escapou de meu alcance, garota," ele disse. "Não hesitarei em silenciar um gato irritante."

"E eu não hesitarei," respondeu Kenji, sua face estóica com uma resolução mortal, "em lhe cortar em dois se escolher trair o Império de novo."

Chagatai virou-se a ela. "Então me ataque, se ousar." Sua voz estava perigosamente desprovida de emoção.

Repentinamente, Kenji riu abertamente e curvou-se levemente o bastante para reconhecer o status pessoal de Chagatai. "Perdoe-me. Esqueço-me de meu lugar. Chagatai-sama, entrego-lhe aos seus oficiais. Simplesmente lhe lembro de que o tempo não está mais ao seu lado. Um ano, meu senhor." Com isso, ela partiu.

Chagatai e Shono esporaram seus cavalos em trote, e a procissão do Unicórnio rapidamente seguiu. Os soldados do Leão ficaram em perfeita formação e olharam sua partida. Shono esperou até que passassem do alcance auditivo dos Leões e se virou ao seu senhor mais uma vez.

"Meu senhor, o que houve em Toshi Ranbo? O que aconteceu aos seus planos?"

"Meu ardil falhou," disse Chagatai calmamente. "O Leão se moveu do fronte do Dragão para assegurar a cidade pouco antes de nossa chegada, e neutralizou grande parte do elemento surpresa. Nossos aliados no Mantis foram legítimos, mas isso não foi o bastante. Meus homens lutaram bem, e talvez teríamos ganho o dia não fosse a chegada da Fênix. Eles tomaram a Cidade Imperial com a ajuda do Dragão do Fogo e declararam paz." O velho guerreiro pausou por um momento. "O Shogun está morto," ele disse secamente. "Eu o matei no campo de batalha, como disse que o faria." Não havia felicidade ou orgulho em sua voz.

"A que aquela mulher estava se referindo? O que acontecerá em um ano?"

Chagatai cuspiu no chão próximo a ele. "O moleque Yoshino prometeu juntar suas forças e incendiar Shiro Moto dentro de um ano." Ele olhou para Shono. "Lhe dou este dever. Você deve estar ponto para defender nossas terras desse risco. Usei minhas alianças e influências para fazer este ataque possível. Devemos começar de novo, se quisermos chance de sobrevivência aos meses seguintes."

Shono franziu-se. "A Imperatriz não permitirá que você reúna tal poder novamente."

Chagatai olhou de volta calmamente. "Kurako está morta. Sezaru e Kaneka estão mortos. A Dinastia Totura caiu."

Shono parou, mudo.

"Apesar do fracasso de minhas ações, há um grande caos no horizonte. Devemos estar prontos para ele. Você protegerá a fronteira enquanto reunimos nossas forças políticas e econômicas."

"Não será uma investida fácil," avisou Shono. "Eles se lembrarão deste inver-

no, e do que ousou fazer. Teremos sorte se não vierem nos destruir por nossa audácia."

"O que eles se lembrarão," disse Chagatai calmamente, "é que ousei sonhar com um império estável. Eles se lembrarão que quando o trono estava vazio, eu tive a força para agarrá-lo com minhas mãos. Eles se lembrarão da força do Unicórnio, e pararão."

Shono olhou para os Leões reunidos e uma fina garoa caiu em suas costas. "Se quisermos ter chance de vitória contra o Leão, devemos utilizar nossas forças contra eles. Eles são muito numerosos para lutarmos individualmente numa batalha. Devemos lançar ataques, retirar, então repetir antes que possam se recuperar de nossas investidas." Ele olhou para seus homens e os pensamentos corriam por sua mente. "Ao menos o terreno estará a nosso favor, se os números não estiverem. Podemos contar com as forças da Baraunghar para invocar os kamis nesta tarefa?"

Chagatai olhou para longe. "Lixue está morta, e seu exército foi quase completamente destruído na batalha. Apenas um décimo ainda vive. A Khol está gravemente ferida também. Talvez em metade de sua força."

Shono empalideceu. "Tantas perdas..."

O firme olhar de Chagatai se fixou sobre Shono. "Devemos confiar na força da Junghar para guardar nossas fronteiras. Devemos confiar em sua força."

Shono assentiu lentamente. "O Leão não encontrará uma marcha fácil. Conheço meus homens. Os faremos pagar por cada centímetro que andarem em nossa terra natal." Ele olhou de volta aos olhos de Chagatai. "Lhe juro que Yoshino se arrependerá de seu orgulho. O pivete nunca enfrentou a astúcia de um guerreiro experiente. Quando vier, ele enfrentará minha fúria. Ele não chegará a Shiro Moto enquanto eu viver."

Juramentos

Escrito por Shawn Carman e Rusty Priske

O crepúsculo era a hora mais perigosa no topo da Grande Muralha Kaiu. Durante a noite era impossível ver mais do que a uma dúzia de metros para dentro das Terras Sombrias, mas um guerreiro treinado do Caranguejo sabia depender de seus outros sentidos em tal situação. Podia-se ser treinado para ouvir mesmo os mais discretos sussurros do movimento do inimigo pelas trevas. Podia-se aprender a sentir a presença de um demônio espreitando no canto das sombras. Podia-se até mesmo aprender a sentir o gosto de sangue no ar, caso houvesse um ataque no meio da noite. Na luz ofuscante, porém, os olhos traíam os outros sentidos. Era quase impossível treinar um homem para ignorar o que podia ver em favor de outra coisa.

Hida Dayu trocou o ono que carregava em sua mão esquerda para a mão direita, incansavelmente procurando o horizonte sul por sinais de atividade. As Terras Sombrias haviam estado quietas ultimamente, e como todo Hida, ele aprendeu a odiar os períodos de inatividade que aconteciam às vezes; eles quase sempre precediam um ataque massivo. Dayu fechou seus olhos contra o enlouquecedor tom âmbar do céu, seu instinto guerreiro levando-o a procurar qualquer detalhe, qualquer inconsistência. Algo suspeito estava esgueirando-se pelo solo morto, ele podia sentir. Ele resistiu ao impulso e apertar seus dentes em frustração à espera.

Mais de uma hora se passou enquanto Dayu ficava virtualmente imóvel na seção do topo da Muralha que cabia a ele defender. Ele periodicamente olhava para os sentinelas para sua distante esquerda e direita, mas era distância demais para ver se eles sentiam a mesma tensão que eles. Ele começou a sentir medo de que estava ficando paranóico quando, menos que a uma hora antes do cair completo da noite obscurecesse tudo ao seu redor, ele ouviu o sentinela à sua direita gritar.

"Movimento nas árvores!"

Dayu correu ao limiar e olhou, apertando os olhos e xingando as condições. Ele podia distinguir os movimentos, assim como o sentinela havia dito, mas os alvos eram pequenos demais, muito menores que qualquer oni que já havia visto na muralha que se lembrasse. Ele se virou de volta aos pequenos quartéis atrás da Muralha, um dos muitos que dominavam a área. "Preparem os arqueiros!" ele gritou. Ele ergueu seu ono e esperou, ciente do som dos homens se posicionando atrás dele. Se os inimigos vazassem a Muralha, se ele caísse, ele sabia que os onis seriam dilacerados pela rajada de flechas poucos momentos depois.

Dayu se juntou a mais dois sentinelas, e então outros seis, enquanto as figuras das árvores lentamente se aproximavam. Apesar da pouca luz, enquanto se aproximavam, eles se tornavam mais distintos, e foi então que Dayu percebeu que eram homens, três, todos usando rasgados e quebrados restantes de roupas do Caranguejo. Todos os três cobertos de sangue e claramente feridos também, algo que fez Dayu titubear; mesmo se esses homens ainda estivessem em seus juízos, as chances de que suas feridas os tornassem Maculados eram bem altos. "Alto!" gritou Dayu. "Se são Caranguejos, como parecem, vocês sabem que não podem prosseguir!"

Os três pararam. O da frente olhou para cima à Muralhaa, parecendo quase confuso primeiramente. "Chegamos," ele tossiu por um momento, suas palavras carregadas na suave brisa noturna. "Irmãos, conseguimos."

"Quem são vocês?" gritou Dayu. "Identifiquem-se!"

O líder ergueu um pacote de pano em suas mãos trêmulas. O pano estava tão ensangüentado e sujo quanto suas roupas. "Sou Kuni Daigo," ele gritou, sua voz agora mais forte. "E vim para compartilhar com meu Campeão o conto da morte de seu irmão."

Apesar da alta hora, havia pouco espaço vazio dentro da câmara de audiência do Campeão do Caranguejo. Oficiais e atendentes de todo Kyuden Hida e cercanias souberam, como que por magia, que sobreviventes da marcha dos Malditos retornaram, e todos queriam ouvir o que aconteceu.

Kuni Daigo e dois homens que o seguiam, chamados Hida Kengo e Hida Tsubaru, ficaram esperando para que seu Campeão falasse. Os três receberam roupas limpas para que não adentrassem a câmara do Campeão com seu sangue e sangue dos outros, mas, apesar disso, eles estavam exatamente como estavam quando emergiram das Terras Sombrias.

Hida Kuon não falou por vários momentos. Ele se sentou no grande assento de pedra que era designado apenas ao Campeão do Caranguejo, e olhou aos três homens sem expressão pelo que pareceu ser horas. Sua esposa Reiha ficou ao seu ombro, sua expressão inescrutável. Finalmente, Kuon falou. "Digam-me o que houve a aqueles que caminhavam com vocês."

Daigo assentiu lentamente. "Sob o comando de seu... Kyofu," ele disse cautelosamente, "os Malditos marcharam ao sul pelas Terras Sombrias, destruindo qualquer coisa viva ou não viva que encontramos. Goblins, trolls, ogros, onis, nada era poupado. Marchamos por dias sem descanso significativo, seguindo os mapas concedidos pelo Imperador Toturi III que nos levavam à Cidade dos Perdidos. Muito antes então, alcançamos o obstáculo que os Hiruma chamam de Muralha de Ossos."

Kuon assentiu. "A sátira de Daigotsu à nossa Muralha."

"Talvez mais funcional que ela, meu senhor," ofereceu Daigo. "Ao chegarmos, descobrimos uma grande força dos Perdidos defendendo a muralha contra um exército de onis. Kyofu examinou a situação, e nos comandou a atacar o flanco traseiro dos onis."

Houve um murmúrio pela câmara, mas Kuon o silenciou com um leve movimento de sua mão. "Os Perdidos ou os demônios," ele disse calmamente. "Esta escolha nenhum Caranguejo deveria fazer. Isso não prova nada dos motivos de Kyofu, nem sua lealdade ou sua traição. Continue."

"Há pouco mais a dizer," admitiu Daigo. "A batalha foi... Itensa. Homens e mulheres morreram ao meu lado. Demônios pereciam aos montes. Dentro de momentos, o chão estava coberto por um pântano preto e escarlate. Vi coisas... Coisas que nunca poderia... Que não posso..."

"Acalme-se," disse Reiha suavemente. "Quem estava com Kyofu na batalha?"

"Eu, minha lady." Hida Kengo caminhou para frente.

Kengo baixou sua cabeça. "Ele não sobreviveu, minha lady. Trouxe sua espada, a espada que você deu a ele para carregar, como ele pediu antes da batalha. Trouxe-a a Daigo e a protegi desde que retornamos, como Tsubaru."

Reiha assentiu. "O que pode nos dizer da morte de Kyofu?"

O céu pareceu rolar enquanto nuvens negras corriam pelo campo de batalha. O solo estava tão encharcado de sangue e rachado pelos impactos dos poderosos onis que céu e solo pouco se separavam um do outro. Kengo gritava e ria e se lamentava, um após o outro. Ele recorreu à ira dentro dele, abraçando-a como uma amante. Era sua âncora, um familiar santuário vermelho que o impedia de perder sua mente pois tudo estava quebrantado ao seu redor. Ele matou de novo e de novo, não sentindo as ondas de sangue que corriam sobre ele, sem notar que sua carne era rasgada de novo e de novo pelas garras de seus inimigos.

Kyofu rugiu como um deus louco e saltou sobre uma eólica forma serpentigenosa entre os Caranguejos. Mesmo enquanto uma dúzia de homens perecia à coisa, Kyofu encravou sua espada em sua massa. A coisa gritou, sua voz estranhamente feminina, mas não houve efeitos apreciáveis além de um líquido espesso que deveria ser sangue. Os quatro braços da coisa golpearam Kyofu, desfazendo sua armadura em tiras de carne que voavam dele como insetos fugindo de uma recente morte. Kyofu golpeou de novo, arrancando um dos braços do demônio, e dessa vez seu grito foi inconfundível. Ela o acertou no peito com os chifres sobre sua cabeça, arrancando um pedaço de víscera das costas do homem-feito-demônio. Ele gritou em dor e cólera, e então se aproximou, prendendo a garganta da criatura em suas garras e rasgando como uma besta faminta.

Kyoso no Oni berrou enquanto tirava Kyofu de seu corpo, dividindo-o em dois ao fazê-lo. Então ela lançou dois outros Caranguejos, errando Kengo por pouco, e fugiu, rios de sangue escorrendo das terríveis feridas que Kyofu causara. Kengou a seguiu por uma curta distância, mas ela era muito rápida, e outros de seu bando bloquearam seu caminho. Ele matou um, e então outro, e outro, e outro.

A morte estava ao redor dele

"Então Kyufo está morto," disse Kuon. Sua voz não trazia emoção, nem arrependimento. "Ele cumpriu seu voto como disse. Ele retornou a espada dada a ele. Mesmo que não alcançasse a Cidade dos Perdidos, sua morte foi honrada. Ele será lembrado como um Caranguejo, pois é dever de um Caranguejo e como ele o cumpre é o que determina seu valor, e não quais pecados são redimidos por ele."

"Há mais," disse Daigo suavemente.

Kuon ergueu uma sobrancelha. "Continue."

"Apesar de sua morte, não abandonamos a ordens de Kyofu," continuou o shugenja. "Uma vez que Kyoso no Oni fugiu, suas forças ficaram em desarranjo, e foram derrotadas. Os poucos de nós que sobreviveram se viraram para os Perdidos, mas eles se foram."

"Se foram?" Exigiu Reiha.

"Desapareceram do conflito," confirmou Daigo. "Pensamos em persegui-los, e continuamos à Cidade dos Perdidos." Ele pausou, franzindo-se. "Estava abandonada, meu senhor. Havia pouco além de poucos goblins e outras criaturas que fizeram residência no que obviamente era uma cidade vazia."

"Abandonada?" rugiu Kuon. "O que quer dizer, abandonada?"

"Os Perdidos se foram, meu senhor." Disse Daigo secamente.

Dessa vez, Kuon não tentou aquietar os rumores. Sua esposa olhou para ele em confusão. "O que isso pode significar?" ela perguntou. "Por que os Perdidos abandonariam a cidade?"

Kuon mexeu sua cabeça lentamente. "Eu não sei," ele disse depois de um momento de consideração. "Sei apenas que meus instintos me dizem que é um perigo maior do que o que podemos saber por agora."

Kuon procurou o manuscrito, olhando apenas para os números que continha. Ele o jogou para o lado e pegou o próximo. O que achou neste não acalmou sua mente mais que o primeiro. Também achou-se no chão. Parecia impossível se concentrar em tais coisas, visto a enormidade das notícias que ouviu horas antes, mas tinha pouca escolha. Os pesos do Campeão do Caranguejo eram seus, afinal.

"Boa noite, Lorde Kuon. Conheço bem este olhar de consternação."

A voz era grave e ressoante, e Kuon a reconheceu imediatamente. "Boa noite, avô. Por favor, junte-se a mim." Enquanto a grande forma de Hida Kisada adentrou a grande câmara de Kuon, o Campeão do Caranguejo dispensou seus atendentes. Uma vez que apenas os dois maiores guerreiros do Caranguejo ocupavam a sala, Kuon falou novamente. "É bom ver você, avô. Falamos poucos desde sua partida às terras do Dragão. Achou o que procurava?"

"A encontrei," disse Kisada simplesmente. "está completamente documentado aqui," Kisada entregou um manuscrito a Kuon, "para fazer o que desejar. Você tem uma nova prima entre o Dragão. Seu nome é Kitsuki Yoritoko."

Kuon tomou o manuscrito e o abriu. "Uma Dragão?" Ele estranhou. "Poderia ser pior, eu suponho. Ela podia ser uma Escorpião."

"O Escorpião," disse Kisada secamente, sua voz quase sem malícias. "A lamentável campanha deles continua inabalada."

"Você acha o contrário?" perguntou Kuon. "Eles enviam assassinos para lhe matar. Tal ultraje não será tolerado. Veremos o solo Escorpião sob nossos calcanhares."

"Ainda assim, você não o fez. Por quê?"

"Pensei que gostaria de estar presente. O insulto mais grave foi contra você, afinal."

"Verdade." Disse Kisada. "Eles mataram muitos bons oficiais porque não puderam tirar minha vida. Algo deve ser feito, eu suponho."

Kuon franziu-se. "Por que você hesita? Eles merecem seus destinos."

"Vi muitas coisas, neto. A guerra não me seduz mais como já o fez. Eles merecem seus destinos? Certamente, mas nós também não merecemos tal destino?" ele mexeu a cabeça, como que para banir seus pensamentos. "Chega de tagarelar, afinal. Evitar guerra a este ponto seria impensável."

"Então, marcharemos."

Kisada mexeu sua cabeça. "Enviar os exércitos do Caranguejo contra o Escorpião seria inconcebível agora. Sem alguém ocupando o trono, o Império está mais vulnerável. Nossos inimigos atrás da Muralha estão em espera. Eles podem considerar isso uma forte oportunidade para atacarem. A Muralha precisa ser protegida. O Caranguejo não pode enfraquecer seu dever apenas para vingar uma ofensa contra mim."

Kuon olhou para o ex-Campeão. "Você parece ter pensado nisso afinal, avô. O que propõe?"

Kisada assentiu com um sorriso e explicou suas intenções.

O número de quartéis próximos ao Kyuden Hida era quase incontável. O número discreto de tropas alojadas próximas ao castelo era tanto que podia facilmente superar qualquer outra instalação no Império, salvo talvez pela similaridade gigantesca ao Shiro Matsu nas terras do Leão. Um dos quartéis era único, porém, ligado a ele estava um excepcionalmente grande e bem cuidado estábulo. Os homens dentro dele eram soldados disciplinados, homens acostumados aos caminhos da guerra numa variedade de sentidos. E ainda assim, à visão inesperada de Hida Kisada de pé na soleira de seus alojamentos, eles simplesmente se sentaram, incertos do que fazer.

"Legião de Tsuru," disse Kisada. "Lembro-me do dia que meu irmão pediu permissão para criar esta unidade. Era discreta. Cavalaria não é algo que o Caranguejo já tenha feito uso, e para ser honesto, vi pouco sentido nisso. Não podia negar o talento tático de meu irmão, porém, e assim o concedi permissão. Não foi uma decisão da qual tive causas de arrependimento."

"Kisada-sama," disse um dos oficiais, ajoelhando-se instantaneamente. O farfalhar das dúzias de homens que se seguiram foi o único som quebrando o silêncio.

"O Escorpião transgrediu-se contra nós," disse Kisada. "Pouco me importa os atentados contra minha vida, mas o assassinato daqueles que me servem não passará em vão. Reunirei uma centena da melhor cavalaria de nosso clã. Atacaremos aonde iremos, e destruiremos o Escorpião um pedaço por vez. Eles não serão capazes de se mobilizarem tão rapidamente para nos apreender, e mesmo que o fizessem, cem Caranguejos em cavalos são mais valiosos que mil Escorpiões ao chão. Caso falhemos, daremos ao Escorpião exatamente o que querem, mas não falharemos, porque o Caranguejo não sofrerá impunidade daqueles fracos demais para se erguerem e nos enfrentarem." Ele pausou por um momento. "Quem estará entre aqueles que cavalgarão à batalha comigo?"

Todas as mãos no quartel se ergueram.

Kisada e suas forças saíram para as terras do Escorpião antes do amanhecer.

Escondido

Escrito por Shawn Carman

A Cidade dos Perdidos, meses atrás

O Lorde Negro das Terras Sombrias se ergueu de sua meditação com um movimento brusco. Ele passava ao menos uma hora todo dia em meditação no Templo do Nono Kami. Era o meio pelo qual ele tentava se sintonizar à vontade de seu senhor, o deus negro Fu Leng. Uma vez, há muito tempo, Fu Leng havia claramente e demonstrativamente feito seus desejos serem conhecidos a seus alunos, mas ultimamente ele estava experimentando muito mais dificuldade em conseguir uma conexão que já fora fácil para ele. O vazio, a claridade que sentia em busca da comunhão e súplica o perturbavam. Ele precisava entender a razão.

Era uma razão que temia que já soubesse.

Daigotsu se levantou e caminhou lentamente pelos corredores do templo. Ele não tinha destino em mente, apenas esperava que andar pudesse limpar sua mente. Ele ouviu a familiar e confortante voz de seu filho enquanto caminhava. Daigotsu se virou e ofereceu à sua esposa um sorriso. O semblante perfeito dela se tornou uma afável resposta enquanto levantava o filho deles, a imóvel forma de Kayomasa, o protetor jurado da criança, pairava sobre eles no fundo. Daigotsu se impressionava com o fato de Shahai poder parecer tão feliz no papel de mãe; não fazia muito tempo que ele só via tamanha felicidade no rosto dela quando estava causando agonia aos outros. O nome de Dama do Sangue a cabia bem, e era parte das razões pela qual veio a amá-la. O fato de ter que amá-la agora era incomum, mas ele não podia evitá-lo.

Teriam o amor por sua esposa e filho interferido em sua comunhão com Fu Leng? Seria possível que seu deus estivesse tão furioso que ele não aceitaria mais seu filho predileto colocando outros acima de seus planos ao cumprimento da Vontade de Fu Leng? Daigotsu haveria de fato feito isso, e os colocado acima de seu dever? Ele não estava certo. Ele não pensava assim, porém. Ele considerou o assunto enquanto caminhava pelas gigantescas portas do templo e para a cidade além.

A Cidade dos Perdidos era uma metrópole crescente, rivalizada apenas às maiores e mais prósperas cidades do Império ao norte. Daigotsu se levantou e observou sua maior criação por um longo tempo, observando os Perdidos e a miríade de criaturas que os serviam caminhando desimpedidas entre as ruas. Depois de algum tempo, sua atenção foi chamada por um curioso espetáculo: uma horda de bakemonos, a forte e repugnante raça que servia aos Perdidos, carregando alguma estranha criatura como ele nunca vira. Uma criatura não identificada não era incomum, mas uma obviamente morta sendo trazida desse jeito era estranho. Ele sorriu levemente em compreensão enquanto viu o homem que seguia atrás deles, esfregando suas mãos em antecipação. "Um novo experimento, Omoni?"

O homem-goblin olhou para cima em surpresa, aparentemente tão contido em seu deleito que não notou. Ele curvou-se rapidamente. "Sim, Daigotsu-sama. Foi achado testando as fronteiras da cidade. Não sobreviveu muito, mas parece possuir algumas fascinantes habilidades furtivas que..." Sua voz parou repentinamente. "O que lhe perturba, meu senhor?"

Daigotsu sorriu largamente. "Além de Shahai, você me conhece talvez melhor que qualquer um, velho amigo. É tão óbvio para os outros assim como para você?"

"Não creio," observou Omoni, "mas sei que algo lhe perturba. Se seu fardo é um que posso carregar em seu lugar, você apenas tem que me ordenar."

"Eu sei," disse Daigotsu. "Isso não é algo no qual você possa me ajudar."

"Ah." O desapontamento que irradiou do homem-goblin era palpável. "Se fosse apenas sábio, talvez pudesse lhe oferecer um conselho melhor."

"Kyoden se foi," disse Daigotsu calmamente. "Kokujin se foi, e mesmo que estivesse aqui, ele está além dos limites da sanidade. Não, você é meu último amigo verdadeiro. Se há qualquer conselho no qual acredito, é no seu."

"Então permita-me ajudá-lo," disse Omoni, apontando para os goblins continuarem com seus trabalhos. "Por favor, deixe-me ajudar em algo."

"Venha, entre," disse Daigotsu assentindo. Os dois entraram no templo e caminharam em silêncio por um tempo, atravessando um dos corredores vazios. Depois de algum tempo, Daigotsu começou a falar numa voz calma. "Estou tendo dificuldades em contatar Fu Leng," ele admitiu. "Não creio que ele deseje falar comigo. Creio que perdi seu favor."

"Impossível," disse Omoni de uma vez. "Você é seu profeta, seu discípulo. Ele não o abandonou."

"Ao menos ele está infeliz," disse Daigotsu. "Não posso dizer o porquê."

"Faz pouco sentido," disse Omoni, sua sobrancelha apertando-se em concentra-

ção. “Você conseguiu tanto. Você o libertou do Meido, arruinou a cidade capital, e assassinou a Imperatriz. Você derrotou e expurgou o blasfemo Iuchiban, e roubou tudo que era dele em nome de Fu Leng. Você derrotou as forças de Kyoso no Oni e recuperou um artefato perdido de Shinsei.”

“Tudo soa impressionante, mas isso foi...” sua voz cessou como se um pensamento lhe ocorresse. “Tudo isso já foi feito antes,” ele disse calmamente. “Junzo, Yori, Tsume. Todos eles sonharam trazer o Império abaixo, e falharam. Sonhei destruir Rokugan e falhei.” Ele ficou quieto por um momento. “Obrigado, Omoni.”

O homem-goblin franziu-se. “Pelo que, mestre?”

Mas Daigotsu já havia ido.

Haviam vários templos dentro da Cidade dos Perdidos. O maior, certamente, era o Templo do Nono Kami. O próximo seria o Templo do Veneno, onde a família Chuda residia. O maior depois dele era algo de muito debate, mas muitos concordavam que o templo onde o monge louco Kokujin e seus seguidores estudavam seria o maior, e era chamado simplesmente de Templo da Loucura. Apesar da estranha e duradoura amizade entre o monge e Daigotsu, o Lorde Negro nunca havia adentrado o templo até agora.

O interior era escuro apesar do brilho do meio dia do lado de fora. Um punhado de velas era a única fonte de iluminação interna, e o intenso e satisfatório odor de incenso pendendo intensamente no ar. Daigotsu olhou em volta ao espaçoso templo por poucos momentos. “Suponho que o fator intimidação deste lugar seria impressionante,” ele disse, “se não houvessem tantos Perdidos capazes de enxergar tão bem na escuridão.”

“Talvez a intenção não seja intimidar. Talvez não precisemos disso.”

Daigotsu se virou para a corpulenta figura de pé nas sombras. Mesmo com sua visão sobrenatural, o homem estava de alguma forma indistinto. “Há um propósito, então?”

“Você não pode achar o verdadeiro caminho quando há vários falsos caminhos distraindo você.” O homem caminhou para frente à luz da vela. Ele estava vestido do pescoço aos pés em grossos mantos pretos e brancos, a marca de um monge guerreiro. Sua face estava marcada pelo tempo, mas ele não mostrava sinais de fraqueza ou enfermidade. De fato, ele se moveu com a graça de um predador experiente, e Daigotsu podia sentir o poder que comandava. “Na escuridão, o verdadeiro caminho é o único caminho.”

“Então talvez eu tenha vindo ao lugar certo,” disse Daigotsu. “Preciso de um conselho, Roshungi. Preciso achar meu caminho novamente.”

“Você é o Lorde Negro das Terras Sombrias,” disse o monge secamente. “Seu caminho está claro.”

“É?” ele moveu a cabeça. “O caminho das Terras Sombrias nunca titubeou, e nunca obteve sucesso de qualquer maneira permanente. Fu Leng está cheio de quase sucessos e derrotas legítimas. O Império de Rokugan não pode ser massacrado com força bruta. Os Clãs Maiores nunca permitirão isso. Nunca houve um ataque das Terras Sombrias que nunca encontrou um fronte unido, e suspeito que nunca haverá.”

“Então talvez esse não seja o caminho.” O tom de Roshungi era um de legítima simplicidade.

“Concordo,” disse Daigotsu. “Outrora, eu estava contente em permitir que o Império deles ficasse ileso enquanto não ameaçassem o meu. Tive meus períodos de fúria, quando desejei segurar o coração de um Imperador em minhas mãos, mas, em sua maior parte, estava contente em oferecer a Fu Leng a glória de meu próprio Império.” O Lorde Negro mexeu sua cabeça. “Não mais.”

“O que mudou sua perspectiva?”

“O desagrado de meu deus, e o nascimento de meu filho,” disse Daigotsu. “Oferecerei um vasto Império para meu filho governar no dia de seu gempukku, e ele governará sobre ele em nome de Fu Leng. Esta é a visão que vi do futuro, e a verei feita realidade, não importa o custo, não importa o tempo necessário.”

“Qual é o seu novo caminho?” perguntou Roshungi.

“Creio que eu saiba,” ele respondeu, “mas há questões que ainda deve ser feitas. Em outros tempos, as teria feito a Kokujin, mas essa não é mais uma opção. Preciso de alguém ao meu lado com clareza de visão. Você é este homem, Roshungi?”

O monge curvou-se. “Meus irmãos e eu esperamos apenas pela chance de servir.”

“Precisarei de um vassalo,” disse Daigotsu. “Alguém para levar minha vontade para dentro do Império. Alguém puro de corpo, mas não de espírito.” Ele sorriu. “Ou, se preferir, alguém que percebeu que seu caminho é, de fato, nas sombras.”

Roshungi assentiu. “Creio que tenha alguém que possa atender às suas necessidades, meu senhor.”

O primeiro samurai usava uma naginata, e era obviamente muito talentoso em seu uso. Ela usava um grande arco, atingido o alto de sua cabeça para máximo efeito. Não havia problemas, porém, pois o viajante evitou o ataque facilmente, caminhando para dentro do raio de efeito da arma e fazendo sua palma colidir com o queixo da mulher. Sua cabeça recuou com um audível ruído, e ela caiu ao chão, morta, seus olhos perplexos numa imperceptível admiração ao homem que a matou.

O viajante olhou secamente aos outros dois samurais. “Desistam,’ ele disse. “Não há razão para lutarmos um com o outro.”

“Blasfemo!” um gritou. Ele saltou para frente usando um par de sais. Ele era rápido e atlético como nenhum oponente que o viajante enfrentara. Não o bastante. O viajante evitou uma rajada de golpes, sete em rápida seqüência, então quebrou o braço esquerdo dele como a um galho. Para seu mérito, ele não gritou, e imediatamente continuou atacando com o direito. O viajante levantou as pernas dele no ar, agarrou uma das sais enquanto o samurai ainda estava no ar, e a encravou em sua testa no momento em que atingiu o chão, deixando-a lá.

O terceiro samurai sacou suas espadas e assumiu uma postura defensiva. Ele observou o viajante cuidadosamente, procurando qualquer pista de como penetrar em suas defesas. O viajante não lhe deu nada, ficando silenciosamente com suas mãos levemente erguidas. O samurai finalmente se moveu para frente num rápido porém defensivo ataque. No último momento, o viajante saltou no ar e passou por sobre a cabeça do homem, caindo atrás dele e pegando a naginata da mulher. Assim que o samurai se virou, o viajante lhe separou a cabeça dos ombros. O homem caiu ao chão em dois pedaços, suas armas nunca deixando suas mãos.

“Muito bem.”

O viajante se virou para ver de onde via a voz. Dois homens estavam a uma distância respeitosa, um vestido em preto e branco, o outro simplesmente de preto. O de preto usava uma ornada máscara que cobria seu semblante. O viajante reconheceu os dois. “Obrigado, sensei,” ele disse com uma curta reverência. “É infeliz que tais medidas foram necessárias.”

“A quem matou?” perguntou o homem de preto.

“Meus inimigos.”

Roshungi sorriu. “Michio tem um gosto pelo literal, meu lorde,” ele disse.

“Encantador,” respondeu o outro. “Você sabe quem eu sou?”

“Sei,” respondeu Michio. “Você é o Lorde Negro Daigotsu.”

“Por que matou esses homens?”

Michio olhou para seus oponentes. “Eles descobriram de meus estudos com Roshungi.” Ele se virou ao velho monge. “Tudo que me disse para passar, sensei. Eles não entendem. Eles não querem entender.”

Daigotsu olhou para Roshungi. “Se importaria de explicar?”

Roshungi olhou para o jovem. “Se não tem objeção?”

“Por que esconder-se da verdade?” perguntou Michio.

O velho monge assentiu. “Michio foi deixado na porta de um monastério quando era criança. Ele cresceu dentro da Irmandade de Shinsei, mas sempre procurou novos caminhos. Contra a vontade de seus irmãos, viajou às Terras Sombrias e estudou no monastério comigo. Ele ficou conosco vários meses, até que seu suprimento de jade e os kihos que aprendeu com seus irmãos não podiam mais protegê-lo. Ele desejou retornar ao Império e experimentá-lo de novo sobre a influência de uma nova perspectiva.” Ele moveu a cabeça. “Eu o avisei de que o aceitariam.”

“A Irmandade não tem mais lugar para mim,” disse Michio. “Eles não podem aceitar qualquer perspectiva que se desvie do que entendem por pureza. E quando os samurais descobriram de minhas viagens, fui expulso do monastério para que os irmãos não sofressem a ira dos samurais.”

“Como eu disse,” disse Roshungi. “Eles não entendem. Não querem entender.”

“Os caminhos deles são mentiras,” disse Michio. Não havia dúvidas em sua voz. “Desejo seguir o verdadeiro caminho. O caminho que está com você, mestre.”

“O nosso é um caminho difícil,” avisou Daigotsu. “O Império está cheio de egoísmo e arrogância. Eles nunca aceitarão nosso caminho voluntariamente. Se desejamos lhes mostrar o caminho,eles devem sofrer em ignorância primeiro.”

“Tolos precisam de um professor,” disse Michio. “Estou pronto para cumprir este papel.”

O pântano se estendia em toda direção que os olhos podiam ver. Os vapores que produzia eram tóxicos além da compreensão, mesmo quando comparados às Terras Sombrias. O vasto mar de lama borbulhava como se fosse vivo, e o espesso nevoeiro obscurecia as árvores distantes, fazendo o pântano parecer existir em tudo ao seu redor. “O que é este lugar?” perguntou Daigotsu.

“É chamado Mangue das Terras Sombrias de Shinomen,” disse Michio. “Sempre apreciei a simplicidade do nome.”

“Dizem que este mangue foi criado quando uma incursão das Terras Sombrias ameaçou os ovários dos Nagas,” disse Roshungi. “Os Nagas ficaram acordados o bastante para destruir os onis que os ameaçavam, então usaram algum tipo de pérola mágica para conter suas essências nessa área. Isso é, de todo modo e propósito, uma fração das Terras Sombrias que existe dentro da Shinomen. Ninguém fala dele, e ninguém vem aqui. Não é seguro para samurais.”

“Com certeza não,” disse Daigotsu com uma risada. “Esta floresta é perigosa, mesmo para pessoas como nós. Mas este lugar... Isso é um lar.”

“Lar?” perguntou Michio.

“Há algum tempo, enviei um emissário ao Imperador pedindo o status de Clã Maior,” explicou Daigotsu. “Era um plano, nada mais. Algo para confundir e dis-

trair, e talvez inspirar tolos ambiciosos a procurarem alianças conosco em seus benefícios próprios. Era uma distração para mim, honestamente. Estendeu-se o bastante para enviar Rekai à Tumba dos Sete Trovões para ajudar o Imperador. Os demônios que Kyoso enviou foram destruídos, recuperamos algo da própria tumba, e, se o Imperador vivesse, seria forçado a considerar nossa petição." O Lorde Negro parou. "Ganhamos muito, e não perdemos nada."

"Você deseja renovar sua petição?" perguntou Roshungi. "Vejo pouco sentido com o trono vazio."

"Não haverá petição," proclamou Daigotsu. "Haverá simplesmente um grupo de samurais e monges que juraram aliança a um clã desconhecido." Ele considerou por um momento. "O Clã Aranha. Eles salvarão o Império de riscos que os outros clãs não irão. Eles farão alianças nas outras cortes, aqueles cujas ambições os farão nos procurar. Eles trilharão uma teia de influências e informações que se espalhará pelo Império. E quando reconhecerem o que aconteceu..."

"O veneno da aranha correrá seu curso," disse Roshungi. "Sutil, mas eficaz. Que tipo de riscos devem essas 'Aranhas' combaterem?"

"Bandidos," respondeu Daigotsu. "Piratas, aqueles seguidores de Kokujin que ele quer espalhar. E, eventualmente, os próprios Clãs Maiores."

"De onde virão esses bandidos?"

Daigotsu sorriu. "O Império está cheio de pecadores. Acharemos os fracos para trabalharem por moedas, e os faremos fazer o que quisermos. E então, eles verão que têm muito a aprender sobre como o dinheiro empilha cadáveres tolos." Ele se virou a Michio. "Está pronto para ensiná-los tais coisas, Michio?"

"Estou," disse o monge. "Apenas me dê a ordem."

"Você a tem," disse Daigotsu. "Roshungi, devemos retornar à Cidade dos Perdidos. Há muito a ser feito. Quero a cidade vazia, e todos os meus seguidores dentro da floresta no fim do verão. Michio, reúna aqueles que o seguirão e comece a treiná-los. Haverão mais estudantes do que o que você pode lidar."

"Sim, mestre," ambos os monges disseram com uma reverência.

"Este," disse Daigotsu, apontando à floresta ao seu redor. "Este é o meu verdadeiro caminho."

Ele podia sentir a benevolência de Fu Leng mais uma vez.

Paz na Ponta de uma Espada

Escrito por Rusty Priske e Shaw Carman

Algum lugar nas províncias do Caranguejo, mês do Cavalo, ano de 1169

Muitas das terras do Caranguejo pareciam idênticas àquelas que se achavam incapazes de acharem seus caminhos pelas Montanhas Crepúsculo. As montanhas consumiam muitas das terras do Caranguejo, e seus picos desolados e vales chamavam pouco interesse, mesmo para muitos dos Caranguejos. E assim essa era a única torre, que de tão parecida às várias formações rochosas que pontilhavam a paisagem, era raramente visitada por qualquer um que não estivesse deliberadamente procurando por ela, ou desesperadamente perdido.

Foi isso que o seu criador quis.

Dois bushis vestidos em armaduras pesadas se ajoelharam perante o homem conhecido como Presságio. Suas cabeças estavam curvadas reverentemente, e esperavam. Presságio olhou para eles por um longo tempo, seus olhos vibrando com a estranha energia de jade que parecia sucumbi-lo de tempos em tempos. "Vocês entendem o fardo que carregam?" ele perguntou finalmente.

"Hai, Presságio-sama," os dois responderam.

"Seu dever é proteger com suas vidas um artefato para o qual nunca devem olhar, nunca abrir, nunca ler. Suas vidas serão consumidas com segredos e sortilégios, pois este lugar nunca deve ter sua existência conhecida para além daqueles que habitam aqui. Vocês não sairão exceto ao meu comando. Vocês podem muito bem perecerem aqui nunca saindo novamente, seja pelo tempo ou pelas garras dos demônios que inevitavelmente nos procurarão." Ele pausou por um momento. "Se o fardo não forem de vocês, então têm o direito de fazerem os três cortes e procurarem uma recompensa maior na próxima vida."

"Não, sensei," os dois homens responderam em uníssono.

"Muito bem então," disse Presságio. Ele se estendeu e pôs uma mão nos ombros armadurados dos dois homens, segurando-os por um momento. Quando ergueu sua mão, uma marca de jade brilhante ficou em suas armaduras. "Levantem-se, e juntem-se à minha legião de guerreiros, jurados a um homem a morrerem diante do Tao de Fu Leng. Levantem-se, irmãos, e juntem-se à Legião da Mão de Jade."

"Mestre Presságio!"

Presságio se virou ao homem que adentrou a sala. Ele tinha um símbolo de jade sobre sua armadura como os outros. "Cavaleiros, Presságio-sama. Talvez a uma milha."

"Eles cavalgam para a torre?"

"Não," respondeu o sentinela. "A proximidade deles é uma preocupação, contudo."

Presságio caminhou para o baluarte da torre e olhou para longe. Seus olhos brilharam mais intensamente por um momento. "É a Legião de Tsuru," ele respondeu após um momento. "Ou o que resta dela. Eles retornam das terras do Escorpião."

Os homens ao redor dele não disseram nada, apesar de estar óbvio por suas linguagens corporais que desejavam celebrar. "Lorde Kisada está entre eles?" alguém perguntou.

O Oráculo de Jade mexeu a cabeça. "O caminho de Lorde Kisada está oculto a mim como jamais esteve," ele respondeu. "Eles trazem guerra com eles, porém."

"Guerra?" perguntou o vigia. "Guerra com o Escorpião?"

Presságio apenas mexeu a cabeça.

Províncias do Escorpião, meses antes

O Caranguejo atacou rapidamente. Os samurais no vilarejo foram pegos de surpresa por uma defesa montada e eficaz. Os Escorpiões eram bem treinados, mas estavam em menor número e a pé, defendendo-se contra a cavalaria.

Dez samurais a pé contra quase uma centena de cavalarias não terminariam em vitória para o Escorpião. Mas eles agüentaram por um período respeitável, e derrubaram dois Caranguejos antes de perecerem. O último caiu por um trovejante golpe do próprio Hida Kisada.

Hida Kisada limpou o sangue de seu tetsubo e procurou nas construções por quaisquer ameaças. Este era o terceiro vilarejo que Kisada levava contra o Caranguejo e era o terceiro que deixou derrotado.

"Nenhum combatente restante, Kisada-sama." Hiruma Shotoku se curvou perante o ex-Campeão do Caranguejo.

"Bom. Façam os aldeões reunirem os samurais do Escorpião. Eles lutaram bravamente e quero que suas famílias sejam capazes de recuperarem seus daishos e outras relíquias."

"Hai, Kisada-sama. Devemos queimar o vilarejo como os outros?"

"Juntem os suprimentos que pudermos carregar e queimem o vilarejo e os campos. Garantam que os camponeses estejam presos e longe do fogo depois que moverem os samurais."

"Você não quer que sejam mortos, Kisada-sama?"

O Grande Urso mexeu sua cabeça. "Isso é guerra, e nós somos soldados. Mortes desnecessárias são ferramentas de nossos inimigos, nunca do Caranguejo."

"Como comandar, meu senhor. E os nossos mortos?"

"Quaisquer itens pessoais devem ser retornados às suas famílias e então os coloque em uma das construções antes de incendiá-la. Não podemos esperar por cerimônias adequadas. Precisamos estar fora desse vilarejo dentro de uma hora."

"Eles são fantasmas, Lorde Paneki. Eles atacam do nada e somem tão rapidamente quanto."

Paneki sorriu sem esforço. "Essas mesmas palavras foram usadas para nos descrever, Higatsuku."

O cortesão Shosuro assentiu tristemente. "De fato foram, Lorde Paneki, mas tenho apenas os relatos dos camponeses. Os vilarejos puseram vigias e enviaram batedores para darem avisos de avanço, mas eles se foram. Kisada e seus homens andam como gafanhotos e deixam os vilarejos destruídos e queimados e seu caminho."

"E quanto ao nosso exército?"

"Exército?" Houve um ruído na entrada da câmara. A voz era suave, pouco mais que um suspiro. "Houve algum desenvolvimento, meu lorde?"

A face de ferro da contenção de Paneki se rachou por breves momentos, e um olhar de afeto caloroso sobressaiu-se dele. "Venha, Miyako-chan," ele disse. "Este é um assunto para seus ouvidos também." Vendo o olhar questionador que Higatsuku direcionava a ele, Paneki continuou. "Se vier o tempo quando for incapaz de tomar tais decisões, você será chamada para supervisioná-las em minha ausência." A esposa do Campeão do Escorpião planou pela sala para se pôr ao seu lado, sua face obscurecida por uma simples máscara de pano. "Continue, Higatsuku."

"O exército se moveu para interceptar o Caranguejo após seu primeiro ataque, como ordenou, mas não podem se prontificar tão rapidamente quanto Kisada e seus homens. A variação de seus ataques nos torna incapazes de predizer onde acontecerá o próximo, e se nos concentrarmos onde ele está, ele se vai antes que possamos chegar. Temo que quando o encontrarmos, será por causa da diminuição dos alvos disponíveis e se esperarmos até então..." A voz de Higatsuku sumiu.

"O custo será alto demais," encerrou Paneki. Ele se virou a Miyako. "Quais são seus pensamentos?"

A ex-comandante da Primeira Legião considerou por um momento. "Velocidade e mobilidade é a força do inimigo neste caso," ela disse em sua estranha e macia voz. "As forças do Escorpião devem ser divididas em unidades menores e mais rápidas, e espalhadas num padrão para interceptá-lo, onde quer que ele apareça em seguida."

"Isso foi considerado, minha lady," disse Higatsuku, "porém..."

"Porém," continuou Miyako, "qualquer força do Escorpião pequena o bastante para ter a velocidade que precisamos também será incapaz de ser mais que um

incômodo para Kisada e seus homens, e não atrasá-los realmente. Podemos usar um padrão de finta e ataque, utilizando centenas ou mesmo milhares de tropas. O gasto poderia ser mais que realmente suportar."

"Muitos acreditam que Kisada é um deus," Paneki interrompeu. "Ele é um homem, e pode ser morto. Sua morte pode ser arranjada, quanto a isso não há questões. O assunto em mãos, porém, é o que sua morte nos custará."

Miyako abriu seu leque diante de seu queixo. "Sua morte galvanizará o Caranguejo. Eles enviarão mais de cem homens sobre cavalos. Eles enviarão um exército para vingarem sua morte."

"Muito bem," admitiu Paneki. "Falou como uma verdadeira comandante, minha lady. Agora, porém, você deve pensar como uma Escorpião. Considere isso cuidadosamente: temos muito o que perder com a morte de Kisada. O que nos dispomos a ganhar se ele for vitorioso?"

Miyako franziu-se. "Não estou suficientemente acostumada a pensar de tal maneira."

"Estará, em breve," disse Paneki. "O que nos dispomos a ganhar?"

Ela não disse nada por vários momentos. "Se Kisada for vitorioso... Se ele pôr um fim a este conflito, então os recursos que gastamos contra o Caranguejo podem ser usados para tentar e recuperar nossas perdas."

"O que mais?" exigiu Paneki.

"Seremos envergonhados perante o Império," disse Miyako. "Estaremos derrotados, humilhados. Deixaremos de ser uma ameaça aos olhos dos outros. Seremos motivo de chacota."

Os olhos de Paneki brilharam. "Exatamente."

"Perdoe-me, meu senhor," interrompeu Higatsuku, "mas Kisada não será facilmente convencido que alcançou seu objetivo. Ele precisará de... Persuasão."

"Kisada é o tipo de homem que pode ser facilmente persuadido por sangue," observou Paneki. "Isso é algo que podemos oferecê-lo. É o meu que ele deseja, porém."

"Nunca," disse Higatsuku de uma vez. "Lorde Paneki, não poderia ser outro?"

"Se eles acreditam que as ordens clamando pela cabeça de Kisada vieram do Escorpião, então apenas eu posso pagar o preço."

"Então, talvez," ofereceu Miyako, "possamos fazê-los acreditar em outra coisa."

Pela primeira vez, Higatsuku ofereceu um sorriso à esposa do Campeão e respeitosamente curvou sua cabeça. "Isso pode ser facilmente arranjado, minha lady."

Paneki ficou em silêncio por um momento, imerso em pensamentos. Finalmente, ele mexeu a cabeça. "Não, isso não será suficiente. Kisada é muitas coisas, mas ele não o tolo que o fazemos parecer nas cortes. Ele suspeitará duplicidade a menos que arranjemos uma ampla distração."

O sorriso de Higatsuku cresceu. "Creio que tenho o que precisamos, meu senhor. Um manuscrito, com algumas interessantes revelações a respeito da linha de sucessão da família Yasuki. Como se lembra, temos uma fonte que é... Próxima ao assunto."

O brilho voltou aos olhos de Paneki.

Hida Kisada observava enquanto outro vilarejo queimava. Ele não tinha prazer nisso. Essa não era uma vitória em campo de batalha. Era morte e destruição. Não era uma fonte de orgulho, mas era fonte de vergonha. Kisada era um homem pragmático. Ele sempre foi.

Ele fez o que precisava ser feito. Nada menos bastaria.

"Lorde Kisada!" Hiruma Shotoku cavalgou ao seu lidero com uma leve urgência em sua voz.

"Relatório."

"Cavaleiros se aproximam! Seis deles!"

"Reúna nossos homens. Devemos receber esses cavaleiros. Garantam que os homens estejam prontos para cavalgarem a qualquer momento."

"Sempre, Lorde Kisada."

Enquanto Shotoku se apressava para seguir suas ordens, Kisada ponderou aos cavaleiros. Era impossível para uma força grande reagir à sua presença a tempo para fazer diferença, mas um grupo pequeno como esse, certamente poderiam se estivessem perto o bastante e cavalgassem rápido o suficiente. Mas o que eles esperavam conseguir? Seis homens não ameaçam uma centena. Se pensavam em pegá-los desprevenidos para tirarem a vida de Kisada, eles estão um pouco enganados.

À hora em que os seis cavaleiros se aproximaram, o regimento completo da cavalaria de Kisada estava esperando por eles. Os cavaleiros eram Escorpiões, mas seguiam com a bandeira de parola, não de guerra. O grupo parou e um gritou, "Desejamos conversar com Hida Kisada. Ele deve vir desarmado." Com isso, todos os seis desmontaram e colocaram seus daishos cuidadosamente em seus cavalos. Eles os amarraram de modo a não poderem ser facilmente sacados e então se aproximaram a pé. O sexto homem não estava armado afinal.

Kisada acenou para que seis de seus homens o acompanhassem e ele se adiantou, ainda sobre o cavalo, para receber os recém-chegados.

"Vocês desejaram falar com Hida Kisada. Agora falem."

"Meu nome é Shosuro Higatsuku e lhe trago um assunto de grave importância. Houve um terrível mal entendido, pelo qual eu sou o responsável."

A sobrancelha de Kisada se curvou. "Mal entendido? Então os assassinos enviados contra mim foram na verdade visitantes que queriam discutir a fina arte de atacar das sombras?"

"Os assassinos foram enviados, sim, mas não pelo Escorpião."

Kisada riu. "Você honestamente espera que eu acredite nisso? O Escorpião não tem nada haver com os tolos enviados contra mim? Você quer que eu acredite que o Leão está usando de tais táticas agora? A Fênix?"

Higatsuku mexeu a cabeça. "Não é o que quero dizer. Aqueles enviados para tirar sua vida foram enviados por um do Escorpião, mas não pelo Escorpião como um todo. Bayushi Paneki nada sabia disso."

"Então quem é o responsável se Paneki é tão inocente?"

Higatsuku curvou a cabeça. "Fui eu quem enviou os assassinos para lhe matar. Eles falharam, então eu falhei."

"Por que faria tal coisa?"

A cabeça de Higatsuku se levantou e seus olhos brilharam. Havia veneno em sua língua enquanto falava. "Porque você é uma abominação! Você viola a ordem natura! A Ordem Celestial! Fomos gratos quando veio pelo portal para nos ajudar contra Iuchiban, mas essa ajuda foi dada e seu tempo passou. Você deveria ter cumprido seu dever e retornado de onde veio!"

Os olhos de Kisada brilharam. "Dever? Você fala comigo de dever quando você está aqui dizendo que agiu contra as ordens de seu daimyo?"

"Fiz o que precisava ser feito, mas falhei. Ao falhar trouxe desgraça ao meu clã. Não ofereci meu seppuku por minhas ações. O ofereci por minhas falhas. Lorde Paneki, em sua sabedoria, achou que minha vergonha seria melhor usada em vida que em morte. Ele me ordenou a achá-lo e lhe entregar uma mensagem dele para você."

"Qual é a mensagem?"

Higatsuku lentamente retirou um par de manuscritos de seu obi. Parecia que os passaria a Kisada, mas no último momento ele os deixou cair na poeira aos pés do cavalo de Kisada. Ira surgiu na face do Grande Urso e um dos Caranguejos ao seu lado pulou para encerrar a vida do Escorpião pelo insulto, mas um movimento de Kisada o parou.

"Você é um tolo, Higatsuku; um tolo que procura sua própria morte. Você ainda pode alcançar seu objetivo, mas não até que tenha lido o que seu mestre tem a dizer." Outro Caranguejo desmontou e pegou os manuscritos do chão, olhando para o Escorpião todo o tempo. Ele os entregou a Kisada.

Ele olhou ao primeiro manuscrito e reconheceu o selo do Campeão do Escorpião, então o quebrou para ler seus conteúdos.

Hida Kisada,

É com grande pesar que escrevo essas palavras. Quando o Caranguejo enviou seus assaltos às terras do Escorpião pela primeira vez, cri que os ataques fossem gratuitos. O ultraje que expressei era real e pensei que o Caranguejo fosse vil em suas ações.

Recentemente descobri a razão por trás dos ataques. Shosuro Higatsuku admitiu que enviou espadas mercenárias para tirar sua vida. Ele fez esta ação sem direção ou instrução minhas ou de qualquer classe governante dentro do clã. Esses atos horríveis foram apenas dele.

Ele pediu o direito de seppuku e o neguei este direito até que carregue esta mensagem a você. A vida dele é sua para fazer o que desejar. Se ele retornar a nós, permitirei seu seppuku. Se ele não retornar, assumirei que cumpriu a justiça como achou adequado.

Você tem minha palavra que não haverão ameaças à sua pessoa originárias de qualquer um dentro do Clã Escorpião. Espero que permita que as hostilidades cessem entre nossos dois clãs. Há muito a fazer em Rokugan, não deixemos pesar sobre isso as ações de um tolo verme por demais ambicioso.

Seu carimbo certificava a veracidade da origem da mensagem.

Kisada cuidadosamente reenrolou o manuscrito e o passou a um dos samurais que o acompanhavam. "Qual é o significado deste manuscrito?"

"Uma oferta de paz," disse Higatsuku. "Um presente de meu Campeão, como restituição parcial pelo que foi tirado de você."

Kisada examinou Higatsuku por um momento antes de tirar seu tetsubo de sua sela e golpeá-lo num arco aberto. Higatsuku não piscou quando o peso caiu sobre ele, rachando seu crânio tão severamente que ninguém seria capaz de identificar o corpo.

O Caranguejo então olhou aos outros cinco Escorpiões. Eles ficaram perto o bastante para que houvesse sangue espirrado neles, mas também não piscaram. "Retornem ao seu mestre, Escorpiões. Lembre-o que sua raça não é a única que pode ferroar. Deixem minhas ações serem minha única resposta."

Ele esperou até que os Escorpiões se retirassem, deixando Higatsuku onde caiu. Eles remontaram e cavalgaram de volta na direção pela qual chegaram. Uma

vez que estavam fora da vista, Kisada retornou para suas tropas e gritou suas ordens. Dentro de uma hora estavam viajando para Kyuden Hida, evitando qualquer vilarejo Escorpião ou postos da estrada em seu caminho.

Aço

Escrito por Nancy Sauer

Doji Nagori examinou a sala uma última vez, procurando qualquer coisa que pudesse causar a impressão que queria dar ao seu visitante. A mobília havia sido toda limpa e os tatamis, substituídos por novos. Na alcova da sala havia uma pintura de um pardal se acomodando num ramo fresco. Havia sido feita pelo vigésimo terceiro Hantei e dado a ele por sua Imperatriz; posteriormente, ela o presenteou ao seu irmão, o Campeão da Garça. No meio da sala duas almofadas e uma mesa baixa tinham sido arrumadas de tal maneira que a vista não mostrasse os jardins e a cidade devastada até o horizonte. Na mesa havia uma simples tigela branca, e nela flutuava um simples botão de lótus rosa escuro. Do outro lado estava uma estante de daisho esculpida em madeira de cerejeira, e nela repousava uma katana numa simples saya azul celeste debruada com prata. Perfeito, ele pensou.

Houve um suave barulho na porta e um servo anunciou a presença de Lady Hoketuhime, Daimyo dos Otomo. Nagori se moveu suavemente para a porta e a abriu. "Hoketuhime-sama, bem-vinda," ele disse, curvando-se profundamente.

A mulher Otomo se curvou em resposta e adentrou a sala. "Agradeço suas boas-vindas," ela disse, "e ainda mais pela honra de terem me dado este dia."

"Para uma dama de tal distinta e antiga linhagem é uma honra ricamente recebida," disse Nagori. Ele a conduziu até uma das almofadas e depois que ela se sentou, se ajoelhou sob a outra. Um servo apareceu e calmamente os serviu chá, deixando a chaleira na mesa, próxima a Nagori.

"Uma amável pintura," disse Hoketuhime, apontando para o papiro com um aceno de sua cabeça. "O Vigésimo Terceciro, não?"

Nagori sorriu. "Seu conhecimento da arte está, como sempre, incomparável," ele disse.

"As árvores do Palácio Imperial são um dos meus temas favoritos," disse Hoketuhime. "Já tive um conjunto de pinturas que ele fez; um estudo de uma cerejeira em particular em cada mês do ano." Ela pausou, então adotou um tom mais suave. "Ela se perdeu na destruição de Otosan Uchi."

"Está claro para mim que devemos um grande favor à Fênix," disse Nagori, olhando cuidadosamente para ela. "Sem a intervenção deles, muitos dos tesouros da cidade teriam sido destruídos."

"É verdade," disse Hoketuhime. "Poucas graças também não são o que se devem ao seu clã. Muitas obras de arte que sobreviveram a Otosan Uchi estão aqui, resgatadas pela Garça antes que a cidade fosse incendiada e defendida do Unicórnio por Domotai e sua guarda."

O rosto de Nagori não se mudou, mas seu coração transbordava de exaltação. As mortes da viúva de Naseru e seus dois irmãos deixaram as Famílias Imperiais numa posição delicada. No momento eles ainda tinham um poder apreciável no Império, mas com o passar do tempo, eles se arriscavam a perder este poder para aqueles que questionem qual autoridade o próximo Imperador, quem quer que seja, dê a eles. Hoketuhime tinha que se mover rapidamente para estabelecer uma aliança que validasse o poder de sua família. Nagori se moveu rapidamente para garantir que essa aliança fosse com o Clã Garça. A presença de Kyuden Otomo nas terras da Garça se tornaria um perigo se qualquer outro clã ganhasse o favor dos Otomo, e politicamente os dois eram melhores como aliados do que como inimigos. Eles manobraram a respeito dessa questão por várias semanas, mas agora parecia que Hoketuhime estava finalmente querendo se comprometer.

"Já que falamos de tesouros resgatados," disse Nagori, e deixou a frase se perder. Ele se ergueu de seu lugar e foi até a estante de daisho. Movendo-se com graça e deliberação, ele pegou a katana e caminhou de volta em direção a Hoketuhime. Ajoelhando-se próximo a ela, ele ergueu seus ombros e deslizou os primeiros centímetros da espada para fora de sua saya. "Minha lady, a primeira espada de Kakita."

Hoketuhime se aproximou para olhar. "A espada que carregava quando venceu o Campeonato de Esmeralda," ela disse, sua voz trêmula de reverência. "Quando Hantei o convidou para tomar sua irmã em casamento." Ela continuou a olhá-la por um momento, e então mexeu sua cabeça tristemente. "Julgava que soubesse mais de criação de espadas. Olho para esta lâmina e vejo apenas aço comum."

"É aço comum, ou assim me disse Seishiro. Bastante extraordinário, de fato." Nagori devolveu a espada para a saya com um estalo, ergueu-se e caminhou de volta à estante do daisho. "Foi o espírito de Kakita que fez com que nenhum homem se colocasse contra esta espada." Ele gentilmente recolocou a espada em seu lugar e ficou olhando para ela, pensando em Seshiro e em sua morte. "É o toque de seu espírito que ela traz para nós. Um esperançoso pensamento num tempo de desânimo."

"A Garça trouxe esta esperança a Toshi Ranbo," disse Hoketuhime. "Os grupos de carpinteiros que você contratou inundam a cidade, restaurando-a bloco a bloco. O arroz que Lady Domotai deu aos Seppun foi usado para recuperar a miséria dos heimins que viviam aqui. Realmente o Império deve à Garça uma dívida de gratidão." Ela pegou seu chá e o bebeu, observando Nagori sobre o canto de seu copo.

"Lady Otomo, você é muito gentil," disse Nagori. "Lady Domotai declarou que a Garça se ergueria como guardiões desta cidade. Estamos apenas obedecendo seu comando."

"E ainda assim nunca é inútil reconhecer um ato honrado," disse Hoketuhime. "Se nada mais, ele serve como guia aos confusos. Falei com Miya Shoin, ele concorda comigo neste ponto. Desejamos ter as Bênçãos do Imperador usadas para reparar os distritos da Garça aqui nesta cidade, como demonstração de nossa estima às ações de seu clã."

"Estou comovido, minha lady," disse Nagori suavemente. "Nossas perdas foram mínimas, vagamente dignas de sua atenção."

"Em muitos de seus distritos, sim. Mas a mansão do daimyo dos Daidoji foi destruída, e nada mais foi feito por ela além de se limparem os destroços."

Nagori deixou que a tristeza cruzasse sua face, esperando que ela cobrisse o alarme que sentia. Se a daimyo dos Otomo achasse o que destruiu a mansão este encontro terminaria muito, muito ruim. "Sim, a mansão de Kikaze foi perdida depois," ele pausou deliberadamente, "depois que os incêndios no distrito mercante fugiram de controle." Hoketuhime abanou uma mão impacientemente, como se para afastar o tópico, e Nagori relaxou um pouco. Ninguém queria discutir a loucura final de Sezaru, e a princesa Otomo em especial não gostava de conversar de imperiais insanos. Ela claramente não sondou a fundo qualquer dano atribuído a Sezaru. "Kikaze raramente se hospeda lá, e suas funções administrativas foram facilmente transferidas para outros distritos."

"E assim a Garça deixou uma de suas próprias casas em ruínas enquanto atendiam às necessidades do Império," disse Hoketuhime. "Que prova maior haveria da honra de seu clã? Não pode haver dúvidas de seu mérito às Bênçãos do Imperador."

Nagori curvou sua cabeça levemente. "Minha dama, a Garça está sempre a serviço das famílias Imperiais. Se deseja nos usar como exemplo para a melhoria do Império não temos escolha senão cooperar. Mas se puder, lhe ofereço uma sugestão. Ao invés de reconstruir a mansão naquele lugar, deixe que seja um dojô. Este seria um memorial para todos os Daidoji que pereceram defendendo o Palácio Imperial, e um símbolo de nossa determinação a sempre nos erguermos como protetores de Toshi Ranbo."

"Uma excelente noção," disse Hoketuhime. Ela sorriu e olhou para Nagori diretamente nos olhos. "E também servirá como uma demonstração da alta estima de minha família pelo Clã Garça e os guerreiros honrados da família Daidoji."

"A estima é mútua," disse Nagori. Ele sorriu em resposta.

O templo tinha uma negligenciada e avariada aparência, e não havia nada que indicasse que alguém o visitou por um longo tempo. Daidoji Kikaze ignorou as aparências e colocou-se num conveniente monte de cobertura para observar e esperar. Ele se sentou pacientemente até que os animais em volta dele esquecessem que estava lá e continuassem com suas vidas, até que o sol se mergulhasse para sua folga, até que a linha de nuvens que avistava no horizonte sententrional longínquo do meio dia houvesse sumido e fosse coberta pela lua em sua caminhada pelos céus.

Quando chegou o momento certo, Kikaze pôs-se de pé num movimento tão gracioso e certo que a noite ao redor dele continuou tranqüila. Era um princípio do duelo que ele adotou imediatamente, para admiração de Kakita Matabei: quando o momento chega e você agiu, e isso cabia a você, todo o mundo fica no lugar certo ao seu redor. Assolador ou duelista, tudo era o mesmo. Ele esgueirou-se pela clareira até o templo, sentidos varrendo a noite por sinais. Procurar o que podia era a única coisa que Kikaze achava estranha para si: pois nesta missão ele tinha o peso do daisho em sua cintura. Você é um lorde da Garça e deste dia em diante agirá como tal, disse Domotai.

A porta do templo estava entreaberta. Normalmente ele teria desmerecido uma entrava óbvia, mas nesta noite ele caminhou silenciosamente pelos degraus do prédio, automaticamente caminhando para onde as tábuas se estreitavam, e entrou na profunda escuridão intern. Kikaze caminhou ao centro da sala e parou, ouvindo. "Eu sei que você está aí," ele disse finalmente.

Houve um pequeno som de uma pederneira achando aço e uma lâmpada se acendeu. Os olhos de Kikaze percorreram a sala, usando a luz para achar referências. Na parede oposta estava uma imagem do Primeiro Daidoji. Deveria haver um buraco no telhado acima dele, pois as infiltrações distorceram a tinta e madeira quase ao ponto do irreconhecimento. No piso diante dele havia um incenso apagado em bolo de arroz. À sua esquerda, quase perdida nas sombras, havia uma bolsa de viagens com um estranho daisho enfiado nela. A lâmpada estava no chão entre Kikaze e o altar e ajoelhado próximo a ele estava o homem que veio encontrar. Seu amigo. Seu hatamoto. "Shihei."

Daidoji Shihei sorriu e curvou-se levemente. "Kikaze, você ainda é incrível. Se não estivesse olhando para a porta todo segundo, eu nunca veria sua entrada."

Kikaze olhou para ele friamente, lutando contra a raiva que a familiaridade de Shihei inspirava. "Você me traiu," ele disse.

"Traí?" Shihei ficou de pé, parecendo surpreso. "Como eu lhe traí?"

"A pimenta gaijin em Toshi Ranbo? As ordens para Hakumei recomeçar seu laboratório?"

"É dever de um hatamoto providenciar os cuidados de seu senhor, Kikaze-sama," disse Shihei, caindo na formalidade. "Dei as ordens que queria que eu desse, isso é tudo."

"O que eu queria era irrelevante," disse Kikaze, querendo que fosse o contrário. "Minhas ordens vieram de Domotai. Você sabia disso."

"Domotai está errada," disse Shihei. "Nós dois sabemos disso."

"Ela é a Campeã da Garça."

"E nós somos os defensores da Garça, por decreto da própria Domotai." Shihei ergueu suas mãos em súplica. "Por favor, Kikaze-sama, deixe-me terminar. Se Domotai fosse uma Garça, e não apenas a Campeã da Garça, nunca a desobedeceria. Mas Kurohito errou quando enviou sua filha ao Leão para treiná-la — eles destruíram a garota. Eles foram presenteados e devolveram uma Matsu no lugar dela. Ela valoriza honra e bushido, mas sabemos o que é realmente importante: terra, comida, dinheiro. Onde estão nossos amigos que sobreviveram ao ataque de Fumisato?"

Surpreso pela repentina pergunta, Kikaze respondeu. "Eles ainda estão em Shiro Daidoji. Escrevi relatórios os inocentando de todo o erro, e estarei os espalhando entre os outros."

"Faça isso," disse Shihei. "e em um ano podemos calmamente expulsa-los, junto com quaisquer outros candidatos que acharam. Eles podem ser designados a algum lugar tranqüilo e treinarem. Domotai não vai viver para sempre, e quando o próximo Campeão vier podemos recolocá-los a seu serviço."

Era um plano contra o qual Kikaze passou várias noites lutando. "Não," ele disse.

"Não? Em nome de Hayaku, por que não?"

"Por não posso fazê-lo!" gritou Kikaze. Ele se conteve e esfregou uma mão quente em seus olhos. "Matsu ou não, Garça ou não, ela é filha de Kurohito e sou seu vassalo. Vou destruir os Assoladores, porque sou o daimyo dos Daidoji e este é meu dever."

Shihei ficou em silêncio por um momento, e então virou sua cabeça para olhar para seu daisho no canto. "Tudo que sempre fiz foi pela Garça," ele disse. "Você me chama de traidor — Você vai me executar."

"Não," disse Kikaze. "Não pude salvar Hakumei e os outros, mas você, meu irmão, você terá os três cortes."

Shihei olhou de volta para ele e sorriu. "Uma morte de samurai," ele disse. "Obrigado, meu senhor." Ele se curvou rapidamente, e quando se levantou havia uma adaga em suas mãos e ele estava voltando para arremessá-la.

Kikaze reagiu antes que compreendesse completamente o movimento, girando para fora do alcance da adaga e buscando um dos pilares laterais enquanto a lâmpada se apagava e a escuridão tomasse vida. Enquanto seus olhos tentavam se reajustar ele puxou uma faca por reflexo e acalmou sua respiração para que pudesse ouvir. Shihei ainda estava no templo, ele estava certo disso, então esse seria um jogo de achar seu inimigo antes que ele mesmo fosse achado. Kikaze pôs sua mão esquerda no pilar na remota chance de sentir as vibrações dos passos do outro homem e encontrou uma curiosa fenda na casca do pilar. Era um risco fino e horizontal e seus dedos o seguiram até encontrarem algo que saia do próprio pilar.

Um súbito segundo pensamento e Kikaze soube o que era: uma fenda onde um forte fio estava amarrado entre dois pilares. Se tivesse vindo do outro lado do pilar ele teria se decapitado. Kikaze se apoiou no pilar, enfraquecido pela ira. Bastardo, ele pensou, estava pensando em me matar de qualquer jeito? Então uma memória sobreveio e se chocou à sua raiva. 'Domotai não vai viver para sempre', havia dito Shihei.

Kikaze respirou fundo, segurou por um momento e então expirou, querendo que seu medo fosse junto. A daimyo dos Doji não estava em risco, ele disse para ele mesmo. Uji estaria olhando por ela. Kimpira e outros homens em sua guarda pessoal estariam olhando por ela. A própria Domotai não era estúpida ou indefesa. E ele mataria Shihei.

Cuidadosamente ele cortou o fio e então ele se dirigiu ao centro da sala. Seus instintos gritavam para a cobertura dos pilares e paredes, mas ele trabalhou com Shihei em várias missões e tinha uma boa idéia de quantas armadilhas mortais seu hatamoto teria posto naquelas áreas.

Shihei colocou suas costas no altar, observando. A escuridão no templo era profunda, mas não absoluta, e ele investira muito tempo observando as formas de preto que a sala fazia. O silêncio de Kikaze era fenomenal, mas ele não podia mudar o fato de que poderia ser visto. Um vulto disforme de absoluto preto se moveu vagarosamente em direção ao centro da sala e Shihei o seguiu por algumas batidas cardíacas, estimando sua velocidade, e então ele estava se aproximando para encontrá-lo. Ele atacou rapidamente, e foi recompensado com a sensação de uma faca encontrando carne. Houve um grito do outro homem e Shihei sentiu um braço agarrando seu ombro enquanto Kikaze preparava seu contra-ataque. O hatamoto deu um passo para trás e para a esquerda rapidamente, e primeiro o aperto aumentou enquanto Kikaze tentava segui-lo, então houve uma confusa mistura de sons enquanto a mão o soltou num movimento falho. Houve uma série de quedas desajeitadas, e então a voz de Kikaze. "Você colocou armadilhas no chão também."

Não havia dor na voz de seu amigo, mas o cheiro de seu sangue se espalhou na escuridão do templo. "Você é um homem muito perigoso, meu senhor," disse Shihei. "Não posso dar qualquer chance." Ele pensou na espada no canto, e dispensou a idéia. Ele não precisava dela ainda, e não precisava dela agora. Ele começou a ir em direção a Kikaze, com a memória o guiando para longe dos buracos disfarçados no piso de madeira.

Kikaze se ergueu. O corte estava sobre sua costela direita, e pensou se não seria fatal por si só ou se a perda de sangue iria enfraquecê-lo. Sua tontura selvagem o levou para longe do buraco onde quase pôs o pé apesar de não ter idéia de onde estivesse, e temia pelos pilares e suas chances de mais fios. A melhor coisa da situação era que sabia que Shihei viria por ele agora. Lutas longas eram para amadores: profissionais sabiam que nunca se deve permitir que um inimigo desesperado tenha tempo para pensar.

Shihei cobriu os últimos passos rapidamente, precisando estar dentro do alcance antes que seu alvo tomasse conhecimento dele. Sua mão direita segurava a faca pronta para um ataque no lado de Kikaze: se tivesse atacado com força o bastante, a perda de sangue o daria a vitória. Kikaze não podia ouvir seu hatamoto sobre sua própria respiração rápida, mas seus instintos dispararam um alarme. Ele golpeou sua faca com toda sua força.

A lâmina de Shihei bateu no daisho amarrado no obi de Kikaze e ricocheteou, deixando um corte raso. Kikaze enfiou sal faca até o cabo no estômago de Shihei, então a puxou para o lado. O hatamoto titubeava, gritando. Kikaze se atirou e o empurrou, jogando Shihei ao chão. Ele golpeou sua espada na garganta do amigo, cortando os ossos, e grito parou.

Kikaze se moveu para o lado do cadáver e automaticamente tentou limpar o sangue da lâmina para que pudesse jogá-la fora. Ele percebeu o que estava fazendo e furiosamente a jogou no chão. 'Tudo que sempre fiz foi pela Garça', ele pensou. Ele compreendia exatamente como Shihei podia planejar contra seu senhor e ainda dizer isso, e lhe dava medo pensar o quão perto estava disso. Gentilmente ele tocou a saya de sua katana, sentindo as marcas no aço lacado.

Lentamente Kikaze se agachou sobre a bolsa de Shihei, sentindo cuidadosamente o piso liso enquanto o fazia. Ele tirou as espadas da bolsa e a revirou. Uma procura rápida produziu o que precisava: uma garrafa de óleo e um punhado de papel usado. Kikaze se ergueu e caminhou de volta, certo da rota agora, e derramando a lâmpada de óleo sobre e ao redor do corpo, ele usou suas próprias ferramentas de fogo para incendiar os papéis e os tocou no óleo.

Ele observou a carcaça de Shihei queimar por um momento e então voltou e pegou o daisho. Era mais consideração que aquele homem merecia, pensou Kikaze, mas ele tinha irmãos. Ele pôs as espadas sob seu braço e deixou o incêndio queimar.

Noite na Cidade Imperial

Escrito por Shawn Carman

Há não terrivelmente muito tempo atrás, a Cidade Imperial teria sido um lugar muito diferente. Mas provavelmente isso sempre foi assim. Ela estava sempre mudando, sempre mudando para adotar os modos daqueles dentro dela. Durante o reino do Imperador Toturi III ela era o centro do progresso e cooperação entre os clãs, em sua maioria. Depois de seu desaparecimento e morte, ela se tornou o berço de manipulações políticas e uma animosidade quieta. Agora que o Clã Fênix assumiu a custódia da cidade, seguindo-se ao conflito que foi chamado de a Batalha de Toshi Ranbo, havia uma quieta tensão no lugar, atada a uma sensação de ressentimento.

Komori Shikawa nunca havia ido à cidade antes, obviamente, então ele não podia dizer com certeza se os contos de suas prévias atmosferas eram verdade ou não; ele estava simplesmente lembrando os contos que ele ouviu dos outros. Na verdade, enquanto ele podia entender os clamores que faziam ao estado da cidade, ele não podia evitar em ficar fascinado por tudo ao seu redor. Ele experimentou sua cerimônia de gempukku há poucos meses, e além disso, ele nunca esteve fora das Ilhas da Seda e Especiarias. Até sua jornada ao continente, ele nunca esteve numa cidade maior que a cidade portuária moderadamente grande da qual ele havia partido. Toshi Ranbo, então, era diferente de qualquer coisa que ele tenha visto ou imaginado, e era difícil se sentir desconfortável lá.

A garçonete chegou e encheu o copo de Shikawa com chá. Ele sorriu para ela, mas claro que ela não fez contato visual. Desde a batalha, ele ouviu, as classes menores têm tomado cuidado para não fazerem nada que enfureça seus mestres samurais. Tantas mortes e destruição deixaram um medo de mais, ao que parecia. Era infeliz, a verdade. A Fênix estava fazendo um excelente trabalho de reparação na cidade e policiando-a para qualquer violência leviana, ao menos pelo que Shikawa podia ver.

Ainda assim, haviam desafios. Com tantos samurais Fênix dentro da cidade, assim como dos outros clãs que traziam pessoas para evitar que suas influências diminuíssem, tornavam a paisagem lotada. As mortes que ocorreram foram bem mais que supridas pelo fluxo de novos visitantes, tanto que a cidade inteira parecia estar inconfortavelmente lotada às vezes. Sob circunstâncias diferentes, Shikawa estaria alojado na embaixada da Aliança dos Clãs Menores, visto seu status como delegado do pequeno Clã Morcego. Infelizmente, mesmo a Aliança foi privada de espaço, e Shikawa, um atendente secundário à corte, foi relegado a essa pequena casa de chá e pousada no cerne do distrito mercante.

Shikawa não era o único samurai infeliz, também. Enquanto olhava em volta, ele notou vários outros entre os patrões normais, muitos dos quais pareciam ser mercadores ou artesões. Havia um Caranguejo no outro canto, bebendo o que parecia ser uma prodigiosa quantidade de sake. Um Garça se sentou próximo à porta, sorrindo radiantemente à garçonete que o serviu mais chá. Ela deve ser uma serva mais atenta que Shikawa percebeu, pois apesar dela não aparentar estar olhando diretamente ao Garça, ela bufou furiosamente ao seu sorriso. E antes, à noitinha, ele viu um Fênix, um shugenja no mínimo, subindo as escadas para os quartos.

Enquanto Shikawa contemplava a noção de outro shugenja ficando na mesma pousada, duas mesas de mercadores se levantaram e saíram para a noite. Shikawa estava surpreso em ver que um samurai Escorpião estava sentado na parede ocidental. Ele esteve completamente disfarçado pelos mercadores, e Shikawa não tinha notado ele entrar, apesar dele estar certo de que o homem não estava ali quando entrou, a não mais que uma hora atrás. Estranho, mas esse era o

caminho do Clã Escorpião, ele supôs. Uma das garçonetes se aproximou do Escorpião mascarado, mas ele a dispensou com um olhar e um movimento de suas mãos para cobrir seu copo de chá. Seu olhar se fixou no jovem shugenja Morcego, e Shikawa sorriu nervosamente e desviou seus olhos. Ele teve poucas interações com o Clã Escorpião em geral, e achava que eles o faziam se sentir desconfortável.

"Há alguém mais, Komori-sama?"

Shikawa sorriu novamente à garçonete, apesar de ter notado que ela novamente não reagiu da mesma maneira que com o Garça. "Não," ele disse. "Obrigado pelo excelente serviço, mas estou um pouco cansado. Acho que me retirarei pela noite."

"Como desejar, meu senhor," a mulher disse, curvando-se tão profundamente que parecia que desapareceria. Quando ela se virou, Shikawa pensou por um momento que ela parecia incomodada por alguma coisa, mas a expressão se foi tão rapidamente quanto sua aparição.

O jovem sacerdote mexeu sua cabeça. Ele devia está mais cansado do que supôs, e se apressou em passos rápidos para completar sua prece noturna aos kamis antes que desmaiasse sobre os tatamis forrados que teria que chamar de casa pela duração de sua estadia na cidade.

Houve um fraco farfalhar, e a impressão de metal correndo lentamente sobre metal. Shikawa reconheceu os sons, mas era como se estivessem a uma grande distância. Ele se esforçou para retornar do sono e ver o que era, mas estava difícil. A escuridão não queria recuar, mas ele se esforçou, e num momento, formas misturavam aos seres no limiar de sua visão.

Alguém estava na sala. Eles estavam de pé sobre a estante onde sua espada repousava. "O she... Oshe fizram?' ele gemeu.

A figura rodopiou repentinamente, claramente surpresa. Houve um som de aço e a figura pendeu para frente. Shikawa reconheceu o perigo no qual estava metido e tentou se colocar de pé, mas ele escorregou de seu tatami e rolou pelo chão, seus membros se recusando a obedecer a seus comandos. A figura o errou por pouco, e ele ouviu a espada rasgar o tatami.

Shikawa tentou gritar, mas não houve nada mais que um grunhido. Ele se esforçou para se colocar de pé, sabendo que era tarde demais, sabendo que a faca o mataria... Mas nada aconteceu. Ele mexeu a cabeça para clareá-la, percebeu o homem que o atacou estava deitado no chão, imóvel. O jovem Morcego olhou em volta, confuso, e percebeu que o Escorpião que havia visto mais cedo estava de pé na sala. Ele estava lá o tempo todo? "O que..." ele começou a perguntar.

O Escorpião deu outro passo para frente e o atacou fortemente com uma palma aberta. A força empurrou a cabeça de Shikawa para trás e a névoa subiu à sua mente rapidamente. "O que está fazendo?" ele exigiu.

"Sua mente está limpa?" perguntou o Escorpião. "Podem haver mais deles."

Shikawa olhou secamente para ele, então para baixo, ao homem no chão. "Você.. Você não está com ele?"

"Obviamente não."

O Escorpião não carregava armas que Shikawa podia ver. "O que você fez a ele?" ele perguntou.

O homem mascarado virou sua cabeça para o lado e ergueu uma sobrancelha. "Você quer realmente saber?" ele perguntou. "Os pesadelos podem ser... Desagradáveis."

O jovem sacerdote olhou para a cabeça do atacante morto, não vendo olhos e hesitou, mas a necessidade de respostas foi removida por um grito de vários quartos de distância, seguido por um estrondo no corredor externo. "O que está havendo?"

"Como eu disse," respondeu o Escorpião. "Podem haver mais deles."

Com um aceno, os dois homens caminharam rapidamente para o corredor, ambos prontos para o que quer que os esperasse. Shikawa estava incerto do que deveria ver, mas ele não estava preparado para o espetáculo de violência diante dele.

"Onde está minha espada?" rugia o Caranguejo que vira antes. Ele segurava um atacante pela garganta, suas duas mãos enormes espremiam o pescoço do homem tanto que muito de seu corpo estava coberto pelo do Caranguejo. "Onde está?"

O objeto da ira do Caranguejo estava se agitando, socando o homem maior com golpes seguidos na cabeça e peito. Nenhum deles tinha efeito notável, e de fato o Caranguejo pouco parecia notar. "Ele não pode falar se você quebrar sua garganta," observou o Escorpião casualmente.

O Caranguejo se virou, mas não liberou seu oponente. "Maldito Escorpião!" ele gritou. "Você é parte disso, não é?"

"Não," disse Shikawa repentinamente, surpreendendo até mesmo a ele. "Um desses homens me atacou em meu quarto também. Ele salvou minha vida."

"Seus argumentos não valem nada!" gritou o Caranguejo. Ele se moveu levemente, como se para jogar o homem que segurava e atacar os outros dois. Shikawa deu um passo involuntário para trás, mas o confronto foi prevenido pela repentina chegada de mais atacantes. Duas portas se abriram no lado esquerdo do corredor, e outra à direita. De cada uma, outros homens em kimonos forrados e negros emergiram. Tinham espadas em suas sayas. Um segurava uma grande faca ensangüentada. Ao ver os samurais reunidos no corredor, o que segurava duas espadas se virou e desapareceu na sala de onde veio. O que segurava apenas a wakizashi a sacou, e o com a faca avançou para os inimigos.

Shikawa deu outro passo para trás e clamou aos kamis do ar ao seu redor. Eles responderam sua prece e saltaram em sua defesa. O corredor foi repentinamente preenchido com vento e o atacante com a faca foi parado pela sua força quando ele atingiu seu peito. Ele ficou imóvel por apenas um momento, mas foi o bastante para o samurai Escorpião andar e empregar um rápido e brutal chute à garganta do homem. Ele caiu imediatamente.

Mais abaixo, o Caranguejo jogou seu oponente inconsciente e adotou uma postura defensiva contra o atacante com a wakizashi roubada. O homem investiu duas vezes, mas foi desastroso e estava óbvio mesmo para Shikawa que ele não sabia como usar a arma corretamente. Seu lamentável ataque foi interrompido por uma rápida e decisiva série de ataques do Caranguejo; um no estômago, então dois na cabeça.

O corredor ficou em silêncio por um momento. O Caranguejo colocou uma mão em sua cabeça e a balançou levemente. Mais dois homens emergiram das salas, mas eles não estavam entre os bandidos. Um era um Garça, e outro um Fênix. Ambos pareciam homens que beberam demais na noite anterior, mas Shikawa não os viu fazer tal coisa.

"O que... O que está havendo?" sussurrou o Fênix.

"Suas espadas foram roubadas," disse o Escorpião. "Esses homens tentaram levá-las. Os outros escaparam."

"Minha espada se foi," rosnou o Caranguejo. "Este aqui estava voltando pelo meu tetsubo." Ele apontou sobre seu ombro para o primeiro.

"Meu daisho," disse o Garça. "Preciso recuperá-lo."

"Uma proposta difícil," disse o Escorpião.

"Algo está errado," disse o Fênix. "Algo... Eu sinto estranho."

"Seda Noturna," disse o Escorpião direto ao ponto. "Detectei o aroma da chaleira na primeira vez que o copo me foi servido. O bebi e não aceitei outras ofertas."

"Seda Noturna?" perguntou Shikawa. "Isso é veneno? Fomos envenenados?"

"Sim," respondeu o Escorpião secamente. "Sou Bayushi Shizume, aliás. Perdoem-me por não ter me apresentado antes."

"Hida Chimoto," respondeu o Caranguejo, se apresentando também. "Envenenados, é? Me sinto com sono, mas nada pior."

"Francamente, a quantidade de seda noturna que teriam que usar para envenenar um homem do seu tamanho nunca seria ocultada pelo gosto de sake," disse Shizume. "Você provavelmente viverá."

Shikawa sentiu seu coração afundar. "Não há nada que cure isso?"

"Claro que há," respondeu o Escorpião. "O antídoto é feito de uma planta comum nas ilhas. Seu povo a come freqüentemente, na verdade. Eles cobrem o sushi com ela. Você ficará bem também."

Shikawa olhou para o Fênix e o Garça. "E eles?"

O Escorpião mexeu sua cabeça. "Há um segundo, porém menos eficaz antídoto, mas não pode ser criado sem uma ampla dose de Seda Noturna."

"Então talvez devêssemos pensar em conseguir uma," disse o Fênix.

O Escorpião abriu suas mãos. "É uma substância difícil de se adquirir, pois é obviamente ilegal. Onde você propõe achá-la?"

"Eles," rugiu Chimoto, apontando aos homens caídos. "Eles devem ter mais disso."

"Não me importo com o antídoto," disse o Garça. "Devo recuperar minhas espadas. A História não se lembrará de Doji Bushori como o homem que perdeu as espadas de seu avô para esses sujos."

O Fênix se ajoelhou e pegou a wakizashi que um de seus atacantes estava usando. "A minha foi manchada pelo toque de uma classe menor," ele disse solenemente. "Passarei muito tempo abençoando-a e para absolve-la de tal desonra." Ele se virou aos outros. "Certamente os ajudarei em fazer o mesmo."

"Como os achamos?" disse Bushori.

O Escorpião apontou para Shikawa. "O Morcego não matou seu oponente."

"Ele vai confessar?" perguntou o Fênix.

"Ah, ele vai," resmungou o Caranguejo.

Shikawa se empalideceu. O Caranguejo exultava uma aura de violência como experimentou antes. De fato, ele achava que o Caranguejo e o Escorpião talvez fossem os dois indivíduos mais aterrorizantes que já encontrou em sua curta vida, apesar de nunca ter visto homens de seus clãs antes. O Garça e o Fênix, ao menos, tinham algum ar de civilidade e honra ao redor deles.

O Escorpião mexeu sua cabeça ao Caranguejo. "Estou certo que está acostumado a pegar o que deseja, Chimoto-san, mas dor é um motivador maior. Medo funciona melhor. Se me der um momento com este homem?"

O Caranguejo resmungou, mas não protestou. Shizume arrastou o homem para uma das salas e fechou a porta. "O que ele está fazendo?" perguntou Shikawa

num sussurro.

"Indubitavelmente algo que não precisamos ver," disse Bushori. Ele se virou ao Fênix. "Se aceitarmos sua ajuda, o preço será de fato alto."

Vendo que o Fênix concordou, Shikawa estava incrédulo. "Pagamento?" ele exigiu. "Ele quer dinheiro para nos ajudar?" Era uma desonra para samurais procurarem ganhos materiais, pois eles recebiam tudo que precisavam de seus senhores em troca da lealdade de seus serviços.

"Claro que não," respondeu o Garça. "Haverá um custo, porém. Nenhum Escorpião dá favores de graça."

Independente do que Bayushi Shizume fizera ou não dentro da sala, o homem com ele aparentemente tinha confessado todos os seus pecados. Duas horas depois, o grupo havia alcançado o que aprecia ser um deserto e parcialmente coberto depósito próximo ao rio que cruzava a cidade. Shikawa reconheceu a construção, pois ele já havia visto milhares dessas em sua terra natal; era onde as mercadorias dos barcos eram removidas e organizadas antes de serem levadas aos seus destinos finais. A batalha que destruiu o distrito mercante abalou uma parte da construção, e então ela foi abandonada.

Ou parecia.

Uma vez que os samurais entraram, rapidamente se tornou aparente que o interior ainda estava relativamente estável. Todas as aberturas para o lado de fora foram pintadas ou cobertas para que nenhuma luz escapasse. Haviam, ao menos pelo que Shikawa podia dizer, aproximadamente uma dúzia de homens. Se o homem que escapou da pousada estava presente, ele não podia dizer. Independente disso, os homens estavam se apressando em empacotar um grande número de armas, todas elas apenas de porte legal samurai, em grandes caixas de madeira. Parecia que estavam preparando um barco para algum lugar. Shikawa olhou para Bushori próximo a ele. "De onde vêem todas essas armas?" ele sussurrou.

O Garça olhou para ele com uma expressão irritada. "A guerra, muito provavelmente. Outras pessoas como nós, envenenadas na noite e exterminadas. Eles estão com pressa, ou esperariam até a manhã para levarem nossas espadas."

"Uma dúzia... Parecem muitos," divagou Shikawa.

Bushori olhou para ele pontualmente. "O Caranguejo sei que pode dar conta," ele disse calmamente. "Isawa Jira dificilmente parece capaz de matar alguém, mas deve ser capaz de incapacitar alguns. O Escorpião... É independente. Preciso saber se posso contar com você para olhar minhas costas enquanto atacamos."

Shikawa pensou, mas assentiu. Ele sabia, também, que a Fênix era geralmente um clã de pacifistas, tão bizarro quanto a noção de um samurai que não deseja guerrear. "Doze homens, todos armados. Será difícil."

"São bandidos," disse Bushori secamente. "Somos samurais. O resultado não está em questão." Ele pausou por um momento. "Podemos morrer, talvez," ele admitiu, "mas não seremos derrotados. Se eu morrer, será com a espada de meu avô nas mãos."

Shikawa assentiu. "Ficarei com vocês." Bushori era tudo aquilo que ele aprendeu a detestar na Garça: certo, confiante, e incapaz de permitir qualquer resultado que não seja o que determinou como apropriado. E ainda assim, ele não desgostava do homem por isso.

"Muito bem," disse o guerreiro Garça. "Então vamos começar, ou o Caranguejo ficará impaciente e vingará minha desonra sem mim."

Shikawa sussurrou uma prece aos kamis, então se ergueu e seguiu o Garça à batalha.

A Força do Imperador

Escrito por Rusty Priske

Mirumoto Hirohisa checou o dedo de jade que pendurava-se por uma corrente em seu pescoço. Sua cor ainda era normal. Ele se virou e lembrou seu companheiro para fazer o mesmo.

"O meu ainda mostra pouca corrupção, Hirohisa-san. Devemos ter tempo."

Hirohisa olhou para Mirumoto Katsutoshi. Sua voz soava brava, mas sua face não disfarçava o sorriso.

Era raro ver um sorriso honesto nas profundezas das Terras Sombrias. Eles sabiam que haviam perigos em cada passo, fossem pelas criaturas que vivam no maligno lugar ou do ar, rochas e árvores que podiam deixar um homem bondoso com a mácula maligna que os transforma em servos de Fu Leng e Daigotsu. Eles eram quatro quando começaram esta missão.

"De acordo com a informação que recebemos de Taishuu, a Cidade dos Perdidos deve estar logo depois desta escarpa."

Katsutoshi assentiu. "Mas se acreditarmos no que diz o Caranguejo, ela está vazia. Os Perdidos se foram."

Hirohisa franziu-se. "Isso é o que tem me intrigado sobre toda essa situação. Por que os Perdidos sairiam? Ou ainda, se eles estariam abandonando a cidade, porque eles deixariam um artefato importante como esse para trás? Acho que desde que ele a recuperou, Daigotsu nunca permitiria que tal coisa saísse do seu lado."

Katsutoshi estranhou. "Talvez ele não tivesse percebido que a tinha."

Hirohisa mexeu sua cabeça. "Não posso acreditar nisso. Daigotsu não é um tolo."

"Não sei porque ele deixaria isso para trás, nem me importo realmente. Se Taishuu nos disse que está lá, então está lá, e estamos apenas fazendo nosso dever em recuperá-lo."

Hirohisa não disse nada, mas inevitavelmente ele pensou. "Contanto que Taishuu seja ainda o homem que nos lembramos."

Os dois Dragões se moveram cautelosamente pelas ruas. Havia poucas diferenças entre esta cidade em relação a qualquer um no Império exceto pelo pesado e opressivo ar sobre ela. Com os moradores desaparecidos, essa cidade podia ter sido habitada por samurais de qualquer clã, contanto que não se olhasse atentamente.

Haviam pequenos sinais. As bandeiras de preces que pendiam de várias janelas estavam decoradas com símbolos horrorosos. As escolhas das cores pela cidade tendiam ao escuro, apesar disso poder ser dito de outros lugares de Rokugan também. Demorou até que avistassem um oratório para que vissem a prova conclusiva da natureza negra da cidade.

O Oratório de Fu Leng era completamente negro. Ao invés de bandeiras ou outras pequenas oferendas que seriam vistas em Rokugan, a entrada era adornada com manchas escuras e vários itens carbonizados, há muito irreconhecíveis.

Katsutoshi lançou um olhar a Hirohisa, que apenas assentiu em triste resignação. Foi lá que Taishuu disse que a Espada dos Hantei estava escondida, desprotegida. Os dois se aproximaram, seus daishos a postos, assim como estavam desde que entraram na cidade. Hirohisa sinalizou para que Katsutoshi esperasse, e então caminhou para dentro do oratório.

Se Hirohisa não reconhecesse a natureza maligna da estrutura do lado de fora, não havia como se enganar sobre o interior. As imagens nas paredes eram confusas e escuras. As manchas da entrada continuavam do lado de dentro e haviam marcas de queimado nas paredes. O foco da sala era um alto degrau onde as manchas e queimaduras eram mais concentradas. Não havia dúvidas de que era usado como um altar de sacrifícios.

A informação de Taishuu estava errada, porém. O Oratório não estava desprotegido. De pé, próximo ao altar, estava uma paródia de um samurai. Suas vestes roxas e brancas estavam manchadas por jorros de sangue e sua face era enrugada e mortalmente pálida. O cabelo negro que descia suas costas estava embaraçado e mal cuidado. As únicas coisas que não pareciam sujas ou sem uso eram as lâminas gêmeas amarradas em nós de obsidiana. O daisho brilhava pela sala.

"Estava imaginando quando chegariam. Estive esperando por uma hora desde que entraram a cidade. As orientações não foram claras?" A voz era seca e ríspida, soando como tumbas velhas e insetos rastejantes.

"Claras o bastante, besta," respondeu o Dragão. "Mas sempre se é cauteloso quando entrando na toca de um leão, mesmo que o Leão seja facilmente lidado. Sou Mirumoto Hirohisa, e não permitirei que viva, blasfêmia de carne."

"Disseste bem, Hirohisa. Sou Daigotsu Toru, e infelizmente para você, não estou sozinho."

Uma figura pesadamente armadurada investiu das sombras à direita de Hirohisa. O Dragão usou sua katana a tempo de desviar o poderoso golpe. Ele deixou que sua força o jogasse para trás alguns passos, com seu atacante seguindo próximo. Isso moveu o escurecido diante da porta.

"Nem eu, criatura."

Mirumoto Katsutoshi saltou pela entrada e deixou sua katana no ombro da armadura negra do atacante de Hirohisa. A grande coisa desviou e a lâmina atingiu as grossas camadas de placas sobrepostas, deixando-o intacto.

Antes que Hirohisa se juntasse a Katsutoshi em batalha com o oponente silencioso, ele viu Toru movendo-se rapidamente na sua direção e foi forçado a desviar sua atenção dele.

"Não se preocupe, Hirohisa-san. Ogiwara entreterá seu amigo enquanto nos entretemos." Toru golpeou com as duas espadas, mas Hirohisa foi capaz de erguer sua wakizashi para bloqueá-los.

"Não tenho prazer além de encerrar sua existência. Você não é nada mais que um animal doente que precisa ser morto para seu próprio bem." Hirohisa afastou as espadas de Toru enquanto golpeou em seu tronco. Toru se esquivou, evitando o contato antes que o fio fizesse seu caminho pelo seu estômago.

"É aí que nos diferenciamos, Hirohisa-san. Nós dois estamos agindo por ordens de nossos mestres, mas eu tenho grande prazer em meu trabalho. Sua morte me trará triunfo. Por favor, tente não fazê-lo muito rápido." Toru investiu para frente, cortando com sua katana. Hirohisa defendeu o golpe com sua wakizashi mas previu corretamente que era apenas uma finta enquanto Toru executava uma estocada com sua espada mais curta. Hirohisa a deteve com sua katana, bem acima da tsuba.

Hirohisa nada disse, mas mudou seu peso levemente e chutou o joelho de Toru. O pálido titubeou e caminhou para trás, liberando a pressão nas espadas de Hirohisa. O Dragão soltou sua wakizashi da katana de Toru e cortou o seu lado. Seu gi se abriu e seu sangue se misturou às manchas de suas roupas.

O corte não foi o bastante para matar, mas o braço de Toru desceu em reflexo enquanto ele gemia de dor, e a katana de Hirohisa não hesitou ao atacar o pescoço de Toru e encerrar a vida do samurai.

Hirohisa não hesitou perante seu adversário caído, se virando à outra batalha na sala. Uma voz sombria, cheia de óleo e veneno, disse, "Agora você morre."

Ogiwara estava sobre um caído Katsutoshi. A katana do Dragão foi jogada para fora, mas ele ergueu sua wakizashi em defesa do que seria um golpe mortal.

Hirohisa moveu-se pela sala com a velocidade e silêncio de um gato e enfiou sua katana entre as placas armaduradas nas costas de Ogiwara. A espada emergiu do peito da besta e ele soltou sua katana sobre Katsutoshi, que facilmente a defendeu enquanto rolou para fora do caminho de seu oponente cadente.

Hirohisa ergueu os olhos a Katsutoshi enquanto ele se levantava, procurando feridas nele. "Foi cortado em algum lugar? Mesmo um corte leve?"

Katsutoshi mexeu sua cabeça. "Não. Ele não me atacou com sua lâmina. Me desculpe, Hirohisa-san. Fui incapaz de derrotar meu oponente."

"Não há necessidade de desculpas. Não posso estar certo que poderia tê-lo matado, também. Meu golpe veio por trás."

"Salvando minha vida. Obrigado, Hirohisa-san."

"Pegue sua katana. Isso claramente era para ser uma armadilha. Temo que minhas suspeitas estejam certas e que Taishuu agora está trabalhando para Daigotsu."

"E se eles eram apenas guardas deixados para trás para protegerem a espada? Não devemos ao menos olhar?" Katsutoshi pegou sua katana e a devolveu à sua saya. Ele então foi para trás do altar e saiu da vista de Hirohisa.

"Cuidado, Katsutoshi-san! Podem haver mais armadilhas."

Katsutoshi re-emergiu segurando um grande embrulho, amarrado em panos sujos. Ele caminhou em direção a Hirohisa, "Você...?"

O outro Dragão segurou o embrulho gentilmente, e abriu seus panos. Ele olhou à saya, tsuba e cabo por um momento antes de dizer. "Esta é... A Espada dos Hantei."

"Você será um grande herói, você sabe." Katsutoshi agitou a pequena fogueira com um bastão.

"Não somos heróis. Apenas cumprimos nosso dever."

"O que acha que fará com ela?"

Hirohisa franziu-se. "Eu? Nada. A entregarei para Lorde Satsu. Sem Imperador para quem a devolvermos, imagino que ele a guardará até que um seja coroado."

"Alguns dizem que o próprio Lorde Satsu é o mais adequado à posição. Talvez ele devesse apenas guardar a espada."

Hirohisa franziu-se. "Tais coisas não são eu que as decida. Darei a espada para Lorde Satsu e o que ele fizer com ela caberá a ele."

Katsutoshi mexeu sua cabeça. "Você não parece feliz, Hirohisa-san. Você teve sucesso em sua busca e estamos levando um importante artefato de volta ao Império. Não devíamos comemorar?"

"Talvez, mas há coisas sobre tudo isso que me preocupam. A perda de Mirumoto Taishuu é problemática. Sempre sabíamos que ele poderia perecer, mas um tal ponto de ajudaria uma emboscada em seus companheiros do Dragão? Ainda, se fosse uma armadilha, porque deixar apenas dois para trás? E se chegássemos com mais samurais? E por quê então deixar a espada afinal, armadilha ou não? Existem muitas coisas que não fazem sentido. Quando retornarmos a nossas terras, acho que visitarei os Kitsuki. Existem mistérios aqui que precisam ser explicados."

Mirumoto Hirohisa dormiu preocupado. Suas palavras para Katsutoshi não deixavam sua mente, ainda que as respostas não vissem. Os diferentes pensamentos e imagens corriam por seu cérebro, se reunindo e se separando como um nevoeiro descendo os vales das Montanhas do Dragão.

Lar. Ele ansiava por ele agora que estava tão longe. Há pouco tempo atrás, porém, ele o via como uma prisão. Ele sobreviveu à Batalha na Tumba dos Sete Trovões. Ele foi um dos dois Dragões que viajaram para aquele lugar amaldiçoado e retornou. Os outros, seu senhor Mirumoto Rosanjin entre eles, nunca viram seus lares de novo.

Por meses após seu retorno, Hirohisa lutou para lidar com os horrores que viu lá. A única outra sobrevivente, uma pequena e esbelta monja chamada Hitomi Maya, que foi quase completamente inútil em ajudá-lo nesse aspecto. Ela parecia completamente indiferente pelo incidente como um todo. Ele nunca esperou mais de uma monja tatuada.

Hirohisa caiu em seu sono enquanto sonhava com a vergonha que trouxe sobre seus ancestrais com suas ações. Ele caiu à bebida e desespero, abandonando virtualmente tudo que uma vez foi importante para ele. Ele veio a duvidar do bushido, e falou contra ele em momentos de intensa intoxicação. Ele foi intimamente perdido numa onda de autopiedade e nojo. Nojo a si mesmo, por ter vivido quando tantos outros morreram, e nojo a uma sociedade que criou tal incidente em primeiro lugar.

E então, Satsu veio vê-lo.

Foi a semanas atrás, possivelmente meses agora, mas Hirohisa se lembrava disso muito claramente, mesmo em seus sonhos. Era como se isso fosse queimado em sua mente. "Este não é que você é," disse o Campeão do Dragão. "Este caminho leva à escuridão. Preciso de homens como você. Há muito o que devemos fazer para que o Império seja salvo."

E isso foi tudo o que foi preciso para Hirohisa atirar as dúvidas que envolviam. Ele purificou seu corpo e espírito, e se preparou para a tarefa em mãos. Ele reuniu alguns jovens soldados em sua velha unidade, uma unidade que comandava antes que suas vergonhosas ações exigissem que fosse removido. E ele foi para as Terras Sombrias, deixando as montanhas para trás no mesmo véu de neblina que agora podia ver pelo olho de sua mente.

Então o nevoeiro foi cortado pelo inconfundível som de uma katana sendo desembainhada de sua saya. O choque correu por seu corpo e Hirohisa rolou para fora da lâmina mortífera, e caiu com o rosto na poeira de onde estava a fogueira. Ele procurou pelo daisho que estava ao seu lado, mas descobriu que ele não estava mais lá. Ele se pôs de pé e encarou Katsutoshi, que estava com as duas espadas prontas. Hirohisa procurou por loucura nos olhos de seu companheiro, ou alguma outra indicação que ele cedeu à Mácula, mas não achou nenhuma.

"Não pode achar sua espada, Hirohisa? Me desculpe, mas não tenho ilusões sobre como me sairia contra você num duelo justo." Katsutoshi falou com palavras de ira e arrogância. "É infeliz que tenha acordado. Teria sido melhor que morresse dormindo."

Hirohisa se manteve à distância, circulando, atento àqueles pedaços mortíferos de aço nas mãos de Katsutoshi. Enquanto isso, ele tentava discernir a motivação por trás do comportamento de seu companheiro Dragão. "Por que está fazendo isso, Katsutoshi? Que benefício ganha ao me matar?"

O outro homem riu. "Benefício? Estou surpreso de você ao menos conhecer a palavra. O benefício é glória. Quando retornar das Terras Sombrias, como único sobrevivente da expedição, levando a Espada dos Hantei em minhas mãos, pronto para dá-la ao novo Imperador, serei favorecido pelos olhos de todos. Nem me importo com quem seja, seja Satsu, Chagatai ou mesmo Daigotsu. Contanto que esteja em posição de tirar vantagem."

"Então Taishuu não é o único Dragão caído hoje."

"Taishuu," Katsutoshi cuspiu. "Quem sabe se ele ao menos vive? Ele traiu seu clã e preparou armadilhas para nós, ou ele tentou passar a informação e foi descoberto. Ele está perdido de todo jeito. Por que você gasta seu tempo pensando nisso? Não importa! Você é um velho tolo que nunca deveria ter rastejado para fora de sua garrafa de sake. Se tivesse ficado para trás, então nada disso teria sido necessário. Teria sido o herói. Ao invés disso, você roubará toda a glória, mesmo que você não queira. Não permitirei isso!"

"Você não é samurai."

"Por sua pífia noção de honra, suponho que não. Há mais no mundo do que bushido, Hirohisa. É uma lição que não aprendeu há muito tempo, mas temo que não viverá o bastante para isso." Katsutoshi moveu-se para frente agressivamente para encerrar a vida do outro Dragão, mas enquanto falavam, Hirohisa circulou e se pôs em direção ao pacote no canto da clareira. Ele se atirou e rolou para ele, evitando o golpe de Katsutoshi. Ele desembrulhou sua katana e pôs a saya de lado apenas para perceber... Que esta não era sua katana afinal.

Hirohisa olhou para baixo para a Espada dos Hantei e hesitou. Usar a espada do Imperador seria uma desgraça...

Ele moveu-se para evitar o ataque de Katsutoshi, mas a hesitação custou muito para ele. A espada atingiu seu braço de espada. A Espada dos Hantei voou e caiu na poeira aos seus pés. Hirohisa pendeu para trás enquanto o sangue corria livremente, pingando de sua mão e caindo na espada que era sua busca.

Katsutoshi desdenhou com óbvio nojo. "E no fim, bushido é a sua morte."

Hirohisa tentou evitar o corte final, mas a perda de sangue o tornava lento e seus reflexos foram afetados. Seu cérebro dizia para que suas pernas se movessem, mas elas não responderam a tempo.

Katsutoshi cuidadosamente limpou a Espada dos Hantei e a devolveu à sua saya. Ele a amarrou aos daisho de Hirohisa e pôs todas as três em suas costas. Ele retornaria o daisho à família de Hirohisa. Eles iriam querer ouviu como ele deu sua vida para que Katsutoshi retornasse a Espada de Hantei para Rokugan. Ele foi um grande herói, afinal, depois apenas do próprio Mirumoto Katsutoshi.

Obsidiana

Escrito por Shawn Carman

Não havia tempo. Nem dia ou noite. Havia apenas o mar.

Ela se aproximou, apenas distantemente ciente de que ela bateu em algum pedaço de madeira, algum fragmento do barco que a carregou por tanto tempo. A dor em sua cabeça era esmagadora. Houve momentos em que ela quase pôde abrir seus olhos, quando ela podia ouvir os sons do oceano. O barulho das ondas contra as rochas. O impacto das ondas umas contra as outras quando os mares estavam agitados. E, ocasionalmente, pensou ela, o som de algo nadando na água ao redor dela.

Ela pensou se os tubarões a pegariam primeiro. Talvez fosse a água. Ou possivelmente até mesmo o sol, se ela agüentasse o bastante.

Não importava.

Quando as mãos a tiraram da água, ela estava em condições péssimas para notar quando a água finalmente havia ido embora.

Hotako acordou de súbito. Ela saltou para o meio do tapete onde estava deitada antes que acordasse completamente, mas suas pernas a traíram. Ela se arrastou

pelo chão, os braços exaustos, fazendo tudo ao seu redor cair no chão. Ela ficou no chão por um momento, coletando sua consciência ao máximo. Ela reconheceu o lento rolar do chão. Ela estava a bordo de um kobune, ainda no oceano. Depois de um momento, ela se ergueu cuidadosamente aos seus pés, moveu-se ao pequeno corredor à porta, e a abriu.

Salvo pelos detalhes menores, Hotako podia muito bem estar de volta ao convés do Espólios de Guerra, mas certamente ela sabia que seu velho barco não existia mais. Ainda assim, as similaridades eram impressionantes. Se o homem trabalhando no convés estivesse vestindo as cores do Mantis, ela estaria muito mais tranqüila. Agora, havia um senso de perigo em seu peito, um que ela não podia calar facilmente. Suas mãos foram à cintura, mas com certeza que suas says não estavam lá.

"Não fique alarmada. Suas armas não foram tiradas de você. Elas se foram quando te tiramos do mar."

A guerreira Mantis se virou para ver um pequeno homem vestido em roupas cruas, mas gastas. Ele não tinha a aparência de um capitão, nem mesmo a de um homem do mar, mas Hotako não podia negar o ar de comando que o cercava. "Quem é você?" ela exigiu.

O pequeno homem ergueu uma sobrancelha. "A hospitalidade do Mantis nunca falha em me impressionar," ele sussurrou. "Sou Motaro, capitão do Modesto Florescer. Meus homens a tiraram do mar há três dias. Se você está tão infeliz de estar aqui como parece, você é mais que bem-vinda a atirar-se da prancha. Menos peso aumentará nossa velocidade, mesmo que pouco."

Hokato zangou-se e olhou ao convés. "Não quero soar ingrata," ela disse depois de um momento. "Eu... Eu estou um pouco confusa. A quem devo agradecer pelo meu resgate? Vocês não são Mantis."

"Certamente não," disse Motaro. "Preferimos ser chamados de contratados independentes."

Os olhos de Hotako se arregalaram. "Piratas?"

O jovem guerreiro nada disse. Os Mantis eram inquestionáveis mestres dos mares, e por grande parte de sua história o clã se dedicou a práticas que os outros denominariam de pirataria sem um segundo pensamento. Aqueles dias se foram, porém; o clã tinha um novo propósito e nova direção sob o comando de seu novo Campeão, o homem chamado de Flagelo das Tempestades, Yoritomo Naizen. Era sob o seu comando, de fato, que Hotako e o resto da tripulação a bordo do Espólios de Guerra foram ordenados a caçar grupos piratas, e um grupo em particular.

Como se sentindo sua aversão, Motaro olhou para ela. "Como você caiu nos mares, Yoritomo-san? Havia uma quantia significativa de destroços na área."

Ela curvou sua cabeça. "Haviam... Haviam outros sobreviventes?"

Ela já sabia a resposta. "Nenhum," ele respondeu.

Hotako assentiu. "Meu irmão," ela disse, mas parou por um momento. "Meu irmão estava a bordo também," ela disse depois de recolher seus pensamentos.

"Ah," disse Motaro. "Sinto muito em ouvir isso. Temo que você foi a única sobrevivente aparente. A Fortuna do Mar é um ser furioso."

"Sou grata pela fortuna de Suitengu," ela respondeu. "Há outros a culpar pela morte de meu irmão."

"Outros?"

"As Serpentes de Sanada," ela disse, cuspindo o nome.

Motaro coçou seu queixo. "Conheço o nome," ele disse. "Piratas, não?"

"Do pior tipo," confirmou Hotako. "Eles tem significativos recursos sob seu comando. Eles atacam rapidamente e desaparecem entre as ondas. Eles têm sido um incômodo por décadas, mas meu senhor Naizen-sama ordenou para que suas atividades cheguem ao fim." Ela franziu-se. "Provou-se ser mais difícil do que parecia."

"Imagino que as Serpentes estejam cientes de sua missão," observou Motaro. "Seria fácil para eles se disfarçarem de vocês se esse fosse o único propósito deles, eu suponho."

"Aparentemente," concordou Hotako. "Nossas frotas são muito grandes para perseguir e combater tal grupo pequeno de barcos. Tivemos que nos separar e conduzir uma larga área. Barcos maiores, como o no qual estava... Achávamos que podíamos lidar com os piratas independentemente, e então nós... Fomos enviados sozinhos, sem barcos de apoio."

"As Serpentes estavam melhores equipadas do que pensavam," disse Motaro.

"Sim," ela disse. Sua voz pouco além de um suspiro. Ela mexeu a cabeça, então olhou ao capitão novamente. "Perdoe-me, mas não nos conhecemos antes? Você me parece familiar."

"Duvidoso," disse Motaro. "Estou certo de que me lembraria de uma mulher jovem tão intensa como você." Ele se virou para de volta ao mar. As rochas dentadas eram tão familiares pelas semanas anteriores a bordo do seu barco ainda estavam presentes, mas bem menos agora. "Quanto tempo serviu ao seu navio?"

"Seis anos," ela respondeu. "Fui alojada lá pouco depois de minha cerimônia de gempukku." Ela se lembrou do dia em que recebeu o posto. Ela e seu irmão estavam felizes por descobrir que se encontrariam no mesmo barco. Foi um dia maravilhoso. Seus pais estavam tão orgulhosos, e ela estava tão honrada por uma visita da velha amiga de sua mãe, a famosa poetisa Yoritomo Yoyonagi. A companhia da poetisa era considerável, e no meio dela, havia várias personalidades importantes, assim como poucas que claramente não eram nada mais que figurantes...

"Você!" ela exclamou repentinamente, apontando para Motaro.

"Forcei demais minha sorte, não foi?" ele perguntou com uma expressão enojada. "Faço isso às vezes."

"Moshi Mogai!" rugiu Hotako, agarrando futilmente sua cintura, por uma arma que não estava lá. "Traidor!"

O pequeno homem se projetou com um terrível brilho em seu olho. "Dificilmente acho que tenho que aceitar tais insultos de alguém que deve a vida a mim." Mogai foi um dos vários samurais do Mantis perdidos num terrível incidente que aconteceu há alguns anos, algo chamado de Chuva de Sangue. Foi um ritual negro feito pelo culto dos Oradores de Sangue, e muitos dos que foram tocados pelo sangue que caiu dos céus foram corrompidos e perdidos para a Mácula das Terras Sombrias. Mogai acompanhou a ex-Campeã do Clã, Yoritomo Kitao, e criou uma vasta frota de barcos conhecida como a Onda Negra, uma frota dedicada à destruição do Clã Mantis. Felizmente, eles se foram, e muito da frota foi destruída na batalha final da Guerra do Fogo e Trovão, uma batalha criada para perturbar a paz entre os clãs Mantis e Fênix. Muitos acreditavam que a Onda Negra foi destruída por inteiro, mas alguns acreditam que uns poucos barcos escaparam. Eles estavam corretos, ao que parece.

"E agora?" perguntou Mogai. "Você vai saltar sobre mim e me matar com as mãos nuas? Parece uma tentativa tola. Sou chamado de Mestre da Dor por uma boa razão, certamente, você entenderá isso."

"Minha vida é insignificante se ao perdê-la eu comprar a sua morte," disse Hotako, desesperadamente procurando por algo, qualquer coisa, para usar como arma. A tripulação toda parou o que estavam fazendo e olharam eventualmente para os dois. Ela sabia que eles podiam matá-la tão facilmente quanto Mogai.

"Sua morte seria uma vergonha, particularmente se acontecesse antes que compreendesse a verdade por trás da morte de seu irmão."

Algo frio brotou no peito de Hotako. "Você o matou," ela sibilou. "Foi você quem destruiu o Espólios de Guerra, não as Serpentes de Sanada!"

"Se tivesse destruído seu barco," disse Mogai com desdém. "Lhe garanto que ninguém teria sobrevivido. Não, realmente foram as Serpentes de Sanada quem destruíram seu barco e mataram seu irmão. A verdade é que isso não precisava ter acontecido, e você pode me ajudar para que nunca aconteça de novo."

Hotako congelou. Ela não se movia, nem abaixava sua guarda defensiva, mas sua face continuava a mesma. "Você caça piratas também?"

"Não tenho necessidade de caçá-los," disse Mogai. "Sei exatamente onde eles estarão, e quando. Estamos em rota de nos encontrarmos com alguns sócios que nos ajudarão a garantir que o que aconteceu ao seu irmão nunca mais acontecerá de novo."

Hotako lambeu seus lábios nervosamente, mas não disse nada.

"Você com certeza está confusa!" disse Mogai. "Se for se juntar a mim em minha cabine para o jantar, ficaria feliz em explicar exatamente como garantiremos que as Serpentes não infectem seu povo mais." Ele sorriu largamente. "Ou, obviamente, você pode tentar me matar se ainda quiser."

Mogai se virou e adentrou a cabine. Depois de um longo momento de consideração, Hotako o segiu.

"A criança virá?"

Hotako cerrou os dentes em frustração. O gigantesco guerreiro nunca falava com ela diretamente, mas perguntava a Mogai todas as perguntas a respeito do que ela estava fazendo. Ela não gostou dele quase instantaneamente, mas não podia fazer nada a respeito. Em três dias, ela nunca viu algo que pudesse usar como arma para se defender. De acordo com as palavras de Mogai, porém, ninguém ergueu um dedo contra ela ou mesmo lhe deu muita atenção nesse tempo. Ela não sabia o que era pior: a ausência de ajuda, ou ser tida como algo imperceptível.

"Nossa visitante tem a opção de nos acompanhar se ela quiser, Tatsune," disse Mogai sucintamente. "Você estaria bem servido em ter uma mulher com os talentos dela lhe acompanhando, eu acho."

"Sou um guerreiro," disse Tatsune com um olhar depreciativo a Hotako. "Um comandante do exército do Clã Aranha. Não preciso da ajuda de crianças."

"Não sou criança, besta miserável," ela cuspiu no homem antes que pudesse se conter.

O homem gigantesco em armadura vermelho sangue se virou e a encarou com um olhar pétreo por apenas um momento antes de se virar para Mogai. "Se isso falar de novo, vou esmagar o crânio dela com minhas mãos nuas," ele disse sem malícia aparente. "Você responderá por tê-la trazido a esta operação, Mogai. A presença dela prejudica nossa tarefa."

Mogai ignorou o comentário e o homem enquanto caminhava, suas pegadas eram como trovões no piso de madeira. "Você terá que supervisioná-lo, Hotako," ele disse. "Ele é um bufão arrogante, mas um extremamente dotado guerreiro e comandante."

A Mantis mexeu a cabeça em aversão a tudo ao reder dela. "Isso tudo é loucura."

"Loucura?" Mogai pareceu surpreso ao termo. "Talvez. E ainda assim conseguiremos aquilo que o Mantis falhou em fazer. Encerraremos a ameaça das Serpentes de Sanada. Por quanto tempo os caçou, Hotako-chan?"

Ela estranhou o uso do tratamento familiar, mas ela não mordeu a isca. "Sete meses," ela admitiu.

"Sete meses," disse Mogai. "Conseguiremos isso em menos de uma semana. Qual é a diferença? Estamos querendo fazer o que os samurais não querem. Você reconhece aquela ilha?" Ele apontou a uma pequena ilha ao longe.

Hotako franziu-se para enxergar. Ela podia ver vários barcos, mas nada detalhado. "Não," ela disse.

"Vilarejo do Recife Azul," ofereceu Mogai. "Um pequeno vilarejo pesqueiro. Fora do caminho, realmente. Eles pagam seus impostos e cuidam dos barcos Mantis que os abastecem talvez uma vez por mês. Menos de duzentas pessoas vivem lá."

"Que tipo de alvo é este?" Disse Hotako incredulamente. "Você acha que as Serpentes de Sanada atracarão aqui? Por que se incomodariam?"

"Eles se incomodarão," disse Mogai, "porque foram pagos para garantir que ninguém na ilha sobrevivesse."

Hotako olhou ao antigo companheiro de clã em choque e horror. "Você os pagou? Você os pagou para atacar essas pessoas?"

"Não eu pessoalmente," admitiu Mogai. "Mas sim. É um meio conveniente de se rastrear o movimento deles. Esperaremos até que estejam em terra, e então nos moveremos e desembarcaremos. Tatsune e seus homens garantirão que as Serpentes não retornem do vilarejo vivos. Cuidarei dos seus barcos."

A jovem Mantis olhou em direção à ilha. "Vocês sabem quantas pessoas morrerão enquanto as Serpentes se movem para dentro do vilarejo? Elas morrerão enquanto nos sentamos, esperando pelo momento perfeito para o ataque. Aquelas são vidas que o Mantis jurou proteger! Eles são vassalos leais dos Yoritomo!"

"São?" Perguntou Mogai casualmente. "Infeliz, mas suas mortes são definitivamente um mal menor."

"Mal menor?" ela estava quase gritando. "Como isso é possível?"

"Você sabe onde as Serpentes estão planejando atacar antes que fossem... Persuadidos a atacarem aqui?" Ele perguntou. "Isora Mura. Quantas pessoas vivem em Isora Mura? Você sabe?"

Ela não disse nada. "Quase mil," ela disse calmamente. "Meus pais vivem lá."

"Vivem, é?" disse Mogai. "Interessante. Entendo que as Serpentes deixam poucas testemunhas."

"Muito poucas," ela sussurrou.

"Claro," ele continuou, "seus pais são indubitavelmente grandes guerreiros. Estou certo de que sobreviveriam sem dificuldades. E se não, morte em combate honrado é um destino invejável."

Ela não disse nada por um momento. "Minha mãe é uma cortesã," ela começou. "Meu pai foi forçado a se aposentar de seus deveres como bushi por uma grave ferida. Ele agora é um sensei menor num dojô local." Hotako mexeu sua cabeça. "Eles não poderiam sobreviver às Serpentes."

"Então a pergunta é," disse Mogai, "o sacrifício que essas pessoas estão fazendo é digno das vidas de tantos outros. Sei que o Mantis tem íntimas relações às pessoas que os servem do que muitos outros clãs, mas, realmente... As vidas dessas pessoas valem mais que a de seus pais? Ou a de seu irmão?"

Hotako ficou em silêncio por vários minutos. "Preciso de uma arma," ela disse suavemente, "se vou ajudar as forças de Tatsune."

Mogai sorriu e tirou um par de sais de suas vestes. "Não são suas," ele disse, "mas acho que as achará adequadas à tarefa."

A luta durou menos tempo que Hotako imaginou. Os samurais da Aranha abriram um caminho pelas Serpentes com brutalidade diferente de tudo que já viu. Não havia raiva, nem vingança em seus métodos. Eles simplesmente matavam e se moviam. Hotako era diferente, porém, e se certificava que cada homem que matava enquanto lutava ao lado da Aranha visse seus olhos antes de morrerem.

O número de aldeões mortos a incomodava a princípio, mas ela pôs o luto de lado e abraçou a ira. Ela se moveu entre os piratas como uma aparição, como um espírito vingativo de outro reino. A única coisa que temperava sua ira era a certeza, de algum lugar do fundo dela, que os homens que realmente mataram seu irmão não estavam ali. Por hora, suas mortes serviriam, mas mais seriam necessárias mais se a justiça deveria ser feita.

Sobre a confusão, Hotako ouviu Tatsune gritar ordens aos seus homens. "Sem sobreviventes! Nenhum desses piratas sai desta batalha!"

"Não!" gritou Hotako. Alguns dos Aranhas ao redor dela se viraram para olhá-la em surpresa, e mesmo Tatsune olhou para ela enquanto tirava sua espada do cadáver onde estava enfiada. "Esses não todos os Serpentes! Existem muito mais! Precisamos deixar alguns vivos para acharmos onde os outros estão!"

Houve um momento de perfeito silêncio, quando tudo o que podia ser ouvido era o rugido das chamas que os piratas começaram, e o distante horror de alguns camponeses que perderam membros de suas famílias. Foi Tatsune quem quebrou o silêncio quando apontou para Hotako. "Mate-a."

Um dos Aranhas se moveu em direção a ela instantaneamente, espada em mãos. Ela era muito menor que ele, e andou para o lado esquivando seu golpe facilmente. Ela se esforçou e deixou o cabo de sua sai em sua têmpora, rachando as placas lacadas de sua armadura, fazendo os olhos dele rolarem para trás de sua cabeça. Antes que chegasse ao chão, ela se virou e arremessou sua outra sai.

Tatsune cruzou quase o pátio inteiro no segundo que demorou para que ela matasse o outro Aranha. Sua espada executou um golpe que indubitavelmente a cortaria ao meio, mas sua mira foi boa. A haste de metal da sai desapareceu no pescoço do homem. Ele hesitou em sua investida, engasgando e caindo de joelhos. Ele olhou para ela com uma mistura de nojo e surpresa, fazendo vários golpes fracos com sua espada antes de bater com sua face no chão de poeira. Houve um clique metálico quando o cabo de sua sai foi empurrado para frente e acertou as costas de seu elmo.

Hotako se virou aos outros Aranhas, que a olhavam com uma estranha indiferença. "Matem-me se quiserem," ela disse, "mas primeiro, matamos os piratas, e então achamos onde estão os outros."

Impressionantemente, os soldados Aranha a obedeceram.

Hotako esperava pela morte quando a batalha foi concluída, mas ela não veio. Ela ficou de pé no centro do vilarejo, olhando para a morte em tudo ao seu redor, foi quando notou o que familiaridade em uma flecha que atravessou o peito de um pirata. Ela se ajoelhou e olhou mais de perto, confirmando suas suspeitas. Ela se levantou e olhou em volta do vilarejo. "Tsuruchi!" ela chamou. "Sou Yoritomo Hotako!"

Momentos depois, uma face familiar emergiu de uma das construções. Era Tsuruchi Mitsuzuka, um velho amigo das ilhas. Apesar da amizade, ela notou que ele ainda estava segurando um arco com uma flecha pronta, e estava apontada na sua direção. "Hotako," ele disse, olhando para os outros. "Quem são esses samurais? O que está acontecendo aqui?"

Ela considerou a pergunta por um momento. "Não importa," ela respondeu finalmente. "Você ainda serve no Ventura?"

"Sim," ele respondeu. "Fui ordenado a ficar aqui e fiscalizar os abastecimentos. O capitão pensou que talvez alguém nas ilhas pudesse ter ligação com os Serpentes."

Hotako assentiu. "Dê a seu capitão uma mensagem por mim. Diga a Yoritomo Han-ku que as Serpentes de Sanada foram mortos. Diga que o Clã Aranha providenciou isso."

"O Clã Aranha?" Mitsuzuka obviamente ficou mais agitado. "Que insanidade é essa que você está dizendo? Quem é o Clã Aranha?"

Hotako simplesmente apontou para os outros em volta dela. "Diga a Han-ku que os Serpentes foram solucionados. Diga a ele que ao observar os outros caminhos quando os barcos da Aranha velejam em seu território, seu irmão terá um trabalho bem mais fácil ao cumprir seus deveres."

"Seu irmão?"

Hotako inclinou a cabeça. "Você e eu sabemos que deveres Yoritomo Dainaru cumpre para Naizen," ela disse suavemente. Simplesmente deixe-nos ir para nossos negócios, e sua competição desaparece. Simples assim."

"Direi a ele," disse Mitsuzuka. "Por que você fala da Aranha em primeira pessoa? Está indo com eles?" ele mexeu a cabeça e se aproximou. "Por que está fazendo isso?"

"Porque o homem que ordenou a morte de meu irmão está lá fora," sibilou Hotako, "e não descansarei até olhar nos olhos dele enquanto ele morre. Navegaria ao lado de Fu Leng se necessário para isso."

"Está jogando sua vida fora," disse o arqueiro pesadamente. "Você está destruindo tudo para o que trabalhou."

"Tudo que sempre trabalhei afundou no fundo do mar há uma semana atrás," ela respondeu. "Não há nada que reste para mim senão a vingança."

"Você desgraça seus pais!" gritou o Tsuruchi.

Hotako olhou para o mar aberto, na direção do Vilarejo do Recife Azul. Ele desapareceu no horizonte há algumas horas, perdido da visão do barco de Mogai à distância. O pequeno capitão não disse nada desde que partiram, mas finalmente ele olhou para sua antiga companheira do Mantis com um olhar aprovador. "Você estava certa em matar Tatsune," ele disse. "Ele era um guerreiro talentoso, um dos melhores do clã, mas ele só se importava com glória e batalha. Ele teria sido seriamente punido se Daigotsu descobrisse o que ele fizera."

"Teria?" ela perguntou. "Seu senhor teria descoberto o que houve?" ela ignorou a própria menção ao nome de Daigotsu. O Lorde Negro das Terras Sombrias era um homem que todo samurai sábio temia.

"De um jeito ou de outro," queixou-se Mogai. "Eu o diria, se tivesse a chance. Se Tatsune tivesse um momento de clareza antes de ancorarmos, ele teria tentado me matar para me silenciar, e então eu não teria escolha senão matá-lo." Ele enfiou as mãos em suas mangas. "Está tudo bem. Não desejo assumir sua posição."

Hotako se virou ao pequeno homem com uma expressão curiosa. "Sua posição?"

Mogai riu. "Tatsune era o primeiro dos oficiais de Daigotsu. Ele alcançou sua posição depois de um excepcionalmente brutal torneio que o Lorde Negro organizou antes que partissem da Cidade dos Perdidos. Qualquer um pode desafiar

sua posição, contanto que tenham uma causa par isso. Aqueles que desafiam sem justa causa são torturados à morte, se sobreviverem ao desafio."

A samurai-ko empalideceu. "Ele julgará minha causa como justa?"

"Ah, sim," assentiu Mogai. "Eu acho que sim." Ele assentiu de novo. "Suponho que congratulações estejam por vir."

"Tenho minhas dúvidas," ela disse obscuramente.

"Você é a Campeã de Obsidiana," disse Mogai. "Primeira entre os guerreiros da Aranha, e preparando-se para lançar-se em batalhas ao seu primeiro comando, para vingar a morte de seu irmão e garantir que as Serpentes de Sanada nunca ameacem ninguém de novo."

"Tudo ao custo de umas dúzias de vilarejos inocentes," ela disse com intensidade.

"Sim," disse Mogai. "Vale bem o custo, não concorda?"

Ela não podia discordar.

O Teste do Campeão de Esmeralda, Parte 1

Escrito por Brian Yoon

"Apesar de vários samurais investirem nas profundezas das Terras Sombrias para salvarem sua vida, o Imperador Toturi Terceiro morreu durante o ano 1168. Toturi Terceiro escolheu sacrificar sua vida para dar a seu amado Império uma chance de sobrevivência. Ainda assim, ele não morreu sozinho. O campeão pessoal do Imperador, Yasuki Hachi, ficou diante das hordas horrendas, a fim de dar a seu senhor uma chance de morte digna. Seu comportamento é um brilhante exemplo de honra e dever que será lembrado para sempre.

Quando os clãs se recuperaram da trágica perda, eles enviaram seus mais dignos samurais para um ser escolhido para levar a lei nas terras na ausência do Imperador. Cinco dias depois, o Império encontrou seu mais novo Campeão de Esmeralda." — Os Arquivos Miya

Mês do Bode, ano 1169

A brisa soprava sobre as Planícies do Trovão e os vastos e vistosos campos de grama tremulavam em seu ritmo. As terras estavam quietas e tranqüilas, livres das opulentas cidades e os horrendos gritos de batalha. Poucos viviam nessas planícies que beiravam as terras do Escorpião e a grande Floresta Shinomen que marcavam o limite ocidental do Império. Por edito e costume, nenhum exército era trazido a essa região e ninguém ousava domar a terra com arroz ou outras safras. Esta terra era abençoada por Osano-Wo, a Fortuna do Fogo e do Trovão, ninguém ousava atrair sua ira mostrando tal desrespeito. A Ordem do Trovão, monges dedicados a este serviço, observavam a terra e a protegiam de qualquer coisa que pudesse ameaçar sua santidade. Os ajudantes calmamente atendiam a isso com poucas interrupções. Eles viam estrangeiros dentro de suas fronteiras apenas poucas vezes por geração, e quando o Império precisava da força de um novo Campeão de Esmeralda.

Muitos anos se passaram desde a última vez que os Clãs Maiores se reuniram nessas planícies. Mais um Imperador passou para o Tengoku. E calmamente, sem pompa ou glória, os Irmãos do Trovão fervorosamente trabalhavam para preparar o próximo Teste do Campeão de Esmeralda. As ondas de grama dourada separadas para permitir poucos cavaleiros cruzarem a terra inóspita. Miya Shoin cavalgava atrás da procissão, ele não podia apagar as linhas de preocupação que enrugavam sua face. A morte do Imperador trouxe caos sobre a terra. Guerra substituiu a difícil paz que matinha o Império junto, e apenas a aparição de um Dragão Celestial pôs um temporário fim à matança. Shoin viajou pela terra nos recentes meses para ver dor e sofrimento em toda parte do Império. Rokugan precisava de força, uma mão firme para guiá-la por esses tempos turbulentos.

Finalmente, o cavaleiro à frente do grupo ergueu sua mão e freou seu cavalo à beira de uma colina. Shoin freou sua montaria e parou com o resto dos homens. Ele lentamente desmontou e passou suas rédeas ao monge que estava à sua direita. Ele se moveu pelo grupo em direção ao cavaleiro líder. O cavaleiro líder se virou e saudou Shoin com um sorriso gentil. Shoin rapidamente chegou a seu companheiro e sorriu de volta. Agora não era hora para preocupações.

Apesar do cavaleiro ser um mestre da Ordem do Trovão, ele não parecia com um monge típico. Apesar de ser um homem velho, o corpo do mestre era construído com músculos e seus olhos refletiam intensamente a força de sua alma. Exceto por sua roupa simples e cabeça raspada, ele parecia um forte guerreiro em todo aspecto.

"Preparamos essa região para a cerimônia," ele disse. Shoin. Olhou para o horizonte. Um grande campo, limpo de árvores e outros obstáculos preenchia sua visão. Pouca diferença havia deste lugar para o resto das Planícies do Trovão, e ainda assim Shoin sentia que a região era adequada para sediar o Teste. Shoin podia sentir paz abrigada nas profundezas de sua alma e olhou para os prados. Era como se os kamis do lugar estivessem sintonizados ao seu desejo de serenidade e o aceitassem como um dos seus.

"Este lugar é perfeito," disse Shoin. Ele se virou e curvou-se para seu companheiro. "Devo parabenizar sua ordem. Vocês conseguiram superar todas as expectativas."

"É nosso dever e prazer cuidar de terras tão abençoadas por Osano-Wo," respondeu o mestre. "Simplesmente espero que possamos achar um homem que seja digno de salvar o Império."

"Assim como todos nós," disse Shoin calmamente. "Assim como todos nós."

Dúzias de arautos se espalharam por toda porção do Império a pedido de Shoin, passando o anúncio a todos aqueles que podiam ouvir. Mensagens chegavam de cada castelo de todos os castelos de todos os clãs, notificando a todos de Rokugan que o chamado fora feito. É evidente que o Império está precisando de necessidade, declarava a nota, e sem o Imperador isso se torna essencial para cumprir nossas tradições. Com este fato em mente, os daimyos dos Miya, Seppun e Otomo organizam o Teste do Campeão de Esmeralda para achar alguém digno de carregar o fardo e a bênção de se tornar o primeiro entre os servos do Império.

O Campeonato de Esmeralda era a mais prestigiosa das honras. O Campeão de Esmeralda podia juntar glória além do imaginável, como se viajasse pelas terras como o campeão pessoal do Imperador. Ele podia deter grande poder, como se controlasse as taxas em várias províncias e assinasse os Magistrados de Esmeralda como achasse necessário. A posição era sonhada por muitos, quer sonhassem em servir o Império, e depois os seus Clãs, ou por aspirações pessoais. Então as famílias Imperiais e a Ordem do Trovão prepararam a isolada região cerimonial e esperavam pelas delegações de cada clã a chegar. Eles não ficariam sozinhos por muito tempo. Dentro de poucos dias, os primeiros viajantes chegaram.

Não era surpresa que ninguém exceto a delegação do Unicórnio fosse a primeira a chegar às Planícies do Trovão. O trovejante som dos cavalos agitou-se pelo ar enquanto os samurais levantavam acampamento. Eles eram um grupo eclético, cada membro tão diferente quanto podia do outro. Plácidas, as solenes Damas Guerreiras Utaku estavam de pé próximas ao bushi Shinjo vestidos nos tradicionais trajes de peles e pêlos gaijins. Miya Shoin caminhou para frente e observou a aproximação do grupo. Ele podia ouvir os sussurros dos descontentes atrás dele; o recente ataque do Khan à Cidade Imperial enfureceu muitos grupos pelo Império e as feridas ainda não curaram.

Dois líderes, um homem e uma mulher, rapidamente convergiram. Assentindo, ambos se viraram para Shoin e levaram todo o grupo do Unicórnio em direção a ele. Shoin conhecia a mulher apenas por reputação; Utaku Tama era uma mulher honrada que rapidamente se destacou nos exércitos do Khan. Sua perícia com as lâminas gaijin era famosa, e Shoin brevemente imaginou se ela queria usar essas estranhas perícias no campeonato de iaijutsu que encerravam o Teste.

A identidade do companheiro de Tama trouxe um genuíno sorriso à face de Shoin. Moto Najmudin parecia um jovem vestido no simples estilo da roupagem rokugani. Qualquer um que nunca tivesse visto Najmudin nunca diria que ele era um Magistrado de Esmeralda e herói de centenas de explorações pelo Império. Shoin trabalhou com o homem e o considerava confiável e valioso. Najmudin curvou-se profundamente de seu cavalo e Tama o segiu. Shoin retornou o gesto, se não quase tão baixo.

"Najmudin-san. É realmente um prazer," disse Shoin.

Najmudin ergueu sua mão e a ofereceu para o Arauto Imperial, que a agitou à tradição do Unicórnio sem hesitação. "É uma honra atender ao Teste, Shoin-sama," disse Najmudin. Ele apontou para Tama. "Esta é Utaku Tama, uma excelente guerreira e representante do Clã Unicórnio."

Tama curvou-se levemente. Ela falou lentamente, como se cuidadosamente examinasse cada palavra que dizia. "Saudações, Shoin-sama. Trago congratulações e condolências do Khan por ter a visão e a força de vontade ao reunirmos para o Teste. Ele está se recuperando de uma doença e considerou tolo viajar com sua saúde ruim."

Shoin escondeu seu alívio com uma face simpática. "A saúde de Chagatai-sama deve ser garantida, acima de tudo. Tenho certeza que vocês excederão as expectativas como representantes do Unicónio." Ele apontou para trás dele, e várias mãos prestativas se apressaram à frente. "Esses homens os guiarão até sua área de repouso. Espero que estejam prontos quando as festividades começarem."

Najmudin riu alto. "Não tenha dúvidas em sua mente, Shoin-sama. O Unicórnio estará preparado."

Os enviados da Garça e da Fênix eram os próximos a chegarem, e suas aparências foram marcadas com muita pompa. Para cada guerreiro a entrar no torneio, a Garça trouxe vários cortesãos prontos para buscarem favores e artistas dispostos a imortalizarem o evento. Passaram-se poucos dias desde que a Junta Imperial supervisionou a clareira vazia, e agora os lugares dos testes estavam repletos de ação e vida. A Ordem do Trovão vagava ao redor para garantir que as preparações fossem perfeitas. Como mais e mais samurais chegavam, a constante disputa por influência começou cedo, transformando esta serena e inóspita terra em outro campo de batalha por poder político.

Para Shiba Naoya, um destacado oficial do Clã Fênix, o caos era incomparável. Ele passou sua vida inteira evitando tudo além de seu dever e técnica, e a constante busca por favores parecia inadequada a ele. Depois de se alojar com outros samurais da Fênix, ele imediatamente se desculpou. Sem olhar para trás, ele montou seu cavalo e deixou a comoção.

Primeiramente, ele não sabia seu destino. Ele não tinha desejo algum senão encontrar um lugar para abrigar sua mente e sua alma. Os campos intermináveis não faziam nada para aliviar o desgosto que permeava seu ser. Sem lugar em mente, ele viajou para o sul das planícies por uma resposta à sua inquietação. Ele não tinha expectativas que um grande templo aparecesse no horizonte, mas rumou em sua direção por qualquer tipo de civilização.

Os portões de Shinden Osano-Wo já estavam abertos, como se a Ordem do Trovão esperasse vários dos participantes buscassem solidão em sua casa. Ninguém prestou atenção em Naoya enquanto caminhava sem premissas. Os

monges do templo não pareciam interessados no samurai que vagava em seu lar. Ele caminhava, observando a Ordem do Trovão enquanto cumpriam com seus deveres.

Naoya lentamente caminhou para o corredor principal do templo, seus olhos captando cada detalhe, cada relíquia. Seus olhos se arregalaram e sua respiração parou em sua garganta. Ele rezou em inúmeros oratórios e templos que pontilhavam as províncias da Fênix. Ele considerava isso quase trivial, uma tradição para apaziguar seus ancestrais. Ainda assim ele nunca havia sentido uma poderosa presença como sentiu diante do altar. A aparência da Fortuna do Fogo e Trovão olhou para ele, seu olhar perfurando o interior de sua mente. Era como se a própria Fortuna descesse na sala. Ele nunca se sentiu assim.

Naoya não rezou para seus ancestrais ou implorava por clareza do alto. Ele simplesmente se ajoelhou ao altar e fechou seus olhos. A sala estava em silêncio exceto pelo distante som da irmandade em trabalhos pesados pelas portas abertas. A intangível e opressiva presença parecia erguer a força de seus ombros. O olhar calmo retornou à sua face, e ele se pôs de pé. Ele curvou-se à estátua de Osano-Wo e imediatamente se sentiu tolo. Ele se virou e deixou a sala. Seus passos estavam leves de novo.

Naoya parou abruptamente. O caminhou estava vazio exceto por um simples homem vestido nos trajes de um ronin, ainda assim algo sobre ele parecia estranho em seus passos. O homem não parecia diferente de um ronin qualquer — modestamente vestido, bem disposto (senão levemente desnutrido), e uma leve aura de perigo que os andarilhos sempre cultivavam, como que em auto defesa. Ainda assim, os olhos do homem pareciam vislumbrar os segredos que incomodavam seu espírito.

"O oratório é bem cuidado, amigo," disse Naoya calmamente. "Se você procura paz, você a achará lá dentro."

O ronin se curvou levemente. "Obrigado, Fênix-san," respondeu o homem, sua voz funda e grave. "Rezei aqui várias vezes, e cada vez sinto as bênçãos desta terra respondendo. Fico feliz que eventos tenham me trazido a este lugar."

Alguma memória distante surgia na mente de Naoya. A voz soava particular, mas ele não podia fazer uma conexão relevante. Ele pôs o pensamento de lado. "Se a localização fosse mais conveniente, não seria capaz de me afastar," ele disse com um sorriso.

"Talvez por isso que o templo seja tão abençoado. Apenas os realmente devotos acham o caminho para cá."

"Ainda assim o destino e os kamis trabalham para alterar nossos cursos para cumprir o Padrão Celestial. Talvez não seja os devotos que achem o templo, mas o templo que transforme os visitantes em devotos."

O ronin ergueu uma sobrancelha. "Um interessante ponto de vista."

"O Campeonato de Esmeralda trouxe todos nós a este lugar," divagou Naoya. "Imagino se a serenidade deste templo quis me dar a vitória no Teste, ou se o Teste foi para me trazer a serenidade."

"Qual você acha que é a resposta, Shiba-san?"

Ele curvou-se rapidamente. "Acho que finalmente compreendo coisas que estiveram além de meu alcance. Estou grato que os kamis tenham me trazido aqui para me ensinar esta lição." Ele pausou por um momento e estudou o ronin. "Sou Shiba Naoya, yojimbo do Conselho dos Mestres Elementais. Perdoe-me. Não posso decifrar sua identidade por suas vestes."

"Sou Tamago, ronin da Legião dos Dois Mil," ele respondeu. "Independente de como vá o Teste, Shiba Naoya, me lembrarei de suas palavras."

Naoya sorriu. "Se for assim, Tamago-san, nós já vencemos."

Os guardas Seppun viram o par de andarilhos quando apareceram nas colinas. Pela hora que chegaram aos campos de testes, um grupo de samurais estava esperando prontos para lidar com a situação. O capitão dos guardas, um homem alto com o nome de Seppun Arata, ficou no meio de seus homens e recebeu os andarilhos pessoalmente. Seu olho crítico desdenhou o par. Eles eram ronins, mas pareciam primeiramente uma estranha dupla. O primeiro ronin era um homem grande, quase do tamanho de um Caranguejo. Seu companheiro era um esbelto, quase baixo homem; sua face coberta por um kabuto, não diferente dos populares na terra do Escorpião. Arata não gostava da aparência deles. Era evidente que ambos eram guerreiros, e tinha sensação que os dois eram brutos sedentos de matar.

"Alto, ronins. Quem são vocês e qual seu propósito aqui?" perguntou Arata. O homem com a máscara ergueu sua cabeça e lentamente virou para olhar Arata. Arata sentiu um frio na espinha; por nenhuma razão específica, ele repentinamente sentiu-se como se estivesse em perigo mortal.

O grande ronin estendeu sua palma diante dele, para mostrar que não tinha má intenção. "Sou Iemitsu," disse o homem. "Este é meu companheiro Eiya. Que propósito todos nós temos, aqui nesta terra remota?"

Arata franziu-se. "Apenas aqueles dignos podem entrar no Teste do Campeão de Esmeralda, ronin. Homens do seu tipo não podem simplesmente entrar e participar porque querem. Deixem este lugar agora, antes que os forcemos a isso."

Iemitsu sorriu, apesar disso não fazê-lo parecer menos ameaçador. "Ah, aí está o mal entendido." Ele procurou em seu kimono e puxou um manuscrito. Ele o virou rapidamente e mostrou o selo para Arata e seus homens. Arata conseguiu disfarçar a surpresa. O manuscrito estava selado pelo mon da família Otomo, a prestigiosa família Imperial com influência espalhada por todo canto do Império. Iemitsu o entregou a Arata e esperou com um paciente sorriso em sua face.

Arata abriu o selo e rapidamente leu o manuscrito. Seus olhos se arregalaram em surpresa. Era uma simples nota, com apenas duas sentenças, mas a mensagem era clara.

"O homem conhecido como Iemitsu e o homem conhecido como Eiya são ambos samurais e um testemunho da honra dos ronins. Por minha autoridade, os dois são bem-vindos à competição de suas capacidades no Teste do Campeão de Esmeralda.

— Otomo Kotone"

Apesar de Arata procurar qualquer imperfeição ou sinal de fraude, o manuscrito parecia genuíno. Ele leu a mensagem repetidas vezes, mas a situação era clara. Otomo Kotone era uma poderosa cortesã que viajou a várias cortes importantes por todo o Império. Sua aprovação podia abrir muitas portas para muitos. Arata podia perder tudo se não desse aos ronins a entrada no Teste. Ele não podia arriscar tudo numa mera sensação suspeita.

"Minhas desculpas, Iemitsu-san, Eiya-san," ele disse por fim. "Não sabia que foram convidados ao evento. Sua patrona fala muito bem de vocês."

Iemitsu assentiu. "Ela é muito gentil."

"Você são bem-vindos a esses solos," continuou Arata. "Meus homens os levarão onde podem descansar enquanto estiverem aqui."

Iemitsu se curvou profundamente. Ele seguiu o par de guardas Seppun enquanto viajavam pelas tendas dos Clãs Maiores. Eiya o seguia silenciosamente, seu olhar fixo nas costas de um de suas escoltas. Seus músculos tencionavam e relaxavam, como se estivessem constantemente à beira de pular sobre os dois. Os acompanhantes caminhavam, levemente inconscientes das ações de Eiya, e levaram o par de ronins à área de repouso designada. Com uma curta reverência e uma breve explicação das regras do Teste, os Seppun deixaram os ronins voltarem aos seus deveres. O par estava finalmente sozinho. Iemitsu se virou para seu companheiro.

"Fique calmo, Eiya," murmurou Daigotsu Iemitsu. "Se vamos entrar e vencer este torneio, não devemos chamar atenção indevida."

Daigotsu Eiya elevou seus músculos em resposta e rugiu profundamente.

"Paciência. Se me tornar Campeão de Esmeralda, o Império se quebrará num mar de sangue," Iemitsu suspirou. "Até lá, faça como nosso mestre ordenou. Beba o chá e mantenha o colar com você sempre. Precisaremos de ambos, se quisermos evitar a detecção e vencer este grande prêmio para o Lorde Negro."

Uma semana depois

"Na ausência do Filho dos Céus, as Famílias Miya, Otomo e Seppun, primeiras entre os servos do Imperador, organizam o mais sagrado dos torneios," gritou Shoin. Ele estava sobre um elaborado palanque que era decorado com os mons das três famílias Imperiais, diante de um grupo dos melhores samurais do Império. Suas mãos continham um antigo manuscrito que descreviam as tradições que iniciavam o evento, mas ele já havia memorizado cada aspecto da cerimônia. Ao invés disso, ele olhou para o público e procurou por faces familiares entre os samurais que vieram representar seus clãs.

"Aqueles entre vocês honrados por receberem o direito de competir devem fazê-lo pois esta é a maior alegria terrena, o êxtase de servir ao Imperador e ao Império em sua ausência como seu Campeão pessoal," continuou Shoin. Cada delegação dos Clãs Maiores se sentava isolada do resto dos Clãs. A recente luta deixou inegáveis marcas no Império. Ele sabia que as sagradas tradições do Teste do Campeão de Esmeralda não deteriam qualquer surto de violência entre os competidores. Ainda assim, a tensão no ar era palpável.

Shoin apenas esperava que o Campeão de Esmeralda fosse capaz de estabelecer relações entre os clãs. Ele imaginou se isso fazia dele ingênuo ou burro.

"Que os escolhidos dêem um passo à frente. O Teste do Campeão de Esmeralda começa agora."

Estava de tarde, e agora era a vez de Shoin julgar os competidores. Ele se sentou no palanque e olhou para as dúzias de samurais reunidos para provarem seu valor.

"Quem se tornar Campeão de Esmeralda assumirá um cargo de alta autoridade, responsável por julgar disputas entre todos os clãs," Shoin começou sem preâmbulos. "O Campeão de Esmeralda não pode ser simplesmente um mestre de iaijutsu mas também um árbitro. Vocês serão testados por seus conhecimentos das leis nas diferentes regiões da terra para que possamos saber se estão prontos para a responsabilidade."

Os competidores olhavam para ele solenemente. Havia muitos participantes no Teste para ele oficializar cada questão; os arautos Miya sob sua jurisdição separavam cada samurai e perguntavam uma série de questões sobre assuntos mundanos que todo samurai sabe sobre a esotérica classificação das taxas numa cidade específica.

Shoin ouvia enquanto seus assistentes se moviam meticulosamente pelo grupo. Nenhum samurai ouviu a mesma questão de outro, e as respostas estavam claramente anotadas. Seus arautos foram bem treinados, e sabiam os assuntos da lei como ninguém. Sempre que uma resposta em particular era difícil de ser julgada, Shoin agia como árbitro final sobre a questão.

Shoin nunca presidiu o Teste do Campeão de Esmeralda antes, mas as respostas dos participantes o impressionavam. Alguns, como o venerável mestre Tsuruchi Kaya, serviram como magistrados e eram capazes de responder todas as perguntas com pouco esforço. Mesmo aqueles samurais que não foram oficiais

da lei conheciam várias questões ardilosas propostas a eles. Aqueles que não sabiam, admitiam suas ignorâncias e explicavam por um bom pensamento fora do estado de decreto.

Várias horas se passaram e o grupo se dividiu em poucos homens. Apenas um homem restou par ser testado quando Shoin se levantou e caminhou em direção ao arauto protocolando o teste.

"Permita-me," disse Shoin, e o arauto curvou-se e caminhou para trás. "Kaiu Hisayuki."

O corpulento Caranguejo curvou-se profundamente. "Você me honra," ele disse.

"Permita-me apresentar-lhe uma série de simples questões. Quais são os três principais deveres do Campeão de Esmeralda?"

Hisayuki sorriu à questão fácil. "O Campeão de Esmeralda serve como protetor pessoal do Imperador. O Imperador tem outras fontes à sua disposição, como a Vigília Oculta ou outros yojimbos, mas o Campeão de Esmeralda deve garantir a segurança do Imperador acima de tudo. Ele também deve reforçar as leis do Império e governar os Magistrados de Esmeralda."

"Bem dito," disse Shoin. "Se o Campeão de Esmeralda controla os Magistrados de Esmeralda, sob qual jurisdição estão os exércitos Imperiais?"

O Caranguejo franziu-se. "Por tradição," ele disse finalmente, "a Mão Direita do Império assume este papel. O Campeão do Clã Leão controlaria os exércitos Imperiais. Porém, acredito que tal escolha põe uma demanda impossível sobre o Leão. E se os exércitos Imperiais fossem convocados a intervir num conflito onde o Leão está envolvido?"

"Quem, então," disse Shoin, "Deve assumir este dever?"

Hisayuki mexeu sua cabeça. "Se o Shogun tivesse sobrevivido, não hesitaria em nomeá-lo como sucessor. Sua morte apresenta um problema. Apresentar um dever para qualquer homem menor oferece um grande insulto à honra do Leão. Não há mais ninguém que preenche a descrição. Talvez um oficial Imperial pudesse cumprir o dever, ainda assim não posso pensar em qualquer um que não causasse um desastre político."

Shoin assentiu ao Caranguejo. "Talvez você esteja certo, Hisayuki-san. Espero que caso se torne o Campeão de Esmeralda, você encontre uma resposta ao enigma."

Hisayuki sorriu. "Obrigado, Shoin-sama."

Shoin sabia que o Teste de Liderança não requeria sua presença, mas ele foi para os locais onde a Ordem do Trovão preparou para o evento. Quando Shoin chegou, ele estranhou a visão. Dúzias de tabuleiros de Go, lado a lado, estavam ocupados por samurais tentando superar seus oponentes. Shoin se moveu por eles, analisando os estados de cada tabuleiro enquanto andava. À frente da assembléia, Toturi Shigekawa sentava-se numa animada conversa com um homem que Shoin conhecia apenas por reputação, Akodo Shigetoshi.

Shoin preparava-se para esperar o par terminar sua conversa. Shigekawa olhou para o Arauto Imperial e sorriu. Ele disse uma palavra rápida para Shigetoshi, e se moveram para se juntarem a Shoin.

Toturi Shigekawa, o Comandante da Sétima Legião, chegou a essa posição bem cedo em vida. Assim como Shoin, Shigekawa foi atirado no coração dos problemas assim que começou a trabalhar e se provou exemplarmente diante de seus superiores. Ele uma vez foi um Akodo mas jurou seu serviço à antiga Imperatriz Toturi Segunda. Ele era um homem feliz e honesto, e Shoin sempre gostou de sua companhia. Seu companheiro, Akodo Shigetoshi, era um homem honesto. O daimyo da família Akodo era famoso por sua maestria tática e sua natureza sóbria e metódica, apesar de não ser imune a ocasionais surtos de temperamento.

"Shoin-sama," disse Shigekawa com um sorriso. "não resiste aos tabuleiros de Go?"

Shoin estranhou. "Você pode me culpar? Sempre estou procurando por novas estratégias. Afinal, usaria de qualquer ajuda possível contra você."

"Não acho que esses jogos lhe ajudarão, Shoin-sama," interrompeu Shigetoshi. "Nenhum jogo de Go se compararia às situações que esses participantes enfrentam agora."

Shigekawa riu à intrigada expressão da face de Shoin. "Os tabuleiros foram feitos para apresentarem um desafio a um dos jogadores. O Teste de Liderança, meu amigo, não foi feito para ser uma disputa entre iguais."

"Interessante," respondeu Shoin. "E quanto a você, Shigetoshi-sama? Tem interesse em pedras de Go?"

"Shigetoshi já terminou sua partida," disse Shigekawa, sorrindo. "Ele conseguiu vencer contra obstáculos impossíveis. Foi um jogo magnífico."

"Quisera poder ter visto," disse Shoin. "Talvez aqueles que estão jogando agora possam me mostrar estratégia desse tipo."

Ele se desculpou e se moveu para as mesas de Go. Com uma inspeção mais apurada, Shoin podia ver que seu amigo estava certo. O padrão dos jogos era estranho e distorcido. Enquanto algumas mesas estavam normais, outras estavam dispostas de uma maneira que nunca aconteceria em jogos reais. A variação nas posições iniciais tornava o evento um espetáculo a ser visto.

Os olhos de Shoin se dirigiram a um jogo em particular, onde um Garça e um Dragão estavam num difícil jogo por algum tempo. Finalmente, o Garça conseguiu tirar a vitória sobre seu oponente. O Dragão, claramente desapontado, sentou-se rigidamente, olhando o tabuleiro.

"Você jogou bem, Sasaki-san," disse o Garça. Ele começou a tirar as pedras do tabuleiro.

"Como você, Kakita Hideo," respondeu Sasaki. "Você promete muito."

"É uma pena que você teve que me enfrentar, ou talvez pudesse ter tido uma chance."

O Dragão pareceu imune às provocações do jovem. Ele sorriu e se curvou a Hideo. O Garça ignorou o gesto e se levantou para sair.

Shoin franziu-se. Antes que pudesse falar, porém, um bravo grito cortou o ar.

"Como ousa dizer isso? Você comprou esta partida para vencer, Escorpião! Não ache que continuará com isso!"

Shoin se virou para ver um Fênix saltar e se pôr de pé. Ele era um jovem que Shoin nunca havia visto. Sua face estava colorida pela raiva, e o pano que cobria seu olho esquerdo estava mais visível diante de sua face avermelhada. Seu oponente parecia ser Shosuro Jimen, o jovem cortesão que recentemente começou a atender a Corte Imperial. Shoin se moveu pelos outros jogadores em direção à dupla conflitante.

"Como ousa me lembrar disso, Escorpião imundo! Você e seus amigos orquestraram essas injustiças! Não posso vencer quando as pedras estão dispostas contra mim!"

"Não, Majushi-san, você não pode vencer," interrompeu Shigekawa. Sua voz solene cortou a comoção e todos se separaram para deixá-lo passar. "O propósito deste teste nunca foi ver se você podia vencer seu oponente. Era para ver se você podia adaptar-se ao cenário e tentar novas estratégias. Era para ver suas reações numa situação sem esperanças. Sua irritação, desnecessário dizer, não é uma resposta aceitável."

A realização veio à face do jovem Fênix e seu rosto tremeu com o embaraço. Ele curvou-se profundamente para Shigekawa e então para Shoin. "Deixei que minhas emoções colorissem minhas decisões. Me comportei lamentavelmente diante de tal augusta audiência. Me desculpo pelo comportamento, Shigekawa-sama, Shoin-sama."

Majushi saiu sem posteriores protestos. Shoin virou-se para Jimen, que calmamente continuava sentado durante tudo isso.

"Jimen-san," disse Shoin, "o que disse a seu oponente?"

O cortesão se virou para olhar ao Arauto Imperial. "Me desculpo se precipitei sua resposta, Shoin-sama. A última coisa que quero é interromper os procedimentos. Pela conversa sobre o tabuleiro de Go, percebi que meu oponente conheceu um amigo meu durante o Campeonato de Topázio, há muitos anos. Simplesmente perguntei sobre a natureza de seu encontro. Serei mais cauteloso com minhas palavras no futuro, Shoin-sama."

Jimen curvou-se. Enquanto ele caminhava, ele não podia deixar de pensar em quais maquinações o Escorpião estava pondo em prática.

O Teste do Campeão de Ametista

Escrito por Nancy Sauer

Yoritomo Sachina leu o anúncio cautelosamente, ponderando quais implicações ele tinha para ela e para seu clã. No curso que a "segurança" da Cidade Imperial estava seguindo, representantes do Clã Fênix descobriram o artefato gaijin conhecido como a Coroa do Campeão de Ametista e reconheceram a maldição sobre ela. Eles prontamente destruíram a Coroa e agora, com a aprovação das Famílias Imperiais, estão comemorando este ato concedendo o título do Campeão de Ametista para alguém cujo valor individual foi útil para o benefício do Império.

A cortesã Mantis enrolou o manuscrito e o devolveu à sua caixa. Assim como muitas outras coisas na Cidade Imperial, ela iria para a pessoa cujos atos foram reconhecidos ao invés de alguém que a merecesse. A Fênix indubitavelmente engenhou isso com o intento de dar o título aos seus aliados de longa data, a Garça, ela pensou, mas haviam muitos jogadores na mesa. Sachina sorriu. Muitos jogadores, e mais de um tipo de vitória.

Shosuro Jimen bebeu seu chá e considerou o dojô que estava sendo construído no quarteirão ao lado. Os trabalhadores eram parte da Bênção do Imperador, um grupo de carpinteiros e outros artesãos que foi fundado pela família Miya com o dever de trazer alívio às partes do Império que foram afligidas pelo desastre. Pela Bênção estava sendo usada para construir uma escola indecentemente bonita na Capital Imperial para um dos mais ricos clãs do Império, pensou Jimen, dizia muito sobre como os Miya e outras Famílias Imperiais definiam "desastre". Alguns de seus compatriotas odiavam a Garça pelos seus sucessos, mas ele preferia uma visão menos apaixonada da situação. O Escorpião fez tudo ao seu alcance para minimizar a ciência do resto do Império sobre seus problemas, e a Garça fazia amigos facilmente. O resultado era inevitável.

Um leve som em direção à frente da casa de chá chamou sua atenção e ele olhou para cima para ver Yoritomo Sachina caminhando em direção à sua mesa. Ela parou a uma distância polida e curvou-se a ele. "Desculpe-me, Shosuro-san," ela disse, "mas a casa de chá está lotada. Seria possível me sentar em sua mesa?"

Jimen podia ver pelo menos cinco mesas vazias na sala. "Claro, Yoritomo-san,"

ele disse, levantando levemente e apontando-a em direção ao assento em frente a ele. Sachina o deixava levemente nervoso. Ela era intensamente bela, e tinha mais anos de experiência nas cortes que ele, e ainda assim ele não achava nada em seu passado que pudesse ser usado contra ela. Ela possuía uma incansável ambição de melhorar sua condição de vida, mas infelizmente a família Yoritomo não considerava isso um defeito.

A mulher Mantis aceitou uma xícara de chá de um dos servos e olhou para a rua. "Ah," ela disse, "esta é a nova escola Daidoji."

"De fato," disse Jimen.

"Parece simples para uma construção da Garça," Sachina disse pensativa.

"Creio que recentemente os Daidoji tomaram o controle sobre o projeto de seus primos Doji."

"Que pena," disse Sachina. "Sempre admirei a habilidade Doji de serem ostentosos sem penderem ao ridículo. Mas suponho que estão muito ocupados assegurando o Campeonato de Ametista para se preocuparem com essas coisas."

Jimen passou seu olhar pelas mesas próximas e se certificou que todos estavam cuidando de seus afazeres, e então devolveu sua atenção a Sachina. "A posse da Garça sobre a Ametista não é certa," ele disse calmamente.

"É verdade, vários clãs enviam indivíduos que trabalharam incansavelmente pelo bem do Império," disse Sachina. "Bayushi Kaukatsu, se fosse vivo, certamente seria um candidato a esta honra."

"Certamente," disse Jimen com um sorriso que não sentiu. A morte inesperada de Kaukatsu deixou um buraco preocupante na influência do Escorpião sobre as políticas Imperiais, um buraco que era responsabilidade de Jimen preencher. Ele reconstruiu muito do que foi perdido, mas ele ainda não detinha o poder que Kaukatsu tinha. Seus rivais profissionais na Garça não foram lentos em notarem isso.

"Claro, Kaukatsu era um homem modesto," ela continuou. "Ele poderia escolher se remover da corrida e trabalhar para dar o Campeonato a algum outro cortesão merecedor." Sachina pegou seu chá e bebeu dele.

Jimen olhou para ela secamente. "Como alguém do Clã Mantis?" ele perguntou.

"Talvez," ela respondeu. "É verdade que temos vários cortesãos talentosos aqui em Toshi Ranbo. Nossa líder de delegação, Yoritomo Yoyonagi, sua aluna, Yoritomo Yashinko, e, claro, eu."

"Claro," disse Jimen. "Apesar de ser difícil imaginar porque ele apoiaria o Mantis depois de terem conseguido comprar o controle da Ilha Gota de Lágrima do Escorpião." O distrito de entretenimento de Ryoko Owari, Gota de Lágrima era famosa pela qualidade dos serviços oferecidos e pela vasta soma de dinheiro que mudava de mãos todo dia. A tomada de poder pelo Clã Mantis era outro problema que deveria ser acertado — depois.

Sachina sorriu levemente. "Suponho que sob essas circunstâncias seria irracional pensar que Kaukatsu agiria para apoiar um candidato Mantis. Mas se ele, por exemplo, escolhesse simplesmente não trabalhar contra o Mantis, e então ter mais recursos para lidar com a Garça. Por exemplo."

"Não é um pensamento impossível," disse Jimen depois de um momento. "Hipoteticamente falando."

"Hipoteticamente," concordou Sachina. Ela terminou seu chá e se levantou. "Agradeço muito por dividir sua mesa comigo, Shosuro-san. Talvez no futuro em possa lhe retribuir a hospitalidade." Ela se curvou polidamente.

Jimen se levantou e curvou-se para ela. "Sua companhia é deliciosa," ele disse suavemente. "Procurarei por outra oportunidade de conversar." Sachina sorriu e partiu. Jimen voltou ao seu assento e sinalizou para mais chá. A cortesã Mantis era intensa, calculista, e sem medo de correr riscos, ele pensou. Ele podia lidar com alguém assim como Campeão de Ametista.

"Não posso lhe agradecer o suficiente por concordar em falar comigo tão imediatamente," disse Sachina com um sorriso postiço.

"Oh, não precisa agradecer," disse Kakita Munemori. O velho cortesão da Garça deu a ela um sorriso, seus profundos olhos azuis brilhando com ardor. "Meu relacionamento com Yoritomo Yoyonagi foi muito gratificante, profissionalmente falando, e também fico muito feliz de estar a serviço de outro membro de sua delegação. Mais sake, querida?"

Sachina aceitou mas deixou seu copo intocado diante dela. "Kakita-san, estive considerando os laços entre nossos dois clãs e meios pelos quais eles poderiam ser fortalecidos, para benefícios de ambas as partes."

"Mesmo?" Na experiência de Munemori, o Mantis tinha uma noção particular do que constituía um "benefício" para os não-Mantis num acordo, mas não machucaria ouvir.

"Mesmo," disse Sachina. "E meus pensamentos me levaram ao Campeonato de Ametista."

"Posso ver," disse Munemori. "Então você acha que o Mantis deveria apoiar o candidato Garça para o Campeonato de Ametista?" ele pegou seu copo de sake.

"Não exatamente. Acho que a Garça deveria apoiar o candidato Mantis."

Munemori deu a ela um olhar inquisidor. "Ficaria fascinado em ouvir como isso beneficiaria o Clã Garça." Ele bebeu seu sake.

"Bem," disse Sachina. "Não há dúvidas de que a Garça é ricamente suprida de cortesãos talentosos, qualquer um deles poderia ser qualificado a ser apontado como Campeão de Ametista. Infelizmente, vivemos em tempos incertos, quando pessoas de mente pequena que invejam o sucesso da Garça poderia tramar contra o candidato da Garça apenas por prazer. Então vêem seus rivais, o Escorpião, que também têm cortesãos talentosos e que podem ser tidos como tramando em benefício próprio." Ela parou e se abanou brevemente antes de continuar. "Mas um cortesão Mantis não chamaria a atenção dos invejosos, e o apoio da Garça facilmente cancelaria os esforços do Escorpião. É verdade que isso faria do Campeão de Ametista um Mantis, e não um Garça, mas qualquer um que lide com a Garça sabe que ter um amigo em posição de poder é quase tão bom quanto tê-lo você mesmo."

"Tudo que diz é verdade," disse Munemori. "e ainda assim meu clã não está livre de mentes pequenas. Alguns de meus compatriotas duvidam que o Mantis seja realmente nosso amigo."

"Compartilho de sua tristeza sobre este fato lamentável," disse Sachina. "Mas acho que posso silenciar os duvidosos. Os agentes de Lorde Naizen recentemente arquitetaram a tomada da Ilha Gota de Lágrima — transferiremos parte do controle do distrito para a Garça, como um presente. E devemos apoiar o candidato Garça para comandante da Legião do Crisântemo Safira, para que todos reconheçam que fazemos isso como expressão de nosso grande respeito pelo Clã Garça, e não uma tentativa de trapaça barata."

Munemori cobriu seu espanto à oferta fazendo um estudo dos encantos físicos de Sachina. Felizmente, o estilo de seu kimono dava muito que ele olhar. "Este é um presente extremamente persuasivo," ele disse finalmente. "Eu sou um cortesão muito pequeno para aceitar em nome da Garça, mas prontamente levarei isso à atenção de Nagori-sama."

Sachina sorriu. Ela aprendeu de Yoyonagi que Munemori era bem mais influente que ele gostaria de deixar aparecer e que a liderança da Garça não rejeitaria um acordo que ele apoiasse. "Sou grata por sua ajuda, Kakita-san." Ela pegou a garrafa entre eles. "Mais sake?"

"Por favor," disse Munemori. "Mas se estamos para ser amigos, então deve me chamar apenas de Munemori."

"Estou feliz de ser incluída em seus amigos, Munemori-san." Sachina encheu novamente seu copo, então o dela. "Ao sucesso futuro," ela disse.

"Ah, Sachina," disse Yoritomo Yoyonagi. "Estou feliz que tenha achado tempo em sua agenda social para se juntar a nós."

Sachina ignorou as palavras e estudou as faces dos presentes. A expressão de Yoyonagi era uma máscara de quieta civilidade; sua estudante Yashinko parecia estudiosamente polida. Moshi Minami, estudante de Sachina, também estava presente e parecia levemente preocupada pelo atrito entre sua professora e Yoyonagi.

Tudo estava normal o bastante para que ela direcionasse sua atenção à última pessoa na sala, o Campeão do Mantis Yoritomo Naizen. Ele estava sentado em uma das cadeiras que o Mantis importou como curiosidade dos Reinos de Marfim e encarando os membros de sua delegação diplomática com uma expressão absolutamente ilegível. Sachina tomou isso como um aviso.

"Naizen-sama, vim assim que recebi sua mensagem," ela disse, curvando-se baixo. "Como posso servi-lo?"

Naizen olhou para ela por um momento. "Sachina, quando você veio a mim tive a impressão de que era uma cortesã talentosa."

"E sou, meu senhor. Servi ao antigo Shogun nesse cargo por muitos anos."

"E ainda assim achou prudente gastar valiosos recursos na busca de um objetivo impossível," ele disse.

"Me desculpe, meu senhor," disse Sachina, "mas não sei a que se refere."

Yoyonagi pulou. "Ele está se referindo às suas tentativas de se fazer indicada como Campeã de Ametista," ela disse.

Sachina pareceu surpresa, e então horrorizada. "Naizen-sama, Yoyonagi-san, sinto terrivelmente," ela disse. Ela curvou-se baixo para os dois. "Ao falhar em fazer um relatório pontual de minhas ações fiz com que os dois se preocupassem desnecessariamente. Não tenho palavras para a vergonha que sinto a este lapso, e não posso pedir vossos perdões."

Yoyonagi tentou falar, mas Naizen a silenciou levantando uma mão. "Explique-se," ele disse a Sachina.

"Naizen-sama, é verdade que estive perseguindo o Campeonato de Ametista, mas não para mim. Apesar de eu ser certamente qualificada para ele, sou uma vassala nova no Mantis e seria inapropriado para mim servir ao clã dessa maneira. Ao invés disso, estive trabalhando para que Yoyonagi-san fosse apontada à posição."

"Eu?" disse Yoyonagi.

"Absolutamente," disse Sachina. "Você tem sido a voz do Mantis na Corte Imperial por vários anos, e tem muitos aliados nos outros clãs. Esses aliados certamente lhe apoiariam, já que isso lhes daria acesso a uma cortesã com privilégios Imperiais."

Yoyonagi pareceu pensativa com isso, mas Yashinko falou. "Mas e quanto à Garça? E ao Escorpião? Eles se oporão a nós em favor de seus próprios cortesãos."

"O Escorpião concordou em não nos apoiar," disse Naizen calmamente. "A Garça concordou em nos apoiar, sem dúvida influenciados pelo presente de Sachina em parte da Ilha Gota de Lágrima."

"Ilha Gota de Lágrima?" disse Yashinko. "Mas isso custou muito uma fortuna de nosso clã para se obter!"

"Uma fortuna muito maior se move pelos portos da Garça a cada semana," disse Sachina. "Nossos clãs são úteis mutuamente, mas é inevitável que às vezes colidam. A Ilha Gota de Lágrima nos compra um pouco mais de paciência da Garça. E quando o Escorpião finalmente tentar recuperar o controle do distrito, irão ter que lidar com dois clãs, não um."

Yoyonagi deu à sua rival um olhar de contida irritação e respeito, mas continuou quieta. Minami mordeu seu lábio por um momento e começou a falar. "Se o Escorpião se opor a nós, então a Garça nos apóia, e então Yoyonagi se torna escolha óbvia de qualquer um que queira evitar ofender esses dois clãs." Ela soou como uma estudante tentando solucionar um problema difícil em voz alta, e Sachina quase sorria à esperteza da mulher.

"Também é verdade," disse Sachina. Ela olhou para seu senhor. "Naizen-sama, a Ametista está ao nosso alcance. Temos apenas que fazer os esforços finais e ela será nossa."

Naizen olhou para ela e então para Yoyonagi. "Faça acontecer," ele disse.

"À sua vontade, meu lorde," disse Yoyonagi. Ela olhou para Sachina. "Nos encontraremos em uma hora," ela disse abrindo sua mão para incluir Yashinko e Minami, "e você irá nos contar o que foi feito até agora, e o que precisa ser feito."

"Grata," disse Sachina com uma pequena reverência. Enquanto ela se retirava da sala ela sorriu para si com satisfação. Como Campeã de Ametista, Yoyonagi acharia todas as cortes de todos os clãs abertas para ela — e todos os clãs iriam querer dividir de sua atenção. E o aumento de trabalho significaria que ela não mais funcionaria como líder da delegação do Mantis e então Naizen teria que apontar mais alguém para o cargo. Alguém como Yoritomo Sachina.

Vitória, ela pensou.

O Teste do Campeão de Esmeralda, Parte 2

Escrito por Shawn Carman

As Planícies do Trovão, Mês do Bode, ano de 1169

Miya Shoin emergiu da tenda central na região designada para sua família, seu semblante já triste apesar da hora da manhã. Fora sua expressão, cada faceta de sua aparência estava em perfeita ordem, assim como se podia esperar de um daimyo da família Imperial. Seus vassalos, os arautos Miya, já estavam se movendo pela cidade de tendas improvisadas por horas, muito antes do sol se erguer. Mesmo enquanto ele se emergia, um trio de arautos se aproximou e curvou-se profundamente, cada um oferecendo a ele um manuscrito detalhando as atividades da manhã até agora. Shoin retornou suas reverências assentindo e aceitou os manuscritos, então os observou correrem para continuarem as preparações da manhã. Ele pôs dois dos manuscritos em seu obi e abriu o terceiro, continuando sua caminhada pelos caminhos esparsos entre as tendas até que alcançasse a maior da área.

Os dois guardas Seppun curvaram-se rapidamente para Shoin e levantaram a pesada cobertura da tenda enquanto ele entrava. Lá dentro, o daimyo bem poderia ter adentrado a luxuosa posse de um rico daimyo de qualquer lugar do Império. O leve odor de incenso no ar, e especiarias de todo tipo estavam presentes. Próximo a uma baixa mesa com toda espécie de delicadezas, estava uma velha mulher, não menos elegante pela idade, de pé olhando um manuscrito seguro por um dos seus assistentes. Ela olhou enquanto Shoin entrava e sorriu calidamente. "Shoin-san," ela disse, sua voz era quase um ronronar. "Bom dia."

"Bom dia, lady Hoketuhime," disse Shoin, curvando-se baixo perante a daimyo da família Otomo. "Espero que a manhã tenha lhe encontrado bem."

"Muito melhor agora que você está aqui," ela disse, sua face radiante. Apesar de Shoin saber que ela era capaz de mostrar tamanho calor e afeição mesmo para aqueles de quem ela não gostasse, ele não podia deixar de sentir-se favorecido por sua atenção. Essa era a força dela, ele sabia, e sua maior arma. "Que notícias você tem?"

"O torneio de iaijutsu começará em algumas horas," disse Shoin. "Devemos saber a identidade daqueles que se enfrentarão na luta final antes que o dia termine."

"Excelente," disse Hoketuhime. "Tudo está indo como esperávamos."

"Sim," disse Shoin, seu tom claramente reservado.

Hoketuhime ergueu uma sobrancelha. "O que lhe perturba, Shoin?"

"Várias coisas, minha lady," ele admitiu. "Houveram alguns... Incidentes até agora. Coisas que não deveriam ter acontecido."

"Como o que?" ela pressionou.

"Há um número maior que o normal de competidores ronins," disse Shoin. "Três para ser preciso. Um tem um convite de Shinjo Shono, os outros de Otomo Kotone."

"Kotone?" Hoketuhime franziu-se. "Ela esteve doente ultimamente, não esteve?"

"Sim," confirmou Shoin, "e ainda assim entregou convites a dois ronins. Muito incomum."

"Você tem vigiado esses dois, eu presumo?"

"Claro." Assentiu Shoin. "Eles não têm feito nada de particularmente estranho, apesar dos juízes com quem falaram estarem relutantes em fazer algo com eles."

"Isso é esperado," disse Hoketuhime. "Eles são ronins, afinal. O que mais?"

"Houve um duelo a uma curta distância daqui," disse Shoin. "Um duelo não sancionado, um duelo à morte. Um dos competidores do Dragão foi morto por uma jovem Mantis."

"Os Dragões nunca deviam beber," ela disse, espirando sem se importar. "Raramente vi um que podia agüentar seu próprio sake."

"Há relatos conflitantes," disse Shoin, "mas não parece que houve qualquer sake envolvido. De fato, o desafiante deveria facilmente ter derrotado sua oponente. Todavia, o evento abalou fortemente as relações entre os dois clãs aqui no torneio," continuou Shoin. "Alguns entre o Dragão pediram a cabeça da mulher, e o Mantis se recusou a puni-la por seu papel no duelo."

"Um assunto dos clãs, não dos Imperiais," disse a daimyo dos Otomo. "Ouvi, porém, que houve alguns convites que não foram atendidos. Não aceito insultos levemente. Pode confirmar isso, Shoin?"

"Hai," ele disse com tristeza. Hoketuhime não era alguém para ter como inimigo, e independente de como os samurais ausentes fossem justificar suas ausências, ela não estava sujeita a aceitar isso bem. "O principal deles, eu creio, é Hiruma Todori, apesar de haverem outros como Yoritomo Buntaro e..."

"Todori?" Hoketuhime tapou seu queixo com o leque. "O daimyo dos Hiruma?"

Shoin assentiu. "Meus arautos relataram que os Hiruma descobriram um de seus antigos dojôs em algum lugar de suas províncias. Se isso for verdade, então eles podem ser capazes de recuperarem as antigas Técnicas Hiruma que foram perdidas quando suas terras foram tomadas pelo Maw séculos atrás."

"As Técnicas Hiruma," ela contemplou. "Os Hiruma são tidos como elegantes e mortais em batalha antes de perderem suas terras. Os Hida eram virtualmente invencíveis com os Hiruma os defendendo, ou assim dizem."

Shoin franziu-se levemente. "Assim entendo, minha lady."

"Muito interessante," disse Hoketuhime. "Terei isso em mente. Muito bem então!" Ela pareceu emergir de seus pensamentos particulares e focou sua atenção em Shoin. "Vamos começar as festividades do dia, meu amigo?"

O arauto curvou-se. "Claro, minha lady."

Kakita Noritoshi assumiu o campo sem preâmbulos. Aqueles reunidos para testemunhar seu segundo duelo do dia não falam com ele enquanto se aproxima, nem seriam respondidos se o fizessem. Ele estava concentrado apenas do duelo por vir. Muitos não compreendiam o pensamento Kakita, crendo que se concentravam na certeza da vitória. Isso seria muito bem verdade para muitos, mas para Noritoshi e as centenas de estudantes que ele pessoalmente treinou, era falso. Para Noritoshi, não havia pensamento até o resultado. Tudo que importava era que seu ataque fosse perfeito. Era a simples expressão de tudo que ele era, e tudo que ele poderia ser. Cada vez que enfrentava um oponente, ele quase não considerava outra presença além de sua postura. O desafio era contra ele mesmo, contra a imperfeição do homem. Teria ele executado sua técnica com todo seu potencial possível, à capacidade máxima que ele tinha? Ele nunca alcançaria a perfeição, mas não pararia de buscá-la.

Noritoshi inalou por suas narinas e fechou seu olho. Ele pôs de lado os pensamentos do duelo anterior, um duelo contra uma bela Escorpião chamada Bayushi Hisako. Sua técnica era impressionante de fato, e sua performance foi admirável. Sob circunstâncias diferentes, Noritoshi teria gostado de falar com ela sobre as perícias dela, mas aqui e agora, só havia espaço em sua mente para continuar.

Seu oponente era um ronin, um homem de corpo indefinido que escolheu disfarçar seu rosto inteiramente com um grande e simples kabuto. Não era incomum entre alguns duelistas, que criam que o elmo os ofereceria algum tipo de vantagem psicológica. Um duelista talentoso que sabia que o duelo seria contra si próprio e não contra o oponente, porém, pouco ligaria para tais truques, e Noritoshi sentia pena pelo pobre homem onda. Suas noções de sua vantagem estavam para desabar.

Vendo o sinal dos juízes, Noritoshi adotou facilmente sua postura, o movimento praticado e fluido que não requeria pensamento consciente afinal. Ele olhou para seu adversário mascarado, e pela primeira vez desde que o torneio começou, ele sentiu um leve senso de alarme. A postura do ronin era completamente incomum, diferente de qualquer coisa que viu em décadas. Não havia meios de ler a expressão do oponente, mas alguma impressão de malícia em sua postura imediatamente disse a Noritoshi que este homem não estava interessado num duelo de primeiro sangue. O ronin queria matá-lo.

Eu conheço você. Noritoshi sabia que havia visto a postura única em algum lugar antes, há muito tempo, mas havia tantas faces e tantos nomes que não podia se lembrar. Quem é você? Ele divagou, mas pôs o pensamento de lado enquanto borbulhava em sua mente. O ronin queria matá-lo, e se não fosse cuidadoso, o homem conseguiria.

O ronin se moveu com incrível velocidade, sacando sua espada e investindo para frente com a graça de um predador. Sua espada cantava perfeitamente enquanto deixava sua saya, uma longa, aguda nota que pendia no ar como uma mortalha. Noritoshi sabia que nenhum homem normal podia esperar superar a velocidade do estranho, seu puro instinto assassino.

Kakita Noritoshi não era um homem normal.

Sua espada estava em sua mão tão rapidamente quanto pensou em sacá-la. Ele repeliu a espada do ronin, e som das duas se batendo foi um grande contraste aos tons normalmente secos de uma espada batendo na outra durante um duelo. O ronin investia repetidas vezes, cada lâmina facilmente o bastante para matar um homem mais lento. Cada ataque era repelido. Noritoshi estava cada vez mais ciente de que havia pessoas gritando, que os guardas estavam correndo de seus postos distantes na entrada da arena de duelo. Ele não prestou atenção a nada disso, procurando constantemente por qualquer fraqueza no estilo primata do homem.

Lá.

Noritoshi só atacou uma vez. Sua lâmina cortou pelo momentâneo buraco nas defesas do homem, uma janela fugaz que estava aberta por não mais que um segundo. Seu aço atravessou o pulso do homem, então o osso, arrancando sua mão em direção ao cotovelo.

Inevitavelmente, o ronin não perdeu um momento. Ele embainhou sua wakizashi num movimento relâmpago e pegou sua mão arrancada pelo cabo. O homem pulou para longe de Noritoshi, saltando sobre os espectadores perplexos e desapareceu na multidão, deixando uma trilha de sangue atrás dele. Os guardas Seppun correram atrás dele gritando para que o público se movesse, mas Noritoshi sabia que não seria pego.

A ferida poderia se provar mortal se não fosse propriamente tratada, e rapidamente. De algum modo, apesar disso, Noritoshi suspeitava que o ronin chamado Eiya não apenas viveria, mas que os dois se encontrariam novamente no futuro. Quando chegasse o dia, Noritoshi garantiria que não haveria uma terceira vez.

O jovem samurai Kakita Hideo sorriu abertamente enquanto espreguiçava-se antes de seu segundo duelo do dia. Ele esperava que este o desse algum tipo de desafio, pois seu primeiro falhou completamente em fazê-lo. Desanimador, mesmo, e ele não foi tímido em informar seu oponente derrotado o quão profundo foi seu desapontamento. Como ele iria demonstrar seus talentos se não havia competição significante? Ele precisava dar às damas algo para suspirarem, afinal.

Hideo disparou seu sorriso lascivo para um grupo de jovens damas imperiais próximas à frente do público. O coro audível de seus leques se abrindo para disfarçarem seus rubores e risos era todo o encorajamento de que precisava. Mesmo se esta próxima luta não fosse o que ele esperava, ele pensava que talvez pudesse ser capaz de achar algum divertimento essa noite. Isso seria fácil, na verdade. Talvez caso tentasse as terras do Leão, pois ele ouvira que as mulheres de lá são um bom desafio.

"Estou pronto."

As palavras fizeram Hideo se virar, uma sobrancelha erguida. Seu oponente havia entrado na arena e assumido sua posição sem chamar qualquer atenção, e agora estava calmo, esperando pela conveniência do jovem Garça. Hideo franziu-se ao ser surpreendido, mas tomou sua posição rapidamente e adotou sua postura também. "Shosuro Jimen," ele disse. "O cortesão. E eu que esperava por outro duelista."

"E eu que esperava um competidor sério, não uma criança petulante agindo pelos piores estereótipos de sua família," respondeu Jimen calmamente.

O queixo de Hideo caiu, mas apenas num momento antes de sua expressão ser substituída com raiva. "Verei você se arrepender dessas palavras," ele disse.

"A única coisa que me arrependo," disse Jimen, "é que não estarei lá nas terras da Garça para ver a desgraça que você inevitavelmente se tornará. Uma pena, considerando que você tinha sido uma promessa. Mas você escolheu jogá-la fora para se tornar o que os outros esperam de você. Por fim, perdeu pouco."

Hideo sentiu sua face ficar vermelha. Ele parou e se concentrou na postura de seu inimigo. O Escorpião estava tentando atraí-lo, fazer com que cometesse um erro. Ele foi avisado que eles usariam tais táticas, mas ele não acreditou que conseguissem. Agora, ele só esperava acalmar as batidas de seu coração antes que o Escorpião viesse.

Ambas espadas soaram como se deixassem suas sayas ao mesmo tempo. O ataque de Hideo não foi perfeito, claro, mas ele sabia instantaneamente que seria igual à tarefa. Ele podia sentir no caminho de sua lâmina pelo ar, a sensação viajando pela espada em sua mão, pelo braço e pelo seu coração.

A espada de Jimen pôs a de Hideo de lado inesperadamente. A força dela foi maior do que ele esperava, e o golpe mais breve do que ele cria. A interrupção de sua postura foi crítica, e ele hesitou levemente enquanto se movia pela porção posterior do golpe. O Escorpião não perdeu um instante e atacou o jovem Garça ao longo de sua face com o cabo de sua espada.

Hideo titubeou e caiu na poeira, quase caindo num joelho. Ele viu um brilho de metal e percebeu que sua espada estava do outro lado do Escorpião. Ele foi derrotado. Ele olhou para seu oponente, sua expressão contemplativa. Ele viu a imóvel postura do cortesão e sabia que não tinha uma chance. Não hoje.

Jimen embainhou sua espada, suas costas se viraram a Hideo. Ele olhou por sobre o ombro, retornando o intrigante olhar do jovem duelista com uma expressão neutra e seca. "Desanimador," ele disse brevemente, e deixou a arena.

Hideo cerrou os dentes e bateu no chão com a palma de sua mão, atraindo alguns sussurros dos espectadores. Ele não disse nada por vários minutos, permanecendo exatamente como estava. Depois de vários minutos de silêncio, ele recuperou sua espada e deixou a arena sem uma palavra a ninguém.

A luta final começou com Lorde Sol suspenso no alto do céu. Historicamente as lutas eram feitas à primeira luz, mas havia uma chance convincente de que a radiação brilhante de Lorde Sol pudesse influenciar na luta cegando um dos oponentes infelizes o bastante para olhar sua magnitude. O Caranguejo com certeza argumentava que isso era meramente um meio pelo qual os Céus mostravam sua vontade, mas as objeções do Escorpião eram muito articuladas para serem ignoradas. A Garça, contingente, não fazia protestos, e assim o duelo foi agendado para o meio dia.

Os dois homens estava de pé na arena, cercados pelas fluentes gramas douradas. À distância, centenas de samurais olhavam, parados como estátuas. Este era o momento que todos vieram ver, o momento que muitos esperavam que fossem seus. Agora, era meramente uma questão de tempo, momentos ou talvez horas, até que a identidade do Campeão de Esmeralda fosse conhecida, e o equilíbrio de poder no Império, mudado.

Um dos dois homens, vestido em escarlate e preto, parecia despreocupado. Sua postura era informal, e apesar da mão repousada próxima à sua espada, sua postura sugeria que ele estava completamente à vontade. Uma máscara cobria a metade inferior de sua face, pintada em cores extravagantes e pomposas que chamavam imediatamente aos olhos, distraindo quem olhasse para ele, independente do que estivesse fazendo com suas mãos. Era um plano simples que o serviu bem repetidas vezes.

Seu oponente estava vestido em azul esplêndido, mas suas maneiras eram tão diferentes quanto imaginava-se. Sua face estava completamente desprovida de expressão, e apesar de ter apenas um olho, ele brilhava com uma intensidade que podia ser sentida mesmo pelos espectadores a centenas de metros de distância. Era uma postura que ninguém havia derrotado. Que ele venceria sem dúvidas, era apenas uma questão de como seu oponente seria derrotado.

"Nunca nos conhecemos," disse o Escorpião suavemente, sua voz não carregando as dos espectadores. "Sou Shosuro Jimen, que com certeza você já conhece. Sei exatamente que você não vai responder. Você nunca fala àqueles com quem duela, ao menos não até que estejam derrotados. Te estudei extensivamente, como soube que, caso chegasse à luta final, você seria o homem que enfrentaria. Quanto a isso, nunca houve dúvidas."

Kakita Noritoshi nada disse, seu olho fixo nos do Escorpião.

"Obviamente é natural que nunca tenhamos nos encontrado," disse Jimen. "Você é, afinal de contas, um tipo de recluso. Você deixou as terras de sua família poucas vezes ao longo dos últimos anos, ao invés disso, se concentra em treinar seus estudantes, a administração dos recursos Kakita, e com certeza em sua família. Lhe preocupa, imagino, a maldição que pode um dia levar seu filho à ruína? Eu temo. Infeliz, para o jovem que sofre dos pecados da geração dos pais. Mas esse é nosso fardo, não é?"

Ainda, o grande Garça não se moveu.

"Muitos podem pensar que concederei a você, dado o fato inquestionável que você é o duelista superior." Jimen inclinou sua cabeça muito pouco para um lado e ponderou a noção. "Eles estão enganados, claro. É bem mais provável que você conceda para mim."

Mesmo isso não tirou movimentos do Garça, mas houve um leve tremular em seu olho, indicando talvez que ele estava incrédulo a tal declaração.

"Ridículo, eu sei," disse Jimen. "A idéia de que você concederia a um homem como eu. Sou um cortesão, afinal, e apesar de ter algum talento com a espada, não posso enfrentar os dons prodigiosos de um homem como você. Tenho meus próprios dons, porém. Informação, em particular, é um talento que possuo como poucos, mesmo entre meu clã. Mesmo agora, enquanto você contempla atacar puramente para me silenciar, eu imagino... Você sabe sobre os assoladores, Noritoshi-sama?"

Finalmente, houve uma reação. A cabeça de Noritoshi se moveu muito levemente para a direita. Era imperceptível para aqueles que observavam a uma distância segura, mas para qualquer um que conhecesse Noritoshi, seria chocante ao extremo notar.

"Não sabia, sabia?" Jimen soou quase simpático. "Você sabe de algo, claro; um homem de sua influência e percepção dificilmente falharia em notar as mudanças ao seu redor. Me diga, Noritoshi-sama, o que você acha que o Leão pensará se a verdade for revelada? Sua aliança resistirá? Imagino que eles fiquem pasmos com o fato de que uma Campeã que eles treinaram seja cúmplice desses atos." Ele olhou para os espectadores. "Claro, ela não foi cúmplice de maneira alguma, mas o Leão não sabe disso. E seria uma brincadeira de criança convencê-los de que ela foi. Você sabe tão bem quanto eu que o Leão não tolera desonra."

A face de Noritoshi não estava mais relaxada, mas mostrava sinais de raiva agora, e suas mãos moviam-se cada vez mais próximas ao cabo de sua lâmina.

"Se você for vitorioso, mesmo se eu morrer aqui hoje," continuou Jimen, "então seu reino como Campeão de Esmeralda será lembrado como uma falha. Você sabe como o mandato de Yasuki Hachi foi infectado em seu primeiro dia. Isso pode ser feito. Difícil, sim, mas não impossível, e o Escorpião se dedicará à tarefa fervorosamente. Sua aliança com o Leão será perdida, sua honra de Campeão colocada em questão em todo o Império, e seu poder pessoal será subvertido a todo momento. Seu clã não ganhará nada, e perderá muito." Ele pausou por

um momento, inclinando sua cabeça. "Se você conceder, porém, então tudo isso desaparecerá. Eu pessoalmente garantirei que nenhum agente do Escorpião interfira nas relações entre o seu clã e o Leão de qualquer maneira, e garantirei que nossa influência nas suas cortes e as do Leão sejam retiradas como demonstração de confiança. Você será vitorioso em tudo menos neste duelo."

Não houve resposta, nenhum movimento aparente.

"Seu filho," disse Jimen com um suspiro. "Sua esposa não lhe disse, mas ele esteve doente. Ele começou a se sentir mal pouco depois da recente visita de sua família ao Kyuden Otomo. Ela guardou isso de você, para lhe manter concentrado nesse evento. Você sabe quão difícil é promover eventos para garantir que você viaje ao palácio, quando se está fora de suas terras por tantos anos? Você tem noção do quão difícil é se infiltrar nos homens de Kyuden Otomo, um distrito lotado dos mais vigilantes guardas Seppun? Foi tedioso além dos limites, mas eu consegui. Conceda para mim, Noritoshi, e lhe darei o antídoto que precisa. Tudo será como era."

Houve um longo momento em que Jimen considerava seriamente a noção de que Noritoshi o mataria independente das circunstâncias. Então, mais lentamente ainda, o duelista mestre da Garça moveu sua mão para longe do cabo de sua espada. Mesmo a essa distância, Jimen podia ouvir os soluços do público ao que estava acontecendo. "Você é sábio, Noritoshi," disse Jimen suavemente. "Você ganhou muito hoje, por um custo baixo. Meu governo como Campeão de Esmeralda será diferente de qualquer um que testemunhou, isso eu lhe prometo." Ele pausou por um momento. "Junte-se a mim," ele disse. "Seja o primeiro entre meus magistrados. Você terá a chance de mudar o Império para sempre."

O olho de Noritoshi brilhou com tanta raiva que a aura de frieza de Jimen falhou por alguns breves momentos. "Você fez um inimigo hoje, Escorpião," sussurrou o daimyo dos Kakita. "Usarei todos os recursos que tenho para descobrir a verdade sobre você. Colocarei minha família num lugar onde não poderá tocá-los, e garantirei que minha Campeã esteja além de alcance. Quando essas coisas forem feitas, eu lhe prometo: nada neste mundo ou nos céus me impedirá de vir por você." O Garça se virou e trovejou pelas planícies, os espectadores silenciosos lhe deram passagem enquanto desaparecia nas tendas. Alguns o seguiam, claramente descontentes com o resultado do dia, mas muitos viravam suas faces ao homem que há pouco se tornou o novo Campeão de Esmeralda.

Por trás de sua máscara, Shosuro Jimen sorriu ao Garça que ia. "Finalmente," ele sussurrou, "um inimigo digno de minha atenção."

O Dragão Louco

Escrito por Shawn Carman

Os ramos esparsos das árvores pareciam fugir dele, mas Satoru não notava. Ele se movia como um gato, abaixando e passando facilmente enquanto corria pelos bosques na base da montanha. De alguns em alguns segundos, ele ouvia o inconfundível ruído de uma flecha passando por perto, mas nenhuma podia atingi-lo. Ele era o vento. O ronin corria cada vez mais rápido, se esforçando cada vez mais que antes. Depois de alguns minutos, todas as flechas pararam, mas ele não diminuía sua velocidade. O tempo era essencial. Se a morte dos outros não deveria significar nada, nada mesmo, então não havia tempo a perder. Mesmo enquanto as fortes dores começavam a atingir suas costelas, Satoru não diminuía. O ronin corria em direção ao horizonte, seu passo nunca hesitando.

"Desculpe-me, comandante."

Osami cobriu sua face e respirou fundo antes de responder. Ele foi forçado a repetir o gesto repetidas vezes nos últimos dias, e temia que eventualmente sua compostura lhe faltasse ele viesse a dizer algo do qual se arrependeria. "Pedi para não me chamar de comandante," ele disse calmamente. "Não tenho níveis militares." Ele apontou para a tenda aberta ao acampamento lá fora. "Há dúzias de samurais associados aos Clãs Maiores lá fora, todos eles ajudando na caça a Kokujin. Tudo que seria preciso para nosso trabalho ser desfeito é um deles aceitar como ofensa você me chamando de comandante, e matar um de nós ou nós dois." Ele fixou um olhar pontiagudo no oficial. "Você é tão convencido para crer que os clãs nos vêem tão bem para que tal coisa não aconteça?"

O jovem oficial mordeu os lábios nervosamente. "Perdoe-me, coman..." Sua voz cessou. "Perdoe-me, Osami-dono."

O ronin ignorou o comentário. "O que é?"

"O primeiro depósito foi esvaziado," o oficial disse. "Os suprimentos providos pelo oficial Caranguejo preencheram a capacidade do segundo depósito ao máximo, mas estimo que ele também será esvaziado dentro de duas semanas."

Osami retraiu-se. "Obrigado," ele disse. Ele abriu suas mãos sobre a mesa onde estava sentado, olhando incredulamente ao mapa perante ele. Por um momento, as imagens não pareciam coerentes, nadando sobre ele enquanto ele mergulhava em incerteza. Havia quase três mil homens e mulheres ao seu comando, e em breve eles seriam forçados a se dispersarem ou talvez enfrentarem a fome enquanto sua campanha continuava. A maioria das tropas estavam associadas com a Legião dos Dois Mil, uma unidade de lendas que existiam durante a Guerra dos Clãs, décadas atrás, e recentemente foram renascidas. A Legião era comandada por um ronin chamado Natsume, um ex-Unicórnio que buscou assim como vários outros descendentes da Legião original o quanto pôde. A Legião tinha consideráveis recursos, mas não o bastante para alimentar um exército inteiro, o menor que ele fosse. Além disso, havia talvez uma centena de samurais associados com os Clãs Maiores que contribuíam suas forças às forças ronin, muitas das quais foram enviadas por uma Magistrada Imperial chamada Hida Shara. O resto eram simplesmente aqueles ronins e ashigarus que se juntaram à bandeira de Osami.

O pensamento trouxe um agudo enjôo ao ronin. Na verdade, Osami não tinha idéia de como chegou a essa posição em primeiro lugar. As primeiras poucas revoltas camponesas foram em grande parte contra os Clãs Maiores e, com toda honestidade, Osami podia ao menos entender o ponto de vista daqueles que participaram. A situação rapidamente se agravou, porém, e logo os revolucionários como se autodenominavam, estavam atacando qualquer um que não concordassem com eles. Osami estava presente num vilarejo quando receberam a notícia de que os revolucionários se aproximavam. Ele reuniu as forças e montaram uma defesa bem sucedida. Depois que estava acabado, sobreviventes dos vilarejos que não foram tão felizes começaram a procurá-lo, e antes que percebesse, ele estava comandando quase cem homens, todos dedicados à derrota do misterioso líder dos revolucionários.

Em retrospecto, decidiu Osami, esse foi um terrível engano.

No começo, ele acreditava que o líder era um bandido impiedoso chamado Akihiro, um inimigo de seu passado. Depois de meses de caça, ocultação, e espreita, ele finalmente enfrentou Akihiro e o matou. Foi só então que percebeu a verdade: que o líder das revoltas era ninguém menos que Kokujin, ou simplesmente o mais perturbado e astuto assassino que já caminhou no Império. Nesse ponto, Osami não estava certo se poderia ser mais perturbador.

Agora, parecia que seu exército, tal qual estava, estava à beira da inanição, e eles fizeram pouco mais do que derrotar alguns dos menos atentos subordinados de Kokujin. Osami não tinha idéia de como proceder. Isso estava além do reino de sua experiência, e ele não tinha idéia do porque os outros permitiam-no continuar no comando afinal, muito menos deixavam a ele as decisões importantes. Era completamente estúpido. Houve várias vezes em que considerou simplesmente ir embora na calada da noite, mas ele se viu incapaz de fazê-lo.

"Comandante! Comandante!"

Osami fechou seu semblante e bateu na mesa com força. Ele se levantou até a entrada da tenda, abrindo a cobertura e procurando pela alma tola o bastante para atrair sua ira hoje. Seu berro de raiva morreu em sua garganta, porém, quando viu o que se aproximava.

O batedor Satoru caminhava lentamente em direção à sua tenda, segurado por duas sentinelas do perímetro do acampamento. Um deles olhou a ele com olhos selvagens. "Comandante!" Ele gritou de novo.

"Quieto!" Gritou Osami. Ele correu ao batedor. "Satoru, o que houve?"

"Encontramos," disse o batedor, sua voz exausta. "Encontramos o lar de Kokujin."

Houve murmúrios e engasgos ao redor, mas Osami os silenciou com um furioso abano. "Quantos deles?" Ele perguntou. "Onde está o resto de sua patrulha?"

"Não posso dizer com certeza," disse Satoru. "Ao menos dois mil, possivelmente mais. Mais estavam chegando enquanto observávamos." Ele mexeu sua cabeça. "Tawagoto e os outros ficaram para atrasá-los enquanto eu escapava. Não sei se viveram."

Osami assentiu. "Mobilizem todos. Marchamos agora. Tudo não-essencial deve ser deixado para trás." Ele se virou de volta ao batedor. "A que distância?"

"Duas horas se vocês correrem," disse Satoru. "Não posso recomendar que corram o caminho inteiro, porém. É muito cansativo. Tenho um mapa." Ele começou a procurar em seu obi.

"Não," disse Osami. "Dêem água e um cavalo a este homem. Ele nos liderará pessoalmente."

"Isso," disse Satoru, "infelizmente é impossível."

Osami franziu-se. "Por quê?"

"Porque realmente não estou me sentindo tão bem," disse Satoru. Ele pulou para frente e se pôs de joelhos repentinamente, então caiu para frente no chão, quase não se segurando com um braço. Duas flechas estavam encravadas em suas costas, ambas muito profundamente.

"Fortunas," jurou Osami. Ele não tinha idéia de como o homem ainda estava vivo, muito menos como chegou tão longe par entregar a mensagem. "Achem um shugenja!" ele gritou.

"Temo que seja tarde, comandante," sussurrou o batedor.

Osami não sabia o que dizer. Como que se à distância, ele pudesse se ouvir dizer "Não me chame de comandante."

"Você não gosta disso, eu sei," disse Satoru. "Eu acho a morte libertadora, porém."

"A morte é de fato libertadora," disse uma voz estranha. "Todos deveriam experimentá-la ao menos uma vez."

Osami se virou por sobre o ombro e viu um homem tatuado de pé ali. "Agora não é a hora, monge," ele disse fortemente. "Vá e diga aos seus companheiros que a hora chegou. Nos movemos assim que estivermos prontos, mas não antes que este homem seja tratado."

"Ficarei feliz em informar quem quer que você deseje," disse o monge, se ajoelhando ao lado de Satoru. "Infelizmente não tenho idéia de onde qualquer coisa esteja em seu acampamento, pois acabei de chegar."

O monge parecia bem menor que os outros dois que Osami havia visto antes. "Quem é você?"

"Sou Togashi Matsuo," disse o monge. "Vim trazer as bênçãos de meu sensei, Togashi Mitsu, o Oráculo do Trovão." Ele examinou o batedor, então colocou sua mão sobre a testa de Satoru e fechou seus olhou. A imagem de uma erva de araruta brotou no antebraço do monge. "Ele viverá, mas precisa descansar. Ele não pode nos liderar, pois não podemos esperar."

Houve silêncio em tudo em volta deles. "O Oráculo enviou você?" Perguntou Osami. "Por quê?"

Matsuo abriu seus olhos e sorriu. "Porque hoje é um dia para heróis."

O que um guerreiro sozinho percorreu em duas horas para atravessar, levou quase seis para a força inteira de Osami. Um exército era tão rápido quanto o seu mais lento componente afinal, e apesar de algumas urgências localizadas, Osami sabia que era um terrível engano dissipar suas forças, particularmente quando não sabia ao certo o que os esperava. Talvez uma hora antes do crepúsculo um de seus batedores relatou uma massiva força de revolucionários marchando para frente, pelas montanhas, para encontrá-los.

"Hoje, nós encerramos isso," Osami disse ao seu oficial. "Diga a seus homens que hoje nos tornamos heróis." Enquanto seu oficial começava a preparar os homens, Osami olhou para Matsuo. "Ou mártires," ele sussurrou sob sua respiração.

A batalha começou bem antes que Osami percebesse o que aconteceu. Ao seu olho, parecia que os números eram quase iguais, mais ou menos. Ele sabia que seus homens tiveram treinamento melhor, e provavelmente melhor equipados, e certamente mais disciplinados. Mas eles nunca lutaram num grande combate antes. Ele não sabia se isso era verdade sobre os revolucionários, que compensavam sua falta de treino com um zelo fanático. Sua insanidade estava centrada, o que os fazia imprevisíveis e selvagens. Mesmo enquanto observavam as linhas de frente se aproximar, ele via um homem barbado do outro lado, correndo com peito nu entre os guerreiros, agitando uma bandeira vermelha e gritando algo incompreensível sobre o povo de Rokugan. Ele caiu ao fogo dos arqueiros rapidamente, mas sua presença era um presságio sinistro.

A luta alcançou o grupo de comando de Osami mais rápido que ele imaginava. Era quase um alívio, pois ao menos ele não teve que considerar tantos fatores de uma vez. Não havia lógicas no combate pessoal, apenas o instinto assassino e a vontade de viver a todo custo. Osami aceitava isso confortavelmente e matava qualquer oponente que viesse ao seu alcance. Muito rapidamente, ele percebeu que os revolucionários estreitaram sua linha de frente e empurravam as suas forças, atacando pelo centro na esperança de eliminar o comandante do exército. Eles estavam vindo por ele. Mais e mais deles investiam sobre ele, até que não pudesse matá-los rápido o bastante. Osami cerrou os dentes e se preparou para morrer, querendo levar quanto deles consigo ao máximo antes que o esmagasse com seus números pífios.

Houve um som estrondoso, e Osami pôde ver vários de seus inimigos arremessados ao ar como se um terremoto se rompesse entre eles. Houve vários gritos de medo, mesmo sobre os monótonos gritos dos revolucionários. Dois homens gigantescos cobertos em tatuagens surgiram no grosso dos inimigos, movendo-se com incrível velocidade e esmagando seus inimigos. "Venham pequeninos!" Osami ouviu um deles gritar. "Venham e enfrentem Vedau e Hogai! Procuramos apenas a iluminação!"

O grande monge chamado Hogai atingiu um inimigo com tanta força que o homem pareceu ser dividido em dois, e Osami se sujou com seu sangue. Ele parou para limpar sua face, e, neste segundo, o inimigo estava sobre ele.

Ele foi atingido na têmpora e caiu no chão. Sua visão borrada e seu punho na espada afrouxou-se. Ele se esforçou para continuar consciente, mas a sombra que o cobriu estava gritando, erguendo sua espada para encerrar sua vida. E então ela se foi. Alguém o agarrou pelo braço e o atingiu com os pés com tanta força que ele pensou que o braço dele seria arrancado dos ombros.

Um ronin encapuzado estava diante dele, sua espada cheia de sangue. Por trás do manto, Osami pensou ter visto um relance de metal. "A caverna!" Ele gritou. "Onde ela está?"

"O que?" Murmurou Osami.

"A caverna!" Gritou o homem encapuzado. "A caverna que Satoru lhe contou a respeito.

Osami sacudiu a cabeça e apontou. "Há... Há uma rocha sobressaindo. Ele disse que lembrava um grande besouro. A caverna está por ali."

Houve três sons secos, e três homens que corriam aos dois ronins caíram ao chão. Um arqueiro Mantis apareceu próximo aos dois. "Terrível hora para conversar!" Ele gritou. "Vocês dois me devem suas vidas! Lembrem-se do nome Tsuruchi Fuyu!"

Quando Osami se virou ao ronin encapuzado, ele se foi. O Mantis também, desaparecido no calor da batalha, a julgar pelo número de corpos mortos. Osami mexeu sua cabeça para limpá-la, ergueu sua espada e retornou à batalha.

Um herói, ou um mártir.

Profundamente nas entranhas da caverna que corriam por milhas e milhas por baixo das montanhas, o louco Kokujin gargalhava. Seu aprendiz, o traidor Bayushi Shinzo, franziu-se. "Mestre," ele disse cautelosamente, "você não está preocupado com a perda de suas forças?"

"Não seja tão ingênuo, Shinzo," respondeu Kokujin. "Eles existem apenas para cumprir meus planos. Eles foram necessários para atrair meu inimigo, e agora eles cumpriram com este dever. Eles não são mais necessários."

"Seu inimigo?" Perguntou Shinzo. "O comandante ronin?"

Kokujin ignorou o comentário. "Este homem não é nada mais que um incômodo menor. Cuidarei dele assim que me sentir monótono. Não, meu verdadeiro inimigo se aproxima. Testemunhe." Ele apontou ao túnel que levava à superfície.

Enquanto a luz da tocha tremulava, uma figura emergiu da escuridão. "Olá, Kokujin."

Pela primeira vez, Shinzo viu a surpresa escorrer pela face de seu mestre. "Então," disse o louco, "Mitsu me teme tanto que mandou seu estudante para morrer em seu lugar?"

"Mitsu-sama está acima do medo, e acima de comparações pífias como essa," disse Mitsuo tristemente. "Estou honrado em servi-lo de tal maneira. A hora chegou para que sua interferência nos afazeres do homem e dos Céus terminou, Kokujin."

"Os afazeres do homem? Talvez," Kokujin removeu suas vestes, revelando as intrincadas tatuagens que cobriam seu tronco, desaparecendo em seu hakama e reaparecendo em seus pés descalços. "Meu envolvimento nos afazeres dos Céus, porém, apenas começou. Esperava usar o sangue de seu mestre para completar minha ascensão, mas você foi tatuado com o sangue dele, não foi?"

"Fui."

"Então você vai servir," disse Kokujin. "Shinzo, deixe-nos. Precisarei de você para agir como meu sucessor assim que tiver terminado com este fedelho."

"Tem certeza, mestre?" Perguntou Shinzo. "Deixe-me ficar ao seu lado!"

Kokujin se virou, e Shinzo viu ira em seu semblante. "Deixe-nos," ele repetiu.

Shinzo se retirou para as sombras de uma vez, movendo-se para o fundo da caverna. Ele queria desaparecer completamente, deixando os dois homens em sua batalha, quando o monge chamou o seu nome. "Bayushi Shinzo," disse Matsuo. "Lembre-se do que você verá aqui hoje."

"Basta de palavras," disse Kokujin, seu obscuro e sinistro sorriso retornando. "Deixe-nos encerrar sua vida, e minha mortalidade."

Matsuo bateu suas mãos, e se curvou profundamente perante Kokujin. Ele ficou curvado apenas por um segundo, e quando se ergueu, Shinzo podia ver a forma de um brilhante dragão branco em seu peito. A tatuagem não estava lá há um minuto, e quando se levantou, Matsuo liberou um devastador cone de gelo de sua boca. O cone passou por Kokujin, que desapareceu na ofuscante camada de branco. O cone abriu caminho para uma sibilante nuvem de fumaça, porém, e Kokujin reapareceu, seu corpo coberto em fogo vermelho, e uma tatuagem de um poço fervente de lava ardendo em seu ombro. "Sinceramente espero que este não tenha sido seu melhor esforço," disse Kokujin. "Esperava ao menos um desafio menor antes de completar a cerimônia."

"Fico feliz de estar em serviço!" O peito de Matsuo brilhou e um tigre apareceu, encolhido e pronto para atacar. O jovem monge saltou pela caverna com uma velocidade incrível, garras mortais saíram das pontas de seus dedos enquanto o fazia. Shinzo nunca viu ninguém se mover com tanta graça e velocidade. O monge investiu em Kokujin, investindo e saindo do alcance do homem, arranhando golpe após golpe.

Kokujin ria e se esquivava. De uma vez, dos golpes de Matsuo acertou, mas as garras não pareciam ser capazes de perfurar sua pele. O Dragão Louco atacou uma vez, usando um golpe que esmagou o lado da cabeça de Matsuo como uma rocha descendo uma avalanche. O jovem monge atingiu o chão rochoso com tanta força que pedaços de pedra se espalharam pela área, mas ele se pôs de volta com um salto e ficou fora de alcance, ainda carregando as graças do grande gato em seu peito.

Shinzo olhava em horror enquanto Kokujin brincava com seu oponente. Era inegável que ele era um guerreiro melhor, e ainda assim ele não via o jovem monge hesitar em momento algum. Não havia medo na face de Matsuo, nem noção de pânico apesar de estar absolutamente certo de seu fim.

Shinzo esteve numa situação similar uma vez, mas terminou bem diferente. Parecia que foi há uma vida inteira, que ele voluntariamente se pôs a serviço de Kokujin para escapar do medo que o infectava. De acordo com sua palavra, o louco tatuado de algum modo expurgou o medo dele, e o deixou com pouco mais de uma fria selvageria, que poderia ser usada a serviço de Kokujin sem hesitação. Agora ele sentia algo diferente. Algo que ele não sentia desde os primeiros momentos de seu serviço ao monge.

Ele sentia vergonha.

Os punhos de Kokujin se tornavam pedra quando uma tatuagem de obsidiana surgia nas suas costas. Ele casualmente investiu sobre Matsuo, como se não particularmente interessado no combate. O monge se agachou, e Kokujin rachou a pedra com seu ataque. "O sangue de seu sensei será tudo que preciso para deixar esta prisão de carne e tomar meu lugar de direito entre os Céus," ele disse, regozijante. "Por me ajudar nisso, você tem minha gratidão. Não tema, trarei sua alma com a minha como um brinquedo. Você ficará ao meu lado no Tengoku!"

"Prefiro o reino mortal," disse Matsuo. Um Caranguejo apareceu em seu ombro, e ele deixou um chute giratório na cabeça de Kokujin sem efeito nítido. "Não se pode aspirar às nuvens já as tendo alcançado."

Uma tatuagem de um Tsuburu no Oni se arrastou pelas costas de Kokujin e o louco monge se inclinou para frente e gritou. Era um som apodrecido, acompanhado por uma tempestade de um vento inacreditavelmente mal cheiroso.

Matsuo foi erguido do chão e bateu contra a parede da caverna. Ele caiu e Shinzo pensou ter ouvido algo quebrar quando o monge caiu no chão da caverna numa poça ensangüentada, não muito longe do túnel pelo qual entrou. Shinzo sentiu um leve desapontamento quando percebeu que o monge não se levantava. Ele realmente esperava que seu mestre pudesse ser derrotado? O que isso significava?

Kokujin ficou sobre a batida e ensangüentada forma do que antes era Matsuo. "Seu mestre falhou com você, garoto," ele disse, seu tom era simpático. "Você não estava preparado para isso. Não que você pudesse esperar vencer, claro, mas ainda assim. Enquanto você morre, lembre-se que seu mestre lhe enviou para morrer por nada."

Matsuo sorriu por entre seus lábios ensangüentados. "Não vim para lhe derrotar, Kokujin. Você esquece o propósito do Oráculo do Trovão."

"E qual seria?"

Matsuo riu, apesar de ser um som rasgado. "Meu mestre me enviou para inspirar algo que você nunca entenderá, e por causa de todo o seu poder, não pode controlar."

"Ah?" Riu Kokujin. "Outro enigma. Outra proposição sem sentido da linhagem de Togashi para disfarçar sua ignorância, para justificar a esperança de..." O louco parou a frase no meio com uma expressão confusa. Ele olhou para baixo para ver a espada atravessada em seu peito, uma que antes era usada pelo antigo mestre de seu discípulo. "O que... O que é isso?"

"Remorso," Shinzo sussurrou por trás dele. Ele puxou a espada do peito do Dragão Louco, arrancando um grito de dor de Kokujin, então afundou sua mão na ferida com um poderoso ataque desarmado. Quando a retirou, ela segurava o coração do louco. "Não há redenção para mim," ele sibilou, "mas nenhum traidor deve enfrentar o julgamento sozinho."

"Não... Não é assim que deuses devem morrer," coaxou Kokujin. Ele gemeu, mas ainda não caia, sua incrível força de vontade continuava a mover um corpo que não podia mais conter um espírito mortal. Um triste olhar tomou sua face. "As visões tortas de seu senhor levarão sua ordem à ruína," ele disse a Matsuo, sua voz estranhamente distante e baixa, "pois nenhum de vocês pode ver que ele é imperfeito." Então seu poder se foi. Shinzo podia quase ver isso, como uma sombra escondida logo após seu campo de visão, e Kokujin caiu ao chão.

Shinzo ajudou Matsuo a se pôr de pé. "Obrigado," ele disse calmamente.

"Não fiz nada," disse Matsuo, ajeitando seu braço quebrado gentilmente. "Foi sua escolha. Nosso destino é que o que fazemos dele."

"O meu, eu temo, não pode ser mudado agora. É muito tarde."

"Nunca," insistiu Matsuo.

"Nós discordamos." Três figuras encapuzadas emergiram do túnel por onde Matsuo havia entrado há pouco tempo, apesar de parecer ter sido uma eternidade para Shinzo. "Congratulo por sua vitória, honorável Matsuo-sama. Devo exigir que saia agora."

O monge ergueu uma sobrancelha. "Quem pede isso para mim?"

A figura no centro baixou o manto que cobria sua face, revelando uma segunda máscara. "Sou Shosuro Toson, daimyo da família Shosuro," ele disse. "Tenho negócios com este traidor."

"Este homem salvou minha vida, e encerrou a ameaça de Kokujin," disse Matsuo.

"Ele tirou a vida de meu predecessor," contrapôs Toson. "Nada que tenha feito desde então importa, e nada mudará o seu destino. Devo pedir-lhe novamente que vá."

Matsuo não se moveu, mas Shinzo não podia deixar que outros sofressem pelos seus pecados. "Vá," ele disse. "Por favor, vá. Este é o destino que devo escolher se devo achar paz."

O monge franziu-se, mas não argumentou. "Como desejar." Ele se curvou formalmente para o ex-Escorpião, então lentamente saiu pelo túnel e à escuridão que levava à luz do dia.

"Admirável," disse Toson. "Talvez você possa enfrentar seu fim com algum traço de dignidade." Ele apontou às outras duas figuras encapuzadas. "Espero que compreenda que não há chance de fugir. Alistei Shosuro Aroru e Bayushi Muhito para garantir que não haja santuários a você, nem mesmo na sua morte."

Shinzo reconheceu os nomes dos outros dois homens encapuzados, e assentiu. Eles eram, como diziam, os maiores alunos de Yudoka, e talvez os maiores assassinos vivos. Outrora, ele apenas desejava ser considerado como igual a eles. Agora, obviamente, ele jogou tudo isso fora. "É a Gruta, então?"

"Paneki-sama nos ordenou para levar você de volta vivo," disse Toson. "Você sabe o que isso deve significar. Suas instruções não especificam em que condições você deve ser devolvido, porém. Pessoalmente, ficaria muito satisfeito se você resistisse." O pensamento lhe ocorreu. Independente de seus pecados, apesar de saber que não merecia nada mais, a idéia da Gruta do Traidor aterrorizava Shinzo. Havia antigos e sinistros rituais praticados pelo Escorpião que permitiam prender a alma daqueles que os traíram nas árvores da Gruta, onde sofreriam um eterno e inimaginável tormento, e seriam lembrados eternamente como traidores. Ainda assim, ele sabia que se corresse, eles os achariam e nunca o permitiriam morrer enquanto houvesse chance de ser colocado lá. "Irei com vocês sem reclamar," ele disse calmamente. "Só tenho uma condição."

"Você dificilmente compreende sua situação se acredita que há alguma chance de sua condição ser atendida," disse Toson sarcasticamente. "Ainda assim, sempre estou disposto a tais diversões. Por favor, compartilhe sua 'condição' conosco."

"Irei à Gruta voluntariamente, sem oferecer resistência. Tudo que peço é que o conto de Shosuro Yudoka seja lembrado. Não permita que outros repitam meus erros."

Toson olhou para Shinzo intensamente. "Isso, eu gratamente lhe prometo."

Shinzo baixou sua cabeça. "Então estou pronto para ir com vocês."

"Tirem as armas dele," Toson ordenou a Muhito. "Aroru, se fizer algum movimento repentino, aleje-o." O daimyo Shosuro começou a se cobrir com o manto de novo, e um dos outros homens arranjou um outro manto para Shinzo.

"É uma longa jornada, e a eternidade é um mestre impaciente."

Problemas de Família

Escrito por Rusty Priske

A mensageira Garça se apressou pelo corredor, tentando ganhar um significativo impulso em seu percurso. Hida Kuon não parecia se apressar, mas seus longos passos cobriam solo rapidamente e se a mensageira quisesse se adiantar para avisar sua Lady, ela teria que correr. Isso ela não faria.

Kuon notou o incômodo de sua acompanhante, mas ele não alterou seu passo. Ele não olhou para frente para seu encontro, mas ele também não podia expressar fraqueza, especialmente para um servo de Doji Domotai.

O Campeão do Caranguejo não permitiria que suas ações ou maneiras mostrassem qualquer indecisão, não importando o estado de sua mente.

Naoharu permanecia, de cabeça curvada, na câmara de Domotai. Sua face, uma máscara, sem traço de emoção aparente.

A sobrancelha de Domotai se moveu levemente. "Kuon? O que os Hida querem com os Doji hoje?" Enquanto falava, Domotai fez rápidos movimentos com suas mãos que seus servos responderam de uma vez, movendo-se rapidamente para remover as almofadas e seda que cobriam os vários lugares ao redor da sala.

"Minhas fontes me dizem que o Caranguejo esteve investigando a situação à cerca da família Yasuki."

"Ah." Assentiu Domotai. "Hachi não tem herdeiro, então precisaremos decidir quem será o novo daimyo da família. Kuon indubitavelmente desejará que um Caranguejo assuma a posição. Admito que não posso achar alguém que jure aliança a ambos os clãs, como Hachi. Há candidatos adequados em ambos os clãs, mas no interesse de boas relações, eu seria capaz de sugerir alguém como Miliko. O que acha, Naoharu?"

O conselheiro não se moveu. "Miliko seria previsível como esperaríamos, considerando que é uma Caranguejo, mas temo que a situação não seja tão simples quanto pareça."

"Como assim?" Domotai observou a tentativa de seus servos de removerem as luxúrias de sua câmara. Ela acenou ao resultado e gesticulou para removerem mais itens. Ela então ordenou para que substituíssem o kit de chá por um menos ornado.

Naoharu disse, "Kuon não observou o problema Yasuki por muito tempo. Havia outros, problemas mais urgentes. Então seu avô retornou das terras do Escorpião."

"Concluo então que você acredita que o fim do conflito com o Escorpião precipitou a preocupação sobre os Yasuki, ao invés de apenas gerar tempo para ele."

"Não tenho certeza, minha lady. Minha rede de... Informantes é bem cara, mas não tenho o alcance do Escorpião. Creio que seja inculto assumir que exista conexão entre o fim do conflito e a próxima escolha de Hida Kuon, porém."

"Obrigada, Naoharu. Sua orientação é sempre valiosa. Lhe pediria que tentasse alcançar tal informação para mim com pouco mais de notícias adiantadas, porém. Conhecimento é com certeza grandemente apreciado, mas agora Hida Kuon se aproxima da entrada da câmara. Você compreende que a previsão pouco me vale."

"Minhas desculpas, Lady Domotai. Cuidarei para servi-la melhor no futuro."

"Vejo que o faz."

Eles foram interrompidos por um suave som da entrada. Domotai permitiu a entrada e a aia de Kuon adentrou. "Lady Domtoai, Hida Kuon deseja uma audiência convosco. Deseja falar com ele?"

"Nunca negaria uma audiência com tal importante e valioso aliado. Por favor, deixe-o entrar."

Kuon adentrou a câmara, tomando tudo com um rápido olhar. Ele suprimiu o desdém às ostensivas frivolidades. Ele respeitava a Garça por várias coisas, mas suas necessidades de se cercarem de finezas desnecessárias era algo que não podia compreender.

"Lady Domotai, lhe agradeço por me receber tão brevemente."

"O prazer é meu, Lorde Kuon. Vejo que você não trouxe ninguém consigo. Colocarei vários servos a seu serviço para que sua estadia em nossa embaixada

seja mais agradável."

"Não preciso de servos. Não trouxe ninguém, pois há certas coisas que devem ser faladas em particular."

Domotai pausou antes de assentir levemente. Ela se virou para Naoharu e não disse nada, mas certamente o conselheiro não precisava de ordens. Ele se curvou profundamente perante Domotai e Kuon antes de deixar a câmara. A Campeã da Garça fez suas atendentes fazerem o mesmo, mas não antes de servirem duas xícaras de chá para Domotai e seu visitante.

Domotai ofereceu um assento e chá a Kuon e ele aceitou ambos. Antes de beber, Kuon moveu o kit de chá e disse, "Não estou acostumado a usar tais peças de arte para servirem a um propósito mundano."

Domotai olhou para o bule, simples aos seus olhos, decorado apenas com uma garça azul salpicada, inclinado à alça. Um similar, simples padrão adornava cada xícara. "Creio que a beleza que se pode achar nas peças de arte possa ser integrada em tarefas mundanas, para que essas tarefas se tornem menos mundanas. Se arte é meramente uma frivolidade então ela perde muito de sua força e inspiração. Tenho certeza que o Caranguejo se sente da mesma maneira."

Kuon franziu-se apenas com sua face. "O Caranguejo não se preocupa com arte, geralmente."

"Oh, mas você sim. Veja a ornamentação que muitos Caranguejos usam em suas armaduras. Mesmo os motivos de caranguejos que muitos usam apenas para declarar suas alianças são arte. Eles são muito mais que simples mons. Eles inspiram assim como decoram."

O franzir de Kuon dessa vez foi mais evidente. "Como você diz. Você é conhecedora de tais coisas. Tenho outros deveres para manter minha atenção."

Domotai curvou sua cabeça. "Deveres que o resto de Rokugan é muito grato, Lorde Kuon; especialmente nesses tempos difíceis."

"Sim. Porém não é meu dever para com Rokugan que me traz aqui hoje. É meu dever para com o Caranguejo e os Yasuki."

Domotai sorriu. "Claro. Precisamos discutir o assunto da sucessão para os Yasuki. Quem deve tomar o legado do último Campeão de Esmeralda como daimyo? Tenho certeza que podemos concordar em alguém que sirva bem aos dois clãs."

Kuon mexeu sua cabeça. "Haverá um novo daimyo, mas ele não servirá aos dois clãs. Os Yasuki são uma família do Caranguejo, não da Garça."

Domotai franziu-se. "Por que faria tal declaração, Lorde Kuon? A guerra sobre os Yasuki foi há muito tempo, e terminou com um acordo mutuamente benéfico entre nossos dois clãs. Porque não continuarmos com o acordo? Você acha que o Caranguejo não foi bem servido sob a liderança de Yasuki Hachi?"

"A questão não são as habilidades ou intenções de Yasuki Hachi. Como muitos Daidoji, ele foi leal à sua palavra e seguiu suas ordens. Ele tratou o Caranguejo com respeito."

Domotai suspirou. "Ainda assim você insulta sua memória negando seu nome por direito."

"Não há insulto intencionado, Lady Domotai. Não considero ser chamado de Daidoji um insulto, especialmente quando esta é sua linhagem. Hachi nasceu um Daidoji, não?"

"Nasceu, mas quando a linhagem Yasuki foi pesquisada, percebeu-se que ele era, de fato, o verdadeiro herdeiro dos Yasuki."

Kuon observou por um momento. "Quando Yasuki Kamoru morreu, ele o fez sem herdeiros. Nenhum Caranguejo descobriu o elo entre a linhagem de Kamoru e Daidoji Hachi."

"Os Historiadores Imperiais determinaram que Hachi era o próximo na linha. Este achado foi endossado pelo Campeão da Garça, Doji Kurohito."

Kuon assentiu. "Seu pai foi tenaz em ter endossado a causa da Garça."

Um momento de silêncio passou entre os dois. Domotai quebrou o silêncio. "Ao invés de discutir a fonte da informação que prova Hachi como o herdeiro por direito dos Yasuki, talvez você possa me dizer o que levou você a duvidar de sua veracidade."

"Como deseja." Os olhos de Kuon não deixavam os de Domotai. "O Caranguejo recentemente detalhou informações sobre a família e linha de sangue de Hachi. Apesar dele ter alguns parentes nos Yasuki, sua tese não era tão forte quanto os Historiadores diziam — e certamente não forte o bastante para que Doji Kurohito a usasse como base para invadir as terras."

"Essa... Evidência lhe mostra o herdeiro correto aos Yasuki?"

Kuon mexeu sua cabeça. "Não, não mostra."

"Então apenas tenta desmentir a tese de Yasuki Hachi."

"Daidoji Hachi." Kuon corrigiu Domotai. "Como eu disse, essas teses não vêem dele. Culpa alguma pode ser posta sobre Daidoji Hachi."

Domotai observou Kuon. "Qual é sua fonte?"

"O Escorpião a deu para nós."

"E você os levou a sério?"

"Certamente que não. Eles tinham muito o que ganhar encerrando a compreensão entre o Caranguejo e a Garça. Procuramos a fundo, e perguntamos a muitos guardiões de registros. Isso não é truque do Escorpião. A tese de Hachi não era verdadeira."

Domotai franziu-se. "Como pode alguém dizer que Hachi não é parte da linhagem Yasuki sem nomear um outro herdeiro?"

O olhar de Kuon permanecia fixo, enquanto respondia o questionário de Domotai. "O Escorpião não nos deu informações sobre os Yasuki. O que nos deram foi a linhagem de Hachi, toda sua ancestralidade e linhagem. Com o completo conhecimento de sua família, não há nada para mostrar que Hachi era o daimyo dos Yasuki."

O olhar de Domotai se tornou frio. "Então este fonte anônima do Escorpião significa mais para você que a palavra de Doji Kuorhito."

Os olhos de Kuon se amaciaram. "Não creio que seu pai tenha enganado alguém intencionalmente, Lady Domotai. Creio que ele é quem foi enganado, apesar de não estar certo sob tal coisa. Você está?"

"Não é problema meu. O que está pedindo a mim?"

"O próximo daimyo dos Yasuki será um Caranguejo. A família jurará fidelidade apenas ao Caranguejo. Todas as questões sobre as terras, rendas e nomes de famílias pertencerão ao Caranguejo. Os Yasuki que não desejarem abdicar por isso podem mudar seus nomes — muitos dos Yasuki da Garça eram Daidoji antes disso começar, não há desonra em retornar a isso. Isso preservará as relações entre nossos clãs, apesar da situação perante nós."

Domotai olhou, entristecida. "Temo que isso mudará antes que você deixe essa câmara."

Kuon assentiu gravemente. "Meus conselheiros me avisaram que você poderia reagir dessa maneira."

"Não permitirei que o nome de Doji Kurohito sofra quaisquer insultos. Ele foi o Campeão da Garça. Sua palavra é a nossa."

"Seu testemunho já teve grande valor. As coisas mudaram, Lady Domotai. Não há Imperador para decidir este assunto, e se houvesse, ele estaria do meu lado. O testemunho de um Campeão de Clã vivo sobre o de um morto, especialmente um que cometeu o seppuku para poupar seu clã de uma desgraça." Kuon pausou brevemente enquanto via o fogo acender nos olhos de Domotai. "Minhas desculpas, Lady Domotai. Minha intenção não era causar mais dor a você. Você compreende minha posição. Não posso descartar essa informação sem agir."

Domotai mexeu a cabeça. "Claro que não. Mas eu também não deixarei que ninguém, Campeão do Caranguejo ou não, questione a palavra de Doji Kurohito sem vingar o insulto."

"Então temos um impasse."

"Sim, nós temos."

Kuon tomou o último gole da bebida antes de colocar a xícara de chá ao lado do bule. Então ele se levantou e disse, "Tenho grande respeito por você, Doji Domotai. Só posso esperar que nosso desentendimento possa ser acertado rapidamente já que não posso ser recebido amigavelmente."

Domotai se levantou também, e curvou-se profundamente. "A Garça encontrará um meio de encerrar isso, Hida Kuon. É infeliz que não tenhamos outra escolha."

Kuon assentiu. "Que assim seja. Este é um dever que não desejo carregar por muito tempo".

Hida Kuon deixou a câmara, apenas para ser rapidamente substituído por Naoharu. "Lady Domotai? Posso ser útil?"

Domotai assentiu. "Sim, Naoharu, você pode. Avise meus generais. Parece que estamos em guerra."

Ensaios do Império, Parte 1

Escrito por Shawn Carman

Vilarejo do Viajante Amigável, províncias Yasuki

Sake não era a bebida predileta de Moto Tuban, se tivesse escolha. Seu pai preferia uma bebida em particular que o Unicórnio encontrou pela primeira vez em suas viagens pelo mundo a séculos atrás, e continuou a gostar dela até hoje. Era virtualmente desconhecida fora das províncias do Unicórnio, em grande parte por incluir como seu ingrediente primário o leite materno fermentado, algo que outros samurais veriam com horror. Como criança, Taban não gostava do gosto, mas à medida que cresceu, ele veio a gostar. Ele se arrependia apenas do fato de seu pai não ter vivido o bastante para que os dois bebessem juntos.

Ainda assim, Taban apreciava o gosto de um bom sake. Ele ouviu por anos que o sake produzido no Vilarejo do Viajante Amigável era o melhor do Império. Agora ele finalmente estava aqui e podia conferir pessoalmente, ele não estava completamente convencido de que era o melhor, mas realmente era bom. Ele sorveu o copo e saboreou enquanto desfrutava de um momento de relativa quietude. Havia sido um dia estressante, e ele estava feliz por estar quase acabando.

"Perdoe-me, Moto-san, mas temo que devo pedir-lhe para conferir seus documentos de viagem."

Taban se levantou do suspiro. Talvez o dia não estava tão próximo de acabar

assim afinal. "Creio que já discutimos esse assunto previamente, Doji-sama. Duas vezes."

O magistrado sorriu sarcasticamente. "É verdade, e não gosto de continuar a perturbar sua visita a nosso vilarejo, mas infelizmente temos enfrentado dificuldades com documentos falsificados, e fomos instruídos a inspecionar todos os selos com os quais não estamos intimamente familiarizados."

"Claro." Taban obedientemente entregou os documentos. "Devo parabenizá-lo pelo modo que cumpre seus deveres. Talvez eu deva escrever uma carta a seu superior, elogiando seu desempenho. Qual seria o nome dele?"

O magistrado mexeu a cabeça, sem parar de sorrir. "Você é muito gentil, Moto-san, mas não posso aceitar seus elogios apenas por cumprir meus deveres." Ele pegou os documentos e demonstrou estar examinando-os cuidadosamente. Ele franziu e torceu a língua. "Infelizmente, Moto-san, este é um dos selos que fomos instruídos a checar muito cautelosamente. Temo que não tenho escolha senão pedir para nos acompanhar até que possamos confirmar sua legitimidade."

"Entendo," disse Taban secamente. "Está dizendo que prendeu minha carga também?"

"Prender?" O magistrado pareceu horrorizado. "Não confunda, Moto-san, isso não é uma prisão. Estamos simplesmente oferecendo a você uma chance de ficar como nosso visitante até que esta pequena formalidade seja solucionada. Seu mestre é um visitante do governador, então certamente não pode haver questionamento de seus documentos. Estou certo de que ele entenderá, e nem precisará de seu yojimbo por alguns dias."

"Entendo," repetiu o jovem Unicórnio. "E suponha que eu não escolha acompanhar você? Como seu 'visitante'?"

"Temo que esta não seja uma opção," disse o magistrado, sua voz cheia de um falso arrependimento. "Por favor não force nossa mão nessa questão. Seja um visitante agradável, não um bárbaro bruto." Ele pausou. "Mas então, suponho que isso seja algo tradicional em sua família."

Taban não mordeu a isca. "Não abandonarei meus deveres acompanhando você," ele disse simplesmente. "Tenha certeza disso."

"Então temo que temos um problema."

"Sim," disse uma voz de mulher. "Você tem."

Taban e seu oponente se viraram. Havia uma mulher vestindo as cores do Caranguejo a uma curta distância dali. Ela achou os olhos do magistrado com um olhar plácido, e as pessoas na mesa sabiam que tinham que sair dali imediatamente. Taban imaginou se haveria violência. Ele deixou sua espada na porta, e suspeitou que a mulher do Caranguejo também. O magistrado, obviamente, não fizera tal coisa. "Isso não lhe diz respeito, amiga Hida," começou o magistrado.

"Eu decido o que me diz respeito," disse a Caranguejo, sua voz perfeitamente calma. Ela colocou um manuscrito portando o mon dos Hida sobre a mesa. "Recebi ordens hoje para garantir que todo o pessoal do Caranguejo e seus aliados dentro desse vilarejo estejam seguros. Este homem," ela apontou para Taban, "É um aliado do Caranguejo. Ele está sob minha proteção."

"Não seja ridícula," disse o magistrado. "Ele não é nada além de um yojimbo, alguém cujo o senhor está falando com o governador da Garça, não o contingente do Caranguejo. E além disso, seus documentos podem ser falsos..."

"Feche sua boca idiota," disse a mulher, sua voz levemente mais alta. "Se falsificação for a melhor desculpa que pode arranjar então aquela cobra chamada Naoharu definitivamente deve achar mais capangas mais talentosos para fazer seu trabalho. Minhas ordens portam o selo do Campeão do Caranguejo, e elas garantem-me que hostilidades entre o Caranguejo e a Garça são eminentes." Ela pôs ambas as mãos na mesa, as palmas para baixo. "Gostaria de começar as festividades mais cedo que o esperado, se continuar a questionar a veracidade de minhas ordens."

O magistrado olhou para ela, e então ao redor da casa de sake. Havia ao menos meia dúzia de Caranguejos nas várias mesas, todos eles olhando intensamente ao espetáculo que começava perante eles. Cada um parecia pronto para saltar a qualquer momento. Isso era um simples fato que o magistrado obviamente sabia bem. O homem limpou a garganta. "Devo investigar essa questão com meu superior," ele disse. "Retornarei em breve. Espero que todos vocês fiquem aqui, esperando!" Com isso, ele e seu yoriki saíram do prédio de uma vez.

"Obrigado," disse Taban. "Espero não ter lhe causado dificuldades."

"O Unicórnio e o Caranguejo são velhos amigos," ela respondeu. "É infeliz para a Garça ter escolhido perturbar os outros ao invés de nós nos últimos anos. Parece que sua breve sabedoria terminou. Posso saber o seu nome?"

"Moto Taban." Ele curvou-se.

"É um prazer lhe conhecer, Taban-san," ela disse. "Acho que talvez precisemos continuar esta discussão em algum outro lugar, porém."

"Como desejar, Kaoru-san."

Toshi Ranbo, a Cidade Imperial

Kitsuki Taiko estranhou ao olhar sobre os arquivos que continham o que pareciam ser uma interminável pilha de manuscritos, todos cuidadosamente colocados dentro de caixas protetoras com kanjis explicando seus conteúdos. Um estranho a esta biblioteca em particular indubitavelmente se paralisaria com o volume de textos disponíveis, e esse pensamento passou por ela por uma hora, porém, e ela achou mais e mais que não estavam guardados dentro da biblioteca em particular, e o pensamento a encheu de desânimo. Muitas outras bibliotecas foram danificadas durante a Batalha de Toshi Ranbo há alguns meses, e era possível que nem mesmo a intervenção do Clã Fênix tivesse salvo os registro que ela salvou da destruição que correu a cidade. Ou ao menos, eles poderiam não existir fora das mãos abastadas de outras bibliotecas mantidas pelos clãs. Não que Taiko tivesse chance de estudar os registros Ikoma, por exemplo, mas se tivesse, será incomum que ela pudesse confiar que o que achasse fosse completamente preciso e imparcial. Isso era, ela suspirou inevitavelmente, a natureza do homem.

Depois de vários minutos de consideração, Taiko franziu-se e pegou uma das caixas. Não era exatamente o que ela estava procurando, e certamente não continha a informação que ansiava, mas era aparente que isso era o mais próximo que chegaria, e quase sempre havia a chance de encontrar alguma referência da qual pudesse fazer uso. Enquanto caminhava pelo silencioso corredor de volta à mesa onde estava trabalhando, ela pensou se havia alguma chance de pedir uma audiência com o Mestre da Água. Mas claro que eram poucas as chances dele recebê-la, dada a relativa ausência de importância que ela tinha. Não, isso era algo para ela lidar por si só.

Taiko parou no meio do caminho. Havia alguém sentado na mesa, olhando vagamente aos manuscritos já abertos lá. O jovem homem não havia tocado em nada, isso era muito óbvio, mas também foi discreto ao olhar para o seguinte com um sorriso aberto, seu longo cabelo branco escorria casualmente sobre um ombro. "Posso lhe perguntar o que está fazendo?" Ela perguntou, sua voz forçada.

O jovem olhou para cima e sorriu para ela. "Olá de novo, pequeno beija-flor."

Taiko franziu-se. Ela se lembrou dele, claro. Apesar de ser completamente desinteressada nessas coisas, seria difícil esquecer qualquer homem tão lindo como ele, não importando o quão irritante ela o achasse. "Kakita Hideo," ela disse, seu tom longe de ser receptivo. "Imaginei que não nos veríamos depois do Campeonato de Topázio."

"E ainda assim estamos aqui. Certamente as Fortunas nos favorecem."

"Suponho que isso dependeria da interpretação dos eventos atuais," respondeu Taiko. "Por que você me procura?"

Ele fingiu surpresa. "Por que você acha que não estou simplesmente visitando a mais augusta das bibliotecas?"

"Essa conclusão seria incabível a qualquer um que tenha falado com você por mais do que um momento," ela respondeu, e quase imediatamente se arrependeu do tom ácido que tomara.

"Então certamente vivemos num mundo incabível," respondeu Hideo, sem insulto aparente. "Estou aqui para pesquisar uma questão de descendência."

"Descendência?" Taiko estava ingenuamente surpresa. "Os registros da Garça não provam uma fonte mais confiável nesse tipo de informação?"

"Não minha," corrigiu Hideo. "A linhagem de um Escorpião, na verdade. Nós, Garças, não rastreamos esse tipo de informação."

"Estou surpresa que um homem de seus... Talentos, seja enviado para tal dever," ela observou, pondo seus manuscritos na mesa e abrindo a primeira caixa. "Sua especialidade seria uma área diferente, eu imagino."

Pela primeira vez, a fachada de Hideo desapareceu, e Taiko viu genuínos remorso e tristeza em sua face. A dor escrita era quase paralisante, e ela acreditou que ele era mais que um bufão. "Não há deveres para eu cumprir na cidade, eu temo," ele disse saudosamente. "Provavelmente não haverá nas próximas semanas. Certamente é meu castigo por meu desempenho no Campeonato de Esmeralda."

"Castigo?" Taiko estava incrédula. "Um guerreiro a menos de um ano depois de seu gempukku, convidado e tendo êxito nas rodadas iniciais do Campeonato de Esmeralda? Como pode alguém lhe culpar por falhar nisso? Você não pode acreditar seriamente que poderia ter vencido."

"Você fala como alguém sem apreciação à arte do duelo," disse Hideo. Seu sorriso retornou instantaneamente, apesar de mais genuíno dessa vez. "Perdoe-me, não quero insultar. Mas um duelista não acredita que possa vencer ou não possa vencer. Não, não estou envergonhado por minha performance, mas de meu comportamento na rodada final. Me envergonhei e à minha família. Agora meus senhores estão demonstrando suas incertezas em minhas habilidades de cumprir os deveres não me dando nenhum."

"Me... Me desculpe." Ela não tinha certeza do que dizer. "Seu castigo vai demorar?"

"Não posso dizer. Até que precisem de mim, ou até que eu possa demonstrar que sou digno." Disse Hideo. "Um ou outro acontecerá em breve. Ao menos assim espero, acho essa inatividade excepcionalmente monótona." Seu semblante brilhou. "O que está fazendo aqui, se posso perguntar?"

Taiko franziu-se, incerta se podia ou não confiar nele. Por fim, certamente, havia pouco a perder, e sempre havia a quase impossível chance de que ele pudesse ser útil. Ela tirou uma caixa da mesa e a abriu. "Durante a tentativa de restaurar a cidade, o Dragão descobriu isso."

Hideo removeu o manuscrito delicadamente, pois mostrava sinais de fogo nos cantos, particularmente no topo. Ele estranhou. "Esta é uma petição da família Kitsune, por ajuda." Seus olhos pularam para o topo do manuscrito, onde o estrago era mais severo. "Não há indicação do destinatário. O Mantis talvez?"

"Talvez," disse Taiko. "Foi decidido, porém, que dar o manuscrito a eles sem garantias de que pertencia a eles era uma escolha imperdoável. Não há meios de se determinar a idade do manuscrito, infelizmente. A tarefa de determinar suas intenções e origens foi considerada de baixa prioridade. Tenho pedido repetidamente permissão para endereçá-lo."

Hideo olhou à notação próxima ao topo do manuscrito. "Este manuscrito foi escrito a menos de duas semanas antes do ataque do Khan à cidade."

"O que? Como pode ter certeza?"

Ele apontou. "Esta notação é uma indicação de data. O Clã Pardal usa um calendário modificado baseado no ano de sua fundação. Não é incomum para os outros membros da Aliança dos Três Homens usá-lo, particularmente a Raposa. Os Tsuruchi o usam também, apesar de não tão freqüentemente como antes." Ele entregou o manuscrito de volta a Taiko. "Este manuscrito foi endereçado aos Tsuruchi."

A jovem magistrada assentiu lentamente. "Será devolvido, então."

"Não tenha tanta pressa," avisou Hideo. "Apesar das boas intenções entre nossos dois Clãs, as relações entre Garça e Raposa foram marcadas por falhas e tragédias. O Mantis não se provou aos olhos da Garça. Entregar este dever ao Mantis sem mais investigações seria fazer a Garça falhar com a Raposa novamente. Não posso permitir isso."

Ela estranhou. "Sou obrigada a relatar esta informação aos meus superiores."

"Então o faça. Diga a eles que você não achou informações sobre a época da mensagem além daquela que um Garça desgraçado deu a você sobre um obscuro método de datação que ninguém nunca ouviu falar."

Taiko respirou fundo. "Obrigada," ela disse. "Pedirei aos meus senhores permissão para viajar às terras Kitsune e investigar isso mais a fundo."

"Você precisará de um yojimbo."

Ela assentiu. "Pedirei Mirumoto Ichizo."

"O Dragão que quase aleijou o Mantis no Campeonato?" Hideo mexeu a cabeça. "Demorará muito. Posso estar pronto para sair dentro de uma hora, se desejar." A incerteza dela estava escrita em sua face, pois seu semblante se amaciou de novo. "Deixe-me fazer isso," ele pediu calmamente. "Dê-me a chance de redenção."

Taiko hesitou, então assentiu lentamente. Ela certamente se arrependeria disso.

O sorriso brilhante de Hideo retornou. "E uma semana juntos na estrada? Pura felicidade."

De fato, ela já se arrependeu.

Mura Sabishii Toshi, províncias Garça

Cidade do Litoral Solitário era um estranho nome para este lugar em especial, decidiu Yoritomo Eriko. Talvez quando tivesse sido criado, houvesse alguma pequena razão para alguém de fora do vilarejo que aqui viesse, estivesse solitário. Depois de séculos de crescimento, porém, ele cresceu a dimensões incríveis, e viu dúzias ou talvez centenas de navios vindo o porto a cada semana. Era um dos maiores centros navais da Garça, um dos centros de sua vasta rede econômica que fazia deles talvez o clã mais rico do Império por vários anos.

Ou ao menos foi, até agora.

Havia muitos olhares e faces confusos enquanto Eriko caminhava pelas ruas. Apenas alguns dos líderes da cidade sabiam o que havia acontecido. Os outros simplesmente estavam confusos porque tantos Mantis repentinamente apareceram na cidade. A simples verdade que escapava deles, e que infectavam os Garças que governavam a cidade, assim como àqueles a quem respondiam, era que o Mantis havia gasto uma considerável fortuna para comprar mais de três quartos de todos os estabelecimentos mercantes na cidade toda. Agora seus vassalos mercadores tinham bastante poder econômico unificado para fazer qualquer tratado de larga escala, acordos de troca ou outros interesses mercantis em favor do Clã Mantis. A Garça, enquanto ainda se beneficiando das ações de seus próprios vassalos, efetivamente tiveram a cidade roubada deles, com pouco o que fazer a respeito.

Ultimamente, era tudo por dinheiro, o que Eriko achava nojento ao extremo. Ainda assim, haviam aqueles que serviam ao Campeão do Clã Mantis com medo de sujarem suas mãos com tais coisas, e se fosse o caso, era muito melhor. Para ela, Eriko apenas queria servir ao clã de uma maneira mais benéfica aos samurais. Hoje, que ela estava servindo como yojimbo e assistente de um importante cortesão do Mantis e patrão mercante. Não era um dever tão ilustre quanto ela esperava, visto sua posição como magistrada, mas era o que era preciso dela agora. Quando o barco do cortesão navegou por dois dias, ele deu a ela um novo dever em Houritsu Mura. Isso era tudo que ela precisava saber.

Mesmo que estivesse perdida em pensamentos de pôr suas perícias de magistrada num uso melhor, sonhando com a glória que traria ao clã, algo chamou os olhos de Eriko. Ela se virou à esquerda, procurando por alguém que passou no distante canto de sua visão.

Havia alguém de pé fora das sombras num beco. Isso não era incomum, talvez, mas seus instintos a disseram que o indivíduo estava olhando para ela, a estudando. Suas mãos estavam em sua arma, ela nem mesmo sabia disso. Eriko se moveu para o beco, cuidadosamente avaliando a rua ao redor dela para ter certeza de que não era algum tipo de armadilha. O suspiro foi muito sutil, ela pensou. Normalmente esses que desejam chamar a atenção de alguém dessa maneira eram grotescamente óbvios, e perdiam suas mãos por essa razão. Esse era sutil o bastante par isso, se fosse um emboscada, seus oponentes eram excepcionalmente bons no que estavam fazendo, e ela seria morta de qualquer maneira. Então havia pouca razão para não investigar.

O beco era escuro e sujo. O cheiro era horrível, mas Eriko prestou pouca atenção. Ela pegou sua arma e caminhou cuidadosamente, seus olhos atentos procurando por qualquer lugar onde um atacante pudesse se esconder no beco nojento, seus ouvidos alertas a qualquer som de aproximação por trás. Ela passou vários momentos procurando, mas não havia sinal de ninguém ali presente. Ela quase decidiu que havia se enganado, e já estava se virando, quando notou a escrita rabiscada na parede, próxima ao chão.

"Os violadores da noite. Dez minutos."

A escrita era preta e já estava gasta, provavelmente escrita com um pedaço de madeira queimada. Ela enegreceu a ponta do dedo onde fora tocada. Sob circunstâncias diferentes, ela checaria a outra entrada do beco em busca de alguém que tivesse visto algo, mas não havia tempo agora.

Dez minutos estavam quase acabando.

"Violadores da noite" era como os nativos chamavam uma formação de grandes rochas negras próxima à costa, a uma curta distância ao sul da cidade. Muitos barcos foram naufragados por ela no passado, mas na era moderna essas coisas eram raras. Eriko se movia facilmente entre os picos rochosos, manobrando-se entre eles com a graça de alguém acostumado aos solavancos e movimentos dos mares. Enquanto se aproximava do centro do campo, ela podia ver que havia uma figura solitária esperando por ela.

"Obrigado por vir," o homem disse. Ele estava vestido em cores neutras, mas ela pensou ter visto algo parecido com um mon incomum sob seu manto enquanto ele descruzava os braços. "Achei que viesse me ver."

"Quem é você?" Ela gritou. "O que você quer?"

"Muitas coisas," ele respondeu. "Meu nome é Gyoken. Tenho uma mensagem que preciso que leve aos seus superiores."

"Uma mensagem? De quem?"

"De minha senhora, Yoritomo Hotako," ele respondeu. "Ela apenas especificou que ela deve chegar a seu lorde Naizen. Foi me dada a escolha da identidade do mensageiro. Escolhi você."

A arma de Eriko estava em sua mão novamente. Yoritomo Hotako era o nome de uma jovem oficial do Mantis que desapareceu alguns meses atrás. Era dito que ela foi vista na companhia dos Perdidos, mas ninguém podia dizer se isso era verdade ou não. Independente disso, se ela estava viva, e se este homem era seu vassalo como disse, então as coisas não eram o que pareciam. "Por que eu? E por que deveria colaborar?'

"Você levará isso para seus superiores imediatos porque, como todos os seus, falta a você a vontade de agir com independência. É verdade? Você não pode estar certa! Você não tem o nível para fazer tal decisão." Gyoken mexeu a cabeça. "Um senhor verdadeiramente digno valoriza vassalos com força de propósito e clareza de pensamento, não escravos dementados."

A face de Eriko se mudou para uma expressão de ódio. "Você toma sua vida em suas mãos falando comigo assim."

Gyoken sorriu. "Ah, sim, é por isso que escolhi você. Ouvi de sua proeza no Campeonato de Esmeralda. Seu duelo improvisado é quase uma lenda! Diga-me, o que realmente houve? Como você pôde conseguir tal coisa?"

"Fique quieto," ela sibilou.

"Claro, se você se recusa a levar a mensagem... Se você for tola o bastante para me atacar... Então talvez eu tome sua vida. E ao fazê-lo, ganhe os favores com os Garças de quem você ocupa a terra! Não há maneira pela qual eu não prospere com isso!"

"Você não prosperará quando estiver morto!"

"Isso parece difícil," zombou Gyoken. "Não sou um duelista velho, afinal."

"Fique quieto!" Ela gritou.

"Ao que importa," adicionou Gyoken, "sua morte pode muito bem conseguir favores com o Dragão também. Estou certo que mesmo entre uma montanha de místicos, haja um ou dois interessados num pouco de vingança contra o grande herói Mirumoto Chojiro."

A face de Eriko ficou vermelha à menção daquele nome vergonhoso. "Não fale dele!" Ela sibilou. "Você não pode falar dele!"

O Aranha mexeu sua cabeça em desgosto. "Você, assassina dele, ousa me julgar indigno de falar dele? Sua hipocrisia não conhece limites."

Eriko saltou sobre ele. Ela investiu entre os picos separando os dois com incrível velocidade, soltando um golpe que silenciaria a voz zombeteira do tolo permanentemente. Ele não tentou evitar o ataque, e bloqueou-o com sua espada no último momento, sua face se tornando uma máscara de ira ao fazê-lo. "Você é patética," ele rosnou, empurrando para trás, aparentemente sem esforço. "Não posso imaginar como seu clã ridículo foi sábio o bastante para se aliar com meus senhores em primeiro lugar."

"O que?" Exigiu Eriko. "O que você quer dizer?"

Ele olhou para baixo do pico onde estava. "Você verá em breve."

Ela investiu sobre ele das areias onde caiu, mas ele saltou facilmente sobre o ataque e a chutou diretamente na cabeça, fazendo-a cair de volta às areias, incapaz de se levantar. Ela dificilmente percebeu que ele jogou a caixa de manuscrito a ela, que atingiu o do-maru que cobria seu peito. "Faça como lhe disse, garotinha errante."

"... Matar você..." Ela exigiu.

"Dificilmente," ele repetiu. Ele saltou e a atacou novamente, dessa vez na mandíbula.

A escuridão a tomou.

Mais Forte Que o Aço

Escrito por Nancy Sauer

Cidade Imperial, Ano de 1169, Mês do Castor

Matsu Takeko se apressou pelas ruas de Toshi Ranbo, tentando não ser distraída pelas visões e sons da cidade. Disseram a ela que a Capital Imperial sofreu grandes danos na Batalha de Toshi Ranbo, mas mesmo assim ainda era uma opulenta e cosmopolita cidade, muito maior que qualquer outra que ela já tinha visto. Muitos aromas deliciosos saíam das lojas de comida ao longo da estrada e ela ansiava parar por alguns suculentos pedaços de yakitori e uma xícara de chá, mas ela conteve o impulso. Ela recebeu um dever para cumprir ali, e nada a deteria até que estivesse terminado.

Enquanto viajava ao fundo da cidade, o sentido de caos que ela causava diminuía, e ela começou a notar padrões entre as pessoas que lotavam as ruas. Muitos eram heimins, e ela os notou apenas ao olhar para aqueles que não saíam de seu caminho rápido o bastante. Dos samurais presentes, a maioria era Leão e Garça, mas havia um número grande de Caranguejo, Dragão e Escorpião, e um notável número de Mantis. Não parecia haver samurais do Unicórnio afinal. Mais interessante de tudo foram os Fênix que ela viu — havia muito poucos se movendo na multidão, e ainda assim Toshi Ranbo estava cheia deles. Samurais da Fênix podiam ser achados em grupos nas interseções das estradas principais, tripulando as fronteiras que dividiam uma seção da cidade da outra, vigiando dos lugares altos da cidade. O Clã Fênix era conhecido como um clã de paz, e ainda assim estava claro que, pelo menos entre os Shiba, havia aqueles que entendiam bem o assunto da guerra. Takeko continuou, pensando.

"O Leão é tenaz," disse Yoritomo Naizen. O Campeão do Mantis batia seus dedos na mesa diante dele. "Você fez bem em bloqueá-los na corte hoje."

Yoritomo Yashinko mexeu sua cabeça. "Perdoe-me, meu senhor, mas não fiz. Deixei Akodo Setai me flanquear completamente."

"Como?"

"Sua nomeação de Toturi Shigekawa como Imperador," disse Yashinko. "O Leão foi o último clã que esperei apresentar um candidato, mas ao invés disso foram o primeiro."

"Segundo," disse Naizen com um leve sorriso. "O Unicórnio foi o primeiro." Yashinko reconheceu a questão com uma pequena reverência enquanto ele continuava. "Shigekawa é uma brilhante escolha. Vassalo de dois Imperadores, um comandante de uma Legião Imperial, uma reputação de impecável integridade. Ninguém poderia, ou deveria, questionar a honra de tal homem. E com o nome Toturi, ele é apenas Imperial o bastante para o Leão dizer com cara limpa que ele é um candidato neutro, acima de pequenas coisas como lealdade ao clã. Brilhante."

"E agora devemos mostrar igual brilho ao detê-los," disse Yashinko.

"Difícil," disse Naizen. "Como Campeã de Ametista Yoyonagi é a Mantis com maior escritório Imperial, mas ela ainda é vista como Mantis, e apesar de tudo isso, ela é uma mulher honrada e não tem a mesma reputação brilhante de Shigekawa."

"Ela não precisa ter," disse Yashinko lealmente, "a reputação que atualmente tem é tudo que ela precisa. Mas você tem um direito tão bom quanto o dele."

"Eu?" disse Naizen se movendo parar rir da idéia, mas o olhar na face de Yashinko o fez parar. "Como?"

"Você tem o favor do Dragão do Trovão, cuja voz inspira os heróis," disse Yashinko. Ela apontou ao Elmo do Trovão que ficava diante da estante próxima ao daisho de Naizen. "Nenhum outro clã honra os kamis mais que a Fênix, e o apoio de um dos grandes dragões lhe dará crédito aos seus olhos. Visto a história recente de nossos clãs, tendo a Fênix visto você como prova, dará grande peso entre os outros Clãs."

O lorde do Mantis ficou em silêncio por um momento. Seu primeiro impulso era dizer que ele não queria ser o Imperador — mas houve um tempo quando ele não queria ser Campeão do Mantis também. Seus dedos rufaram um chamado às armas na mesa. "Com um Mantis no Trono, ninguém jamais disputaria nosso lugar entre os Clãs Maiores," ele disse. "Ninguém diminuiria a grandeza e visão de Yoritomo como mera ambição."

"Tudo isso é verdade, meu senhor," disse Yashinko.

Naizen suspirou. "Que assim seja."

Os três samurais do Leão caminhavam pelas ruas de Toshi Ranbo à propriedade que Akodo Setai usava como sua residência, e eles não falavam até que entraram no escritório de Setai.

"'O Mantis não tem melhores, apenas iguais e ainda assim, nenhum entre o Leão,'" Ikoma Akiyama disse, fazendo uma justa imitação da voz de Yashinko. "A temeridade daquela mulher!"

"Quando se serve como Campeão de Ametista, consegue-se alguma temeridade," disse Setai calmamente. Ele caminhou para a mesa que tinha um mapa de Toshi Ranbo e olhou para ele.

O terceiro homem, Akodo Seiichi, falou. "Setai-sama, não compreendo porque minha legião está sendo mantida aqui. Nada foi conseguido na corte, e é óbvio que a Fênix não dará sua petição. Minha força não seria melhor usada num ataque ao Unicórnio?"

"Um grande feito foi conseguido," Setai o corrigiu. "Do que a Mestra Ochiai não falou hoje?"

Seiichi piscou em momentânea confusão, e Akiyama respondeu. "Ela não disputou as qualificações de Toturi Shigekawa ao trono."

"Sim," disse Setai. "e agora que concentramos a atenção de todos a isso, podemos cuidar da cidade."

Houve um ruído à porta e a voz de um guarda. "Akodo-sama, há um mensageiro aqui para você."

"Faça-o entrar," disse Setai.

Matsu Takeko entrou e se ajoelhou perante Setai, oferecendo a ele a caixa de manuscrito que carregava. Setai a pegou, abriu e olhou seus conteúdos. "Você agiu bem," ele disse. "Retorne aqui amanhã; terei um relatório para você levar de volta. Até então você está dispensada."

"Hai, Akodo-sama," ela disse, então se curvou aos três homens e se retirou.

"Perdoe-me," disse Akiyama, ignorando a interrupção, "mas não vejo como podemos 'cuidar' da cidade. A Fênix a controla, e nenhum homem pode prevalecer contra o Dragão do Fogo."

"Não temos que tirar o controle da Fênix," disse Setai, "ao menos, não primeiramente. Mas o Mantis precisa — eles são traidores, e não merecem lugar na Capital Imperial. E não penso que precisemos nos preocupar com o Dragão do Fogo." Ele ofereceu a mensagem para Seiichi. "A Fênix está movendo mais tropas para Toshi Ranbo."

"Elas não são necessárias," disse Seichi. "um Dragão Elemental é mais que capaz de lidar com qualquer ameaça que os Clãs possam oferecer." Ele pausou por um momento em pensamento. "Mas se os Mestres estão convocando mais tropas então eles não planejam invocar seu poder, ou planejam apenas usá-lo como último recurso."

"Isso seria adequado a eles," disse Akiyama. "A Fênix é um povo pio, que não desejaria perturbar um ser celestial por um problema que poderiam resolver por si próprios."

"Exatamente," disse Setai. "A Fênix deseja preservar a capital: um objetivo honrado. Não apresentaremos a eles ameaça alguma à segurança de Toshi Ranbo. De fato, quando a oportunidade surgir, reduziremos o número de clãs aqui na cidade, para ajudar a mantê-la segura."

Ele olhou para Seiichi. "Você ainda teme que sua legião seja desnecessária?"

"Não, Setai-sama," Seiichi disse com um leve sorriso. "Posso ver que ela será muito, muito bem usada aqui."

A casa de sakê Pérola Líquida não servia o melhor sakê de Toshi Ranbo, mas a elegante seriedade de seu desing interior e a qualidade do narrador que fazia de lá sua base ganharam algum favor com os samurais do Leão que viviam na cidade. O dono tinha sentimentos mistos a isso: os Leões tendiam a ser calmos e controlados bebedores que pagavam suas dívidas sem reclamar, mas ele também notou o quão próximo seu estabelecimento estava da embaixada Mantis. Essa tarde, porém, havia apenas uma dúzia de samurais do Leão na sala comum da casa, e nenhum Mantis à vista. Ele sorriu à garçonete e saiu para o inventário em seu estoque.

"Não é nada além de uma desgraça ao Império," disse Akodo Natsu. Ele e seus companheiros estavam sentados numa das mesas pretas, com uma visão ao pequeno jardim da Pérola Líquida. "Isso é o que acontece quando deixamos shugenjas fazerem política."

Akodo Katsumoto olhou por cima de sua xícara de sakê. "Meu amigo, certamente você não quer dizer isso," ele disse. "Certamente você não tem dúvidas sobre os Kitsu."

"Claro que não! Os Kitsu são informados por milhares de anos de ancestrais do Leão — eles nunca permitiram que o Mantis continuasse com sua traição. Mas a Fênix não tem tal orientação, e eles não ouvirão aqueles de nós que sabem mais."

Katsumoto assentiu e tossiu seu sakê. "É verdade. E até que façam, devemos viver com a desonra do Império." Ele buscou algumas moedas em seu obi e as deixou sobre a mesa, e então os dois homens se levantaram e foram à porta. Quando chegaram à saída, eles perceberam que o caminho estava bloqueado por alguns samurais Mantis tentando entrar.

"Saia da frente," disse Natsu bruscamente, "eu sou samurai."

A líder Mantis deu a ele um sorriso amarelo. "Leão-san, temo que o sakê está prejudicando sua visão. Sou Tsuruchi Amaya, uma samurai do Clã Mantis, e você se arrisca ofendendo a mim e meus ancestrais se não me deixa passar."

"Eu me preocuparia," disse Natsu, "se alguma vespa tivesse um ancestral digno de ofensa."

O sorriso de Amaya desapareceu. Os dois homens se olhavam, unidos num momento de perfeito entendimento. Então ambos puxaram suas espadas.

Takeko mordeu seu quarto pedaço de yakitori, brilhando levemente com alegria. Akodo Setai era uma lenda nas terras do Leão: o Seguidor da Morte Redimido, o homem que provou que nem mesmo a desonra podia deter a devoção do Leão ao bushidô, o estrategista que guiou o destino do clã na Corte Imperial por anos — e ele disse que ela agiu bem. E amanhã ela novamente estaria em sua presença e confiaria a ela o relatório a ser devolvido a seu senhor. Ela, Matsu Takeko, serviria como mensageira do grande Akodo Setai. Seu sensei estaria orgulhoso. Seus pais estariam orgulhosos. Suas irmãs e primas estariam ao lado deles com inveja.

Takeko sorriu e se virou ao camponês que corria da cozinha para pedir outro espeto. Antes que pudesse falar, uma perturbação chamou sua atenção. Ela olhou para a rua e viu a massa de heimins explodir em todas as direções, alguns deles gritando com medo. Quando a rua clareou o bastante, ela percebeu que estavam correndo de uma luta. Um momento a mais e ela pôde identificar os combatentes: um punhado de samurais Akodo contra um grande número de Mantis. Ela deu dois passos em direção a eles, então parou e se pôs a pensar. Os Akodo estavam lutando como uma unidade e fazendo muito bem por si próprios. Ela parecia ser a única Leão presente, e se se juntasse à batalha não haveria quem levar notícias do ataque do Mantis. Seta-sama, ela tinha certeza, ia querer saber disso. Takeko cerrou os dentes, se virou, e começou a correr em direção à propriedade de Setai.

Ela chegou à primeira esquina e continuou. Esforçando seus joelhos com sangue pingando dos lábios que cuspiu quando viu dois Mantis no cruzamento. Um tinha um arco e parecia estar buscando uma flecha, e o outro tinha as kamas que os samurais Yoritomo insistiam em usar. "Fugindo, pequena leoa?" Perguntou o arqueiro. "Isso não é muito bravo, é?"

Takeko rugiu. Ela tinha um ferimento em seu lado que não a deixava respirar para um brado de batalha, então ela correu, sacando sua katana e investindo sobre seus oponentes. Ela se aproximou muito rapidamente para o arqueiro atirar e o cortou em dois antes que pudesse trocar de arma. Isso deixou o homem da kama, e os dois se circularam por um momento, tentando encontrar tempos e zonas de reação. O Mantis lançou uma séria de fintas, tentando atraí-la. Takeko ignorou as fintas e golpeou, arrancando a cabeça do homem com um golpe. "Por que fintar quando você pode apenas matá-lo?" ela sussurrou, lembrando um dos ensinamentos prediletos de seu sensei. Ela pôs a mão em seu lado, irritada com o ferimento, e descobriu a fonte: ela tinha uma flecha em suas costelas.

Takeko caiu de joelhos enquanto sua mente desesperadamente registrava a profundidade da dor e o sangue que estava escorrendo ao lado esquerdo de seu kimono. 'Não vou cair,' ela disse a si mesma. 'Eu tenho um dever.' Se recompondo contra a dor, ela quebrou a haste o mais próximo da cabeça que podia, se pôs de pé e começou a correr em direção à propriedade de Setai num trote descompassado.

"Naizen-sama!" Yashinko deslizou uma das portas do escritório de seu senhor sem esperar permissão. "O Leão está atacando alguns dos homens Tsuruchi de Amaya!"

Naizen ignorou a falta de protocolo. "Como você sabe?" Ele perguntou.

"Você pode vê-los da sacada do terceiro andar," disse Yashinko.

Naizen saltou aos seus pés, pegou seu elmo e daisho, e rumou para a porta. "Ache uma justificativa, no caso de termos sido nós quem começamos," ele ordenou, então estava descendo o corredor, chamando sua guarda pessoal numa voz treinada para ser ouvida sobre as tempestades do mar do inverno.

"Setai-sama!" Akiyama disse. "Há notícias que você deve ouvir; venha para a entrada imediatamente!"

Setai não parou para perguntar porque as notícias não vieram a ele: Akiyama o recebeu com o fraco e familiar cheiro de sangue. Ele se apressou à entrada e achou uma jovem mulher Matsu num kimono ensangüentado. Ela parecia pálida, mas calma e ele a reconheceu como a mensageira que o trouxe o relatório da Fênix. "Akodo-sama," ela engasgou. "O Mantis nos atacou! Há uma batalha numa rua com muitas lojas de comida, a lesta de um pequeno oratório a Bishamon."

"Próximo à Pérola Líquida," disse Setai, olhando para Akiyama. "E a embaixada do Mantis."

O outro homem assentiu. "Seiichi-sama pensou parecido. Ele já está reunindo os membros de sua legião que estão aqui; para reforçar os Leões já em combate."

Setai olhou de volta para a Matsu. "Você agiu bem," ele disse.

Ela sorriu. "Obrigado, Akodo-sama," ela disse. Então seus olhos rolaram em sua cabeça e ela desmaiou onde estava. Akiyama conseguiu agarrá-la antes que atingisse o chão e a repousou gentilmente. "Setai-sama, ela tem uma flecha alojada em uma das costelas," ele disse depois de um breve exame.

"Chame um curandeiro e um shugenja," disse Setai a um servo próximo, e então esqueceu o assunto. Ele tinha uma batalha para atender.

Isawa Ochiai parou enquanto caminhava e olhou levemente, ouvindo. "Tão cedo?" Ela disse, uma nota de surpresa em sua voz. Uma pausa então ela falou de novo. "Não, meu amigo. Não ainda. A devoção de Shiba à causa da paz não é menor que a dos Isawa — não os privaríamos da oportunidade de mostrá-la ao Império." Outra pausa. "Sim," ela disse tristemente. "Eu sei."

Shiba Miiko ajeitou uma mecha de cabelo atrás de sua orelha e imaginou para onde seu kabuto fora. Ela não se lembrava de tê-lo perdido, mas então, ela não se lembrou pelos últimos dez minutos. "Sotatsu!" Ela gritou. "Asseguramos esta área — relate isso!" O homem assentiu dos telhados que corria, sacou um leque vermelho, e começou a sinalizar com ele.

Enquanto esperava resposta Miiko suspirou e olhou aos corpos espalhados ao redor. Quem sob o sorriso dos Céus, ela imaginou, acharia uma boa idéia começar uma luta numa cidade com uma guarnição inteira, reforçada pela força dos Mestres Isawa e as bênçãos do Dragão do Fogo?

O Leão, que corretamente compreendia o caminho que o caminho da honra era o Caminho dos Céus.

O Mantis, que corretamente compreendia que toda existência humana era uma luta contra forças superiores.

"Iluminação faz sábios de tolos e tolos de sábios," ela disse para si mesma.

"Miiko!" Sotatsu gritou, perturbando suas meditações. "Este distrito está selado. A principal batalha está no distrito a sul daqui, e reforços estão a caminho."

Miiko assentiu e acenou para que ele descesse. Ela esperou em sereno silêncio até que as forças adicionais chegasse, e então ela chamou a atenção deles erguendo sua katana sobre sua cabeça.

"Nossa missão é de paz," ela disse. "Em respeito à vontade dos Mestres, só mataremos aqueles que resistirem nossos esforços. Qualquer que não se renda imediatamente é resistência. Agora, vamos!"

Takeko se sentou no jardim da propriedade de Setai, aproveitando o sol outonal e estudando a ponta de flecha que o curandeiro tirou dela. Era hábito dela guardar uma lembrança dos samurais que derrotava, lembrar-se deles, mas ela estava muito ocupada para se preocupar depois que matou o homem da kama. A ponta de flecha, então, teria que servir para os dois. Era lindamente construída, e ela tinha que admitir contra a vontade que o que quer que se pensasse sobre o Mantis, eles claramente entendiam a importância de um bom equipamento.

O mero farfalhar da grama chamou sua atenção e ela olhou para cima para ver Akodo Setai adentrar a pequena clareira onde ela estava. "Akodo-sama," ela disse, e começo a se pôr de joelhos para curvar-se. Ele não a deixou.

"Você estará se movendo em breve; sente-se e cure-se agora."

Havia um tom triste em sua voz, uma combinação de tristeza e satisfação. Takeko juntou coragem e falou. "Akodo-sama? Eu não entendo."

"A Fênix, em sua magnífica sabedoria, baniu os Clãs Leão e Mantis de Toshi Ranbo," disse Setai. "Temos uma semana para encerrar nossos assuntos e retirar."

"Eles não podem fazer isso! Lorde Nimuro pediu que o Leão servisse como protetores de Toshi Ranbo!" Takeko se conteve e corou levemente. "Desculpas, Akodo-san. Falei fora de minha posição."

"Uma Matsu passional," disse Setai secamente. "Quem imaginaria tal coisa? Mas a posição da Fênix é de que podemos proteger a cidade melhor fora de suas paredes, e temos poucos aliados nessa luta. O Caranguejo disse que o assunto todo é muito ridículo para se lidar. O Dragão apoiou a Fênix, em nome da paz, assim como o Escorpião, apesar de suspeitar que o fizeram por razões diferentes. A Garça argumentou fortemente em nosso benefício, mas não superam a vontade dos outros três Clãs."

"Isso é injusto," sussurrou Takeko.

"Esta é a natureza da guerra," disse Setai. "O Mantis será removido de Toshi Ranbo. O custo disso não é o que eu esperava, mas esperava que deveria haver um. O agüentaremos com honra, e esperaremos pela hora de retornar."

A Marcha Começa

Escrito por Brian Yoon

Mês do Castor, Ano 1169

"Então, minha lady, peço como representante do Clã Unicórnio, um símbolo, qualquer símbolo de coleguismo de nossos aliados ao norte," Ide Eien disse suavemente, um sorriso sincero estampado em sua face. Ele abriu suas mãos num gesto reverente diante dele. A dama do castelo se sentou diante do embaixador, seus olhos pendendo sobre o homem. Mirumoto Kei era bem famosa por seu brilho tático, sua beleza, e sua força em combate. Sua face estava fixa numa máscara ilegível, e Eien não podia dizer quais efeitos sua fala havia causado até agora. Os outros na sala — conselheiros, dignatários e outros samurais importantes — não estava tão difíceis de se entender.

"Coleguismo?" Um conselheiro calvo atrás de Kei disse, cuspindo a palavra como se ela tivesse um gosto ruim. "Não somos irmãos de arruaceiros e usurpadores."

Eien mexeu sua cabeça. "Meu senhor, o Khan, simplesmente desejou unir o Império sob um líder forte, para guiar essas terras nos tempos difíceis que estão por vir." Seus olhos se apertaram e ele apontou veementemente para sua frente. "Se nenhum homem jamais ousasse enfrentar os caminhos difíceis e incompreendidos, não seríamos samurais civilizados hoje. Seríamos fracos, correndo dos poderosos inimigos que ameaçam destruir o Império ainda hoje."

"Você realmente acredita que o ataque do Khan teria trago ordem e estabilidade

a esta terra?" Respondeu o mesmo conselheiro. "Vocês simplesmente dividiriam o Império ainda mais, como já o fizeram. Talvez sua idéia de que as intenções do Unicórnio teriam mérito se seus homens nos guardassem dos horrores das Terras Sombrias. Ainda assim, samurais do Unicórnio não ficam na Muralha. Precisamos de paz, ainda assim suas tropas encharcarão a terra em sangue."

O sorriso de Eien cresceu friamente, e seus olhos se endureceram. "O Unicórnio sempre teve os interesses do Império no coração. Enviamos ajuda, soldados e todo o resto ao Caranguejo para aumentar seus esforços contra as Terras Sombrias. Quando as pessoas estavam morrendo de fome, o Unicórnio enviou arroz para alimentar os camponeses. Não somos os monstros sem coração que você descreve, Togashi-san."

"Este arroz nos foi enviado para comprar novos amigos," desdenhou o conselheiro. "Dificilmente heróico."

"Se você deseja paz, envie ajuda ao Khan para repelir o louco ataque do Leão sobre nossas terras." Disse Eien sem pausa, como se o comentário do conselheiro não tivesse sido notado. Os burburinhos dos outros na sala se aquietaram. Era verdade, eles sabiam; sem o arroz enviado pelo Unicórnio antes do começo do inverno, centenas de homens teriam morrido de fome. Talvez o arroz tivesse sido enviado como motivo para manter o Dragão fora da guerra. Ainda assim o efeito da ajuda do Unicórnio não podia simplesmente ser posto de lado. Teriam eles, imaginavam, contraído uma dívida de honra para com o Unicórnio?

"O ataque do Leão a suas terras é uma questão de honra," interrompeu Mirumoto Kei, silenciando tanto o exaltado conselheiro quanto o cortesão do Unicórnio. "Causaria vergonha tanto aos Clãs Unicórnio e Leão se estrangeiros interferissem em seu conflito."

"Você chama o voto enlouquecido do Campeão do Leão de questão de honra?" Perguntou Eien. "Eu discordaria, minha lady. É loucura desvairada, e um simples, ignóbil desejo por vingança. Ele quer sangue por seu pai derrotado, um homem que morreu honradamente em batalha. Esta busca dele apenas cospe na memória de Nimuro-sama."

"As razões para esta promessa são bem conhecidas por todo o Império, Eien-san," respondeu Kei, sua calma ininterrupta. "Avisaria um diplomata quanto a acusar tal poderoso homem com mentiras, mas acho que você está ciente dos riscos."

"Kei-sama," disse Eien, sua voz tremendo com sinceridade, "Os Mirumoto são a cabeça do exército do Dragão, e você é a famosa general que levou seus samurais à Cidade do Sapo Rico contra a força de dois exércitos. Você ganhou muito respeito aos olhos do Unicórnio com sua força. Eu lhe peço, use esta força para impedir que outra tragédia aconteça. Se o Leão atacar nossas terras, milhares de nossos soldados morrerão. Devemos aceitar isso como nosso papel como samurais. A tragédia significa que incontáveis camponeses inocentes e mercadores serão assassinados pela investida mortal dos Matsu."

Kei mexeu sua cabeça. "Não nos colocaremos ao lado do Leão, nem protegeremos vocês. Não interferiremos nesta guerra."

Eien curvou-se profundamente. "Se não posso contar com sua ajuda," ele disse, "fico feliz em saber que não precisamos nos preocupar sobre as montanhas descendo para nos destruir. Obrigado, Kei-sama." Ele se virou para deixar a sala, e sua companhia se moveu com ele.

Enquanto saíam, Kei finalmente relaxou. Ela estava se adaptando aos seus novos deveres bem, ela pensou, e olhou para suas cercanias ainda não familiares. Seus olhos acharam o conselheiro enquanto ele observava os Unicórnios deixando a sala. Ela estava surpresa ao reconhecer ira em seus olhos.

Matsu Fumiyo certamente não era estranha ao combate. Ela se juntou aos exércitos do Leão assim que saiu de seu gempukku e foi envolvida na defesa da Cidade do Sapo Rico. No caos daqueles duros meses, ela enfrentou investidas dos enlouquecidos Moto, as emboscadas talentosas dos arqueiros do Dragão, e a estranha magia dos monges e shugenjas dos dois lados. Ela enfrentou tudo isso, e ainda assim a vinda da guerra de algum modo a fazia se sentir mal. A marcha a oeste, na direção das terras do Unicórnio davam a ela muito com o que encher sua mente, e ainda assim ela não podia definir exatamente o que a deixava desconfortável.

Ela saiu para a frente de sua tenda e olhou para o oeste. Lorde Sol queimava o céu num laranja escuro enquanto começava a descer para baixo do horizonte. Campos de grama refletiam a luz enquanto balançavam ao vento. Parecia que a colina se encaixou em Lorde Sol para um momento de perfeita beleza, uma visão que a fez parar. Em contraste, as luzes da defesa do Unicórnio eram uma visão de uma natureza mais sinistra. Elas eram claramente visíveis mesmo na penumbra. Elas pontilhavam a colina em números impressionantes, e Fumiyo apertou seus olhos para tentar contá-las. Ela desistiu depois de poucos momentos como uma causa perdida. Por mais numerosos que os Unicórnios fossem, ela pensou, o Leão certamente prevaleceria. Ela não podia imaginar menos.

Sua reflexão foi interrompida pela aproximação de sua amiga e mentora Matsu Sakaki. Sakaki era uma velha e alta mulher com um olhar zangado em sua face. Apesar de ninguém considerá-la uma mulher bonita, Sakaki tinha cicatrizes com uma graça que impressionava todos ao seu redor. Sakaki era oficial superior de Fumiyo quando se juntou ao exército, e a forte e honrada guerreira a ensinou tudo que ela podia aprender dentro de um dojo Matsu. Nos anos recentes, as duas foram separadas com promoções e redesignações, e Fumiyo podai sentir o peso em seu coração diminuído pela presença de Sakaki.

Antes que Fumiyo dissesse uma palavra de cumprimento, Matsu Sakaki a chamou. "Por que o rosto triste, irmã? Certamente você não pode estar incomodada pelo pensamento da batalha. Pensei que fosse uma mulher de mais fibra que isso."

"Não perdi minha fibra mais que você, Sakaki-san," respondeu Fumiyo. "Talvez seus dias longe das linhas de frente Matsu tenham lhe amaciado. Não se preocupe. Estarei lá para segurar sua mão se algum Unicórnio mau lhe assustar."

Sakaki riu fundo. "Talvez você se esqueça do que houve da primeira vez que você enfrentou uma carga das Damas Guerreiras Utaki, Fumiyo-chan?"

A face de Fumiyo ferveu em vermelho brilhante. "Eu – Eu era jovem, e nunca aconteceu de novo," ela respondeu.

Sakaki ignorou seus protestos. "Não se preocupe quanto a isso, Fumiyo-chan. Eu simplesmente acho fácil demais pegá-la sem guarda. Como você arranjará um homem se não pode manter sua compostura com simples provocação?"

Fumiyo mexeu a cabeça. Ela imaginou se sua face podia ficar ainda mais vermelha. "Não tenho tais intenções," ela murmurou. "Guerra, bushidô e servir ao meu daimyo são os únicos assuntos em minha mente."

"Um dia você terá, irmã," disse Sakaki, ainda sorrindo, "e você achará outras coisas para ocupar sua mente. Ou talvez você esteja simplesmente sendo modesta? Você ainda olha quando o lindo jovem Sadahige está por perto?"

Fumiyo se virou e apontou a colina para esconder seu crescente embaraço. "Há muitas fogueiras no acampamento Unicórnio, Sakaki-san. Teremos uma grande luta em nossas mãos amanhã."

"Talvez, mas não pelas razões que você pensa," disse Sakaki, caminhando próxima à sua protegida. "Duvido que o Unicórnio tenha tantas tropas para a defesa aqui, longe de suas grandes cidades. Suspeito que o comandante do Unicórnio esteja simplesmente iluminando mais acampamentos do que ele tem de homens. Seus comandantes entendem a guerra. A batalha por vir será uma digna."

"Entendo," disse Fumiyo lentamente. "Eles querem que pensemos que estamos enfrentando um inimigo poderoso. Podemos nos assustar quando entrarmos em combate, com isso em mente."

"Não, ele deve saber que o Leão não cairia em truques tão simples. Arriscaria que ele quer esconder seus verdadeiros números, para que não tenhamos idéia de quantas unidades enfrentaremos amanhã."

Fumiyo se virou para encarar Sakaki. "Sakaki-san, há muitas coisas que não compreendo. É outono e logo nevará. Por que atacamos agora, quando seremos forçados a parar nossa campanha em alguns meses?"

"Não sou estrategista, Fumiyo, mas se tiver que dar um palpite, nossos generais querem passar pelas defesas do Unicórnio e estabelecer uma invasão a partir das terras deles que ficará pronta assim que a primavera começar."

"Entendo," disse Fumiyo. "Estávamos lá quando Yoshino-sama anunciou seu voto. Você me perguntou então porque permitimos que o Unicórnio voltasse às suas terras. Pensei no assunto, mas não posso perceber o porquê. A Fênix nos preveniu de exterminá-los na Cidade Imperial. Teríamos derrotado o Khan lá, para que não precisássemos invadir suas terras agora."

Sakaki colocou uma mão em sua testa. Fumiyo sabia por experiência que sua mentora tendia a fazer isso quando ela pensava profundamente em qualquer assunto. "A Fênix age para proteger história, tradição, e a Cidade Imperial," ela disse. "Eles simplesmente desejavam preservar as incontáveis relíquias e tesouros do passado, um objetivo que honra os ancestrais do Império. Ouço que eles recentemente nos pediram para deixar os muros da cidade quando o Mantis nos provocou a entrar em outra luta."

"Somos os protetores da Cidade Imperial," disse Fumiyo. Seus olhos arregalados em choque. "Eles ousam nos remover de nosso posto?"

Sakaki sorriu a Fumiyo. "Eles estão confusos. Você deve entender que a Fênix age para preservar a capital de todos os lados. Devemos aplaudir seus esforços. Apesar de presumirem muito, o objetivo deles é honrado."

"Talvez esteja certa, Sakaki-san, mas a começar por nos remover de nosso-"

"Tenha fé no Leão," disse Sakaki, interrompendo a resposta de Fumiyo. "Defenderemos a cidade mesmo que não sejamos permitidos dentro dela. Somos o Leão. Não falharemos."

"Talvez eles sintam necessidade de intervir aqui," disse Fumiyo, "antes que possamos levar Moto Chagatai à justiça."

"Se os cortesãos do Unicórnio fizerem seus trabalhos, eles irão," respondeu Sakaki. Seu sorriso se tornou feroz, e seus olhos brilhavam com excitação. "Será meu trabalho e o seu, Fumiyo-chan, terminar esta batalha tão rapidamente que não terão chance."

O olho de cristal de Shinjo Shono brilhava em verde na calada da noite enquanto olhava o acampamento. Fogueiras tremulavam em incontáveis áreas ao longo da colina enquanto seus homens tentavam dormir antes que amanhecesse. A hora pela qual esperaram, se prepararam e ansiavam finalmente chegou. Seus batedores enviaram dúzias de relatórios sobre o movimento das forças do Leão, e pelos seus cálculos, eles tentariam cruzar a fronteira do Unicórnio amanhã.

"Você não dormirá, Shono-sama?" Perguntou uma voz, e Shono se virou para seu amigo Shinjo Huang. Huang esteve ao lado por incontáveis batalhas, e a visão familiar de sua face severa confortava o daimyo dos Shinjo.

"Terei tempo para descansar depois," disse Shono. "Por hora, o exército do Leão está em nosso encalço e têm muitas vantagens. Eles nos superam por muitos. Têm melhores estrategistas do lado deles. Nós, por outro lado, devemos confiar na sorte e num velho comandante cansado."

Huang mexeu sua cabeça. "Você se desvaloriza, Shono-sama. Você é um brilhante comandante e as tropas o conhecem e confiam em você. Temos ingenuidade e justiça do nosso lado. Nossos homes sabem que se falharem, nossos amados cairão nas espadas do Leão. Eles não hesitarão amanhã."

Shono sorriu um pouco. "Nunca lhe vi como um otimista, Huang."

Huang olhou de volta ao daimyo, seu olhar firme. "Você tem... Métodos atípicos às vezes, Shono-sama, e você desdenha de suas habilidades, mas tenho total fé em você. Vamos perseverar juntos, meu senhor."

Shono apontou para as centenas de fogueiras que iluminavam o acampamento. "Se eu apenas tivesse homens para cada uma das fogueiras, eu arremessaria o Leão de volta com gosto. Mas serei franco com você, velho amigo. A força que temos aqui não é suficiente. Sem as Fortunas ao nosso lado, seremos trespassados pelo Leão." Ele reclinou-se, e os olhos de Huang cresciam com preocupação. Ele nunca ouviu a voz de Shono com tanta fadiga. "Ao invés de homens, devemos confiar em truques como usar fogueiras para esconder nossos números do Leão. Suponho que terá que servir."

"Shono-sama," disse Huang, suas palavras pondo longe sua hesitação. "Mesmo que não possamos deter o avanço do exército deles, atrasaremos o Leão. Podemos não vencer, mas sempre podemos fugir e combatê-los de novo."

O olho artificial de Shono brilhou com uma luz verde de novo, e Huang instintivamente piscou. Ele viu isso várias vezes antes, mas ele não podia se acostumar à estranheza dessa mágica. Mesmo com sua estranheza, Huang não podia desviar os olhos. A convicção no olho de Shono era viciante. "Não podemos falhar," disse Shono. "O Khan me honrou com este dever porque esperava que eu o cumprisse. Não trairei esta expectativa. Por isso, Huang, é que eu não posso dormir. Se eu posso pensar em mais uma tática, um truque que matará outro Leão e deterá seu progresso, eu o farei. Deve fazê-lo."

"Você não o fará sozinho," prometeu Huang. "Assim como você é a moral do exército, Shono-sama, eu e o resto da Junghar seremos sua força. Seremos sua espada para destruir os inimigos do Unicórnio."

O Leão se reuniu pouco após o amanhecer. Unidades e unidades de samurais e ashigarus altamente treinados estava preparados em perfeita formação enquanto esperavam pelo sinal de ataque. Para mérito dos Unicórnios, eles também estavam prontos. A unidade de Fumiyo não estava nas linhas de frente; a maioria de lanceiros ashigarus e Seguidores da Morte estavam prontos para caírem em batalha nas linhas de frente. Fumiyo estava entre os que deveriam substituir a linha de frente e exacerbar qualquer fraqueza criada no exército inimigo pelas mortes dos Seguidores da Morte. Ela olhou para a colina, onde o exército Unicórnio esperava pelo ataque Leão. Sakaki estava certa. O exército Unicórnio era muito menor do que o esperado, com talvez apenas mil homens para enfrentar o ataque Leão. Ela não podia relaxar. O Unicórnio devia ter algo na manga.

Ela olhou para a direita, onde seu superior, Akodo Hachigoro estava ainda perfeitamente calmo. Ela sabia por experiência que não podia contar com ele para manter a compostura no calor do combate. Ela estava grata por isso. Com seus inimigos diante dela, era fácil perder a visão da grande imagem e perseguir os alvos até que estivessem sangrando e morrendo ao chão.

O Leão foi o primeiro a se mover. As linhas de frente se moveram em perfeita união ao longo da zona morta entre os dois exércitos, lentamente, mas inexoravelmente marchando em direção ao pequeno exército Unicórnio. As unidades do Unicórnio investiram em resposta, seus movimentos soberbamente rápidos nos rápidos corcéis que nenhum outro Clã ainda conseguiu replicar. Eles se moviam para frente e lançavam suas flechas às linhas de frente, e o Leão começou a sofrer baixas. Eles investiram para frente próximos às linhas do Leão e dispararam suas flechas, ainda que a linha de frente do Leão continuasse no mesmo ritmo.

"Estamos sofrendo muitas perdas," murmurou Fumiyo. Suas mãos agarradas à espada com força.

"Tenha fé em nossos homens," disse Hachigoro. Como se para provar sua razão, um voleio de flechas caiu sobre o exército Unicórnio. Apesar dos arqueiros montados se moverem rapidamente, muitos foram pegos na chuva e caíram ao chão. O Unicórnio começou lentamente a se retirar para se agrupar fora da chuva de morte.

"Devemos investir e atacá-los," disse Fumiyo em alta voz. Os soldados próximos a ela assentiram, concordando. "Eles não têm homens se simplesmente investirmos e tomá-los à força!"

"Se os seguirmos," disse Hachigoro, "não poderemos alcançar os cavalos. Eles simplesmente nos cansarão com flechas e então nos levarão a uma emboscada. Tenha paciência, Fumiyo! Eles não podem quebrar nossas linhas se continuarmos em formação. Sofreremos baixas, mas sofreremos mais se não conservarmos nossa disciplina. À frente!"

Fumiyo assentiu. Ela poderia ser uma terrível comandante, ela imaginou enquanto continuava o passo com o resto de sua unidade. Ela franziu-se. O chão no qual marchava pareceu diferente para ela, por alguma razão. Seus instintos gritaram que algo estava errado. Ela só não podia entender porque.

"Agora! Atirem agora!" Gritou Shono. Ele ergueu sua katana no ar e apontou ao exército Leão que avançava. Ele olhou para o campo de batalha para ver se os arqueiros tinham recebido a mensagem.

Shinjo Xushen, o melhor atirador no exército de Shono, colocou uma flecha em seu arco. Seu assistente rapidamente acendeu a flecha. Ele apontou rapidamente e a lançou no ar. Ela rapidamente cruzou o ar e pousou no meio da unidade Leão que seguia a linha de frente. Antes que o Leão pudesse reagir, o óleo que Shono espalhou naquela parte do campo pegou fogo. Dentro de um instante, o fogo se tornou um incêndio que correu o campo inteiro. Enquanto os homens do Leão começavam a soltar suas armas, Xushen sorria em vitória.

Shono olhou pela colina. Todas as suas unidades estavam atrás da linha segura; o fogo não saltou para suas unidades. Ele apontou para suas cavalarias pesadas na retaguarda, e começaram a investir nas linhas de frente.

"Sua vez, Yoshino," rugiu Shono.

As chamas a erraram por centímetros, e Fumiyo rolou para frente para evitá-las. Os gritos dos soldados queimando até a morte em seus ouvidos. O cheiro de carne queimada alcançou seu nariz, ela lutou contra a vontade de vomitar. Ela colocou sua espada de volta na bainha e se moveu para frente para tirar seus aliados do inferno.

"Fiquem em formação!" A voz de Hachigoro trovejava pelo caos. "Preparem-se para a investida do Unicórnio, ou todos morreremos!" A chuva de flechas sobre o Leão recomeçou. As flechas corriam por eles, rapidamente matando os homens da unidade de Fumiyo. O som trovejante das patas alcançavam seus ouvidos enquanto o Unicórnio recomeçava sua investida.

Fumiyo olhou de volta aos seus aliados morrendo e cerrou os dentes. Ela tirou sua espada e rugiu em pura raiva. O fogo estava bloqueando todos os reforços. A unidade diante dela e a porção de unidade que não estavam mortos era tudo o que restava para defender contra o ataque.

"Venha, Unicórnio!" Ela gritou. Ela sabia que eles não ouviriam, mas isso não importava. "Venha, e lhes mostrarei como um Leão morre!"

Hachigoro gritou como se em resposta e sua unidade investiu como uma só para reforçar a frente. Eles vinham para suprir a unidade que morreu diante deles. Fumiyo olhou para o seu lado e viu o olhar imóvel de uma face pintada. Eles eram Seguidores da Morte. Fumiyo tomou uma expressão feroz. Parecia adequado que ela morresse com membros de sua família, procurando por boas mortes, ela pensou. O pensamento era hilário.

Os céus se escureceram sem aviso. Dentro de momentos, um temporal pesado cobriu o campo de batalha. Antes que o fogo do óleo se espalhasse, as chamas abruptamente desapareceram num repentino ciclone de ar corrente. Fumiyo podia ouvir seus aliados investindo para reforçarem a frente enquanto ainda podiam. O ataque do Unicórnio hesitou e então parou, como que se percebessem que o Leão não estava isolado. Se investissem, eles enfrentariam a força do exército inteiro do Leão.

"Os Kitsu mereceram as glórias de hoje," disse Hachigoro. Ele sorria.

"Shono-sama," gritou Huang, cavalgando de volta ao seu general. "O Leão passou pelas armadilhas e evitou nossa emboscada! O que podemos fazer?"

Shono rapidamente correu pelas opções em sua mente. No fim, era uma escolha simples. Shono cerrou seus dentes. "Nossa inteligência nos disse que os Kitsu estava espalhados levemente, e que não estavam neste exército. Se ficarmos, seremos baixas desnecessárias. Soe a retirada."

Ramalhetes de Seda

Escrito por Rusty Priske

Asahina Ekei olhou para as esparsas colinas e ouviu a aproximação de passos, muito quietos para que muitos notassem. O vento parecia um pouco melhor para Ekei do que para muitos outros, aliás, e os leves passos podiam ser tão trovejantes quanto os de um cavalo que todos não perceberiam.

Logo viu a fonte dos passos, uma simples figura que se aproximava pelo caminho. Ela vestia um kimono simples, colorido em bronze e marrom. Assim que se aproximou mais, Ekei pôde ver sua roupa sobre ela; era bem vestida e mais que um pouco empoeirada. Quando ela alcançou o Garça, ela se curvou respeitosamente.

"Bem-vindo às Colinas Suzume, Asahina-san. Sou Suzume Chiaki."

Ekei retribuiu a reverência, só que não tão profunda. "Obrigado por me receber, Chiaki-san. Sou Asahina Ekei. Estou grato pelo convite." Ekei avaliou Chiaki. Ela não era nem muito nova nem velha, e certamente não era atraente, apesar de muitos poderem achá-la interessante ao invés de bela ou bonita.

"Quando ouvi de suas pesquisas sobre 'ventos cantantes', sabia que ficaria interessado em vir a nossas terras."

Ekei assentiu. "Nunca ouvi a colina cantar aqui, mas desde que sua carta me falou a respeito, não pude ficar longe. Posso perguntar-lhe como ouviu de minha pesquisa? As relações entre nossos clãs não são próximas e nunca ouvi de um Pardal primeiramente preocupado com assuntos artísticos."

"Ainda há uma hora de caminhada ao vilarejo. Devemos continuar nossa conversa enquanto caminhamos?" Ekei assentiu e os dois continuaram o caminho, enquanto Chiaki prosseguiu. "É verdade que nós do Pardal estamos primeiramente preocupados com assuntos mais práticos que os artísticos, mas acho que desfruto das bênçãos da lua mais que as do sol. Enquanto labores pesados empregados pela minha família garantem uma boa noite na cama, gosto de caminhar pelas colinas, sob os olhos atentos da lua e as luzes dos paraísos celestiais. Foi durante esses passeios que comecei a ouvir as melodias da música das colinas. Para alguns ouvidos, isso não é mais do que o farfalhar do vento, mas pensei poder detectar notas e melodias no vento."

Ekei assentiu novamente. "Se for a mesma canção do vento de meus estudos, os padrões são muito sutis, mas inconfundíveis uma vez que você saiba o que

está ouvindo."

"Sim. Minha primeira reação foi o prazer, mas então percebi que era algo mais do que a música. Mas e se houver algo sinistro por trás dela? Não quis parecer..." Ela parou.

Ekei sorriu positivamente. "Compreendo. Nem todos podem ouvir os padrões e se ver como se ouvir coisas no vento que não estão lá confortavelmente, eu garanto."

"Exatamente. Fico feliz que compreenda. Então, tentei investigar por mim mesma. Não sou shugenja e fiz algumas pesquisas e descobri suas anotações. Fiquei mais aliviada que a música não era algum truque."

"Está longe de um truque. Creio que seja os kamis do ar em celebração. Quando tentei ouvir a canção do vento, tentei falar com os kamis para perguntar por que fazem música, mas quando o faço, o som sempre pára e eles não me dizem. Minha teoria é de que isso é algo que tem grande significado para eles, mas não deve ser dividido conosco."

"Bem, só sei que a música é bela."

Ekei sorriu novamente. "Sim, é. Beleza é facilmente encontrada neste mundo, mas devemos procurá-la. Aqueles que não se permitem apreciar o mundo ao redor deles nunca podem ser parte dele verdadeiramente."

"Este é um sentimento maravilhoso, Ekei-san, mas devo avisá-lo que muitos de meu clã não se importam muito com sentimentos."

"Isso é uma vergonha, Chiaki-san. É um grande benefício meu, então, ter encontrado uma excepcional Pardal."

Chiaki resplandeceu.

Chiaki carregava uma pequena lanterna, iluminando o caminho para ambos. "A lua está bem clara esta noite, Ekei-san. Creio que a canção seja mais fácil de ser ouvida sem luz própria. Se importaria se eu a apagasse?"

"Isso confere com minhas próprias descobertas, Chiaki-san. Por favor, o faça."

A Pardal apagou a luz da lanterna, mas assim como ela disse, a colina ainda estava visível. "Foi por aqui."

"Devemos ficar quietos."

Os dois ficaram no local alguns minutos, esperando e ouvindo.

O som era pouco audível. Para muitos ouvidos seria apenas vento, mas havia uma subcorrente. Havia um padrão que era discernível e belo. Ekei fechou seus olhos e concentrou seus sentidos em sua audição, sem chamar os kamis do vento. Logo, ele podia ouvir notas individuais no vento, rodando em volta uma da outra, numa consonância não humana. A música era mais suave que qualquer tom já ouvido por ele na Garça, entre aqueles que viviam entre os mais talentosos músicos de Rokugan. O som era tão animador que ele não mais sentia o chão sob seus pés e parecia escalar as notas, rodando suavemente, como parte do padrão, ao invés de apenas ouvinte.

Ainda assim, havia algo mais. Ele experimentou a canção do vento antes, mas nunca tão intensamente. Era sempre bela, mas nunca tanto. Sob ela, havia algo obscuro. E ainda assim era bonita, mas com uma noção de desespero e medo. Estaria tentando se comunicar com ele? No passado os kamis do ar envolvidos na canção do vento o fizeram à parte dele, não por causa dele. Talvez se ele os alcançasse eles poderiam...

A música parou.

Ekei estava de pé na colina com Chiaki ao seu lado. Havia ainda uma leve brisa mas não havia nada de incomum nela. Ele olhou para sua companheira Pardal e ela sorriu efusivamente para ele.

"Esta foi a melhor que já ouvi! Eles estavam cantando para você, Ekei-san!"

"Sinto ter que partir tão cedo, Ekei-san." Sob a luz do dia, Suzume Chiaki parecia um pouco mais velha que na noite anterior — possivelmente um pouco mais triste também.

"Temo que eu deva. Depois do que experimentei na última noite, há alguns manuscritos que desejo pesquisar de volta ao Shinden Asahina. Aprecio seu convite e—" Ele foi interrompido por uma comoção nas ruas. Tanto camponeses quanto samurais se espremiam, claramente sobre alguma coisa. "O que é...?

Chiaki parou um fazendeiro que passava por perto e então perguntou, "O que é isso? O que houve?"

O camponês respondeu, "Houve um acidente na mina. Há risco dela desabar completamente!"

Ekei pareceu preocupado. "Uma mina alagada?"

Chiaki mexeu sua cabeça. "É pior que isso, Ekei-san. A colheita de arroz foi ruim este ano, então o dinheiro da mina, mesmo pequeno, é crucial para o clã. Além disso, muitas vidas seriam perdidas."

"Gostaria de minha ajuda? Talvez a mina possa ser salva."

"Qualquer ajuda seria apreciada, Ekei-san, mas não posso imaginar como poderíamos desacelerar o desabamento."

Depois de alguns momentos que chegou à cena, Asahina Ekei tomou o comando da situação. O teto não havia desabado completamente, mas estava claro que a integridade estrutural foi seriamente comprometida e os trabalhadores não tiveram tempo de completar os reparos necessários antes de saírem. "Você," Ekei gritou ao homem que passava por perto coberto em poeira de pedra cinza. "Os materiais necessários estão disponíveis? Vocês podem segurar o teto?"

O homem deu um rápido olhar ao Garça e respondeu. "Temos o que precisamos, Asahina-san, mas não temos tempo. Os homens podem entrar, mas eles perecerão antes do trabalho ser completado."

"Movam os materiais à posição e estejam prontos para trabalharem rápido." Ekei não olhou para trás, assumindo que o Pardal seguiria suas ordens. Enquanto se movia, ele convocou os kamis do ar. Eles o envolveram até enviarem-no à boca da mina.

Entre dentes cerrados e com o suor em seu rosto ele disse, "Agora. Entrem."

Os trabalhadores do Pardal entraram em ação. As rochas continuaram a cair mas Ekei manteve uma bolsa de ar para que trabalhassem. Eles tinham dificuldades com as orelhas tampadas e era difícil respirar, mas não hesitavam.

Ekei descansou, caindo sobre uma pedra, bebendo um copo d'água levado a ele por um Pardal grato. Chiaki se aproximou, acompanhado pelo trabalhador coberto de poeira a quem o Garça deu ordens. "Asahina Ekei," disse Chiaki, "por favor permita-me apresentar Suzume Yugoki, o daimyo do Clã Pardal."

Ekei engasgou a água que estava bebendo e se curvou. "Minhas desculpas, Suzume-sama. Quando lhe falei antes não sabia quem era."

Yugoki ignorou a apologia. "Isso não é necessário, Asahina-san. Sob as circunstâncias você não poderia ter percebido. Além disso, foi sua ação que salvou a mina, e possivelmente nosso clã. Isso certamente não requer desculpas. Ao invés disso, gostaria de estender graças a você e à Garça."

"Foi apenas sorte eu estar aqui, Suzume-sama. Quando Suzume Chiaki me convidou, não tinha idéia de que estaria em posição de retribuir o favor."

"Então temos que agradecer aos kamis por você estar aqui. Foi uma grande coisa o que fez por nós, Asahina-san. O Pardal não esquece tais coisas facilmente. Se há algo que possamos fazer para retribuir o favor, só precisa pedir."

"Esta é uma grande oferta, Suzume-sama. Devo estender suas palavras aos líderes de minha família e clã. Eles ficarão muito felizes."

Longe das Colinas Suzume, no fundo da Floresta Shinomen, Chuda Kyuwa se aproximava de seu mestre. Daigotsu não virou sua face para ele enquanto dizia, "O que é isto?"

Kyuwa puxou um manuscrito do saco que carregava. "O plano teve sucesso, Lorde Daigotsu. Chiaki manipulou um dos Asahina para salvar o Pardal."

"De um acidente que ela causou."

Kyuwa sorriu. "Certamente, meu senhor."

"E o que nos beneficiamos desse subterfúgio? Temos alguém dentro da Garça ainda?"

"Não temos, meu Lorde. Chiaki não tentou converter Asahina Ekei ao nosso lado. Ao invés disso ela foi capaz de procurar coisas."

"Quais?"

"Convites para atender à Corte de Inverno em Kyuden Otomo."

Sem que Kyuwa visse, os olhos de Daigotsu se abriram, e um sorriso brotou em sua face.

Profecia

Escrito por Shawn Carman

Leste das terras do Escorpião, Mês do Castor, ano de 1169

Kitsuki Taiko se maravilhou com as belezas do Império no outono. As florestas que pontilhavam este lado da região, apesar de vastamente menores que as de Kitsune Mori, eram majestosas em suas cores. Ela e seu companheiro cavalgaram em silêncio por várias horas, o que lhe cabia perfeitamente bem. Apesar da jornada deles não ter sido tão exaustiva quanto ela imaginava, ele era igualmente cansativo.

Como sabendo disso, o jovem guerreiro da Garça se virou para ela e disparou seu sorriso brilhante. "Pensando em mim, pequeno beija-flor?"

"Sim," ela respondeu honestamente. "Creio que já lhe pedi para não me chamar assim."

"Claro. Por favor, perdoe-me. Só que o seu nome é como música suave, me sinto indigno de pronunciá-lo."

"Você claramente poderia evitar falá-lo," ela sugeriu.

Kakita Hideo pareceu tão sinceramente ofendido por um momento que Taiko genuinamente acreditou que ele tivesse sido repelido pelo comentário, mas então seu semblante retornou, e felizmente, ele fez silêncio. O jovem podia facilmente ser o melhor ator que ela já viu, se ele não quisesse ser o melhor duelista ao invés disso.

O destino deles não estava muito longe, e Taiko precisava de silêncio para tentar contemplar exatamente o que ela diria. A noção de ir às pequenas terras do Clã Raposa e investigar o pedido de ajuda parecia a coisa certa a fazer há algumas semanas na Cidade Imperial, mas agora parecia quase tolice. Se o pedido era

uma fraude, o que eles conseguiriam além de fazer seus respectivos clãs parecerem tolos? E se fosse genuíno, o que dois samurais poderiam esperar conseguir que um clã inteiro, mesmo um clã menor, não conseguiu? Ela divagava, e não pela primeira vez, mas Hideo era como um maho-tsukai que podia nublar as mentes dos outros com sua magia negra. Mas certamente que este era apenas um desejo. Por outro lado, a noção de trazer um Garça às terras da Raposa, dois clãs que normalmente eram o inverso um do outro por indesejáveis gerações, pudesse ser um engano.

Uma hora depois, a dupla espiara homens de pé na estrada à uma curta distância à frente. Taiko e Hideo trocaram olhares, e ele assentiu, sorrindo enquanto batia um dedo contra o cabo de sua espada. Se houvesse dificuldades, ele estaria pronto. Apesar do comprimento da viagem, Taiko não estava certa do que diria agora. Ao menos, ela não teria muito tempo para se preocupar com isso.

"Desculpem-me, nobres samurais," um dos homens disse assim que os dois viajantes se aproximaram. Todos os três homens vestiam roupas de samurais da Raposa, mas certamente essa não era uma indicação confiável. "Infelizmente devo informar-lhes que o Clã Raposa não está permitindo estrangeiros entrarem atualmente."

"Isso é muito incomum," observou Taiko. "Posso perguntar o porquê?"

"Você pode, minha lady," respondeu o mesmo homem, "mas infelizmente não posso responder."

O homem do centro estava franzindo-se e olhando Taiko e Hideo por vários momentos. Finalmente, ele se chegou ao que falava e sussurrou, "Seriam esses quem estávamos esperando?"

"Esperando?" Perguntou Taiko. "Por que estariam esperando por nós? O que quer dizer?"

O que falava forçou um sorriso. "Por favor, perdoem meu primo," ele disse calmamente. "Estivemos em guarda por vários dias, e a fadiga certamente está o afetando. Por favor, respeitosamente lhe peço para que voltem."

"A Dragão tem uma boa audição," disse o sussurrador.

Taiko se inclinou e começou a dizer algo, então uma sombra de movimento no canto de seu olho chamou sua atenção. Ela não moveu sua cabeça, mas mexeu seus olhos na direção uma vez, apenas por um instante. "Posso perguntar por que cinco de seus camaradas estão nos observando dos arbustos a uns quatro metros?" Ela perguntou calmamente.

A reação do que falava indicou imediatamente que os homens nos arbustos não estavam com ele. Ele naquela direção uma vez, e Taiko podia ver os músculos de sua sobrancelha se tencionarem quando percebeu o engano de fazê-lo. Talvez esses homens estivessem realmente fatigados. Independente disso, seus observadores agora sabiam que haviam sido vistos, e houve um borrão de movimento dos arbustos.

Hideo se moveu tão rapidamente que Taiko mal podia segui-lo. Ele desmontou e saltou entre Taiko e os arbustos, atacando com um estranho e descendente rodopio que ela não entendeu. Não até que dois pedaços de flecha caíssem na poeira. Um dos três Raposas gritou algo incompreensível e caiu no chão, com uma flecha em seu peito. O primeiro Raposa parou e sacou sua espada, investindo pelo chão empoeirado entre eles e os arqueiros com incrível velocidade. Hideo e o sussurrante o seguiram de perto.

Taiko saltou de seu cavalo, sua espada em mãos. Ela não era guerreira, mas não se intimidaria diante de seu dever. Um gemido no chão a deteve, porém; o samurai da Raposa ferido não estava morto. Ela se ajoelhou para examinar a ferida e a olhou. Estava próxima ao coração, e se não fosse tratado rapidamente, ele morreria. Mesmo que fosse visto por um curandeiro talentoso, ele morreria. Ela embainhou sua espada e tirou um pequeno kit de viajens de seu cavalo, então se ajoelhou perante o homem ferido de novo.

"O que está fazendo?" Exigiu o falante enquanto os três homens retornavam.

Taiko olhou para eles em descrença. "Já acabou?"

Hideo mexeu a cabeça. "Dois mortos, os outros três só... Desapareceram. Como fumaça nas sombras. Nunca vi nada igual."

"Eles fazem isso," disse o sussurrante. "Tire seus olhos deles por um segundo e eles se vão."

"Fique quieto!" Gritou o falante. Ele se virou de volta para Taiko. "Você não deve remover a flecha. Ele sangraria até a morte."

"Se for colocado num cavalo com isso em seu peito, ele estará morto muito antes de alcançarmos nosso destino. O sangramento piorará, mas ele poderá viver se nos apressarmos. Qual a distância?"

O homem sorriu. "Duas horas."

"Então devemos nos apressar."

"São eles," disse o sussurrante numa calma voz. "'Um guerreiro orgulhoso e um dragão que cura.' São eles."

O falante lentamente assentiu. "Deve ser," ele disse.

"Sobre o que estão falando?" Exigiu Hideo.

"Venha," disse o falante, montando seu cavalo e se abaixando para pegar o homem ferido pela cintura. "Nós os mostraremos."

O grupo chegou pouco depois do vilarejo explodir em atividade assim que seus cavalos pararam. Parecia haver um número desproporcional de samurais presentes num vilarejo tão pequeno, observou Taiko, mas o impacto real era o grau de interação, quase causal por natureza, entre os Raposas e os camponeses que os serviam. Academicamente ela entendia que a Raposa tinha pouca escolha senão colocar próximos aqueles que a servia, difícil a sobrevivência ao longo de sua história, mas ver isso pessoalmente era um grande choque.

"Não olhe," avisou Hideo em calma voz. "Eles não apreciarão isso."

"Você já visitou as terras da Raposa?" Ela perguntou.

"Não, mas sei algumas coisas a respeito deles," ele respondeu. "Nos dias de meu bisavô, o futuro daimyo dos Kakita foi envolvido num infeliz incidente, um duelo, na verdade, que causou uma cisão significativa entre a Garça e a Raposa. A ferida nunca foi completamente sanada."

"E você quis vir aqui?" Ela perguntou. "Acho que deve haver algo de estranho com você."

"Não fui o primeiro a sugerir isso," Hideo sussurrou, e então sorriu profundamente a um samurai qualquer da Raposa que se aproximava. "Saudações, honrado Kitsune-san."

"Saudações," respondeu o homem com uma curta reverência. "Me disseram que são os responsáveis por salvar a vida de Hibume. Está correto?"

"Meramente estávamos em posição de oferecer assistência, e felizmente o fizemos," disse Taiko com uma reverência. "É nosso privilégio servir à Raposa."

"Hibume é meu único sobrinho," disse o homem, "e por salvar sua vida vocês têm minha eterna gratidão." Ele se curvou novamente, mais baixo dessa vez. "Sou Kitsune Ryukan."

Hideo se ajoelhou de uma vez, e Taiko o seguiu. "Perdoe-nos, Ryukan-sama. Não sabíamos que falávamos com o Campeão da Raposa."

"Ergam-se, por favor," disse Ryukan. "Faz vários anos desde que assumi a posição depois da morte de minha lady Ryosei, mas nunca me ajustei ao título." Ele pausou por um momento. "A hospitalidade do Clã Raposa é sua enquanto escolherem desfrutarem dela, mas devo avisar que este é um momento perigoso para nosso clã. Se forem sábios, irão embora imediatamente."

"Não podemos fazer isso," respondeu Taiko. Ela retirou um manuscrito queimado de seu obi. Ela o descobriu na Cidade Imperial após a Batalha de Toshi Ranbo, e finalmente o identificou há poucas semanas com a ajuda de Hideo. "Meu clã descobriu esta solicitação de ajuda, e chegamos à conclusão de que é um documento atual, ou um histórico que meramente foi espalhado aos ventos durante a luta na capital."

O desapontamento na face de Ryukan era impossível de disfarçar. "Ele não chegou," ele disse secamente. Sua voz soava exausta. "O Mantis não o recebeu."

"Então este documento é recente? A crise a que vocês se referem é a que assola atualmente a Raposa?"

"É," ele disse, pegando o papel. "Esperávamos ajuda de nossos velhos aliados, os Tsuruchi."

Hideo franziu-se. "Não seria mais rápido simplesmente enviar mensagens às terras deles? Eles estão muito mais próximos que a Cidade Imperial."

"Seria, mas as rotas primárias pelas quais faríamos isso foram inundadas por uma recente tempestade de verão, e todas as secundárias passam pela Kitsune Mori." O homem fechou seus punhos tão intensamente que seus artelhos ficaram brancos com a força. "Que é algo que há muito não podemos fazer."

Taiko e Hideo trocaram um olhar confuso. De acordo com as histórias que ela leu, os benevolentes espíritos de Kitsune Mori eram a única coisa que salvaram o nascente Clã Raposa da fome séculos atrás quando povoaram a área. O laço entre os samurais e os astutos espíritos raposa que habitavam dentro da floresta era lendário. "Meu senhor," disse Taiko, "o que podemos fazer para ajudá-lo?"

"Nada," ele disse secamente. "Isto está além da capacidade de dois magistrados." Ele pausou, então adicionou. "Apesar de vocês dois serem capazes."

"Quem estavam esperando?"

Ryukan olhou para Hideo cuidadosamente, sua expressão repentinamente inescrutável. Uma calma sensação de alarde fluiu por Taiko. "O que quer dizer?" Perguntou o Campeão.

"Depois do ataque, um dos sentinelas disse que éramos quem estavam esperando. Quem estavam esperando? Ninguém além de nossos superiores imediatos dentro da Cidade Imperial sabem de nossa jornada aqui."

Ryukan olhou para um e para o outro como se visse os dois samurais pela primeira vez. "Impossível," ele disse. Então ele ficou quieto por um momento. "Quantas vezes eu disse isso no passar dos meses?" Ele se perguntou em voz alta. Finalmente, ele se virou e deixou os dois sozinhos. Ele olhou por sobre o ombro e gesticulou para que o seguissem. O gesto parecia relutante de algum modo.

Taiko e Hideo o seguiram.

O Campeão da Raposa os levou a um grande prédio próximo ao centro do vilarejo. Primeiramente parecia ser uma casa de chá, mas o interior claramente indicou que era algum tipo de centro de reuniões da comunidade. Por agora ele estava completamente vazio, salvo por uma cuidadosa coleção de itens que pareciam estranhamente deslocados. Ryukan apontou à sala. "Esses são os restos dos homens que estiveram nos atacando. Eles atacam de lugar nenhum e

somem na escuridão. Muitos de meu povo acreditam que podem ser demônios, e existem vezes em que tenho dificuldades em refutar essas idéias." Ele cruzou os braços. "O que podem me dizer?"

Taiko piscou à questão incomum, mas então se curvou e caminhou pela sala. Havia armas em vários estados de estrago, pedaços de pano, e todo tipo de coisas triviais que pareciam não ter relação ao que viu até agora. Ela parou finalmente no que parecia ser um pedaço de um kimono, um que tinha um apagado e sujo símbolo. "Já vi isso antes," ela disse.

"Já?" Perguntou Ryukan. Ele não parecia particularmente preocupado.

Taiko se franziu e tentou se lembrar de onde ela tinha o visto. "Este é um símbolo vestido por uma quadrilha particularmente poderosa. Eles foram exterminados vários séculos atrás pelo Campeão de Esmeralda. Não posso lembrar o nome deles..."

"Os Filhos do Inverno," ofereceu Ryukan.

"Sim!" Exclamou Taiko. "Eles foram desmantelados e levados até a Shinomen Mori. Creio que uma dúzia tenha sobrevivido, mas eles nunca foram vistos de novo." Ela franziu-se. "Por que isso estaria na Kitsune Mori? Esta roupa possivelmente não pode ser tão velha."

"Esta espada é," ofereceu Hideo. Ele apontou para onde a espada se encontrava com a guarda. "O cabo é uma tentativa mal sucedida de reproduzir o estilo Masamune. Era comum entre espadachins ronins há alguns séculos, mas isso não era visto a pelo menos duzentos anos."

"O que é tudo isso?" Perguntou Taiko. "Não quero ser desrespeitosa, honorável Ryukan-sama, mas você está sugerindo que seu povo está sendo atacado por um grupo de bandidos que foram exterminados séculos atrás?"

"Não estou sugerindo nada," disse o Campeão da Raposa. "Vocês podem tirar suas próprias conclusões como quiserem, mas levem isso em consideração: três meses atrás, descobrimos pela primeira vez que não estávamos sozinhos na floresta. Estranhos assaltantes mataram nossos caçadores, nossos patrulheiros e nossos batedores. Os espíritos kitsune com os quais compartilhamos um laço de quase mil anos subitamente se calaram, como se tivessem desaparecido. Os bandidos, se de fato forem, se tornam mais e mais agressivos em nos punir para fora dos limites da floresta. Dois vilarejos inteiros foram evacuados por causa da proximidade dos ataques constantes."

"Quantos eles são?" Perguntou Hideo.

"Não sabemos," respondeu Ryukan. "Já vi mais de três dúzias morrerem com meus próprios olhos, e ainda assim seus números não diminuem. Nossa situação era difícil, mas o pior ainda está por vir. Seis semanas atrás, seus ataques mudaram. Eles não procuram nos tirar de nosso lar, mas nos cansar. É como se descobrissem algo que quisessem." Ele pausou por um momento. "Eles estão atrás dela."

"Dela?" Perguntou Taiko. "De quem fala, Ryukan-sama?"

Ryukan ficou em silêncio por um longo tempo, então fechou seus olhos. "Muito bem," ele disse calmamente.

A tenda era pequena e muito mais pobre comparada com a grande construção de onde os três acabaram de sair. Estava localizada no centro do vilarejo, uma pilha de rochas perto do depósito, mas era guardada por um par de Raposas em armaduras pesadas e portando naginatas que pareciam ser da melhor qualidade que Taiko já viu no vilarejo até agora. Os dois se ajoelharam assim que Ryukan entrou, e ele apontou para que os dois samurais o seguissem.

A confusão de Taiko se aprofundou assim que entrou na tenda. O interior era completamente vazio salvo por um tatami, uma bandeja contendo os restos de uma refeição simples, e uma jovem mulher meditando em meio a vários bastões de incenso queimando. "Esta é Narako," disse Ryukan calmamente. Seu tom era de reverência. "É isso o que eles procuram."

Hideo pareceu igualmente confuso. "Meu senhor, ela é apenas uma garota."

"Sua cerimônia de gempukku foi há dois anos," disse Ryukan. "O que a torna, se não estou enganado, mais velha que vocês. Talvez seja o dom dela que a faça parecer tão jovem. Não posso dizer, pois não tenho compreensão de tais coisas."

"Foi ela quem lhe disse para nos esperar?" Perguntou Taiko.

Ryukan assentiu. "Um guerreiro orgulhoso e um dragão que cura. Ela sabia que estavam para vir, assim como sabe de muito mais."

"O que está dizendo?" Disse Hideo.

Ryukan respirou fundo. "Narako é uma profetiza. Ela sabia que viriam. Ela fez várias previsões a respeito de nossos inimigos. Seis semanas atrás, ela sofreu um terrível ataque e fez uma profecia a respeito do fim de nosso clã. O primeiro ataque tentando pegá-la veio no dia seguinte."

"Por que a mantém nesse vilarejo?" Perguntou Hideo.

"Ela não será levada para sua casa. Ela se recusa."

Taiko mexeu sua cabeça. "Perdoe-me, meu senhor, mas você é o Campeão dela. Não poderia ordená-la para fazê-lo, e assim ela seria forçada a fazê-lo?"

"Ela foi abençoada pelos Céus de uma maneira que nunca vou compreender," respondeu Ryukan. "Não questiono seus dons. Não é meu lugar."

A jovem Dragão se retraiu e começou a dizer alguma outra coisa, mas foi interrompida.

Os olhos de Narako se abriram e ela olhou para os três sem vê-los. Seus olhos estavam completamente brancos. "O mestre das trevas sabe que os arautos vieram. Eles roubaram seu prêmio, e torcerão seus desejos como nunca foram torcidos antes. Sua ira será terrível, e sangue regará as árvores da floresta." A garota retraiu-se e piscou, e então seus olhos estavam normais de novo. "Ryukan-sama!" Ela exclamou com felicidade. "Você os trouxe!"

"Sim," Ele respondeu. "Estou feliz por você estar bem, Narako."

"Obrigada por trazer os arautos," ela disse. "Tudo ficará bem agora."

"Espero que seja verdade," adicionou Ryukan.

"Um verdadeiro profeta não foi conhecido no Império desde a morte de Agasha Hamanari," disse Hideo. "Antes disso, houve séculos. Devo confessar, meu senhor, que fico muito perplexo com tudo isso."

A alegria sumiu do rosto de Narako. "Sinto muito em ouvir isso. Não pedi por este dom, este fardo, mas não me envergonho dele." Ela inclinou sua cabeça para o lado. "Posso tocar a manga de seu manto?"

"O que?" Perguntou Hideo. "Por quê?"

"Pode controlar as profecias?" Perguntou Taiko.

"Não," respondeu Narako, "mas sou capaz de vislumbrar coisas se estiverem muito próximas às profecias que já experimentei. Vi os dois vindo há algum tempo, e creio que posso provar a verdade. Posso?"

Hideo levantou o braço, e a pequena garota da Raposa tocou a manga levemente. Ela fechou os olhos por um momento, então franziu-se. "Por quê?" Ela perguntou. "Por que tem vergonha disso? Seu dom é uma coisa bela. Seu dever é matar, mas podia fazer tanto. E por que não fala dela? Qual é o propósito de esconder seu..."

"Basta!" Hideo quase gritou. Ele estava pálido e parecia trêmulo. Taiko nunca viu sua compostura tão afetada. "Basta," ele repetiu. "Perdoe-me, Ryukan-sama. Não desejo envergonhar sua casa."

"Não há nada para perdoar," ele respondeu. "Não cri primeiramente também, mas seus dons são... Consideráveis."

Narako pôs uma mão em sua cabeça e começou a deitar-se. "Eu... Devo me deitar. Precisarei descansar se quiser viajar."

"Viajar?" Perguntou Ryukan. "Então você irá a Kyuden Kitsune?"

"Perdoe-me, meu senhor, mas não posso. Devo partir com os arautos hoje, antes do cair da noite."

"O que?" Disse Taiko. "O que quer dizer?"

"Vi uma grande reunião de sacerdotes," ela explicou. "Uma convergência dos maiores e mais sábios de todo o Império. Devo acompanhá-los lá e encontrar-me com o Mantis. Se não, Kitsune Mori queimará. Não posso permitir que isso aconteça."

"Sacerdotes?" Perguntou Taiko.

"Sim," disse Narako. "Reunidos por aqueles sem um clã."

"Ronins?" Perguntou Hideo.

"Não," disse Taiko. "Imperiais." Ela se virou ao Garça. "Ela está falando do Campeonato de Jade?"

Hideo pausou. "Não sei."

"Não permitirei que viaje com esses dois," disse Ryukan. "Você não estará protegida."

"Os bandidos não virão por nós," disse Narako. "Não posso deixar o vilarejo a menos que vá com eles, e se não o fizer, então cairei ao meu inimigo dentro de uma semana, muito antes que alguém chegue para nos ajudar. Este é o único jeito, meu senhor. Por favor, perdoe-me."

Ryukan zangou-se. Ele se virou para olhar os outros dois, mas seu semblante se amaciou instantaneamente. "Quando estarão prontos para partir?"

Taiko e Hideo se deram um olhar momentâneo. "Estamos prontos agora, meu senhor."

Ensaios do Império, Parte 2

Escrito por Nancy Sauer

A Cidade dos Perdidos, Terras Sombrias; Mês do Castor, ano de 1169

Pokku se acomodou num canto, folgou suas mãos e joelhos e olhou rapidamente pelo salão arruinado. Havia uma gangue dos goblins abandonados de Omoni vagando pela área e ele não queria encontrá-los. O jovem goblin veio a este lugar por uma razão, e ser comido certamente não era esta razão. Com um último impulso de velocidade, ele subiu as escadas ao principal Templo dos Oradores de Sangue e passou pela porta aberta.

"Sim, sim, é assim que se faz," Pokku se encorajou. Ele puxou uma casca de árvore endurecida de uma bolsa em sua roupa, apôs na boca e mastigou ruidosamente. Depois de momento ele caminhou para dentro do Templo, seguindo o corredor à câmara principal.

Uma vez dentro da câmara ele se moveu lentamente junto à parede esquerda. Quando alcançou um altar lateral feito de pedra vermelha com uma grande jarra tampada feita de porcelana branca em cima ele parou e olhou. Lentamente ele puxou um longo bastão de trás do pescoço de sua túnica. Ficando o mais longe possível, ele usou o bastão para tirar a tampa do jarro e então pulou para trás. Um pequeno pilar de fumaça preta saiu da jarra e se contorceu em múltiplos tentáculos se debatendo, cada um com uma boca de lampreia. Eles se contorceram pelo altar, procurando uma presa, e então pareceram lentamente se evaporar no ar.

"'Oradores' estúpidos," sussurrou Pokku para si. "Todo mundo arma a tampa." Ele correu para o altar e se pôs nele. Pegando a casca de sua boca e colocando-a na ponta do palito, ele rapidamente a usou para pesca um pequeno manuscrito no fundo do jarro. Todos preparavam a tampa, mas você nunca sabia quando alguém seria brilhante o bastante para pôr uma armadilha na jarra também. Quando ele tinha o manuscrito em mãos ele e pôs na blusa para guardá-lo e sair do altar. Ele deu dois passos quando algo frio e duro agarrou seu tornozelo e subia pela perna.

"Aaiieee!" Gritou Pokku. "Sai, sai, sai!" Freneticamente ele tentou bater na coisa com o palito que segurava. Uma extremidade do tentáculo continuou seu ataque à sua perna enquanto o outro se erguia e confrontava-o com boca e garganta repletos de dentes. Pokku enfiou a ponta coberta de gosma na boca com toda sua força. A criatura primeiramente tentou engolir, e então tentou cuspir fora. Nada funcionou. Então começou a se agitar e tremer, tentando desalojar o palito. Ele relaxou o laço na perna do goblin e começou a se debater no chão, e Pokku quase se viu tentando correr.

Ele saiu da câmara, pelo templo e para fora do salão no pátio. Havia um grande goblin no centro, olhando em volta com curiosidade, e Pokku fez a única coisa que podia: ele correu pelo estranho e para fora da estrada que levava aos portões da cidade. Primeiramente ele pensou que poderia sair sem ser perseguido, mas então ouviu um longo, ondulado rugido. O resto da patrulha foi alertada, e logo ele teria todos eles em seu encalço. Ele correu mais rápido ainda.

Pokku estava fora da cidade e correndo pelos campos densos que a cercavam quando a patrulha começou a procurar por ele. Sob seu fôlego cansado ele podia ouvir os gritos de alegria sobre a perseguição e a sensação de carne fresca e ele revirou seu cérebro por um meio de lidar com eles. Apesar de saber que era um guerreiro inferior, o terror de samurais em todo lugar, uma luta poderia danificar o manuscrito que carregava e isso arruinaria tudo. No limiar de sua visão, ele viu um flash de movimento distante, e percebeu que havia um grupo de Perdidos na estrada que levava à cidade. Ele alterou seu percurso e foi em direção a eles.

Reunindo as últimas forças ele correu à bifurcação da estrada e correu pelo grupo de humanos com vestes vermelhas, conseguindo atrair um no processo, então se lançou ao grupo do outro lado. Atrás dele, se ouviam gritos e xingamentos que rapidamente se tornavam um amontoado de berros, gritos e rugidos enquanto a patrulha goblin se mostrava. Pokku riu e ficou num fácil ardil. Ele adorava quando um plano vinha no momento certo.

Toshi Ranbo, a Cidade Imperial

Isawa Takesi caminhava pela Embaixada Fênix, tentando arduamente conter seu temperamento. O casamento da Mestra Ochiai com Mirumoto Tsuge era um importante evento, com dignatários de muitos clãs atendendo às festividades, e fazer uma demonstração de comportamento emotivo o envergonharia, sua família e seu clã. Mas isso era difícil.

Ele estava sentado em um dos jardins, ouvindo um grupo de samurais mais velhos conversando sobre o casamento e tinha dito que a Fênix apressou o casamento para distrair a atenção da retirada dos Clãs Leão e Mantis da capital. Takesi assentiu sabiamente para si; tal ação mostrava grande inteligência por parte dos líderes de seu clã. Então outro samurai riu e disse que o apressaram pois Tsuge não conseguia mais ficar longe de Ochiai, e seu sangue fervia em ira. A idéia de que o homem com quem Mestra Ochiai estava para se casar considerava seus desejos mais importantes que os deveres para seu clã era uma calúnia da mais alta ordem contra o caráter dela — e uma que ele não podia fazer nada a respeito. O falante era um membro do alto escalão do Clã Garça, e não importa quão correto estivesse Takesi, desafiar o homem criaria um constrangimento para todos os envolvidos. O mais discretamente possível, ele se retirou do grupo e rumou para algum lugar quieto para se centrar.

Achando um lugar quieto estava se provando algo desafiante, porém. Todos os lugares onde alguém poderia se sentar em paz agora estavam repletos de cortesãos tentando ter conversas privadas — o problema com convidar todas as pessoas importantes do Império para o casamento, concluiu Takesi, era que todos viam o casamento como uma oportunidade de se falarem. Finalmente ele rumou à biblioteca da embaixada. A pequena sala normalmente tinha um Shiba ou dois guardando seus estudos de Shinsei, mas com quase todo o pessoal da embaixada ocupado lidando com os visitantes ela estaria vazia agora.

Ele deslizou a porta e olhou, ciente dos dignatários visitantes, e descobriu que ela estava vazia exceto por um samurai Dragão que estava sentado onde ele podia olhar para os jardins. Takesi se alegrou com a visão. Falar com alguém de sua idade seria uma distração agradável. Ele adentrou a sala e quando o Dragão olhou para cima ele sorriu e curvou-se. "Boa tarde, Dragão-san. Sou Isawa Takesi. Achou a hospitalidade de meu clã adequada? Há lago em possa ajudá-lo?"

"Isawa-san, sou Mirumoto Ichizo," disse o Dragão, curvando-se onde estava sentado. "e obrigado pela oferta, mas estou bem. A hospitalidade de seu clã não peca em nada."

"Fico feliz em ouvir isso," disse Takesi. "Deseja silêncio para meditar? Posso sair se minha presença o distrair."

Ichizo hesitou por uma fração de segundo. "Não há necessidade de sair, Isawa-san," ele disse. "Por favor, sente-se."

"Esteve muito tempo em Toshi Ranbo?" Perguntou Takesi enquanto se sentava.

Ichizo moveu a cabeça. "Não, cheguei com o grupo de Tsuge-sama." Ele hesitou novamente então continuou. "Meu pai achou que precisava de uma maior perspectiva do mundo, então conseguiu uma posição menor na embaixada do Dragão para mim."

Takesi se sentou um pouco mais reto. Ele estava na capital desde o começou da guarda da Fênix, e logo se sentiu importante. "A escolha de cidades de seu pai mostra que ele é muito sábio. Estudiosos, artistas e cortesãos de todo o Império vêem aqui. E está especialmente interessante agora, com todos debatendo quem deve ser o próximo Imperador."

Ichizo franziu-se levemente. "Certamente isso cabe aos Céus decidirem, não?"

"Claro," disse Takesi vagamente. "Mas não há mal em discutir sobre quem os Céus sorrirão. Você não pode dizer que as pessoas do Clã Dragão não têm opinião nisso. Quem seu clã gostaria de ver como Imperador?"

"Bem, Lorde Satsu, claro," disse Ichizo. "Ele é muito sábio, e é neto do Kami Togashi — ninguém mais pode ter um laço tão próximo com os fundadores do Império."

Takesi não achava que um Imperador eremita, não importasse quão sábio, fizesse bem ao Império, mas se conteve em dizer isso. "Entre a Fênix ouvi dizerem que Shiba Yoma seria um bom Imperador."

"Me desculpe, Isawa-san," disse Ichizo, "mas não sei quem é este."

"Ele é a Voz dos Mestres, e serviu ao Conselho por vários anos. Ele é um homem de dignidade e honra, e mostrou coragem nas dificuldades que nosso clã passou por estas décadas."

"Ele soa como um muito grande homem. Se as Fortunas forem gentis, talvez eu seja capaz de conhecê-lo algum dia." Ichizo pensou por um momento. "Ouvi dizerem que alguns entre os meus consideram Kitsuki Iweko para Imperatriz. Sem negar Lorde Satsu, obviamente."

Takesi recuou à idéia de uma Kitsuki, com a noção peculiar da família sobre 'prova', estando a cargo do Império. "Estou certo que ela seria uma muito," ele pensou rápido, "inteligente Imperatriz." Ele rapidamente mudou de assunto, antes que Ichizo sugerisse alguém mais inapropriado. "Mirumoto-san, apesar de ser um sacerdote dos kamis estudei iaijutsu por muitos anos. Por que não vamos ao dojo ter algumas partidas? A esgrima dos samurais do Dragão é muito famosa."

Ichizo deixou sua face neutra. "Iai é uma arte da Garça," ele disse secamente.

Takesi corou levemente à gafe. "Claro," ele disse, "por favor, perdoe-me. Kenjutsu então."

Ichizo se pôs de pé, "Me desculpe, Isawa-san, mas temo que devo procurar meu mestre e ver se ele tem algum dever para mim. Vá com as Fortunas." Ele se curvou levemente e saiu.

Takesi o olhou ir, confuso. Ele havia sido tão ofensivo? Ou Ichizo era do tipo sensível? Ele olhou de volta ao jardim, esperando vê-lo, e notou que havia um manuscrito próximo a onde Ichizo estava sentado. Era um manuscrito que ele reconhecera, e ele o leu por várias vezes: "Caminho da Espada Pacífica", de Shiba Rokkujo, um comentário sobre "A Espada", de Kakita.

Ele o pegou e automaticamente se ergueu para guardá-lo. Por que Ichizo o estava lendo? E por que ficou tão ofendido? Takesi colocou o manuscrito na cesta adequada. Então ele foi ao jardim. Com tantos visitantes do Dragão circulando ao redor da Embaixada, não seria difícil achar alguém que soubesse alguma coisa a respeito de Mirumoto Ichizo.

Toshi Ranbo, a Cidade Imperial

Bayushi Eisaku andava pelo jardim ao redor do Templo das Sete Fortunas com um olhar agradável em seu rosto. Ele se curvava respeitosamente a todos que via e escondia sua alegria às suas respostas desconfortáveis. A peculiar vitória de Jimen-sama no Campeonato de Esmeralda ainda era a conversa em Toshi Ranbo, e a incerteza que criava o enchia de alegria.

Os tons suaves de um biwa tocado por mãos experientes fluíam pelo ar e Eisaku rumou na direção da fonte. Forçar um shugenja da Fênix a cooperar normalmente era bem difícil, mas Isawa Kyoko era uma jovem e proeminente mulher posta sozinha no selvagem cenário político de Toshi Ranbo — se fosse capaz disso, Eisaku sentia pena dela. Mas seu sensei havia sido um famoso especialista no uso dos kamis para aumentar o crescimento e produção das colheitas, e ela era tida como sua mais talentosa estudante. Eisaku estava determinado a levar as perícias dela para ajudar seu clã.

Ele rondou o lugar onde ela estava, sentada numa pequena rocha do jardim e tocando seu biwa. "Boa tarde, Isawa-san," ele disse, sorrindo enquanto caminhava em direção a ela. Ele começaria polidamente, ele pensou, e se tornaria ameaçador quando precisasse. "É um belo jardim, não é?"

"De fato é, Bayushi-san," respondeu Kyoko. "Não se pode evitar em se sentir renovado ao olhá-lo."

"Muitas coisas renovam uma pessoa," disse Eisaku. "Um belo jardim, uma bela moça, uma canção num biwa, um poema. Mas para o homem que não tem comida, todos eles são inúteis."

"Você fala sabiamente," disse Kyoko. "Para aqueles não treinados a resisti-la, fome é uma força irrefreável."

"Uma que nunca lhe atormentará. Com seu conhecimento, a fome nunca visitará a região em que vive." Ele se moveu mais próximo a ela, para que a olhasse melhor. "É no conhecimento que meu mestre está muito interessado."

Kyoko olhou para ele, e por um momento pareceu alarmada. Então um surto de compreensão iluminou os seus olhos. "Oh," ela disse, "você deve ser a pessoa que Ayano me contou."

Eisako sentiu seu sorriso congelar em sua face. "Ayano?"

Kyoko assentiu. "Doji Ayano, uma cortesã. Ele me disse para esperar um representante do escritório do Campeão de Esmeralda."

"E suponho que ela ofereceu conselhos em como lidar comigo," disse Eisaku. Garças, ele disse para si. Como se seus truquezinhos fossem detê-lo de completar sua missão.

"Ah, sim." Riu Kyoko. "Foi um pouco bobo, na verdade. Ela estava tentando me convencer para ajudá-lo. Mas, na verdade, por que não o ajudaria? Minhas perícias são para ajudar os outros, e os atos do Campeão de Esmeralda são para promover o bem estar de todos no Império."

Eisaku cobriu sua surpresa caminhando para trás e curvando-se levemente. "Obrigado, Isawan-san," ele disse. "Nesses tempos atribulados, é renovador encontrar alguém realmente dedicado ao bem estar do Império."

Kyoko sorriu e se ergueu de seu lugar. "Devo atender aos meus deveres no templo em breve," ela disse. "Se retornar aqui amanhã à terceira hora podemos falar mais sobre como posso ajudá-lo."

"Isso seria excelente," disse Eisaku. Isso o deixava bastante tempo para saber que jogo a Garça estava tentando jogar.

Algum lugar próximo à Floresta Shinomen

Chuda Hiroe enrolou o manuscrito que estava estudando e suspirou. Era muito cedo para começar a se sentir impaciente ou preocupada, mas às vezes esperar era a parte mais difícil de se executar. Mas seu plano era bom, então tudo que ela tinha que fazer era esperar e as coisas funcionariam.

A jovem shugenja se levantou e caminhou pelas clareiras ao redor da árvore que tinha um jovem camponês amarrado a ela. Seu sensei ensinou aos seus estudantes a primeira metade do feitiço, e então informou que as direções para a outra metade foi deixada no velho Templo na Cidade dos Perdidos. Se quisessem sabê-lo inteiro, eles tinham que recuperá-la por si só. Os lábios de Hiroe se curvaram em desdém. Os outros estudantes imediatamente fizeram planos de irem às Terras Sombrias juntos e recuperarem-no e dividirem o conhecimento entre eles. Ela fez um plano muito melhor, um que a deixaria possessão solo do feitiço e que demonstraria a seu sensei a total abrangência de sua inteligência e sutileza. Talvez mesmo Lorde Daigotsu ouviria isso, e a chamaria aos seus serviços. Sua campanha contra o Império era de distração e manipulação, e ela estava certa que este seria o caminho dela ao poder.

Enquanto isso, ela tentava vislumbrar o quanto do feitiço ela já tinha. Hiroe sacou sua faca de ossos e fez um longo corte no braço do camponês aterrorizado. Ele gemeu contra a dor e então entrou em frenesi de dor quando ela reuniu o poder de seu sangue e o usou para criar ainda mais dor. Os gritos abafados não incomodavam sua concentração afinal, pois ela procurava um meio de concentrar a dor num membro em particular. Quando seu sensei demonstrou o feitiço para a classe o assunto que tentava demonstrar era libertar da agonia resultante e Hiroe viu reais possibilidades nisso.

Uma hora depois que estava tão absorvida em seu trabalho ela foi pega de surpresa quando Pokku caiu dos arbustos e parou no meio da clareira.

"Linda-sama! Linda-sama! Peguei!" Ele gritou, balançando o manuscrito.

"Fique quieto," disse Hiroe. Ela guardou a faca ensangüentada em seu obi e olhou par ele. "E me dê isto."

"Trato, Linda-sama," disse Pokku, dançando. "Temos um trato."

Hiroe caminhou até sua bolsa e puxou um pequeno saco de moedas. "Aqui," ela disse, jogando-o no chão entre eles. "Agora, meu manuscrito."

Pokku se correu para ela e deixou o manuscrito em sua mão com uma surpreendente quantidade de dignidade. Então ele se virou e caiu no saco, abrindo-o.

Hiroe olhou o manuscrito, garantindo que estava seguro. Satisfeita, ela estava prestes a quebrar o selo quando um grito de raiva a distraiu.

"Você mente!" Pokku berrou a ela, agitando seus punhos. "Isso não é comida!" Ele enfiou uma das moedas em sua boca em demonstração e tentou mastigá-la, e a cuspiu.

Hiroe revirou os olhos. "Goblin estúpido. Você não acha que eu ia carregar essa quantidade de comida nas minhas costas?" Ela apontou às moedas espalhadas na grama. "Se levá-las à nova cidade você pode trocá-las por comida."

"Oh, mesmo?" Pokku olhou para as moedas com um novo interesse. Ele havia as visto antes, mas nunca o ocorreu que elas representassem comida.

Ele começou a procurar o chão por moedas e colocá-las no saco. Enquanto trabalhava ele lançou um longo olhar a Hiroe que começava a abrir o manuscrito e se sentou para lê-lo. A mulher Chuda era mais brilhante que muitos humanos e praticamente brilhava com ambição, o que a fazia perfeita para seu plano. Caminhando em sua sombra, ele teria a chance de ser visto pelas pessoas importantes. Ele mostraria a todos, mesmo para Daigotsu, que sua tribo e não os brutos gigantescos de Omoni, eram os melhores goblins.

Pokku terminou de amarrar o saco e o pegou. Ele estava faminto, e já que a Chuda não lhe deu comida real, ele teria que ir à caça. Ele estava para dizê-la que estava indo embora quando viu o camponês ensangüentado. "Ei," ele disse ao invés, "quem é esse?"

Hiroe olhou ao manuscrito e então para ele. Ela precisaria de um novo alvo para praticar, ela decidiu. Ela pegou uma moeda de seu obi e a jogou para o goblin. "Mate-o e livre-se do corpo," ela disse. "Garanta que ele nunca seja encontrado."

Pokku pegou a moeda e a guardou na bolsa. Então ele caminhou em direção ao camponês com um sorriso aberto em sua face. A vida estava ficando cada vez melhor.

Fogo e Aço

Escrito por Brian Yoon

"Kaoru, ataque quando estiver pronta," comandou Hida Otoya. Ele bateu a base do seu leque na palma de sua mão. O som reverberou pela sala quieta, e os estudantes se tencionavam por antecipação.

Hida Hiyao ficou numa postura relaxada. Ele segurava sua bokken, uma espada de treinos de madeira, frouxamente em sua mão direita, a ponta da arma se arrastava inaudivelmente pelo chão. Cercado por dúzias de jovens samurais recém saídos de seus gempukku, Hiyao parecia deslocado no dojô. Ele era um veterano de incontáveis batalhas na muralha e várias guerras, enquanto os outros no dojô raramente viram um combate. Várias cicatrizes se mostravam em sua pele, dando testemunho de sua devoção ao Caranguejo. Os outros eram estranhos à batalha, porém, a serviço do Caranguejo, isso mudaria em breve para muitos deles.

Sua oponente, Hida Kaoru, olhava fixamente para Hiyao. Ela segurava sua bokken firmemente com as duas mãos, e a apontava para o veterano. Diferentemente de seus colegas, que teriam sorrido ferozmente ou ficariam afoitos à chance de batalha, Kaoru não mostrava traço de emoção. A única sensação que sua face mostrava era prontidão. Seus olhos mexiam constantemente, examinando seu oponente e analisando a situação. As dificuldades estavam dispostas contra ela, ela sabia; Hiyao tinha anos de experiência além dela e era muito maior fisicamente. Neste exercício, ela sabia que ninguém esperava que ela vencesse, simplesmente se sair bem.

Tal opinião, pensou Kaoru brevemente, não era adequada a um Caranguejo.

Sem um som, ela saltou à ação. A ponta de sua bokken esbarrou no teto e rapidamente desceu sobre a cabeça de Hiyao. Hiyao reagiu rapidamente e esquivou para a direita. Ele golpeou lateralmente e atingiu as costelas de Kaoru com um ruído ressonante. Ela caiu no chão. Imediatamente, ela se pôs de pé e agarrou sua arma. Hiyao esperava à distância, sua bokken pendendo ao seu lado novamente.

"Um golpe tradicional," Otoya disse com um sorriso reprovador. "Um ataque estabelecido. Por isso é a escolha errada. Seu oponente o estudou, o treinou, e mais importante, o contra-atacou toda sua vida. Tente de novo."

Kaoru lentamente começou a circular Hiyao, e ele se posicionou para observar seus movimentos. Enquanto observava a jovem garota se mover, ele foi impelido por um repentino e inexplicável calafrio. Ele mexeu a cabeça. Ele não estava na Muralha; ele não estava enfrentando a miríade de demônios e perigos que nasciam das profundezas das Terras Sombrias diariamente. Então, por que, de repente, ele se sentiu como se estivesse em perigo?

A espada de Kaoru rachou sob a força do impacto. Explodiu em pedaços que voaram em todas as direções. Uma das farpas de madeira voou pelo ar e atingiu profundamente a perna de Kaoru. Hiyao instintivamente ergueu seu antebraço para proteger seus olhos.

Kaoru não pausou. Ela saltou para frente e lançou seu corpo sobre o dele, jogando sobre ele todo o seu peso. Hiyao deixou escapar um alto grunhido e caiu no chão. Antes que pudesse reagir, ela rastejou à sua mão com abandono total. Hiyao se recusou a soltar seu punho da espada, e os dois rolavam no chão como animais selvagens sem atenção às circunstâncias ao seu redor.

Otoya bateu suas mãos alto uma vez, e o par se congelou. Eles soltaram um ao outro e se colocaram de pé. Kaoru limpou levemente sua ferida, mas se esforçou para esconder qualquer sinal de dor em sua face.

"Um movimento surpreendente, para dizer o mínimo." Disse Otoya. O sensei se virou para Hiyao. "Você não esperava por isso?"

Hiyao mexeu sua cabeça. "Ela estava ferida e desarmada num exercício de kenjutsu. Seu ataque foi imprevisível e me pegou de surpresa."

"O que tem a dizer sobre isso, Kaoru?" Perguntou Otoya.

Kaoru levantou sua cabeça em audácia. "Digo que não importa qual arma tenho em mãos. É simplesmente uma ferramenta. Quando o combate começa, mesmo que seja uma briguinha, deve-se continuar a lutar até que seu inimigo caia."

Otoya olhou para Kaoru. Pensou se podia não admitir isso em voz alta, mas estava impressionado pela vontade da mulher. Mesmo agora, ela olhava para ele com fogo em seus olhos, recusando-se a recuar de sua posição.

"Esta atitude a manterá viva," disse Otoya finalmente, "mas não cabe ao dojô. Da próxima vez, contenha-se ao exercício em questão."

Ela curvou-se em concordância. Ele apontou seu leque para ela. "Relate sua ferida imediatamente. O Clã Caranguejo tem pouco uso para aleijados. Dispensados."

O Dragão do Fogo lançava uma sombra vermelha brilhante no distrito mercantil da Cidade Imperial de Toshi Ranbo. Shiba Rae se tornou acostumado à sua presença enquanto seu caminho pela multidão da cidade. Rae servia lealmente como guarda e yojimbo para o Clã Fênix por muitos anos. Os meses que se seguiram ao movimento à Cidade Imperial foram inesquecíveis. Ele viu e experimentou muito em muito pouco tempo. Depois que a luta se acalmou, Rae foi feliz o bastante para ser designado à guarda do palácio de Shiba Naoya. Muitas das vezes, ele servia como pouco mais do que um mensageiro do Conselho dos Mestres para seu senhor, mas ele estava feliz pela experiência.

Nas raras ocasiões quando duvidava da justiça de sua causa, ele apenas olhava para cima. A visão inspiradora do apoio dos Céus levantava sua moral e seu espírito. Cada vez que olhava para cima, ele jurava para si mesmo novamente seguir os comandos do Conselho em tudo. Os Mestres sabiam o que era melhor. As bênçãos dos Céus não podiam ser negadas.

Rae se movia rapidamente pela cidade, ignorando as visões e aromas que eram tão estranhos para ele poucos meses atrás. Agora eram um lugar comum, e Rae sentia um pouco de orgulho em ser um homem mundano. Ele olhou para os samurais que passavam por ele. Ele sabia que todos eles poderiam estar invejosos se soubessem o quão importante ele era. Ele carregava um manuscrito selado do próprio Conselho Elemental, os Mestres Elementais que agora mantinham a corte na Cidade Imperial na ausência do Imperador. Poucos diriam que se encontrara com os Mestres, menos ainda ajudavam os trabalhos do Conselho.

Rae fez uma rápida virada atrás de uma pilha de entulhos e rumou para uma rua lateral. Ele aprendeu os atalhos há muito tempo e esta rua em particular normalmente estava vazia. Hoje a rua já estava ocupada por um par de pessoas que foram vistas por Rae como uma estranha dupla. Um mercador e um samurai Escorpião estavam de pé ao lado da estrada; apesar do mercador não estar armado, ele parecia destemido em sua discussão com o samurai.

"Mas meu senhor, você ainda não pagou pelo envio," insistiu o mercador. "Você aceitou os bens com a promessa de pagamento. E isso já foi há vários meses. Você me paga ou ficarei sem negócio."

O Escorpião se virou como se o mercador nem tivesse falado. Ele casualmente foi embora sem hesitação.

"Meu senhor," disse o mercador, "você deve me pagar o que é devido ou serei forçado a contatar o magistrado local sobre o assunto!"

O Escorpião parou e se virou abruptamente. O mercador piscou em surpresa enquanto o samurai rapidamente fitou do homem. O Escorpião se aproximou. Os cantos de sua boca rapidamente se moveram num sorriso ameaçador. "É assim?" Ele perguntou calmamente. "Sou um samurai e você não é nada."

O som da arma de Rae deixando sua bainha foi inconfundível. O Escorpião pausou e se virou para encarar a face de Rae.

"Isso não é da sua conta, Fênix," disse o Escorpião. Um sorriso de escárnio escorreu por sua face. "É um problema entre este sujo e eu. Se tem algum juízo, você estaria indo embora."

"Não reajo bem a ameaças, Escorpião-san," Respondeu Rae. "Seu assunto se tornou da minha conta quando perturbou a paz da Cidade Imperial. Pague o homem antes que seja forçado a lhe mostrar o erro em seus meios."

A postura do Escorpião mudou assim que leu a raiva que emanava de Rae. Rae ansiava por uma oportunidade de mostrar ao vilão suas próprias entranhas. Apenas a paz reforçada pelo Conselho continha sua mão. O Escorpião pareceu reconhecer o perigo no Fênix. Ele procurou dentro de seu kimono e retirou um pequeno saco. Ele o atirou nos pés do homem. Antes que desaparecesse no canto, ele se virou e olhou para Rae.

Rae sabia que neste dia ele ganhou outro inimigo.

"Obrigado, meu senhor," disse o mercador e curvou-se profundamente para Rae.

Rae assentiu de volta e continuou o seu caminho. Ele passou o resto da viagem de volta o palácio de Shiba Naoya em quieta contemplação. A situação no Império se degenerou a tal comportamento reprovável. Ele chegou ao palácio sem mais interrupções. Rae suspeitou saber onde achar seu senhor e rumou diretamente ao jardim de areia no meio do palácio. Ele estava certo; Shiba Naoya estava sentado no meio do jardim e contemplava a cena serena diante dele. Rae caminhou para perto e esperou até que tivesse a atenção de seu senhor.

"Uma mensagem do Conselho, meu senhor," disse Rae. Ele se curvou e apresentou o manuscrito selado para Naoya. Naoya assentiu e tomou o manuscrito oferecido das mãos de Rae. Rae se curvou novamente e se virou para deixar Naoya em sua privacidade.

"Fique, Rae-san," disse Naoya sem pensar. "Você sentirá as bênçãos e sofrerá os problemas da mensagem como eu. Somos como irmãos nisso."

Rae corrigiu sua postura e estufou com orgulho. Naoya desenrolou o manuscrito e o leu. Depois de um momento, ele olhou pra o ansioso Fênix.

"Parece que o Conselho decidiu que a Fênix deve assumir a responsabilidade por nossas ações," disse Naoya. "Eles não presumem acreditar que podem esconder-se por trás do poder dos Céus. O Dragão do Fogo retornará ao Tengoku em breve, reforçaremos a paz no Império com nossa própria força."

"Você parece feliz hoje, Otoya," disse Toritaka Tatsune. O par de anciões caminhava pelos corredores de Kyuden Hida. Apesar da aposentadoria de Tatsune ser eminente, ele continuava a agir como conexão de Otoya ao resto do clã. Eles conversavam por horas cada dia sobre táticas e estratégia, e Otoya se sentia quase podendo chamar o homem de seu amigo.

"Não sei o que quer dizer, Tatsune-sama," respondeu Otoya.

Tatsune abanou sua mão ao seu amigo. "Não jogue, Otoya. Você usa uma perpétua carranca em sua face. Hoje sua expressão poderia quase ser descrita como contente."

"Um de meus estudantes me impressionou hoje," disse Otoya. "Acho o bastante para iluminar meus espíritos. Não acontece muito."

Tatsune sorriu. "Fico feliz em ouvir isso. Você está se acostumando bem ao seu clã. Sua ajuda com os planos de Lorde Kisada foi inestimável."

Otoya negou. "Meu conselho a respeito dos Malditos teria sido mais eficaz se tivesse recebido a informação correta. Mudar o comandante foi vital para que as estratégias funcionassem juntas. "Tatsune abriu sua boca para falar, mas Otoya ergueu sua mão para interromper. "Compreendo a situação em que está colocado, Tatsune-sama. Apesar de ter vindo com recomendações de Kaneka-sama, você não tem experiência para acreditar em minha lealdade. Você não deixaria tamanha responsabilidade nas mãos de um estranho virtual. Compreendo a situação, embora não goste da degradação de recursos que ocorreu por causa das circunstâncias."

Tatsune ficou em silêncio por longos momentos. "Bem dito," ele disse. "Você tem agido admiravelmente nos últimos meses. Os alunos se esforçam por você mais do que qualquer outro sensei. Todos eles o louvam rancorosamente, lhe chamando de duro porém justo professor. Estou impressionado, Otoya. Você tem sido um valoroso membro de nosso Clã."

Otoya silenciosamente curvou sua cabeça em concordância.

"Tenho um novo desígnio que creio que desafiará suas perícias," Tatsune disse e parou. Otoya olhou para cima para ver que o caminho o levou para uma das maiores câmaras de audiência dentro do castelo. Otoya abriu a porta e o par entrou.

Toda conversação na sala parou assim que a porta se abriu e todas as cabeças se viraram para Otoya e Tatsune. Meia dúzia de Caranguejos estava na sala, e Otoya imediatamente reconheceu algumas das faces. Kuni Kyoshi, o recentemente promovido daimyo da família Kuni, estava contra a parede no fundo da sala. Hiruma Todori, daimyo da família Hiruma, estava no meio do grupo, uma mão erguida no meio de uma conversa.

As únicas pessoas que fariam o grupo mais ilustre, pensou Otoya, seriam Hida Kisada e Hida Kuon.

"Saudações, Tatsune-sama. Kuon-sama está incapaz de atender ao encontro," disse Todori. "Temos pouco o que discutir sem sua presença."

"Falem-me da Aranha," interrompeu Tatsune sem preâmbulos. A conversa parou novamente, em respeito ao idoso venerável daimyo. Kiyoshi caminhou para frente do meio do grupo.

"Há pouca informação que reunimos até agora," Kiyoshi disse. "Eles aparecem e desaparecem com poucas pistas. Até agora, aprece que ajudaram o povo. Eles derrotam quadrilhas e as poucas criaturas das Terras Sombrias que infectam o Império. Rumores ligam visões da Aranha no Mantis, Unicórnio e mesmo no Escorpião, mas todos são discussões infundadas. Sua influência deve estar aumentando mais rápido do que pensávamos se ouviu de sua existência, Tatsune-sama. Alguns de meus homens os rastreiam enquanto falamos."

"Estão mais próximos de descobrirem o que são?" Perguntou Todori.

"Não ainda," respondeu Kiyoshi. "É apenas inevitável. É um simples nuance que em breve descobriremos."

"Creio que não seja um problema tão pequeno, Kiyoshi. Os Toritaka assumirão este dever e descobrirão os segredos da Aranha," anunciou Tatsune.

Kiyoshi franziu-se. "Você não tem experiência no que deve ser feito, e os Kuni têm séculos de conhecimento sobre o assunto. Se as Terras Sombrias são o problema, ele deve ser lidado pelos Kuni."

"Esta 'Aranha' pode ser um truque das Terras Sombrias, é verdade," respondeu Tatsune. "Mas é igualmente possível que eles não sejam. Você pode permitir a perda de recursos valiosos para seguir estes rumores?"

"Somos mais capazes do que o crédito que nos dá," disse Kiyoshi.

"Vocês são homens, assim como nós, e você não é tolo para recusar uma mão amiga. Os inquisidores Toritaka trabalharão ao lado de seus homens. Você simplesmente se concentrará em determinar a verdade por trás desses mistérios nebulosos."

"Ajudar?" Disse Kiyoshi, erguendo uma sobrancelha. "Boas intenções farão mais mal que bem se não casadas com sabedoria. Onde seus homens obterão tal conhecimento? Você não sugere que eu abra as portas das escolas Kuni para todos os seus homens, não é?"

"Meus homens sabem como pesquisar segredos. Afinal, eles são treinados como caçadores de algum tipo, assim como seus homens."

"Os Toritaka caçam espíritos, não homens," respondeu Kiyoshi. "Vocês rapidamente perceberão que lidar com outros humanos, na sociedade, e no mundo

real, é infinitamente mais difícil. Eles precisarão saber como se organizarem em conjunto..."

"Engraçado você mencionar táticas," disse Tatsune. Ele se virou para Otoya. "Você acha que tenho alguma experiência nesses assuntos, Otoya?"

Otoya ergueu sua sobrancelha, sua única reação antes de ser abruptamente jogado na discussão. "É um tipo diferente ao que estou acostumado," ele disse lentamente. "Certamente eu posso ajudar seus homens a saberem como lidar contra uma força que se move rapidamente. Se tratá-los como uma quadrilha..." Otoya divagou e começou a murmurar para si.

"Problema resolvido," disse Tatsune. Seu sorriso era quase feroz. "E se todas essas palavras não lhe convencerem, Kiyoshi-san... Você não é páreo para mim numa disputa de bebidas."

Kiyoshi sorriu. "Os outros clãs não verão esta atitude dos Toritaka bem," ele avisou. "Eles não verão o panorama maior. Eles apenas assumirão que estamos tentando aumentar nossa influência."

Tatsune riu. "Deixe-os. Nossos inquisidores farão o que deve ser feito, e garantirei que carreguem os documentos adequados."

"Não tome a situação levianamente, Tatsune-san," insistiu Kiyoshi. "Os outros clãs, exceto pela Fênix vilanizam os Caçadores de Bruxas como visitas indesejáveis às suas terras. Os outros Clãs vêem apenas leves lembretes de ameaças que não podem enfrentar. Quando as notícias de suas ações se espalharem, você compartilhará do mesmo destino."

Tatsune mexeu a cabeça. "Não pense que cheguei a essa decisão facilmente, meu amigo. Sei exatamente o que está em jogo, tanto pelo nome de minha família e dos perigos que enfrentarão." Tatsune olhou ao redor da sala lentamente, atingindo os olhos de cada um com os seus. "Este é um dever que deve ser cumprido. Se não assumirmos o peso de nossa responsabilidade, quem irá?"

"Somos o Caranguejo. Isso é tudo que deve ser dito."

"Entendo que nós humanos não podemos presumir comandar o Dragão de Fogo," disse Rae. "Perdoe minha temeridade, mas desejo que o Dragão fizesse algo que marcasse a dedicação da Fênix a Rokugan. Ninguém ousaria protestar enquanto os Céus estão visivelmente ao nosso lado."

Naoya assentiu. "Ninguém esquecerá o Dragão de Fogo tão cedo, Rae," ele respondeu. "Sua presença sob a cidade foi uma extraordinária demonstração da força do ser celestial. Em todos os manuscritos de história, nunca ouvi de outro evento como este. Creia-me, o Dragão de Fogo fez o suficiente."

Rae assentiu lentamente. "Você é sábio, meu senhor."

"Quando o Dragão de Fogo for," disse Naoya, "Devemos estar preparados para apoiar nossas palavras com aço. Não seremos capazes de convencer os Clãs apenas com palavras."

"Os Shiba estão prontos para fazer nossa parte, meu lorde," disse Rae. Suas mãos fechadas com antecipação. "Ninguém será capaz de duvidar da sinceridade de nossas ações. Se devemos lutar e morrer para preservar a santidade do Império, o faremos sem hesitação."

"Você não se preocupa com o futuro, Rae?" Perguntou Naoya.

Rae olhou de volta ao seu senhor, e Naoya se maravilhou à convicção natural ardendo em seus olhos. "O Conselho é sábio," ele disse. "Eles não liderarão o Império a esmo. Se os Shiba devem sofrer para assegura a segurança de Rokugan, é um pequeno preço a pagar. Quando tudo for dito e feito, meu lorde, ninguém duvidará de nossa convicção."

Defensores do Povo

Escrito por Rusty Priske

Yoritomo Eriko caminhou até o escritório do magistrado como se fosse dela. Ela ia tão erguida quanto um mastro enquanto seu passo era tão reto quanto o horizonte do oceano. O magistrado que era dono do escritório não estava impressionado.

"Diga seus negócios."

"Sou Yoritomo Eriko. Creio que me pediu como sua yoriki."

O outro magistrado a amorteceu de algum jeito. "Sou Yoritomo Daishiro, e não lhe pedi, exatamente. Pedi algum apoio na investigação em que estou trabalhando." Ele olhou para ela cuidadosamente. "Admitirei que esperava alguém com um pouco mais de experiência."

"Estou certa de que estou à altura da tarefa, Daishiro-sama. Também estou certa de que você não está questionando a sabedoria de nossos superiores, que escolheram me designar para cá."

Daishiro rolou seus olhos. "Claro que não, Eriko-san. Tenho certeza que você será adequada. Você tem posses que precisam ser alojadas antes que possamos continuar? Sei que você acabou de chegar de um serviço a bordo."

Eriko piscou levemente. "Pensei que você não estivesse me esperando. Como sabe de meus serviços anteriores?"

"Não é difícil dizer, se você sabe pelo que está procurando. Não se preocupe; não penso nada de ruim sobre o serviço a bordo. Qualquer um que proteja o Mantis de ladrões está fazendo um bom serviço, na minha opinião. Não me importo se esses ladrões são piratas ou assaltantes de rua."

"Obrigada, Daishiro-sama, mas eu já alojei meu equipamento. Se é tudo o mesmo para você, preferiria começar a trabalhar em qualquer investigação que em que possa ajudá-lo."

"Tivemos vários incidentes envolvendo negócios regidos por heimins. Alguns lugares foram danificados e houve alguns feridos, e mesmo uma morte."

"De heimins apenas?"

"Correto."

"Por samurais? Se for, a denúncia foi recebida?"

"Nenhuma denúncia foi preenchida por ninguém. Além disso, esses negócios estão todos na cidade baixa. Parece uma ação atípica para samurais."

Os olhos de Eriko se arregalaram. "Então, nenhum envolvimento de samurais e nenhuma denúncia. Então por que estamos investigando exatamente?"

A face de Daishiro se endureceu. "Não perdôo criminosos. Não me importa quem seja atingido pelos crimes."

Eriko curvou sua cabeça levemente. "Por favor, não me entenda mal, Daishiro-sama. Não estou contestando sua adequação ao trabalho. Lorde Naizen declarou que devemos observar o bem estar de todo o povo de Rokugan, não apenas os samurais."

"Então por que está questionando o motivo de minha investigação?"

"Apenas imagino como este assunto chegou à sua atenção em primeiro lugar."

Daishiro fez um gesto de dispensa. "Tenho aliados em todo o tipo de lugares. Eles reportam tais coisas a mim. Sempre achei benéfico manter um olho próximo em todas as partes da cidade, independente de sua natureza."

Eriko assentiu. "Creio que seja uma estratégia sonora. Faço algo similar lá fora." Ela se moveu na vaga direção do mar. "Como procedemos, Daishiro-sama?"

Yoritomo Daishiro reuniu um punhado de manuscritos e retirou uma sasumata de uma estante atrás de sua mesa. "Creio que existam pessoas que sejam capazes de nos dar mais informação. Permita-me apresentá-las."

Daishiro caminhou para dentro de uma casa de sakê com Eriko logo atrás dele. Lá dentro, dois heimins estavam consertando uma mesa quebrada. Era uma de várias na sala. "O que houve aqui?" Exigiu Daishiro.

Os dois homens se assustaram com a súbita aparição dos magistrados e caíram prostrados no chão.

"De quem é este lugar?"

"É meu, samurai-sama," um dos homens respondeu em voz trêmula.

"Então levante-se e responda minha pergunta."

O homem que falou se levantou, apesar de manter a cabeça baixa. "Me desculpe, magistrado. Qual foi sua pergunta?"

Daishiro franziu-se. "Lhe perguntei o que houve aqui."

"Aqui? Oh, nada, senhor. Ou melhor, só uma briga de bar, senhor. Às vezes eles ficam agitados aqui. Senhor."

Eriko arqueou uma sobrancelha. "Briga de bar?" Ela olhou ao redor da sala. "Esta deve ter sido uma briga de bar especialmente notável."

"Sim, minha lady. Uma briga de bar."

Daishiro pigarreou. "Você sabe a punição para mentir para um samurai?"

O heimin tremeu, mas nada disse.

"Você quer mudar sua história?"

"Não, meu senhor. Foi apenas uma briga de bar."

Eriko pôs sua mão na frente de Daishiro. "Acho que talvez possamos deixar que esses homens continuem seu trabalho, Daishiro-sama. Poderia me acompanhar ao lado de fora, por favor?"

Os olhos de Daishiro brilharam furiosamente ao heimin, mas então ele seguiu Eriko e a levou à rua. Uma vez que estavam lá fora, ele se virou com seu olhar raivoso. "Por que fez isso? Ele estava claramente mentindo para mim. Deveria ter tirado a cabeça dele."

"E não estaríamos mais próximos de encontrar o que está por trás disso. Você viu a expressão em suas faces quando nos viram chegar? Era alívio. Que heimin aqui na cidade baixa ficaria feliz em ver dois samurais?"

Daishiro pensou por um momento e então disse, "Eles estavam preocupados que fôssemos alguém mais."

"Diria que eles estão preocupados sobre alguém que voltaria para fazer pior."

Daishiro assentiu. "Isso também significa que quem quer que tenha feito isso, não era samurai, já que não estavam preocupados sobre estarmos do lado deles. Talvez isso torne o problema mais simples. Se tivermos sorte, no mínimo."

Eriko franziu-se. "O que quer dizer?"

"Alguns homens podem ser convencidos a abraçar a esperança ao invés do medo, se suas vidas são importantes o bastante. Siga-me."

Daishiro caminhou de volta à casa de sakê, com Eriko logo atrás dele. Os dois heimins imediatamente voltaram às suas posturas prostradas. "Levantem-se," ele comandou. Uma vez que o proprietário estava novamente de pé, Daishiro disse, "Olhe para mim. Ouça isso. Estou indo achar as pessoas responsáveis pelo que está acontecendo nesta cidade, você entende isso? O que quer que esteja acontecendo aqui deve ser detido." Ele pausou e olhou em volta. "O fato de eu ter visitado seu estabelecimento duas vezes esta manhã fará com que alguém fique muito preocupado, você não acha?"

O heimin empalideceu visivelmente.

"Quem quer que seja que esteja lhe aterrorizando, não acreditará que você não me disse nada. Eles assumirão que você teve mais medo de mim que deles. Eles o matarão para lhe fazer ficar calado. Você entende isso?"

O olhar na face do homem implicava que, sim, ele entendia perfeitamente bem.

Eriko então falou. "Yoritomo Naizen declarou que o Mantis é o defensor do povo. Isso inclui você. Se nos ajudar, garantiremos que o que aconteceu aqui não acontecerá de novo. Não restará ninguém para buscar vingança em você."

"Agora," disse Daishiro, muito calmamente, "Quem fez isso?"

Daishiro e Eriko olharam para as três cabanas de onde estavam. Não estavam em condição muito boa, ainda pior do que muitas desse tipo nessa parte da cidade.

"Aparentemente os negócios não estavam indo muito bem." Zombou Eriko.

"Muitos de seus lucros estão vindo de sakê e garotas." Responeu Daishiro. "Não estamos lidando com uma classe muito alta de criminosos aqui, Eriko."

"Não há 'alta classe' de criminosos," insistiu Daishiro.

Eriko riu. "Queria que esse fosse o caso. Independente disso, quando se está lidando com piratas, ao menos eles não podem deixar suas acomodações apodrecerem muito. Eles afundariam."

"Não acho que este casebre esteja longe de naufragar," observou Daishiro. "Devemos ajudá-lo?" Ele sorriu pela primeira vez desde que os dois se encontraram.

Os dois magistrados desceram o caminho, sem esforço para não serem notados. Quando alcançaram a cabana, Daishiro demoliu a porta com um forte chute, e os dois marcharam com força para dentro, armas em punho. "Onde está Kanadzuchi?" Gritou Daishiro. "Ele está preso em nome do Clã Mantis!"

Houve um confuso borrão de movimento enquanto os seis ocupantes da cabana pegavam suas armas. O mais rápido foi o primeiro a cair quando as kamas de Eriko arrancaram suas mãos de seus pulsos antes que pudesse levar uma grande vara em direção aos magistrados. "Não façam as coisas ficarem mais difíceis do que têm que ser," sorriu Eriko. "Parem onde estão e não sofrerão!"

O aviso de Eriko não foi ouvido enquanto dois outros investiam sobre Daishiro. Eles foram despachados sem nenhuma dificuldade adicional em relação ao primeiro. Os outros três baixaram suas armas.

"Agora, qual de vocês é Kanad-" a pergunta de Daishiro foi interrompida por um golpe em suas costas, jogando-o para frente no chão. Eriko se virou para ver um homem muito grande, segurando um martelo pesado. Os outros bandidos rapidamente recuperaram suas armas, deixando Eriko cercada. Eriko não tinha idéia de como um homem gigantesco podia ter se movido para trás deles tão rapidamente e em silêncio.

"Vocês samurais acham que podem parar Kanadzuchi? Vou esmagar você onde está. Desarmem-na."

Mantendo sua atenção em Kanadzuchi, Eriko ainda tentou manter os outros longe enquanto se movia. Eles não eram samurais, mas ela estava em menor número e cercada. Ela fintou um mas então se moveu para um segundo, o líder deles começou a se mover, ela foi forçada a cair numa posição defensiva. E então...

Uma flecha repentinamente atravessou o pescoço de um de seus atacantes. Assim que caiu, um segundo o seguiu.

"O que é isso?" Gritou Kanadzuchi enquanto Eriko direcionou sua atenção para ele. Ele golpeou com seu martelo, forçando uma das kamas de sua mão quando ela bloqueou o ataque. Sua segunda kama encontrou seu alvo, porém, e se enterrou nas costelas. Ela foi puxada de sua mão enquanto o grande homem caía mas assim que se virou para seu último oponente, ela percebeu que ele também foi morto pelo arqueiro desconhecido.

"Daishiro..." Eriko se ajoelhou ao seu lado para ver a gravidade do dano feito pelo ataque covarde de Kanadzuchi.

"Fique com ele por favor. Chamarei um curandeiro." Eriko se virou à voz da mulher. Na soleira, ela viu uma Tsuruchi, arco em mãos. Ela estava ali apenas um momento antes de correr tanto quanto sua voz. O olhar em sua face à visão de Daishiro deixou a Eriko com a certeza de quem ela era.

Yoritomo Daishiro se sentou em sua paleta, o lado direito de sua cabeça e seu ombro direito intensamente estancados. A arqueira, agora vestida em roupas simples, estava sentada de pernas cruzadas perto dele, um sorriso estampado em sua face.

Um ruído agudo veio da porta e a arqueira se prontificou por trás de sua faca escondida. Daishiro a deteve e disse, "Entre, Eriko."

Yoritomo Eriko entrou com um sorriso surpreso. "Como sabia que era eu?"

Daishiro riu calmamente. "Porque a única pessoa que me visitaria já está aqui. Yoritomo Eriko, permita-me apresentá-la Tsuruchi Masako." Masako se levantou, com um toque de dificuldade pois suas pernas não escondiam o cansaço.

"Nos conhecemos, de certo modo. Masako-san não deixou ninguém além dos curandeiros lhe ver até que estivesse acordado. Também nos encontramos brevemente antes quando ajudou a salvar nossas vidas. Queria agradecê-la, Masako-san. Estou em dívida com você."

Masako retornou a reverência de Eriko. "Apenas cumpri meu dever. Ao invés disso agradeça Daishiro-san por sua cautela garantiu que tivessem reforços antes de irem lá."

Eriko arqueou uma sobrancelha para Daishiro. "Sem me contar também. Por que isso?"

Daishiro sorriu fracamente. "Na verdade estava esperando que você sugerisse antes de entrarmos. Você tem muito o que aprender, Eriko. Você é esperta e rápida mas há mais necessário para se ser um magistrado."

"Parece que ser um magistrado em terra não é tão parecido quanto ser um no mar como supus. Num barco não tenho a luxúria de pedir por mais apoio do que o que já tenho, e não preciso pedir aqueles que já servem comigo para vigiarem minha retaguarda."

"As coisas são diferentes aqui, mas você fez um bom trabalho," ele se virou para Masako, "As duas. Precisaremos desse tipo de cooperação quando chegarmos aos problemas de Mura Sabishii Toshi."

A face de Eriko se escureceu instantaneamente. "O que tem a cidade?" Ela perguntou.

"Alguns samurais do Leão chegaram à cidade há duas semanas," disse Daishiro, "já houve dois duelos, cada um resultando em uma de nossas recém adquiridas posses na cidade voltando ao controle Garça. Parece que os Leões estão tentando matar a cidade para devolvê-la ao controle Garça, e devemos achar um meio de detê-los."

"Os duelos foram ilegais?" Perguntou Masako.

"Um duelo ilegal com um Leão?" Perguntou Daishiro. "Dificilmente."

"Isso torna as coisas muito mais difíceis de serem solucionadas," suspirou a arqueira.

"Sim, sim, isso torna," concordou Daishiro. "E ainda assim temos pouca escolha. Não podemos deixar que os interesses do Clã Mantis na cidade sejam comprometidos."

"Muito bem, então," disse Eriko, seu tom era sombrio, "quando podemos estar prontos para a viagem?"

"Kanadzuchi está morto."

Uma mulher vestida em mantos pretos com pequenos nuances de vermelho em sua gola se virou para o falante, um homem que parecia ser um camponês. "E o que é isto para mim?"

"Ele era um dos que você me pediu para falar." O camponês agarrou a borda de sua manga. "Eu o fiz, e ele era favorável ao seu plano, mas ele foi morto por um grupo de magistrados Mantis."

"Ele era dispensável. Todos eles são dispensáveis. Ele deixa um vazio, que será preenchido. Garanta que ele seja preenchido com alguém mais que seja favorável à nossa causa, como você adequadamente diz."

"Sim, grandiosa."

"Agora vá, e traga-me notícias melhores."

O camponês se curvou profundamente e se apressou, sem esperar uma reverência de resposta, que não veio. Shosuro Maru bateu com força na mesa. Este era um obstáculo menor, mas ela sabia que o Mantis se tornaria maior se continuassem com esta besteira de 'defensores do povo'.

Maru também sabia que ela seria forçada a lidar com eles mais diretamente.

Dever e Honra

Escrito por Shawn Carman

Mirumoto Narumi visitava os templos ao redor do Império como parte de seus deveres como Magistrada de Esmeralda. Não era exatamente um dever, assim dizendo, mas viajar era algo sempre envolvido em seu trabalho, e sempre que se achava longe de casa, ela entrava num dos templos locais para se concentrar. Era dos pequenos rituais que praticava para ajudá-la a manter o foco e excelência em suas atividades. Ou ao menos, desempenhá-los de uma maneira que os outros considerassem excelente. Nisso, Narumi quase sentia certeza absoluta. Mesmo agora, no templo que deveria oferecê-la o conforto de que precisava, ela precisava calar seus medos, ela estava incerta.

"Bem-vinda, irmã."

A magistrada se virou e sorriu ao monge retido numa respeitosa reverência à sua direita. Ela se curvou também. "Obrigada, irmão," ela disse. "Não quis invadir. Espero que não esteja interrompendo suas meditações."

"Claro que não, Mirumoto-sama," respondeu o monge com um sorriso. "Mesmo que estivesse, diria que está no seu direito. Este templo é um tributo às suas

ações."

Narumi estranhou. Ela esperava que talvez nenhum dos monges a reconhecesse, e foi cautelosa para não vestir nada que tivesse o selo de Magistrado de Esmeralda quando partiu do oratório nesta manhã. "Como me conhece?" Ela perguntou. "Esta é minha primeira visita ao oratório."

O sorriso do monge se abriu. "Narumi-sama, você acha que um oratório construído em honra de suas conquistas seria estranho à sua visita? O abade tem uma bela pintura sua nos alojamentos dos irmãos. Você salvou seu monastério de um ataque de bandidos antes de sua ascensão à posição de irmão cabeça aqui. Ele é um tremendo admirador seu e de seu trabalho."

Narumi sentiu seu rosto esquentar. "Estou lisonjeada, mas não acho que mereça tamanha admiração."

"A mereceria se desejasse?" Perguntou o monge. "Acho que não."

A magistrada sorriu levemente. "Às vezes penso que a Irmandade de Shinsei poderia instruir a ordem Togashi sobre o uso adequado de enigmas."

"Lhe agradeço," respondeu o monge com uma reverência. "Posso lhe perguntar a que devemos a honra de sua presença nesta manhã gloriosa?"

O sorriso de Narumi diminuiu, e ela respirou fundo. "Fui dispensada para visitar minha família antes de voltar aos meus deveres a serviço do novo Campeão de Esmeralda," ela disse. "Retornei para casa, apenas brevemente, apesar de ter pouco de minha família restante."

O monge folgou suas mãos em suas mangas. "Seu comportamento demonstra incerteza, irmã. O que lhe perturba? Seus deveres mudaram?"

"Não. Ao menos acho que não." Narumi olhou para suas mãos. "Não creio que Shosuro Jimen será da mesma maneira que Yasuki Hachi era."

"Nenhum homem pode caminhar os passos de outro, mesmo se este caminho é um que ele deseje para si," disse o monge de uma maneira previsivelmente enigmática.

Narumi sorriu. "Não é bem isso que eu quis dizer."

O monge se sentou. "Explique, se isso for aliviar seu fardo."

Ela hesitou por um momento. "Cumpro meus deveres, sim, eu cumpro," ela começou lentamente, "mas há vezes em que sou forçada a fazer algo... Que nunca desejaria fazer. Meu dever não me permite fazer outra coisa."

"Uma escolha difícil que todo samurai deve fazer em algum ponto de sua vida," disse o monge. "De fato, muitos que não são samurais devem reconciliar tal coisa."

"Talvez seja mais fácil para eles," disse Narumi. "é um fardo terrível."

"Aliviaria sua dor se falasse disso," disse o monge. "Você está em liberdade para isso?"

Narumi franziu-se, e então lembrou-se.

Um ano atrás, províncias Seppun...

A simples porta de madeira rachou quando Narumi a arrombou, espada sacada. A luz do sol fluía o telhado da construção iluminando três figuras lá dentro. "Esperem!" gritou um. "Por favor, não! Você não compreende!"

Um dos três investiu para frente, uma ferramenta agrícola segurada como arma. Praguejando desavisadamente, Narumi matou o homem sem hesitação, então segurou sua espada ao comprimento de um braço, sua ponta na garganta do homem que havia falado. "Renda-se," ela disse.

"Sim," ele engasgou. "Sim, claro, minha lady. Por favor, isso tudo é um mal-entendido! Você tem que acreditar em mim!"

"Ele está lá?" Uma voz impetuosa exigiu do lado de fora.

Narumi sorriu. "Hai, meu senhor."

"Traga-o para fora. Deixe-me ver o traidor nojento."

Narumi apontou com a cabeça em direção à porta, e o homem obviamente em pânico relutantemente caminhou para fora. Fora da tenda, dois guardas Seppun pesadamente armadurados seguravam o segundo dos três homens de dentro da tenda. Sua parceira, Kuni Yaruko dos Magistrados de Jade, se levantou desconfortavelmente. "Este é o homem que ousou tomar parte numa conspiração para tomar o trono?"

Narumi inclinou sua cabeça ao homem sobre o cavalo, cujos mantos Imperiais tremulavam levemente na brisa. "Este é o homem que você nos mandou prender, meu senhor."

"Como ousa insultar meu patrimônio cometendo ato tão vil em minhas terras?" Cuspiu o nobre. "Você é uma desgraça! Uma abominação! Você e sua prole retornarão ao Reino da Espera como eta, ou pior!"

"Meu senhor, por favor!" Rugiu Seppun Shogo. "Você não é nada senão um criminoso! Blasfemo!" Uma luz pareceu surgir em seus olhos. "E um maho-tsukai!"

"O que?" disse o homem, claramente confuso.

Os olhos de Yaruko se escureceram, e ela fechou seus punhos enquanto olhava o homem. "Caranguejo!" Comandou Shogo. "Destrua essa abominação!"

Yaruko curvou-se e sussurrou sob sua respiração. Narumi viu fogos-fátuos de energia verde começarem a se enrolar ao redor de seus punhos, e então repentinamente pararam. Yaruko abriu seus olhos e pareceu confusa. "Meu senhor, este homem não possui a Mácula."

"O que?" exigiu Shogo. "Besteira!"

"Me desculpe, meu senhor, mas o feitiço não funciona sobre aqueles sem a Mácula."

"Eu o vi usar maho com meus próprios olhos!" Rugiu Shogo. "Ofereço meu testemunho como membro sênior da família Seppun, e você ousa me refutar?"

"Só posso fazer o que os kamis me dizem," disse Yaruko.

"Ela é uma conspiradora!" rugiu Shogo. "Prendam-na."

Mais três Seppun caminharam para frente e agarraram Yaruko com força. Os olhos de Narumi se estarreceram. "Meu senhor, por favor," ela começou.

"Mirumoto Narumi," disse Shogo calmamente. "Você é uma Magistrada de Esmeralda, ordenada pelo próprio Asahina Sekawa para me ajudar a resolver esta questão. Estou dando meu testemunho formal de que este homem é um traidor ao trono e um maho-tsukai. Lhe comando a executá-lo."

Narumi olhou para o homem, cujos olhos estavam cheios de terror e confusão. Ela sabia em seu coração que este homem não havia feito tal coisa.

"Sua amiga é uma shugenja talentosa," disse Shogo, sua voz ainda mais baixa. "Ainda assim, os Kuni não são infalíveis. Estou certo que este assunto é um simples mal entendido. Se este homem viver, é claro, estou certo que confessará estar conspirando com Yaruko, e não terei escolha senão ordenar a execução dela também." Ele pausou por um momento. "Diga-me, Narumi... O quão importante é o seu dever?"

"Não posso falar disso," disse Narumi depois de uns momentos de silêncio. "Estou presa por minha palavra de honra a não fazê-lo."

"Claro," disse o monge com uma reverência. "Perdoe-me, não deveria ter perguntado. Ainda assim, é claro que há vezes em que seu dever pesa muito sobre você."

"Raramente," confessou Narumi. "Em sua maioria, considero meus deveres uma bênção. Eles são meu propósito, minha função. Eles são os meios pelos quais sirvo minha família e clã, e os meios pelos quais cumpro meu papel na Ordem Celestial. Eles são de grande conforto para mim."

O monge sorriu. "E ainda assim se sente indigna de ser tão honrada, como esteve no templo?"

"Sinto," ela disse. "É difícil explicar."

"Conforte-se no fato de que você não é a única pessoa a ser tão honrada, irmã," disse o monge. "Muitos heróis do Dragão foram honrados, mas nenhum tanto quanto um de seus predecessores, Mirumoto Taki." O monge curvou sua cabeça reverentemente. "Temo que ele carregou um fardo muito maior que o seu, e continua a fazê-lo."

"Taki?" disse Narumi, seu tom foi de espanto. "Ele ainda vive?"

"De certa maneira," disse o monge num tom sombrio. "Deixe-me contar de suas viagens."

A Corrida a Volturnum, há muito tempo

O guerreiro Dragão liberou suas espadas da coisa que havia acabado de matar e se virou para matar outra como ela. Ele não tinha idéia do que as coisas eram, e isso pouco importava para ele. Elas estavam em seu caminho. Elas precisavam ser destruídas. Ele matou centenas desde que entrou nas Terras Sombrias, talvez milhares. Seus músculos gritavam em dor durante o constante combate próximo da última semana, e ainda assim ele não se continha. Outro de seus inimigos caiu diante dele, e outro, e outro. O progresso era interminável.

"Mestre Taki!"

A voz o estremeceu no nevoeiro assassino que estava ao redor dele. Taki piscou e olhou em volta. Ele estava cercado pelas formas mortas e moribundas de seus inimigos, encharcado pelo sangue que escorria de seu peito. Quando o veio mortífero subiu, ele gemeu à dor que torcia seus membros. Ele percebeu enquanto olhava neutro ao jovem soldado que se aproximava e que não podia lembrar seu nome. "O que é?"

"Sensei, perdemos quatro homens nesta onda."

Taki cuspiu no chão e praguejou. "Os corpos?" ele perguntou.

O jovem soldado mexeu a cabeça e olhou para longe. Os outros se reuniram em volta deles, e Taki podia ver os fabulosos sinais de desespero em suas faces. Quando eles entraram nas Terras Sombrias com os outros exércitos, havia centenas deles. Agora, eles eram apenas dúzias, e quase sempre estavam enfrentando os homens que estavam andando ao lado deles dias antes. "Perdemos muitos bons amigos," ele disse, quase para si.

"Muitos," alguns murmuraram entre eles. Suas palavras foram respondidas com chorosos concordâncias, e mais de um homem colocou a mão no rosto para esconder sua tristeza.

Taki sorriu. Seus olhos estavam à beira de se derrotarem. "Não mais," ele disse em voz alta. "Nem mais uma alma."

Um de seus oficiais olhou para ele confusão. "Meu senhor, está sugerindo...

Para nos retirarmos?"

"Não," disse Taki de uma vez. "Não nos retiraremos. Não nos renderemos. Digo isso a vocês, irmãos: enquanto estiver no comando, nenhum de vocês será pego. Não pelas Terras Sombrias, e não pelas sombras malditas que nos infectam. Nenhum entre nós será pego. Lhes dou minha palavra de honra."

Um raio de esperança passou pelos homens, mas não todos eles. "Meu senhor, como pode prometer tal coisa?"

Taki encarou o homem que falou com um olhar que poderia despedaçar o aço. "Você duvida de mim?" ele perguntou. "Duvida de minha palavra de honra?"

"Não," a resposta veio instantaneamente. "Não, sensei."

"Então saquem suas espadas," ordenou Taki. "Hoje podemos morrer, mas suas almas não ficarão neste lugar sombrio. Isso eu prometo a vocês, meus irmãos. Se morrerem aqui, vocês morrem como heróis, e vocês podem continuar mortos, que seus filhos e filhas honrarão suas memórias." Ele ergueu sua espada para o alto. "Quem está comigo?"

O grito de guerra do Dragão ressoou pelas colinas enquanto os homens corriam para se juntarem aos outros exércitos em sua lenta e inexorável marcha pelas Terras Sombrias.

Três dias depois, o voto de Taki foi mantido. Todos os homens que haviam caído foram queimados ou decapitados, garantindo que não haveria nada sobrando para que seus inimigos pegassem. No terceiro dia, Taki recebeu ordens para fazer uma escolta ao longo do flanco sul, e ele pegou seus homens e alguns dos outros para cumprir seus deveres. Eles estavam se movendo o mais calmamente possível pela série de baixos e pontudos arbustos que pareciam ser de pedra vermelho-sangue quando um de seus homens gesticulou desesperadamente por sua atenção.

"O que é?" ele sussurrou. Ele se lembrou que o nome do batedor era Mitoru.

A face de Mitoru estava tão branca como a neve. Ele não disse nada, mas apontou para o sul. Taki seguiu o seu dedo e piscou, parecia que talvez houvesse uma nuvem de fumaça no horizonte, mas nada mais. "Não posso ver nada," ele praguejou.

De todos os homens, Mitoru tinha a reputação de ser o melhor batedor apesar de sua jovem idade, se baseando primeiramente em sua aguçada visão. Taki nunca tinha visto nada como isso em todos os alunos que treinou. "É... É um exército, sensei."

"Um exército?" Taki olhou de novo, e decidiu que as nuvens estavam um pouco maior. "Que tipo de exército?"

"Demônios," sussurrou o jovem. "Dúzias, talvez centenas. Eles estão num curso para interceptar o exército principal."

Taki praguejou de novo e olhou em volta. Ele apontou para o oficial Escorpião se aproximar, então apontou para o horizonte para o homem.

O Bayushi piscou da mesma maneira que Taki. "Para o que estou olhando?" Ele perguntou.

"Uma onda fresca," disse Taki, "rumando para a força principal."

O Escorpião arregalou seus olhos. "Estamos muito perto. Se atacarem a força principal seremos atrasados, e não alcançaremos a cidade a tempo." Ele se virou para Taki. "Isso não pode ser permitido."

"Concordo," disse Taki. "Você tem uma recomendação de como diminuir a velocidade de tantos? Um confronto direto resultará em nossas mortes, e eles continuarão a seu destino praticamente desimpedidos."

O Escorpião olhou em volta e franziu-se. "Batedor, há alguma área de terreno superior levando diretamente a terreno inferior próxima daqui? Algo no caminho deles, a que possamos chegar antes deles."

Mitoru piscou franzindo-se, então apontou para o leste. "Há um morro que eles cruzarão. Está a cerca de doze pés. Não é um obstáculo significativo o bastante para que evitem."

"Prepare seus homens," sentenciou o Escorpião. "Precisamos estar contra a base da montanha o mais rápido possível."

Taki gesticulou para que seus homens se levantassem, mas lançou um olhar curioso ao Escorpião. "Que tipo de oficial é você?" ele perguntou.

Bayushi Hisa ergueu uma sobrancelha. "Quem lhe disse que sou um oficial, mestre sensei?" e com isso, ele se pôs a marchar com suas próprias forças, deixando Taki confuso.

O Dragão e o Escorpião chegaram ao cume do morro meros momentos antes da horda de onis ficassem à vista. Mesmo enquanto assumiam suas posições, eles podiam ouvir a trovejante aproximação à distância. "Espadas, lanças, naginatas!" Gritou o Escorpião. "O quer que tenham! Quando saltarem sobre nós, abram as barrigas deles!"

"Isso não vai pará-los," gritou Taki, preparando sua espada.

"Não é preciso pará-los," disse Hisa. "Só é preciso diminuir seus números para que possamos segurá-los o bastante. É um pequeno preço a pagar, se alguém quer morrer."

"Você é um Escorpião peculiar," observou Taki.

"Acho os estereótipos chatos," disse Hisa secamente. "Por que não mudar de um dia para o outro? É muito mais interessante. Agora quieto!"

Taki ergueu sua espada prontamente, esperando para que o trovão chegasse. Ficava cada vez mais alto até que finalmente o barranco mexeu com a aproximação deles. "Prontos!" gritou Hisa. E então o sol sumiu quando as grandes formas de demônios saltaram pelo espaço entre o topo do morro e a planície abaixo. Com um grito gutural, Taki saltou para frente e golpeou com suas duas espadas, cortando a fundo a carne do estômago de um oni. Suas vísceras choviam sobre eles como uma cachoeira, mas Taki não parou, ele continuou atacando de novo e de novo, a cada uma das formas que saltavam sobre o morro.

Os corpos dos demônios se contorciam em dor, até que aqueles que o seguiam atrás deles foram batendo nesses, espalhando-os em todas as direções. O Dragão e o Escorpião estavam por todo lugar, rasgando demônios onde quer que se erguessem, fendendo aqueles que voavam no ar. Sangue corria como um rio, até que Taki estava até a canela nele.

À sua direita, um samurai Dragão caiu às garras de um oni. Taki despachou o demônio e então reclamou a cabeça de seu irmão caído. À esquerda, um cenário similar se mostrou, e Taki virou sua atenção para ele também. Taki se perdeu no nevoeiro de morte, suas espadas se moviam por si próprias.

Alguém gritou em seu ouvido com a voz de um Escorpião. "Vou avisar os exércitos!" gritou Hisa. "Siga se puder!"

Havia alguns Dragões restando, e os onis continuavam a vir em ondas, apesar de bem menos que antes. Taki e seus homens lutavam de costas um para o outro, aço cortando carne uma após a outra. Ele considerou ordenar uma retirada, mas Taki sabia que se o fizesse seus homens perderiam e seu voto seria quebrado. Ele não permitiria isso. "À morte!" ele gritou, sentindo seu sangue queimar por uma dúzia de feridas em todo o seu corpo. "Sem falhas!"

Um após o outro, os Dragões caíram, até que só Taki restava. Ele não parava, ele não hesitava, até que finalmente um último dos demônios caiu sobre ele com um golpe em sua cabeça. O que restava dos demônios era muito pouco para enfrentar o exército de samurais, então os demônios se contentaram em carregar o que restou do alvo em condição de ser de futuro serviço.

A forma inconsciente e sangrenta de Mirumoto Taki desapareceu nas profundezas das Terras Sombrias, dilacerada nas mandíbulas de um demônio.

"Uma decisão difícil," disse Narumi. "Espero que tenha tal força, caso esteja em posição similar."

Taki se sacrifiou para manter sua palavra de honra. Foi mais importante que sua própria vida. Talvez seu fim não tenha sido como ele desejou, mas sua honra lhe deu uma vida maior que talvez qualquer um de sua geração, e ele é lembrado como um herói por causa dela."

Narumi franziu-se. "Suas ações não negam seu juramento?"

"Você ficaria surpresa com os relatos que recebemos," respondeu o homem.

Terras Sombrias, dois anos atrás

Daigotsu Taki olhou aos restos do grupo de batedores com nojo. Só dois deles sobreviveram, e apesar de terem matado a besta que os perturbava, os mortos eram ainda mais numerosos. "Patético," ele desdenhou, calor e fumaça saíam de sua respiração em sua raiva. "Isso é o melhor que o Dragão pode reunir nesses tempos?"

Um dos batedores encarou seus olhos sem medo. "Não tememos as Terras Sombrias. Não nos escondemos nas sombras como vocês, atacando ao Caranguejo quando suas costas estão viradas. O Dragão reforça seus aliados com seu serviço, e nos lembramos que temos honra!"

Taki sorriu. Ele pegou a bolsa de um Hiruma caído e espalhou seus conteúdos no chão. Entre eles estava um dedo de jade, que Taki pegou. Nuvens de fumaça saíam de seus dedos ao fazê-lo, mas nenhuma expressão de dor cruzou sua face. "Pegue isso em sua palma," ele comandou ao batedor que falou, e jogou para ele.

O batedor olhou para ele com curiosidade, então o fez. Quando ele jogou a jade fora, não havia marca em sua palma.

Taki assentiu ao segundo. "Agora ele."

O segundo pegou a jade com uma mão trêmula, sua outra mão segurava uma terrível ferida no ombro. Ele segurou a jade em sua mão aberta apenas por um momento, e então a tirou. Onde ela estava, havia uma pequena linha vermelha, como se tivesse tocado em algo quente.

Taki apontou ao primeiro batedor. "Saia. Diga aos outros que qualquer patrulha que se aventure tão ao sul será destruída a um homem. Minha misericórdia não será dada tão gratuitamente no futuro."

"O que?" Perguntou o batedor. "Você... Você está me deixando ir?"

"Você ainda é puro," disse o sensei, sacando sua espada. "Saia agora."

"E quanto ao meu primo?" Exigiu o batedor, apontando ao outro homem.

Taki fez um corte rápido, que fez o sangue jorrar para cima numa poça grotesca. "Ele não é puro." Ele embainhou sua espada sem limpar o sangue. "Agora saia, ou mudarei de idéia."

Narumi não disse nada por algum tempo. "Ele ainda honra seu voto, então," ela ofereceu calmamente.

"Assim somos levados a acreditar, sim," respondeu o monge. "E só por isso, a

memória do homem que Daigotsu Taki uma vez foi, é digna de um oratório."

Narumi assentiu. "Uma virtude é uma força, mesmo que às vezes leve a um final ruim." Ela curvou-se ao monge. "Obrigado, irmão. Gostaria de ficar mais, mas temo que meus deveres exijam minha atenção."

Ela se levantou e começou a reunir seus pertences, o monge sorriu abertamente. "Sabia que o faria, irmã."

Pertences

Escrito por Nancy Sauer

Kuni Umibe se sentou em seus joelhos e suprimiu um suspiro. Porém, foi difícil completar o círculo e escrever os encantos nele, ele se lembrava pouco, era trivial comparado ao que faria em seguida. Ele não se permitia demonstrar nenhum sinal de fraqueza agora. Ele se ergueu, sacudiu a poeira de seu kimono e caminhou ao centro do círculo. Era pequeno, não maior que o jardim de vegetais de um camponês, mas era o maior que ele ousou.

Ao seu redor estava a fraca mata das terras Hiruma. Centenas de anos atrás, as forças das Terras Sombrias reclamaram essas terras e as da família Kuni. O Caranguejo recuperou as terras Kuni rapidamente, e os shugenjas da família Kuni usaram suas perícias nas magias de Terra pra libertar suas terras da Mácula, fazendo uma planície espiritualmente morta. Uma geração atrás as terras Hiruma foram retomadas, e os Kuni começaram o processo de limpar estas terras também. E agora, eles estavam prestes a fazerem mais.

Umibe se ajoelhou no centro do círculo e se inclinou para frente para pôr sua mão no chão. Normalmente ele seria capaz de ouvir a silenciosa fala dos kamis: terra em sua maioria, com outros elementos balanceados numa mistura harmônica. Mas aqui não havia nada senão silêncio. Umibe sorriu e então começou a orar. Primeiramente sem efeito, mas então ele começou a sentir dor. Era como um calor borbulhante seguido de aço partindo sua carne, mas vinha de seu corpo todo, e não de uma parte dele. A dor aumentou até que Umibe mexesse seus dedos e se agarrasse à terra para manter seu foco, mas não parasse de orar. Abruptamente a dor se seguiu de frieza, e o Kuni caiu para frente enquanto sua mente se embolava depois da palavra que ele precisava dizer. Uma após a outra ele as dizia, cada uma o deixando mais frio e um pouco mais vazio. Seus dedos mal podiam sentir os tufos de terra que agarravam, e ele não tinha idéia do que havia acontecido com seus pés, mas Umibe continuava.

A tontura se espalhou pelos seus braços e sua visão escureceu quando terminou. Umibe caiu engasgando de lado. Eventualmente, sua força — ou ao menos, parte dela — retornava a ele, mas por agora ele se sentia tão fraco quanto uma criança jovem. Ele ouvia, e o chão abaixo dele sussurrava com fracos tentáculos de curiosidade enquanto os kamis investigavam este pedaço de terra que repentinamente apareceu aos seus sentidos. Umibe se agarrou com força. Ele era um homem quebrado agora, diminuído pela parte de sua alma perdida para este lugar, mas ele viveria agora. Ele fechou os olhos e deixou os raios de Lorde Sol aquecê-lo. Era uma frágil e pequena vitória, mas era o bastante.

Ele ficou lá, se aquecendo na luz do sol e na vitória até que a aproximação de um estranho som o trouxesse de volta ao presente. Ele abriu seus olhos e olhou para cima. Cima. Cima. Gigantesco sobre ele estava algo que da cintura para cima parecia um homem de cabelos escuros e pele verde que segurava uma grande pérola dourada. Da cintura para baixo, parecia como a maior cobra que Umibe já vira. Ele olhou com vergonha, paralisado com sua primeira visão de um dos lendários Nagas.

Os dois se olharam, e então o Naga polidamente se abaixou ao chão, pondo sua cabeça à mesma altura de Umibe. "Sou Zamalesh," ele anunciou. "Você é um dos hu-umanos conhecidos como os Kuni?"

Umibe assentiu. Então se lembrando que o gesto provavelmente não significava nada para o Naga, e então falou. "Sim, sou Umibe, da família Kuni. O que está fazendo aqui?"

O Naga ergueu a pérola que carregava, perto o bastante de Umibe para que o shugenja visse ondas verdes se formando e desaparecendo em suas profundezas douradas. "Caço o Jerish," ele disse.

Hida Fubatsu se ajoelhou formalmente perante o daimyo Hiruma. Ele expôs um manuscrito atado com faixas azul escuro e cinza à sua esquerda, e então se ajoelhou para encostar sua testa no chão. "Lorde Hiruma," ele disse solenemente, "Apresento minha petição para ser admitido na Escola Hiruma para treinamento."

"Não," disse Hiruma Todori.

Fubatsu bateu sua mão direita no chão e se sentou. "Por que não?" Ele exigiu. "Meu bisavô foi um Hiruma! Meu pai marchou às Terras Sombrias com Lorde Yakamo para retomar Shiro Hiruma! Por que não posso treinar aqui?"

"Aponte-me alguém neste clã que não tem um ancestral Hiruma, ou um parente que ajudou a retomar Shiro Hiruma." Todori apontou ao canto da sala que usava como escritório, indicando várias cestas cheias com manuscritos atados com as mesmas faixas em combinações de azul escuro, cinza ou vermelho. "Desde que achamos os manuscritos da escola, tenho estado cheio de petições de treino na Escola Hiruma. E ainda nem construímos um dojô!"

"Todori-sama," disse Fubatsu. "Posso ver o quanto isso pode ser problemático, mas você ainda não me viu em combate. Você deve saber que traria glória à sua escola."

"Eu o vi," disse Todori. "Yagimaki disse que não me arrependeria de tê-lo aqui, e ele estava certo. Até hoje." Antes que o jovem homem pudesse reagir ele se inclinou para frente e olhou para o Hida. "Você diz que traria glória à minha escola. Como posso acreditar nisso, sabendo o quão rápido você foi em abandonar sua primeira escola? Se você é um bom bushi agora é porque seu sensei Hida o fez um — ainda assim você jogaria fora seus ensinamentos como lixo. É assim que honra seu pai? E seu bisavô?"

"Não!" Disse Fubatsu. "Todori-sama, não é isso!" Ele ficou quieto por um momento. "Sou eu, Todori-sama. Não há faltas na escola Hida, e não há melhores professores que meus sensei. A falta está em mim, não neles. Estou procurando por algo, e não sei o que é."

"O que quer que seja," disse Todori, "você não encontrará aqui." Sua voz tinha o grave tom de encerramento.

Fubatsu se curvou tristemente e saiu. Ele caminhou rapidamente pelos corredores do castelo e estava quase no pátio quando ouviu uma voz familiar chamar o seu nome. Ele foi tentado em ignorá-la — Hiruma Aya foi admitida na escola que foi negada a ele — mas isso era pouco. Ele parou e esperou para que ela o alcançasse.

"Finalmente," ela disse. "Você sabe há quanto tempo estou tentando chamar sua atenção?"

"Você deveria ter corrido," disse Fubatsu.

"Dentro do castelo? Isso é rude." Ela fez um gesto de dispensa. "Está em dever?"

"Não," Fubatsu disse. "E não estou interessado em companhia."

Ela deu a ele um olhar avaliativo. "Estava pensando que você ia falar com Todori hoje. Venha comigo, tudo está preparado."

"Quero ficar sozinho," ele disse, e se virou para ir embora.

Aya deu dois passos rápidos e se colocou em seu caminho. "Essas são terras do Caranguejo agora, mas ainda estamos cercados pelas Terras Sombrias. Você acha que está indo lá fora ser isca de kansen?" Ela mexeu sua cabeça. "Tama está bebendo algo. Não me faça fazê-lo cooperar."

O semblante de Fubatsu se aliviou um pouco. "Isso é uma ameaça."

"Também achei." Ela girou sobre o calcanhar e começou a andar. "Por aqui."

Hiruma Tama reservou uma sala ao lado das dependências internas do castelo. Fubatsu olhou para o elegante e austero jardim de pedras e sentiu um pouco de sua tensão sair. Ele escolheu um local que o permitia ver o jardim e se sentou.

"Imo Hana Mura Cinco Estrelas," disse Tama enquanto destampava a garrafa. Ela tomou um gole, e então passou a garrafa para Aya. Aya tomou um pequeno gole e engasgou. "Você deveria beber shochu, não removedor de laquê," ela disse. Passando a garrafa para Fubatsu, que atenciosamente bebeu um pouco. Era forte e ardeu enquanto descia. Ele tomou um segundo e mais longo gole e passou a garrafa para Tama.

"Quantas garrafas você trouxe?" Ele perguntou.

"Duas," disse Tama.

"Não será o bastante," ele disse.

"Claro que será," ela disse. Ela bebeu de novo. "Aya é uma bebedora fraca. Um gole e ela estará debaixo da mesa, dois goles e ela estará debaixo-"

"Já que ainda não estou bêbada," disse Aya com dignidade. "Sou bem capaz de esmagar sua cara." Ela tomou outro gole cauteloso.

Tama riu e se virou para Fubatsu. "Você esteve na Carpa Salgada, quando ela e Kojima..." Sua voz cessou.

"Kojima?" Disse Fubatsu, confuso. O nome não significa nada para mim.

"Daidoji Kojima," disse Aya. Ela tomou um longo gole da garrafa.

"Aya," disse Tama após um momento, "você não tem que ir às Províncias Yasuki. Sempre precisamos de bushis aqui. Você poderia pedir ao seu senhor para ficar."

Aya tomou outro longo gole. "Meu senhor me ofereceu para me juntar às suas forças na guerra com a Garça. Não é minha posição avaliar seu julgamento." O gosto do shocu não escondia o brilho de seu tom.

"Me dê a garrafa," disse Fubatsu. Aya o entregou silenciosamente. Ele tomou outro gole e a passou para Tama. "Ouvi que há um Kuni e um Naga vagando por aí," ele disse.

Tama parecia grata pela mudança de assunto. "Os vi esta manhã," ela disse. "Eles estavam nas cozinhas. Umibe estava dizendo várias vezes que nenhum dos cozinheiros poderia ser um Jerish, mas o Naga estava esfregando sua pérola gigantesca em suas faces e os cozinheiros pareciam prontos a morrerem de terror dos dois. Temi pelo nosso almoço." Ela tomou outro gole e passou a bebida a diante.

"Por isso o arroz estava tão ruim," disse Aya pensativamente. Ela passou a garrafa para Fubatsu.

"Coisa de shugenja," ele disse. E tomou outro gole. "Me dê algo que possa acertar; isso é tudo que posso dizer." As duas Hiruma assentiram em concordância, e a conversa passou por outras coisas.

Umibe estava no limite de sua mente. Ele passou o dia inteiro seguindo Zama-

lesh enquanto o Naga continuava sua caçada e tentava consertar a interrupção que se seguia atrás dele. Agora ele continuava, e o Kuni estava desesperadamente com medo de que Zamalesh perceberia que o jantar seria preparado por uma equipe diferente de cozinheiros. Ele estava prestes a sugerir que parassem por hoje quando Zamalesh deu um alto sibilo e correu. Antes que Umibe fizesse uma pergunta ao Naga ele se virou e desapareceu num corredor anexo. O Kuni xingou todos os Nagas e correu atrás dele.

Ele passou pelo corredor, pausou para pegar seus pertences, e então rumou na direção de onde podia ouvir vozes. Umibe contornou o canto e achou Zamalesh. O Naga não estava sozinho: ele parecia ter encurralado um Hida numa parede, e havia duas mulheres Hiruma confusas avaliando a situação. Uma delas chamou a visão de Umibe e curvou-se. "Kuni-sama," ela disse, "isto é um problema?" Ela apontou para o Naga.

"É um problema!" Gritou o Hida atrás do corpo do Naga.

"Umibe-Kuni," disse Zamalesh, "encontrei o Jerish."

"Mesmo?" disse Umibe. "Tem certeza?"

O Naga se virou e ergueu a pérola que carregava. Agora ela era verde brilhoso e lustroso, o verde das coisas novas crescendo. Umibe olhou para aquilo. "Hida-san," ele disse lentamente, "você precisa vir conosco."

"Fubatsu é o Jerish?" disse Todori. Ele olhou do Hida ao Kuni e para o Naga de novo.

"Sssssim," disse Zamalesh, parecendo feliz consigo mesmo.

"O que é um Jerish?" Perguntou Fubatsu.

"O Jerish foi o terror dos Ashalan," disse Zamalesh. "Ele matou muitos em combate simples, incentivando os exércitos que liderava."

"O Jerish foi um dos grandes guerreiros dos Naga," disse Umibe. "Ele entrou no primeiro Grande Sono anos atrás, mas morreu quando a Cidade de Nirukti foi destruída a comando do décimo primeiro Hantei."

"Mas o que isso tem haver comigo?" Disse Fubatsu.

"Você é o Jerish," disse Zamalesh.

"Isso é, você tem a alma dele," disse Umibe.

"Isso é impossível," disse Fubatsu.

"Por quê?" Disse Umibe. "Todos vamos e voltamos na Roda. Antes de hoje você não saberia se anteriormente foi um eta, ou uma minhoca."

Fubatsu estranhou a idéa de ter sido um eta. "Mas os Naga não reencarnam como pessoas," ele protestou. "Eles têm aquela coisa de Akasha."

"O Jerish está ausente de Akasha," disse Zamalesh. "O Qolsa passou várias horas em estudo e meditação para determinar o que houve com ele. Ele determinou que ele, e talvez outros, renasceram como hu-umanos."

"Então você o encontrou," disse Todori. "E agora?"

"O Jerish deve retornar para a Floresta Shinomen," disse Zamalesh. "Ele é preciso para ajudar a proteger aqueles que dormem. O Unicórnio não enviará mais guardas, e os Nezumi se foram. Além disso, o Qolsa desejará estudá-lo."

"Claro," disse Todori. Ele viu o olhar de ultraje que Fubatsu o deu e o ignorou. "Umibe, quero que escreva um relatório a Kuon-sama sobre isso. Zamalesh-san, apreciaria se fosse e ajudasse Umibe."

"Sim, Hiruma-sama," disse Umibe. Zamalesh simplesmente lhe deu uma reverência e seguiu o Kuni para fora.

"Floresta Shinomen!" Explodiu Fubatsu assim que saiu.

"Sim," disse Todori calmamente.

"Mas a Muralha! A Guerra Yasuki! Você está me enviando para uma floresta no meio do nada?"

"A Shinomen é no meio de tudo," disse Todori. "Você irá e ajudará os Nagas a protegerem sua floresta. E enquanto está lá, você fará notas de todo o movimento de tropas do Unicórnio e do Escorpião por lá, e enviará notícias para nós de qualquer coisa especialmente interessante."

Fubatsu ficou em silêncio. Mas dessa maneira, fazia um perfeito sentido. "Todori-sama, se eu me sair bem serei admitido na escola Hiruma?"

"Não," disse Todori. "Comece a juntar suas coisas; a julgar pelo seu comportamento esta manhã, Zamalesh vai querer ir embora enquanto a tinta no relatório de Umibe ainda seca."

Fubatsu curvou-se e saiu do escritório de Todori. Fora do corredor e parou e respirou fundo, tentando absorver o que acabou de acontecer com ele. Ele soube que tinha a alma de um Naga. Isso era esquisito, mas sua alma tinha que ter sido algo antes desta vida, e havia muitas coisas piores do que ser um herói Naga. Então ele foi ordenado a ser enviado a uma vasta, misteriosa e letal floresta para ajudar um antigo e isolado povo a se protegerem de intrusos. E vigiar um clã que uma vez foi um amigo e em outra um inimigo, por precaução. Fubatsu se viu partindo um sorriso. Era um desafio de uma vida e talvez, só talvez, o que estava esperando. Ele começou a ir em direção à sua sala e reunir suas coisas.

Ensaios do Império, Parte 3

Escrito por Rusty Priske

"Não entendo porque está aqui." A frase de Kaiu Sadao foi direta, apesar de direcionada a alguém não acostumada a objetividade.

Bayushi Kurumi não se intimidou com a pergunta. "Nossos clãs estiveram em guerra, mas não agora. Quem sabe o quanto a paz pode durar e não quero perder a oportunidade de visitar novos amigos."

Sadao pigarreou. "Você tem amigos entre o Caranguejo?"

Kurumi ignorou sua expressão e sorriu lindamente. "Tenho agora." O sorriso sumiu para ser substituído por lábios sedutores. "Não tenho?"

O Kaiu pareceu tentar se conter com a visão, mas relaxou ao suspirar. "Então, como posso ajudá-la?"

"Ouvi dizer que você poderia me orientar por um passeio na Muralha Kaiu."

A zanga retornou, apesar de não tão profunda como antes. "Por que você iria querer um passeio pela Muralha?"

Kurumi sorriu de novo, mas dessa vez ele parecia mais natural. Seus olhos brilhavam por trás de sua máscara delicada. "Se eu puder ser honesta, Kaiu-san, é algo que sinto a necessidade de fazer." O sorriso lentamente se diminuiu e então desapareceu. "Neste tempo de... Dificuldade... Tenho estado muito incomodada. Tenho tido pesadelos e nada nas cortes tem me dado descanso."

"Pesadelos?"

"Tenho visto coisas escuras atacando Rokugan. Tenho medo do que se espreita atrás da Muralha Kaiu. Sei em meu coração que estou segura, mas..." Ela parou.

Sadao reprimiu o impulso de pegá-la em seus braços para confortá-la. Ela tinha um jeito que o fazia querer protegê-la. "Posso lhe garantir, Bayushi-san, que você está muito segura em Rokugan. O Caranguejo não deixará nada passar pela Muralha."

Ela sorriu, mas com o incômodo ainda em seus olhos. "Sei disso em minha cabeça, Sadao-san, mas meu coração precisa de mais. Pensei que se viesse e visse a Muralha por mim mesma, e testemunhasse a bravura do Caranguejo, estaria mais capaz de aproveitar o calor de minha cama sem temer por minha segurança."

Sadao pausou, e então disse: "Acho que posso ajudar nisso, Kurumi-san."

Mirumoto Ichizo executou seu kata um pouco mais rápido que o normal. Havia algo irritando-o, um sentimento de urgência que ele não podia identificar. Quando terminou, ele esperou um momento antes de começá-lo de novo, desta vez com a paz correta.

Ichizo sentiu outra pessoa entrando no dojô, mas não sentiu malícia nela, então continuou sua prática, acreditando que nenhuma ameaça entraria no Dojô Mirumoto, no fundo do coração das Montanhas Dragão.

Enquanto terminava, uma voz feminina quebrou o silêncio. "Sua técnica é muito boa. Seu sensei lhe ensinou bem."

Ichizo se virou para ver a recém-chegada e se curvou profundamente ao ver quem era. "Masae-sama. Estou muito honrado com suas palavras."

Mirumoto Masae se moveu em direção à estante de bokkens ao lado da porta. "Esperava treinar também. Gostaria de me ajudar, Ichizo-san?"

Ichizo se curvou de novo. "Treinar com a Guardiã do Ar seria uma grande honra, Masae-sama, mas você tem certeza de que não gostaria de treinar com alguém mais experiente? Não creio que seja desafio o suficiente para uma guerreira como você."

Masae sorriu. "Se ouviu grandes histórias de minhas glórias no campo de batalha, elas foram exageradas, Ichizo-san. De fato, tenho pouco tempo para treinar como parte de meus deveres, então estou um pouco fora de forma. Exatamente por isso eu procurei um dojô Mirumoto sempre que meu caminho se cruza com um."

"Neste caso, minha lady, creio que serei um desafio para você."

"Ouvi histórias da Muralha Kaiu, mas não estava preparada para o seu tamanho. A grande magnitude dela é simplesmente incrível."

Sadao sorriu abertamente. Kurumi despiu sua reserva com seu charme e entusiasmo. "A engenharia dela é o maior feito na história de Rokugan. Pode pensar em algo que possa se comparar?"

Kurumi mexeu sua cabeça. "Antes de vir aqui pensei que nossos avanços culturais teriam sido nosso maior triunfo, mas posso ver agora que estava errada. Todos de Rokugan devem aos Kaiu por tudo que têm feito." Ela esperou, permitindo que Sadao absorvesse seus elogios antes de continuar. "Agora, os Hida que vimos guardando os quartéis..."

Sadao interrompeu. "Mais do que Hida ficam na Muralha. Todos os Caranguejos cumprem seus deveres aqui."

Kurumi assentiu. "Minhas desculpas, Sadao-san. Nunca impugnaria o dever de sua família. Só estou surpresa que os Kaiu também caminhem no topo da Muralha quando são designados a consertá-la. Os deveres de sua família são vastos."

"São. Os Kaiu são bem adequados para tais tarefas, aliás, pois somos tanto

guerreiros como engenheiros. Ajudamos no passado, cuidando da Muralha, mas esses dias se foram. Você ouviu dos Nezumi que vivem dentro da Muralha?"

Os olhos de Kurumi se abriram com interesse. "Não. Dentro da Muralha?"

Sadao assentiu. "Sim. Eles não eram bem-vindos a princípio, mas começaram a nos ajudar a consertar e garantir a totalidade do interior. Eles foram de grande ajuda, até que saíram."

"Eles foram embora?"

"Todos eles, todos de uma vez. A história que ouvi diz que eles se juntaram a outros Nezumis enfrentando o Amanhã e todos eles morreram lá."

"Amanhã? O que é isso?"

"A ruína de sua raça, ou algo do tipo. Todos eles foram e todos morreram, o que me diz que suas profecias são verdadeiras."

"Profecias?"

Os olhos de Sadao brilharam. "Gostaria de vê-las?"

Kurumi sorriu. "Isso soa muito interessante. Tenho uma pergunta antes de irmos, aliás. Os Caranguejos na Muralha — este é o número normal? Vocês às vezes têm menos ou mais na Muralha?"

"Mais quando sabemos que há uma razão. Às vezes menos se estamos lutando em algum outro lugar. Não muito menos, aliás. O Caranguejo sabe onde seu verdadeiro dever está."

Assim que Sadao levou Kurumi às profundezas da Muralha, ele não notou o leve sorriso dela.

"Você foi muito modesto antes quando me falou de seu desafio, Ichizo-san."

Ichizo limpou o suor de seus olhos e retornou seus dois bokkens à estante. "Você é gentil, Masae-sama, mas é você quem foi modesta. Suas perícias não diminuíram afinal, como disse."

"Só estou grata por ter encontrado tal talentoso parceiro de treino. Alguns dojôs que visitei não têm ninguém treinando que fosse conveniente para mim. Outros apenas têm novatos. Ainda treino com eles, mas o desafio é menor."

A face de Ichizo permanecia plácida enquanto dizia, "Então, acho que foi sorte para mim ter vindo para este."

"Sorte de nós dois."

"Masae-sama, se posso ser tão ousado, estava pensando se poderia responder algo para mim."

"Se está em meu poder, eu o farei."

"Como aconteceu de você estar passando por este dojô em particular em suas viagens? E então, uma vez que você veio a este dojô quando resolvi treinar nele, como você veio a saber o meu nome?"

"Foi aqui que os Nezumis viveram. Eles se chamavam de 'Terceiro Bigode', apesar de não saber o que isso significa."

Kurumi enojou-se. "Eles não se preocupavam muito com limpeza, pelo que vejo."

Sadao riu. "Eles não eram sujos, não tanto. O ar não flui aqui. O que você cheira é mais mofo do que sujeira. Eles eram bagunceiros, porém. Sempre há coisas espalhadas por aí. Limpamos muitas delas. Uma vez que soubemos que se foram viemos aqui e encontramos um monte de lixo incidental que eles acumularam. Acho que eles viam como tesouro o que seria diferente do que todos nós veríamos."

"Então eles faziam reparos para vocês?"

"Mais ou menos. Eles faziam reparos eficazes, sim, mas não acho que realmente o faziam para nos ajudar. Eles apenas viam a Muralha como sua casa e tomaram medidas para que pudessem manter sua integridade. Não nego que foram úteis. Eles não eram Kaiu exatamente, mas ajudaram bastante."

"É muito ruim que tenham ido." A expressão na face de Kurumi mostrava que ela não concordava completamente com sua fala.

Sadao, por outro lavo, concordava. "Sim. É muito ruim."

"Então, o que são as profecias que você mencionou?"

"Ah, certo. Elas estão aqui embaixo. Não tropece nas rochas."

"Não se preocupe, Ichizo-san. Minha visita não é por motivos sombrios."

"Nunca pensei isso, Masae-sama. Estou meramente curioso com o porquê de um dos Guardiões me procurar. Não estou muito distante de meu gempukku. Não tenho importância alguma. Não lutei em nenhuma grande batalha. Se você fosse uma Mantis eu concluiria qualquer outra coisa, mas já que não é, não posso pensar em qualquer razão para me procurar."

"Togashi Satsu me pediu."

A boca de Ichizo se abriu. "Lorde Satsu?"

"Correto." Masae mudou o assunto surdamente. "Você mencionou o Mantis. O que acharia se um deles viesse vê-lo?"

"Acharia que precisaria me defender."

"Por quê?"

"Porque um samurai é responsável por suas ações, sejam intencionais ou não."

"Você fala do incidente em seu gempukku." Não era uma pergunta.

Ichizo assentiu. "Feri outro samurai, por minha própria irresponsabilidade. Pouco foi dito de mim na época, mas espero que ele me procure."

Masae inclinou sua cabeça para o lado. "E se lhe dissesse que Yoritomo Saburo não lhe culpa pelo ferimento? O que você considera sobre a culpa do acidente?"

"Que isso não mudaria nada. Sei de quem é a culpa."

Masae o avaliou por um momento e então disse, "Você sabe por que Lorde Satsu me pediu para vir aqui?"

"Não."

"Ele estava preocupado com você. E parece que estava certo."

A face de Ichizo se endureceu. "Não há necessidade. Não permitirei que tal engano aconteça de novo."

"Sim, você treina muito."

"Sim."

"A preocupação não é com seu treino, Ichizo-san. É com sua obsessão. Você não treina para melhorar. Você treina para não falhar."

Ichizo estranhou. "Qual é a diferença?"

"Ah, há uma grande diferença entre os dois. Quando se treina para não falhar, o melhor que pode se conseguir é a mediocridade. Você está mirando um alvo que só está um passo acima da falha. Quando se falha para melhorar, porém, todas as coisas são possíveis. Os mistérios e maravilhas do mundo se abrem para você."

"Nem todos buscam a iluminação."

Masae sorriu. "Isso é verdade, infelizmente. Porém, Lorde Satsu precisará mais de serviços adequados quando se sentar no Trono de Aço."

Os olhos de Ichizo se arregalaram. "O que?"

"Pode pensar em alguém mais qualificado? Lorde Satsu não é um mero mortal falível. Ele é o único que pode ter infalibilidade em Rokugan. O Trono deve ser dele, e garantirei que todos que me ouçam saibam disso."

"Muitos lhe ouvem. Você é uma dos Guardiões."

"Talvez," ela disse. "A ambição dos clãs pode nos levar a ouvidos surdos, mas é meu dever como Guardiã tentar e levar o Império a uma trilha de salvação. Por toda minha meditação no assunto, este é o único caminho que não levará à ruína."

"Lorde Satsu lhe pediu para fazer isso?"

Masae mexeu sua cabeça. "Ele não. Ele não deseja o trono. A tarefa posta perante mim por Rosoku e Sekawa me força a olhar além dos desejos de Satsu, porém. Preciso olhar pelo futuro de Rokugan. Agora, Ichizo-san, você tem vontade de fazer o que é necessário para ficar ao lado de Lorde Satsu quando ele tomar o Trono de Aço?"

Sadao e Kurumi estavam diante de algumas pinturas na parede, iluminadas apenas pela lanterna carregada pelo Caranguejo. "Aqui estão as profecias da Tribo Terceiro Bigode. Você vê aqui? É onde eles se defendem de alguma fera horrível. Aqui marca o seu fim. Eles não têm história afinal."

Kurumi começou a fazer um comentário sobre eventos futuros sendo chamados de história, mas ela pensou melhor sobre isso. Ao invés disso, ela disse, "Então isso foi verdade?"

"Bem, pode ter sido. Não sei exatamente o que aconteceu aos Nezumi, só que a maioria deles está morta. Ouvi que o Leão construiu um Oratório para eles na Floresta Shinomen e que pode-se ir lá para ouvir a história, mas meus deveres me mantém aqui."

Kurumi assentiu enquanto seus olhos viam tudo na parede. "Nunca vi pinturas como essas."

"Elas são muito incomum, mesmo entre os Nezumis. Normalmente eles não escrevem nada, mas parece que queriam que esta durasse por alguma razão."

"Talvez eles queriam ser vistos depois que se foram."

"Suponho que todos queiram ser lembrados."

Kurumi não olhou para o Caranguejo. Ao invés disso, ela continuou guardando as imagens em sua memória. "Lhe agradeço pelo passeio, Kaiu-san, mas lhe ocupei por tempo demais. Devo deixá-lo voltar aos seus deveres."

"O prazer foi meu, Kurumi-san. Ficaria grandemente honrado se pudesse ser minha convidada ao jantar desta noite."

Ela sorriu para ele. "Você é tão doce, Kaiu-san, mas temo que deva recusar. Devo ir para casa na mais breve oportunidade. Também tenho deveres e os negligenciei por tempo demais."

Enquanto Sadao levava Kurumi embora da antiga casa da Tribo Terceiro Bigo-

de, a Escorpião revia as imagens em sua mente. O Caranguejo de pouco intelecto e seus companheiros não viram a verdade nas profecias. Apesar de toda a sua vangloriosa aliança com os Nezumis, eles foram incapazes de compreendê-los. Mesmo que o Escorpião tivesse pouco conhecimento sobre a Única Tribo e seus costumes, eles sabiam o bastante para saber que as criaturas tinham alguns limitados mas legítimos meios de se ler o futuro. Eles aprenderam essas lições dos contos de Bayushi Kageki, entre outros.

Apesar desse não ter sido o dever que ela foi cumprir na Muralha, Kurumi sabia que esta informação precisava ser repassada para seus superiores.

Ela suprimiu um suspiro. Não seria apenas a raça deles que seria encerrada pela grande ameaça do Amanhã. Não eram os Nezumis que estavam sendo massacrados pela terrível criatura naqueles rupestres desenhos.

Eram humanos.

Um Conto de Bushidô

Escrito por Bryan Yoon

Castelo da Espada Rápida, Mês do Javali, 1169

A porta da frente da casa se abriu com um som retumbante que correu pelo ar. Ikoma Noda olhou para cima da calma paz de sua sala. Um sorriso involuntário surgiu em sua face. Havia poucas pessoas de quem esperava tão pouco respeito da tranqüilidade de seu lar. Ele guardou seu pincel, se levantou e se dirigiu para saudar seu visitante inesperado.

Suas suspeitas se confirmaram quando chegou à porta. Um garoto, ainda jovem demais para seu gempukku, inclinou-se no vão da porta. Ele pequeno, mas maturo e era a imagem escrita do próprio Noda. Ele ofegava como se tivesse exigido demais de si. Conhecendo o garoto, imaginou Noda, ele provavelmente o havia feito. E ele o conhecia; Shiro era seu irmão mais novo, um curioso garotinho se preparando para se tornar um bushi a serviço dos exércitos do Leão.

"Você voltou," disse Shiro. Ele tentou em vão controlar sua respiração pesada. "Quando ouvi as notícias, corri todo o caminho das academias para encontrá-lo."

Noda riu verdadeiramente. "Matando suas aulas, Shiro? Você conseguirá problemas com os senseis. De novo."

Shiro pareceu despreocupado com a idéia. "Seria tão bom quanto se eu desse um motivo a eles. Eles sempre acham culpa em tudo que eu faço. Nunca é o bastante. Eles me corrigirão no menor dos erros e me forçarão mais, e mais, e mais."

"É por isso que os professores estão lhe preparando para se tornar um samurai do Leão," respondeu Noda. "Um Leão deve sempre se esforçar para ser um samurai perfeito."

Shiro mexeu sua cabeça impacientemente, como se tivesse ouvido isso várias vezes antes. "Nas últimas cartas que nos enviou, você nos disse que estava nas linhas de frente contra o Unicórnio. O que mudou? Você ficará no castelo pelo inverno?"

"Só por algumas semanas," disse Noda. "Então viajarei de volta às linhas de frente com suprimentos. Tenho pouco tempo para mim antes que deva atender meus deveres, e procuro relaxar com minha família. Estou feliz em vê-lo de novo, irmãozinho."

Ele apontou para que Shiro entrasse em sua casa, e começaram a andar para dentro dela juntos.

"Você viu muitas batalhas, irmão?" Perguntou Shiro, afoito. "Como foi viajar em sua gloriosa campanha?"

Noda assentiu. "Lutei numa dúzia de batalhas, Shiro. Testemunhei centenas de Leões caírem para flechas e espadas do Unicórnio. Vi ainda mais Unicórnios morrerem enquanto marchávamos para dentro de seu território. Eles lutam com maravilhosa força e dedicação para defenderem seus lares. Foi uma campanha digna, e me sinto realmente honrado por ser capaz de inscrevê-la para sempre em nossa história."

"Então estamos vencendo?" Disse Shiro.

A face de Noda se entristeceu. "O Unicórnio é um adversário digno," ele respondeu. "Continuamos nosso ataque, mas Shinjo Shono e os exércitos do Unicórnio nos fazem nos esforçar para cada milha de solo que conquistamos. Nosso progresso é lento, mas inevitável. Será uma campanha difícil, pequeno irmão. Será glorioso."

Shiro assentiu afoitamente. "Quero ouvir os contos de glória que criará, Noda. Você me encanta com cada história." Ele olhou para cima. "Você está trabalhando em alguma história agora?"

Noda hesitou. "Acabei de escrever uma experiência das linhas de frente, mas temo que não vá estar entre seus contos prediletos, irmão. É uma anedota de aviso que escrevi para audiências fora de nossas terras."

Shiro ficou quieto ao entrarem no quarto de Noda. Eles entraram e se sentaram em almofadas que repousavam no meio da sala. Noda rapidamente pegou o manuscrito e garantiu que ainda estava limpo. Satisfeito, ele se virou para seu irmão.

"É uma história verídica?" Perguntou Shiro, finalmente.

Noda sorriu e tocou a cabeça de seu irmão. Shiro permitiu isso com pouco protesto. Samurais não eram propícios a demonstrações de emoção e muito raramente tocavam outras pessoas. Porém, seu irmão Noda fora treinado como um Omoidasu, os bardos do Leão. Ele foi treinado para expressar suas emoções em público, em benefício de seus irmãos guerreiros. Shiro cresceu acostumado com as demonstrações de Noda.

"Todas as minhas histórias são verídicas, irmão," disse Noda. "Sou um historiador. É meu dever registrar os eventos que ocorrem. Outros clãs podem embelezar seus feitos ou seus heróis, mas os samurais do Leão não precisam disso."

"Gostaria de ouvi-la, Noda, mesmo que não seja de meu interesse," disse Shiro. Ele olhou para o chão. "Posso ver que o assunto é próximo de seu coração. Quero saber o que é, mesmo que não a entenda."

Noda assentiu. Ele começou a recitar a história de sua memória, e sua voz se aprofundou ao começar a se apresentar.

"Esta é uma história de dedicação ao Leão," disse Noda. "Duas semanas atrás, no mês do Javali, os gloriosos exércitos do Leão se aproximaram da cidade de Watarimono nas terras do Unicórnio. Foi uma campanha difícil, cheia de batalhas difíceis e feitos de grande honra. Tive o privilégio de acompanhar nossos bravos samurais enquanto subiam uma colina próxima à cidade. Quando viram a cidade no horizonte, eles se encheram de vontade. Cada samurai Leão jurou tomar a cidade pela glória do Leão ao próximo pôr do sol."

Terras do Unicórnio, duas semanas atrás

"Ao menos, uma cidade a conquistar," disse Matsu Fumiyo para si mesma enquanto descansava no topo da colina. Era difícil ver a cidade exatamente na poeira levantada, mas isso não a impediu de afoitamente devorar a visão. Por semanas, o exército do Leão lentamente marchou por milhas de grama e planícies. Eles lutaram por cada metro dos campos do Unicórnio enquanto as forças de Shono morriam para proteger sua terra natal. O Unicórnio diminuiu o ataque do Leão a uma marcha de mente lenta e demorada. Fumiyo ficou inevitavelmente feliz em ver alguma civilização.

"Se você pode chamá-la disso," Akodo Hachigoro, oficial de sua unidade, respondeu enquanto caminhava por trás dela. Fumiyo se virou para ele em surpresa. "Os Unicórnios são nômades. Isso é mal parece uma cidade."

Fumiyo sorriu para Hachigoro. "Hachigoro-san, você está falando para mim fora do campo de batalha. Alguns podem considerar isso algo social. Onde está o sério e estóico oficial que conheci até agora?"

Hachigoro olhou para a jovem e saliente mulher. "Besteira, Fumiyo-san. Creio na propriedade que deve ocorrer entre soldados de diferentes patentes. Minhas graças sociais não têm nada haver com meu silêncio."

"Uma desculpa conveniente," disse Fumiyo. Quando ela foi designada pela primeira vez à unidade de Hachigoro, ela podia nunca ter reunido coragem par falar com ele dessa maneira. Depois de sobreviver a incontáveis batalhas ao seu lado, sua atitude mudou. Ele era calmo, esperto, e confiável sob pressão. Ela o respeitava grandemente, e sabia que não se importava com sua provocação. "Talvez você simplesmente sabia como se aproximar de uma mulher Matsu."

Hachigoro franziu-se. "Não é esta a questão, Fumiyo-san."

"Hachigoro-san, apenas brinco. Vocês Akodo não sabem relaxar," Fumiyo começou a dizer. Ela parou quando outros quatro caminhavam próximos ao par. Um leve brilho vermelho tomou seu rosto quando reconheceu os que vinham. O mais jovem, Akodo Sadahige era um jovem samurai que provou seu valor no campo de batalha várias vezes só nesta campanha. Ele era talentoso com a espada, mas seus talentos não terminavam aí. Ele ficou conhecido como um vivido jovem cuja atitude irresponsável iluminava o humor de seus camaradas. Fumiyo passou pouco tempo com o lindo homem, mas o pouco que sabia dele fazia seu coração disparar. Os outros não chamavam a atenção de Fumiyo tão rapidamente apesar de reconhecer que não eram menos importantes. Um jovem vestido em mantos esvoaçantes era um Omoidasu Ikoma, um bardo que viajava com samurais importantes para escrever seus eventos para a posteridade. Eles garantiam que as lendas dos samurais do Leão continuassem por eras. O outro era um homem de meia idade vestido num marrom e batido kimono de um ronin; ele tinha uma aura de violência casual em volta dele, como se estivesse pronto para saltar ao combate a qualquer momento. Fumiyo não o reconheceu, mas isso não lhe dizia respeito. O exército do Leão viajava com vários ronins contratados para a luta. Alguns eram tão acostumados a lutarem que o Leão quase os consideravam samurais do Leão. O Leão, por sua vez, generosamente ignoravam seus insultos, pois esperavam um pouco mais dos ronins de origem humilde. O ronin era especial apenas porque acompanhava o terceiro e último dos recém-chegados. Ele era um homem pequeno, apesar de seus olhos traírem a astuta inteligência e força. Apesar de ser fisicamente irrelevante, Akodo Bakin radiava calma ao seu redor.

Fumiyo corrigiu sua postura e tirou o sorriso de sua face. Akodo Bakin foi o comandante de sua unidade do exército. Apesar de sua conversa informal com seu líder Hachigoro, Fumiyo sabia muito bem as cortesias que eram devidas a um oficial superior.

Akodo Sadahige entrou numa conversa como se não notasse o súbito desconforto de Fumiyo. "Discordo um pouco, Fumiyo-chan," ele disse. "Alguns de nós são mais aventureiros que outros. Ouso dizer, alguns Akodo sabem como viver um pouco." Ele se curvou na direção de Hachigoro. "Sem ofensas, Hachigoro-san."

"Nenhuma," respondeu Hachigoro. Ele se curvou a Bakin. "Meu senhor."

Bakin assentiu. "Hachigoro-san. Vim parabenizar o desempenho seu e de sua unidade durante o ataque Unicórnio na última noite. Você manteve a calma, apesar de estar mais próximo ao ataque, e preparou as defesas. Fiquei impres-

sionado."

"Simplesmente fiz o que fui treinado para fazer," respondeu Hachigoro. Ele olhou para Fumiyo e apontou para ela. "Matsu Fumiyo-san foi indispensável para liderar um contra-ataque. Todos os elogios devem ser a ela."

Fumiyo corou novamente. Ela não se pensava como uma simplória, mas por um momento ela se sentiu congelada e incapaz de falar na presença de Bakin e Sadahige. "Hachigoro-san é muito gentil," ela finalmente gaguejou.

"Não menospreze suas conquistas também, Fumiyo-san," disse Bakin, seus olhos fixos na mulher. "Enviei notícias a meus superiores de seu valor em combate. Talvez isso resulte em condições favoráveis a ambos. Por agora, tenho outros compromissos em mente para você."

Como se adivinhando, o ronin deu um passo à frente e assentiu curtamente para Fumiyo e Hachigoro. Ele apontou para a cidade distante. "Este é um pequeno vilarejo comercial a caminho de Shiro Moto. É uma cidade irrelevante, uma das muitas cidades que pontilham as vastas terras do Unicórnio. Durante metade do ano, está quase vazia, pois seus habitantes vagam pelas planícies. Os que ficam comercializam com seus parceiros de todo o Império."

Bakin se virou para Hachigoro. "Você será encarregado da unidade de batedores enviados para conferir a situação dentro da cidade. Nossos batedores nos disseram que as forças armadas do Unicórnio já consideraram a cidade uma causa perdida. Eles sabem que eventualmente a perderão se escolherem protegê-la, e por alguma razão, o Unicórnio se importa com o fato da luta resultar em camponeses mortos. Ainda assim, garanta que sua unidade entrará na cidade e garantirá que defesa alguma reste."

Hachigoro se curvou. "Entendo, Bakin-sama. O que devo esperar enfrentar lá dentro?"

Bakin olhou com aguardo para o ronin, e ele continuou. "É como qualquer outra cidade do Unicórnio. Eles mesclam estranhos estilos arquitetônicos com os estilos rokuganis tradicionais. Suponho que isso simplesmente faça as construções parecem mais familiares para estrangeiros. Acho que a insinuação de Rokugan apenas serve para enfatizar a abominação do lugar."

"Obrigado, Kensaki," disse Bakin calmamente. "Kensaki é um ronin que serviu aos exércitos do Leão há quase uma década. Ele é um homem que mereceu tanto minha confiança quanto minha amizade. Seu conhecimento das terras do Unicórnio será um farol para você e sua unidade dentro da cidade, caso surjam problemas. Leve-o e Sadahige com você. Eles o servirão bem."

Hachigoro curvou-se. "Sim, meu senhor."

"O Unicórnio desocupou este vilarejo para poupar as vidas de seus fazendeiros," continuou Bakin. "Demonstraremos a sabedoria de Lorde Akodo nos poupando a destruir a propriedade do Imperador. Não matem os habitantes da cidade. Não matem nenhum deles. Eles ressentirão nossa presença; afinal, são Unicórnios. Ainda assim, não os faremos nos odiarem mais do que precisam. Devemos fazer a troca de posse o mais indolor possível."

Dia Seguinte

"Besteira," Yasuki Yukinaga bufou. "Você deve estar brincando comigo. Alguém não deve ter lhe informado com quem está lidando, camponês."

O mercador mexeu sua cabeça violentamente. Seu olhar caiu aos pés de Yukinaga, como se ousasse arriscar a ira do Caranguejo ao olhar em sua face. "Oh, não, Yukinaga-sama, meu mestre Ide Haruto foi perfeitamente claro em sua identidade. Sinto muito em lhe dizer que suas ordens a respeito de seu pedido foram perfeitamente claras. Ele não tem mercadorias disponíveis para você neste inverno. Ele respeitosamente pede para que procure em algum outro lugar para suas necessidades."

"Minhas necessidades?" Gritou Yukinaga. "Pelo sakê de Hida, Haruto sabe perfeitamente que represento o exército do Clã Caranguejo em todas as minhas trocas, e não a mim! Fizemos um trato! Ele me ofereceu exclusividade por cinco anos em troca de vender a mercadoria dez por cento acima do preço de mercado. Tem funcionado perfeitamente. Diga-me, mercador, por que seu depósito de suprimentos de repente se esvaziou?"

O servo de Haruto engasgou audivelmente enquanto tentava se manter calmo diante da fúria de Yukinaga. Afinal, ele era um samurai grande, um homem que estava acima de sua posição. Mais ainda, ele era um Caranguejo, e Caranguejos tinham uma reputação de se tornarem violentos quando as coisas não acontecem à maneira deles. Intimidação não fazia parte de seus métodos habituais — ele aprendeu a navegar e observar o mercado negro com muito mais sutileza — mas ele percebeu que qualquer tática seria útil. Ele não voltaria às terras do Caranguejo de mãos vazias.

"Eu-eu-eu-" gaguejou o homem.

Yukinaga se aproximou. "Sim?" Ele perguntou, sua voz rugindo nos confins da pequena sala. O mercador empalideceu. "Haruto-sama recebeu uma oferta. Ele disse, sua voz reduzida a um sussurro, como se esperasse que as paredes tivessem ouvidos. "Haruto-sama também recebeu uma ameaça."

"Que interessante," disse Yukinaga. "Isso soa incrivelmente parecido com o que tinha em mente para hoje."

"Me desculpe, Yukinaga-sama, mas as mãos de meu mestre estão atadas." O mercador respondeu. Ele se curvou profunda e desesperadamente. Ele manteve seus olhos no chão e continuou a se curvar repetidas vezes até que Yukinaga suspirasse e abanasse sua mão.

"Quem veio a Haruto com esta ameaça?" Perguntou Yukinaga. Ele já sabia a resposta, claro; ele já ouviu de outros cinco mercadores e cinco cidades diferentes. Ainda assim, ele queria ouvi-la diretamente do Unicórnio trêmulo diante dele.

"Ele — Eu não sei ao certo, pois este baixo servo estava—"

Yukinaga o interrompeu com uma única palavra. "Quem?"

O mercador engasgou de novo. "Não sei o seu nome, Yukinaga-sama. Meu mestre Haruto-sama lidava com ele pessoalmente. Só sei que ele é um samurai Daidoji."

Yukinaga assentiu e suspirou com resignação. Era a resposta inevitável, mas a mesma que ele esperava. Seu clã iniciou hostilidades com o Clã Garça há alguns meses, e eles lutaram várias vezes em suas fronteiras. No começo da guerra, Yukinaga não tinha dúvidas em sua mente que o Caranguejo superaria completamente o exército Garça em questão de semanas. A realidade o pegou de surpresa. O Caranguejo estava fazendo notáveis progressos, mas seus progressos não rápidos, freqüentes, e decisivos como o clã gostaria. E a Garça retaliava de maneira previsível, porém grandemente danosa.

Eles isolavam os mercados ao Caranguejo, restringindo seu fluxo de bens às terras do Caranguejo de quase toda fonte. De algum modo, a Garça conseguiu parar centenas de envios em que o Caranguejo confiava para continuar seus dois deveres, no fronte de guerra e na Muralha. Mercadores confiáveis repentinamente tinham desculpas para envios perdidos. Aqueles que ainda vendiam ao Caranguejo usavam preços astronômicos; quando pressionados, eles apenas diziam que recebiam pressão de fontes externas para mudarem seus preços. A Garça não deixou nem mesmo o mercado de jade intacto. Nesta guerra, a Garça estava fazendo tudo ao seu alcance para prevenir o Caranguejo de continuar.

As coisas ficaram tão desesperadoras, pensou Yukinaga, que Hida Benjiro enviou seu espião para arranjar suprimentos de qualquer lugar possível. Yukinaga procurou muito e longe. Ele foi a todos os lugares tentar ao menos uma noção de sucesso. Por isso, ele supôs, era que ele se encontrava numa desconfortavelmente pequena sala numa cidade Unicórnio localizada no meio de lugar algum.

"Então, Haruto, a doninha, não tem lenha para mim," disse Yukinaga.

"Ele, infelizmente, está incapaz de atender seu pedido, Yukinaga-sama."

"Haruto, o imbecil, não tem aço para mim," ele continuou como se ninguém tivesse falado.

"Ele, infelizmente, está incapaz—"

"Sim, sim, entendi," ele interrompeu. Ele se virou e olhou para a pequena sala. Repentinamente ele notou que as dúzias de cacarecos que Haruto normalmente exibia em sua sala estavam ausentes. A sala parecia positivamente nua comparada com as memórias da mesma sala no ano anterior. Ele franziu-se enquanto um pensamento o atingia. "Por que Haruto não está aqui para falar comigo diretamente?"

"Ele deixou a cidade há uma semana, meu senhor," disse o mercador. "Todo samurai Unicórnio evacuou a cidade sob as ordens do general Shono. O Leão está vindo, e com eles, batalha."

"Maravilhoso," disse Yukinaga. "Sem suprimentos, e estou no meio de uma guerra. Que maneira maravilhosa de começar meu dia." Sua conversa imediatamente terminou com um grito próximo. Um barulho abafado se seguiu, e o som de aço deixando suas bainhas foi inconfundível. Yukinaga franziu-se e rapidamente rumou para a porta. A visão que atingiu seus olhos o fez parar no caminho.

Se é assim que se invade uma cidade hostil, pensou Fumiyo, era muito menos interessante que a batalha em si.

Hachigoro e sua unidade de samurais do Leão se movia adiante cautelosamente pelas ruas da cidade. Fumiyo e seus camaradas passavam pela cidade, procurando por resistência Unicórnio na forma de samurai ou camponeses armados. Não havia nenhum. As ruas estavam vazias enquanto os Leões faziam seu caminho pela cidade, e estava mais monótono que uma patrulha. Talvez isso significasse pouco; mais cedo, o Unicórnio havia atacado várias patrulhas de batedores que se moveram para longe do exército Leão e tornaram o trabalho excessivamente perigoso para se cumprir.

Hachigoro e sua unidade se alinharam à frente da cidade e esperaram pela chegada de Bakin e o resto do exército. Fumiyo franziu-se. Sadahige estava lá com o resto dos homens, mas o ronin Kensaki não estava em lugar algum. Ela tirou o pensamento de sua mente e se pôs a não se preocupar com os outros. De acordo com tudo o que ela sabia, Bakin deu ao ronin ordens adicionais. Calmamente eles esperavam, e em uma o exército do Leão apareceu na cidade. Bakin chegou à frente de seus homens, seguido apenas pelo mesmo Omoidasu de antes. Hachigoro o saudou intensamente.

"Estou feliz em relatar, Bakin-sama, que não há resistência. O Unicórnio parece ter realmente nos deixado a cidae."

"Bom," disse Bakin. "Reúna os camponeses capazes e os ponha para trabalhar nas defesas da cidade. Se formos descansar aqui no inverno, devemos providenciar fortificações para preparar o ataque. O Unicórnio pode desejar evitar riscos a esses habitantes,mas se os camponeses escaparem eles terão pouco a fazer para recuperarem sua decisão."

Hachigoro se curvou e gesticulou par vários homens em sua unidade. Eles rapidamente se puseram na tarefa posta a eles. Fumiyo, Hachigoro, Sadahige, Baking e o omoidasu rumaram pela rua principal. Bakin e Sadahige em silencio-

sa conversa e Fumiyo fazia o seu melhor para não ouvir. Não era da sua conta. A tomada da cidade estava ocorrendo sem problemas.

Um alto grito soou e destruiu a paz do momento. Sem esperar por uma ordem, Fumiyo correu em direção ao som. Ela podia sentir o resto de seu grupo em seus calcanhares enquanto todos os outros tinham a mesma idéia. Um segundo grito despontou, mas foi rapidamente interrompido por um gargarejo.

Fumiyo e os outros se encontraram ao chegarem a uma rua que se encontrava com a principal. A comoção ocorria na frente de um prédio que tinha um símbolo de carne pendendo em sua frente, avisando que era um matadouro. Kensaki estava sob o cadáver de um velho, sua katana em mãos. Kensaki eviscerou o açougueiro e o deixou sangrando no chão. Um jovem camponês soluçante se ajoelhou do lado do cadáver. Kensaki se virou para homem para terminar seu serviço, mas ao som do cavalo se aproximando, ele se virou. Ele imediatamente se afastou do homem e limpou o sangue de sua katana.

Fumiyo olhou para Bakin. Sua expressão não podia ser decifrada.

"O que houve aqui?" Baking perguntou assim que chegou ao ronin.

Kensaki mexeu sua cabeça e embainhou sua katana. "Sinto muito por ter violado seu edito, Bakin-san. Quando entrei na loja para chegar por soldados inimigos, este homem tentou pegar uma faca de açougueiro. Fui forçado a matá-lo."

"Ele mente!" Disse o homem soluçante. "Ele mente! Meu pai nunca faria isso!"

"Você ousa?" Gritou Kensaki ao agarrar o cabo de sua katana.

"Retenha sua espada," ordenou Bakin. "Ele era seu pai?"

O camponês assentiu sem ver o olhar de Bakin. "Meu pai era um homem honesto, Leão-sama." Ele implorou. "Ele nunca pensaria em ameaçar a vida de um samurai. Ele simplesmente vivia. Este ronin entrou na loja e exigiu que déssemos a ele todas as nossas suadas moedas. Quando meu pai se recusou a dizer onde guardava o dinheiro, o ronin o assassinou."

Kensaki bufou. "Ele é apenas um camponês," ele disse. "Ele mente. Sua palavra nada significa. Você possivelmente não pode acreditar no testemunho dele ao invés do meu, Bakin-san."

"Sua palavra pode não significar nada, ronin," veio uma voz de um prédio próximo, "mas a minha sim."

Bakin e os outros Leões na rua se viraram para encarar a perturbação. Era um homem alto vestido as roupas do Caranguejo, que estava encostado na porta. Ele estava vestido impecavelmente, e seu cabelo e cavanhaque pareciam imaculadamente limpos. Fumiyo podia ver um camponês Unicórnio, ricamente vestido e cobrindo-se atrás do Caranguejo. Ela não gostou do Caranguejo de uma vez. Ele parecia convencido.

"Permita-me lançar uma luz neste evento," continuou o Caranguejo.

"Quem é você?" Perguntou Bakin.

O Caranguejo ergueu suas sobrancelhas em óbvia surpresa. "Perdoe minha descortesia," ele disse. Ele se curvou num grande gesto. "Sou Yasuki Yukinaga. Estou aqui a negócios." Ele olhou em volta. "Talvez eu devesse ter escolhido outra semana para fazer minha visita."

"Você viu o que ocorreu, Yukinaga-san?" Perguntou Bakin.

"Vi," disse Yukinaga. "É uma vergonha que um velho como este camponês tenha escolhido proteger seus tesouros com sua vida. O ronin aqui assassinou o homem quando ele recusou a conceder seu esconderijo."

A rua ficou quieta. "Você não pode acreditar neste homem," protestou Kensaki. "Você não o conhece como conhece a mim, Bakin-sama."

"Sei que ele é um samurai e que sua palavra é mais valiosa que a sua, Kensaki. Renda suas armas.' Disse Bakin.

O sorriso de Kensaki rapidamente desapareceu. "Bakin-san, o que quer dizer?"

Fumiyo e Sadahige deram um passo à frente, suas mãos em suas armas no caso do ronin descontente tentar algo feroz. "Você desobedeceu minhas ordens," continuou Bakin. "Você assassinou alguém e roubou suas posses. Você acredita que permitiria que meus sentimentos pessoais lhe garantiriam clemência?"

Kensaki ficou quieto. "Ele era apenas um camponês," ele disse.

"Sim, ele era. Mas você desobedeceu as ordens de um superior," disse Bakin.

Enquanto Sadahige e Fumiyo escoltavam o ronin para fora da cena, o camponês olhou para Bakin com um olhar de gratidão em sua face. "Obrigado, Leão-sama," ele disse.

Antes que continuasse, Bakin o interrompeu com sua frase. "A justiça foi feita. Agora pegue suas ferramentas e junte-se aos outros camponeses nas porções externas da cidade. Você tem trabalho a fazer." Som mais discussões, ele se virou ao camponês. Ele caminhou a Yukinaga, que esperava na mesma área com um sorriso assistente em sua face. "Lhe agradeço por sua honestidade, Caranguejo-san."

Yukinaga se curvou novamente. "Simplesmente estou feliz de poder ajudar num tão difícil cenário. Não se importe com isso."

"Talvez, e talvez não," respondeu Bakin. "Ainda estou em dívida com você por resolver este assunto. Tomaremos esta cidade pelo bem de nossa campanha, mas está longe de nosso desejos interferir em qualquer acordo de comércio e trocas que já estejam acontecendo na cidade. Diga-me, por que está aqui? Verei o que posso fazer para resolver seus problemas para que retorne para casa o mais cedo possível."

O sorriso de Yukinaga aumentou. "Vim a esta cidade para minha troca anual de lenha e aço," ele disse. "Talvez vocês possam me ajudar afinal, Bakin-san."

Shiro estava quieto. "Então Bakin-sama ordenou a execução de Kensaki?"

Noda assentiu. "Kensaki pediu por todos os seus anos de serviço aos exércitos do Leão e implorou por uma chance de seppuku. Bakin-sama a negou. Kensaki foi decapitado no dia seguinte ao pôr do sol."

"Kensaki foi seu amigo," disse Shiro suavemente.

"Um amigo que traiu o que os exércitos do Leão buscavam, irmãozinho," disse Noda. "Muitas coisas más acontecem na guerra. Espólios dos derrotados às vezes ocorrem no caos da batalha. Mas Bakin-sama os proibiu, e Kensaki mentiu para seu oficial superior. Ele traiu as normas do bushidô que todo samurai deve se esforçar para seguir. Tenho certeza que Bakin-sama sentiu remorso pessoal com o que fizera. Ainda assim, não havia outra escolha. Existem conceitos e crenças que transcendem amizade, Shiro. Você compreende?"

Shiro olhou para longe. Depois de um momento, ele se virou para Noda e o fixou com um olhar afiado. Ele assentiu solenemente. "Entendo."

Noda sorriu. "Bom," ele disse, seus olhos brilhando com orgulho. "Agora você entende o que significa ser um Leão."

Cenas ao Mar

Escrito por Rusty Priske

Doji Tayoaki abanou seu kimono imaculado e inconscientemente removeu alguma poeira que não existia. Sua doentia atenção aos detalhes, era tamanha que ardias poderiam ser direcionados a falhas inexistentes, era mais do que mera pretensão. Tayoaki esteve na corte tempo o bastante para saber que pequenas distrações, reais ou imaginárias, eram uma ferramenta poderosa. Distrações poderia ser usadas para desviar atenções do que não se queria que fosse visto, mesmo depois de ter sido visto.

Nas cortes, percepção importava mais do que realidade.

Neste caso, seu fatídico cuidado visava demonstrar que ele não havia notado Bayushi Ryuzaburo enquanto ele se aproximava. Tayoaki não tinha diferenças pessoais com Ryuzaburo. Só que a postura tagarela do Escorpião levava a conversas mais longas do que o Garça preferiria, e seu hábito de citar as extensas passagens difíceis sobre peças dramáticas rapidamente se tornavam cansativas.

Se Ryuzaburo notasse que Tayoaki o vira, ele poderia ter outros ouvidos para cansar.

Aparentemente, era tarde demais.

"Boa noite, Tayoaki-san! Como está se sentindo hoje? Você parece um pouco distraído."

Tayoaki sorriu calorosamente. "Ah, olá, Ryuzaburo-san. Não o vi entrar. É bom tê-lo na corte esta noite."

"Que maneira melhor existe de passar a noite além da sua companhia. Sempre acho que aprendo muito quando passo o tempo com você. Foi dito em O Pardal Dourado, por Riyoka..."

Tayoaki interrompeu, "Sim, conheço a peça. Muito apropriado. Então, quais são seus planos para esta noite?"

"Você ouviu a nova poetisa, da Cidade do Sapo Rico? Ela é extremamente talentosa e está abalando Toshi Ranbo!"

O Garça assentiu. "A ouvi ontem à noite, narrando um belo poema sobre Shiba se ajoelhando a Isawa. Foi excelente."

"Estava esperando ter a chance de ouvir o trabalho dela esta noite. Venha e junte-se a mim."

A idéia de passar o tempo com Ryuzaburo foi suavizada pela chance de ser capaz de ouvir Ikoma Asa novamente. Sua poesia realmente era bela. "Seria minha honra, Ryuzaburo-san."

Os dois caminharam pela corte, tentando achar o Leão. Não demorou muito, pois ela estava cercada por ouvintes ávidos, extasiados por suas palavras. O fato de que ela era radiante ajudava, mas era sua voz, tão clara quanto as montanhas primaveris, com palavras tão profundas como o mar, que mantinham os ouvintes enfeitiçados.

Quando os visitantes chegaram, Ikoma Asa estava apresentando uma nova peça. "Acabei de receber uma contribuição deste cavalheiro, Kaiu Genji." Tayoaki reconheceu Genji. Ele era um yojimbo para vários cortesãos ao longo dos anos e esteve na corte já há quase tanto tempo quanto o Garça. Quase sempre ele se resguardava, mas o olhar em sua face dizia que ele havia sido tomado pela jovem Leão. "O prometi um poema sobre Hida Sadaharu e sua defesa da rota pelo Mar das Sombras. Isso ocorreu há não muito tempo atrás."

Hida Sadaharu estava à frente do convés do Pedra de Tempestade, procurando por águas calmas. O grande koutetsukan navegava pela entrada da Rota Osaku, a única passagem segura pelo Mar das Sombras. Sadaharu havia recebido relatórios do Mantis sobre o aumento de atividade pirata nesta área. Eles acreditavam que estavam usando a Rota Osaku para escapar dos magistrados Mantis

que patrulhavam os mares de Rokugan.

Isto não podia ser permitido. Se o Caranguejo fosse incapaz de proteger esta área do mar, ela seria devolvida ao Mantis. Isto seria uma grande perda pessoal para Sadaharu, e possivelmente um perigo a Rokugan, pois o Caranguejo duvidava que o Mantis estivesse completamente ciente dos perigos do Mar das Sombras. Com Yasuki Hachi morto e Shosuro Jimen como Campeão de Esmeralda, era melhor não chamar atenção para este lugar, e não dar motivos para que Jimen mudasse as ordens de Hachi.

Sadaharu viu o barco momentos antes que o grito chegasse a ele. Era um koutetsukan, como o Pedra Tempestuosa. Kaiu Sunshin projetou os koutetsukan como defesa contra o Mar das Sombras. Este não era um barco Mantis e Sahadaharu saberia se houvesse outro barco Caranguejo designado àquela área.

Muito provavelmente, eram piratas, com um navio capturado.

"Leve-nos à rota de interceptação! Todas as mãos armadas e prontas! Preparem-se para atacar ao meu comando!"

O vento não era forte mas havia o bastante para mover o pesado barco a um ritmo decente. O outro não estava navegando diretamente ao Pedra de Tempestade, mas também não fazia qualquer esforço para escapar. "A arrogância," pensou Sadaharu. "Se são piratas tentariam e escapariam. Se são inocentes, parariam e esperariam nossa aproximação. Ao invés disso, nos ignoram."

Enquanto se aproximavam, o Caranguejo procurou por qualquer tipo de bandeira ou estandarte que identificasse o barco, mas não havia nenhum. Quando se tornou claro que haveria uma colisão se nada mudasse, o outro barco finalmente levantou um estandarte se identificando ao Caranguejo.

Um olheiro Hida relatou a Sadaharu. "Eles estão tremulando cores do Leão, Capitão. Mas a bandeira está rota. Não estou convencido que sejam realmente Leões."

Sadaharu assentiu. Ele chegou a uma conclusão. "Continue a aproximação. Gritem quando estivermos ao alcance. Dêem a eles uma oportunidade de se apresentarem."

O capitão Caranguejo se aproximou da água. Eles estavam perto o bastante para que visse figuras se movendo pelo convés. Elas pareciam estranhas. Como se....

"Ajustem o curso! Emparelhem, mas não em posição de ataque!" Sadaharu gritou para sua tripulação. "Continuem atentos, mas não quero sinais de hostilidade!"

Sadaharu conhecia o barco, ao menos por reputação. Era o Imortal.

"Salve, Imortal! Sou Hida Sadaharu do Pedra de Tempestade e o clã Caranguejo! Permissão para emparelhar?"

Os Nezumis do convés do Imortal já estavam em posição de acertar linhas com o Pedra de Tempestade, logo não houve atraso quando uma vez voltou. "Sim-sim!" que foi seguido por comandos na língua Roedora que soava como estalos de dentes batendo no frio para Sadaharu. Ainda assim, as criaturas pareciam navegadores experientes e os dois barcos rapidamente se emparelharam.

Sadaharu se levantou no limiar. "Permissão para ir a bordo?"

Um Nezumi com pêlo marrom avermelhado recebeu o Caranguejo e disse. "Sim-sim, capitão Caranguejo. Sou I-m'jek e este é meu-meu barco. Venha. Venha."

Sadaharu ergueu uma sobrancelha enquanto caminhou ao convés do Imortal. "Seu barco? Você está usando cores do Leão."

"Foi um barco Leão. Agora barco Nezumi. Justo e certo. Pergunte a Otemi."

Sadaharu estranhou. Ele conferiria com o Leão quando pudesse, mas ele não faria disso um problema agora. "Muito bem. Recebemos relatórios alarmantes de piratas nessas águas. Você sabe algo a respeito disso?"

I-m'jek ficou visivelmente agitado. "Não nós! Não nós! Viemos pela mesma razão. Não nós!"

Sadaharu pôs suas mãos num gesto de paz. "Não estou lhe acusando de nada, Capitão. Só fazendo perguntas." O Caranguejo sabia muito bem que o Imortal não eram os piratas em questão. Os relatórios vieram do Mantis, e eles teriam reconhecido o barco. Além disso, ele tinha certeza que se os piratas fossem Roedores, ele teria ouvido isso também. "Você disse que veio pela mesma razão. O que quer dizer?"

"Os humanos de verde oferecem pagamento. Eles dizem: 'I-m'jek, você acha piratas, e você afunda e traz-traz provas. Pagamos. Sabemos que vão por este caminho. Nós os achamos. Humanos verdes pagam."

Parece que o Mantis contratou o Imortal para ajudar a caçar os piratas. Esta não era uma idéia terrível, pois os piratas estariam menos propícios a evitarem um barco tripulado por Roedores do que um navio Mantis. "Você os viu?"

"Sim. Perseguimos, mas eles são mais rápidos. Não pegamos."

Sadaharu pensou por um momento. "Acho que podemos nos ajudar, Capitão, se quiser. Aqui está o que precisamos fazer..."

K'chee olhou sobre o mar ao barco à distância. Na estranha língua dos Nezumis, ele disse, "Aqueles são os piratas, I-m'jek. Não estão correndo."

I-m'jek estava perto do timão. Ele se virou ao timoneiro, "Não vá direto a ele, Tok-ik. Mire ao leme. Ele já está indo na direção certa."

O Imortal era rápido para um koutetsukan, mas não poderia esperar ultrapassar um kobune como o que os piratas tinham. Os piratas sabiam disso também. Eles não faziam esforço para escapar.

I-m'jek olhou ao barco parado imóvel na água. Isso não funcionaria. De repente ele gritou, "Morte aos piratas!" Então ele levou todos os outros Nezumis a bordo para se juntarem a ele até que houvesse um coro gritando no mar. I-m'jek se permitiu sorrir quando o kobune começou a navegar e se afastar do Imortal.

Os piratas facilmente abriram distância dos Nezumis, mas toda vez que pensavam tê-lo perdido, o Imortal reaparecia, repentinamente os seguindo. Sabendo que não havia meio de superarem um barco mais pesado, eles escolheram uma opção incomum e navegaram em direção ao Mar das Sombras. Quando Sadaharu viu o barco nitidamente, ele sabia que os rumores estavam corretos. Esses piratas sabiam da Rota Osaku e a estavam usando para transportar roubos do Mantis.

"Capitão! O maldito barco Roedor está à nossa frente!"

"O que? Isso é impossível! Você é um idiota! Me dê um relatório correto ou lhe jogo ao mar!"

O olheiro mexeu a cabeça. "É o mesmo barco maldito, Capitão! As bestas estão à nossa frente! Estão vindo direto para nós, Capitão!"

Praguejando em alta voz, o capitão pirata deu ordens a serem seguidas, rumando a Rota Osaku e de volta às águas patrulhadas do Mantis. Ele já despistou os Roedores várias vezes. Ele faria isso de novo.

Assim que completaram sua volta, o olheiro gritou de novo, "Capitão!" Ele estava apontando ao barco que se aproximava de onde vieram. Não havia um excepcionalmente rápido koutetsukan. Havia dois deles.

"Maldição! Saia de trás deles!" Ele olhou para o lado e viu que se fossem por ali atingiriam terra, e não haveria como fugir de dois perseguidores. Se fossem pelo outro lado, eles estariam navegando no Mar das Sombras, sem a proteção da passagem de Osano-Wo, a Rota Osaku. Ele tentou ordenar seu barco para navegar nas águas maculadas, mas ele não conseguiu fazê-lo. Ele sabia que a incerteza do Mar das Sombras lhe dava melhores chances que o confronto contra dois barcos, mas o perigo era maior que a captura e morte. Ele não podia fazê-lo. "Virem! Tentem passar por aquele barco na Rota!"

Sua tripulação se esforçou para cumprir suas ordens, mas o Imortal era rápido demais. Ele não o superaria em água aberta, mas facilmente abriria espaço entre eles enquanto o capitão pirata sofria em indecisão e era superado. Ele observava enquanto o Imortal colidiu ao lado de seu barco.

Hida Sadaharu passou a I-m'jek um manuscrito selado. "Devolva este manuscrito ao Mantis, Capitão. Jurei que o Imortal seria responsável pelo naufrágio dos piratas. Você terá seu pagamento."

O Nezumi sorriu, mostrando dentes afiados. "Obrigado, Capitão Caranguejo. Você ajuda-muito. Mas não recebe metade."

Sadaharu sorriu. "Não se preocupe, Capitão, você receberá seu pagamento. Estou satisfeito com meu dever."

Ikoma Asa terminou e olhou para Kaiu Genji. "Bem, Kaiu-san? Gostou do poema?"

O grisalho Caranguejo se curvou profundamente. "Você honra o Caranguejo com a narração, Asa-san. Estou muito grato."

Bayushi Ryuzaburo se virou para Doji Toyoaki. "Este foi maravilhoso, não acha?"

"Ela é um talento incrível."

"Acho que terei que aprender este. Prefiro teatro, mas esta Ikoma pode me fazer mudar minha preferência para a poesia."

Corte de Inverno: O Mês do Javali

Escrito por Nancy Sauer de Fred Wan

Kyuden Bayushi, Primeiro dia do Javali.

Fazia anos desde que Ide Tang foi numa Corte de Inverno no Kyuden Bayushi, e enquanto estava sozinho em das alcovas semiprivadas ele a estudava cautelosamente. Havia uma coleção de lindos objetos de artes à mostra, cada um deles completamente significativo de um jeito ou de outro; uma seleção de cortesão do Escorpião, todos pareciam ser afáveis e graciosos; e uma seleção de visitantes de fora do clã, todos supostamente dispostos a acreditarem nos cortesãos do Escorpião. O lugar não mudara muito, refletiu Tang.

"Bom dia, Tang-san. Espero que tenha encontrado seus aposentos em ordem."

Tang passou uma batida de seu coração contendo o impulso de pular sob controle e então se curvou profundamente ao homem que acabara de chegar à sua direita. "Eles estão de maneira excelente, Bayushi-sama. Lhe agradeço por sua gentileza a mim e ao meu clã."

Bayushi Paneki, Campeão do Escorpião, sorriu por trás de sua fina máscara de tecido. "É a felicidade de todo anfitrião ver que seus hóspedes estão confortáveis," ele disse calorosamente. "Percebo que está admirando a arte. Tenho alguns momentos livres; gostaria de me apontar algumas das mais notáveis peças?"

"Isso seria maravilhoso, Bayushi-sama," disse Tang. Isso era horrível, ele pen-

sou. A Corte de Inverno ainda estava em seu frenético estágio de abertura; se Paneki estava perdendo tempo em caminhar com ele agora, havia algo para acontecer.

Os dois passearam o perímetro da sala, parando ocasionalmente quando Paneki tinha algo a dizer sobre uma peça em particular. Finalmente eles chegaram a uma tela de várias partes ilustrada com uma cena de batalha. "Creio que a composição desta aqui seja muito intensa, pois todos essas figuras individuais lutando serem muito bem feitas," disse Paneki. "Mas o assunto é uma preferência sentimental minha."

Tang a estudou por um momento e percebeu que ela mostrava um exército Unicórnio vencendo uma batalha contra as forças do Crisântemo de Aço. Não havia Escorpiões mostrados nela, e isso, sabia Tang, era como devia ser. "Como diz, as figuras são muito impressionantes. Digna de alguns minutos de estudo, se não se importa em parar."

"De maneira alguma," disse Paneki num tom normal. Então, mais suavemente, ele disse, "Ouvi que Ide Eyen deu a Togashi Kanaye uma colher de manufatura gaijin este verão."

"Sim," disse Tang. Ele não entendia o Clã Dragão muito bem: eles se esforçam ao máximo para se protegerem do mundo e ainda assim continuam perpetuamente fascinados por ele.

"Preciso que ela seja roubada e entregue a um contato cujo nome você receberá depois," disse Paneki.

Tang piscou, então ergueu uma mão em direção a um grupo de figuras no canto da peça. "Mas Kanaye está em..." ele parou e tentou se lembrar.

"Kyuden Otomo," disse Paneki.

"Mas por quê?" disse Tang, percebendo que a pergunta era um engano enquanto a dizia.

"Não espero que conheça as responsabilidades que o primeiro Imperador deu a Bayushi," disse Paneki. "Espero que obedeça."

"Claro," disse Tang.

"Temo que eu deva partir agora," disse Paneki em seu tom normal. "Gostei de nossa conversa."

"Eu também," respondeu Tang. Ele se curvou a Paneki e então observou o outro homem partir.

Kyuden Ikoma, Sétimo dia do Javali

Yasuki Jinn-Kuen entrou na sala principal e olhou em sua volta. Ele conquistou seu caminho para esta corte principalmente para que pudesse trabalhar num massacre ente Leão e Garça. Não faz muito tempo, os dois clãs eram inimigos ferrenhos, e convencer o Leão de que a Garça tiraria vantagem da guerra do Leão com o Unicórnio para estender suas fronteiras não parecia tão impossível. Eles, afinal de contas, já fizeram isso antes.

Mas quando chegou em Kyuden Ikoma, ele fez a infeliz descoberta de que Domotai havia enviado Daidoji Kikaze como seu representante ao Leão. Isso o irritou — ele não podia convencer o Leão de que Domotai eira atacá-los assim que raiasse a primavera já que ela os havia entregado seu chefe de guerra pelo inverno. Ele viu a mão de Doji Nagori nisto — a própria Domotai era muito inexperiente em pensar num golpe tão complexo. E complexo apesar de ter errado nisto, pensou Jinn-Kuen, pois Kikaze era um cão desonrado e garantiria que o Leão se lembraria disso. Ele observou Kikaze ter uma conversa dom Matsu Aoiko e seu novo marido, Yoshike. Jinn-Kuen fixou uma rígida expressão e sua face e prosseguiu.

"Bom dia, Aoiko-san, Yoshike-san. Bom dia, Kikaze-san." Os três retornaram sua saudação, com Kikaze demonstrando uma notável falta de entusiasmo nela. Jinn-Kuen se virou para Aoiko. "Ofereço meus melhores desejos por muitas filhas fortes. Tenho certeza que honrarão a honra e glória do nome de sua mãe." Fora do seu campo de visão, ele viu Kikaze se mexer um pouco."

"Obrigado, Yasuki-sama," disse Aoiko calmamente. Seus olhos passaram de Jinn-Kuen para Kikaze, medindo a distância entre eles. "Meus pais conseguiram um excelente marido para mim."

"De fato, Yoshike-san é conhecido como um homem honrado, alguém de acordo com seus feitos. Tenho certeza que sua mãe só tem coisas boas a dizer sobre ele." Kikaze, ele notou, agora estava se irritantdo. Yoshike parecia preocupado, não incomodado. Jinn-Kuen escondeu seu sorriso e se virou diretamente para Kikaze. "Oh, me desculpe, Daidoji-san," ele disse. "Deve ser doloroso ser lembrado da tentativa de matar sua mãe."

"Minha mãe morreu há muito tempo," disse Kikaze. "E já que está claro que você não gosta de mim, talvez você devesse poupar nossos anfitriões de minha presença."

"Prefiro mantê-lo onde possam vê-lo," disse Jinn-Kuen. "Ou desistiu de esfaquear pessoas pelas costas?"

"Passei a esfaqueá-las pela frente," disse Kikaze com impressionante sinceridade. "Parece mais eficaz."

"Samurais-san," disse Yoshike firmemente, "isto é indigno."

"Minhas desculpas," disse Jinn-Kuen prontamente. Ele assentiu levemente para Yoshike. "Simplesmente fiquei surpreso. O que significa Doji Domotai ter enviado um homem como este aos corredores do honrado Leão?"

"O que isso significa?" Interrompeu Kikaze, "Que mesmo um homem como eu pode entender o insulto que Hida Kuon deu a uma Campeã da Garça?" Jinn-Kuen ficou em silêncio por um momento, temporariamente desprevenido pela manobra inesperada do Daidoji, e no silêncio, Kikaze falou novamente. "Não prevejo que esta conversa fique mais digna, então irei embora." Ele assentiu aos dois Leões e saiu.

Jinn-Kuen o observou ir embora e se virou para Aoiko e Yoshike. "Não entendo porque Domotai o deixou viver depois de desobedecer o comando do Imperador."

Aoiko franziu-se. "É cruel da parte dela fazer Kikaze viver em sua desonra, mas ela é a Campeã da Garça; ela pode ser curel para ela como quiser. Enquanto isso, como disse, o temos onde podemos observá-lo. Não é algo ruim." Enquanto falava os tons pesados do gongo de horas soou pela corte.

"Por favor, desculpem-nos, Yasuki-sama," disse Yoshike. "É hora de nossa seção de treinamento matutino. Não devemos ser considerados preguiçosos nesta primavera." Ele e Aoiko trocaram fortes sorrisos.

"Claro," disse Jinn-Kuen. Kikaze provou-se mais brilhante que o esperado, mas este não era um grande problema — ele tinha todo o inverno para atormentar o Daidoji. Enquanto isso, ele tinha outras coisas a fazer. Ele saiu para encontrar a delegação do Mantis.

Kyuden Kumiko, Décimo Terceiro dia do Javali

"Creio que acertamos as coisas à nossa satisfação mútua," disse Yoritomo Yashinko, sorrindo. "Há algo mais que deseje discutir, Taru-san?"

"Quanto por aquela estátua?" Disse Kaiu Taru, apontando. Era uma escultura de jade de meio metro descrevendo a Fortuna do Mar em seu aspecto furioso, lança pesqueira em mãos, de pé no convés de um grande kobune.

Yashinko não exatamente franziu-se, mas seu sorriso perdeu algum de seu brilho. "Kaiu-san, esta estátua não está à venda."

Taru riu. "Você é uma Mantis, certo? Então, quanto?"

O sorriso de Yashinko ganhou um fio distintamente gélido. "Kaiu-san, esta estátua foi esculpida há duzentos anos por Kakita Yozei, Escultor Mestre da Academia Kakita de Artes, e presenteada ao Campeão do Mantis na ocasião de seu casamento com uma poetisa treinada pelos Kakita... Não está, em qualquer circunstância, à venda."

Taru pareceu estar prestes a forçar mais o assunto, e então pensou novamente. "Vista-se," ele disse com zanga. Ele pegou o manuscrito que a cortesã Mantis o entregou, fez suas reverências, e partiu.

Yashinko mexeu os olhos brevemente e então pôs uma folha de papel em branco e preparava um pincel para um relatório. Ela mal começou a pegar tinta quando um servo suavemente abriu a porta. "Sim?"

"Minha lady, Shiba Yoma pede uma audiência convosco," veio uma resposta suave.

Yashinko pensou no assunto e então começou a guardar o kit de escrita. "O verei," ela disse, imaginando que negócios ele a traria.

Yoma entrou e passou alguns minutos discutindo a bela qualidade da estátua de jade antes de entrar nos negócios. "Yashinko-san," ele disse, "minha informação é de que você tem feito acordos para vender comida ao Caranguejo."

"Precisa-se de comida para lutar uma guerra," disse Yashinko.

"Provável," disse Yoma. "Também estou certo de que está vendendo armas para a Garça."

"Precisa-se de armas para lutar uma guerra..."

"Novamente, concordo. E ainda assim os Mestres estão preocupados com isto. Alguns diriam que o Mantis está piorando a crise para tirar proveito dela."

"Não posso ver como isto é possível." disse Yashinko. "A Garça e o Caranguejo estão convencidos das legitimidades de suas causas — dificilmente eles precisam de nós para aumentar suas hostilidades. E vender a ambos é um meio de prevenir acusações de que estamos favorecendo a um lado apenas."

"A dedicação de neutralidade é um exemplo para todos nós," disse Yoma secamente. "E ainda assim não se pode vender nada a qualquer lado e ser igualmente neutro."

Yashinko franziu-se levemente. "Shiba-san, o continente tem vários recursos faltos nas ilhas, não podemos acessá-los apenas por comércio. Falar em dinheiro é desagradável, mas temos bons usos para ele."

"Pode-se ter certeza de que age aos melhores interesses de seu clça, mas meus Mestres lhe imploram que considere os interesses do Império também. Caranguejo e Garça cumprem papéis vitais no Império — esta guerra ameaça distraí-los disto."

"Eles escolheram este curso de ação por si só," disse Yashinko. "Se você não aprova, talvez devesse discutir o problema com eles, não comigo."

"Talvez você esteja certa," disse Yoma.

Kyuden Asako, Décimo Oitavo dia do Javali.

Asako Toshi se inclinou sobre o manuscrito, estudando os planos nele atentamente. "Parece uma simples estrutura," ele disse.

"O Shi-Tien Yen-Wang não requer ornamentos elaborados em sua crença," disse Moto Akikazu. "A morte é tão natural quanto o cair da chuva, e um templo aos Juízes da Morte deve refletir isto."

Toshi assentiu. "Sabiamente falado, Akikazu-san," ele disse. Ele começou a enrolar o manuscrito. "Os Lordes da Morte talvez sejam os mais estranhos deuses de que já ouvi, mas não há como negar que servem aos Paraísos Celestiais à sua própria maneira. Estou muito feliz que tenha sido capaz de vir aqui nos dar conhecimento deles."

"A jornada foi longa, mas não difícil. O próprio Clã Dragão se colocou intensamente ao meu favor, permitindo-me viajar por suas terras."

"Um firme apoio!" Toshi riu levemente. "Por que, eles teriam que checar seus documentos ao menos duas vezes," ele suspirou e guardou o manuscrito. "Eles são um povo de grande sabedoria — que parecem compelidos a não fazerem nada com ela. Quantos problemas no Império não poderiam resolver, se Satsu agisse?"

Akikazu franiu-se levemente. "Toshi-sama, sei que não intenta ameaça ou desonra, mas meu clã não está impressionado com as ações do Dragão. Sua interferência em nossa guerra anterior com o Leão não foi bem-vinda, e não os queremos presentes nesta."

"Claro, plantar um exército entre Leão e Unicórnio seria um grave erro," disse Toshi. "Entre samurais, existem alguns conflitos que só podem ser acertados no campo de batalha. Mas existem outros meios de se envolver que podem limitar o perigo feito por tais coisas. E gostaria de falar com você sobre um meio agora mesmo."

Akikazu hesintou, então assentiu. O daimyo Asako o tratou com honra desde que chegou; ouvir com uma mente aberta não seria um grande favor para se pedir em retorno.

"Meu clã deseja enviar curandeiros às suas terras, para ajudar a tratar os feridos. Seu papel estaria estritamente confinado ao exterior do campo de batalha, e eles não interfeririam em sua guerra de maneira alguma."

"Esta é uma oferta muito generosa," disse Akikazu pensativamente. "Um bom senhor não tem medo de gastar as vidas de seus seguidores, mas Shinjo-kami ensinou aos nossos ancestrasi que um bom senhor não tem medo de preservá-las também. Não tenho autoridade de aceitar, mas enviarei uma mensagem ao Khan. Tenho certeza que ele concordará."

Agasha Chieh terminou de beber o chá e pôs a chaleira de volta no braseiro. "Espero que tenha achado sua estadia agradável, Ineko-san."

Kitsu Ineko aceitou uma xícara de chá e assentiu. "Obrigado, Chieh-san, achei. É bom passaro tempo visitando os amigos que fiz quando estudei nas terras da Fênix."

"O inverno é um estação bela, mas o frio e escuridão podem penetrar nos espíritos. Descobri que companheiros inteligentes são o melhor remédio."

Ineko sorriu. "Espero não ofender ao dizer que acho que tinha mais que uma simples companhia em mente quando me convidou para cá."

Chieh sorriu abertamente. "Perceptiva como sempre, Ineko-san. ESperei que pudéssesmo discutir a guerra entre o seu clã e o Unicórnio."

"Não parece haver o que discutir. A tentativa do Khan de tomar o trono à força foi ultrajante, e Yoshino-sama jurou que o veria punido por ela."

"O Conselho Elemental não deseja dissuadir o Leão de sua campanha," disse Chieh. Ela sorriu brevemente."Ou a reconhecem como impossível. Ao invés disso, desejamos diminuir os danos feitos pelo conflito. Gostaríamos de lhes enviar mais curandeiros, para judar em preservar as vidas dos feridos."

"A perícia da Fênix é bem conhecida," disse Ineko. Ela bebeu seu chá enquanto a conhecia. "É nobre de sua parte oferecer isto, mas devo recusar."

"Ineko-san, nunca questionaria seu julgamento mas desejo garantir que você tem todos os fatos em mãos antes de tomar sua decisão. Nossos curandeiros de maneira alguma procuram afetar o resultado da batalha, e esperariam pela ordem de irem tratar os feridos. Não haveria risco à honra do Leão, nem sugestão de que temam a morte."

Ineko mexeu sua cabeça. "Você não compreende. Quando o Leão entra no campo de batalha, nossos samurais vão como irmãos e irmãs, unidos em sua fé em seu Clã e nos outros. A presença de nossos curandeiros danificaria isto semeando inveja — as unidades com shugenjas Fênix certamente sofreriam menos mortes que as sem eles. Melhor para nós naõ ter nenhum para destruir nossa unidade."

"Entendeno," disse Chieh. "Nenhum Fênix negaria que há coisas dignas de se morrer por elas. Informarei os Mestres de sua resposta."

"Quando o fizer, por favor agradeça-os de sua generosidade," disse Ineko. "Eu, e meu clã, desaprovam algumas de suas recentes ações, mas eu sei que nisto eles apenas desejam o melhor para o Império."

"Certamente o farei," disse Chieh.

Kyuden Otomo, Vigésimo Oitavo Dia do Javali

"Então, a campanha de Yoshino contra o Unicórnio tem ido bem," disse Domotai.

Akodo Setai assentiu, "Tão bem quanto esperávamos," ele esclareceu. "Apesar do Unicórnio ter sofrido várias perdas em Toshi Ranbo eles ainda têm generais capazes, e seus samurais lutam com grande determinação. Uma pena que o campeão deles não os mereça."

"Esta ainda é uma questão de honra entre Yoshino e Moto Chagatai," disse Domotai. "por isso não oferecerei a ajuda de meu clã. Mas tem meus desejos de sucesso."

"Obrigado, Domotai-sama." Setai pegou a xícara de chá diante dele e bebeu. "Excelente," ele disse e abaixou o copo.

"É Broto de Cereja da Neve — muito raro."

Setai deu a ela um olhar intrigado. "Ouvi que a plantação em Sakura no Yuki Mura tem uma grande produção."

"Em anos normais, sim," disse Domotai. "Creio que a guerra afetará isto."

Setai considerou isto enquanto Domotai sinalizava para um servo reabastecer os copos. Não havia nada de incomum em sua frase, mas seus olhos pesaram na discrição do cortesão enquanto ela falava. "Em relação à guerra com o Caranguejo — meu Campeão está curioso sobre seu curso. Ouve-se que o Caranguejo está ganhando terreno nas províncias ao sul."

"É o padrão habitual de nossas guerras, como o Leão sabe. Perdemos território nos estágios iniciais, e então os invasores sentem o peso de nossos esforços políticos e econômicos." Domotai pausou para beber seu próprio sakê. "O Leão tem sido muito prestativo neste aspecto. Estou grata."

"É um prazer," disse Setai. "Apesar do dever do Caranguejo ser importante, não lhes dá o direito de cuspirem na memória de um homem honrado."

"Não," disse Domotai suavemente. "E quero ensiná-los isso."

Ensaios do Império, Parte 4

Escrito por Shawn Carman

Províncias Caranguejo, ano de 1169, Mês do Rato

Togashi Miyoko tremia no vento cortante do inverno e enrolou seu manto mais forte ao seu redor. Não pela primeira vez, ela considerava o uso de uma de suas tatuagens sagradas que o manto escondia para tentar dissipar o que parecia com o toque do próprio Dragão de Gelo. O pensamento a fez pensar vagamente em Togashi Matsuo, um dos mais venerados de sua ordem e o único ise zumi conhecido a portar uma tatuagem com a imagem do Dragão de Gelo, seria imune a incômodos do inverno como este. Finalmente, ela decidiu que ele provavelmente não era, pois as Fortunas raramente seriam tão misericordiosas. Em qualquer evento, ela aumentava sua vontade contra a tentação e prosseguia. As tatuagens da ordem ise zumi eram dons, impressas na pele pelo uso do sangue de seu Campeão, que detinha o poder do fundador do Clã Dragão. Usar tal coisa para algo tão trivial quanto o conforto pessoal... Parecia quase obsceno, e certamente blasfemo.

Felizmente, ao que parecia, não havia necessidade de sofrer o castigo do clima por muito tempo, pois Miyoko estava à beira do tempo à distância. O pensamento de visitar um tempo nas terras do Caranguejo era mais agradável do que a promessa do frio, pois havia poucas coisas que Miyoko desfrutaria mais do que descobrir os costumes e tradições de novos templos. Ela apressou seu passo, deliciando o pensamento de chegada assim como o jorro de calor que seus esforços renovados a traziam.

Só um momento depois, Miyoko caminhou pela soleira do templo, inconscientemente grata pela leve brisa de ar morno do interior e pelo abrigo do vento frio. Um dos monges irmãos caminhou à frente e curvou-se, ela o retornou. "Saudações, irmã," disse o homem. "Bem-vinda."

"Obrigada, irmão," ela disse. "Sou Togashi Miyoko, da ordem ise zumi."

"Bem-vinda, Miyoko-san," disse o homem. "Bem-vinda ao Templo da Resolução."

"Templo da Resolução?" disse Miyoko. "Não estou familiarizada com sua ordem, irmão. Vocês têm algum monastério próximo às terras do Dragão que possa ter um nome diferente?"

"Não temos," respondeu o monge. "A Ordem da Resolução é predominantemente encontrada nas terras do Caranguejo, apesar de haverem templos nas terras Mantis e Matsu também." Ele sorriu. "Sou Atsuru. É meu prazer recebê-la."

"Obrigada novamente," a jovem monja disse com um sorriso. "Sua hospitalidade é renovadora. Foi uma longa e difícil jornada desde as terras do Dragão."

Atsuru sorriu, então franziu-se. Ele apontou a um símbolo no kimono da jovem mulher. "Este símbolo parece familiar. Você é...?"

"Sou uma guardiã de templos," respondeu Miyoko. "Uma seita de nossa ordem devotada à proteção de templos das terras do Dragão."

Atsuru assentiu. "É infeliz que tal tarefa seja necessária, mas não tem sido incomum nos anos seguintes à Guerra dos Clãs."

"Não desejo impor," disse Miyoko, desamarrando sua bolsa de viagens, "mas você tem um quarto para que uma visitante passe a noite? Certamente se tiver outros visitantes eu entendo..."

"Só há outro visitante," disse Atsuru. "Um colega viajante, um monge também."

Ela partiu um sorriso aberto. "Maravilha! Adoro estudar os fundamentos de ou-

tras ordens! Espero que talvez possa aprender de sua ordem assim como a do outro visitante. Posso perguntar a ordem dele?"

"Nós... Não sabemos." Atsuru sorriu um pouco desconfortavelmente.

"Ah," ela respondeu. "Claro. Nem todos são inapropriadamente adiantados como eu. Isto é o que meu sensei disse, ao menos. Talvez a questão não tenha surgido."

"Não," Atsuru a corrigiu. "Já perguntamos. Nosso visitante não é particularmente adiantado." O semblante do monge se tornou estóico. "Nem tem seu senso de cortesia e respeito, aliás."

"Entendo," disse Miyoko. "Isto é bastante curioso. Posso falhar com ele?"

"Seria de baixo tom para nós interrompermos sua adoração," disse Atsuru. "Porém, este não é um templo particularmente grande. Creio que não possa ser evitado, mas seu quarto de hóspedes ficará perto do dele."

Miyoko sorriu.

"Saudações, irmão!"

O homem encapuzado olhou para cima irritado, seu bastão e bolsa de viagens preparados para o que pareciam ser uma partida eminente. "O que quer, garota?"

Miyoko ergueu uma sobrancelha. "Talvez sob circunstâncias diferentes eu diria, cortesia comum. Porém, já que estou nas terras do Caranguejo, talvez não seja este o meio que as coisas sejam feitas por aqui."

A face do homem estava obscurecida com trapos, mas seus olhos indicavam claramente que estava olhando para ela. "Não tenho tempo para tais trivialidades."

"Assim você diz," respondeu Miyoko. "Meramente desejava perguntar o nome de sua ordem. Sou estudante de muitas ordens dentro da Irmandade."

"Minha ordem não tem nome," respondeu o homem. "E não estamos afiliados à Irmandade."

"Interessante," ela disse. Ela apontou às suas vestes. "Parece que sua roupa já teve um mon, mas não o tem mais. Que mon um monge tão humilde usaria?"

"Não é problema seu," ele disse irritado. "Sou Katashi, aluno do grande mestre Michio, e isso é o que precisa saber."

"Excelente!" Ela sorriu largamente. "Sou Togashi Miyoko, dos ise zumi, viajando à Grande Muralha para trabalhar ao lado de vários de meus irmãos já ajudando o Caranguejo em seu valioso esforço."

"Não me importo," ele disse curtamente.

"Qual é o propósito de sua viagem?" Disse Miyoko, pressionando por informação.

"Não é problema seu," respondeu Katashi.

"Imagino que tenha tido dificuldades para conseguir documentos de viagens," ela sugeriu.

Ele desdenhou novamente. "Não preciso de documentos de viagens."

Miyoko franziu-se. "Mesmo monges devem apresentar documentos quando cruzando as fronteiras das terras do Caranguejo."

"Que bom, então, que nunca estive numa situação onde fui exigido de fazê-lo."

"Isto parece difícil," sussurrou Miyoko. "Creio que está deixado o templo, então?"

"Templo?" O tom de Katashi estava cheio de desdém. "Esta estrutura simplória dificilmente se qualifica como um."

Uma sombra pareceu cair no rosto da ise zumi. "Desrespeito a um templo é um atributo inaceitável para qualquer um, muito menos um monge," ela disse calmamente. "Lhe encorajo para que retire seu comentário, em respeito a nossos anfitriões."

Katashi a olhou neutramente por vários momentos, então pegou seu bo e lentamente derrubou uma tigela de incenso, espalhando cinzas e carvão pelo chão. "Isto é o que penso desta espelunca, e daqueles que habitam nela."

O olhar de Miyoko estava cheio de aço. "Você desmerece os mantos de qualquer ordem que vista," ela disse. "Você deve ir."

"Estou saindo," respondeu Katashi. "Controle sua língua, garota, ou ensinarei as maneiras que seu tolo sensei negligenciou nas aulas."

"Basta," disse Miyoko. Ela assumiu uma postura defensiva. "Sou uma monja, mas sou de origem samurai, e não sofrerei insultos à família nobre que sirvo."

Katashi se moveu tão rapidamente que Miyoko mal podia seguí-lo. Ela caiu no chão de pedra pouco depois, enquanto o bastão que ele carregava atingiu a coluna atrás dela com um ruído retumbante. Ela notou de sua única perspectiva que ele estava com aço nas duas pontas. Ela rolou enquanto o monge seguia seu primeiro ataque com um golpe de impacto que por pouco errou sua cabeça. "Renda-se a mim, garota," disse Katashi, "Não há necessidade para ser aleijada hoje."

Miyoko respondeu com uma seqüência de movimentos enquanto a tatuagem do Dragão do Ar que cobria suas costas encheu seus membros com uma velocidade sobrenatural. Ela chutou a perna esquerda de Katashi de debaixo dele, e então deixou um segundo chute diretamente em seu peito. Katashi caiu a uma curta distância na sala e rolou várias vezes, colidindo com o altar primário do templo. Ele se ergueu rapidamente, e olhou para a jovem mulher com novo interesse. "Impressionante," ele admitiu. "Não será o bastante."

"Vamos ver," respondeu Miyoko.

Katashi baixou seu bo e adotou uma postura de luta baixa. Ele pôs os dois braços posicionados contra seu peito por um momento, e então virou suas palmas para fora. Suas palmas, que estavam limpas um momento atrás, agora estavam estranhamente acinzentadas. "Você não pode derrotar meu estilo Fênix Decaída, garota."

"Experimente," ela disse.

Ele veio a ela com a mesma velocidade ofuscante, mas sua tatuagem do Dragão do Ar a permitia disputar com ele. Felizmente, seu próximo ataque rachou a pedra atrás dela, e então ele novamente redobrou seu ataque seguido de outro. Ela esquivava repetidas vezes, mas era incapaz de encerrar muitos de seus próprios golpes.

Finalmente, uma de suas palmadas atingiu o peito do homem, mas ele apenas foi para trás alguns centímetros. "Patético," ele concluiu. "Sua técnica é forte, mas você não tem o poder necessário para enfrentar um guerreiro legítimo."

"Talvez eu não precise ter," respondeu Miyoko. "Talvez eu só precise ganhar tempo."

"O que?" Exigiu Katashi. Ele olhou em volta da grande câmara na qual entraram, e pela primeira vez ele notou dúzias de monges que estavam se movendo para cercá-los. Suas posturas deixavam claro que não eram estranhos ao combate desarmado, assim como seus físicos deixavam claro que eram ex-guerreiros do Caranguejo. "Entendo," ele disse. Ele se virou à Dragão. "Isto não acabou entre nós, menininha."

"Sinceramente espero que não," ela respondeu. "Suspeito que você ainda tem muito pelo que responder.

Com um último e maléfico olhar, Katashi deu um salto mortal sobre um monge que avançava, dando-lhe um forte golpe na cabeça no processo, e desapareceu na penumbra atrás do canto do templo. Miyoko olhou para a nevasca crescente, considerando persegui-lo por um momento. Por fim, ela parou.

Era como ele disse: a questão entre eles não estava concluída.

Kuni Bachida lambeu seu lábio nervosamente e tentou não se preocupar desnecessariamente. Ele estava de pé fora da câmara à qual havia sido chamado há quase uma hora, e a ansiedade que sentia era interminável, primeiramente porque a ansiedade era praticamente estranha a ele. Ele havia estudado sobre os mais imperdoáveis senseis que a família Kuni podia gerar, e se aventurou nas Terras Sombrias com seus colegas novatos, e ainda assim esta era a coisa mais alarmante que já aconteceu a ele.

A porta da câmara se abriu de repente, a placa de madeira ruidosamente se arrastando contra a fundação de pedra no corredor. Um par de Kuni emergiu, cada um carregando um pacote de manuscritos, e ambos pareciam de algum modo deslocados. Enquanto desapareciam pela passagem atrás dele, Bachida endireitou seu kimono e inclinou sua cabeça levemente para ter uma visão melhor.

"Entre!" gritou uma voz trovejante, fazendo o jovem homem tremer levemente. Ele franziu-se, amaldiçoando-se por sua fraqueza, e passou pela câmara. Se não o soubesse, Bachida teria pensado que estava num castelo do Leão ao invés de um do Caranguejo. Haviam manuscritos espalhados pela sala, cobrindo virtualmente cada superfície e pregados nas paredes em vários lugares. Primeiramente ele pensou que fossem mapas, incluindo tropas, equipamentos e suprimentos, todos marcados com várias localizações pelo Império.

Uma figura imponente estava de pé no centro da sala, procurando de um manuscrito para outro. Ele o fez por vários momentos antes que seu já severo semblante se tornasse uma carranca, e direcionou seu olhar ao jovem. "Você é Kuni Bachida?"

"Hai, meu senhor." Ele se ajoelhou, reconhecendo o manto verde que cobria os tradicionais mantos Kuni. "É uma grande honra."

"Poupe-me," disse Kuni Daigo. "Se eu ouvir mais uma pessoa me dizer que é uma grande honra me conhecer, acho que vou matá-la."

Bachida empalideceu mas não disse nada.

"Você sabe por que está aqui?" Exigiu Daigo.

Bachida considerou sua resposta, e finalmente decidiu que responderia a este como a qualquer outro. "Pensei sobre isso," ele admitiu. "Creio que não haja absolutamente razão alguma para ser convocado à sua presença."

Daigo ergueu uma sobrancelha, e quase sorriu. Quase. "Você está aqui porque preciso desesperadamente de um assistente pessoal para me ajudar a cuidar de meus afazeres."

Bachida olhou atonitamente a ele. "Você me quer para oferecer sugestões?"

"Não me disseram que era um simplório," xingou Daigo. "Eles me disseram que era um dos melhores alunos de sua classe. Eles me disseram que você completou todos os requerimentos de um gempukku Kuni, ,e insistiu em acompanhar os estudantes Hida e Hiruma em suas jornadas para as Terras Sombrias como parte deles também. Isto está correto?"

"Está," respondeu Bachida. "Quis experimentar tudo o que seria pedido de mim. Quis experimentar as Terras Sombrias, já que terei que lutar contra elas minha vida inteira."

"E o que descobriu?" Perguntou Daigo. "Você a teme?"

"Não," respondeu Bachida de uma vez. "A respeito. Respeito seu poder e a ameaça que impõem, mas não a temo. Fazê-lo a dá poderes sobre mim, e isso eu não permitirei."

"Bom," disse Daigot. "Muito bom. Mas quero avisá-lo, haverá pouca glória nesta tarefa. Você ganhará prestígio, certamente, mas será um mensageiro, um assistente..." Ele franziu-se antes de continuar. "... Talvez até mesmo um representante na corte quando a ocasião surgir. Se você queria uma vida de um verdadeiro Caranguejo, estará se rendendo se aceitar este dever. Pense com cuidado."

"Não preciso," disse Bachida. "Você é Kuni Daigo. Você se tornará o Campeão de Jade que todos desde Utagu falharam em ser. Sou seu, se desejar que seja."

"Muito bom," repetiu Daigo. "Seu primeiro comando, então, é ficar de lado e observar. Tenho um visitante importante que deve estar chegando a qualquer momento."

Bachida curvou-se e caminhou de costas em direção ao muro, querendo sumir entre as pedras. Ele considerou pedir aos kamis para fazê-lo, mas rapidamente dispensou a idéia. Ele duvidou que estes fossem os modos de um servo que Daigo precisasse.

Um sentinela Hiruma adentrou a câmara e curvou-se vigorosamente. "Seu visitante chegou, Daigo-sama." Ele caminhou de lado, e, para surpresa de Bachida, uma das mais lindas mulheres que já viu entrou na sala. Ela era pequena, diferente das musculosas e atléticas mulheres de outras famílias do Caranguejo, e lindamente delicada diferente das estoicamente práticas mulheres dos Kuni. Ela tinha um ar de auto-confiança, mas Bachida pensou haver detectado uma noção de incerteza no modo dela se portar.

"Saudações, Campeão de Jade," a mulher disse com uma reverência. "É meu grande prazer receber seu convite."

O sorriso de Daigo foi forçado, e Bachida imaginou se ele considerava 'grande prazer' próximo o bastante de 'grande honra' para matar a mulher. "Obrigado, Minami-sama. Aprecio sua resposta rápida. Sei que o inverno é uma estação difícil de se viajar."

"Nós Moshi somos bem experientes em viajar em condições difíceis," ela respondeu. "É um dos vários benefícios de nosso serviço ao Clã Mantis."

"Claro," disse Daigo. "Não vejo razão para desperdiçar nosso tempo. Somos shugenjas em algum ponto, não é?"

Minami franziu-se levemente, mas só por um momento. "Correto."

"Você não é mais uma shugenja," disse Daigo. "Esta é uma ocorrência excepcionalmente rara. Como aconteceu?"

Bachida se esforçou para conter a surpresa. Ele nunca ouviu falar de ninguém pôr de lado o dever de sacerdote, a menos que estivesse se juntando a um monastério. Esta mulher parecia uma cortesã. "Não creio que este assunto seja de interesse seu," disse Minami secamente.

Daigo bufou, então pegou um manuscrito. "De acordo com isto, você foi um dos Mantis que descobriram os meios pelos quais atar os gigantescos orochi à sua vontade. Vocês os usaram como armas contra a Fênix, e creio. Muito curioso."

"Quase tão curioso quanto um Caranguejo que faz perguntas que já sabe as respostas," disse Minami.

"E o pacto que fez com essas criaturas eventualmente resulta na perda de suas habilidades de falar com os kamis," disse Daigo, sua expressão se tornou séria. "Este é um destino que não posso nem imaginar."

"Sinta-se feliz por isto," disse Minami calmamente.

"Você é uma mulher com várias perícias únicas," disse Daigo. "Você sabe mais sobre os kamis e o uso da magia que talvez qualquer não-shugenja do Império. Porém, após sua... Infeliz ocorrência... Você começou a treinar como cortesã."

"Sim," disse Minami. "Tenho servido tanto a Yoritomo Yoyonagi e Yoritomo Sachina."

"Ambas figuras importantes da Corte Imperial, e uma agora foi apontada como Campeã de Ametista." Daigo enrolou o manuscrito. "Uma descendência incrível, mesmo que você tivesse treinado para o dever desde a infância, mas você não é."

"Há algo mais que queira de mim, Daigo-sama?" Perguntou Minami.

"Mais importante," continuou Daigo, como se não a tivesse ouvido, "meu primo Kuni Umibe falou com você durante o Campeonato de Jade. Ele um ótimo juiz de caráter, e falou muito bem de você. Para Umibe fazer uma coisa... Bem, digamos simplesmente que ele faz essas coisas bem raramente."

"Me lembro de seu primo," disse Minami. "Um homem sábio. Gostei de nossas conversas."

"Muito bom," disse Daigo. "Gostaria de lhe oferecer uma posição em minha organização trabalhando com ele."

Os olhos de Minami se arregalaram levemente. "Trabalhar com shugenjas?"

"Não exatamente," respondeu Daigo. "Estou criando três posições para meus subordinados mais qualificados. Um coordenará todos os assuntos pertinentes aos shugenjas a meu serviço. Este papel será cumprido por meu primo. Outro cuidará dos assuntos relacionados à Legião de Jade que me serve, e outro cuidará de todos os assuntos relacionados aos meus interesses na corte. Obviamente, estarei envolvido em todos os três, mas um homem sábio delega autoridades. Gostaria de oferecer a posição como minha representante na corte."

A jovem Mantis curvou-se levemente. "Ficaria muito honrada em aceitar, meu senhor."

"Que assim seja." Daigo acenou para Bachida, que deu um passo à frente. "Este é meu assistente. Dê a ele um relatório de suas necessidades imediatas. Ele providenciará para que as pessoas corretas as recebam. Gostaria que fosse à capital na próxima semana, se achar que pode melhorar o clima até lá."

"Este é meu dever," disse Minami com outra reverência. "Não se preocupe com os detalhes, só sei que chegarei à capital como deseja."

"Excelente," disse Daigo. "Agora, se me perdoa, tenho muito a fazer. Bachida?"

Bachida hesitou por um momento, e então pegou um manuscrito e pena dos vários na mesa. "Se me acompanhar, Minami-sama," ele disse, "iremos até outra câmara para que o Campeão de Jade continue seu trabalho."

As Flores, a Neve

Escrito por Nancy Sauer e Fred Wan

Bayushi Saya olhou a sala, desfrutando a visão de poder indo e vindo pelas conversas ao seu redor. A Corte de Inverno no ano passado em Kyuden Otomo foi excessivamente animada, em todos os aspectos,e este ano prometia ser quase tão interessante. E ela tinha que agradecer a Doji Domotai por isto.

A cortesã Escorpião ergueu seu leque e o moveu gentilmente para a frente de sua face, usando-o como cobertura enquanto prosseguia em seu estudo. Desde o começo do Império os nobres do Clã Garça têm sido os mais elevados árbitros do estilo e gosto. Um artista reconhecido como talentoso pelos mestres Kakita instantaneamente recebia ofertas de patrocínio dos ricos e poderosos. Um mestre de chá em posse de um daimyo de alto nível da Garça recebia convites para as cortes de inverno de daimyos de alto nível de outros clãs. E, na semana passada, quando Doji Domotai Campeã da Garça, caminhou pela corte principal de Kyuden Otomo trajando roupas que eram da época de Hantei X, ela instantaneamente viu toda outra mulher na sala como fora de moda. A lógica era inescapável: Lady Doji não podia estar errada, logo todos os outros estavam. Saya ficou impressionada: nunca antes ela havia visto uma demonstração nua de poder tão artisticamente vestido.

A própria Domotai agora estava de pé nos degraus diante da sala, conversando com Otomo Hoketuhime. A Garça estava vestindo um rico manto azul estampado com ramos de pinheiro sobre cinco outros mantos pintados em sucessivos tons de azul, terminando num manto branco. Os mantos eram abertos e vestidos sobre um conjunto de kimono e hakama. A abertura frontal e a lateral do manto tinham mangas à cintura, que foram feitas para mostrar os mas camadas sobrepostas numa demonstração estonteante de cor. Hoketuhime estava vestindo um conjunto de mantos que tinha múltiplos tons de amarelo e dourado sobre um kimono e hakama azul esverdeado. Saya havia lido o bastante nos últimos dias para saber que esta era uma combinação de cores popular para o meio do inverno do tempo de Hantei X, e logo sua semelhança às cores da família Hantei eram apenas uma coincidência. Da mesma maneira que o fato de que Hantei X tinha sido um Otomo antes da linhagem principal da família Hantei morrer e de ter sido obrigado a se unir à família e se tornar Imperador também eram coincidência.

A aparição de Domotai pôs em polvorosa as fábricas e tecelagens pois todos na corte tentavam seguir sua liderança. E então a diversão realmente começou, pensou Saya, pois toda loja de kimonos ao alcance do palácio diziam estar 'ocupadas fazendo roupas para Lady Doji', e não podia aceitar quaisquer negócios — a menos que Lady Doji o dissesse. Espalhados pela sala estavam os felizardos: damas das companhias de Domotai e Hoketuhime, visitantes de alto nível dos Clãs Fênix e Leão, e Yoritomo Yoyonagi, a Campeã de Ametista. Todos os outros estavam engajados num comportado e frenético esforço para trocar favores o suficiente para ter acesso à nova moda, pois aparecer na corte tão bem vestido significaria que ou você é uma pessoa importante o bastante para que Lady Doji o presenteasse com uma roupa ou que era astuto o suficiente para conseguir uma para si. E poucos infelizes já sabiam que estariam fadados a falhar neste ponto. Saya sorriu levemente ao ver Yasuki Miliko em conversa com Isawa Ochiai, que estava lindamente vestida numa combinação de vermelhos e amarelos. A Caranguejo estava tentando desesperadamente obter um conjunto, e manter seu prestígio como Campeã de Rubi, mas ninguém parecia interessado em desafiar Lady Doji em seu terreno.

As meditações de Saya foram interrompidas pela visão de Asahina Beniha se aproximando. A Garça estava vestida num conjunto de mantos brancos, rosa e verdes, que visavam invocar a natureza dormindo sobre a cobertura da neve, o que fez Saya pensar em algo comprado numa loja de confecções. Claro, ela pensou, confecções seriam apenas o ângulo para o qual Beniha estava indo.

"Bom dia, Bayushi-san," disse Beniha agradavelmente.

"Bom dia, Asahina-san," disse Saya.

"Não pude evitar em notar que você está admirando as roupas de Mestra Ochiai. Não são lindas? Ela veste cores quentes tão maravilhosamente."

"De fato. Também estava notando sua Campeã — um pouco forte da parte dela

não usar diretamente tons do padrão roxo, mas alterara as cores usadas."

"Ah, uma estudante da arte!" Disse Beniha. "Estou ansiosa para ver quais combinações você usará. Mulheres do Escorpião são bem conhecidas pelo seu senso de estilo."

Saya olhou sobre a Asahina com um novo interesse. Como membra da companhia de Domotai, Beniha saberia exatamente bem que ela ainda deveria obter alguma peça da nova moda, e enquanto jogar sal na ferida era uma tática legítima na corte, isso normalmente não fazia o estilo da Garça. "Infelizmente, isto não terá uso por algum tempo. Todas as lojas de kimono estão lotadas, e tenho sido incapaz de fazer um pedido." Ela não achou ninguém que quisesse ameaçar com a destruição por isto, também. Ainda era cedo na estação cortês, e ela queria ter alguma coisa reservada.

"Realmente infeliz," disse Beniha, simpática. Ela fechou seu leque e o bateu contra seu queixo algumas vezes, como que se estivesse pensando. "Talvez eu possa lhe dar o nome de meu alfaiate? Sua loja não é tão famosa quanto as que as Lady Doji e Hoketuhime usam, logo, estou certa de que estarão menos ocupadas."

Saya a olhou, pensando nas possibilidades. Aceitar a ajuda de Beniha significaria dever um favor a ela, mas isso necessariamente não seria algo ruim. E se ela pudesse ter acesso às roupas agora… Sobre o ombro de Beninha, ela podia ver Miliko, que agora estava conversando com Yoyonagi, que estava fazendo disto um motivo para cuidadosamente reorganizar suas mangas.

"Você é muito gentil, mas não quero incomodá-la."

"Não seria problema algum, na verdade."

"Mas certamente você não precisa dele para fazer uma roupa para você?"

"Ah, não," disse Beniha, aereamente. "Estou bem suprida." Ela se aproximou sobre seu leque e se aproximou. "Jorihime e eu estamos compartilhando roupeiros," ela sussurrou. "Entre nós duas temos roupas o bastante para durarem até o meio da primavera."

Saya ergueu seu leque para cobrir o sorriso que ameaçava se despontar. Beniha era claramente uma das mais perigosas, ela pensou. As possibilidades que esta corte podia apresentar a ela eram intermináveis. "Bem, se você está certa, então ficaria muito grata," ela disse. "Se houver alguma coisa em pudesse demonstrar um pouco de minha gratidão você só tem que pedir."

"Você é muito gentil, Bayushi-san," disse Beniha. "Me lembrarei disto."

No norte do Império, o inverno chegava mais cedo, e os comandantes militares sábios garantiam que suas tropas estivessem a caminho dos quartéis de inverno antes que as folhas parassem de cair das árvores, no sul, eles não eram tão radicais, e um geral com clima ameno e suficiente desespero podia prosseguir muito bem sua marcha no meio do inverno. Hida Daiyu se encolheu em seu manto de inverno e prometeu a seus ossos gélidos que este seria o último esforço desta estação: uma vez que o Caranguejo tivesse Sakura no Yuki Muraem mãos ele deixaria o assunto descansar até a primavera.

Ele deslizou a porta da casa campestre e entrou sem se incomodar em tirar seus sapatos. Dentro, um samurai armadurado vestindo as cores e o mon dos Daidoji se sentava numa fogueira diante de uma pequena mesa. Alguns samurais armadurados se alinhavam contra o muro atrás dele. Daiyu esperou pacientemente enquanto seu guarda de honra se colocava atrás dele, e então falou. "Saudações, Daidoji-san," ele disse.

"Saudações, Hida-san. Sou Daidoji Zoushi, comandante das forças da Garça protegendo este distrito." Ele apontou à mesa, que tinha uma garrafa de sakê e dois copos. "Junta-se a mim para uma bebida?"

"Obrigado, Daidoji-san. Sou Hida Daiyu, comandante das forças do Caranguejo que tomarão este distrito amanhã à noite."

"Mesmo?" disse Zoushi. Ele serviu sakê aos dois, e então bebeu. "Há pouco para se discutirmos, então. Minhas ordens são bem claras."

"Há uma coisa." Daiyu pegou o copo e o sorveu, desfrutando a fragrância do sakê. "Há a destiladora Broto da Cereja de Neve," ele disse, e então bebeu o copo.

"O que tem ela?" disse Zoushi, servindo outra rodada.

"Apesar dele não ser verdadeiramente o herdeiro dos Yasuki, não pode se negar que Daidoji Hachi—"

"Yasuki Hachi," interrompeu Zoushi.

"— O ex-Campeão de Esmeralda," disse Daiyu, e após uma pausa para ver se Zoushi tinha objeções, "era um homem honrado que serviu ao Clã Caranguejo ao máximo de sua habilidade. Em honra de seu serviço, eu prometo que minhas forças não tentarão queimar ou destruir de qualquer outra forma Sakura no Yuki Mura ou sua destiladora."

Zoushi bebeu seu sakê enquanto considerava. Em termos puramente materiais isso beneficiava o Caranguejo, pois precisavam desesperadamente do dinheiro que a destiladora os traria. O que o Caranguejo realmente estava oferecendo era a implicação de que a Garça tentaria vencer a batalha que se aproximava, o que, pensou Zoushi, seria intensamente prejudicial aos seus recursos militares e extremamente incomum. "Estou tocado pela sua oferta à memória do antigo Campeão de Esmeralda," ele disse. "Também prometo deixar o vilarejo e sua destiladora intactos, para que seus dois clãs possam honrá-lo."

Daiyu sorriu e se levantou. "Obrigado, Daidoji-san. O que quer que aconteça entre nossos clãs, o Caranguejo jamais esquecerá a defesa de Última Esperança de Shinsei."

"Nem a Garça," disse Zoushi. Ele observou enquanto os Caranguejos deixavam o prédio e então sinalizou para seu ala encher seu copo.

"Zoushi-sama," o homem disse quando o homem bebia, "não entendo. Nossas ordens são para negar ao Caranguejo o uso da destiladora."

"Sim, e daí?"

"Você acabou de prometer deixá-la intacta."

Zoushi deu ao homem um olhar temperado e pegou seu copo. Hachiman, Senhor das Batalhas, defenda-me de minha equipe, ele pensou enquanto bebia. Posso cuidar do Caranguejo sozinho. "Qual é o nome do duelista Kakita que temos conosco?"

"Kakita Kensho-in," disse seu ala.

"Sim. Ela. Quando chegarmos ao acampamento, quero que seja levada à minha tenda."

Do lado de fora, Daiyu estava montando em seu cavalo quando um de seus guardas de honra se aproximou. "Sim?"

"Daiyu-sama, creio que você deveria saber que reconheci um dos homens que Zoushi tinha com ele. Seu nome é Daidoji Kojima, e ele é um dos que treinaram na Muralha."

Daiyu considerou por um momento. Daidoji que fossem veteranos da Muralha eram extremamente fortes em combate, mas a Garça não tinha muitos deles, e mesmo que Zoushi tivesse uma legião deles, não seria o bastante. Ainda assim, era algo sobre o qual planejar. "Bom saber disto, Aya."

A destiladora da Broto da Cereja de Neve estava localizada próxima a uma área levemente coberta de madeira que concederia excelente cobertura a qualquer um que quisesse atacá-la. O líder da força Caranguejo assegurou a destiladora contra tal ataque. Eles tinham bons batedores, Daidoji Murasaki refletiu para si, cuja única fraqueza era o fato de que eles não passaram cinco anos obsessivamente mapeando a área na qual estavam operando. Ela acariciou carinhosamente a sua caixa de mapas. Os Daidoji que se juraram às famílias da Garça não esqueceram de suas raízes.

Ela enviou o sinal para Akagi e Naoshige, fazendo-os olhar à própria destiladora, e esperou para que o resto de sua força se aproximasse. Kojima chegou primeiro e ficou próximo a ela. "Estamos correndo por trás," ele disse. "A batalha principal pode ter começado há uma hora."

"Não podemos evitar," disse Murasaki. "Não demorará agora."

Kakita Kensho-in chegou com o próximo grupo e fez seu caminho aos Daidoji. Ela apareceu na direção do pequeno vale onde estava a destiladora. "É muito triste, não acham?" ela disse suavemente. "O que estamos prestes a fazer?"

"O que quer dizer?" Disse Murasaki.

"Toda esta bela engenharia — é como derrubar um velho e lindo vaso."

Murasaki franziu-se. "Broto de Cereja da Neve vende a um preço muito alto— logo o Caranguejo não pode tê-la. Com esta quantidade de kokus eles reabririam seus mercados."

"Ainda assim, considero triste que algo tão belo deva terminar."

"Artistas podem ter tais pensamentos, mas soldados, não. Talvez sejamos felizes por isto." Murasaki levantou uma mão para reunir qualquer resposta e depois de um momento, primeiro Naoshige e então Akagi apareceram. "Bem?" Ela perguntou.

"Dez bushis, no total," disse Akagi. Naoshige assentiu, concordando.

"Estou feliz por reconhecerem que Zoushi-sama é um homem sincero," disse Murasaki. "Dez bushis são uma guarda de honra, não uma distração."

"Guarda de honra de fato," disse Naoshige. "Reconheci alguns deles — são os que Hida-san tinha com eles noite passada."

Houve um engasgo na respiração de Kojima e Murasaki quando olharam para cima para ver que suas faces ficaram pálidas. "A mulher está lá, também?" ele perguntou. "Aquela com o mon da escola Hiruma?"

"A mulher da noite passada, sim," disse Akagi. "Não pude identificar o seu mon; era estranho para mim."

"Seu nome é Hiruma Aya," disse Kojima. Ele hesitou por uma batida de coração, e então continuou. "Ela é uma das primeiras alunas admitidas na nova-velha-escola Hiruma. Ela é muito perigosa."

Murasaki considerou por um momento. Ela não tinha idéia das forças da escola renascida, mas isso pouco importava — o sensei Hiruma poderia ter escolhido estudantes que a fariam parecer boa independente disso. "Akagi," ela disse, e então fez um movimento com sua mão como se estivesse puxando e disparando uma flecha. Ele assentiu. "Naoshige, o oficial deles. Vão. Preparem-se."

O grupo de Murasaki se pôs atrás da linha de árvores e correu pela ladeira em direção à destiladora, deixando seus mantos crus caírem ao fazê-lo. Eles não erguerem nenhum grito de guerra, mas os samurais Caranguejo não tinham dúvidas de seu objetivo. Os Caranguejo não se apressaram para encontrar o inimigo, ao invés disso, deixaram que os atacantes tivessem o total benefício do impulso. Ao invés disso, eles se posicionaram numa linha diante do prédio e

esperaram. Exceto por um.

Kojima viu a mulher correndo em direção a eles e alterou seu curso para encontrá-la, sacando sua katana ao fazê-lo. Enquanto corriam pelos outros, houve ruídos de impacto de espada e armadura, e Kojima deu mais alguns passos antes de se virar a ela novamente. Ele podia sentir parte de suas placas laterais soltas, e o ardor que sinalizava um corte. Longo mas raso, ele decidiu depois de consultar a dor. A armadura de Aya parecia fendida onde ele havia acertado, mas estava intacta de qualquer outra maneira.

"Você não pôde me vencer no dojô," ela gritou para ele, "acha que pode me vencer agora?"

"Já venci," ele sussurrou, muito baixo para que ela ouvisse.

Aya pôs sua espada numa postura sobre sua cabeça e mexeu os olhos, procurando o momento para atacar — e então recuou com um grito quando uma flecha atingiu o ponto que ela expunha debaixo de seu braço. Kojima inclinou-se e chutou seus pés debaixo dela. Aya caiu no chão e tentou dizer algo, mas apenas sangue corria de sua boca. "A palavra de Zoushi-sama é boa," disse Kojima a ela. "Deixaremos a destiladora intacta." Ele desceu sua katana e arrancou o pescoço dela.

Kojima tirou o sangue de sua espada, piscando rapidamente, e então olhou em volta para ver como a batalha estava progredindo. Metade dos samurais do Caranguejo haviam morrido, muitos com flechas. Poucos Garças haviam caído, e ele notou que Murasaki combatia um bushi trinta centímetros mais alto que ela. O braço direito dela estava ferido, e ela estava tentando lutar, sem sucesso notável, com apenas sua katana na mão esquerda. Kojima cruzou a distância entre eles e atacou por trás, removendo a cabeça do Caranguejo com um único ataque. E então todos os Caranguejos caíram, e a luta havia terminado.

"O que há de errado com o braço?" Ele disse.

"Quebrado," ela disse. Murasaki tirou o sangue de sua espada, revirou seu pulso em seu cabo, e a embainhou. "Em vários lugares." Ela olhou quando Kensho-in veio correndo da destiladora e correu de volta à ladeira onde haviam começado. "Vamos, agora!" Ela segurou seu braço direito com o esquerdo e começou a correr, Kojima seguiu, e não olhou para trás.

Hida Daiyu foi em direção à destiladora, deixando seu cavalo seguir seu ritmo. Era um longo dia ficando mais longo ainda, mas ele não se importava. Sua força decididamente derrotou a Garça — os Daidoji lutaram bem, mas não deteriam o terreno contra os Caranguejos em avanço. O último relatório de batedores dizia que o restante das forças de Zoushi estavam se retirando do distrito.

"Dayu-sama," disse um de seus soldados, "olhe." Ele apontou para o pedaço de céu sobre a destiladora, onde corvos estavam descendo do azul para o chão. Dayu observou por um momento, repentinamente frio, e então bateu em seu cavalo para ele correr.

A chegada dos Caranguejos espalhou a revoada de seu banquete. O que aconteceu estava fácil de ver; mesmo que houvessem dúvidas sobre a identidade dos atacantes, as flechas contavam a história. "Vejam a força da Garça," disse um homem com vigor. "Eles não podem derrotar nossos exércitos, mas podem emboscar dez homens." Dayu simplesmente olhou à cena e pensou. A destiladora estava intacta, o que fazia matar os guardas sem sentido. A menos que — ele desmontou e caminhou lentamente à construção. Não havia som exceto o barulho de soldados bravos e os berros de corvos igualmente interessados. Ele deslizou a porta e os odores misturados de arroz cozido e os campos de batalha vieram sobre ele.

Os corpos mais próximos à porta estavam espalhados em tubos de lavagem de arroz ou cestas caídas, cortados ao meio enquanto trabalhavam. Dayu caminhou sobre o chão de pedra, gosmento pelo sangue e notou como os corpos mudavam de pose ao entrar: mais e mais destiladores estavam tentando fugir, ou estavam implorando por suas vidas, quando morreram. Ele encontrou o destilador mestre na sala koji, entre pilhas de cheiroso arroz em pó koji.

"Por quê?" Um de seus homens disse atrás dele, e Dayu se virou.

"Está inútil agora," ele disse. Dayu apontou para o cadáver do destilador, então foi em direção aos outros. "Podemos fazer sakê aqui, mas será apenas sakê. Sem saber seus métodos, não será o Broto de Cerejeira da Neve." Ele se lembrou do copo de sakê que bebeu na noite passada. Era, ele percebeu, o último gosto de um sakê que não mais existiria.

"'Me arrependo profundamente que você e seu marido foram incapazes de aceitar o convite de Lady Otomo à sua corte de inverno,'" leu Reiha em voz alta, "'e espero que o problema entre nossos clãs não sejam parte de sua decisão. Como prova disso, envio esta modesta demonstração de minha parte. Doji Domotai, Filha de Doji Kurohito, Campeã da Garça.'" Reiha abaixou a carta e olhou ao conteúdo da caixa que veio com ela. Não era nada, exceto alguns kimonos de mangas estranhamente cortadas e que pareciam inteiramente numerosos. As cores eram agradáveis, indo do azul escuro ao cinza perolado, e um cálido vermelho tijolo. "No que ela está pensando?"

"Que eu deveria ter quebrado seu delicado pescoço quando a tive ao alcance de meu braço," disse Kuon. Ele caminhava pela sala para olhar a janela, as mãos segurando a soleira com força.

Reiha mexeu sua cabeça levemente. As notícias de Sakura no Yuki Mura chegaram ontem, e seu marido ficou temperamental desde então. Domotai não podia ter dado um presente em hora pior se tinha planejado isto. "Duvido que seja esta a questão," ela disse.

"Não," disse Kuon. Ele se virou da janela e caminhou de volta a Reiha. "Diria que ela lhe enviou a última moda na corte," ele disse. "Para nos lembrar que a Campeã da Garça é um poder na corte que o Caranguejo não é. Como se importasse."

Talvez importe, pensou Reiha, mas ela não deu voz a isto. Seu marido leu os mesmos relatórios que ela, e sabia perfeitamente o valor que a Garça dava aos seus suprimentos. Seus exércitos reclamaram mais propriedades Yasuki possuídas pela Garça, mas era uma verdadeira dúvida se podiam segurá-las até a chegada da primavera. Kuon olhou para a roupa enquanto o silêncio se alongava entre eles, e então falou. "Queime-as," ele disse.

Sombras

Escrito por Shawn Carman

Terras da Raposa, dois meses atrás

Kitsune Ryukan passeava pelo pátio do pequeno vilarejo, suas mãos fechadas firmemente atrás dele. Sua expressão era triste, e ninguém ousava se aproximar dele. Camponeses e samurais evitaram-no a todo custo, e o pátio estava quase vazio, com apenas algumas almas casuais ousando atravessar para pegar algo no outro lado. Periodicamente, um lamento dolorido rompia o ar invernal, tirando um terrível olhar de Ryukan, que aumentava o passo de sua caminhada. Se notou que havia aberto uma visível trilha na neve do pátio, e se notou que o frio havia deixado seu semblante vermelho, ele não dava sinais.

Depois de um tempo, uma mulher num kimono verde emergiu de uma das grandes construções que davam ao pátio. Ela levantou sua sobrancelha e enrolou-se em seu manto, sua face um retrato de exaustão. Ela caminhou lentamente para onde Ryukan havia parado para olhá-la com raiva exposta. "Ela está descansando," disse a mulher. "Talvez isso alivie seu desconforto."

"Talvez?" Disse Ryukan. "Em três dias desde que ela retornou, ela mal tem dormido e comido. Ela reclama de dor constantemente, e apesar de supostamente ajudarem, parece que ela tem piorado até agora." Ele mexeu a cabeça, amaldiçoando-se internamente. "Nunca devia tê-la deixado ir com esses dois samurais."

Moshi Amika sorriu calidamente. "Entendo sua raiva, Ryukan-sama," ela disse. "Foi escolha de Naruko atender ao Campeonato de Jade. Ela o fez à parte do desejo de ajudar você e seu clã. Não macule a honra dela com sua ira."

Ryukan franziu à sacerdotisa. "Mesmo assim, foi um erro. O custo foi muito alto."

"Ela fez o que achou que devia," disse Amika, resolvida. "Os dois que a levaram ao torneio não pouparam esforço em protegê-la e ajudá-la em sua missão. Não há a quem culpar por isso, meu lorde."

"Acho isso pouco confortante."

Amika assentiu e olhou para o oeste, onde o limiar da Kitsune Mori podia ser visto à distância. "E quanto à floresta?"

"Nada bem. Os ataques cessaram após a saída de Narako, mas desde o seu retorno eles aumentaram em dez." A mão do daimyo da Raposa veio à sua espada inconscientemente. "Perdi dez homens no passar dos dias. Se algo não mudar em breve, o derramamento de sangue crescerá desimpedido até que a floresta seja lavada no sangue do Clã Raposa."

"Enviei notícias a Lorde Naizen," disse Amika. "Ele virá." Não havia dúvida ou pergunta em sua voz.

"As Ilhas do Mantis ficam longe daqui. Sua chegada será muito tardia para fazer alguma diferença," disse Ryukan. "Esses são os nossos últimos dias, eu temo."

"Você pediu ajuda das cercanias?"

Ryukan riu ruidosamente. "De quem deveria pedir ajuda? O Pardal tem preciosos recursos escassos para oferecer. O Escorpião sempre foi nosso inimigo, e não recebi notícias de seu Campeão de Esmeralda." Seu punho em sua espada aumentou notavelmente. "A Garça, como sempre, nos prometeu ajuda. Novamente, como sempre, quando pedimos por ajuda, eles meramente nos enviam desculpas pelo seu conflito com o Caranguejo deixá-los incapazes de lidar com nosso problema menor." Ele mexeu sua cabeça novamente. "Não, estamos completamente sozinhos nisso."

"Não," disse Amika. "Não mais."

Ryukan fechou seus olhos e os esfregou. "Minha lady, agradeço por sua ajuda, ,apesar de minha rudeza anterior, mesmo. Mas seu Campeão não pode chegar a tempo. Há pouco que pode ser feito agora." Ele ficou quieto um momento. "Devo pedir que vá, para seu próprio bem. Não desejo que a Raposa seja lembrada como aqueles de deixaram uma daimyo do Mantis perecer em suas terras."

"Você não entende," disse Amika. "Quando digo que você não está sozinho não me refiro a mim e meu yojimbo. Faríamos pouca diferença em qualquer conflito significativo, afinal."

O daimyo da Raposa franziu-se. "Temo não entender, minha lady."

O sorriso de Amika retornou, dessa vez com um pouco mais de energia. Ela apontou sem palavras à colina que via além da fronteira norte do vilarejo.

No topo da colina, descendo para o vilarejo, estavam dúzias de samurais Tsuruchi, tremulando a bandeira do Clã Mantis.

Tsuruchi Takeba moveu-se pela floresta como um fantasma. Suas pegadas não faziam som. Seu movimento mal agitava o ar. Ele pintou sua face com sujeira para se adaptar ao meio. Houve vezes em que outros repreenderam Takeba por

uma prática tão detestável, mas vários deles estavam mortos porque não eram tão silenciosos, nem tão escondidos quanto ele. Esse era todo o apoio que ele precisava, na verdade.

Houve uma abafada impressão de movimento em algum lugar à esquerda de Takeba. Ele não fez resposta óbvia imediata, continuando em seu caminho, mas com seus sentidos focados naquela área. Houve um leve farfalhar, o barulho de uma folha debaixo do pé de alguém, e então Takeba se virou e disparou num fluído e impecável movimento.

A flecha desapareceu na densa folhagem. Houve o som de impacto, e um suspiro. Era surpresa ao invés de dor, o que fez Takeba se preocupar. O arqueiro não hesitou, porém, mas disparou uma segunda flecha e correu para as árvores com a velocidade de um verdadeiro caçador.

Requeria toda a concentração de Takeba para seguir sua presa. O som de seus próprios pés se movendo pelos arbustos era completamente obscurecido pela leve respiração de alguém mais se movendo à sua frente. Várias vezes ele mudava de curso, e o arqueiro quase perdeu seu rastro, mas voltava a ele no último momento. Uma vez, e apenas uma vez, ele teve a impressão de um homem se movendo pela floresta, mas ele desapareceu muito rápido para que Takeba disparasse. O homem era largo nos ombros, trajado em roupas cinzentas, e movia-se com a uma graça que contradizia seu tamanho.

Finalmente, assim que o jovem saltou no ar para evitar um tronco caído, ele fechou seus olhos e disparou. A flecha deixou o arco e voou certeira, cortando pelas folhas, galhos e cipós. Takeba a ouviu atingir o alvo, e ouviu o som de algo caindo no chão. Era um barulho pesado. Ele correu pela floresta, passando entre árvores enquanto sacava uma terceira flecha. Poderia ser necessário.

O Tsuruchi passou por um baixo muro de grama que parecia ser uma pequena clareira na floresta. Ele quase parou de uma vez, colocando sua mão e cobrindo sua face com o pano de sua manga, pois a clareira estava nublada por algum denso nevoeiro florestal. Takeba havia visto bolsas de névoa ou cerração persistirem na floresta muito além da manhã, mas nunca tão tarde quanto este, e nunca um tão intenso.

A forma no chão não se movia, e lentamente Takeba afrouxou a tensão em seu arco. Ele pegou um bastão e examinou a figura estranhamente sem forma, forçando-a se virar. Ele recuou em surpresa, ,pois não havia nada senão um esqueleto vestido em trapos cinzentos e antigos. Uma espada enferrujada ainda estava nas mãos da coisa, e por todos os aspectos parecia que estava naquele local por anos, se não décadas.

Exceto, é claro, que as plantas abaixo dele estavam verdes e saudáveis. Takeba sabia que aquilo só estava ali há alguns momentos, e uma de suas flechas se alojou entre uma de suas costelas ao se virar.

Takeb se virou e voltou para o vilarejo imediatamente. Esta não era uma presa extraordinária, e algo que um caçador e batedor sozinho como ele não podia solucionar sozinho. Ele apenas esperava que Lady Amika pudesse saber como lidar com tal ameaça.

"Meu senhor!"

Ryukan olhou para cima do manuscrito que estava lendo, seus olhos instantaneamente procurando o horizonte por qualquer sinal de bandidos da floresta. Não encontrando nenhum, ele se virou de volta ao vilarejo e olhou para a fonte do som. Um jovem samurai, claramente a menos de um ano após seu gempukku, estava correndo a toda velocidade da fronteira sul do vilarejo. "Meu senhor!" ele gritou novamente. "Meu senhor! Barcos!"

Um dos assistentes de Ryukan se virou para o daimyo com uma expressão neutra, piscando várias vezes. "Ele disse barcos?"

"Impossível," disse Ryukan. "Os velhos devem ter dado sakê ao garoto." Ele saiu de debaixo da tenda onde os últimos envios de suprimentos estavam sendo preparados para o transporte. "Você aí!" Ele gritou ao se aproximar. "Qual é o significado disto?"

"Barcos, meu senhor!" Repetiu o garoto. "Dúzias!"

"Isto é ridículo," disse Ryukan. O rio que beirava o lado sul do vilarejo era estreito e raso por quase vinte milhas a sul do vilarejo, e desaparecia nas profundezas da Kitsune Mori alguma distância ao norte. A porção aberta e larga que estava ao sul do vilarejo era a única parte que poderia se esperar quaisquer oportunidades reais para a prática de navegação por milhas em qualquer direção, e ainda assim, ninguém na região tinha qualquer tipo de barco também.

"Isto é ridículo," concordou o garoto, curvando-se profundamente perante Ryukan. "Mas é verdade! Barcos se aproximam do sul!"

Ryukan entregou o manuscrito ao seu atendente e começou a correr em direção à beira do rio. O que quer que estivesse acontecendo, dificilmente o fazia sentir-se bem. Ele esperava que o garoto estivesse enganado, pois ele não podia imaginar o que isso poderia significar. Enquanto se aproximava do rio, porém, ele sentiu um calafrio em seu espírito. O garoto estava correto; dúzias de pequenos e finos barcos estavam se movendo rio acima. Eles bravamente se moviam entre rochas e quedas, progredindo à medida que estavam fora de qualquer proporção às condições. Ryukan observou em muda contemplação enquanto o primeiro dos estreitos kobunes navegou facilmente ao banco próximo ao rio, e um homem vestido em pesada armadura verde, disse. "Saudações, Kitsune Ryukan."

Ryukan curvou-se polidamente, mas era uma ação reflexiva. "Ninguém navegou este rio desde que seu curso foi mudado durante a Guerra dos Clãs," ele disse secamente.

"Apenas porque o Mantis nunca precisou fazê-lo," respondeu o visitante. "Meus homens precisarão de alojamentos, é claro. Trouxemos suprimentos suficientes para nós, assim como adicionais para seu vilarejo. Para seu problema, naturalmente."

"É você," disse Ryukan. "Você veio."

"É claro," disse Yoritomo Naizen.

Pouco tempo depois, os dois lordes se sentaram na ante-câmara da tenda onde Kitsune Narakko descansava. Naizen bebeu o chá que Ryukan preparou, assentindo em apreciação. "Normalmente não ligo para chá, mas sempre tive uma fraqueza pelas ervas da Raposa," ele admitiu. "Muito terrosas."

"Como chegou aqui?" Perguntou Ryukan. "Não quero ser impertinente, mas não posso conceber como seus barcos puderam navegar tanto rio acima, muito menos tão rapidamente."

"Existem shugenjas entre os Yoritomo," respondeu Naizen. "Eles se especializam em fazer o impossível, possível. Este foi um desafio digno de nossos esforços."

Ryukan mexeu sua cabeça. "Incrível."

Naizen olhou em direção à sala onde a jovem profetisa dormia. "Presumo que tenham recebido meu presente."

Ryukan curvou-se. "Recebemos, e você tem minha eterna gratidão por isto. Finalmente parece que a demos alguma paz. Ela descansou mais em duas semanas desde que chegou do que em todo o tempo desde o retorno do Campeonato de Jade." Ele hesitou por um momento. "Perdoe-me, meu lorde. Mas devo perguntar..."

"Você quer saber o é isto?" Naizen sorriu levemente. "Me fiz esta pergunta várias e várias vezes. Temo que não possa haver resposta. Os templos de shugenjas Moshi e Yoritomo a estudaram por meses após sua retirada, e apesar de serem capazes de determinar o que é e o que pode fazer, ninguém pode imaginar como tal coisa pode ter sido criada."

"O que é?"

Naizen abaixou seu copo. "É chamada de Vela das Sombras," ele explicou. "Foi recuperada do Templo dos Sete Trovões dentro das Terras Sombrias. Yoritomo Katoa a encontrou, mas Tsuruchi Etsui a trouxe para casa. Quanto ao que ela faz," sua vez diminuiu e ele se retraiu. "Ela ilumina, como todas as velas. E também oculta, como todas as velas."

Ryukan olhou em direção à tela que separava os dois homens da profetiza. "Ela traz paz a ela, disso eu sei."

"Ela oculta," repetiu Naizen. "Todas as velas, quando acesas, provocam sombras. As sombras desta vela em particular ocultam todas as tentativas de prever o futuro. Adivinhação, e aparentemente até mesmo profecia, são inúteis. Mais importante, porém, aqueles dentro de seu alcance estão escondidos de todos os que tentam adivinhar sua localização."

Ryukan olhou para cima rapidamente. "Os ataques. Eles pararam depois de termos acendido a vela."

"Porque ninguém além desta sala pode sentir sua localização. Há muitos que sabem onde ela está, obviamente, assim como seu povo e meus soldados alojados aqui. Mesmo os Mestres Elementais não podem adivinhar sua localização, porém. A vela evita isto."

"Incrível," Ryukan respirou. Ele olhou de volta ao Campeão Mantis. "Você disse que ela também ilumina?"

"Aqueles dentro dos limites de sua luz não podem mentir," disse Naizen. "Implemento bastante útil, não?"

"De fato," disse Ryukan. Ele hesitou. "Não há nada que a Raposa possua que possa pagá-lo por isto," ele disse suavemente.

"Isto não é verdade."

"O que deseja?"

Naizen sorriu. "Por que não entramos na sala com Narako?" Ele perguntou. "Não tenho dúvidas de que irá querer me fazer perguntas, e dentro da influência da vela, você está certo da verade."

Ryukan assentiu.

A luz provocada pela Vela das Sombras estava em seu auge, e a sala, que não tinha janelas, estava adornada com sombras dançantes pelas paredes. Narako dormia no tapete, coberta por um grosso cobertor. Apenas sua face era visível, e ela parecia pálida e fraca, mas melhor do que esteve nas semanas anteriores. Ryukan olhou para ela por um longo tempo, e então se virou para Naizen. O Campeão do Mantis olhava para ele com expectativa. "Pergunte-me o que quiser," ele disse.

"Esta vela é um tesouro sem preço," disse Ryukan. "Por que escolheu dá-la para nós?"

"A Raposa está entre os mais antigos Clãs Menores do Império," disse Naizen. "Nossos clãs podem ter suas diferenças, mas os laços de irmandade são mais fortes que isso. E, é claro, beneficia ao Mantis ter o máximo de aliados possíveis no continente."

Ryukan franziu-se. "O que deseja em troca?"

"A fidelidade da família Kitsune," Naizen respondeu de uma vez. "que a Raposa

se junte ao Mantis."

"Não," disse Ryukan de uma vez. "Isto é inaceitável."

"Esta escolha é sua," disse Naizen. "A Vela das Sombras é um presente, independente disso."

"E quanto a você?" Disse Ryukan. "O será de você e dos seus se eu recusar a oferta?"

"Nada," disse Naizen. "Nos despediremos e partiremos amigavelmente. Você ficará com a vela e os suprimentos adicionais como presente. Desejo que não haja mais doenças entre seu povo independente do resultado."

Ryukan pensou por um momento. "O que acontecerá se você for e a vela for consumida?"

"Não sei," disse Naizen. "Creio que aqueles que procuram a profetiza serão capazes de senti-la de novo quando a vela se extinguir. Eles virão por ela. Imagino que seriam... Irritantes."

O Raposa lentamente mexeu sua cabeça. "Não há meio de sobrevivermos a um ataque total."

"Lamento realmente," disse Naizen, "Mas você deve compreender que não posso permitir que os recursos de meu clã sejam deixados tão baixos, mesmo em defesa de um aliado, quando o trono está vazio e nenhum outro clã anseia por ele."

"Não entendo isso," disse Ryukan, as palavras borbulhando aos seus lábios quase sem pensar. A vela o estava afetando também. "Em seu lugar, faria o mesmo." Ele se sentou em silêncio por um momento. "O que acontecerá se eu aceitar a oferta?"

"Então não serão poupadas despesas em defesa de seu povo e sua terra," disse Naizen de uma vez. "Proverei quantas tropas forem necessárias, sob meu comando pessoal, se desejar. Os Kitsune serão a quarta família do Clã Mantis. Aqueles que violam Kitsune Mori serão punidos, e você receberá comando exclusivo dos recursos necessários para garantir que esteja segura para aqueles que habitam dentro e fora dela."

"Não compreendo o que o Mantis ganha com isso," disse Ryukan.

"Diversidade. Legitimidade. Prestígio." Naizen riu. "Há muito que os Kitsune podem oferecer que o Mantis precisa. Não perdemos nada, e ganhamos muito. A Raposa não perde nada, e ganha muito."

"Nos arriscamos a perder nossa identidade," disse Ryukan. "Arriscamos a nos perder."

Naizen mexeu sua cabeça. "Apenas se permitirem isso. A Raposa não precisa morrer. Sua bandeira pode continuar a mesma. Seu nome continua o mesmo. Suas cores podem continuar as mesmas. Tudo que mudará será que se tornarão parte de algo maior, e terão o respeito e recursos que merecem por direito. A floresta que conservam tão sagrada será segura contra qualquer ameaça, e tudo será feito da maneira que desejar." Ele riu novamente. "Não vejo perdas para a Raposa, Ryukan-san."

"Então meu povo pode morrer como Raposa, ou viver como Mantis," disse Ryukan. "Não é uma escolha que gostaria de fazer."

"O orgulho da Raposa é tão importante que morreriam, e deixariam sua floresta ser consumida por um horror sem nome que espreita pela sua destruição?" Perguntou Naizen.

"Não."

"E quanto a ela?" Disse Naizen, apontando à mulher que dormia. "Sei que ela significa muito para você. Você deixará que seja levada por esses malditos que a desejam, porque a Raposa é muito orgulhosa? É isso que significa ser Raposa?"

"Não," disse Ryukan, com mais força. "Não, dane-se."

"Muito bem, então," disse Naizen. "Você aceita minha oferta?"

"Sim," suspirou Ryukan. "A Raposa aceita sua oferta."

A neve estava caindo a um ritmo intenso nas horas vespertinas da manhã, mas ela não fez nada para deter as dúzias de soldados Mantis reunidos no pátio do vilarejo. Ryukan não podia se lembrar de já ter visto tantas pessoas no vilarejo. Ele estimou que havia pelo menos uma centena dos Mantis, significando que eles quase eram mais numerosos que os aldeões da Raposa. Os grupos começaram a se dividir em esquadrões de dez. cada esquadrão estava acompanhado por um shugenja, alguns Moshi e alguns Yoritomo, e um guia dos Kitsune. As faces dos guias da Raposa estavam brilhantes e ansiosas, o desespero que Ryukan havia testemunhado por meses se fora. Alguns atenderam ao seu anúncio com angústia, mas tantos quantos o aceitavam como o preço por sua salvação. Agora que os Mantis se preparavam para levar a luta aos misteriosos oponentes que os infestavam por tanto tempo, a Raposa estava ansiosa para participar do ataque. Por si só, isso já preocupava Ryukan, mas havia coisas maiores para se preocupar, ao que parecia.

Assumindo que a Kitsune Mori podia ser limpa daqueles que a corrompiam, e que Narako pudesse ser escondida, então a Raposa seria a guardiã da Vela das Sombras, que tinha vários dias até seu uso final. A Raposa não tinha uma história agradável com itens de poder, na opinião de Ryukan, e o peso de tal coisa já o incomodava como uma pedra em seu pescoço. Além disso, Naizen já havia feito providências para embarcar um grande número de armas e materiais necessários para fortificar vários dos vilarejos próximos às fronteiras do Clã Raposa, e deixou que Ryukan determinasse o melhor uso para eles. O Campeão da Raposa não estava acostumado a lidar com assuntos de cunho militar, e responder a alguém mais era completamente novo. Ele ainda não estava certo sobre como se sentir a respeito.

Por fim, ele pensou enquanto observava os Mantis e Raposas carregarem os pequenos barcos e navegarem em direção à floresta. Não importava. Os dados haviam sido lançados, e havia pouco o que pudesse fazer para proteger seu povo.

Como ele sempre fez.

Como ele sempre faria.

Não importando o custo.

No Coração do Império

Escrito por Bryan Yoon

Toshi Ranbo

Isawa Ochiai contou as horas para este exato momento, e ainda assim se sentia completamente despreparada para o que estava prestes a fazer. Os sussurros do Dragão do Fogo em sua mente a confortaram pelos meses difíceis que se seguiram à batalha em Toshi Ranbo. O Dragão do Fogo era um sinal visível de que ela e o resto do Conselho Elemental não haviam enlouquecido com o poder. Por que mais o Dragão do Fogo apoiaria sua regência, se não aprovasse tudo o que a Fênix havia conseguido ao longo dos meses?

Ochiai caminhou rapidamente ao telhado do Palácio Imperial e imediatamente a tensão no ar aumentou. O avatar do Dragão do Fogo virou sua cabeça para olhar a shugenja, seus olhos fixados intensamente nela. O ar parecia se afiar enquanto os kamis de fogo ao redor do Dragão do Fogo notavam sua presença. Os kamis moviam-se e cantavam furiosamente e corriam para envolver Ochiai em sua dança. O poder dos kamis quase a tirou de seus pés. A canção era de tirar o fôlego.

Ochiai ergueu uma mão, palma para frente, em direção ao Dragão.

"Obrigada por tudo," sussurrou Ochiai. Ela fechou seus olhos e mexeu a cabeça.

"Você fez o bastante, meu amigo. O resto caberá a nós... E Rokugan."

Com a concordância silenciosa do Dragão, Ochiai olhou para cima, para a poderosa forma novamente. Por um instante, por uma eternidade, o Dragão do Fogo a olhou nos olhos. Lágrimas começaram a fluir por suas bochechas, sem vergonha, enquanto o Dragão do Fogo ascendia em direção aos céus. O Dragão desenrolou sua majestosa forma ao seu comprimento total. Ochiai observou enquanto o Dragão desaparecia atrás das nuvens. Ochiai não se moveu de sua posição até que não pudesse mais sentir sua presença no Ningen-do.

"Agora, começa," disse Ochiai ao vento. Ela se virou e rumou em direção à câmara de recepção. Ela secou suas lágrimas e sua face endurecida com vontade.

Togashi Ieshige olhou para os vastos portões do monastério com uma sensação de incômodo em seu interior. Ele sabia que covardia não era a fonte do problema. Uma vez, ele foi um samurai e um Leão. Nenhum desses dois inícios era inclinado a sinais de covardia. Ele pôs esses deveres de lado e se tornou um monge nas montanhas do Dragão, mas ele nunca esqueceu as lições que aprendeu em sua vida passada. Talvez fosse uma sensação de incômodo por não poder viver segundo as expectativas de Togashi Satsu. Ele não mais tinha uma espada ao seu lado, mesmo assim, agora ele retornou à Cidade Imperial para adentrar as políticas novamente. Políticas eram ardilosas como samurais, e isso só se provaria mais difícil agora.

Ou, talvez, pensou Ieshige, seu desconforto fosse uma simples questão de memória. O monastério da Ordem dos Quatro Templos em Toshi Ranbo estava localizado bem próximo ao distrito de Okura. Em sua vida passada, Ieshige havia servido como governador do distrito antes dele ser queimado num horrendo incêndio.

Qualquer que seja a fonte de seu incômodo, decidiu Ieshige, não importava. Ele responderia aos chamados e representaria o Clã Dragão à melhor maneira que pudesse.

"Você não precisa me acompanhar, Fusami-san," ele disse, se virando à sua companheira. "Já fiz esta viagem sozinho."

A jovem mulher olhou de volta para ele e mexeu a cabeça. "Eu não fui ordenada a fazê-lo se é isso que quer dizer, Ieshige-san," respondeu Fusami. "Porém, pensei que fosse importante que tivesse um yojimbo competente ao seu lado. Você não pode ajudar o Clã se perecer vítima de bandidos ou ronins. O Julgamento do Tengoku continua a arrasar cidades próximas ao pé das montanhas, e eles não são conhecidos por sua misericórdia."

Ieshige olhou à duelista com surpresa. "Não ouvi a respeito. Você é surpreendentemente bem informada, Fusami-san, para uma simples instrutora designada a Shiro Mirumoto."

"Entre as aulas, gosto de viajar entre os vilarejos," respondeu Fusami. "Falo com os camponeses em nossa terra e compartilho tanto seus triunfos e suas perdas."

Ieshige assentiu lentamente. "Há mais sobre você do que eu esperava, Fusami-san," ele disse. "Perdoe-me por subestimá-la."

Fusami sorriu. "Tenho um motivo egoísta também. Nunca vi o monastério de

Toshi Ranbo. Posso não ter outra oportunidade de fazê-lo nos anos seguintes."

"Não podemos permitir que motivos egoístas manchem minha missão," Ieshige falou com um exagerado olhar de choque em sua face. "Que adentremos o monastério e satisfaçamos seu desejo para que eu prossiga."

Fusami assentiu resolutamente e o par caminhou pelos portais gigantes.

Ieshige viveu na Alta Casa da Luz, um castelo projetado para monges, e ainda assim a visão dos pisos do castelo tirou seu fôlego. O monastério era enorme. Árvores corriam junto a trilhas de pedras que cruzavam os limiares dos pisos do monastério. Ieshige podia ver jardins à distância, e outros pequenos centros de tranqüilidade encontravam-se à sua vista. O caminho que saía do portão estava alinhado com impressionantemente largos caminhos de pedra que estavam encravadas na colina. No topo da colina, os degraus levavam a um pátio que podia reunir milhares de homens. Quatro prédios gigantes se alinhavam no pátio, e Ieshige podia ver centenas de monges cuidando de seus deveres diários.

Tanto Ieshige quanto Fusami pararam por um longo momento enquanto admiravam a vista.

"O que você sabe deste lugar?" Perguntou Ieshige calmamente. De algum modo, parecia um sacrilégio erguer sua voz num lugar tão sagrado.

"É dos monastérios pertencentes à Ordem dos Quatro Templos," respondeu Fusami. "Eles são a maior seita da Irmandade de Shinsei. Eles acreditam que monges não devem ficar isolados. Ao invés disso, eles só podem encontrar a verdadeira iluminação e paz pela interação com o mundo real."

"Suponho que isso explique sua localização," sussurrou Ieshige. "Vamos encontrar um monge para nos ajudar. Nunca encontraremos alguém por nós mesmos."

Sem hesitação Ieshige rumou ao monge mais próximo. O monge tinha suas costas viradas ao par enquanto amontoava sujeira e folhas caídas do caminho de pedras. Mesmo por trás, Ieshige podia dizer que o homem era velho, ainda que seus movimentos fossem fortes e vigorosos.

"Perdoe-me, avô," chamou Ieshige. O monge corrigiu sua postura e se virou. Ele olhou com expectativa a Ieshige, seu ancinho seguro firmemente em sua mão. Por um segundo, Ieshige se sentiu inadequado ao olhar ansioso do monge.

"Me desculpo por estar interrompendo suas tarefas," disse Ieshige. "Sou Togashi Ieshige e minha companheira é Fusami. Procuro o Grande Mestre Tanari. Ele me chamou para uma audiência. Espero que possa me ajudar a encontrá-lo." Ieshige puxou um pequeno manuscrito de dentro de seu kimono e presenteou seu selo ao velho.

O monge não se incomodou em olhar o manuscrito. Ao invés disso, ele disse "Sigam-me" numa calma voz. Ele se virou e rumou em direção ao caminho que rumava para o muro do monastério. Ieshige olhou para Fusami intrigantemente, e então, obedientemente começou a seguir o seu guia.

O trio caminhou pela trilha pelo que pareceu ser horas. O caminho seguia o muro e então os levou para trás da grande edificação. Eventualmente, o caminho se curvava em direção à colina e se afastava da beira do monastério. Ieshige ficou aliviado quando o monge parou num pequeno jardim de areia a centenas de metros da construção mais próxima. Ele olhou em volta. Ninguém estava por perto e ninguém parecia se aproximar. Ele estranhou.

Quando seu guia se virou para vê-los, Fusami curvou-se profundamente para o velho homem. Ieshige olhou para ela e parou quando a realização veio a ele.

"Por favor, Fusami-san," disse o guia, "sou apenas um homem, igual a qualquer outro. Não há necessidade de reverência entre iguais."

"Tanari-sama," Ieshige disse e curvou-se. "Deveria ter percebido antes. Não quis causar ofensa."

Tanari riu suavemente. "Não está mais entre samurais, Ieshige-san. Você não precisa fazer isto. Vamos simplesmente resolver a questão que nos reúne hoje."

"Você pediu a presença de um representante do Clã Dragão," disse Ieshige. "Não sou nada mais que um humilde monge, ainda que Togashi Satsu-sama e seu hatamoto tenham me pedido para servir como seu substituto para este encontro."

Tanari ergueu uma sobrancelha. "Hatamoto, você diz?"

"Hai," respondeu Ieshige. "Os deveres de Satsu-sama consumem muito de sua atenção. Para melhor facilitar a incorporação das três ordens na reunificada Togashi, ele apontou Hit... Digo, Togashi Maya como líder dos ise zumi. Foi ela quem pediu que eu representasse Satsu-sama nesta questão."

"Maya? Interessante," disse Tanari. "É uma pena que ele não apareça, ainda assim,entendo que ele tem muitos deveres. Não gastarei nosso tempo. Pedi que viesse aqui para oferecer nosso apoio ao Clã Dragão."

Os olhos de Ieshige se arregalaram. Ele respirou algumas vezes para se acalmar e ousou falar. "Você está dizendo que a Irmandade de Shinsei apoiará o candidato do Clã Dragão para o trono?"

Tanari gargalhou. "Nada tão grandioso, Ieshige. A Ordem dos Quatro Templos deseja apoiar Togashi Satsu para o trono."

"Esta não é uma pequena oferta," Fusami sussurrou à orelha de Ieshige. "A Ordem dos Quatro Templos é a maior seita da Irmandade, e o líder da Ordem dos Quatro Templos é considerado o líder da Irmandade inteira por muitos monges."

"Devo lhe perguntar, o que o levou a esta decisão?" Disse Ieshige.

"Quem você acredita ser capaz de suportar a responsabilidade do trono?" Tanari perguntou. "Por quarenta anos as terras foram assoladas por guerra repetidas vezes sob a orientação da dinastia Toturi. Por quarenta anos homens têm morrido porque o Imperador não tem a força para antecipar e evitar o que está no caminho do Império."

Ieshige se reteve. "Você beira a blasfêmia, Tanari-sama," ele disse calmamente.

"Talvez," Tanari respondeu calmamente, "ainda assim falo apenas a verdade. A linhagem Imperial está terminada. Quem melhor do que um deus para ascender ao trono?"

"Dizem que Lorde Satus não desejo se tornar Imperador," disse Ieshige.

"No que acredita, Ieshige?" Tanari perguntou.

Ieshige parou. Ele reuniu seus pensamentos numa idéia coerente e então falou. "Desejo que as guerras terminem. Desejo paz entre as pessoas. Um homem forte e sábio deve se sentar no trono, um Imperador que saiba o que é melhor para o povo."

"E quem você acredita que acabei de descrever?" Tanari perguntou.

Ieshige olhou nos olhos de Tanari. Lentamente e relutantemente, ele sorriu.

Um dia depois

Matsu Kenji olhou pelo campo até os muros de Toshi Ranbo. Era uma visão que a enchia de orgulho e desconforto. Toshi Ranbo era a Cidade Imperial agora, mesmo que só recentemente tenha recebido esta honra. Antes da mudança, Toshi Ranbo era uma cidade intensamente disputada pelos Clãs Leão e Garça. Kenji ainda podia se lembrar de investir nas muralhas com o resto do Orgulho do Leão enquanto lutavam com os exércitos da Garça. Ela percorreu um longo caminho desde então, ainda que os muros de Toshi Ranbo estivessem ligados em sua mente à sua juventude.

Aqueles dias se foram; ela não tinha mais a juventude em aspecto algum da palavra, mas ela estava se preparando para liderar uma investida aos muros da cidade novamente. Ela se sentou em seu cavalo e esperou para que os outros se preparassem. Ela estudou a cidade mais uma vez. Ela se acostumou à visão do Dragão do Fogo enrolado no topo da cidade. A cidade parecia mundana e vazia em sua ausência.

"Kenji-sama," alguém disse em voz alta, "talvez você não devesse ser a cabeça do grupo."

Kenji se virou a quem falou e sorriu. Matsu Sakaki era uma jovem garota que recentemente se juntou ao Orgulho do Leão. Por ser mais jovem que as outras, ela tinha a tendência de tentar compensar e se arremessar ao combate. "Por que diz isso, Sakaki-chan? Teme por minha segurança?"

"Sim," disse Sakaki secamente. "Uma vez que a Fênix reconheça nossos planos, eles podem reagir violentamente. Quem sabe o que eles farão para manter o poder dentro ao seu alcance?"

"Ms você estará lá para me proteger, irmã," provocou Kenji. "Com você ao meu lado enfrentaria exércitos inteiros da Fênix sem medo."

"Zombe-me se quiser," respondeu Sakaki com força. Suas bochechas se avermelhavam com o embaraço. "O Orgulho do Leão pode proteger-lhe mas não podemos esmurrar flechas no ar. Qualquer comandante inteligente o bastante terá arqueiros posicionados. Por favor, permita que uma de nós lidere o grupo."

"Não se preocupe, Sakaki-chan," disse Kenji. "A Fênix não se arriscará a um desastre diplomático abrindo hostilidades. Se você puder seguir minha liderança, estaremos bem."

"Está pronta para arriscar sua vida neste ataque?" Engasgou Sakaki.

"Sim," respondeu Kenji. "O que é a vida sem um pouco de excitação? Junte-se às suas irmãs. Começaremos em breve."

Sakaki curvou-se e caminhou atrás dela para se juntar ao resto do Orgulho do Leão. Kenji olhou para as forças reunidas atrás dela. Outros que não integrantes do Orgulho do Leão serviam como guarda-costas de sua unidade, havia alguns outros que não se juntariam em sua manobra. Vários cortesãos, omoidasu e outros burocratas estavam ao lado de seus soldados. Uma unidade de samurais Akodo esperava atrás dos burocratas, mas isso era tudo. Ela não pretendia lutar por seu caminho até a capital. Era um simples acordo político para definir a posição de seu clã. Isso era, de fato, lutar sem lutar.

Ela nunca esperava que a política pudesse ser tão desgastante. Ela teria que dar uma chance a ela algum dia.

"Vamos lá," ela gritou para seus homens e apontou seu cavalo aos portões da cidade. O cavalo se moveu adiante a um trote lento. Os soldados do Leão atrás dela se apressaram para ficarem juntos. Não demorou muito para que o grupo chegasse ao portão. No momento não havia tráfico entrando ou saindo da cidade, e Kenji sorriu. Isso tornava as coisas muito mais fáceis. Apenas três Shiba cuidavam do portal; dois bushis armados com naginatas estavam de pé nos dois lados da entrada e um terceiro esperava com um manuscrito em mãos. Os Fênix olharam com triste determinação quando o grupo de Kenji se aproximou.

"Bom dia," gritou Kenji aos guardas da Fênix. Eles reagiram instantaneamente, corrigindo suas posturas e fechando o caminho com suas naginatas. O oficial em cargo deu um passo a frente.

"Kenji-sama, temo que o decreto ainda esteja valendo," o guarda capitão disse.

Eleolhou para seu cavalo e para sua face, como se isso fizesse suas palavras mais agradáveis ao Leão. "O Leão não tem acesso permitido à cidade."

"Besteira," desdenhou Kenji. "Foi um mal entendido em várias partes, e tenho certeza que todas as questões tenham sido resolvidas por agora. Estamos passando, então não se incomode em ficar no meu caminho."

"Kenji-sama-" o capitão continuou numa voz encorpada.

"Entenda que você está numa posição impossível agora, Shiba-san," disse Kenji. "Eu o supero consideravelmente e quero entrar na cidade. vocÊ realmente acha que está em posição de me deter?"

"Os deveres dados a mim pelas autoridades adequadas me dão direito sobre sua-"

"Não percebo que alguém esteja sentado no trono agora," disse Kenji. "Caso contrário, não vejo como qualquer ordem possa impedir minhas ações."

"O Conselho Elemental"

"O Conselho Elemental não declarou um dos Mestres como Imperador ainda, Shiba-san, e não creio que o farão sem protesto dos outros clãs. Veja. Por favor não torne isso mais difícil do que precisa ser. Não pretendemos luta. Simplesmente queremos voltar para nossas casas."

Os guardas hesitaram enquanto Kenji esporou seu cavalo para mover-se. Eles podiam pará-la à força ou deixá-la passar. Era claro que nenhuma das opções era agradável ao guarda capitão Shiba. Ele hesitou até que o cavalo de Kenji estivesse diante da naginata do guarda. Ele rapidamente gesticulou com sua mão, e os guardas abriram o caminho.

"Obrigada," disse Kenji. Ela cavalgou seu cavalo na cidade — e imediatamente parou diante da visão à frente.

Três unidades de samurais Shiba estava além do portal, impedindo sua entrada na cidade. Eles bloqueavam a estrada completamente enquanto observavam-na passar pelo portal. Vários samurais de vários clãs observavam o espetáculo pelo lado; Kenji não prestou atenção em quem exatamente estava observando, mas sabia que este incidente logo se tornaria uma história conhecida por todo o Império.

Um único samurai se levantou diante das tropas da Fênix, e Kenji instantaneamente reconheceu Shiba Naoya. Naoya era o irmão do Campão morto do Clã Fênix, Shiba Mirabu e agia como o líder dos Shiba na ausência de um verdadeiro Campeão.

"Então é por isso que ninguém estava usando este portal," Kenji disse a Naoya. "Bem jogado."

Naoya assentiu. "Estou feliz que reconheça futilidade ao vê-la, Kenji-san," disse Naoya. Ele apontou ao portão. "Por favor, evitemos um desastre. Vire-se a deixe a cidade de uma vez."

"Dizem que Matsu são bravios. Eles dizem que gostamos de investir mesmo contra situações ruins," disse Kenji. Ela sorriu e fechou seus dentes a Naoya. "Posso garantir que a reputação é bem merecida."

Uma sensação de nervosismo se espalhou entre os Fênix reunidos. Naoya olhou aos soldados atrás dela e então se virou para ela. "Não tente isto," ele avisou.

Kenji bufou. "Vamos ser racionais quanto a isto, Naoya-san. Lidero muitos cortesãos e poetas na cidade. Esses soldados todos são a guarda pessoal da Daimyo da Família Matsu. Não tenho intenção de começar uma luta dentro do território da cidade."

"O Conselho Elemental decretou que todos os Leões devem deixar a cidade," disse Naoya. "A partida do Dragão do Fogo nada significa. A Fênix ainda detém o controle da cidade e reforçaremos a paz por qualquer meio necessário. Não pode ver isso?"

"Sim, posso," respondeu Kenji, sinceramente. "Se a Fênix não tivesse detido a luta durante o ataque do Khan, incontáveis artefatos inestimáveis teriam sido destruídos. Quem sabe o que poderia ter sido danificado? Talvez registros, oratórios, e arte poderiam ter sido perdidos para sempre se vocês não tivessem intervindo. Somos gratos por tudo que fizeram. Isso não muda o fato de que a cidade continua sem seus defensores por direito."

"Protegemos a cidade bem depois do ataque do Khan, Kenji-san," disse Naoya. "Não considere levianamente seus próprios enganos. Se sua briga com o Mantis aumentasse, a destruição poderia ter sido ainda mais devastadora."

"Esses eventos são irrelevantes," disse Kenji. Ela revirou os olhos. "Foi dever do Leão proteger esta cidade. Guardamos esta cidade por séculos. Somos a Mão Direita do Império. Você não nos afastará de nossas responsabilidades."

Naoya mexeu sua cabeça. "Você não será permitida a arruinar a cidade."

Kenji franziu-se. "Somos samurais aqui, não crianças," Ela gritou. "Viemos recuperar os trabalhos que a tradição nos manda cumprir. Viemos ajudar a salvar a cidade, não ajudar em sua destruição. Após termos reestruturado nossa casa, mais do Leão virá à cidade. Não viemos como conquistadores, Naoya-san. Viemos como protetores."

"Naoya-san," uma dos expectadores disse repentinamente. Ela caminhou para fora da multidão e caminhou confiantemente em direção ao destacamento Fênix. Era uma jovem mulher vestida em mantos esplêndidos de um cortesã da Garça. Kenji não a reconheceu, mas novamente, ela evitava as cortes ao máximo.

"Masako-san," disse Naoya atentamente.

Doji Masako deu uma leve reverência. "Sua empreitada aqui é honrada, Naoya-san, mas não pode ver que o pedido de Kenji-san não é menos honrado? Ela está aqui porque a tradição manda que os soldados do Leão protejam estes muros. Ela não envergonhará seus ancestrais ao falhar na tarefa que eles impõem a ela."

Naoya hesitou por enquanto examinava as palavras da cortesã.

"Tenho certeza de que os soldados do Leão não instigarão qualquer outro problema dentro dos muros da cidade," Masako adicionou com um olhar para Kenji.

"Claro," disse Kenji.

Naoya suspirou e parecia que toda sua energia o deixou de uma vez. "Por fim," ele disse, "não podemos impedir-lhe de entrar na cidade sem iniciar uma batalha. Isso arruinaria tudo pelo que trabalhamos. O Leão pode entrar na cidade, Kenji-san."

"Obrigado, Naoya-san. Vamos trabalhar com você, e protegeremos a Cidade Imperial juntos," saudou Kenji.

"Lhe prometo isto, Matsu Kenji. Se ferirem a cidade novamente, não permitiremos que fique. Os Shiba morrerão, se necessário, para garantir que Toshi Ranbo continue segura," disse Naoya. O fogo em sua voz era inconfundível. Sem mais palavras ele se virou e rumou para dentro da cidade. Sua guarda seguiu seus passos e começou a marchar ao Palácio Imperial.

Kenji se virou para Masako. Ela virou e sorriu. "Parabéns, Kenji-san," ela disse.

Kenji assentiu. "Obrigada por sua ajuda. Não podia deixar minhas intenções, mas você foi capaz de achar palavras para meus sentimentos."

"Era o que precisava ser feito," Masako respondeu simplesmente. Ela sorriu brilhantemente para Kenji. "O Leão não é tão diferente da Garça quanto gostariam de acreditar."

"Talvez," disse Kenji. "Se você está certa, o resto do Império tem muito o que temer de nós."

Ensaios do Império, Parte 5

Escrito por Rusty Priske

A Casa das Oportunidades tem um nome grandioso, mas nunca fez nada para viver de acordo com ele. Ela se alojou num canto de Kyakuchu Mura, longe do estabelecimento predileto pelos poucos soldados Imperiais que treinam no vilarejo. Sua placa era gasta e ninguém que entrava ali tinha um mon ou cores de clãs.

Lá dentro homens e mulheres se espalhavam. Alguns se sentavam, e alguns em pares, conversando em vozes apressadas. Os empregados eram mantidos ocupados enquanto muitos bebiam sakê rapidamente; barato como era, ele ainda servi ao seu propósito.

Por Kyakuchu Mura as pessoas tinham um nome diferente para a Casa das Oportunidades. Eles chamavam de Casa das Oportunidades Perdidas.

A porta se abriu e um samurai, claramente marcado como um magistrado Leão, entrou. A diferença entre ele e o resto dos clientes do estabelecimento não podia ser mais aparente. Sua roupa era impecável, lisa e limpa. Ele vestia suas cores orgulhosamente e sua mão sutilmente pendia próxima às espadas ao seu lado. Uma ameaça que passaria despercebida a todos que não fossem treinados na arte da espada.

Aqueles que reconheceram a ameaça não reagem sem pensar.

"Todos vocês, peço sua atenção." Sua voz era firme, mas não arrogante. Ele pausou, garantindo que todas as faces se virassem a ele. Quando ele viu que um não se virou, ele caminhou à parte ofensora, sem mudar sua expressão. Ele se levantou, olhando para baixo ao homem, vestido num kimono marrom, desprovido de qualquer marca. O Leão tomou nota da espada ao lado do ronin e colocou sua mão na sua própria. "Pedi sua atenção."

O ronin colocou o copo na mesa ao lado de sua quase vazia garrafa de sakê, e olhou para cima. Sua face parecia cansada e ele claramente esteve bebendo por algum tempo, ainda assim, seus olhos permaneciam claros. Ele assentiu em direção ao magistrado e lhe deu sua atenção.

O Leão se afastou do ronin, sem permitir que seu olhar o perdesse. Se houvesse uma ameaça na sala, aquele ronin seria a fonte provável. "Meu nome é Matsu Renjiro. Fui feito magistrado de Kyakuchu Mura, e daqui em diante sou magistrado de todos vocês. Estou aqui para proteger este vilarejo e o farei. Este é um vilarejo pacífico e planejo mantê-lo desta maneira." Renjiro procurou pela sala, buscando outras espadas. Ele achou muitas.

"A Casa das Oportunidades não é um exemplo brilhante do que Kyakuchu Mura tem a oferecer, mas planejo deixá-la intacta e intocada. Por quê? Porque prefiro que continuem a confinar suas atividades aqui, e fiquem longe daqueles que treinam para servir o Império." Renjiro tossiu levemente enquanto olhava aos clientes da Casa. "Estejam avisados. Se existirem disputas de qualquer tipo entre vocês e aqueles bravos filhos e filhas de Rokugan, não terminará bem para vocês. Então fiquem aqui e bebam seu sakê estragado. Joguem ou façam o que desejarem dentro dessas paredes, contanto que não afete aqueles fora delas. Vocês têm três opções disponíveis a vocês, e apenas três." Renjiro ergueu seus dedos, um por vez, enquanto enumerava as opções. "Uma: vocês podem fazer o que disse e restringirem-se a este estabelecimento. Duas: vocês podem deixar

Kyakuchu Mura."

Renjiro caminhou pela sala, parando ao ronin que encarou seu olhar anteriormente. Ele olhou para baixo e não disse nada por longos momentos. Finalmente, sem interromper seu olhar, ele disse, "Ou podem escolher a terceira opção, que é ignorar meus avisos. Se fizerem isto haverá um cliente a menos para este lugar. Fui compreendido?"

As respostas foram murmuradas, mas aparentemente o bastante para satisfazerem o magistrado enquanto ele assentiu, se virou e caminhou pelo caminho no qual chegou.

Shinjo Dun desmontou e levou seu cavalo ao pequeno riacho que ladeava seu caminho pelo solo partido. Ele ainda estava dentro das terras identificadas como do Unicórnio, mas não demoraria muito para que deixasse Rokugan completamente. Água não era encontrada facilmente dentro dessas terras arrasadas, logo mesmo que nem ele nem seu cavalo estivessem cansados, era prudente parar de qualquer jeito. Dun foi a alguns passos acima de onde seu cavalo bebia, para encher suas próprias peles.

A água era mais fria do que esperava. Devia descer das montanhas, onde o gelo se derrete quando chegam climas mais quentes. As montanhas não estavam próximas, mas estavam próximas o bastante.

"Garanta que beba seu máximo, Ki-rin, pois você não verá mais água até que alcancemos seu destino."

Dun se pôs de pé e sacou sua katana num único movimento.

De pé no outro lado do riacho, a não mais que três metros da ponta da espada de Dun, estava um velho. Sua pele escura o marcava como sendo das Areias Ardentes, destino de Dun. Ele não se vestia como o Unicórnio esperaria, se esperava algo afinal. Ele estava vestindo um kimono preto, sem mon ou marca de identificação. Suas roupas pareciam feitas recentemente, sem gastos ou sujeira nelas.

"Quem é você, velho, e de onde veio?"

O estranho sorriu levemente. "Vim de além das terras quebradas, e pelas areias flamejantes. Sou um estranho e um amigo. Sou um sinalizador que o levará ao seu destino."

"Isto não é resposta. Me dê o seu nome."

"Esta é toda a resposta que terá. Meu nome é só meu. Não pedi pelo seu."

Dun bufou. "Não escondo quem sou. Sou Shinjo Dun, de Rokugan. Não conto estrangeiros entre meus amigos. Me dê o seu nome ou serei forçado a agir."

"Forçado a agir? Você já está agindo, não? Mesmo a inação é ação se você a olha de certa maneira. Viajar para tão longe de sua casa para recuperar algo que foi perdido; isto é ação, não é?"

"Você parece saber muito, mas compartilha pouco. Você quase soa como um Escorpião."

O estranho sorriu. "E se eu fosse, você confiaria em mim, então? Uma face Escorpião faria que parasse me fazer perguntas e ouvir o que tenho a lhe dizer?"

"Confiar num Escorpião? Confiaria que você está para fazer o melhor para os seus interesses. Isso não significa que sejam os meus."

"Você poderia dizer isso sobre qualquer homem, eu acho. Ainda assim, não posso dizer que sou diferente. Não trabalho para os seus interesses, mas isso não significa que posso ajudá-lo. Sei o que busca e sei onde encontrá-lo."

Os olhos de Dun se arregalaram. "Dê-me provas. O que eu procuro?"

"O que foi manuseado por último por Moto Gaheris. Aquilo que foi perdido para sempre."

"E onde está?"

"Caminhe em direção ao sol poente. Em três dias, virá até você."

Dun ajustou seu punho em sua katana. "Vir a mim?"

O estranho sorriu. "É tão difícil assim? Lhe dei o que procura. Sem mais perguntas."

Dun ponderou e moveu-se para frente, caminhando pelo pequeno riacho. "Você não me dá nomes mas exige que confie em sua palavra?"

A face do estranho se mudou para uma provocação. "Não exijo nada. Eu não lhe sirvo."

Antes que Dun pudesse dar mais um passo, o estranho sumiu, como se nunca tivesse existido afinal.

"Magistrados." A palavra saiu da língua do homem como um remédio amargo.

O ronin que havia sido o foco dos interesses de Renjiro se virou ao som. Ele viu quem falava, soou familiar, mas possivelmente um pouco mais mal vestido como se houvesse trapos rasgados emergindo de suas mangas. Ele se virou de volta ao sakê.

O ronin em trapos falou novamente, alto o bastante para ser ouvido por três ou quatro ouvidos, mas não mais. "Eles pensam que ditam as regras. Eles não podem fazer nada. Sua espada não abateria todas as espadas aqui."

O primeiro ronin olhou pelo seu ombro. "Não o vejo se levantando contra ele."

"Não faz sentido." Ele se levantou de onde se sentava e se moveu mais próximo da mesa do primeiro ronin. "Não há nada nisto para mim. Posso me sentar?" Sem esperar resposta, ele o fez.

O primeiro ronin olhou o recém-chegado. "Não o vi antes. Quem é você?"

"Meu nome é Kyuichi. Cheguei esta manhã."

"Sou Kana."

Kyuichi assentiu com sua cabeça. "Eu sei. É por sua causa que estou aqui."

Os olhos de Kana se arregalaram. "Você está procurando por mim? Precisa me dizer rapidamente o porquê, ou não sairá daqui tão confortavelmente quanto entrou."

Kyuichi sorriu interessado. "Você pode achar isso mais difícil do que pode pensar, mas não precisa. Não estou aqui para desafiá-lo. Como eu disse, cheguei em Kyakuchu Mura esta manhã. Estou procurando por trabalho e me disseram que você é uma pessoa com quem posso falar."

"Não sou fazendeiro ou capataz. Você deve procurar outra pessoa."

Kyuichi coçou sua cabeça. "Não é deste tipo de trabalho que estou falando. Pareço um ashigaru para você?" Kana ergueu sua sobrancelha e Kyuichi sorriu. "Perdoarei este insulto em respeito do futuro trabalho que faremos."

"Você presume muito, Kyuichi. Você ainda espera muito mais."

"Talvez tenham me dito errado. Se você não for o que ouvi, posso ir à frente e encontrar eu próprio trabalho em Kyakuchu Mura e você não dirá nada sobre isso."

Kana serviu o último de sua garrafa da sakê em seu copo, não oferecendo nada a Kyuichi. "Isto não seria aconselhável."

"Acho que não. Então porque estamos jogando esses jogos? Estou aqui para trabalhar e ganhar. Tenho certeza que você sempre pode usar outra espada."

"Você pode? Você a roubou de um samurai bêbado ou treinou de verdade?"

A face de Kyuichi se escureceu. "Eu fui treinado. Nem sempre fui um ronin."

Kana assentiu. "Nem eu. Preciso saber, a história é um problema? Você tem alguém de quem cuidaria se te vissem? Um antigo sensei ou mestre que consideraria uma afronta pessoal o fato de ainda viver?"

A face de Kyuichi pareceu de pedra.

"Se algo surgir para interferir com meus negócios porque você dormiu com alguém que não devia ou roubou de alguém que não devia, você desejará nunca ter vindo aqui."

"Entendido."

Kana olhou para Kyuichi por um momento antes de acenar por outra garrafa de sakê, e um copo extra.

Shinjo Dun rumou para o oeste. Já fazia três dias desde o seu encontro com o estranho no riacho. Ele ainda estava incerto sobre confiar nas instruções que recebeu, mas ele não tinha qualquer outra orientação. Ele estava ciente enquanto cavalgava que este era o dia que o estranho falou que veria seu prêmio vir até ele.

Ele procurou pelo chão quebradiço, como esteve fazendo por dias, sem encontrar nada.

Horas passaram, e Dun ficava mais bravo consigo por viajar tão longe baseado na palavra de um gaijin. Suas mentiras estavam se tornando mais aparentes e suas promessas falhavam em se materializar.

Ele parou seu cavalo e decidiu acampar, e voltar à manhã.

Dun olhou ao horizonte enquanto Lorde Sol vinha descansar sobre ele... E viu algo. Logo no horizonte havia movimento. Era uma figura, completamente obscura pelo sol atrás dela.

Dun rapidamente montou seu cavalo e galopou em direção à figura. Ele se aproximou, o sol continuava sua jornada e o dia se tornava crepúsculo. Quando finalmente estava dentro de uma distância razoável, Dun chamou. "Você aí! Sou Shinjo Dun! Quem é você?"

O homem, que Dun agora podia confirmar que era, não respondeu, mas caiu de joelhos ao grito de Dun. Dun continuou sua aproximação para ver que o homem era um trapo amarrotado. Ele parecia rokugani, mas era bem velho, e sua face estava escurecida pela excessiva exposição ao sol. Seu cabelo estava oleoso e sujo, como tudo à volta dele. Seu traje estava encardido de sujeira e as profundas rugas em sua face pareciam que ele não via água há meses, no mínimo. Seus lábios rachados e secos pareciam não ver água há tempos também. Ele não carregava suprimentos, mas tinha algo amarrado em panos rasgados e sujos às suas costas.

Dun jogou sua pele de água para o homem e disse, "Beba, velho. Diga-me quem é você."

O homem enrugado bebeu afoitamente antes de olhar para cima ao Unicórnio montado em seu cavalo. Quando ele falou sua voz estava rouca e quebradiça, como alguém não acostumado a falar. Ele rastelou, "Shinjo? Você é um Shinjo?"

Os olhos de Dun se arregalaram. "Sou. E você é..." Dun olhou para o velho

na penumbra. Pela sujeira ele podia perceber que seu kimono poderia ter sido branco. Onde deveria haver um mon havia um rasgo. Os olhos de Dun piscaram com força. "Você é um Moto! Um dos Moto perdidos!"

"Eu fui." Ele raspou. "Agora não sou ninguém."

"Por que não deveria lhe matar onde mente, traidor?"

"Você deve, mas, por favor, não até que eu termine."

"Termine o que?"

O homem olhou para cima. "Eu fui um Moto. Cavalguei com Moto Tsume durante sua incursão maldita para as Terras Sombrias. Vi os limites distantes das Areias Ardentes, e ainda assim não posso me lembrar de como se parecem as estepes de Rokugan. Estava lá quando Tsume foi Perdido, como eu fui, foram muitos outros dos nossos. Ainda assim, eu fui salvo."

"Salvo? Como?"

"Enquanto servi ao Moto Negro, vim a possuir um artefato de grande poder. Ele continha uma criatura que foi forçada a cumprir minha vontade. Quanod Fu Leng puniu os Moto Negros por sua falha, nossa força nos deixou, e muitos de nós finalmente foram libertos para morrer. Meu dever, e meu kharma nesta vida, ainda não tinham sido cumpridos. Ordenei que a criatura me sustentasse, e ela o fez."

"Então você é duas vezes um traidor."

"Eu tive que ser." O Moto tossiu. "Carreguei um fardo por um longo tempo. Sabia que ele retornaria a Rokugan."

Dun bufou. "Isso deve ter sido há vários anos. Se era tão importante que retornasse a Rokugan, por que não o fez antes?"

O trapo olhou para baixo, como que com vergonha. "Tinha medo de morrer. Sabia o que significaria retornar a Rokugan. Sabia o que havia feito e sabia que méis ancestrais não me saudariam. Agora minha vida está encerrada, apesar de meus esforços, e desejo completar uma última tarefa. Ordenei ao Jinn para garantir que minha carga fosse entregue a um sucessor digno."

"Bem, vamos vê-la."

O Moto se esforçou para puxar sua carga de suas costas. Ele então desamarrou os nós até que eles finalmente afrouxaram. De debaixo dos trapos ele segurava uma espada, sem uma marca do tempo sobre ela. "Esta é..."

Dun se abaixou a pegou das mãos do Moto enquanto o interrompia. "Esta é Kiro, a espada ancestral do Ki-Rin."

O Moto assentiu. Ele então sussurrou uma palavra numa língua que Dun não reconheceu e então disse em Rokugani, "Você está livre." Vento passou pelos dois homens e então tudo estava parado novamente.

Dun olhou para o Moto. "Lhe agradeço por isto. Mas não posso perdoar o que os Moto caídos fizeram."

"Eu sei. Estou preparado para enfrentar meu destino."

Depois, Dun cuidadosamente amarrou Kiro e começou sua viagem de volta a Rokugan.

Ele viajava sozinho.

Kyuichi olhou para os dois lados antes de entrar na pequena loja. Lá dentro, um mercador mostrava vários tecidos, de vários cantos de Rokugan. Nenhum era muito ornado ou caro, pois esta era Kyakuchu Mura e não Toshi Ranbo ou coisa parecida.

"Posso ajudá-lo?" A voz do mercador era fria, pois Kyuichi não tinha a aparência de um homem que estava comprando tecidos.

"Tenho uma mensagem a ser enviada."

"Temo que veio ao lugar errado. Só vendo tecidos. Acho que deveria tentar..." Enquanto o mercador falava, Kyuichi pegou um manuscrito de seu obi e o entregou para que o proprietário visse. Ele viu uma certa marca e parou seus protestos. Ele pegou o manuscrito de Kyuichi e assentiu. "Isto sairá do jeito certo."

"Estou lhe roubando."

O mercador suspirou. "Então que assim seja. Devo relatar isto ou estou assustado quanto às repercussões?" Ele puxou uma bolsa de dinheiro detrás do canto.

"O último, por agora." Kyuichi pegou a moeda e se moveu para fora da porta. "Você será compensado."

"Claro. O serviço é sua própria recompensa."

Kyuichi partiu e o mercador suspirou novamente. Ele sabia que dificilmente seria compensado diretamente, mas os Shosuro pagavam bem pelos seus serviços. Ele não tinha razão para reclamar.

Véu de Honra, Parte 1

Escrito por Nancy Sauer

Kyuden Ikoma

Está se provando um inverno bem desagradável, Daidoji Kikaze refletiu consigo. Ter sido enviado a Kyuden Ikoma já era ruim o bastante. Chegar a encontrar-se com Yasuki Jinn-Kuen, que se apresentava como o daimyo Caranguejo dos Yasuki e que claramente sentida que era seu dever causar quantos problemas fossem possíveis a Kikaze, era pior. Pior ainda, muitos poucos dos problemas realmente se materializaram, pois a mulher que se sentava diante dele agora havia investido consideráveis recursos para manter Jinn-Kuen em xeque. Ele quase preferia ter sido deixado à mercê do Caranguejo...

"Chá, Kikaze-san?" Ofereceu Ikoma Yasuki

"Sim, obrigado," ele disse automaticamente. Escorpião, ele pensou consigo. Ou Leão. Em nenhum dos casos ele a tratou como inimiga, e em ambos ele vivia sob sua proteção. Ele aceitou o copo que ela o entregou e inspirou a fragrância familiar que vinha dele. Sorriso da Primavera era um chá das províncias da Fênix, de arbustos plantados em pés de cereja e colhidos à altura da estação de broto. Ele foi servido a ele por várias vezes nas últimas semanas por vários cortesãos, que lhe diziam que as notícias de Sakura no Yuki Mura deveriam ser filtradas.

"Fico feliz que foi capaz de aceitar nosso convite à Corte de Inverno," disse Yasuko. Seu sorriso tão cálido e natural. "Kyuden Ikoma nunca teve a honra de hospedar um daimyo Daidoji."

"Eu é que estou honrado," Kikaze respondeu automaticamente. "Tanto em servir minha Campeã aqui, quanto pela grande hospitalidade que têm me mostrado."

Yasuko riu levemente. "Você não precisa ser tão formal aqui, Kikaze-san," ela disse.

O Daidoji sorveu seu chá, atrasando um momento para um pensamento extra. "Considere isso uma demonstração de meu respeito por você, e apreciação de seus problemas ao meu benefício."

"Sou aquecida pelo pensamento de seu respeito," disse Yasuko. "Mas não tomei problemas para falar deles." Ela pausou para abanar com as mangas de seus sobre-mantos, camadas de amarelo sobre verde evocavam a rosa keirra. Kikaze a olhou em silêncio por um momento. Ele havia trazido este conjunto de roupas, e vários outros, como presentes quando chegou.

"Yasuko-san, não sou um cortesão mas posso reconhecer um homem perigoso quando vejo um." Ou mulher, ele adicionou silenciosamente para si. "Yasuki Jinn-Kuen é perigoso e deixou suas intenções quanto a mim bem claras."

"Ah. Jinn-Kuen." Yasuko abanou uma mão languidamente, como se estapeasse o nome ao ar. "Ele seria mais perigoso a você se não fosse por seu Campeão."

"Não entendo."

"Hida Kuon nunca teve oportunidade de mostrar seu respeito para com cortesãos e as cortes do Império. Se ele não pode ser incomodado com atender os fóruns onde os clãs resolvem suas disputas de uma maneira civilizada, então ele não pode esperar nossa intervenção em seu conflito com a Garça." Yasuko parou e o presenteou com um sorriso conspirador. "Jinn-Kuen sofre este problema, quando procura por aliados para mover contra você."

Kikaze pensou novamente. "E ainda assim, ele tem aliados."

"Poucos," concedeu Yasuko, "e muitos deles no Mantis. É esperado: eles seguem o koku, e há lucros a serem feitos comercializando com o Caranguejo quando outros não o fazem. Então, também, eles parecem afeitos para desafiarem a posse da Garça nos mercados. Mas não preciso explicar tais coisas ao senhor dos Daidoji."

"Não. O Mantis é um de nossos maiores parceiros em comércio — e tem o potencial de ser nosso maior rival." Depois do Leão e do Escorpião, ele emendou silenciosamente.

"Estou certa de que a força e honra da Garça será suficiente a este desafio," disse Yasuko. "E você pode estar certo de que o Leão agirá como dita a honra neste conflito."

Matsu Aoiko cuidadosamente olhou para o mapa, garantindo que os marcadores espalhados por ele conferiam com os itens em sua lista. Ela dificilmente podia conter o entusiasmo. Quando ela e seu marido foram enviados para cá, ela esta esteve buscando um calmo inverno de preparação para as batalhas seguintes contra o Unicórnio. Essas batalhas seriam gloriosas, mas teriam que ir sem ela. Agora ela estava envolvida numa campanha maior.

"Um inverno de cura, uma primavera de combate," Ikoma Otemi disse enquanto se aproximava por trás dela. Ela coçou a cicatriz em sua garganta gentilmente enquanto observava o mapa.

"Muito parecida com qualquer outra primavera," disse Aoiko. "Salvo para os padrões."

"Otemi-sama, isto é sábio?" Ikoma Akiyama perguntou. O poeta se aproximou da mesa pelo outro lado e abriu os braços sobre o mapa em cima dela.

"Pergunte ao Caranguejo se é sábio ir à guerra sem recursos para ela," respondeu Otemi.

"Akiyama curvou sua cabeça em reconhecimento à razão. "Mas ainda pode-se pedir por eles se necessários. Otomo Hoketuhime está ganhando mais e mais apoio nas cortes, e não creio que ela seria uma má Imperatriz — Ela é uma mulher honrada com um grande respeito pelas tradições de nossos ancestrais."

"Quantos exércitos ela comanda?" Aoiko perguntou.

"Não vejo como a pergunta importa," disse Akiyama.

"É a única que importa," disse Otemi. "Mesmo a Fênix admitiu isso, quando forçaram a paz deles a nós em nossa batalha com o Unicórnio. Toshi Ranbo e o

Trono, irão a aqueles com força para dominá-los." Ele estapeou o mapa diante dele. "Depois de lidarmos com Chagatai nos direcionaremos a adquirir a força necessária para ganharmos o Trono."

"E devo avisar nossos aliados, a Garça?" Disse Akiyama. "Eles certamente estão infelizes quanto a nossas ações."

Otemi deu a ele um olhar de resvalo. "Diga-lhes que tem certeza que os honrados prosperarão sob nosso reino."

Kyuden Bayushi

O inverno nas terras do Escorpião era muito mais ameno que nas províncias nevadas da Fênix. Isawa Emori sabia disso antes de vir para Kyuden Bayushi, mas ele não havia apreciado quanta diferença isso fazia. De onde se sentava em uma das várias salas de recepção, ele podia olhar para um dos jardins e ver os brotos inchados das árvores, ouvir o excitado murmúrio dos kamis da terra. Em sua casa, eles estariam dormindo profundamente sob uma camada de neve; aqui, eles esperavam impacientemente para que osprimeiros ventos do sul libertasse a primavera.

"Mestre Emori? Você está bem?"

Emori recuou levemente. "Estou bem," ele disse, sentido-se embaraçado de algum modo. "Por favor, perdoe-me — estava distraído pelo seu jardim. A canção dos kamis da terra é muito clara aqui."

Bayushi Paneki sorriu sob sua máscara. "Nenhuma desculpa é necessária — é natural para um sacerdote de sua sensibilidade estar ciente de tais coisas. De fato, sem o conhecimento de seu clã à cerca dos caminhos dos kamis, meu clã ainda estaria sofrendo para curar nossos campos. Não podemos lhe agradecer por diminuir a seriedade de nossa fome. Ou por sua discrição em conceder tal ajuda."

"Ficamos felizes em ajudar," disse Emori. "Se o conhecimento nunca é usado, então perde-se o esforço feito para adquiri-lo."

"Você fala uma grande verdade," disse Paneki. "Esperaria tamanha sabedoria de seu clã, após os recentes eventos em Toshi Ranbo."

"Você é muito gentil," disse Emori, imaginando a que Paneki estava se referindo. O Conselho Elemental concordava plenamente que não podiam pedir ao avatar do Dragão do Fogo para permanecer indefinidamente na cidade, mas, de algum modo, ele sentia que não era o que Paneki se referia.

"De fato, não," disse Paneki. "Foi uma jogada de mestre, manobrar o Leão a reforçara paz na capital. Ao custo da honra de apenas um homem, vocês os impossibilitaram de causar problemas em Toshi Ranbo, e os colocam contra qualquer outro clã que deseje tentar. Simplesmente brilhante."

"Shiba Naoya sempre serviu ao Conselho ao máximo de sua habilidade," disse Emori, mantendo uma expressão cuidadosamente neutra em sua face.

"Qualquer senhor regozijaria em ser servido por tal homem," disse Paneki. "E fico feliz que o Conselho esteja mostrando tamanha astúcia em sua administração da capital. Apesar de não desejar ofender quando digo que espero que os Céus abençoem Rokugan com um Imperador em breve."

"Não completamente. Eu, e todos os Mestres, esperamos por tal coisa também."

"Há várias pessoas que se adiantam em tal coisa, mas eu apoiarei Otomo Hoketuhime."

Por um momento, Emori deixou a surpresa que sentia se mostrar. "Lady Otomo? Ela é a candidata adiantada pela Garça, não é?"

"Exatamente," disse Paneki. "O Clã Garça tem sido uma potência das Cortes Imperiais desde o começo do Império, e suas perícias nas políticas não podem ser questionadas. Não posso pensar numa recomendação melhor para Imperador — ou Imperatriz — que a aprovação deles."

"Você tem um ponto definido, Paneki-sama," disse Emori. "Passarei esta observação entre meu clã, para consideração deles."

"Obrigado," disse Paneki. "Isso me agradaria imensamente."

Em uma das mais remotas alas do Kyuden Bayushi, onde nenhum visitante jamais entrou, duas mulheres caminhavam no corredor. A mais velha caminhava com um arrasto notável. A mais nova tinha um passo agitado que não era afetado pelo volume de papéis que carregava.

"O nome de Yogo Honami foi falado com destaque pelo meu sensei," disse Bayushi Kurumi. "Não acredito que estou indo me encontrar com ela."

Shosuro Mizuno sorriu indulgentemente. Ela podia se lembrar claramente de seu primeiro encontro com Honami, e o terror que este encontro inspirava nela na época. "Seja polida. Ela é uma velha mulher com pouca paciência, e tem os ouvidos de Paneki-sama."

"Sim, Mizuno-sama," disse Kurumi.

Conversas posteriores foram interrompidas por sua chegada. Um servo as recebeu e as apressou à sala de visitas da dama. Honami era uma baixa velha grisalha, com olhos castanhos e pernas que sumiam poucos centímetros onde seus joelhos deveriam estar. Ambas as visitantes faziam seus melhores para ignorar este fato.

Mizuno curvou-se profundamente à sua anfitriã. "Yogo-sama," ela disse, "Sou Shosuro Mizuno, e esta jovem mulher é minha assistente, Bayushi Kurumi."

Honami passou um longo tempo estudando a jovem mulher. "Aparentemente nossa escassez está bem pior do que fui levada a acreditar," ela disse.

"Como, Yogo-sama?" Perguntou Mizuno.

"Mesmo os bichos da seda devem estar passando fome, se não podemos mais produzir tecido o bastante para roupas decentes."

Houve um momento de silêncio, e então Kurumi derrubou a pilha que estava carregando e se ajoelhou perante a velha mulher. "Por favor, perdoe minha falta de bom senso, Yogo-sama," ela disse humildemente. "Tentarei aplicar mais sensatez no futuro."

Honami desdenhou e se virou. "Não vamos nos atrasar mais. Não vou ficar mais velha, mas vocês duas vão. Paneki quer conselhos sobre algo com o Dragão?"

"Sim," disse Mizuno. "Eles estão planejando enviar um embaixador aos gaijins de Medinaat al'Salaam, e precisamos determinar se existem Dragões cuja carreira desejamos recomendá-los ao posto."

"Entendo," disse Honami. Ela se abaixou próxima à pequena mesa e acenou para que suas visitantes se sentassem também. "Você tem uma lista de possíveis candidatos?"

"Sim, Yogo-sama." Kurumi rapidamente abriu a pilha e espalhou os papéis pela mesa.

Honami pegou uma das fichas a esmo. "Kitsuki Ryushi," ela leu alto, lendo a página. "Um bom homem, mas sem óbvias ameaças." Ela largou a página à esquerda da mesa, e então pegou outra. "Kouri... Este poderia ser problemático. Talvez ele poderia ser usado como um embaixador." Ela baixou a página à direita da mesa. "Alguma de vocês tem alguma opinião?"

"Yogo-sama, este Togashi Kisu parece ser incomumente perceptivo," disse Kurumi.

Honami rolou seus olhos. "Quando começarmos a usar koans para matar pessoas, um Togashi pode ser uma ameaça." Ela pegou outra folha com seu nome e a deixou na esquerda.

"A garota, Taiko, parece estar fazendo um nome para si," disse Mizuno.

"Hmm," disse Honami. Ela pegou a folha e leu. "Ela parece um pouco jovem para uma embaixatriz, mas seria bom recomendá-la para a equipe do embaixador — se tivermos sorte, ela comerá algo que a desagrade." Ela pôs a ficha à direita. "Espero que ela encontre algum uso para aquele Kakita antes de jogá-lo fora. Não é todo dia que as Fortunas jogam um homem como aquele no seu colo." A face de Mizuno continuou uma máscara plácida; os olhos de Kurumi se abriram levemente. Honami ignorou as duas e pegou outra folha. "Mirumoto Agito... Por favor, um Dragão que lembra que o resto do Império existe. Que utópico." Ela posa ficha à direita.

"Utópico, mas não único," disse Mizuno. "Kitsuki Iweko também tem estado ativa, a ponto de alguns dos seus sugerirem-na como uma possível Imperatriz."

"Uma Kitsuki no Trono? Simplesmente inaceitável." A velha pegou a ficha relevante e a colocou à direita. "Este aqui receberá a mais alta recomendação."

"Será feito, Yogo-sama," disse Mizuno.

Honami leu o restante rapidamente, organizando-as em duas pilhas. Quando ela acabou ela as entregou a Kurumi. "Minhas recomendações," ela disse. "Paneki tem algo mais para mim?"

"Não," disse Mizuno. "Há algo que quer que cuidemos?"

"Não hoje," disse Honami. "Mas as duas podem voltar alguma hora para o chá. Não tenho muito mais, e exceto pelo meu jogo semanal de go, não tenho muita companhia."

"Claro," disse Mizuno. Ela e Kurumi fizeram suas despedidas e saíram.

Fora dos corredores, Kurumi deu à sua companheira um olhar intrigado. "Mizuno-sama, quem ela indicou para ir?"

"Ninguém sabe," disse a Shosuro, e foi embora.

Revelações

Escrito por Shawn Carman

Por enquanto, ao menos, ela estava gostando de seu tempo na Cidade Imperial, refletia Isawa Kyoko. Ela esteve estacionada lá como uma atendente a vários indivíduos em sua família por quase um ano, e na maior parte do tempo isso era uma experiência maravilhosa. Agora, parecia que este tempo havia acabado, e isso só a fazia apreciá-lo mais, e ela se viu olhando para trás lamuriosamente cada vez mais.

O ar em Toshi Ranbo podia, por hora, ser melhor descrito como tenso. O Clã Leão restabeleceu seu controle na cidade, e apesar de não ter uma presença notável nas cortes, parecia que a cada dia havia mais e mais de seus bushis de guarda em vários locais importantes pela cidade. Seus próprios estabelecimentos eram intensamente protegidos, é claro, mas eles continuaram a oferecer forças adicionais para assegurar todas as posses Imperiais assim como muitos locais importantes para seus aliados, a Garça. Com a Garça pré-ocupada com o conflito crescente nas terras Yasuki, parecia que o Leão intencionava oferecer o máximo de apoio possível. Sob diferentes circunstâncias, Kyoko achava sua devoção admirável. Infelizmente, o caminho que o Leão trilhava rumo aos seus deveres dificultava achar algo admirável sobre ele: o Clã Fênix esteve comparti-

lhando dever de vigília com a família Seppun em todos os locais Imperiais, e o Leão simplesmente começou a enviar seu próprio pessoal a qualquer momento em que a Fênix deveria estar presente. A situação inteira se tornou desconfortável e potencialmente explosiva, tanto que a Fênix calmamente providenciou a remoção de seus sentinelas e permitir que os Seppun e o Leão protegessem os locais exclusivamente.

Tudo isso era espetacularmente infantil, decidiu Kyoko. Ela estava enojada que alguém poderia se comportar de tal maneira, muito menos a assim chamada Mão Direita do Imperador. E muito menos na Cidade Imperial! Vergonhoso. Infelizmente, parecia, não havia ninguém para culpar por toda a confusão salvo aqueles de seu próprio clã. Lhe doía pensar que a Fênix podia ser responsável por permitir que o que havia sido uma gloriosa era de paz e segurança para a cidade chegasse ao fim, mas parecia que era exatamente o que havia acontecido. Enquanto andava pelos intermináveis corredores do Palácio Imperial, ou ao menos pela porção do Palácio que ainda estava em uso, ela refletia no que isso significaria ao curso de um longo período de tempo.

A câmara em que Kyoko entrou já estava cheia de dúzias de samurais e shugenjas, a vasta maioria deles vestiam as cores da Fênix. Havia um punhado de samurais das famílias Imperiais presentes, primeiramente representantes do contingente Otomo e seus guarda-costas Seppun, mas na maior parte, isso era um assunto restrito ao clã.

"Kyoko!"

Ela se virou em direção à voz e sorriu ao jovem que caminhava em direção a ela. Seu próprio sorriso era largo, o que era agradável, pois ele sorria muito raramente. "Takesi-san," ela disse com uma curta reverência. Ela olhou para a sala. "Não esperava tantos!"

Ele assentiu. "Os Mestres não tomaram providências para disfarçar o assunto, mas também não o tornaram inteiramente sabido. Suponho que o rumo seja o maior produto da Cidade Imperial, como minha mãe costumava dizer." Ele a olhou curiosamente. "Estou surpreso que tenha vindo," ele disse. "Não parece ser o tipo de coisa que lhe interesse."

Kyoko abriu seu leque e o usou para abanar-se. "Preciso ver o que há," ela admitiu. "Tenho que saber se tudo que fizemos aqui valeu algo." A face de Takesi se mudou para uma expressão que parecia algo como um sorriso abortado, mas ele assentiu mesmo assim. "Creio que existem muitos que não estejam felizes," ele disse. "Temo o pior." Kyoko começou a responder mas parou quando as telas de shoji próximas à traseira da câmara se abriram calmamente e quatro figuras entraram, lideradas por uma pequena mulher que parecia não mais velha do que Kyoko, mas que ela sabia ter mais que o dobro de sua idade. "Olá, amigos," disse a pequena mulher calmamente, levando a câmara ao completo silêncio. "Lhes agradecemos por seu interesse nesta questão, mas devemos lhes pedir para ficarem neutros." Isawa Ochiai procurou pela sala por um momento enquanto os penetras reunidos retiravam-se em direção às paredes da câmara, deixando um grande espaço aberto diante do pedestal. "Shiba Naoya."

Um figura solitária caminhou à frente. O homem estava vestido em simples mantos que indicavam sua patente nos exércitos Shiba, mas que não tinha os elaborados padrões preferidos por muitos dos Isawa. Era, pensou Kyoko, o manto de um homem que valorizava praticidade, para qual a função era mais importante do que a forma. Ela olhou para baixo, aos intricados padrões de seus próprios mantos e corou levemente. "Sim, minha lady," disse Naoya, ajoelhando-se perante os Mestres Elementais reunidos.

"Naoya-san," começou Ochiai, "o Conselho dos Mestres Elementais convocou você perante nós para que pudesse explicar o incidente que ocorreu há algumas semanas, onde forças da Fênix sob seu comando permitiram que o Leão reentrasse na Cidade Imperial. Isto foi uma violação direta de um edito emitido por este Conselho, e resultou em inúmeras complicações. Desejamos lhe permitir que fale em sua defesa."

"O Conselho é gracioso ao me permitir fazê-lo," disse Naoya, "mas voluntariamente aceito qualquer julgamento que escolham impor, caso desejem fazê-lo sem meu testemunho."

Ochiai ergueu uma mão e sorriu levemente. "Este Conselho escolhe ouvir seu testemunho primeiro, em reconhecimento ao seu impressionante serviço até o incidente em questão." Ela pausou e olhou ao pergaminho oferecido por um atendente. "De acordo com seu relatório oficial, o Leão exigiu entrada, que você inicialmente recusou. Está correto?"

"Está, minha lady."

"Por que você recusou?"

Naoya ergueu sua cabeça. "Fui ordenado a impedir que Leão e Mantis entrassem na cidade, Lady Ochiai," ele disse.

"E ainda assim, posteriormente neste mesmo relatório," a Mestra do Fogo continuou, "você atendeu ao seu pedido." Ela mexeu sua cabeça. "Não compreendo. Você claramente demonstrou seu conhecimento e intenção de aderir às suas ordens, e então repentinamente e sem razão aparente, reverteu sua decisão." Ela olhou para os outros Mestres. "Isso muito nos atribula, Naoya."

"Como deve, minha lady."

"É sua intenção não oferecer defesa às suas ações?" Shiba Ningen caminhou à frente, sua face atribulada. "Você é um excelente oficial, taisa. Não desejo deste Conselho perder o serviço de um vassalo valoroso. E ainda assim, se você não oferecer uma explicação, o que pensaremos? A que resultado possivelmente podemos chegar? Superficialmente, parece ser uma grotesca falha de seu dever. Ninguém aqui acredita que seja capaz de tal coisa, e ainda assim você não oferecerá sua explicação. Por quê?"

Naoya curvou sua cabeça novamente. "Este não é o lugar para um vassalo explicar suas falhas, meu senhor," ele disse. "Apenas espero minha punição."

"Você nos deixa pouca escolha, meu amigo," disse Asako Bairei suavemente, sua voz pesada.

"Se ele não se defenderá, então falarei por ele." A voz era suave, quase musical, mas tinha um fio que era óbvio a todos que a escutavam. Kyoko olhou para a sala em surpresa, tentando localizar quem falava. Uma mulher caminhou à frente da multidão. Ela era incrivelmente bela apesar de parecer ligar pouco para a aparência. Ela vestia o mesmo tipo de roupa que Naoya, e após um momento, Kyoko percebeu em choque que era Shiba Tsukimi, a muito conhecida comandante dos exércitos Shiba. Ela nunca havia visto Tsukimi sem sua armadura.

"Tsukimi-san," disse Tamori Nakamuro com uma reverência. "Sob circunstâncias diferentes este Conselho saudaria os comentários de tão deconderada oficial, mas este não é o tipo de assunto para discussão pública."

"Dificilmente isto é uma discussão pública," respondeu Tsukimi. "Suas perguntas, assim como a deferência de Naoya, são o coração do relacionamento entre Isawa e Shiba, e como tal é meu dever intervir."

"Seu dever?" O tom de Ochiai era curioso e cuidadoso. "Como?"

A boca de Tsukimi se colocou numa linha fina. "Permaneci em silêncio por muito tempo," ela admitiu. "Esperava ter o conhecimento de tudo que a Fênix é, e do que poderiam ser, antes de me revelar. Talvez tenha sido tolice, ou talvez estive meramente sendo egoísta. Independente disto, pouco importa agora. É meu dever falar deste assunto pois eu sou a Campeã do Clã Fênix."

Um burburinho correu pela sala. Takesi sussurrou algo no ouvido de Kyoko mas ela não o ouviu, tentando ouvir o que aconteceria a seguir. "É de meu conhecimento que Mestre Ningen se encontrou com você antes em sua procura," Ochiai estava falando sobre os comentários. "Foi conclusão dele de que você não é, de fato, a Campeã da Fênix."

"Com o devido respeito," respondeu Tsukimi, inclinando sua cabeça polidamente. "Lorde Ningen, apesar e incrivelmente talentoso e poderoso, não tem a sabedoria de onze séculos, como a alma de Shiba. Sua percepção não falhou, simplesmente a alma e Shiba não deseja ser detectada, e não será."

"Esta é uma tese muito curiosa," disse Bairei, uma sobrancelha erguida.

Tsukimi curvou-se. "Conselho, vocês podem me reconhecer ou não se quiserem. Sou a Campa da Fênix independente disso."

"Ela fala a verdade," Shiba Ningen disse. A expressão do Mestre do Vácuo era tão inescrutável como sempre. "Ela tem a alma. Ela é a Campeã."

"Então este Conselho se regozija em ter a Campeã do Clã Fênix por direito entre nós novamente," disse Ochiai, seu sorriso era genuíno e receptivo. "Não estou convencida, porém, que isto seja relevante ao assunto em questão."

"Você não é uma mente militar, minha lady," disse Tsukimi. "Me responda se quiser: você ordenaria conscientemente a outro para sacrificar sua honra para o bem de seu clã?"

"Não," respondeu Ochiai de uma vez. "Uma vez, talvez, eu possa tê-lo feito, mas não mais. A Fênix deve ser maior do que isso. Devemos nos erguer além de tais coisas. Nunca pediria tal coisa de outro, e não creio que meus colegas Mestres também o fariam."

"Isto é bom," disse Tsukimi. "Os Shiba, porém, não requerem tal comando. É nosso dever, nossa responsabilidade, dar tudo que temos, mesmo nossa honra se necessária, pela Fênix. Foi o que Naoya fez. Suas preocupação, as preocupações de todo o nosso povo, estão confusas. Os Shiba compreendem."

Ochiai mexeu sua cabeça. "Os Shiba podem, mas não nós."

"Alguém entre vocês acredita que os diplomatas do Leão que entraram na cidade com Matsu Kenji não sejam combatentes talentosos? Cortesãos e poetas, historiadores e artistas, talvez, mas todos são Leões, não são?"

"Não duvido disto," respondeu o Mestre do Vácuo.

"E você duvida que, caso Naoya tivesse impedido-os de entrar, que Matsu Kenji teria atacado? Falamos dos Matsu. Pessoas honradas, sim, mas agressivas a um empecilho, e afoitos a interpretarem a menor das infrações como um golpe às suas honras. Eles teria atacado Naoya e seus homens. Sei disto sem dúvidas."

"Creio que esteja muito provavelmente correta," disse Ochiai. "Porém..."

Tsukimi ergueu uma mão. "Por favor, minha lady. Permita-me continuar." Ela pausou por um momento. "O resultado teria sido certo: Kenji teria atacado, e suas tropas teriam lutado até o último homem. O Leão aceitaria isso como uma mancha À sua honra, e teria aumentado o conflito. O Leão teria dizimado a cidade em defesa ao direito de protegê-la."

Nakamuro assentiu. "Este é o caminho deles," ele admitiu.

"Agora, pelas ações de Naoya, eles estão obrigados a não só protegerem a cidade, mas também preservarem a paz — um juramento que o Leão nunca teria feito gratuitamente. Além disso, pela Garça ter intercedido em benefício deles, os dois Clãs receberam um favor da Fênix. O Leão agora está numa posição onde devem apoiar a nossa, mesmo que por razões diferentes, e não podem se comportar da mesma maneira quando consumaram sua expulsão sem sacrificarem sua honra."

Os Mestres se olharam por um momento. "Talvez não tenhamos dado ao assunto a consideração que ele merece," admitiu Ochiai.

"O que Naoya fez não foi menos do que nosso ancestral Shiba teria feito a milhares de anos atrás," acrescentou Tsukimi. "Ele dobrou seu joelho para o peso do dever."

Ochiai curvou sua cabeça tristemente. "Lhe agradecemos por seu sacrifício, Naoya, mas o Conselho nunca teria pedido tal coisa de você."

"Eu sei," respondeu Naoya. "Era necessário independente disso."

"Independente disso," ela continuou. "este espetáculo se tornou infelizmente público. Se não houver alguma medida de punição para suas ações, a Fênix perderá face diante dos olhos dos outros clãs."

"Inaceitável," disse Naoya de uma vez.

"Concoro," ecoou Tsukimi. "Creio claramente que ele deva ser punido. Talvez, minha lady, ele deva ser removido de sua posição como daimyo atuante dos Shiba e comandante de seus exércitos?"

Ochiai sempre sorriu muito levemente. "Isto seria adequado, eu creio. Como Campeã por direito, você irá, obviamente, assumir esses deveres em seu lugar." Ochiai se virou para os outros Mestres, que assentiram em resposta. "Então está decidido. Sua punição está posta, Shiba Naoya. Erga-se e aceite-a com a honra de disciplina que sempre nos mostrou."

"Hai, minha lady."

Ochiai pausou por um momento, e então sorriu mais abertamente. "É bom ter você entre nós, Tsukimi-sama."

"Obrigado, Ochiai-sama."

"Não posso acreditar!" Exclamou Kyoko enquanto caminhava pelas ruas ao lado de Takesi. "Em pensar que estávamos lá quando aconteceu! Quais as chances de testemunhar tal coisa novamente em nossa vidas?"

"Muito improváveis," concordou Takesi.

"Estava preocupada que Ochiai reagisse mal à revelação de Tsukimi," admitiu Kyoko. "Suponho que era tolice. Ela não é a figura furiosa que muitos Mestres do Fogo antes dela foram."

"Particularmente desde seu casamento," adicionou Takesi. "Tenho visto ela e seu marido nos jardins juntos várias vezes à noite. A felicidade dela é óbvia a todos."

Kyoko sorriu. "Foi uma cerimônia amável, não foi?"

Takesi sorriu e parou, erguendo uma mão para afastar uma mecha de cabelo do rosto dela. "Foi," ele disse calmamente. "O nosso poderia ser tão amável, você sabe."

"Não," disse Kyoko, afastando-se dele. Ela não desejava que ele a tocasse, pois ela sabia muito bem que seu toque a afetava. "Isso nunca acontecerá. Você sabe disso."

"Por que não?" Exigiu Takesi. "Por que não podemos trabalhar para isso?"

"Sua petição foi recusada," ela disse firmemente. "O assunto está encerrado. Não nos casaremos."

"Com o tempo eles mudarão de idéia," ele insistiu. "Você sabe disso."

"Então não fale comigo até lá," ela disse. "Não posso suportar isso." A conversa a distraiu, e enquanto os dois entravam no templo, repentinamente se acharam na câmara principal, que estava vazia, salvo pelo seu sensei, que estava falando com um trio de outros Fênix. Os outros olharam para os dois jovens shugenjas como se não fossem bem-vindos, apesar da face de seu sensei ser tão cálida como sempre. "Oh," ela disse. "Por favor, perdoem-nos, meus senhores, não queríamos invadir." Ela se virou para ir embora de uma vez, agarrada à manga de Takesi.

"Não, espere," seu sensei disse. Ele gesticulou para que viessem à frente. "Esperava falar com os dois mais tarde. Agora vocês pouparão um velho o esforço de se lembrar de algo por tanto tempo."

Um dos outros três, um pequeno homem calvo cujos mantos exibiam a marca da Irmandade de Shinsei assim como a do Clã Fênix, franziu levemente. "Está certo que isto é sábio, Sawao?"

Isawa Sawao inclinou sua cabeça ao lado levemente. "Você pediu minha ajuda neste assunto, Juro-san. Se você deseja que eu cuide disso, então lhe agradeceria se não questionasse meus meios para tal. Não tenho intenção e tentar coordenar as logísticas deste assunto sem ajuda."

O pequeno monge curvou sua cabeça. "Como desejar."

"Muito bem," disse Sawao. "Crianças," ele se referiu aos dois shugenjas. "O assunto que estamos para discutir agora não deve ser falado para ninguém fora desta câmara. Vocês compreendem?"

"Claro, sensei," disse Kyoko de uma vez.

"Tudo o que desejar, mestre," ecoou Takesi.

"Muito bem," disse Sawao. "Contem-me sobre os Oráculos da Luz e das Trevas, por favor."

"Must everything be a learning opportunity?" Asako Juro muttered.

"Os Oráculos da Luz são mortais abençoados com uma fração do poder dos Dragões Elementais," disse Kyoko. "Eles ganham incríveis poderes, imortalidade virtual, e um tipo de iluminação, e por sua vez os dragões ganham a habilidade de perceberem o reino mortal pelos olhos do mortal, o que os oferece uma impressão que normalmente não receberiam por seu status divino." Ela pausou. "Ou assim entendemos, ao menos."

"Os Oráculos Negros foram criados pelos poderes do Jigoku, o Reino do Mal," Takesi continuou assim que ela parou. "Eles equilibram as escalas entre os Céus e o Jigoku, e ganham poderes similares. Nenhum é capaz de interferir diretamente nos assuntos dos mortais, não sem específica interações com outros que o permitam."

"Muito bom," Sawao brilhava. "Meus melhores estudantes," ele disse a Juro. "Agora, qual é o atual estado dos Oráculos da Luz, até onde somos capazes de determinar."

"É crido que eles tenham se retirado aos Céus," disse Takesi. "Ao menos eles se removeram dos assuntos mortais, salvo pelo Oráculo do Trovão, que medita num templo das terras da Garça, e o Oráculo do Ar, que se sabe residir no topo de um quase inacessível mirante nos litorais da Garça."

"Correto novamente," disse Sawao. "O que vocês sabem, porém, pois o estudo de tais coisas é muito incomum, é que os Oráculos Negros não perderam sua influência, por assim dizer."

"Eu... Ouvi um rumor," Kyoko ofereceu timidamente. "Eles dizem que o Oráculo Negro do Fogo esteve aumentando seus ataques contra as fronteiras setentrionais do Clã Dragão."

"Não é um rumor," disse Juro secamente. "Está correto."

"Acreditamos que a fato da questão é que os Oráculos se removeram numa tentativa de diminuir a influências de suas contrapartes no reino mortal," disse Sawao, seus olhos ardendo brilhantemente. "Porém, isto não aconteceu. Os Oráculos Negros continuam ativos, e assim o pêndulo balança contra eles. Eles são a fonte de um crescente desequilíbrio, e a Ordem Celestial aborta um desequilíbrio."

Takesi franziu-se. "Você acredita que os Céus responderão ao desequilíbrio?"

"Inevitavelmente, sim," disse Sawao. "É possível que outra solução possa ser apresentada, porém, e uma que o Conselho dos Mestres acha muito mais aceitável. Se os atuais Oráculos Negros fossem derrotados, destruídos, ou que quer que seja, o que aconteceria?"

"Novos Oráculos Negros existiriam?" Perguntou Takesi.

"Será?" Respondeu Sawao. "Com a influência dos Céus pelos seus Oráculos desprezível, novos Oráculos Negros seriam criados? Ou algo mais também poderia ser o resultado?"

"Fortunas!" Exclamou Kyoko. "Você acredita que eles deixariam de existir?"

"Pensamos isso," admitiu Juro, sua expressão tristemente respeitosa. "Fui apontado para supervisionar os inquisidores Asako, e me pediram para descobrir se este poderia não ser o caso."

Kyoko cobriu a boca com sua mão. "Juro-sama, como pode tal coisa ser feita? Eles têm os poderes de deuses."

"E ainda assim, pereceram antes, e perecerão novamente," um dos outros Fênix disse firmemente. Seu tom não estava perguntando.

"Crianças, este é Isawa Mizuhiko, e esta, Isawa Kimi. Eles serão os representantes do Conselho trabalhando ao lado dos agentes de Juro para garantir que isto aconteça." Sawao inclinou a cabeça respeitosamente. "Kimi-san ajudará a localizar os Oráculos Negros, e Mizuhiko..."

"Ajudarei em fazer o que deve ser feito," ele terminou.

"Seu papel," disse Sawao, se virando aos dois, "é me ajudar em garantir que Juro-san tenha todos os recursos que precise. A família Asako não carregará o fardo desta campanha sozinha." Ele sorriu levemente. "Podemos depender de vocês para nos ajudar?"

Eles se curvaram de uma vez. "Somos seus, sensei," ela respondeu.

Véu de Honra, Parte 2

Escrito por Nancy Sauer

Kyuden Kumiko

Yashinko sorriu ao homem à sua frente. "Me desculpo imensamente, Otomo-san. Estive em Toshi Ranbo várias vezes, mas temo nunca ter ouvido o seu nome."

"Não estou surpreso," disse Usharo. Havia uma vaga impressão de tristeza em sua voz. "Meu ramo da família foi muito afetado pela destruição de Otosan Uchi. Só recentemente fui capaz de direcionar minha atenção aos assuntos do Império."

"Foi um incidente muito desagradável," disse Kakita Komichi. "Não devemos falar mais disso." Uma onda de concordância passou pelo pequeno grupo, e então Yashinko retomou a conversa. "Espero que estejam gostando de suas visitas aqui," ela disse. "É desejo de nosso Campeão fazer de Kyuden Kumiko uma das

melhores cortes do Império."

"Ele ficará satisfeito em saber que está se tornando isso," disse Usharo. "Estou especialmente impressionado com quantas notícias recebemos ao longo do inverno, comparado às cortes no continente."

Yashinko assentiu. "Mesmo nos bravios mares de inverno alguns de nossos barcos partem, para buscarem notícias nas cidades costeiras. E os shugenjas Moshi e Yoritomo trabalham com os Tsuruchi para reunirem informações em terra."

"E quantas notícias impressionantes," disse Usharo. "Fui capaz de seguir os êxitos daqueles ronins Aranha."

"Ronins," disse Komachi. Ela bateu seu leque. "Por que nos importaríamos com eles?"

Usharo gargalhou. "Por que o inverno é longo, e às vezes — mesmo em Kyuden Kumiko — entorpece? Um bando de ronins que vagam por aí matando bandidos seria um bom assunto para um peça de marionetes, não acham?"

Komachi sorriu de volta. "De fato. Eles seriam liderados pelo filho não reconhecido de um grande samurai, é claro, e ele sonha em estabelecer seu bando como um Clã Menor."

"Ou talvez algo maior," sugeriu Usharo.

"Um Clã Maior?" disse Yashinko. "Ele seria um grande homem, de fato, para se igualar ao feito de Yoritomo."

"O que você disse é realmente verdade," respondeu Usharo, curvando-se levemente a ela. "Mas se posso ter a permissão de falar de um tipo diferente de êxito, Komachi-san, seus arranjos são simplesmente estupendos."

"Obrigada," disse Komachi. "Fiquei muito feliz com os materiais que nossos anfitriões nos providenciaram."

"Gostaria de falar com você às vezes sobre a possibilidade de visitarem Kyuden Otomo, se suas obrigações permitirem."

"Estaria honrada."

"Talvez agora, se Yashinko-san não precisa mais de nós?" Usharo olhou intrigantemente à cortesã Mantis.

"Por favor, sinta-se livre," ela disse. "Desfrutei de sua companhia, mas realmente devo me entrosar." Yashinko agitou seu leque para indicar o resto da sala, e seus grupos espalhados de cortesãos. "Planejo visitar vocês novamente."

Depois de Yashinko sair, Usharo se virou para Komachi. "Temo que eu tenha sido levemente impreciso," ele disse, segurando seu leque diante de sua boca. "Gostaria de falar com você sobre uma visita, mas primeiro desejo falar sobre o problema de seu clã com o Mantis."

Komachi casualmente moveu seu leque para cobrir sua própria boca. "Não estou certa sobre o que quer dizer, Usharo-san."

Ele sorriu levemente. "Acho que mesmo uma artista de ikebana está ciente que a Garça e o Mantis estão numa competição para dominar vários grandes portos. Recebi informações sobre os planos do Clã Mantis, e desejo torná-los disponíveis ao seu clã."

"Perdoe-me se estou sendo lenta de raciocínio," disse Komachi, "Mas não vejo o motivo pelo qual se envolve neste assunto. Ou assume o lado de meu clã."

"Não posso imaginar uma Kakita sendo lenta em qualquer coisa," disse Usharo genialmente. "Tenho certeza de que você está sendo simplesmente distraída pelos pensamentos de sua próxima obra prima. Mas para responder sua questão: o Clã Garça apóia Otomo Hoketuhime para Imperatriz. E eu, eu também penso que o Trono deva ir para alguém com um antiga e nobre linhagem."

"Ah," Komachi disse. "Claro. Sim, ficaria feliz em ajudar a passar esta informação à frente."

"Esplêndido," disse Usharo. "Tenho certeza de que conseguiremos muito juntos."

"Claro que o tempo é importante," disse Shiba Yoma. "Mas creio que começar com bons materiais é o essencial. Tempo ruim pode arruinar a qualidade, mas um bom tempo não pode criá-lo." Ele bebeu um copo de chá e o passou ao seu companheiro.

Tsuruchi Etsui aceitou o chá e o segurou para inalar a fragrância das ervas. Ao fazê-lo seus olhos automaticamente varreram a sala, tentando ver quem estava presente e quem poderia estar se aproximando. Os dois homens estavam numa das pequenas mesas espalhadas pelos cantos da grande sala principal. Possivelmente era o melhor lugar no Kyuden para ter uma conversa privada, pois qualquer um que estivesse próximo o bastante para ouvir o que era dito estaria claramente à vista. "Encontrei materiais muito bons nas terras da Garça."

Yoma assentiu. "É de se esperar: eles são um clã que ama a luxúria. Complexidade, brilho, elegância, equilíbrio. Essas são as palavras chave para a Garça. Encontrei contatos na Garça dignos de cultivo, para acesso a tais coisas."

Etsui considerou isto. "Você não tem candidatos de seu próprio clã?"

"Sim, mas são difíceis de se encontrar. O que é considerado louvável nas terras da Garça é cotidiano entre a Garça."

"Tive uma designação às terras do Leão uma vez," disse Etsui. "Fiquei surpreso pelo que encontrei lá — muitos eram vergonhosos, mas alguns eram promissores. Nunca esperei que um samurai do Leão se importasse com tais coisas."

"Nem eu. Mas suponho que não deva me surpreender ao ver que eles têm poucos substitutos. Quando um Leão põe algo no coração, não há como detê-lo. Como seus vizinhos ao sul, nunca os tentei. Sem razão particular, é claro."

Etsui assentiu; ele mesmo não tinha desejo em mexer com o Escorpião. Ele estava para perguntar sobre o Unicórnio quando viram Yoritomo Yashinko vir em sua direção.

"Bom dia, Shiba-sama, Etsui-san," ele disse com um sorriso. "Espero não estar interrompendo sua conversa."

"Tenho certeza de que só adicionaria a ela," respondeu Yoma. "Gostaria de se juntar a nós? Estamos discutindo chá."

Kyuden Asako

Yoritomo Sachina estudou o reflexo do espelho e fez um leve ajuste à gola de seu kimono. Ela esteve trabalhando por semanas para negociar um acordo de comércio com o Dragão, e conseguiu assegurar termos extremamente bons para seu clã — mas ela ainda tinha que assegurar um acordo final. Hoje, ela colocaria em ação um plano para remediar isto.

Uma porta se deslizou e atrás dela um servo entrou e curvou-se. "Yoritomo-sama, seu visitante chegou."

"Excelente," disse Sachina. Ela abaixou o espelho, pegou seu leque e rumou ao corredor. Ignorando ao ainda curvado servo, ela passou para a sala de recepção, pondo um gracioso sorriso em sua face ao fazê-lo. "Boa tarde, Kanaye-san," ela disse. "Estou muito feliz que possa suportar o problema para se encontrar comigo hoje."

Togashi Kanaye olhou para cima do arranjo de flores que estava estudando. "Não é problema, Yoritomo-san," ele disse. "A deixei para trás à margem do rio."

Sachina piscou. "Claro," ela disse brilhantemente. Ela se ajoelhou próxima ao monge — bem mais perto do que a decência pediria — e serviu chá para os dois. "Estive aproveitando minha estadia aqui; os Asako são tão hospitaleiros e seu lar é tão amável. Não concorda?"

"Seus olhos estão num horizonte que ninguém mais pode ver," disse Kanaye, assentindo. Ele bebeu de seu chá e sorriu. "Ferro Benten," ele disse. "Um achado raro se está fora das terras do Dragão."

Sachina se alegrou com o lapso de seu visitante numa fala apressada. "Desenvolvi uma apreciação por ele quando estive em Nanashi Mura," ela disse, "e tenho tentado manter um suprimento comigo desde então." Ela bebeu seu chá por um momento, e então abaixou seu copo e ajeitou sua manga. "Sei que você está familiarizado com minhas discussões com seus companheiros aqui, mas é útil para mim ter as coisas escritas. Poderia, por favor, revisar isso, e me dizer se confere com sua compreensão da questão?"

Kanaye aceitou o manuscrito, o abriu e o leu. "Para lamber veneno, você deve primeiro beber a garrafa," ele anunciou ao enrolá-lo de volta.

Sachina não sorriu para isto mas fez algum esforço de sua parte. "Me desculpe, Kanaye-san. Estava dizendo que achou os termos aceitáveis?"

"Tem muitas moscas para muitos sapos ambiciosos," ele respondeu.

Sachina se fez respirar profundamente antes de responder. "Me desculpe, Togashi-san, mas não entendo. Talvez possa explicar?"

Havia uma tristeza no olhar que ele a deu. "Se você encontra Shinsei na estrada, você deve matá-lo."

Várias respirações depois, Sachina falou novamente. "Sinto muito, mesmo, Togashi-san, mas temo que deva parar nossa discussão. Como sabe, Moshi Minemi esteve um pouco doente e preciso checar com os curandeiros designados a ela, para ver como ela está indo."

"Deve-se se curvar para ajudar um homem caído," concordou Kanaye.

"De fato," ela disse. "Por favor, sinta-se à vontade para terminar seu chá; um servo lhe mostrará a saída quando estiver pronto." Ela ergueu-se e deixou a sala com um traço de cansaço em seus passos.

Kanaye a observou sair, e então se serviu outro copo de chá e o bebeu lentamente. Quando terminou, ele pôs o manuscrito em sua manga e saiu, sorrindo para si.

Moshi Minami inspirou cuidadosamente, impressionada em como sua dor diminuía em tão curto período de tempo. A febre que a deixava muito cansada para andar se fora, e ela podia sentir o peso em seu peito diminuindo.

"Beba isto, lhe ajudará a tossir."

Minami obedientemente pegou o copo e bebeu. Ela estava esperando algo amargo, e foi surpreendida ao sentir o suave e doce gosto de flores. "Isto estava bom," ela coaxou.

"Estou feliz que pense assim," disse Asako Meisuru, "pois você beberá muito disso." Ela adicionou um punhado de plantas secas a um pote de água fervendo e abanou os vapores sobre a Mantis. "Respire fundo."

Minami o fez, e depois de alguns minutos se sentia boa o bastante para falar. "Obrigada, Meisuru-san, estou me sentindo muito melhor. Mas estou surpresa que não tenha recorrido aos kamis para me curar."

"Os kamis são uma poderosa fonte de cura," concordou Meisuru. "Mas assim

também são as plantas que as misericordiosas Fortunas nos deram. Vi muito casos de doenças que os kamis não podiam curar, mas o uso perito de medicina pôde. Teriam elas sido enviadas pelas Fortunas para nos lembrar de seus dons? Não posso dizer."

"Nunca pensei sobre isto desta maneira," disse Minami. "Não tenho perícia com os kamis, apesar de muitos em minha família terem. Sempre os invejei."

"É algo maravilhoso," disse Meisuru. "Mas sempre senti que havia uma familiaridade entre cortesãos e shugenjas. você fala com as pessoas ao seu redor e procura convertê-las à sua causa; faço o mesmo com os kamis."

"É um pensamento muito interessante," disse Minami. "Yoyonagi é uma shugenja. Quando a ver da próxima vez, perguntarei a respeito, e lhe escreverei com uma resposta."

"Você é muito gentil," disse Meisuru. "Agora devo deixá-la por um momento — achamos que esta doença está se espalhando pela cidade do castelo, e logo haverá outros que precisarão de minha ajuda. Deixarei um pouco desta bebida para encerrar, e então você dormirá. Voltarei depois para examiná-la."

"Obrigada novamente," disse Minami. "Me lembrarei de você."

Kyuden Otomo

"E então Mura Sabishii Toshi foi devolvido às nossas mãos," disse Nagori. Ele olhou da pilha de papel em sua escrivaninha. "Temos muito o que agradecer nossos amigos do Leão."

"É como diz, Nagori-sama," disse Kakita Senko.

A expressão na face de Nagori não mudou, mas ele mudou sua atenção, de calcular quanta pressão adicional isto colocaria ao Caranguejo para estudar a mulher sentada diante dele. Havia algo levemente ausente no tom da sua voz. "Você tem alguma reserva, Senko-san?" Ele perguntou, observando sua reação.

Os olhos de Senko piscaram rapidamente, tão rapidamente que ele quase não viu. "Não completamente, Nagori-sama. Tudo está em ordem, como pode ver."

"Senko-san, você tem sido meu contato com Akodo Setai por todo o tempo em que ele foi afastado de Toshi Ranbo — você é meus olhos e ouvidos com ele. Se ouviu qualquer coisa que a incomode, devo saber a respeito."

"Akodo Setai é a própria alma da sinceridade," ela disse rapidamente. "Nunca duvidaria de sua palavra, nunca." Ela pausou. "E ainda assim, não posso me ver confiando em seu clã. O Leão foi nosso inimigo por séculos, e vejo pouca razão pelas quais não retornariam a este estado."

"Chukandomo?" disse Nagori. "Lady Domotai? Lorde Kusari?"

"E o fato de tanto Leão quanto Garça serem clãs honrados, e terem as palavras de seus Campeões, passados e atuais, como dignas de deferência. Sim. Mas existem diferenças também, diferenças importantes." Ela parou por um momento, para ver se Nagori falaria, e quando não o fez, Senko continuou. "Nenhum Leão protestaria ao ver Hoketuhime no trono, mas quantos deles prefeririam ver um Leão lá? Quando a primavera vier, eles farão seu movimento para tomá-lo. É inevitável." Ela ficou em silêncio e esperou.

Nagori pensou em Matsu Atatsuke, sensei de Domotai. Atasuke era um homem honrado e bom, um homem que tinha orgulho de chamar de amigo — e um que nunca, jamais entenderia o motivo de Domotai ter considerado ele digno de receber a primeira espada de Kakita. "O que diz é muito verdadeiro. Mas ao esperar para que ajam de acordo com seus próprios melhores interesses, você também deve se lembrar que agem de acordo ao bushidô. Caso se movam contra nós, suas ações serão completamente óbvias. Posteriormente."

Senko sorriu levemente. "É minha esperança que eu possa ser de ajuda antes. Até então, você tem alguma mensagem que deseje entregar a Setai-sama?"

"Terei uma carta escrita prontamente," disse Nagori. "E por favor, o dê minhas congratulações pessoais ao retorno de seu clã para Toshi Ranbo."

As ameixeiras no jardim do castelo tinham apenas alguns brotos recentes, mas já era o bastante para perder um momento para admirá-las. Otomo Hoketuhime as estudava, imaginando quando demoraria para que o resto brotasse e se alguém realmente notaria. "Elas parecem as mesmas — e ainda assim tudo está diferente."

"'Mesmo o mais sábio diz/tudo muda,'", disse Seppun Kiharu.

Hoketuhime gargalhou e se virou da vista. "E como. No ano passado, hospedei a Corte Imperial. No próximo, posso fazê-lo novamente — como Imperatriz."

"Parece muito possível," disse Kiharu. "Ouvi muitos cortesãos de vários clãs diferentes falarem a seu favor."

"Estão em minha casa." Ela caminhou ao braseiro da sala e aqueceu suas mãos nele. "Mas sei que muitos deles falam tão favoravelmente quanto de Togashi Satsu."

"Ele é neto do Kami do Dragão. É difícil negar que ele possui grande sabedoria."

"O que é fabulosamente inútil, pois ele nunca faz nada com ela."

"Alguns diriam que você está sendo injusta em seu julgamento."

"Quando for Imperatriz me preocuparei em ser justa em meus julgamentos," disse Hoketuhime. "No momento, estou mais preocupada em ser eficaz." Ela olhou ao seu visitante. "Você desaprova?"

"Não tanto," disse Kiharu. "Mas me preocupo. No fim, serão os Céus que nos mostrarão quem se sentará no Trono. Preferiria que não fizesse nada que lhe faça perder seu favor."

Hoketuhime sorriu para ele. "Com você para me aconselhar, não posso imaginar isto acontecendo." Ela apontou à porta. "Me acompanhará à corte esta manhã?"

"Claro," disse Kiharu. Ele deu às ameixeiras um último olhar preocupado e a seguiu para fora da sala.

Acesso

Escrito por Rusty Priske e Shawn Carman

Daigotsu Gyoken estava próximo à fronteira do Vilarejo da Bênção do Trovão. Ele não estava desacostumado ao lugar. Ele sabia onde encontrar a maior qualidade de sakê, ópio ou mulheres. Ele não cultivava muitos vícios, mas sempre os achava útil saber onde tais coisas estavam disponíveis.

Desde que este era um vilarejo Unicórnio, sempre houve um leve cheiro nele. Muitos rokuganis repudiariam o odor de carne cozida, mas Gyoken gostava dele. Ele pouco se preocupava com a carne, mas o cheiro o lembrava dos campos de batalha após o conflito.

Gyoken gostava da batalha, mas também sabia o quão ineficiente era o combate. Se você podia alcançar os mesmos resultados com uma palavra aos ouvidos certos, por que derramar sangue? Se matar alguém servia ao mesmo propósito que matar uma centena, por que não matar esta pessoa? Ele pouco se importava com as vidas que poupava, mas usar um golpe violento podia eliminar alguém que pudesse ser útil para ele. Escolher indivíduos para eliminar garantindo que apenas obstáculos seriam removidos, e não instrumentos. Isso não quer dizer que às vezes a batalha não era o método correto de avançar sua causa, obviamente, apenas que a decisão não devia ser considerada levianamente. O método certo deve para ser escolhido para cada situação, ou o resultado adequado não será alcançado.

Hoje Gyoken estava procurando por sakê, mulheres ou qualquer outra coisa desta natureza. Ele também não estava procurando por informação, que era um objetivo comum disso.

Hoje, Gyoken estava aqui para visitar o supervisor de vários pequenos vilarejos nesta província.

Utaku Katiro se sentou numa almofada de enchimento macio que pensou ser um pouco grande. Suas cores eram berrantes, apesar de não berrante quanto seu kimono. Ele sorriu enquanto olhava às últimas figuras trazidas a ele por um subalterno. "Esta está boa, Kano. Muito boa."

O severo Kano, que era tão diferente de Katiro como a noite para o dia, ou como um Caranguejo para um Garça, assentiu enquanto recolhia o manuscrito de seu superior. "Sim. O governador ficará agradecido."

"Antes que demore, o governador serei eu. O tolo é velho e precisa ser substituído. Shiro Moto pode ver como qualquer outro que temos tido sucesso aqui. Se houver alguma dúvida quanto a quem deve ser o novo governador, não sei quem a terá. E uma promoção para mim significa uma promoção para você, Kano. Você tem sido muito valioso para mim." Katiro riu. "Às vezes penso que você precisa se soltar um pouco, mas talvez seja por isso que formamos uma boa equipe. Você cuida dos detalhes chatos e garante que sejamos reconhecidos."

Kano não sorriu. "Como você diz. Escreverei um relatório completo para você enviar ao governador. Ele estará pronto pela manhã."

"Bem, sim. Me passe a garrafa de sakê antes de ir, sim?"

"Não temos nenhuma."

O sorriso de Katiro se tornou uma zanga. "Então vá pegar alguma!"

"Imediatamente, Katiro-sama."

Kano deslizou a tela e caminhou para as ruas. Antes que as fechasse, ele viu Gyoken caminhar em direção a ele. Kano congelou. Sem dizer uma palavra, Gyoken parou diante do funcionário Unicórnio e assentiu em direção à porta. Kano, sem expressão, retornou o cumprimento e caminhou de volta à construção.

"Katiro-sama, você tem um visitante."

"Diga a ele para voltar amanhã."

"Eu... Não acho que seja sábio, senhor." O Aranha passou por Kano e se curvou em direção a Katiro.

"Quem é este, Kano? O que você quer, estranho?"

Enquanto Kano fechava a tela, o visitante disse, "Meu nome é Gyoken e creio que saiba quem sou, Utaku Katiro."

Katiro piscou. "Não faço idéia de quem você seja, nem creio que deva me importar, a menos que haja proveito nisto para mim. O que pode fazer por mim, Gyoken?"

O lábio de Gyoken se curvou em desgosto à berrante avareza do lânguido Unicórnio. Ele procurou para um lugar para se sentar, mas olhou às almofadas disponíveis e pensou melhor a respeito. "Este não a hora para perguntar o que posso fazer por você, Katiro. É hora de perguntar o que pode fazer por mim."

O supervisor se virou para Kano. "Ouvi o bastante disso. Kano, remova este homem." Kano não se moveu, e a face de Katiro se mudou para uma exasperação de surpresa e raiva. "Kano, lhe dei uma ordem direta! Remova este homem!"

Kano curvou-se. "Minhas desculpas, Katiro-sama. Creio que isto não seria sábio."

Gyoken assentiu. "Ele está correto. O que foi dado pode ser facilmente tomado. Creio que esteja ciente de uma sócia minha, chamada Hiroe." Não era uma pergunta.

Os olhos de Katiro de arregalaram. "Hiroe?"

"Está correto. Hiroe descobriu sobre um infeliz problema que estava tendo com bandidos nesta área e me contou a respeito. Meus associados e eu removemos os bandidos, assim solidificando sua posse na região. Evidências sugerindo que os ataques dos bandidos eram de responsabilidade de um de seus rivais foram descobertas, e creio que você colheu os benefícios."

Katiro lambeu seus lábios nervosamente e olhou para Kano por um breve momento antes de olhar de volta a Gyoken. "Você destruiu os bandidos?"

"Você acha que Hiroe fez isso? Foi sorte que nossos interesses coincidiram no momento. Como vê, não posso suportar bandidagem. Bandidos são homens fracos e patéticos. Fracos tomando o que deveria ser colhido pelos fortes é inaceitável." Ele pausou por um momento. "Você é um fraco, Katiro?"

Katiro agora estava suando abertamente e recuando em seu assento. "O que quer de nós?"

"É algo pequeno. Queremos acesso à corte em Shiro Ide. Não estamos pedindo para sermos atirados ou escondidos nela. Desejamos ser convidados, e responder abertamente."

O medo na face de Katiro se tornou choque. "Eu não... Não tenho este tipo de poder."

"Você subestima sua influência, Katiro. Como eu disse, nossos interesses coincidem. Desejo remover uma escória bandida, e você estava em posição de tirar vantagem dela. Sem ajuda seu nome cresceu aos olhos de seus superiores. Creio que você ficaria surpreso com o que teria conseguido se tivesse ambição o suficiente."

"Ambição não é o que lhe falta, é direção."

Katiro novamente pareceu surpreso, desta vez as palavras saíram da boca de seu assistente. "Kano?"

"Minhas desculpas, Katiro-sama, se falo fora de hora. Só estou zelando pelos seus interesses, como sempre."

"Você tem sido um ajudante valioso, Katiro," disse Gyoken. "Você deveria ouvi-lo. Estou certo que com sua assistência vocês conseguirão esta pequena tarefa posta diante de vocês."

Katiro mexeu a cabeça. "Isto é loucura. Você acredita que minha posição no clã poderia ser melhorada apoiando o Clã Aranha?" Dizer o nome parecia dar confiança a ele, e ele nem conseguiu um leve espanto. "Metade do Império ache que vocês não são nada mais que uma lenda! Um mito! Uma história feita por camponeses! Se os levar à corte parecerei um tolo gigantesco!"

Gyoken olhou para o Unicórnio. "Você está se censurar baseado apenas em rumores? Você está querendo dispensar oportunidades baseado em especulação?"

"Rumores podem ser mais poderosos que uma espada. Rumores pode um fazer ou quebrar um homem. Fortunas, se um rumor deste encontro vazar, tudo que conseguirei pode ir embora num instante se aqueles que me superam na corte decidirem me fazer o entretenimento do dia."

"Há risco em tudo," admitiu Gyoken. "Deixe-me garantir que você entende, porém, que o risco imposto à sua reputação por apoiar um herói do povo na corte é um risco muito menor que corre do que ao me ignorar."

"O que está dizendo?"

"Aqueles rumores de que você falou podem facilmente serem usados ao invés de evitados. Se você não fizer como peço, então um certo Magistrado Imperial surgirá para contar uma história de um certo Utaku Katiro que usou laços com algumas pessoas suspeitas para eliminar um rival e melhorar sua posição. Creio que ele mostrará que houve vários usos de maho ao derrotar esses bandidos. O que será então da sua reputação?"

"Maho?" Espantou-se Katiro. "Me disseram que os bandidos usaram, não os..."

"O que você disse sobre o poder dos rumores, Katiro? Os Caçadores de Bruxas e Inquisidores não são nada senão minuciosos; ao tempo de seu nome ter sido limpo das acusações de maho todos os seus outros segredos serão revelados. E irão. Quem duvidaria da palavra de um magistrado Imperial?"

O Unicórnio visivelmente afundou em sua cadeira. "Então estou acabado não importa o que faça."

Gyoken mexeu sua cabeça. "Não é assim. Certamente você está correto ao dizer que existem muitos que acreditam que não existimos, ou que somos ronins blasfemos que ousaram reclamar a bandeira de um clã para nós. E ainda assim, não atacamos ninguém, nem mesmo um único samurai de clã algum. O que fizemos? Contra-atacamos a impunidade que permeia Rokugan desde antes da morte do Imperador. Não minto ao dizer que não suporto a criminalidade. Nos importamos com o povo de Rokugan. É possível que nos importemos mais com o povo do que seus próprios clãs. Veja o problema que teve aqui, nesta província menor. Viemos aqui para ajudá-lo. Viemos para derrotar os criminosos que infestavam sua terra. Se pergunta por que estávamos aqui para derrotá-los, ainda assim os magistrados de seu próprio clã não estavam."

Katiro pareceu desconfortável. "Eles têm outras preocupações em outro lugar."

Gyoken assentiu. "Claro. Eles sempre têm."

Kano caminhou à frente. "Se ele puder fazer um argumento convincente em Shiro Ide, talvez o dano não será tão ruim quanto teme, Katiro-sama."

Katiro olhou para Gyoken. "Você já foi melhor, Aranha. Muito depende disso."

"Não tenho intenção de ir," disse Gyoken. "Tenho alguém muito mais adepto para ganhar a confiança de outros que irão em meu lugar. Ao máximo, serei seu yojimbo, possivelmente nem mesmo isso."

O Unicórnio piscou por um momento. "Por que você não o envia aqui, então?"

"Por que sutileza é inútil para um homem como você, Katiro," respondeu Gyoken. "Qual é sua resposta? Pense cuidadosamente."

Katiro murmurou por um momento antes de responder. "Você deve ir desarmado. Se a maré virar contra você, eu poderia dizer que estava lhe enviando perante os Ide para expor seu 'clã' como charlatões e usurpadores."

Gyoken olhou Katiro até que o Unicórnio se empalidecesse. "Sua reputação não é uma preocupação nossa neste assunto, Utaku. Reze para termos sucesso, pois garanto que suas fortunas dependem disso."

Daigotsu Gyoken estava à vista dos portões de Shiro Ide. Com ele, estava outro homem, vestido num kimono de cortesão, e com um leve sorriso em sua bela face. "Katiro estará aqui em breve, Susumu."

O belo jovem sorriu. "Assim espero, ou então nossos planos não servirão de nada." Ele mexeu a cabeça. "Odeio depender de tolos."

Gyoken zangou-se. "Ele estará aqui, e isto infelizmente é necessário."

Eles esperaram em silêncio por um momento até que o som de passos quebrasse sua reverência. Assim que Katiro e Kano foram vistos, a ansiedade correu pela face do anfitrião. "Quem é este? É o homem de quem me falou?"

Gyoken avaliou Katiro. "Este é Susumu. Ele estará indo comigo para Shiro Ide. Susumu falará com Ide Tang. Serei apresentado como seu yojimbo. Somos simplesmente samurais que lhe ajudaram alguns meses atrás, e que você não viu desde então. vocÊ entendeu?"

Katiro sorriu e assentiu. Os quatro homens rumaram em direção aos portões de Shiro Ide, sem mais uma palavra.

Ide Tang se sentava num simples porém bem esculpido palanque de madeira. A corte não era uma das mais prestigiosas de todo o Império, mas os gostos de Tang claramente tendiam à seda, pois havia várias sedas cercando os ocupantes do salão. Tang tinha uma postura que era tanto casual quanto alerta, como se ele estivesse tentando parecer desinteressado sem perder uma simples palavra ou nuance de tom.

Susumu não perdia nada dessas complicações. Tang estava agindo de acordo com o esperado.

"Então," disse Tang, tendo considerado as palavras de Susumu, "aceito que seu povo tenha conseguido algum bem, enquanto outros problemas mantêm muitos ocupados. Isso não explica completamente suas motivações."

Susumu sorriu. "Motivação é algo estranho, Ide-sama. O que é muito importante para um pode ser menos para outro. Sentimos que é nosso dever proteger aqueles que são incapazes de se protegerem. Enquanto os Clãs Maiores têm preocupações diferentes, meramente desejamos cumprir uma necessidade que é urgente. Não desejamos permitir que aqueles que possam se aproveitar de nossas atenções divergentes sejam capazes de fazê-lo."

"O que você quer de mim? Deseja me converter às suas ações? Deseja ter autoridade de magistrados? Se é o que procura, temo que ficará desapontado. Mesmo que suas ações estejam acima da média até agora, não posso lhe dar a autoridade de agir como a lei."

"Não é o que estou pedindo. De fato, não desejamos ser magistrados, pois como tais estaríamos sujeitos aos mesmos tipos de problemas afetando os atuais magistrados mais enquanto a política se torna mais importante do que apoiar o que é certo. Não, estamos satisfeitos em continuar a agir como temos agido."

Tang olhou de Susumu para Gyoken e voltou, ignorando Katiro completamente, que continuou a parecer muito desconfortável. "Então o que desejam?"

"Desejamos ajudá-lo. Ou, mais precisamente, queremos a ajuda do Unicórnio." Susumu sorriu novamente.

Tang ergueu sua sobrancelha levemente. "Que magnânimos. Como um grupo de indivíduos como vocês, relativamente poucos em números como dizem ser, ajudariam o Unicórnio? E por que fariam tal coisa?"

"Todos de Rokugan sabem que o Leão está se movendo para atacar Shiro Moto. Yoshino quer punir Moto Chagatai pelo crime de querer um Império forte. Ele está deixando sua rala percepção de certo e errado levá-lo a um caminho de irresponsabilidade."

Os olhos de Tang vagaram e Susumu continuou. "Este é o tipo de comporta-

mento que mantém Rokugan fraca e mantém as pessoas da terra amedrontadas. É esta maneira de pensar que mantém as pessoas à mercê de escória que ceifa os benefícios da desatenção de seus superiores. Enquanto o Leão e o Unicórnio luta, as pessoas estão desprotegidas."

"E o que você propõe sobre isso?"

"A guerra é inevitável," admitiu Susumu. "Só se pode esperar que termine o mais rapidamente possível, que a atenção retorne aonde é tão desesperadamente necessária. Desde que está claro de que o Leão está errado, e que o Unicórnio tem uma tão longa história de defender os interesses do povo, estamos oferecendo nossos serviços a vocês. A Aranha deseja lhes apoiar em sua guerra."

Tang sorriu levemente. "E imagino que uma vez que o conflito chegue a um fim, vocês certamente queiram receber algumas terras menores posteriormente. Como uma recompensa pelo seu valor e lealdade."

"Absolutamente não," insistiu Susumu, erguendo sua mão. "Já há muita terra que está entre os clãs, terra que está desprotegida, que se beneficiaria do aumento da Aranha. Não, uma vez que o conflito termine, partiremos para nossas terras completamente. Seus esforços devem se concentrar na recuperação, não em manter um olho vigilante num novo vizinho."

Tang se sentou calmamente por um momento. "Nenhum homem é completamente desprovido de interesses. O que a Aranha busca em troca?"

Susumu fez um gesto inconsciente. "Se ao ajudar o Unicórnio recebermos respeito pelo nosso clã entre outros indivíduos de pensamento semelhante no Império, então nossa tarefa se tornará muito mais simples quando a guerra estiver concluída."

"Certamente não nas terras do Leão," lembrou Tang.

Susumu sorriu. "O Leão dificilmente recebera aqueles que vêem como ronins, de qualquer maneira. Não perdemos nada."

"E os outros clãs? Não vê que reação teriam?"

"Sei apenas que o Unicórnio tem uma reputação por defender pessoas, e que eles ganhariam aliados com uma reputação similar. O Mantis não aceita ronins entre os seus para aumentar suas forças? O Caranguejo não aceita aqueles que possam provar seu valor em seus exércitos quando seu número está prejudicado? Você não estará fazendo nada tão questionável assim, apenas permitindo que os outros clãs percebam que ronins lutam do seu lado. Que risco pode haver nisso?"

"Entendo." Tang reclinou e coçou seu queixo pensativamente. "Você claramente entende que não estou em posição de fazer tão decisão em benefício do clã."

"Claro," respondeu Susumu. "Mas está em posição de levar nosso pedido para aqueles em tal posição, não está?"

"De fato estou," disse Tang. "Acredito que sim."

As Névoas do Tempo

Escrito por Bryan Yoon

Nuvens escuras enrolavam-se sobre o céu da manhã, bloqueando todos os feixes da bela luz. Os jardins pessoais do Campeão do Clã Dragão ao redor da Alta Casa da Luz normalmente eram impressionantes, mas a opressiva escuridão parecia sufocar as plantas que alinhavam o caminho. Mirumoto Kei olhou ao seu redor e franziu-se. Apesar de tudo ser um pouco belo, ela foi acometida de uma poderosa sensação de isolamento como se elas lentamente seguissem a trilha sublime mais a fundo no santuário.

"Talvez seja estranho dizê-lo," disse Mirumoto Mareshi de repente, quebrando o silêncio, "mas ultimamente tenho começado a achar esses encontros incômodos."

Kei simplesmente olhou de volta ao seu marido e esperou que ele continuasse.

"O informamos dos eventos do Império e ainda assim, toda vez, ele simplesmente ouve e aguarda. Por que esperar para que os deuses nos mostrem alguém digno do trono quando conhecemos alguém mais sábio do que qualquer homem mortal? Os Clãs, tolos como são, simplesmente brigam entre si. A menos que algo mude, veremos a terra se partir em pedaços novamente."

"Talvez," disse Kei calmamente, "ainda assim não é nosso lugar dizer isso. Nosso lorde guiará o clã de acordo com o que vê como o caminho correto. Não podemos fazer nada senão esperar."

"Sei disso," respondeu Mareshi com um suspiro. "Sou apenas um humilde servo e tenho fé em Satsu-sama. Simplesmente desejo que meus olhos sejam abertos a este caminho."

"Humilde?" disse Kei, mexendo a cabeça. "Que uso há para um daimyo humilde?"

Mareshi riu. "Suponho que você seja arrogante o bastante por nós dois, minha esposa."

Kei sorriu de volta par ele e eles continuaram a trilhar o caminho em pacífico silêncio. Finalmente eles chegaram ao fim da trilha e um imenso mirante que vislumbrava sobre o resto do castelo. Uma grande cascata caía do precipício e terminava numa lagoa agitada e barulhenta pela força da água. Um pequeno riacho serpenteava e viajava para o sul. Uma mulher se ajoelhava nele, trilhando seus dedos no curso da água, e Kei imediatamente a reconheceu como Tamori Shaitung. Ela olhou para cima quando se aproximavam e assentiu em reconhecimento.

Kei começou a vasculhar sua mente por notícias que ela poderia ter perdido pelo Império. Shaitung viveu longe da Alta Casa da Luz e raramente fazia esta jornada sem causa. Ela não podia pensar em nada que pudesse ter arrastado a Daimyo Tamori de seu trabalho.

Se esses mesmos assuntos corriam pela cabeça de Mareshi, ele não deu indicações disso. "Espero que sua viagem tenha sido agradável, Shaitung-sama," disse Mareshi.

"Não foi incômoda," disse Shaitung curtamente. "As estradas que levam a Shiro Tamori ainda estão com neve. Demorou várias preces aos kamis antes que pudesse tomar meu rumo."

"Me desculpo por não termos visitado suas terras em vários meses," disse Kei. "Você sabe de nossos problemas ao norte. Cada recurso extra foi re-planejado para este fronte para combater a atividade aumentada."

"Ele chega," disse Shaitung repentinamente. Kei olhou para cima do mirante e testemunhou uma visão espetacular. A lagoa começou a tremer e partir-se enquanto uma forma maior se movia sob a superfície. Um alto rugido ecoou pela montanha e Togashi Satsu emergiu em sua majestade de sua forma de dragão. Gotas de água adornavam cada escama, e elas brilhavam mesmo sem a presença do sol. Satsu fluiu a um lugar no precipício. Lentamente, ele virou sua cabeça e fixou seu olhar não humano sobre os três daimyos. Como um, eles curvaram-se profundamente ao seu senhor.

Satsu respondeu a reverência com um simples assentir e desceu ao chão. Ele se pôs numa rocha próxima à poça e enrolou seu longo corpo serpetigenoso ao redor dela.

"Tenho certeza que não se importarão se expor o primeiro tópico desta manhã, Mareshi-san, Kei-san. Nakamuro me informou de uma situação nas terras da Fênix que requer minha atenção," Shaitung começou sem preâmbulos. "O Conselho Elemental decidiu combater os Oráculos Negros. Eles dizem que, como os Oráculos se distanciaram das questões mortais, um Oráculo Negro que seja morto não será substituído."

"Apesar de nenhum clã entender os caminhos dos céus melhor que a Fênix," disse Mareshi lentamente, "a decisão deles é perigosa. Enquanto temos nossos próprios problemas ao longo de nossa fronteira setentrional, os outros Oráculos Negros não têm feito muito dano ao Império. Há uma chance de que a Fênix esteja incorreta, e que a morte de um Oráculo Negro simplesmente levante outro para ocupar a posição. Melhor o risco que conhecemos do que outro."

"Que mal pode haver maior que um Oráculo Negro?" Perguntou Kei. "Todo Oráculo Negro é uma ameaça, independente de quem ele já foi."

Shaitung olhou para Mareshi, o desgosto claramente marcado em sua face. "Há certamente uma possibilidade de que algo pior possa ascender, mas é mais provável que o Império não piore. O Oráculo Negro pode ser um perigo menor, ou não ser substituído afinal. Não se pode deixar que meras possibilidades previnam a ação de alguém."

"Todos conhecem a história do Oráculo Negro do Vácuo, que se sacrificou sua própria neutralidade pelo bem do equilíbrio dos céus," disse Mareshi. "Mesmo agora, ele não desempenha ações contra Rokugan. Ele deve morrer para que nossa curiosidade sobre esta questão teológica possa ser satisfeita?"

"Seu conto é uma tragédia," respondeu Kei. "Isto não muda o que ele é. Ele é um Oráculo Negro, e apesar de já ter sido um herói para o Império ele é uma encarnação do mal que agora o ameaça."

"Apesar disto, a Fênix não precisa iniciar uma cruzada com o Oráculo Negro do Vácuo," interrompeu Shaitung. Ela olhou obliquamente para Mareshi, e sua voz estava misturada com um ódio levemente disfarçado. "Eles poderiam começar pelo Oráculo Negro do Fogo, cujas ações ameaçam o Dragão até hoje."

"Nossas tropas são suficientes para cuidar da atual situação," disse Mareshi. "O Oráculo Negro do Fogo é um perfeito exemplo de como as coisas podem se provar desastrosas. Mesmo apesar do Oráculo Negro buscar nossa destruição, seu poder é limitado pelo uso de Nakamuro do Pacto Negro. E se outro Oráculo Negro surgir, um que não esteja proibido de agir contra nós?"

"Cada vida tirada pelo Oráculo Negro do Fogo é demais," disse Kei. "Devemos fazer o que pudermos para eliminar a ameaça."

A conversa parou quando cada daimyo repentinamente olhou para Satsu. Inerte, o Campeão do Clã Dragão permaneceu em silêncio. Os humanos olhavam para cada um e chegaram a um acordo silencioso para continuar no diálogo. Mareshi e Kei estavam um pouco acostumados à situação. Satsu falava cada vez menos em cada encontro, preferindo ao invés disso ouvir e anunciar uma proclamação ao fim de cada argumento.

"Talvez estejamos preocupados com a questão errada," disse Shaitung. "A moralidade da ação não deve ser o foco de nossa discussão. O Clã Fênix decidiu fazê-lo, com ou sem nosso apoio. O que devemos decidir é se merecem ou não nossa ajuda."

"Devemos dá-los todo recurso necessário disponível para nós," respondeu Kei imediatamente. "O Dragão e a Fênix já foram aliados próximos, e eventos após o Segundo Dia do Trovão testaram este laço a este ponto crucial. Esta nobre busca pode ajudar a estreitar essas relações até que possamos nos erguer orgulhosamente, lado a lado."

"Esta é uma resposta previsível, Kei-san," disse Mareshi, diminuindo a frase ousada com um cálido sorriso. "Entendo a necessidade de fazer aliados, ainda

que qualquer ajuda que lhe demos seja construída como um reconhecimento do Clã Dragão às suas ações. Queremos encorajá-los em suas atividades? Não sabemos com certeza se podem ter sucesso. Se chegam a nós por ajuda, sugiro que digamos sobre nossa desaprovação de suas ações e neguemos toda ajuda."

"Mesmo se crermos que suas ações estejam erradas, podemos realmente esperar e observá-los irem ao perigo? Os Oráculos Negros são criaturas perigosas. Se o Clã Fênix tentar destruí-los, os Oráculos podem usar seu poder total. A Fênix está servindo ao Império. É covardia fazê-los servirem sozinhos por que temos medo do futuro."

"Não podemos gastar ajuda militar," disse Mareshi. "Não faz muito tempo desde que fomos forçados a afastar os Nagas de nossas soleiras. A causa deles era tão justa e nobre quanto esta busca. A situação não é diferente."

Shaitung abriu sua boca para falar, mas a voz de Satsu silenciou sua resposta. Seus olhos gigantes nublaram com alguma profunda emoção que Kei não reconheceu.

"Minha visão está limitada," disse Satsu. "Chosai vive das fronteiras destas terras e não posso ver o que acontece se samurais do Dragão atacam seu lar. Não permitirei isto. O Clã Fênix está sozinho nesta jornada."

"Meu senhor," disse Kei, "quando você acredita que poderemos atacar o Oráculo Negro do Fogo? Seus homens continuam a infestar nossas defesas, algo deve ser feito."

"Não," disse Satsu. "Não posso garantir que a segurança de nenhum que se estenda a além de minha visão. Não arriscarei vidas do Dragão se não posso ter certeza do futuro. Não enviaremos samurais do Dragão para fora de Rokugan."

Kei curvou-se. "Sua vontade seja feita, meu senhor."

Mareshi olhou para Shaitung, mas ela parecia ter se aquietado todos os protestos com o anúncio de Satsu. "Isto significa que você recusará o pedido do Califa por um representante do Clã Dragão em Medinaat-al-Salaam?"

Satsu se virou para Mareshi. "Falamos disto durante a reunião do mês passado, Mareshi. Algo mudou na situação?"

"Sim, Satsu-sama," disse Mareshi. Ele buscou em sua bolsa e puxou um pergaminho. Ele estava selado com o mon pessoal do Campeão do Escorpião. "Recebemos uma carta de Paneki-sama sobre a posição de embaixador."

"Abra-a," disse Satsu.

Mareshi quebrou o selo e desenrolou a carta. Ele rapidamente correu pelos conteúdos do pergaminho. "Ele ressalta a importância de uma presença rokugani nas Areias Ardentes, pois muitas coisas mudaram nesta terra. Ele também diz que já que o Califa pediu especificamente para o Dragão, não devemos ignorar seu pedido. Ele inclui uma listade candidatos que ele acredita que se sairão admiravelmente na cidade distante."

"Sim, meu senhor."

Os três daimyos esperavam enquanto Satsu calmamente refletia sobre a situação.

"O Escorpião são aliados confiáveis," ele declarou finalmente. "Eles não nos levarão ao desastre. Envie notícia ao Califa de que um embaixador Dragão logo chegará à sua cidade."

"Quem deve ir?" Perguntou Mareshi.

"Escolha dos candidatos da lista de Paneki. O Escorpião entende de políticas," disse Satsu.

Mareshi curvou-se. Shaitung e Kei rapidamente o seguiram. Satsu desenrolou seu corpo da rocha. Ele ergueu-se do chão e voou em direção ao castelo. E então ele se foi tão rapidamente quanto apareceu.

Shaitung olhou para Kei. "Nosso senhor se torna mais e mais distante," ela disse. "Isto me aflige. O Império está em polvorosa, e podíamos usar a orientação."

"É dito que seu avô Togashi raramente falou para alguém além de seus daimyos," disse Mareshi. "Talvez Satsu-sama sinta o peso de sua divindade mais do que nunca."

Kei olhou na direção da partida de seu senhor e não respondeu.

Sombras e Mentiras

Escrito por Nancy Sauer

Zakyo Toshi, Mês do Cão

A hora de Fu Leng encontrou Shosuro Masanobi indo para casa, com a última das festas noturnas atrás dela. Ela não se apressava, e ainda que seu escândalo tivesse atingido proporções a além de seus olhos, ela cambaleava por vários e vários passos antes de recuperar seu equilíbrio. A mulher parou e coçou sua testa casualmente. Nesta cidade ela era "Shosuro Hana", uma promissora dramaturga e dedicada borboleta social. Era uma cobertura ideal, mas não estava desprovida de dificuldades. Ela não havia bebido muito sakê quanto os outros da festa pensavam que havia tomado, mas ela ainda estava um pouco bêbada e podia dizer que teria uma dor de cabeça pela manhã. Masanobi respirou fundo e continuou. Depois da performance da noite passada, ninguém ficaria surpreso que ela passasse a noite em casa, 'trabalhando em sua peça'. E então ela faria visitas noturnas aos vários fatores mercantes na cidade, e saberia o que Garça e Caranguejo estão fazendo. O pensamento a fez sorrir.

A última seção na jornada de Masanobi a levou a um beco atrás de uma loja de tofu. Ela já podia ver sua pequena casa do outro lado da entrada do beco quando algo se moveu no canto de sua visão. A mulher Escorpião saltou e tentou posicionar seu braço direito para bloquear o quer que fosse enquanto seu braço esquerdo buscou a pequena faca guardada em seu obi. Antes que ela completasse os movimento, algo duro atingiu seu estômago e a empurrou para trás contra o muro da loja. Ela piscou em dor, uma mão veio e pressionou-se contra sua boca, prendendo sua cabeça.

Masanobi olhou para seu oponente, tentando avaliar sua situação. Era um homem, vestido num kimono preto e sem mon que ela visse. Seu cabelo preto estava preso para trás, e tinha olhos escuros que tinham uma leve sombra verde ao fundo. Desesperadamente ela tentou sair de seu enlace, e então retraiu-se. A coisa que perfurou seu estômago, ela percebeu em meio a dor, era uma faca.

"Você tinha tanta vontade em ser destripada, pequena Escorpião? Aqui, deixe-me ajudá-la." O homem fez um movimento repentino. Masanobi mordeu sua palma em sua agonia de morte, mas ele apenas sorriu enquanto sangue e sakê choviam na rua.

"E assim termina outro Escorpião," disse Daigotsu Hirata. Ele pegou um pouco de seu guisado, soprou por um momento, e comeu.

"Bem feito," disse Daigotsu Masahiko. "Mas como você a localizou em primeiro lugar?"

"Foi a graça de nosso Kami. Algumas semanas atrás estive procurando por um dos prédios pertencentes a um mercador patrocinado pela Garça quando ela rastejou para fora de uma janela. Ninguém mais podia tê-la visto na escuridão, mas eu pude." Os olhos de Hirata brilharam. "A segui para casa, e então encontrei quem ela dizia ser e o que ela estava fazendo na cidade. E então a finalizei." Ele cavou outra colherada de guisado e mastigou com óbvia satisfação.

Masahiko conteve o ímpeto de rolar seus olhos e se concentrou no seu próprios guisado. A mistura de Hirata de paciente astúcia e repentina violência tinha seus usos, mas não havia como duvidar do fato de que ele era ao menos o Daigotsu são que ela sempre conheceu. Isso tornava difícil de se prever o que aconteceria em seguida, e nesta cidade eles não davam margens para reviravoltas. Ainda assim, ela refletia, suas falhas o tornavam esplêndido, o que se provaria útil se ela precisasse cair nas graças dos magistrados locais.

"Mais guisado?" Perguntou Hirata.

Masahiko empurrou sua tigela para frente e Hirata começou a enchê-la. "Está bom, mas tem um gosto incomum."

"É o sakê local," disse Hirata. "Faz tudo ter gosto diferente." Ele empurrou sua tigela de volta e começou a encher a sua. "O que você fará agora que limpei a cidade para você?"

"O que fui enviada para fazer. Com exércitos e soldados procurando abrigos de inverno devemos ver uma ascensão do número de ronins e ashigarus aqui. Passarei por eles e recrutarei o melhor para o serviço de nosso senhor."

Hirata assentiu. "Aja sem medo," ele disse. "Sei como farejá-los agora, e manterei esta cidade limpa para você."

Kyuden Bayushi, Mês do Rato

"Seu sensei disse coisas boas sobre você. Ele diz que você bastante potencial, e perícias para se porem em uso." Falou Bayushi Paneki casualmente, como se passando por uma observação sobre a moda da corte atual.

Bayushi Eisaku manteve sua face inexpressiva, mas era difícil. Saber que seu nome havia agradado o próprio Campeão era uma fonte de orgulho, mas ele não permitiria que isso o distraísse das coisas importantes. "Desejo apenas servir nosso Clã ao máximo de minha habilidade," ele disse.

"Como todos nós," disse Paneki. "Tenho uma tarefa em particular para você, mas você terá que esperar um momento antes que a explique. Há uma pessoa que desejo estar aqui antes. Quando ela chegar, você deve se lembrar de duas coisas: seja muito polido e não a pergunte nada."

"Sim, Paneki-sama," Eisaku disse sem hesitação. Ele não podia imaginar sendo qualquer outra coisa senão polido na presença de seu campeão, e fazer perguntas a um Escorpião desconhecido era simplesmente uma má idéia.

"Excelente. Eu-" Paneki pausou e inclinou sua cabeça como se ouvindo. "Por favor, Maru-san, entre."

A porta se abriu e emoldurada no corredor estava uma mulher atraente num kimono preto bordado em tecido preto com círculos e escorpiões. "Agradeço suas boas vindas, Paneki-sama," ela disse. Ela curvou-se como que se para um igual. "Você tem uma pergunta para mim?"

"Não exatamente," disse Paneki com um sorriso. Ele acenou a ela em direção a um travesseiro. "Apenas queria compartilhar com você alguma informação que recebi recentemente."

"Estou sempre feliz em ajudar o Clã Escorpião," disse Maru. Ela sorriu e se ajoelhou onde Paneki havia indicado. "O que gostaria que eu soubesse?"

"Desde que apareceram pela primeira vez, ,estivemos observando os membros deste auto-denominado 'Clã Aranha'." Disse Paneki. "Vejo suas ações como duvidosas e seus motivos suspeitos."

"Eles têm sido por algum tempo," disse Maru. "Certamente sua rede de informa-

ções lhe deu o que precisa para mover-se contra eles — ou para tirá-los de sua mente, se eles realmente não são mais do que parecem ser."

"No curso normal das ações, sim. E ainda assim algo estranho acontece nas áreas em que a Aranha tem estado ativa. Pessoas que foram boatos prontos se calaram, ou morreram; nossos agentes somem, mensagens são extraviadas. E nada disso, com certeza pode ser ligado à Aranha."

"Que incômodo," disse Maru. "Você tem um plano?"

"Tenho." Paneki assentiu para Eisaku. "Tenho um relatório de um dos seus que membros do Clã Aranha se tornaram muito ativos em Zakyo Toshi. Estou enviando este aqui para lá, posando como um ronin, para juntar-se a eles."

"Deselegantemente direto," disse Maru pensativamente. "Ainda assim, se outros meios falharam..."

"Acredito que ele tenha capacidade para ter sucesso nesta tarefa."

Maru olhou intensamente para Eisaku por um momento, e o jovem Escorpião tentou dificilmente não piscar. Houve um foco em seu olhar que só viu antes em seu sensei. "Sucesso é algo difícil de se julgar," ela disse. "Quando chegar a hora, você o reconhecerá?"

"Você está soando positivamente oracular," disse Paneki secamente.

Os lábios de Maru curvaram-se num leve sorriso, mas seu olhar não titubeou. Eisaku hesitou por um momento, e então falou. "Sou um samurai. Cumprirei as ordens de meu senhor, e deixarei decidi-lo se tive sucesso."

"Um sentimento virtuoso," disse Maru. "Que ele o afaste do perigo."

Zakyo Toshi, Mês do Tigre

Masahiko não estava preocupada quando ela percebeu que alguém a estava seguindo. Ela conhecia seu valor numa luta, e não temia nada que ficasse morto após ela matá-lo. A Aranha continuou descendo o beco escurecido pela rua até que ela alcançasse seu fim e então abruptamente se virou e foi embora. Ela não havia percorrido a metade do caminho quando encontrou seu companheiro. Ele usava um kimono levemente sujo e parecia estar apenas alguns anos além de seu gempukku. Na fraca luz da lua era difícil garantir, mas Masahiko pensou que havia detectado o olhar perdido de um novo homem sem senhor.

"O que você quer?" Ela disse.

O olhou pareceu intrigado pela sua objetividade. "Não compreendo," ele disse, sem olhar nos olhos dela.

"Você estava me seguindo," disse Masahiko ligeiramente. "Qual é o seu nome?"

"Ieyasu. E só estava caminhando pelo beco. Indo para algum outro lugar."

Não uma mentira particularmente boa, pensou Masahiko: ele devia ter sido um Leão. "Ieyasu-san, está tarde e o vendedor de tofu sequer está de pé, muito menos abrindo sua loja para negócios, logo não há lugar para se estar — salvo aqui, falando comigo. O que você quer?"

"Você é Masahiko, certo? A mulher que dirige o Dojô Fio de Aço?"

"Sou."

"E-Eu quero saber se poderia treinar em seu dojô."

"Então, Ieyasu-san, por que me seguiu na escuridão?" disse Masahiko. "Você poderia ter ido simplesmente ao dojô."

"O fiz, uma vez." O homem se levantou levemente. "Estava cheio de ashigarus."

Masahiko ouviu algo em sua voz e conteve um sorriso. O fato de que foi um samurai era a última fagulha de orgulho do ronin. "Havia ashigarus que vieram treinar em meu dojô, sim. Ensinarei qualquer um com a determinação de se melhorar. É o que você quer? Melhorar?"

"Sim," ele dsise. "Quero ser mais forte do que sou agora, para que possa encontrar um novo senhor." Isso seria mais fácil do que ele pensou, refletiu Eisaku. O contato de Maru lhe deu uma noção de que tipo de pessoas poderiam ser encontradas no Fio de Aço, logo era questão de entrar com um disfarce público que ele estaria em casa em tal lugar.

"Então, você tem o conhecimento do que você quer, e a vontade para conseguí-lo. Isso é bom, muito bom." Masahiko sorriu. "Enquanto você cresce em força e perspicácia você aprenderá a controlar seu destino, e encontrar não apenas um senhor, mas alguém que é digno de seu serviço."

Eisaku começou a responder, e então parou quando Masahiko repentinamente olhou para longe dele. Houve um som grito abreviado dos telhados, e então um grande barulho de algo quebrando em seguida. O Escorpião se virou a tempo de ver duas figuras se engalfinhando numa pilha de pedaços de madeira. Enquanto olhava, os dois se afastaram e se levantaram. Um era um homem de porte poderoso num kimono preto. Ele se erguia com sua katana em mão e olhava mortalmente à outra figura, um homem vestido em trajes pretos e face enegrecida, armado com uma espada reta e curta.

Enquanto Eisaku observava os dois homens partiam um ao outro, espadas brilhando, ele percebeu que ele não era realmente quem Paneki havia enviado para espionar a Aranha — ele era meramente uma distração para o agente real de Paneki. Que agora estava lutando por sua vida. Ele se virou para Masahiko, executando um perfeito saque iai ao fazê-lo. A espada correu rapidamente pelo seu arco até ser colidida com a lâmina de Masahiko. Ela deu a ele um olhar gélido. "Acho que não," ela disse.

Os dois samurais se separaram e então vieram um ao outro novamente. Masahiko investiu com um corte que pretendia reclamar o braço de seu oponente, mas foi muito curto por um palmo e apenas o feriu. Eisaku ignorou a dor da ferida em seu ombro e partiu para um corte ao tronco de Masahiko. A mulher caminhou para trás, mas, como ele esperava, não caiu ao chão. Ao invés disso, ela se projetou contra uma parede e pressionou sua mão esquerda contra o corte, gemendo levemente e olhando para Eisaku ao fazê-lo. O Escorpião olhou para ela de sua espada e percebeu com repentino horror que ele havia visto sangue humano em sua katana várias vezes, e havia algo diferente pingando dela agora.

"Meu senhor me deu acesso a grande poder," disse Masahiko. Sua respiração quase normal, e seu sangramento parado. "O que seu senhor lhe deu?"

O senhor dele havia lhe dado uma tarefa, pensou Eisaku. E mesmo que não tivesse ocorrido da maneira que Paneki planejava, ele iria cumpri-la.

"AIAAAAA!" Ele gritou ao máximo de seus pulmões e golpeou. Masahiko olhou para ele com olhos arregalados por uma batida de coração e então ela andou para trás, tentando ganhar espaço enquanto colocava sua espada numa posição defensiva. Abençoada por Fu Leng, ela pensou consigo, encontrei a versão Escorpião de Hirata. A idéia não a agradava totalmente.

Eisaku atacou furiosamente, tentando repetidas vezes atingir o ponto que havia cortado antes. Masahiko ganhava seu terreno e repelia os ataques, respondendo facilmente ao padrão que Eisaku projetava. E então Eisaku abruptamente mudou o ângulo de seu ataque, indo mais alto, e a cabeça de Masahiko nítida e limpidamente se separou de seu pescoço. O Escorpião pulou para trás para escapar do jorro de sangue negro enquanto seu corpo caía.

Eisaku pausou por um momento para garantir que ela não se levantaria, e então se virou para onde os dois outros combatentes estavam, esperando que o outro Escorpião pudesse ser salvo. Ele os encontrou deitados juntos numa pilha: o Aranha havia empalado o Escorpião em sua espada, e o Escorpião aparentemente se aproximou para rasgar a garganta do Aranha com o que restou de sua ninja-to.

Eisaku inclinou-se casualmente contra a parede, rezando pela alma de seu colega de clã. Lentamente, ele limpou e embainhou sua katana, gemendo à renovada percepção da dor em seu ombro. Então ele caminhou à porta mais próxima e a chutou, a tela de madeira rachou com pouca resistência. Se os corpos dos Aranhas fossem encontrados pelas autoridades então todos saberiam que eles estavam Maculados — incluindo a Aranha. Se o Escorpião estava para fazer algo sobre eles, eles tinham que ser mantidos em aberto, o que significava esconder a verdade do resto do Império. Eisaku percorreu a lógica com sua cabeça repetidas vezes antes que pudesse se esforçar para arrastar os corpos para a loja. Quando terminou, ele pegou um pequeno frasco do cinto do Escorpião desconhecido e derramou seu conteúdo nos três corpos, piso e paredes da loja. Finalmente, Eisaku pôs fogo no corpo do Escorpião, se desculpando silenciosamente ao cadáver pela natureza improvisada de sua pira.

Enquanto as chamas corriam de corpo para corpo e então para as paredes acima, Eisaku se virou e correu para fora da loja. Não havia crime mais temido do que o incêndio, então ele precisava se apressar e estar em algum outro lugar. Ele tinha a informação que Paneki precisava, e ele não deixaria que nada o impedisse de entregá-la.

Conversas no Jardim

Escrito por Shawn Carman

Kyuden Doji era amável em qualquer época do ano, mas era agora, quando o inverno estava apenas começando a retroceder e as primeiras promessas da primavera estavam no ar, que Doji Ayano o achava mais belo. O ar tinha finalmente perdido o frio amargo, e as árvores começavam a mostrar os sinais de brotos que explodiriam em breve. Eles se escondiam por agora, como se temendo a possibilidade de uma geada súbita reclamar suas vidas.

Ayano sorriu à sua própria tolice. A primavera sempre a deixava um pouco mais brincalhona, ela sabia, e o casamento eminente que aconteceria nos próximos dias indubitavelmente exacerbava seu humor. Era ridículo, obviamente, e ela invariavelmente não gostava mesmo da vaga subscrição de esteriótipo de frágil dama da Garça, mas ela não podia evitar; ela amava casamentos desde a infância.

"Olá, pequena camélia."

Ayano reconheceu a voz de uma vez, mas ela não a tinha ouvido por tanto tempo que não pôde conter a surpresa ao se virar para ver quem havia dito. "Hideo-kun!" Ela exclamou com felicidade.

Kakita Hideo sorriu, mas ela pôde ver de uma vez que este não era o sorriso que ela conhecia desde a infância. O duelista parecia cansado de algum modo. "É bom vê-la de novo," ele disse a ela. "Já faz tanto tempo."

"Não desde o último verão, na Cidade Imperial," ela concordou. "Como tem estado? Me preocupei com você depois..." ela parou, admoestando-se por abordar o assunto. Uma cortesã deveria ser mais discreta, mas sua excitação ao rever um velho amigo descontrolou sua língua, apenas por um momento.

"Está tudo bem," ele disse, como se sentindo sua culpa. "Superei meu embaraço particular, felizmente."

Ayano sorriu calidamente a ele. Hideo foi um dos mais jovens competidores a entrar no Teste do Campeão de Esmeralda. Ele havia sido derrotado pelo even-

tual vitorioso, mas na derrota ele havia deixado que a emoção o superasse, e se desonrou com um vergonhoso surto de ira. Ayano sabia como a derrota teria ferido o orgulho do jovem, mas ela sabia que a desgraça o feriria ainda mais. "Onde você tem ficado?"

"Isto," disse Hideo com um sorriso, desta vez muito mais similar ao que ela lembrava, "é uma resposta complicada. Tenho me movido por aí um pouco."

"Oh? Você foi designado a um magistrado?"

"Pode-se dizer isto," respondeu Hideo. "Tenho estado viajando com uma jovem magistrada do Dragão. Estivemos investigando os mistérios de Kitsune Narako."

"Kitsune Narako?" Ayano franziu-se, e então ergueu suas sobrancelhas quando a realização a acometeu. "A profetisa Mantis?"

"Agora ela é," concordou Hideo. "Independente disso, estive viajando junto com Kitsuki Taiko. Fomos capazes de recrutar alguns samurais adicionais para ajudar em nossa investigação, e estamos recolhendo nossos recursos antes de retornar para Kitsune Morti."

"Taiko," disse Ayano, batendo seu leque contra o queixo. "Acredito já ter ouvido este nome. Ela foi designada à Cidade Imperial em algum momento do último verão?"

"Foi." Hideo bebeu do frasco de água que carregava com ele. "Você não a teria esquecido se a conhecesse. Ela tem uma tatuagem de um colibri em seu maxilar. É bem adorável, na verdade."

Ayano gargalhou e fingiu bater nele com seu leque. "Você pode bancar o mulherengo o quanto quiser, Hideo, mas o conheço melhor. Em todos os anos que nos conhecemos você nunca foi impróprio comigo."

"Você é muito pura de coração," disse Hideo, sorrindo. "Um homem como eu nunca poderia despojar tão delicada flor com seu afeto. Seria como observar um Caranguejo melhorar uma inestimável peça de escultura."

Ayano ergueu uma sobrancelha. "Não estou certa se devo me sentir lisonjeada ou insultada."

"Me conhecendo? As duas coisas."

Os dois compartilharam um momento de riso, mas foi encurtado por um súbito tumulto na multidão próxima. Hideo franziu-se e esticou seu pescoço numa tentativa de ver o que estava acontecendo, mas Ayano polidamente ignorou. Um bushi solitário caminhou pela sala, seu semblante sólido e severo. Seu kimono verde destoava do predominante azul pela sala. O duelista seguia um homem mais velho enquanto ele cruzava a sala. "Quem é este?"

Ayano abriu seu leque para cobrir sua boca, e discretamente olhou às outras pessoas para ver se estavam prestando atenção. "Seu nome é Doji Ichita," ela disse calmamente. "Ele é um membro da Legião de Jade."

"Entendo." Hideo não disse nada por um momento, observando o homem enquanto ele se movia pela sala. Ninguém parecia particularmente ansioso para falar com ele. "Um apontamento prestigioso. Ele sem dúvidas traz grande honra à nossa família."

Ayano sorriu. "Claro." O que Hideo havia dito obviamente era verdade. Só havia uma Legião de Jade em todo o Império, e um apontamento para tal unidade de elite militar era uma grande honra. Ainda assim, a Legião de Jade existia para combater a Mácula das Terras Sombrias em todas as suas formas, e isto simplesmente não era um assunto para se conversar. Era assim nas terras da Garça, e nas cortes de qualquer clã civilizado em qualquer lugar do Império. Homens como Ichita traziam distinção ao seu clã e família, mas ao custo de se tornar parias sociais virtualmente. "Então, você retornou para o casamento?"

Hideo virou sua atenção para ela. "Casamento?"

Ayano mexeu sua cabeça. "Não me lembro de você ser tão esquecido aos acontecimentos do Império. Você passou muito tempo com o Dragão!"

Hideo sorriu. "De quem é? Honestamente, estive fora do toque do mundo civilizado por algum tempo."

"Kakita Matabei," respondeu Ayano.

"Ah." Hideo pareceu levemente confuso. Ele olhou pela sala às várias personalidades importantes. "Suponho estar surpreso em ver tantos Garças de alto nível, depois..." Sua voz parou.

Ayano assentiu. Matabei era o comandante da Guarda da Imperatriz na Cidade Imperial. Quando o clã Unicórnio declarou cerco à cidade há quase um ano, Matabei e seus homens protegerem a sala do trono de todos os atacantes, até apenas Matabei ser deixado vivo. Apesar de não ter falhado em seu dever, a Imperatriz aparentemente temia que tivesse, e tirou sua própria vida para prevenir ser levada como refém. A vergonha disto seguiu Matabei desde então, ou ao menos até recentemente. "O Campeão de Esmeralda falou em benefício de Matabei," ela explicou. "Ele foi reintroduzido à Corte Imperial."

"Isto é bom," disse Hideo, assentindo. "Matabei-sama é um grande homem. Parece estranho que o Campeão de Esmeralda tivesse tal interesse nele, porém."

A jovem cortesã abanou-se levemente e baixou sua voz. "Sua apresentação de Matabei à corte repetidamente mencionou as circunstâncias de sua desonra," ela explicou. "Temo que algum estigma social ainda o cerque como resultado."

Hideo mexeu a cabeça, sua voz igualmente quieta. "Shosuro Jimen. Certamente nunca houve um Campeão de Esmeralda parecido em toda a história do Império."

"Nisto, eu creio que está bastante correto," concordou Ayano, sua voz retornando ao volume e brilho feliz. "Independente disto, Matabei-sama se casará esta manhã."

"Com quem?"

Ayano sorriu e assentiu sua cabeça levemente. Hideo seguiu seu gesto e observou quando uma delicada jovem mulher do Dragão entrou na sala, cumprimentando todos por quem passava ao fazê-lo. Ela estava amável, parecendo mais uma boneca pintada do que muitas do Dragão que Ayano já conheceu, e havia um certo olhar em seus olhos, um que fazia Ayano acreditar que ela era mais perigo na corte do que talvez outros de sua família. Não que ela parecesse confiável, exatamente, só que havia mais do que os olhos podiam ver. Ayano já havia determinado ser particularmente cuidadosa ao falar com ela, caso a oportunidade surgisse. "Kitsuki Orika," ela disse. "Uma espécie de estrela ascendente no contingente Dragão na corte."

"Um casal estranho," observou Hideo.

"Otomo Hoketuhime recentemente anunciou que qualquer casamento entre clãs deva ser aprovado por alguém de nascimento Imperial, na ausência do Imperador."

"O que?" O duelista pareceu paralisado. "Isto não faz sentido. O Imperador nunca requisitou tais coisas no passado."

"Não," ela concordou. "Alguns acreditam que isso seja um meio de requerer que outros busquem o seu favor. Ouvi que Shosuro Jimem está um pouco aborrecido, e que esteve usando sua posição para aprovar quantos casamentos forem possíveis sem consultar os Otomo."

Hideo sorriu levemente. "Não acho que gostaria de estar na corte com os dois ao mesmo tempo."

Ayano riu luminosamente. "Observá-los se matarem com gentileza é bastante... Tentador," ela admitiu. "Felizmente eu acho que os dois têm os melhores interesses do Império em seus corações."

Agora foi a vez de Hideo rir. "Você não mudou, pequenina," ele disse. "Sempre a idealista."

"Sou três dias mais velha que você," ela o lembrou.

Hideo começou a responder, mas um repentino silêncio caiu sobre a sala enquanto todos se viraram para olhar. Ayano caminhou para o lado para que pudesse olhar em volta de Hideo e foi surpreendida ao descobrir que Orika estava se curvando profundamente perante Doji Domotai. A Campeã da Garça aparentemente havia adentrado a câmara sem ser anunciada. Sem dúvida era uma tendência que ela conservava de seus anos com o Clã Leão.

"Estou grandemente honrada pelo privilégio de se juntar ao seu clã, minha lady," Dizia Orika. "Recentemente fiquei na Cidade Imperial por algum tempo, e durante este tempo descobri algo surpreendente nas bibliotecas Imperiais. Sabendo que estaria em sua casa logo, desejei fazer um presente para ela." A cortesã do Dragão estendeu uma pequena caixa.

Domotai sorriu. "Você está para se casar esta manhã, Orika-san. Creio que seja costumeiro que você receba os presentes, não concedê-los."

"Ser contada entre aqueles conhecidos como a Mão Esquerda do Imperador é o maior presente que posso receber," ela respondeu. "Aceite este símbolo de minha gratidão."

"Você ainda é uma Dragão, ao menos por enquanto," respondeu Domotai. "Talvez eles é que devam ser agradecidos por permitir sua entrada entre os nossos, e o presente não seria mais adequado a eles?"

Orika sorriu. "Desejo apenas provar meu valor como vassala, minha lady. Por favor aceite meu presente."

Domotai sorriu e aceitou a caixa. Ela a abriu e retirou uma pequena coleção de papéis amarrados. Ayano reconheceu o item de uma vez; eles eram vendidos na Cidade Imperial como diários para aqueles que quisessem manter um registro de suas ações. Este parecia ser de muito maior qualidade do que os que Ayano já vira, porém. A Campeã da Garça inclinou sua cabeça em agradecimento, e então abriu o papel para olhar dentro dele. Houve um brevíssimo momento quando sua expressão congelou. Ayano não estava olhando atentamente, ela sabia que nunca havia visto isso. Conhecendo tão disciplinada guerreira quanto Domotai era, ela imaginou o que poderia estar contido lá dentro para que a surpreendesse tanto.

"Isto," disse Domotai calmamente, "é o diário mantido pelo nosso antigo Imperador, Toturi III." Ela olhou para Orika com uma expressão calma e serena. "Você descobriu isso na biblioteca Imperial?"

"Sim, minha lady," disse Orika, curvando-se. "Estava em posição muito peculiar. Estou certa que foi posto lá por engano por um servo desatento, ou talvez simplesmente por proteção. Não havia razão para ocultar tal coisa."

"Claro," concordou Domotai. "Isto é... Um tesouro. Obrigado, Orika-chan."

Houve um murmúrio pela sala, e a expressão de Orika brilhou visivelmente ao uso familiar da Campeã. "O prazer é todo meu, minha lady. Os Kitsuki sempre depositaram muito valor no conhecimento, e espero que possa oferecê-lo para você e para os seus. Tenho outro presente para você, um que acho que deva achar ainda maior, mas o entregarei depois da cerimônia, em honra ao meu marido."

Domotai sorriu. "Ansiarei por isto."

As conversas retornaram enquanto as duas partiram, e o tópico não estava em questão; todos estavam falando do triunfo de Orika, e Ayano não tinha dúvidas de que havia muitos preocupados que suas próprias posições dentro do clã fossem ameaçadas por esta ascendente. Hideo estava procurando pela sala por um grupo de pessoas, sua expressão ilegível. "O que pode me dizer sobre esta Orika?" Ele perguntou.

"Dizem que foi treinada como magistrada, mas nunca serviu. Supostamente ela foi movida ao dever nas cortes quando provou sua perícia nela." Ayano segiu o olhar de Hideo a um grupo de Garças conversando próximos à parede sul. "Para o que está olhando?" ela perguntou calmamente.

"Quando Orika falou de seu presente, um presente maior ainda de conhecimento," disse Hideo, "ela olhou para aquele grupo de pessoas. Asahina Keitaro partiu tão logo a conversa continuou."

"Ah," Ayano disse com um sorriso. "Orika e Keitaro-sama têm alguma história juntos. Foi ele quem arranjou seu casamento com Matabei."

"Isto parece... Peculiar," observou Hideo.

"Orika foi visitante em Shinden Asahina durante a mais recente Corte de Inverno," ela explicou. "Ela foi chamada repentinamente, mas aparentemente não antes de impressionar Keitaro-sama. Dizem que ele recorreu a vários favores para arranjar o casamento."

"Interessante," disse Hideo. "Uma mulher que descobre o diário do Imperador escondido numa biblioteca deve ser extraordinariamente perspicaz."

"Sim," concordou Ayano. Algo no tom de Hideo a incomodava, porém,e mesmo enquanto ela explicava o relacionamento de Orika com Keitaro, algo parecia estar faltando. Ela não podia identificar o que a preocupava, porém.

"Estou certo de que não é nada," disse Hideo, seu sorriso retornando. "Se juntaria a mim para chá no jardim?"

"É claro," ela sorriu.

Na manhã seguinte, Hideo parecia quase inteiramente de volta ao seu antigo eu. Ele fez vários comentários inapropriados para outras jovens mulheres enquanto ele e Ayano caminhavam pelos jardins depois de se encontrarem para um rápido desjejum. Se tivessem ficado juntos pelos últimos meses, ela sem dúvidas teria achado seu comportamento tão incômodo quanto quando eram crianças. Sob tais circunstâncias, porém, ela achava a velha rotina familiar estranhamente confortante.

Enquanto caminhavam e falavam sobre todo tipo de coisas diferentes, eles viram ao longe Lady Domotai caminhando pelo jardim. Não importa quantas vezes ela visse isso, Ayano nunca deixava de se surpreender que a Campeã andasse sem yojimbos durante a corte, mesmo nos aposentos de sua própria casa. Claro, Domotai-sama era uma talentosa e honrada guerreira, mas a imagem era incômoda mesmo assim. Por tudo aquilo que ela representa da Garça em todas as suas facetas, Ayano pensou, havia caminhos pelos quais Domotai nunca deixaria seu treinamento Leão.

"Imagino," divagou Hideo. "Se tivesse um momento de seu tempo."

"Hideo!" Disse Ayano, chocada. "Aproximar-se da Campeã? Nos jardins? Que impróprio!"

"Bem, tecnicamente, ela está entrando naquele corredor," respondeu Hideo. "Então não, não nos jardins."

"Você não deve!" Ela insistiu.

"Não tenho escolha," ele respondeu. "Existem coisas que ela deve saber, e as chances de que eu consiga uma audiência com ela sob circunstâncias diferentes são bem baixas." Sem outra palavra, ele se moveu rapidamente pelo pequeno átrio do jardim e seguiu Domotai ao palácio. Sem saber o que fazer, Ayano o seguiu de perto por trás e tentou pensar em algo que o convencesse de parar.

Domotai estava começando a entrar em outro caminho menos habitual quando Hideo chamou por ela. "Lady Domotai," ele disse. "Peço seu perdão, minha lady, mas posso ter um momento de seu tempo?"

Domotai se virou para olhar ao jovem duelista, e Ayano sentiu o olhar de sua Campeã pelo seu ombro em direção a ela por breves momentos. Ela tinha que se esforçar para não corar. "O jovem duelista do Campeonato," ela disse calmamente.

"Sim, minha lady," ele curvou-se profundamente.

Novamente o olhar da Campeã fitou Ayano. "Este jovem é digno de meu tempo, Ayano?"

Ayano sentiu o ar sair de seus pulmões, e se esforçou com a noção de que sua Campeã sabia seu nome. Ela se forçou para respirar calmamente. "Não sei do que ele deseja falar," ela disse, "mas creio que seja digno, Domotai-sama."

Domotai sorriu. "Muito bem. Seja rápido."

"Hai, minha lady, serei breve." Hideo retirou um manuscrito de seu manto. "Estive presente em Kitsune Mori recentemente quando..."

Um grito agudo cortou pelo ar, interrompendo Hideo. Sua mão foi para sua espada instantaneamente, e ele se moveu entre Domotai e a porta para o jardim externo. Quase sem pensar, Ayano deu um passo em direção aos dois guerreiros, olhando em volta para ver se podia determinar de onde tal grito havia vindo.

Uma ama entrou na sala por uma das portas, uma levava mais a dentro do palácio. Sua face estava tão pálida que primeiro Ayano acreditou se tratar de pintura facial, e suas mãos tremiam terrivelmente. Ela estava claramente no auge de sua histeria, e ofegava, tentando recuperar seu fôlego. Parecia que ela estava prestes a gritar de novo.

Domotai caminhou à frente num movimento rápido e estapeou a garota na face. Ela engasgou, e uma mão foi rapidamente à bochecha avermelhada. "Você é uma Garça," disse Domotai, sua voz calma e límpida, mas firme. "Lembre-se disso. Temos visitantes, e não os perturbaremos se isso pode ser evitado. Você compreende?"

A garota pareceu tirar forças de sua Campeã, e curvou-se profundamente. "Sim, minha lady," ela sussurrou. "Mas por favor, há... Alguém... Tanto sangue."

Os dois guerreiros se tornaram ainda mais alertas de uma vez. "Sangue?" Perguntou Domotai. "Onde?"

"O oratório," a garota sussurrou. "O oratório à Kami."

"Permita-me, minha lady," disse Hideo.

Domotai assentiu. "Seja rápido sobre isso."

Hideo assentiu e caminhou pelo corredor. Domotai seguiu poucos passos atrás, sua mão repousando confortavelmente, por via das dúvidas no cabo de sua espada. Ayano vinha atrás, quase numa síncope. Hideo caminhou por uma série de corredores, e então parou repentinamente em uma. Ele se virou e mexeu sua cabeça. "Não olhe, minha lady."

"Não seja ridículo," disse Domotai, seu tom levemente afiado. "Saia de meu caminho."

Hideo estranhou e o fez imediatamente. Ao se mover, Ayano viu um rastro de sangue escorrido por todo o piso de um pequeno oratório, e um corpo estendido no chão. Estava vestido em panos vermelhos, uma sombra de rico e perfeito uniforme para ser criado pela mancha. "Orika-san!" Disse Ayano num tom apressado.

Domotai assentiu. "Ela estava meditando aqui seguindo a cerimônia desta manhã. Ela pediu especificamente um oratório à Kami. Ela queria refletir em seus juramentos de fidelidade antes de oferecer seu presente." Ela mexeu a cabeça. "Alguém fez um terrível engano, trazendo esta carnificina à casa da Garça."

"Poderia ter sido seppuku?" Perguntou Ayano. "Estaria Ayano secretamente envergonhada por sua união? A reputação de Matabei-sama havia sofrido."

"Não," disse Hideo.

Domotai olhou para ele. "Explique-se, por favor."

Hideo apenas apontou a um corte do pano vermelho cobria as camadas que Orika vestia. Ele estava enrolado alguns metros de seu corpo, e sangue o cercava. Enquanto Ayano observava, ela podia ver leves jorros de fumaça saindo dele. "O que é isto?"

O duelista pegou uma vela do oratório e a apagou. Usando seu comprimento, ele ergueu o pano. Por baixo dele, uma pequena faca pendia no chão. Não era como qualquer faca que Ayano já tivesse visto. Sua superfície não era o aço brilhante que havia visto por sua vida inteira, mas uma estranha e rota cor vermelha. Mesmo enquanto a adaga pendia no chão de madeira, ela esfumaçava levemente como se estivesse queimando o chão e o pano que a cobria. O cheiro era leve, mas repulsivo. "Esta não é uma arma natural."

"O que quer dizer?" Perguntou Ayano.

Hideo mexeu sua cabeça. "Deve estar Maculada."

"Quieto!" Ayano disse de uma vez, surpreendendo ela mesma com seu tom. "Existem visitantes neste palácio! Você não falará tais coisas, Kakita Hideo!" Ela rapidamente pôs uma mão sobre sua boca e olhou para Domotai. "Perdoe-me, minha lady! Não qui..."

"Você está correta," disse Domotai. "Este assunto não será falado em minha casa." Ele apontou para Hideo. "Nossos visitantes esperam a hospitalidade da Garça, e a receberão. Você não os perturbará com assuntos negros como este. Não diga nada disto. Vá e ache Doji Ichita. Ele é subordinado a um Inquisidor Fênix que está a serviço para o casamento. Um velho conhecido de Matabei, eu creio. Traga-os aqui. A Fênix cuidará da investigação."

"Hai, minha lady," disse Hideo, e desapareceu no corredor.

"Você não deveria estar aqui, minha lady," disse Ayano. "Permita-me esperar que cheguem."

Domotai sorriu levemente. "Tais visões como esta não são para você, Ayano. Vá e ache o primeiro servo que puder. Diga-lhes que este oratório deve ser isolado por todas as direções até que o contrário seja ordenado. Você entende?"

"Imediatamente," ela disse. Ela se virou, e então hesitou brevemente. "E quanto a Matabei, minha lady?"

"Falarei com ele eu mesma," disse Domotai. "Ele está meditando para o dia também, como de costume. Ele não precisa saber que sua noiva está morta."

Ayano colocou sua mão em sua boca, o pensamento de fazer o homem sofrer mais tristeza soou terrível para ela. "Claro, minha lady."

Não havia tempo para cuidar de tais coisas. Havia uma crise na casa da Garça, e Ayano não faria tudo que estava em seu poder para prevenir perda de face para

seu clã. Ela desapareceu no corredor, procurando por um servo.

Sacrifícios

Escrito por Rusty Priske

"Há rumores, Hideki-sama, de que a guerra está indo mal para nós."

Asahina Hideki olhou à jovem mulher que caminhava ao seu lado. "Rumores são rumores, Yosi-san. Ah, deixe-nos parar aqui e contemplar isto." Uma imensa tapeçaria montada na parede da passagem chamou a atenção de Hideki. Ela retratava uma gruta de árvores sobre um rio corrente. Sobre a gruta, mostrava-se um céu noturno, com as estrelas dispostas num padrão preciso.

"Esta foi tecida há relativamente pouco tempo, em 1153. Foi um presente para Asahina Tamako da grande artista Asahina Hana. Note as estrelas — elas foram tecidas precisamente como deveriam ter aparecido na noite que Tamako se tornou daimyo dos Asahina."

Yosi olhou a tapeçaria de perto. "A tecelagem é extraordinária. Hana parece ter usado uma técnica com a qual não estou familiarizada."

"Poucos estão. Venha." Hideki continuou pelo caminho.

Yosi seguiu, mas disse. "Você não está preocupado com os rumores, Hideki-sama? E se o Caranguejo chegar aqui?"

O homem mais velho riu um pouco. "Primeiro, jovem Yosi, nunca subestime a força da Garça. O Caranguejo pode vencer batalhas aqui e ali, mas não derrotarão os exércitos da Garça. Há mais para o poderio militar do que a força bruta, ou assim me disseram. Shinden Asahina não tem valor estratégico, e nossos primos cuidarão para que os exércitos do Caranguejo tenham outras preocupações. Não oferecemos ameaça e o serviço que provemos é muito grande. Onde Rokugan estaria sem a arte e o engenho dos Asahina?"

Hideki caiu em silêncio enquanto passava por uma soleira e contemplava uma bela estatueta. Yosi parou e engasgou. "Mesmo depois de ver tantas maravilhas, esta peça é magnífica."

Seu guia assentiu e olhou para a peça. Tinha um metro de altura e foi esculpida numa única peça de pedra verde. Ela retratava três homens, cada um de pé levemente diante um do outro numa linha diagonal. O primeiro segurava uma pequena flor. O segundo tinha uma mão na frente dos olhos. O terceiro era menos detalhado, mais uma forma do que o retrato de um homem. "É conhecida como O Conselho."

"Não foi terminada ou há uma mensagem na escultura que não vejo?" Perguntou Yosi.

"Foi terminada e vários estudiosos questionaram o significado da escultura. Como você vê, foi esculpida por Asahina Kamatari. Reconhece o nome?"

"Claro." Respondeu Yosi rapidamente. "Ele foi daimyo de nossa família no quinto século. Esta escultura tem então centenas de anos de idade."

Hideki assentiu. "Sim. Kamatari a esculpiu como presente para a Imperatriz Hantei Retsuhime. Ela ficou em posse da linhagem Imperial por algum tempo depois até que Hantei XVII a devolvesse para nossa família. Ela tem sido mostrada aqui no Templo do Sol da Manhã desde então. O que mais você pode me dizer sobre Kamatari?"

"Ele era visto como um profeta. Ele previu muitos eventos importantes na história de Rokugan."

Hideki assentiu novamente. "Então você deve ser capaz de ver porque tantos estudiosos imaginam o significado desta peça. Um grande artista não faz coisas por acidente. Independente disto, não é a profecia que faz a obra valiosa. Ela é uma peça elegantemente esculpida que nos eleva por existir. Nossa arte nos define. Ela nos diz quem somos de uma maneira que as maiores histórias do Império não podem."

Kaiu Hisayuki pôs suas mãos contra a parede e se inclinou, tentando enxergar na escuridão. "Nada."

Hida Hiyao sorriu. "Você deveria estar feliz, Hisayuki. Preferiria estar enfrentando um gigantesco oni ao invés?"

"Seria melhor que isto."

"Um bravo samurai não se intimida da batalha, mas não significa que espere que ela venha de novo. As Terras Sombrias estão quietas, temos que estar agradecidos."

"A menos que isso seja um precursor de um ataque maior."

Hiyao mexeu sua cabeça. "O Campeão de Jade é um Caranguejo de novo. A escuridão está assustada." Ele riu. "Você gostaria de enfrentar Kuni Daigo?"

Hisayuki retraiu-se. "Não é a quietude das Terras Sombrias que me faz ansioso. É me sentar aqui sem fazer nada enquanto nossos exércitos marcham sobre a Garça. Quero estar nas terras Yasuki, lutando pela honra do Caranguejo."

"Proteger a Muralha é nosso dever."

"Protegê-la do que? Não estou dizendo que a Muralha deva ficar desprotegida. Podemos deixá-la com os Moshibaru enquanto vamos enfrentar a Garça. Não demoraria. Se a força total do Caranguejo fosse em direção à Garça, tomaríamos de volta as terras Yasuki dentro de uma semana e as terras inteiras da Garça em um mês. Então voltaríamos à Muralha para continuar olhando para o nada."

Hiyao gargalhou. "Sua confiança na nossa força é admirável, Hisayuki, se não tão prática. Apesar de não duvidar que seremos vitoriosos, creio que subestime nosso inimigo. Esta nunca é uma boa idéia."

Hisayuki tossiu. "Se fosse o Leão ou o Unicórnio, talvez pudesse demorar mais, antes de serem derrotados, mas nenhum dos outros clãs pode resistir contra o Caranguejo. Se não fosse por nosso dever aqui..." Ele cessou.

"Se não fosse nosso dever aqui, não seríamos o Caranguejo."

Hisayuki olhou para Hiyao por um momento antes de suspirar. "Claro, você está certo. Perdoe-me."

"Não há o que perdoar. Você quer lutar ao lado de seus irmãos. Quem pode criticar isto? Mas esta ordem não será dada, e sabemos disso. Lorde Kuon não trocará a Muralha pelos Yasuki."

"É hora de se mover."

Kuon olhou diretamente ao homem pintado que exigia dele. "Você escolhe uma hora ruim, Daigo-san."

O Campeão de Jade olhou de volta para o Campeão do Caranguejo, nunca titubeando. "Jurei que levaria a luta para as Terras Sombrias. Nunca ficamos defensivos por tanto tempo. Até destruirmos nosso inimigo completamente, e eliminarmos sua habilidade de reconstrução, enfrentaremos uma ameaça interminável."

"Compreendo o que está dizendo, mas não sacrificarei o Caranguejo pela sua busca. Não deixarei a Muralha indefesa e não deixarei os Yasuki para a Garça. Não posso enfrentar um terceiro fronte."

"Não estou pedindo para que o Caranguejo marche, Lorde Kuon. Entendo suas necessidades. Tenho minhas próprias legiões. A Legião de Jade marchará contra as Terras Sombrias atrás de mim."

O semblante de Kuon enrugou-se. "Você arrisca demais. Você só tem uma simples legião. Rokugan precisa de estabilidade e perder outro Campeão de Jade não ajudará nisto."

"Não perderemos, se estivermos propriamente equipados."

Kuon bufou. "Você quer dizer ter jade o bastante."

Daigo não disse nada.

"Não esvaziarei meus depósitos de jade por uma causa perdida. As necessidades de meus samurais na Muralha superam seus desejos."

"Não. Sou o Campeão de Jade."

Kuon corrigiu suas costas e se sobrepôs a Daigo. "Você também é um Caranguejo, Kuni. Você se esquece disso."

Daigo curvou-se. "Certamente, Lorde Kuon. Seria muito infeliz que meus deveres como Campeão de Jade conflitassem com meus deveres como Caranguejo. Esta não é uma decisão que gostaria de fazer, mas temo que sei o que devo fazer. Meu juramento ao trono ia—"

Kuon o interrompeu. "Seu juramento a um trono vazio."

"Este juramento não torna qualquer laço menor. Sinto muitíssimo, Lorde Kuon. Não quero estar nesta posição. Creio que um ataque bem equipado e bem organizado destruiria os Lordes Oni e encerraria sua ameaça contra Rokugan. Não desejo ser forçado a expropriar depósitos de jade, mas tenho um dever ao Império."

A ira brilhou atrás dos olhos de Kuon. "Um caminho, uma vez trilhado, não pode ser apagado. Os objetivos do Campeão de Jade e do Caranguejo não podem conflitar. Nós dois temos o mesmo propósito. Você deve ver que o que pede é um engano. Você não pode esquecer-se de ser um Caranguejo. Você..." Sua voz sumiu como se uma idéia corresse pela sua face.

"Lorde Kuon?"

"Como Campeão de Jade você tem o direito de expropriar o que precisar para defender o Império."

"É o que tenho dito, Lorde Kuon."

"Então, deixe-me mostrar onde pegar o que precisa."

Hida Sozen marchou pelo corredor, com três Legionários de Jade às suas costas. Dois Asahina se debatiam atrás dele. "Isto não servirá! Você não tem direito de vir aqui!"

"Tenho todo o direito! Agora saia do meu caminho!"

Sozen explodiu numa câmara maior onde Asahina Hideki estava terminando uma aula com sua protegida, Yosi. "O que é isto?" Hideki exigiu.

O grande Caranguejo brandiu um pergaminho, completo com um selo oficial. "Estou aqui com a permissão de Kuni Daigo, o Campeão de Jade. Ofereci meus serviços para garantir que o Império esteja propriamente defendido." Não havia desdém ou ira na voz de Sozen.

Hideki se virou para um dos Asahina que impedia o contingente de Sozen. "Encontre Keitaro-sama, imediatamente." Enquanto suas ordens estavam sendo seguidas, Hideki virou sua atenção de volta a Sozen. "Qual é o seu propósito aqui? Você não é legionário e nossos clãs estão em guerra. Você não tem negócios no Templo do Sol da Manhã."

"Posso ser Caranguejo, mas é Kuni Daigo quem me incumbiu. É guerra o que me traz aqui, mas não a guerra entre Caranguejo e Garça. É a guerra entre luz e escuridão. É guerra entre Rokugan e as Terras Sombrias. Os Legionários de Jade marcharão e cumprirão seu dever e todos os reais filhos e filhas de Rokugan farão sua parte para apoiá-los. Eles o farão voluntariamente ou não."

"Suas palavras não refletem seu propósito. Os Asahina não estão envolvidos em qualquer guerra, e não marcharemos para lugar algum. Por que vem aqui?"

"Por vocês não contribuírem eu estou aqui. Qualquer expedição às Terras Sombrias requer grandes quantidades de jade para proteger nossos samurais para impedir que se tornem contra o que lutam. Muitos depósitos de jade em Rokugan são necessários para a proteção do Império. Fui ordenado para reclamar qualquer jade dispensável e levá-la ao Campeão de Jade."

Hideki pareceu confuso. "Então temo que haja um mal entendido. Não temos depósitos de jade aqui. Estamos longe das Terras Sombrias e não precisamos nos proteger com jade."

"Exatamente."

"Não entendo. O que, então, você quer de nós? Não temos depósitos de jade."

Sozen olhou para Hideki. "Vocês não têm jade? Vi não menos que dez peças de jade desde que cheguei a Shinden Asahina."

Choque correu pela face de Hideki. "Você não pode querer dizer as obras de arte que mantemos aqui? Elas não são armas ou repelentes! Elas devem ser preservadas!"

"Tenho que questionar suas prioridades, Asahina. Você acha que a arte seja mais importante que o Império?"

"Ela É o Império! Ela é tudo que somos! Você não pode tirá-la de nós!"

A face de Sozen endureceu, se é que era possível. "A segurança de Rokugan é prioritária. O Campeão de Jade é responsável por esta segurança. Faremos o que custar para mantê-la. Como pode comparar esta responsabilidade com a proteção de algumas quinquilharias? É hora de Rokugan mostrar força e levar a luta a Daigotsu e seus servos. Venceremos e ficaremos mais fortes. Rokugan é aço e músculo e preocupações com a arte são triviais."

A face de Hideki ficou vermelha. "Você fala de proteger Rokugan, e ainda assim nem mesmo sabe o que Rokugan é! Se você continuar e matar todo goblin e oni que há na face deste mundo, e então retornar a uma terra que foi arrancada de sua beleza e alegria, você venceu? Se não há arte, nem beleza, ou cultura, nem graça, ainda seria Rokugan? O Caranguejo sacrificou muito pelo Império, mas nem mesmo começam a apreciar o que perderam. Vocês ficam em sua Muralha, servindo e protegendo, sem idéia do que protegem. Sua obsessão os deixou sem olhos para ver. Rokugan não é aço e músculo. A arte e cultura de Rokugan são a substância do Império. É isso que nos faz diferentes daqueles fora de nossas fronteiras. Sem arte, por que continuarmos? O que sobrará de Rokugan que valha ser protegido?"

"Belas palavras,Garça, mas são apenas palavras. Um poema não matará um oni, ms um de seus bibelôs o faria. Sua visão de Rokugan é fraca. Minha visão é uma de força. Veremos qual ficará com o trono." Sozen procurou pela sala e seus olhos caíram sobre O Conselho, a estatueta que Hideki estava recentemente discutindo com Yosi. "Esta protegeria seis homens."

"E também abriria nossa história para as gerações por vir." Discordou Hideki. "Mas mesmo sem isso, ela tem valor além da medida. Que você não possa entender isso faz minha cabeça girar."

Sozen bufou de volta para Hideki. "É em sua arte que você vê valor nisto? Então deixe-me cuidar disso." Sozen tirou seu tetsubo de seu lugar em seu cinto e sem pausar golpeou a peça.

"NÃO!" Hideki se atirou aO Conselho enquanto Yosi tentou segurar Sozen. Um dos legionários de Sozen facilmente derrubou a Asahina mais jovem ao chão enquanto Hideki não foi rápido o suficiente para salvar a obra de arte. O tetsubo esmagou a estátua como vidro. A jade se rachou em várias peças, que se espalharam pela câmara. Houve um momento de silêncio e o peso de que tudo o que havia acontecido, aconteceu no presente.

Hideki olhou para as peças da estátua, espalhadas pelos seus pés. Sua face foi torcida em choque e sua boca pendia aberta num grito silencioso. Finalmente ele se virou para Sozen num grito gutural, e lançou-se a ele. O grande Caranguejo agarrou o homem menor e o atirou no chão.

"Você VAI seguir o mandato do Campeão de Jade!" Sozen se virou aos legionários e os mandou reunir a jade quebrada. "E então peguem qualquer outra peça de jade que puderem carregar. Kuni Daigo precisa dela."

Hideki se sentou no chão da câmara, lágrimas correndo livremente pelas suas bochechas. "Você é um animal!" Ele gritou a Sozen. "Um animal! Você e qualquer outro que ordene isso! Você desrespeita história e tradição com a elegância de um ogro! Você diz lutar por Rokugan, mas nem mesmo sabe o que Rokugan é! Você pode também derrubar a Muralha pois não nos torna melhor do que qualquer outro no outro lado." A dor de Hideki enquanto observava as peças da estátua escorria como se recusasse a esconder sua fúria.

Yosi não vestia tal máscara e chorava calmamente.